OS HERÓIS DO OLIMPO

LIVRO UM

O HERÓI PERDIDO

RICK RIORDAN

AUTOR DA SÉRIE *PERCY JACKSON E OS OLIMPIANOS*

intrínseca

Sinopse: O Herói perdido

Jason tem um problema. Um belo dia, ele acordou sentado num ônibus lotado de jovens e todo o seu passado estava apagado da memória. Ao que parece, ele tem uma namorada chamada Piper e um melhor amigo, Leo. Os três estudam na Escola da Vida Selvagem, um internato para "crianças difíceis", como Leo diz. O que Jason fez para acabar ali e que lugar é aquele? Bem... disso ele não tem a mínima ideia. Uma coisa, porém, é certa: tudo parece completamente sem sentido.

Piper tem um segredo. Seu pai, um ator famoso, está desaparecido há três dias, quando, num pesadelo, ela o viu em perigo. Piper não sabe o que o sonho quer dizer, nem por que seu namorado, de repente, não a reconhece mais. No entanto, quando uma estranha tempestade desaba durante uma excursão da escola, revelando criaturas medonhas e carregando Jason, Leo e ela até um lugar chamado Acampamento Meio-Sangue, Piper começa a achar que, querendo ou não, vai descobrir as respostas.

Leo leva jeito com ferramentas. Ao chegar ao acampamento e encontrar um chalé repleto de peças e engrenagens, ele se sentiu em casa, apesar de algumas coisas ali parecerem um tanto esquisitas, como a maldição sobre a qual todos comentam e o tal campista que estaria desaparecido. Mais estranho ainda é que todos insistem em dizer que são filhos de deuses. Será que isso teria algo a ver com a amnesia de Jason ou com o fato de que Leo, às vezes, vê... fantasmas?

Novos personagens e alguns velhos conhecidos do Acampamento Meio-Sangue dividem espaço neste primeiro livro da saga *Os Heróis do Olimpo*,

que nos leva de volta ao universo da série *Percy Jackson e os Olimpianos*, agora; com ainda mais aventuras, humor e mistério; em uma trama que vai deixar qualquer mortal ansioso pelos próximos volumes.

Em caso de erros enviar e-mail para:
victor.martins.oficial05@gmail.com
Com
Livro:
Capítulo:
Erro:

O Herói Perdido

RICK RIORDAN

O HERÓI PERDIDO

OS HERÓIS DO OLIMPO – LIVRO UM

Copyright © 2010 Rick Riordan
Edição em português negociada por intermédio de Gallt and Zacker Literary Agency LLC e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL
The Lost Hero

ARTE DE CAPA
Joanna Hill

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
© 2010 John Rocco

EDIÇÃO
Biblioteca de Dédalo

(Os Heróis do Olimpo; 1)
ISBN: 978-85-8057-008-3

1. Mitologia grega - Literatura infanto-juvenil. 2. Mitologia romana - Literatura infanto-juvenil. 3. Literatura infanto-juvenil americana.

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3° andar
22451-041 - Gávea
Rio de Janeiro - RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Harley e Patrick, sempre os primeiros a ouvir as histórias.
Sem eles, não existiria Acampamento Meio-Sangue.

Sumário

Capítulo I: Jason
Capítulo II: Jason
Capítulo III: Piper
Capítulo IV: Piper
Capítulo V: Leo
Capítulo VI: Leo
Capítulo VII: Jason
Capítulo VIII: Jason
Capítulo IX: Piper
Capítulo X: Piper
Capítulo XI: Leo
Capítulo XII: Leo
Capítulo XIII: Jason
Capítulo XIV: Jason
Capítulo XV: Piper
Capítulo XVI: Piper
Capítulo XVII: Leo
Capítulo XVIII: Leo
Capítulo XIX: Jason

Capítulo XX: Jason
Capítulo XXI: Piper
Capítulo XXII: Piper
Capítulo XXIII: Leo
Capítulo XXIV: Leo
Capítulo XXV: Jason
Capítulo XXVI: Jason
Capítulo XXVII: Piper
Capítulo XXVIII: Piper
Capítulo XXIX: Leo
Capítulo XXX: Leo
Capítulo XXXI: Jason
Capítulo XXXII: Jason
Capítulo XXXIII: Piper
Capítulo XXXIV: Piper
Capítulo XXXV: Leo
Capítulo XXXVI: Leo
Capítulo XXXVII: Jason
Capítulo XXXVIII: Jason
Capítulo XXXIX: Piper
Capítulo XL: Piper
Capítulo XLI: Leo
Capítulo XLII: Leo
Capítulo XLIII: Jason
Capítulo XLIV: Jason
Capítulo XLV: Piper
Capítulo XLVI: Piper
Capítulo XLVII: Leo

Capítulo XLVIII: Leo
Capítulo XLIX: Jason
Capítulo L: Jason
Capítulo LI: Piper
Capítulo LII: Piper
Capítulo LIII: Leo
Capítulo LIV: Leo
Capítulo LV: Jason
Capítulo LVI: Jason

I

JASON

Mesmo antes de ser eletrocutado, Jason estava tendo um dia péssimo.

Ele acordou nos fundos de um ônibus escolar, sem ter certeza de onde estava, segurando a mão de uma garota que ele não conhecia. Essa não era a parte péssima. A menina era bonita, mas ele não sabia quem ela era ou o que ela estava fazendo ali. Ele se sentou e esfregou os olhos, tentando pensar.

Umas poucas dúzias de crianças espalhavam-se pelos bancos em frente ao dele, escutando música em seus Ipods, conversando ou dormindo. Todos eles pareciam ter sua idade... Quinze? Dezesseis? Ok, isso era assustador. Ele não sabia sua própria idade.

O ônibus trafegava por uma estrada esburacada. Do lado de fora das janelas via-se o deserto, debaixo de um brilhante céu azul.

Jason estava certo que ele não morava no deserto. Ele tentou pensar novamente... a última coisa que ele lembrava...

A garota apertou sua mão.

— Jason, você está bem?

Ela usava jeans desbotados, botas de caminhada e uma jaqueta de snowboard. Seu cabelo castanho-chocolate era cortado de forma desigual, com os lados trançados para baixo. Ela não usava maquiagem, como se estivesse tentando não chamar atenção para si mesma, mas isso não funcionava. Ela era realmente bonita. Seus olhos pareciam mudar de cor como em um caleidoscópio - marrom, azul e verde.

Jason soltou a mão dela.

— Hã, eu não...

Na parte da frente do ônibus, um professor gritou:

— Está bem, *cupcakes*, ouçam!

O homem obviamente era um treinador. Seu boné de beisebol estava afundado na cabeça, deixando a vista somente seus olhos lustrosos. Ele tinha uma barbicha rala e uma cara azeda, como se tivesse comido algo estragado. Ele vestia uma radiante camisa polo laranja, calça de caminhada e tênis imaculadamente brancos. Usava um apito pendurado no pescoço, e um megafone estava preso ao seu cinto. Ele teria parecido bastante assustador se não tivesse apenas um metro e meio de altura. Quando ele se levantou no corredor, um dos estudantes gritou:

— Levante-se, Treinador Hedge!

— Eu ouvi isso! — O treinador examinou o ônibus em busca do ofensor. Então seus olhos fixaram-se em Jason e sua carranca se aprofundou.

Um arrepio desceu pela coluna de Jason. Ele estava certo de que o treinador sabia que ele não pertencia àquele lugar. Ele estava indo chamar Jason, perguntar o que ele estava fazendo no ônibus - e Jason não saberia o que dizer.

Só que o Treinador Hedge olhou para longe e pigarreou.

— Chegaremos em cinco minutos! Permaneçam com sua dupla. Não percam suas planilhas. E se um de vocês, pequenos *cupcakes,* causar qualquer problema nessa excursão, eu vou pessoalmente mandá-los de volta para o colégio do jeito difícil.

Ele pegou um taco de beisebol e fez de conta que batia um *home run*.

Jason olhou para a garota ao seu lado.

— Ele pode falar conosco desse jeito?

Ela deu de ombros.

— Ele sempre fala. Essa é a Escola da Vida Selvagem, "Onde as crianças são os animais."

Ela falou como se fosse uma piada que tinham partilhado antes.

— Isso é algum tipo de engano — disse Jason. — Eu não devia estar aqui.

O garoto que estava a sua frente virou e riu.

— Sim, certo, Jason. Todos nós fomos incriminados! Eu não fugi seis vezes. Piper não roubou uma BMW.

A garota corou.

— Eu não roubei esse carro, Leo!

— Ah, eu esqueci, Piper. Qual foi a sua história? Você convenceu o vendedor a emprestá-lo a você? — Ele levantou as sobrancelhas para Jason, como se dissesse: *Dá pra acreditar*?

Leo parecia um elfo latino do Papai Noel, com cabelos pretos encaracolados, orelhas pontudas, uma cara alegre, infantil, e um sorriso travesso que lhe dizia logo que esse cara não devia ser deixado na presença de fósforos ou objetos cortantes. Seus dedos longos e ágeis não paravam de se movimentar - batucando no banco, colocando o cabelo atrás das orelhas, brincando com os botões do paletó da farda de exército. Ou o garoto era

naturalmente hiperativo ou se entupira de açúcar e cafeína o suficiente para dar um ataque cardíaco a um búfalo.

— De qualquer forma — disse Leo — eu espero que esteja com a sua planilha, porque usei a minha para fazer bolas de cuspe dias atrás. Por que você está me olhando assim? Alguém desenhou na minha cara de novo?

— Eu não te conheço — disse Jason.

Leo deu-lhe um sorriso amarelo.

— Claro. Não sou seu melhor amigo. Eu sou o clone mau dele.

— Leo Valdez! — Treinador Hedge gritou da frente. — Algum problema aí atrás?

Leo piscou para Jason.

— Assista essa. — Ele virou-se para frente. — Com licença, Treinador! Eu estava tendo problemas para te escutar. Você pode usar seu megafone, por favor?

O Treinador Hedge grunhiu como se ele estivesse feliz por ter uma desculpa. Ele tirou o megafone do seu cinto e continuou a dar orientações, mas sua voz saiu como a de Darth Vader. As crianças caíram na gargalhada. O treinador tentou novamente, mas desta vez o megafone gritou:

— A vaca diz *mooo!*

As crianças gritaram, e o treinador bateu o megafone.

— Valdez!

Piper abafou um riso.

— Meu Deus, Leo. Como você fez isso?

Leo deixou uma pequena chave de fenda Phillips cair de sua manga.

— Sou um garoto especial.

— Gente, é sério — confessou Jason. — O que estou fazendo aqui? Para onde estamos indo?

Piper levantou suas sobrancelhas.

— Jason você está brincando?

— Não! Eu não tenho ideia...

— Ah sim, ele está brincando — disse Leo. — Ele está tentando descontar daquela vez que tinha creme de barbear na gelatina, não é?

Jason olhou para ele sem expressão.

— Não, eu acho que ele está falando sério. — Piper tentou pegar sua mão novamente, mas ele a puxou.

— Desculpe-me — disse ele. — Eu não... Eu não posso...

— É isso ai! — Treinador Hedge gritou pela frente. — A fila de trás acabou de se oferecer para limpar a bagunça depois do almoço!

O resto das crianças aplaudiu.

— Isso e chocante — disse Leo.

No entanto, Piper manteve seus olhos em Jason, como se ela não pudesse se decidir se estava machucada ou preocupada.

— Você bateu a cabeça ou algo assim? Você realmente não sabe quem somos?

Jason deu com os ombros, impotente.

— É pior que isso. Eu não sei quem *eu* sou.

O ônibus deixou-os na frente de um grande complexo de estuque vermelho parecido com um museu, localizado no meio do nada. Talvez fosse isso mesmo, o Museu Nacional no Meio do Nada, pensou Jason. Um vento frio soprava do deserto. Jason não tinha prestado muita atenção ao que ele estava usando, mas não era nem perto quente o suficiente: jeans e tênis, uma camiseta roxa, e um blusão preto fino.

— Então, um curso intensivo para amnésia — disse Leo, em um tom prestativo que levou Jason a pensar que não ajudaria em nada. — Nós frequentamos a "Escola da Vida Selvagem" — Leo fez as aspas no ar com

os dedos. — O que significa que somos "crianças más". Sua família ou o órgão responsável por você decidiu que você era muito problemático, então te mandou para esta adorável prisão... me desculpe, "internato"... em Nevada, a axila dos Estados Unidos, na qual você aprende valiosas habilidades naturais como correr dez quilômetros por dia através dos cactos, e tecer flores em chapéus! E para um tratamento especial, nós vamos a viagens "educacionais" de campo com o Treinador Hedge, que mantém a ordem com um taco de beisebol. Está tudo voltando para você agora?

— Não. — Jason olhou apreensivamente para as outras crianças: vinte garotos, talvez, e a metade deste número de garotas. Nenhum deles aparentava ser um criminoso perigoso, só que ele imaginou o que eles teriam feito para serem sentenciados a uma escola para delinquentes e imaginou por que ele pertencia a este grupo.

Leo revirou os olhos.

— Você realmente vai continuar com isso, não é? Ok. Então, nós três entramos aqui juntos este ano. Nós somos bem próximos. Você faz tudo o que eu digo, me dá sua sobremesa e faz meus deveres...

— Leo! — gritou Piper.

— Está bem. Ignore esta última parte. Mas nós somos amigos. Bom, Piper é um pouco mais do que sua amiga nas últimas semanas...

— Leo, para com isso! — O rosto de Piper ficou vermelho.

Jason também podia sentir seu rosto queimando. Pensou que se lembraria se estivesse saindo com uma garota como Piper.

— Ele está com amnésia ou algo do tipo — disse Piper. — Nós temos que contar a alguém.

Leo zombou.

— Quem, o Treinador Hedge? Ele tentaria curar Jason batendo em sua cabeça.

O treinador estava na frente do grupo, gritando ordens e soprando seu apito para manter as crianças na fila, mas, de vez em quando, ele olhava para Jason e franzia as sobrancelhas.

— Leo, Jason precisa de ajuda — insistiu Piper. — Ele teve uma concussão ou...

— E aí, Piper. — Um dos outros meninos ficou para trás para se juntar aos três enquanto a turma se dirigia para o museu. O garoto novo se espremeu entre Jason e Piper e derrubou Leo. — Não fale com estes perdedores. Você é minha parceira, lembra-se?

O novo rapaz tinha cabelos escuros cortados ao estilo do Super-Homem, era bem bronzeado, e tinha dentes tão brancos que eles deveriam vir com uma placa de recomendação: não olhe diretamente para os dentes, pode causar cegueira permanente. Ele vestia um casaco dos Dallas Cowboys, calça jeans e botas ao estilo faroeste, e sorria como se fosse um presente de Deus para todas as meninas delinquentes de todo lugar. Jason odiou-o instantaneamente.

— Vá embora, Dylan — resmungou Piper. — Eu não pedi para fazer dupla com você.

— Ah, não seja assim. Hoje é o seu dia de sorte! — Dylan enganchou seu braço no de Piper e arrastou-a pela entrada do museu. Piper deu uma última olhada por sobre o ombro, como se fosse um pedido de ajuda urgente.

Leo se levantou e se limpou.

— Eu odeio esse cara. — Ele ofereceu seu braço a Jason, como se eles fossem entrar juntos pulando. — Eu sou o Dylan. Eu sou tão legal, eu gostaria de namorar comigo mesmo, mas eu não consigo descobrir como! Você quer sair comigo, então? Você tem tanta sorte!

— Leo — disse Jason, — você é estranho.

— É, você me diz isso sempre. — Leo sorriu largamente. — Mas se você não se lembra de mim, significa que eu posso recontar todas as minhas piadas antigas. Vamos lá!

Jason deduziu que, se este era seu melhor amigo, sua vida devia ser uma bagunça, mas ele seguiu Leo para dentro do museu.

Eles caminharam para dentro do prédio, parando aqui e ali para o Treinador Hedge lhes dar um sermão com o seu megafone, que alternadamente o fazia parecer um lorde *Sith* ou soltava comentários aleatórios como "o porco diz *oink*."

Leo continuava tirando porcas, parafusos, pregos e limpadores de cachimbo do bolso e juntando-os, como se ele tivesse que manter suas mãos ocupadas o tempo todo.

Jason estava distraído demais para prestar atenção nas exposições, mas elas falavam do Grand Canyon e da tribo Hualapai, que era dona do museu.

Algumas garotas continuavam olhando para Piper e Dylan e rindo baixinho. Jason deduziu que estas garotas eram do grupo das populares. Elas usavam calças jeans combinando, blusas rosa e tanta maquiagem que elas poderiam ir a uma festa de Dia das Bruxas.

Uma delas falou:

— Ei, Piper, a sua tribo cuida desse lugar? Você entra de graça se fizer a dança da chuva?

As outras garotas riram. Até o assim dito parceiro da Piper, Dylan, suprimiu um sorriso. O casaco de *snowboard* de Piper escondeu suas mãos, mas Jason teve a sensação de que ela tinha cerrado seus punhos.

— Meu pai é Cherokee — disse ela — não Hualapai. Mas é claro, você precisaria de alguns neurônios para saber a diferença, Isabel.

Isabel abriu os olhos em uma surpresa irônica, de maneira que pareceu uma coruja maquiada.

— Ah, desculpe-me. A sua mãe era dessa tribo? Ah, desculpe. Você *nunca* conheceu sua mãe.

Piper avançou sobre ela, mas antes que uma briga pudesse começar, o Treinador Hedge gritou:

— Já chega, vocês aí atrás! Sejam um bom exemplo ou eu vou pegar o meu taco de beisebol!

O grupo prosseguiu para a próxima exposição, mas algumas meninas continuaram soltando pequenos comentários para Piper.

— É bom estar de volta à reserva? — uma delas perguntou com uma voz doce.

— O pai deve estar bêbado demais para trabalhar — outra disse com um pesar falso. — É por isso que ela se tornou cleptomaníaca.

Piper as ignorava, mas Jason estava pronto para socá-las. Ele poderia não se lembrar de Piper e nem de quem ele era, mas ele odiava crianças más. Leo segurou seu braço.

— Fique calmo. Piper não gosta que lutemos suas batalhas por ela. Além disso, se essas garotas descobrissem a verdade sobre o pai dela, todas elas estariam reverenciando-a e gritando "nós não somos merecedoras!"

— Por quê? O que tem o pai dela?

Leo riu, sem acreditar.

— Você não está brincando? Você realmente não se lembra de que o pai da sua namorada...

— Olha, eu queria lembrar, mas eu nem mesmo me lembro dela, muito menos de seu pai.

Leo assobiou.

— Tanto faz. Nós temos que conversar quando voltarmos ao dormitório.

Eles chegaram ao final da sala de exibições, onde grandes portas de vidro levavam a um terraço.

— Ok, *cupcakes* — anunciou o Treinador Hedge. — Vocês estão prestes a ver o Grand Canyon. Tentem não quebrá-lo. O observatório aguenta o peso de setenta jatos, então vocês, pesos-pena, devem estar seguros lá. Se possível, evitem empurrar uns aos outros por cima da cerca, porque isso me daria mais papelada pra preencher.

O treinador abriu as portas e todos saíram. O Grand Canyon se estendia diante deles, ao vivo e em pessoa. Além da beira, se abria uma passarela em forma de ferradura feita de vidro, de forma a permitir que você possa ver através dela.

— Cara — disse Leo. — Isso é muito louco.

Jason tinha de concordar. Apesar de sua amnésia e de sua sensação de que ele não pertencia àquele grupo, ele não podia evitar ficar impressionado.

O desfiladeiro era maior e mais largo do que se poderia imaginar por uma foto. Eles estavam tão alto que pássaros voavam abaixo deles. Mais de mil metros abaixo, um rio serpenteava ao longo do pé do desfiladeiro. Bancos de nuvens de tempestade haviam se movido no céu enquanto eles estavam dentro do museu, lançando sombras que pareciam rostos zangados sobre o penhasco. Até onde Jason podia ver, em qualquer direção, ravinas vermelhas e cinzas cortavam o deserto como se um Deus louco o tivesse cortado com uma faca.

Jason sentia uma dor perfurante atrás dos olhos. Deus louco... De onde ele tirou essa ideia? Ele sentia como se tivesse chegado perto de algo importante - algo que ele devia saber. Ele também tinha a inequívoca sensação de que estava em perigo.

— Você está bem? — perguntou Leo. — Você não vai vomitar, vai? Porque eu deveria ter trazido minha câmera...

Jason se apoiou na grade. Ele estava tremendo e suando, mas não tinha nada a ver com altura. Ele piscou e a dor atrás dos olhos melhorou um pouco.

— Eu estou bem — disse ele. — É só uma dor de cabeça.

Trovões estrondavam acima deles. Um vento frio quase o derrubou de lado.

— Isto não pode ser seguro. — Leo lançou um olhar furtivo para as nuvens. — A tempestade está bem acima de nós, mas o céu está limpo ao nosso redor. Estranho, não?

Jason olhou para cima e viu que Leo estava certo. Um círculo de nuvens escuras havia se estacionado em cima do observatório, mas o resto do céu em todas as direções estava perfeitamente limpo. Jason teve um pressentimento ruim sobre isso.

— Tudo bem, molengas! — Gritou o Treinador Hedge. Ele franziu a testa para a tempestade como se isso o incomodasse muito. — Talvez tenhamos que encurtar o passeio, então mãos à obra! Lembrem-se, frases completas!

A tempestade rugia, e a cabeça de Jason começou a doer de novo. Sem saber porque fez isso, enfiou a mão no bolso do jeans e de lá tirou uma moeda - um círculo de ouro do tamanho de uma moeda, um pouco mais espessa e mais desigual. Em um dos lados estava estampada a figura de um machado de batalha. No outro estava o rosto de um garoto coberto de louros. A inscrição dizia algo como IVLIVS.

— Nossa, isso é ouro? — perguntou Leo. — Você esteve escondendo de mim!

Jason guardou a moeda, se perguntando como ele viria a tê-la, e porque ele sentia que precisaria dela em breve.

— Não é nada — disse ele. — Apenas uma moeda.

Leo balançou os ombros. Talvez sua mente tivesse que manter se movimentando tanto quanto suas mãos.

— Vamos lá — disse ele. — Te desafio a cuspir na beirada.

Eles não se esforçaram muito na planilha. Em primeiro lugar, Jason estava muito distraído com a tempestade e com os seus próprios sentimentos confusos. Em segundo, ele não tinha nenhuma ideia como "nomear três camadas sedimentares que você observa" ou "descrever dois exemplos de erosão."

Leo não era de muita ajuda. Ele estava muito ocupado construindo um helicóptero de limpadores de cachimbo.

— Veja isso.

Ele lançou o helicóptero. Jason imaginou que iria despencar, mas as lâminas dos limpadores de cachimbo estavam realmente afiadas. O pequeno helicóptero voou pelo desfiladeiro antes de perder a forca inicial e cair em espiral no vazio.

— Como você fez isso? — perguntou Jason.

Leo deu de ombros.

— Poderia ter sido mais legal se eu tivesse alguns elásticos.

— Falando sério — disse Jason, — nós somos amigos?

— Na última vez que eu verifiquei, sim.

— Você tem certeza? Qual foi o primeiro dia que nós nos encontramos? Do que nós falamos?

— Foi... — Leo franziu a testa. — Não lembro exatamente. Tenho TDAH, cara. Você não pode esperar que eu me lembre de detalhes.

— Mas eu não me lembro *nada* de você. Não me lembro de ninguém daqui. E se...

— Se você estiver certo e todo mundo estiver errado? — perguntou Leo. — Você acha que só apareceu aqui nesta manhã, e todos nós temos memórias falsas de você? — Uma pequena voz na cabeça de Jason dizia: *É exatamente o que penso*.

No entanto, isso parecia loucura. Todo mundo tinha certeza da presença dele. Todos agiram como se ele fosse uma parte normal da classe — exceto para o Treinador Hedge.

— Pegue a planilha. — Jason entregou o papel para Leo. — Eu já volto.

Antes que Leo pudesse protestar, Jason se dirigiu ao observatório.

O grupo escolar deles tinha o lugar inteiramente para eles mesmos. Talvez fosse muito cedo para turistas, ou talvez o clima estranho tenha assustado todos. As crianças da Escola da Vida Selvagem se espalharam em pares por todo o observatório. A maioria estava brincando ou conversando. Algumas crianças estavam jogando moedas lá para baixo. A mais ou menos quinze metros de distância, Piper estava tentando preencher seu relatório, mas o seu parceiro estúpido, Dylan, estava jogando cantadas para ela, colocando a sua mão no ombro da garota e dando-lhe aquele ofuscante sorriso branco. Ela continuava afastando-o, e quando ela viu Jason, olhou para ele como quem diz: *Por favor, estrangule este garoto para mim*.

Jason fez sinal para ela esperar. Ele caminhou até o Treinador Hedge, que estava encostado em seu taco de beisebol, estudando as nuvens de tempestade.

— Você fez isto? — o treinador perguntou para ele.

Jason deu um passo para trás.

— Fiz o quê? — Soou como se o treinador tivesse acabado de perguntar se ele tinha feito a tempestade.

O Treinador Hedge olhou para ele, seus lustrosos olhinhos brilhando sob a aba do boné.

— Não brinque comigo, criança. O que você está fazendo aqui e por que está atrapalhando meu trabalho?

— Você quer dizer que... você não me conhece? — disse Jason. — Não sou um de seus alunos?

Hedge inspirou.

— Nunca tinha visto você até hoje.

Jason estava tão aliviado que quase quis chorar. Pelo menos ele não estava ficando louco. Ele estava no lugar errado.

— Olhe, senhor, eu não sei como cheguei aqui. Eu apenas acordei no ônibus da escola. Tudo que eu sei é que eu não deveria estar aqui.

— Está certíssimo. — A voz rouca de Hedge caiu para um sussurro, como se ele fosse partilhar um segredo. — Você tem grande poder sobre a Névoa, garoto, já que pode fazer todas essas pessoas pensarem que te conhecem; mas não pode me fazer de tolo. Eu estive farejando um monstro por dias. Eu sabia que nós tínhamos um invasor, mas você não cheira como um monstro. Você cheira como um meio-sangue. Então... quem é você, de onde veio?

A maior parte do que o treinador falou não fazia sentido, mas Jason decidiu responder honestamente.

— Não sei quem sou. Não tenho nenhuma lembrança. Você tem que me ajudar.

Treinador Hedge estudou o seu rosto como se estivesse tentando ler os pensamentos de Jason.

— Ótimo — murmurou Hedge. — Você está sendo sincero.

— É claro que eu estou! E o que é tudo isso sobre monstros e meio-sangues? São códigos ou alguma coisa assim?

Hedge estreitou seus olhos. Parte de Jason se perguntou se o cara era apenas um louco. A outra parte, porém, sabia melhor.

— Olhe, garoto — disse Hedge, — eu não sei *quem* você é. Só sei *o que* você é, e isso significa problema. Agora eu tenho que proteger três de vocês, e não dois. Você é o pacote especial? É isso?

— Do que você está falando?

Hedge olhou para a tempestade. As nuvens estavam ficando mais grossas e mais escuras, pairando diretamente sobre a passarela.

— Esta manhã — disse Hedge, — recebi uma mensagem do acampamento. Eles disseram que uma equipe de extração está a caminho. Eles estão vindo para pegar um pacote especial, mas eles não deveriam me dar detalhes. Eu pensei por mim mesmo. Os dois que estou observando são mais poderosos, mais velhos que a maioria. Eu sei que eles estão sendo perseguidos. Eu posso sentir o cheiro de um monstro no grupo. Imaginei que esse fosse o motivo para de repente o acampamento estar tão apressado para buscá-los. Mas aí *você* aparece do nada. Então... você é o pacote especial?

A dor atrás dos olhos de Jason ficou pior do que nunca. *Meio-sangues. Acampamento. Monstros*. Ele continuou sem entender nada do que Hedge estava falando, mas as palavras lhe deram um pesado congelamento nos miolos — como se sua mente estivesse tentando acessar informações que deveriam estar ali, mas não estavam.

Jason perdeu o equilíbrio, e o treinador segurou-o. Mesmo sendo baixinho, Hedge tinha mãos de ferro.

— Calma lá, molenga. Você disse que não tem lembranças, né? Bem. Eu vou ter que te observar, também, até a equipe chegar aqui. Vamos deixar o diretor descobrir essas coisas.

— Que diretor? — disse Jason. — Que acampamento?

— Apenas fique sentado. Reforços devem chegar aqui em breve. Espero que nada aconteça antes...

Um raio caiu acima de suas cabeças. O vento batia furioso. Planilhas voaram para dentro do Grand Canyon, e a ponte inteira estremeceu. Crianças gritaram, tropeçando e agarrando às amuradas.

— Eu devia falar alguma coisa — resmungou Hedge. Ele gritou em seu megafone: — Todos para dentro! A vaca diz *mu!* Para fora do observatório!

— Achei que você tivesse dito que essa coisa era segura! — Jason gritou por cima do vento.

— Em circunstâncias normais, são — concordou Hedge. — Esse não é o caso. Vamos!

II

JASON

A TEMPESTADE SE TRANSFORMOU NUM FURACÃO EM MINIATURA. Um funil de nuvens serpenteava em direção ao observatório como os tentáculos de um monstro marinho.

Crianças gritaram e correram para o prédio. O vento arrancou seus cadernos, jaquetas, chapéus e mochilas. Jason derrapou pelo piso escorregadio.

Leo perdeu o equilíbrio e quase caiu sobre os trilhos, mas Jason agarrou sua jaqueta e o puxou de volta.

— Obrigado, cara! — gritou Leo.

— Vai, vai, vai! — Disse o Treinador Hedge.

Piper e Dylan estavam segurando as portas abertas, agrupando as outras crianças no interior. A jaqueta de *snowboard* de Piper estava se agitando descontroladamente com o vento, seu cabelo preto estava em todo o rosto. Jason pensou que ela devia estar congelando, mas ela parecia calma e

confiante — falando para os outros que daria tudo certo, encorajando eles a se manterem em movimento.

Jason, Leo e o Treinador Hedge correram em direção a eles, mas era como correr em areia movediça. O vento parecia lutar contra eles, os empurrando de volta.

Dylan e Piper empurraram mais uma criança para dentro, e depois perderam o seu domínio sobre a porta. Eles acabaram fechados no observatório. Piper puxou as alças. As crianças que estavam no interior bateram nos vidros, mas as portas pareciam presas.

— Dylan ajude! — gritou Piper.

Dylan ficou apenas observando, com um sorriso idiota, sua jaqueta dos Cowboys ondulando ao vento, como se ele repentinamente estivesse gostando da tempestade.

— Sinto muito, Piper — disse ele. — Estou cansado de ajudar.

Ele movimentou rapidamente seu pulso e Piper voou para trás, batendo na porta e deslizando pela passarela de vidro.

— Piper! — Jason tentou a custo ir para frente, mas o vento estava contra ele, e o Treinador Hedge o puxou para trás.

— Treinador — disse Jason, — deixe-me ir!

— Jason, Leo, fiquem atrás de mim — ordenou o treinador. — Essa é a minha luta. Eu deveria saber que era nosso monstro.

— O quê? — perguntou Leo. Uma planilha errante bateu em seu rosto, mas ele a afastou. — Que monstro?

O boné do treinador foi soprado para longe e acima de seu cabelo crespo estavam dois galos — como aqueles que os personagens de desenho animado ganham quando batem a cabeça. O Treinador Hedge levantou seu bastão de beisebol — mas não era mais um bastão regular. De alguma forma

ele tinha se transformado em um bastão de ramo de árvore em forma crua, com ramos e folhas ainda anexados.

Dylan deu a ele o seu sorriso feliz e psicótico.

— Ah, vamos lá, *treinador*. Deixe o garoto me atacar. Afinal, você está ficando muito velho para isso. Não foi por isso que eles te trouxeram para esta escola estúpida? Eu estive em sua turma o ano inteiro e você nem reparou. Você está perdendo seu faro, vovô.

O treinador fez um som irritado, como um animal balindo.

— Acabou, *cupcake*. Eu vou te derrubar.

— Você acha que pode proteger três meio-sangues de uma vez só, velho? — Dylan riu. — Boa sorte.

Dylan apontou para Leo e uma nuvem em forma de funil se materializou ao redor dele. Leo voou pela passarela como se tivesse sido arremessado. De alguma forma, ele conseguiu girar no ar e bateu de lado na parede do desfiladeiro. Ele derrapou, procurando desesperadamente por algum apoio para as mãos. Finalmente, ele agarrou uma pequena fenda, quinze metros abaixo da passarela e se segurou com as pontas dos dedos.

— Ajudem-me! — ele gritou para os outros. — Uma corda, por favor? Um elástico de *bungee jump?* Alguma coisa?

O Treinador Hedge xingou e atirou para Jason seu galho.

— Eu não sei quem é você, garoto, mas eu espero que você seja bom. Mantenha aquela coisa ocupada — ele apontou para Dylan — enquanto eu pego o Leo.

— Pegá-lo como? — perguntou Jason. — Você vai voar?

— Voar, não. Escalar. — Hedge arrancou seus sapatos e Jason quase teve um enfarte. Ele tinha cascos, cascos de bode. O que significava que aquelas coisas em sua cabeça, Jason compreendeu, não eram galos. Eram chifres.

— Você é um fauno — disse Jason.

— *Sátiro!* — gritou Hedge. — Faunos são romanos. Mas nos discutiremos isso depois.

Hedge pulou a grade. Ele partiu em direção à parede do desfiladeiro e bateu com os cascos primeiro. Ele desceu o penhasco com uma agilidade incrível, encontrando apoios para os pés não maiores do que selos, desviando de redemoinhos que tentavam atacá-lo enquanto ele prosseguia na direção de Leo.

— Isso não é fofo? — Dylan se virou para Jason. — Agora é a sua vez, garoto.

Jason atirou o bastão. Parecia inútil com ventos tão fortes, mas o galho voou direto na direção de Dylan, inclusive fazendo uma curva quando ele tentou desviar, e bateu na sua cabeça com tanta forca que ele caiu de joelhos.

Piper não estava tão atordoada quanto parecia. Seus dedos se fecharam ao redor do galho quando este rolou para perto dela, mas, antes que ela pudesse usá-lo, Dylan se levantou. Sangue — sangue *dourado* — corria de sua testa.

— Boa tentativa, garoto. — Ele deu um olhar penetrante para Jason. — Mas você vai ter que fazer melhor.

A passarela estremeceu. Rachaduras apareceram no vidro. Dentro do museu, as crianças pararam de bater nas portas. Elas se afastaram, olhando aterrorizadas.

O corpo de Dylan se dissolveu em fumaça, como se suas moléculas estivessem se descolando. Ele tinha o mesmo rosto, o mesmo sorriso branco brilhante, mas todo o seu corpo era repentinamente composto de um vapor preto em espiral, seus olhos pareciam faíscas elétricas em uma viva nuvem de tempestade. Ele abriu asas pretas de fumaça e se elevou acima do observatório. Se anjos pudessem ser maus, pensou Jason, eles pareceriam exatamente com isso.

— Você é um *ventus* — disse Jason, apesar de não ter nenhuma ideia de como ele sabia essa palavra. — Um espirito da tempestade.

A risada de Dylan parecia o som de um tornado arrancando um telhado.

— Estou feliz por ter esperado, semideus. Eu sabia de Leo e Piper por semanas. Eu poderia tê-los matado a qualquer momento. Só que minha senhora me disse que havia um terceiro a caminho - alguém especial. Ela vai me recompensar enormemente pela sua morte!

Mais duas nuvens em forma de funil apareceram de cada lado de Jason e se transformaram em *venti* — rapazes espectrais com asas de fumaça e olhos que tremeluziam como raios.

Piper se manteve abaixada, fingindo estar atordoada, sua mão ainda segurando o galho. Seu rosto estava pálido, mas ela deu a Jason um olhar determinado e ele entendeu a mensagem: *mantenha-os distraídos, baterei neles por trás.*

Linda, esperta e violenta. Jason desejava poder se lembrar de tê-la como sua namorada. Ele fechou seus punhos e se preparou para atacar, mas ele nunca teve a chance.

Dylan levantou sua mão com arcos de eletricidade correndo entre seus dedos, e atirou em Jason no peito.

Bum! Jason se viu caído no chão. Sua boca estava com gosto de alumínio queimado. Ele levantou a cabeça e percebeu que suas roupas estavam fumegando. O raio foi direto em sua direção e explodiu seu sapato esquerdo. Seus pés estavam negros de fuligem.

Os espíritos da tempestade estavam rindo. Os ventos enfureciam-se. Piper estava gritando desafiadoramente, mas tudo parecia metálico e distante.

Do canto de seu olho, Jason viu o Treinador Hedge escalando o penhasco com Leo nas suas costas. Piper estava de pé, balançando

desesperadamente o galho para afastar os dois espíritos de tempestade extras, mas eles estavam apenas brincando com ela. O galho atravessou seus corpos como se eles não estivessem lá. E Dylan, um tornado escuro com asas e olhos, avançou ameaçadoramente em direção a Jason.

— Pare — persuadiu Jason.

Ele se levantou cambaleante, e não tinha certeza de quem estava mais surpreso: ele ou os espíritos de tempestade.

— Como você continua vivo? — a forma de Dylan surgiu. — Aquilo tinha eletricidade suficiente para matar vinte homens!

— Minha vez — disse Jason.

Ele colocou a mão no bolso e tirou a moeda de ouro. Ele deixou seus instintos assumirem, lançando a moeda no ar como já tinha feito milhares de vezes. Ele a capturou na palma da mão, e de repente estava segurando uma espada — uma arma perversamente afiada de dois gumes. O cunho coube perfeitamente em seus dedos, e tudo era puro ouro — haste, punho e lâmina.

Dylan rosnou e se apoiou para levantar. Ele olhou para seus dois comparsas e gritou:

— E então?! Matem-no!

Os outros espíritos de tempestade não pareceram felizes com aquela ordem, mas voaram em direção a Jason com seus dedos faiscando eletricidade.

Jason se atirou contra o primeiro espírito. Sua lâmina atravessou o espírito e a forma esfumaçada da criatura se desintegrou. O segundo espírito atirou um raio, mas a espada de Jason absorveu a carga. Jason se moveu para frente — uma rápida investida, e o segundo espírito de tempestade se dissolveu em pó dourado.

Dylan se lamentou indignado. Ele olhou para baixo como se esperasse que seus comparsas se reestruturassem, mas o pó dourado continuou disperso no ar.

— Impossível! Quem é você, meio-sangue?

Piper estava tão surpresa que deixou o bastão cair.

— Jason, como...?

Então o Treinador Hedge saltou de volta na passarela e derrubou Leo como se fosse um saco de farinha.

— Espíritos, temam a mim! — Hedge berrou, flexionando seus braços curtos. Então ele olhou em volta e percebeu que só havia o Dylan.

— Maldição, menino! — ele se virou para Jason. — Você não deixou alguns para mim? Eu gosto de desafios!

Leo se levantou, respirando com dificuldade. Ele parecia completamente humilhado, suas mãos sangrando de escalar as pedras.

— Ei, Treinador Supercabra, ou o que quer que você seja, eu acabei de cair do maldito Grand Canyon! Pare de pedir por desafios!

Dylan sibilou para eles, mas Jason podia perceber medo nos olhos dele.

— Vocês não fazem ideia de quantos inimigos despertaram, meio-sangues. Minha mestra irá destruir *todos* os semideuses. Esta guerra vocês *não podem* vencer!

Acima deles, a chuva se explodiu em uma tempestade com força total. Rachaduras apareceram no observatório. Colunas de água caiam, e Jason teve que se abaixar para manter o equilíbrio.

Um buraco se abriu entre as nuvens — um turbilhão de preto e prateado.

— Minha mestra me chama de volta! — Dylan gritou de alegria. — E você, semideus, virá comigo!

Ele investiu contra Jason, mas Piper atacou o monstro por trás. Mesmo ele sendo feito de fumaça, Piper de alguma maneira conseguiu se conectar. Os dois começaram a cair. Leo, Jason e o treinador se inclinaram para ajudar, mas o espirito gritou com ódio. Ele jogou uma corrente de ar que derrubou todos eles. A espada de Jason derrapou entre o vidro. Leo bateu a parte de trás da cabeça e se encolheu em um canto, atordoado e gemendo. Piper recebeu o pior. Ela foi arrancada das costas de Dylan e bateu na grade, caindo na borda até que ela estava pendurada por uma mão sobre o abismo.

Jason se moveu em direção a ela, mas Dylan gritou:

— Eu vou me vingar por essa!

Ele agarrou o braço de Leo e começou a subir, arrastando um Leo semiconsciente com ele. A tempestade rodopiou com mais força, puxando eles para cima como um aspirador de pó.

— Socorro! — gritou Piper. — Alguém!

Ela escorregou, gritando enquanto caía.

— Jason vá! — gritou Hedge. — Salve-a!

O treinador se lançou contra o espirito com alguns golpes fortes de Bode Fu — atacando-o com seus chifres, liberando Leo do poder do espirito. Leo caiu são e salvo no chão, mas Dylan agarrou o braço do treinador em troca. Hedge tentou cabecear ele, e então o chutou e o chamou de *cupcake*. Eles se levantaram no ar, ganhando velocidade.

O Treinador Hedge gritou mais uma vez:

— Salve-a! Eu cuido disso! — Então o sátiro e o espirito de tempestade rodopiaram entre as nuvens e desapareceram.

Salvar ela? pensou Jason. *Ela está morta!*

No entanto, outra vez seus instintos venceram. Ele correu para a grade pensando, *Eu sou louco*, e pulou.

Jason não estava com medo da altura. Ele estava com medo de cair no chão do cânion, mil e quinhentos metros abaixo. Ele percebeu que o máximo que conseguiria com aquilo tudo era morrer junto com Piper, mas encolheu os braços e mergulhou de cabeça. As paredes do cânion passavam por ele como num filme em velocidade acelerada. Sua pele parecia que ia desgrudar do rosto.

Num piscar de olhos, ele alcançou Piper, que caia descontroladamente. Ele segurou a cintura dela e fechou os olhos, aguardando a morte. Piper gritava. O vento assobiou no ouvido de Jason. Ele imaginou como seria morrer. Provavelmente não seria muito bom. Ele desejou que de alguma forma eles não batessem no chão.

De repente, o vento parou. O grito de Piper se transformou em um suspiro estrangulado. Jason pensou que eles deveriam estar mortos, mas não sentiu impacto nenhum.

— J-J-Jason — murmurou Piper.

Ele abriu os olhos. Eles não estavam mais caindo. Estavam flutuando no meio do ar, trezentos metros acima do rio.

Ele abraçou Piper com força, e ela se reposicionou de forma a abraçá-lo também. Eles estavam de frente, nariz a nariz. O coração dela batia tão forte que Jason podia sentir através da roupa.

Seu hálito cheirava a canela.

— Como você...

— Não sei — respondeu ele. — Acho que eu saberia se soubesse voar...

Então ele pensou: *Eu não sei nem mesmo quem sou.*

Ele pensou em subir. Piper comemorou com um grito conforme eles começavam a ir para cima. Eles não estavam exatamente flutuando, decidiu Jason. Ele podia sentir a pressão embaixo dos pés como se eles estivessem balançando em cima de um cilindro a gás.

— O ar está nos ajudando — disse ele.

— Bem, diga a ele para ajudar mais! Tira a gente daqui!

Jason olhou para baixo. A coisa mais fácil a fazer seria descer tranquilamente até o chão do desfiladeiro. Então ele olhou para cima. A chuva tinha parado. As nuvens não pareciam tão violentas, mas ainda estava trovejando e piscando. Não havia garantia de que os espíritos tivessem sumido de vez. Ele não fazia ideia do que tinha acontecido ao Treinador Hedge. E ele tinha deixado Leo lá em cima, quase inconsciente.

— Nós temos que ajudá-los — disse Piper como se lesse os pensamentos dele. — Você pode...

— Vamos ver. — Jason mentalizou o comando "Alto" e instantaneamente eles foram em direção ao céu.

O fato de ele estar escalando o ar seria algo legal em outras circunstâncias, mas ele estava completamente em choque. Assim que eles alcançaram o observatório, correram em direção a Leo.

Piper virou-o de lado e ele grunhiu. O casaco de exército estava ensopado pela chuva. Seu cabelo cacheado brilhava a ouro por rolar em pó de monstro. Mas pelo menos ele não estava morto.

— Estúpido... bode... feio — murmurou ele.

— Aonde ele foi? — perguntou Piper.

Leo apontou para cima.

— Não voltou mais. Por favor, diga que ele não salvou mesmo a minha vida.

— Duas vezes — disse Jason.

Leo grunhiu ainda mais alto.

— O que aconteceu? O cara tornado, a espada de ouro... eu bati a minha cabeça. Foi isso, certo? Estou tendo alucinações?

Jason tinha se esquecido da espada. Ele foi até onde ela estava e a pegou. A lâmina estava bem balanceada. Por intuição, ele girou o cabo na mão, e a espada se transformou novamente em moeda e pousou na sua palma.

— Claro — disse Leo. — Definitivamente, alucinações.

Piper se arrepiou por causa da roupa molhada pela chuva.

— Jason, aquelas coisas...

— Venti — disse ele. — Espíritos de tempestade.

— Tá. Você agiu como... como se você já tivesse visto eles antes. Quem é você?

Ele balançou a cabeça.

— É isso que eu estava tentando te dizer. Eu não sei.

A tempestade parou. As outras crianças da Escola da Vida Selvagem olhavam para as portas de vidro horrorizadas. Os guardas de segurança estavam mexendo nas fechaduras, mas não pareciam estar conseguindo nada.

— O Treinador Hedge disse que tinha que proteger três pessoas — lembrou Jason. — Eu acho que ele estava falando de nós.

— E aquela coisa em que o Dylan se transformou... — Piper tremeu. — Meu Deus, eu não acredito que ele estava me passando cantadas. Ele nos chamou de... como era, *semideuses?*

Leo se deitou de costas no chão, olhando para o céu. Ele não parecia ansioso para levantar.

— Não sei vocês, mas eu não estou me sentindo muito divino não. — disse ele.

Houve alguns estalos, como de galhos secos se partindo, e as rachaduras na passarela começaram a aumentar.

— Nós precisamos sair daqui — disse Jason. — Talvez se nós...

— Aaaah tá — interrompeu Leo. — Olhem para cima e me digam se aquilo que estou vendo são cavalos voadores.

De início Jason pensou que Leo tinha batido a cabeça forte demais. Só que então ele viu uma silhueta escura descendo do Leste — devagar demais para ser um avião, grande demais para ser um pássaro. Conforme foi se aproximando, ele pode ver um par de animais alados — cinza, de quatro patas, exatamente como cavalos — exceto pelo fato de cada um possuir asas de seis metros de envergadura. E eles estavam puxando uma caixa com duas rodas pintada: uma biga.

— Reforços — disse ele. — Hedge disse que uma equipe de extração estava vindo atrás de nós.

— Equipe de extração? — Leo se levantou. — Isso parece doloroso.

— E para *onde* eles vão nos levar? — perguntou Piper.

Jason observou a biga pousar na ponta da passarela. Os cavalos alados dobraram suas asas e galoparam nervosamente através do vidro, como se sentissem que estava quase quebrando. Dois adolescentes estavam na biga — uma loira alta, talvez um pouco mais velha que Jason, e um cara forte, com a cabeça raspada e um rosto que parecia uma pilha de tijolos. Os dois usavam calças jeans e camisetas laranja, com escudos pendurados nas costas. A garota pulou antes mesmo de a biga parar de andar. Ela pegou uma faca e correu em direção ao grupo de Jason enquanto o menino controlava os cavalos.

— Onde ele está? — perguntou a garota.

Seus olhos cinzentos eram ferozes e um pouco assustadores.

— Onde está quem? — perguntou Jason.

Ela franziu a testa como se a resposta dele fosse inaceitável. Então ela se virou para Leo e Piper.

— E o Gleeson? Onde está o seu protetor, Gleeson Hedge?

O primeiro nome do treinador era Gleeson? Jason teria rido se a manhã não tivesse sido tão estranha e assustadora. Gleeson Hedge: Treinador de futebol, homem bode, protetor de semideuses. Claro. Por que não?

Leo pigarreou.

— Ele foi capturado por algumas... coisas-tornado.

— Os *Venti* — disse Jason. — Espíritos da tempestade.

A menina loira levantou uma sobrancelha.

— Você quis dizer *anemoi thuellai?* Esse é o termo grego. Quem é você e o que aconteceu?

Jason se esforçou ao máximo para explicar, embora fosse difícil encarar aqueles olhos cinzentos tão intensos. Mais ou menos no meio da história, o outro cara da biga se aproximou. Ele ficou lá os encarando, braços cruzados. Ele tinha uma tatuagem de arco-íris no bíceps, o que parecia um pouco atípico.

Quando Jason terminou a história, a garota loira não parecia satisfeita.

— Não, não, não! Ela me *disse* que ele estaria aqui. Ela disse que se eu viesse aqui, encontraria a resposta.

— Annabeth — grunhiu o cara careca. — Olha só. — Ele apontou para o pé de Jason.

Jason não tinha parado para pensar a respeito, mas ele ainda estava sem seu sapato esquerdo que tinha sido arrancado pelo raio. Ele não sentia nada diferente, mas seu pé parecia um pedaço de carvão.

— O menino com um sapato só. Ele é a resposta.

— Não, Butch — insistiu a garota. — Não pode ser ele. Eu fui enganada. — Ela olhou para o céu como se ele tivesse feito algo errado. — O que você quer de mim? — gritou ela. — O que fez com ele?

A passarela tremeu, e os cavalos relincharam urgentemente.

— Annabeth — disse o careca, Butch — nós temos que ir. Vamos levar esses três pro acampamento e tentar resolver tudo lá. Aqueles espíritos de tempestade podem voltar.

Ela irritou-se por um momento.

— Ótimo. — Ela encarou Jason com um olhar ressentido. — Nós vamos resolver isso depois.

Ela girou o corpo pelo calcanhar e marchou em direção a biga.

Piper balançou a cabeça.

— Qual é o problema dela? O que tá rolando?

— Sinceramente... — concordou Leo.

— Nós precisamos tirar vocês daqui — disse Butch. — Eu explico no caminho.

— Eu não vou a lugar nenhum com ela. — Jason apontou em direção a loira. — Ela me olha como se quisesse me matar.

Butch hesitou.

— Annabeth é tranquila. Você tem que dar uma folga pra ela. Ela teve uma visão dizendo para vir aqui, para achar um cara de um sapato só. Essa deveria ser a resposta para o problema dela.

— Qual problema? — perguntou Piper.

— Ela está procurando por um dos nossos campistas, que está desaparecido há três dias — disse Butch. — Ela está louca de preocupação. Esperava que ele estivesse aqui.

— Quem? — perguntou Jason.

— O namorado dela — disse Butch. — Um cara chamado Percy Jackson.

III

PIPER

Após uma manhã com espíritos de tempestade, homens-bode e namorados voadores, Piper deveria estar perdendo a cabeça. Ao invés disso, tudo que ela sentia era medo.

Está começando, pensou Piper. *Assim como no sonho*.

Ela ficou na parte de trás da biga com Leo e Jason, enquanto o garoto careca, Butch, controlava as rédeas, e a garota loira, Annabeth, ajustava um aparelho de navegação feito de bronze. Eles decolaram do Grand Canyon e rumaram para o leste, o vento frio passando direto pelo casaco de Piper. Atrás deles, mais nuvens de tempestade estavam se formando.

A biga balançou e deu um tremor. Não havia cintos de segurança, e a parte de trás era aberta. Piper imaginou se Jason poderia pegá-la novamente se ela caísse. Aquilo fora a parte mais perturbadora da manhã – não que Jason pudesse voar, mas que ele a havia segurado nos braços e ainda assim não sabia quem ela era.

Durante todo o semestre ela trabalhara no relacionamento, tentando fazer Jason perceber que ela era mais que uma amiga. Finalmente ela havia conseguido a grande vitória de beijá-lo. As últimas semanas foram as melhores de sua vida. E então, três noites atrás, o sonho havia arruinado tudo – aquela voz horrível, dando-lhe horríveis notícias.

Ela não tinha contado para ninguém, nem mesmo a Jason.

Agora ela nem mesmo tinha *ele*. Era como se alguém tivesse apagado a memória dele, e ela estava presa no pior *replay* de todos os tempos. Ela queria gritar. Jason estava de pé ao seu lado direito: aqueles olhos da cor do céu, o cabelo loiro cortado curto, a pequena e bonita cicatriz em seu lábio superior. Seu rosto era bondoso e gentil, mas sempre um pouco triste. E ele só olhava para o horizonte, nem mesmo notando-a.

Entretanto, Leo estava sendo chato, como de costume.

— Isso é tão legal! — Ele cuspiu uma pena de pégaso da boca. — Para onde estamos indo?

— Para um lugar seguro — disse Annabeth. — O *único* lugar seguro para pessoas como nós. O Acampamento Meio-Sangue.

— Meio-Sangue? — Piper estava imediatamente atenta. Ela odiava aquela palavra. Ela fora chamada de meio-sangue várias vezes – meio índia, meio branca – e nunca era um elogio. — Esse é algum tipo de brincadeira sem-graça?

— Ela quer dizer que somos semideuses — disse Jason. — Meio deuses, meio mortais.

Annabeth olhou para trás.

— Você parece saber muito, Jason. Mas, sim, semideuses. Minha mãe é Atena, deusa da sabedoria. O Butch aqui é filho de Íris, a deusa do arco-íris.

Leo engasgou.

— Sua mãe é a deusa do arco-íris?

— Tem algum problema com isso? — disse Butch.

— Não, não — disse Leo. — Arco-íris. Muito másculo.

— Butch é nosso melhor cavaleiro — disse Annabeth. — Ele se dá bem com os pégasos.

— Arco-íris, pôneis — murmurou Leo.

— Eu vou te jogar dessa biga... — alertou Butch.

— Semideuses — disse Piper. — Você quer dizer que acha que é... você acha que nós somos...

Um raio cortou o céu. A carruagem estremeceu, e Jason gritou:

— A roda direita está pegando fogo!

Piper recuou. Sem dúvida, a roda estava queimando, chamas brancas subiam pela lateral da biga.

O vento zuniu. Piper olhou para trás e viu formas escuras formando-se nas nuvens, mais espíritos da tempestade espiralando para a biga – exceto que esses pareciam mais cavalos que anjos.

Ela começou a perguntar:

— Por que esses são...

— Os *anemoi* vem em diferentes formas — disse Annabeth. — Às vezes como humanos, às vezes garanhões dependendo de quão caóticos eles são. Segure-se. Isso vai ficar feio.

Butch chicoteou as rédeas. Os pégasos aumentaram a velocidade com uma explosão, e a carruagem ficou indistinta. O estômago de Piper se revirou. Sua visão escureceu e, quando voltou ao normal, eles estavam num lugar totalmente diferente.

Um oceano cinza e frio estendia-se à esquerda. Campos cobertos de neve, estradas, e florestas expandiam-se na direita. Diretamente abaixo deles havia um vale verde, como uma ilha de primavera, cercada por colinas nevadas e pela água, ao norte. Piper viu construções como os templos da

Grécia Antiga, uma grande mansão azul, complexos esportivos, um lago e uma parede de alpinismo que parecia estar em chamas. Mas, antes que ela realmente pudesse processar tudo que estava vendo, as rodas deles se soltaram e a biga despencou do céu.

Annabeth e Butch tentaram manter o controle. Os pégasos trabalharam para segurar a biga no voo, mas eles pareciam exaustos da explosão de velocidade, e carregar o peso de cinco pessoas era simplesmente demais.

— O lago! — gritou Annabeth. — Mire no lago!

Piper se lembrou de algo que seu pai havia contado uma vez para ela, sobre cair na água de grandes alturas ser tão ruim quanto cair no concreto.

E então – *BUM!*

O maior choque foi o frio. Ela estava submersa, tão desorientada que não sabia qual caminho levava para cima.

Ela só conseguia pensar: *Esse seria um jeito estúpido de morrer.* Então rostos apareceram na escuridão verde – garotas com longos cabelos negros e olhos amarelos brilhantes, que sorriram para ela, pegaram seus ombros e a puxaram.

Elas lançaram-na para cima, ofegando e tremendo de frio, para a praia. Próximo a ela, Butch estava no lago cortando as armaduras naufragadas dos pégasos. Felizmente, os cavalos pareciam bem, mas eles estavam batendo as asas e espirrando água para todo lado. Jason, Leo e Annabeth já estavam na praia, rodeados por garotos dando-lhes cobertores e fazendo perguntas. Alguém pegou Piper pelos braços e a ajudou a ficar em pé. Aparentemente, as pessoas caiam no lago com frequência, pela razão de que alguns dos campistas correram para cima dela com folhas grandes de bronze parecendo sopradores e jogaram ar quente em Piper, o que fez com que em aproximadamente dois segundos suas roupas estivessem secas.

Havia pelo menos vinte campistas ao redor – o mais novo com talvez nove anos, o mais velho em nível de faculdade, dezoito ou dezenove – e todos eles tinham camisetas laranja como a de Annabeth. Piper olhou novamente para a água e viu aquelas estranhas garotas um pouco abaixo da superfície, seus cabelos flutuando na correnteza. Elas acenaram com *adeusinho* e desapareceram nas profundezas. Um segundo depois, destroços da biga foram atirados do lago e caíram ali perto, fazendo um ruído de coisa molhada.

— Annabeth! — Um cara com um arco e aljava nas costas abriu caminho através da multidão. — Eu disse que você poderia pegar *emprestada* a biga, e não destruí-la!

— Will, me desculpe. — Annabeth suspirou. — Eu vou consertá-la, prometo.

Will olhou zangado para sua carruagem destruída. Então ele olhou Piper, Leo e Jason.

— São esses? Eles têm bem mais que treze anos. Por que ainda não foram reclamados?

— Reclamados? — perguntou Leo.

Antes que Annabeth pudesse responder, Will disse:

— Algum sinal de Percy?

— Não — admitiu Annabeth.

Os campistas murmuraram. Piper não tinha ideia de quem esse cara, Percy, era, mas seu desaparecimento parecia ser algo consideravelmente grande.

Outra garota avançou – alta, asiática, o cabelo negro em cachos, várias joias e maquiagem perfeita. De algum jeito, ela conseguia fazer jeans e uma camiseta laranja parecerem deslumbrantes. Ela olhou para Leo, fixou os olhos em Jason como se ele merecesse sua atenção, então torceu os lábios

para Piper como se ela fosse um burrito velho que havia sido tirado de uma lixeira. Piper conhecia esse tipo de garota. Já lidara com muitas assim na Escola da Vida Selvagem e em todas as outras estúpidas escolas que seu pai havia lhe mandara. Piper soube instantaneamente que elas seriam inimigas.

— Bem — a garota disse — espero que eles valham o problema.

Leo bufou.

— Nossa, obrigado. O que nós somos, seus novos mascotes?

— Sem brincadeiras — disse Jason. — Quem sabe algumas respostas antes de vocês começarem a nos julgar? Tipo, o que é esse lugar, porque estamos aqui, quanto tempo temos que ficar?

Piper tinha as mesmas perguntas, mas uma onda de ansiedade passou sobre ela. *Valham o problema*. Se eles ao menos soubessem sobre seu sonho. Eles não tinham ideia...

— Jason — disse Annabeth, — prometo que vamos responder suas perguntas. E Drew — ela franziu a testa para a garota bonita — todos os semideuses valem a pena. Mas vou admitir que a viagem não foi como eu esperava.

— Ei — disse Piper, — nós não pedimos para sermos trazidos aqui.

Drew fungou.

— E ninguém *quer* vocês. Seu cabelo sempre parece um texugo morto?

Piper avançou pronta para bater nela, mas Annabeth disse:

— Piper, pare.

Piper parou. Ela não estava nem um pouco amedrontada com Drew, mas Annabeth não parecia com alguém que ela iria querer como inimiga.

— Precisamos fazer nossos recém-chegados sentirem-se em casa — disse Annabeth, com outro olhar afiado para Drew. — Vamos designar um guia para cada, dar um passeio no acampamento. Esperançosamente, na fogueira dessa noite, eles serão reclamados.

— Alguém vai me dizer o que significa *reclamados*? — perguntou Piper.

Subitamente houve um ofego coletivo. Os campistas cederam. Primeiro Piper pensou que fez algo errado. Então ela percebeu que seus rostos estavam banhados numa estranha luz vermelha, como se alguém tivesse acendido uma tocha atrás dela. Ela se virou e quase esqueceu como respirar.

Flutuando sobre a cabeça de Leo estava uma imagem holográfica em chamas – um martelo de fogo.

— Isso — disse Annabeth, — é ser reclamado.

— O que eu fiz? — Leo voltou para o lago. Então ele olhou para cima e gritou: — Meu cabelo está queimando?

Ele se abaixou, mas o símbolo o seguiu, subindo e descendo de forma que parecia que ele estava tentando escrever algo em chamas com a cabeça.

— Isso não deve ser bom — murmurou Butch. — A maldição...

— Butch, cale-se — disse Annabeth. — Leo, você acabou de ser reclamado...

— Por um deus — interrompeu Jason. — Esse é o símbolo do Vulcano, não é?

Todos os olhos viraram para ele.

— Jason, — disse Annabeth cuidadosamente — como você sabe disso?

— Não sei.

— Vulcano? — perguntou Leo. — Eu nem GOSTO de *Star Trek*. Sobre o que vocês estão falando?

— Vulcano é o nome romano para Hefesto, — disse Annabeth — o deus dos ferreiros e do fogo.

O martelo de fogo enfraqueceu, mas Leo continuou agitando o ar como se tivesse medo que aquilo estivesse lhe seguindo.

— O deus do *quê?* Quem?

Annabeth virou para o cara com o arco.

— Will, você poderia ficar com Leo, dar um passeio? Apresente-o aos seus companheiros no chalé nove.

— Claro, Annabeth.

— O que é chalé nove? — perguntou Leo. — E eu não sou um Vulcano!

— Vamos lá, Sr. Spock, eu vou explicar tudo. — Will colocou uma mão no ombro dele e desviou-o em direção aos chalés.

Annabeth voltou sua atenção para Jason. Geralmente, Piper não gostava quando outras garotas olhavam seu namorado, mas Annabeth não parecia se importar de que ele fosse um cara bonito. Ela estudou-o mais como se ele fosse um projeto arquitetônico complicado.

Finalmente ela disse:

— Mostre seu braço.

Piper viu o que ela estava vendo, e seus olhos arregalaram-se.

Jason tinha tirado seu casaco depois do mergulho no lago, deixando os braços nus, e na parte interna do antebraço direito havia uma tatuagem. Como Piper nunca havia notado antes? Ela olhara para os braços de Jason um milhão de vezes. A tatuagem não poderia ter simplesmente *aparecido*, mas estavam gravadas com uma cor escura, impossível de errar: uma dúzia de linhas retas como um código de barras, e acima delas, uma águia com as letras SPQR.

— Eu nunca vi marcas como essas — disse Annabeth. — Onde você as conseguiu?

Jason balançou a cabeça.

— Eu realmente estou cansado de dizer isso, eu não sei.

Os outros campistas empurraram-se para frente, tentando dar uma olhada na tatuagem de Jason. As marcas pareciam aborrecê-los *muito* – quase como uma declaração de guerra.

— Elas parecem queimadas na sua pele — notou Annabeth.

— Elas foram — disse Jason. Então ele estremeceu como se sua cabeça estivesse doendo. — Quero dizer... Eu acho que foram. Eu não lembro.

Ninguém disse nada. Estava claro que os campistas viam Annabeth como a líder. Eles estavam esperando por seu veredicto.

— Ele precisa ir direto para Quíron — decidiu Annabeth. — Drew, você poderia...

— Claro. — Drew atou seu braço ao de Jason. — Desse jeito, querido. Eu vou lhe apresentar ao nosso diretor. Ele é... um cara *interessante*. — Ela deu a Piper um olhar presunçoso e virou Jason em direção a grande casa azul na colina.

A multidão começou a dispersar, até sobrar somente Annabeth e Piper.

— Quem é Quíron? — perguntou Piper. — Jason está em algum tipo de encrenca?

Annabeth hesitou.

— Boa pergunta, Piper. Vamos lá, vamos dar uma volta. Precisamos conversar.

IV

PIPER

Piper logo percebeu que o coração de Annabeth não estava no passeio.

Ela falou sobre todas essas coisas surpreendentes que o acampamento oferecia – arco e flecha mágicos, equitação de pégaso, a parede de escalada com lava, luta com monstros – mas ela não demonstrou nenhuma animação, como se sua mente estivesse em outro lugar. Ela apontou para o pavilhão de jantar ao ar livre que contemplava do alto o Estuário de Long Island. (Sim, Long Island, Nova York; eles haviam viajado *aquela* distância na biga). Annabeth explicou que o Acampamento Meio-Sangue era na maior parte um acampamento de verão, só que alguns ficavam aqui quase o ano inteiro, e eles tinham adicionado tantos campistas que sempre estava cheio agora, até no inverno.

Piper queria saber quem dirigia o acampamento, e como eles sabiam que Piper e seus amigos eram membros dali. Ela queria saber se teria que ficar em tempo integral ou se teria alguma vantagem nas atividades. Alguém

poderia ser reprovado em luta com monstros? Milhões de perguntas borbulhavam na sua cabeça, mas dado o ânimo de Annabeth, ela decidiu ficar quieta.

Enquanto elas subiam uma colina na beira do acampamento, Piper se virou e teve uma incrível visão do vale – uma grande extensão de florestas ao noroeste, uma linda praia, o riacho, o lago de canoagem, magníficos campos verdes e os chalés – um bizarro agrupamento de construções, arranjados na forma de um ômega (Ω) com um gramado no centro e dois anexos nas extremidades. Piper contou vinte chalés. Um brilhava a ouro, outro a prata. Um tinha grama no telhado. Outro era vermelho vivo com trincheiras de arame farpado. Um chalé era preto com ardentes tochas verdes na frente.

Tudo isso parecia como um mundo diferente das colinas nevadas e campos do lado de fora.

— O vale é protegido dos olhos mortais — explicou Annabeth. — Como você pode ver, o clima é controlado, também. Cada chalé representa um deus grego, e neles vivem os filhos desses deuses.

Ela observava Piper como se estivesse tentando avaliar como a garota estava recebendo aquelas novidades.

— Você está dizendo que minha mãe é uma deusa?

Annabeth assentiu.

— Você está aceitando isso muito bem.

Piper não pôde dizer a ela o porquê. Ela não podia admitir que isso só confirmava algumas misteriosas sensações que ela teve por anos, discussões que ela tivera com seu pai sobre o porquê de não haverem fotos da mãe na casa, e o motivo de o pai nunca ter lhe contado exatamente como ou por quê sua mãe os deixara. Mas principalmente, o sonho a alertara que isso estava vindo. *Logo eles a encontrarão, semideusa,* aquela voz ressoou. *Quando eles lhe encontrarem, siga nossas instruções. Colabore, e seu pai poderá viver.*

Piper respirou fundo.

— Acho que depois dessa manhã, é um pouco mais fácil de acreditar. Então, quem é minha mãe?

— Devemos saber logo — disse Annabeth. — Você tem o que... quinze anos? Os deuses deviam ter reclamado você quando tinha treze. Esse foi o acordo.

— Acordo?

— Eles fizeram uma promessa no último verão... bem, é uma longa história... mas eles prometeram não ignorar seus filhos semideuses, não mais, e reclamá-los na hora em que fizessem treze anos. Às vezes demora um pouco, mas você viu como foi rápido para Leo ser reclamado quando chegou aqui. Deve acontecer com você em breve. De noite, na fogueira, aposto que teremos um sinal.

Piper queria saber se ela teria um grande martelo flamejante sobre a cabeça ou, com sua sorte, algo até mais constrangedor. Um golfinho flamejante, talvez.

Quem quer que fosse sua mãe, Piper não tinha razão para pensar que ela estaria orgulhosa de reclamar uma filha cleptomaníaca com tantos problemas.

— Por que treze anos?

— Quanto mais velhos vocês ficam, — disse Annabeth — mais facilmente são notados pelos monstros, que vão tentar matá-los. Por volta dos treze anos geralmente isso começa. É por isso que mandamos protetores nas escolas, para encontrá-los e trazê-los ao acampamento antes que seja tarde demais.

— Como o Treinador Hedge?

Annabeth assentiu.

— Ele... ele é um sátiro: meio homem, meio bode. Sátiros trabalham para o acampamento, encontrando semideuses, protegendo-os, trazendo-os enquanto ainda há tempo.

Piper não tinha problemas para acreditar que o Treinador Hedge era metade bode. Ela vira-o comer. Nunca gostou muito do treinador, mas não podia acreditar que ele se sacrificara para salvá-los.

— O que aconteceu com ele? — perguntou ela. — Quando subimos nas nuvens, ele... ele se foi para sempre?

— Difícil dizer. — A expressão de Annabeth estava aflita. — Espíritos da tempestade... são difíceis de combater. Mesmo nossas melhores armas, de bronze celestial, passam através deles, a não ser que você consiga pegá-los de surpresa.

— A espada de Jason transformou-os em pó — lembrou Piper.

— Ele teve sorte, então. Se você acerta em cheio um monstro, você pode dissolvê-los, enviar a sua essência de volta ao Tártaro.

— Tártaro?

— Um abismo imenso no Mundo Inferior de onde os piores monstros vêm. Um tipo de buraco de maldade sem fundo. De qualquer jeito, quando um monstro é desintegrado, geralmente leva meses, anos até que possa se reformar. Mas desde que esse espírito da tempestade, Dylan, escapou... bem, eu não sei por que ele manteria Hedge vivo. Hedge era um protetor, entretanto. Ele conhecia os riscos. Sátiros não tem almas mortais. Ele irá reencarnar como uma árvore, flor ou alguma coisa assim.

Piper tentou imaginar o Treinador Hedge como uma moita irritada de amor-perfeito. Aquilo a fez sentir-se pior ainda.

Ela olhou fixamente para os chalés abaixo, e uma sensação preocupante a tomou. Hedge morrera para trazê-la aqui em segurança. O chalé da sua

mãe estava em algum lugar ali embaixo, o que significava que ela tinha irmãos e irmãs, mais pessoas a quem ela trairia.

Faça o que dissermos, a voz tinha dito. *Ou as consequências serão dolorosas.*

Ela fechou as mãos em punhos sob os braços cruzados, tentando fazê-las parar de tremer.

— Vai ficar tudo bem — prometeu Annabeth. — Você tem amigos aqui. Todos nós temos vivido coisas esquisitas. Sabemos o que você está passando.

Duvido, pensou Piper.

— Eu fui expulsa de cinco escolas diferentes nesses últimos cinco anos — disse ela. — Meu pai não sabe mais onde me matricular.

— Só cinco? — Annabeth não soava como se estivesse provocando. — Piper, todos aqui somos encrenqueiros qualificados. Eu fugi de casa quando tinha sete anos.

— Sério?

— Ah, sim. A maior parte de nós e diagnosticada com transtorno de déficit de atenção ou dislexia, ou ambos...

— Leo tem TDAH — disse Piper.

— Certo. É porque somos preparados para a batalha. Agitados, impulsivos... não nos saímos bem entre as crianças normais. Você devia ouvir quantas encrencas Percy... — seu rosto ficou sério. — De qualquer jeito, semideuses conseguem uma má reputação. Como você arrumou encrenca?

Normalmente quando alguém fazia aquela pergunta, Piper começava uma briga, ou mudava de assunto, ou causava algum tipo de distração. Mas por algum motivo ela achou-se falando a verdade.

— Eu roubo coisas — disse ela. — Bem, não exatamente *roubo*...

— Sua família é pobre?

Piper riu amargamente.

— Não mesmo. Eu fazia isso... não sei por quê. Para chamar atenção, acho. Meu pai nunca tinha tempo para mim a menos que eu estivesse em apuros.

Annabeth assentiu.

— Eu posso entender. Mas você disse que não roubava exatamente. O que você quis dizer?

— Bem... ninguém nunca acredita em mim. A polícia, professores... até as pessoas de quem eu roubava: elas ficavam constrangidas, negavam tudo. Mas a verdade é que eu não roubo nada. Eu apenas peço coisas para as pessoas. E eles me dão. Até uma BMW conversível. Eu só pedi. E o revendedor disse "Certo. Leve." Depois, ele percebeu o que fez, acho. Então a polícia veio atrás de mim.

Piper esperou. Ela estava costumada as pessoas chamando-a de mentirosa, mas quando ergueu os olhos, Annabeth apenas assentiu.

— Interessante. Se seu *pai* fosse o deus, eu diria que você é uma criança de Hermes, deus dos ladrões. Ele pode ser bastante persuasivo. Mas seu pai é mortal...

— Muito — concordou Piper.

Annabeth balançou a cabeça, aparentemente iludida.

— Eu não sei, então. Com sorte, sua mãe irá lhe reclamar ainda esta noite.

Piper quase esperou que isso não acontecesse. Se sua mãe fosse uma deusa, ela saberia sobre aquele sonho? Ela saberia o que Piper fora pedida para fazer? Piper queria saber se deuses olimpianos alguma vez detonaram seus filhos com raios por serem maus ou os mandaram para o Mundo Inferior.

Annabeth a estudava. Piper decidiu que teria de ser cuidadosa com o que diria agora. Annabeth era obviamente bastante esperta. Se alguém descobrisse seu segredo...

— Vamos lá — disse Annabeth finalmente. — Há uma coisa a mais que eu preciso checar.

Elas andaram um pouco mais até que alcançaram uma caverna perto do topo da colina. Ossos e espadas velhas espalhavam-se no chão. Tochas ladeavam a entrada, que estava coberta com uma cortina de veludo enfeitada com cobras. Parecia o cenário para algum tipo de show de marionetes.

— O que tem aí? — perguntou Piper.

Annabeth deu uma espiada, então suspirou e fechou as cortinas.

— Agora, nada. O lugar é de uma amiga. Estive esperando-a por alguns dias, mas até agora, nada.

— Sua amiga mora numa caverna?

Annabeth quase sorriu.

— Na verdade, a família dela tem um condomínio de luxo no Queens, e ela frequenta uma escola de moças em Nova Hampshire. Mas quando ela está aqui no acampamento, sim, ela mora na caverna. Ela é nosso oráculo, prevê o futuro. Eu estava esperando que ela pudesse me ajudar...

— A encontrar Percy — supôs Piper.

Toda a energia drenou-se de Annabeth, como se ela estivesse segurando-a o máximo que podia. Ela sentou numa rocha, e sua expressão estava tão cheia de dor, que Piper sentiu-se mal por estar ali olhando.

Ela forçou-se a olhar para outro lado. Seus olhos flutuaram para o topo da colina, onde um pinheiro solitário dominava o horizonte. Algo brilhava no seu galho mais baixo – como um tapete felpudo e dourado.

Não... Não um tapete. Era uma pele de carneiro.

Ok, pensou Piper. Acampamento grego. Eles *têm* uma réplica do Velocino de Ouro.

Então ela notou a base da árvore. No começo ela pensou que a árvore estava enrolada numa pilha de cabos roxos. Mas os cabos tinham escamas reptilianas, patas com garras, e uma cabeça parecida com a de uma cobra com olhos amarelos e narinas fumegantes.

— Aquilo é... um dragão — gaguejou ela. — Aquele é o Velocino de Ouro *verdadeiro?*

Annabeth assentiu, mas estava claro que ela não estava realmente ouvindo. Seus ombros abaixaram. Ela esfregou o rosto e respirou fundo.

— Desculpe. Estou um pouco cansada.

— Você parece a ponto de desmoronar — disse Piper. — Há quanto tempo está procurando pelo seu namorado?

— Três dias, seis horas, e aproximadamente vinte minutos.

— E você não tem ideia do que aconteceu com ele?

Annabeth balançou a cabeça miseravelmente.

— Estávamos tão animados porque nossas férias de verão tinham começado mais cedo. Nós nos encontraríamos no acampamento na terça-feira, calculamos que tínhamos três semanas juntos. Seria incrível. Então, depois da fogueira, ele... me deu um beijo de boa noite, voltou para o seu chalé, e na manhã seguinte, havia sumido. Procuramos pelo acampamento inteiro. Contatamos sua mãe. Tentamos alcançá-lo de todas as maneiras que sabemos. Nada. Ele simplesmente desapareceu.

Piper estava pensando: *Três dias atrás.* A mesma noite que ela tivera seu sonho.

— Há quanto tempo vocês dois estão juntos?

— Desde agosto — disse Annabeth. — Dezoito de agosto.

— Quase a mesma época quando conheci Jason — disse Piper. — Mas só ficamos juntos por algumas semanas.

Annabeth estremeceu.

— Piper... sobre isso. Talvez você devesse sentar-se.

Piper sabia onde isso ia dar. Pânico começou a crescer dentro dela, como se os pulmões estivessem cheios d'água.

— Olhe, eu sei que Jason pensa... ele pensa que simplesmente *apareceu* na nossa escola hoje. Mas não é verdade. Eu o conheço há quatro meses.

— Piper — disse Annabeth tristemente. — É a Névoa.

— O quê?

— N-é-v-o-a. É um tipo de véu que separa o mundo mortal do mundo mágico. Mentes mortais... elas não podem processar coisas estranhas como deuses e monstros, então a Névoa distorce a realidade. Faz mortais verem coisas de um modo que eles *possam* entender... é como se os olhos deles simplesmente não notassem esse vale, ou eles pudessem olhar para aquele dragão e ver uma pilha de cabos.

Piper engoliu em seco.

— Não. Você mesma disse que eu não sou uma mortal comum. Eu sou uma semideusa.

— Até mesmo semideuses podem ser afetados. Eu vi isso várias vezes. Monstros infiltram-se em lugares como escolas, passam-se por humanos, e todos *acham* que lembram daquela pessoa. Eles acreditam que ela sempre esteve por perto. A Névoa pode manipular memórias, até mesmo criar lembranças de coisas que nunca aconteceram...

— Mas Jason não é um monstro! — insistiu Piper. — Ele é um humano, ou semideus, ou como você quiser chamá-lo. Minhas memórias não são falsas. Elas são *muito* reais. O dia em que nós colocamos fogo na calça do Treinador Hedge. A vez que Jason e eu assistimos uma chuva de

meteoros no telhado do dormitório e eu finalmente consegui fazer com que o bobo me beijasse...

Ela encontrou-se falando, contando para Annabeth sobre todo o seu semestre na Escola da Vida Selvagem. Ela havia gostado de Jason desde a primeira semana que se encontraram. Ele era tão bondoso com ela, tão paciente, conseguia até aturar o hiperativo Leo e suas estúpidas brincadeiras. Ele a aceitara por ser ela mesma e não a julgou por causa das besteiras que ela fizera. Eles gastaram horas conversando, olhando para as estrelas, e... *finalmente...* dado as mãos. Tudo aquilo *não podia* ser mentira.

Annabeth franziu os lábios.

— Piper, suas memórias são mais detalhadas que a maioria. Vou admitir isso e não sei por que. Mas se você o conhece tão bem...

— Eu conheço!

— Então de onde ele é?

Piper sentiu-se como se fosse atingida entre os olhos.

— Ele deve ter me dito, mas...

— Você já havia notado a tatuagem dele? Ele já lhe disse alguma coisa sobre seus pais, ou seus amigos, ou sua última escola?

— Eu... eu não sei, mas...

— Piper, qual é o sobrenome dele?

Sua mente ficou vazia. Ela não sabia o sobrenome de Jason. Como era possível?

Ela começou a chorar. Ela se sentiu uma completa tola, mas sentou-se na rocha do lado de Annabeth e sentiu-se quebrada em pedaços. Era muito. *Tudo* que era bom na sua vida estúpida e miserável tinha que ser tirado?

Sim, o sonho lhe havia dito. *Sim, a menos que você faça exatamente o que dissermos.*

— Ei — disse Annabeth. — Vamos descobrir. Jason está aqui agora. Quem sabe? Talvez vocês se resolvam realmente.

Não é provável, pensou Piper. *Não se o sonho for verdade*. Mas ela não podia falar isso.

Ela limpou uma lágrima da bochecha.

— Você me trouxe aqui para que ninguém me visse chorando, não é?

Annabeth deu de ombros.

— Pensei que seria difícil para você. Eu sei como é perder um namorado.

— Mas eu ainda não posso acreditar... Eu *sei* que tivemos algo. E agora simplesmente se foi, ele nem me reconhece. Se ele realmente só apareceu hoje, então por quê? Como ele chegou aqui? Por que ele não pode se lembrar de nada?

— Boas perguntas — disse Annabeth. — Esperamos que Quíron possa compreender isso. Mas agora, precisamos deixar você arrumada. Está pronta para voltar lá pra baixo?

Piper olhou o louco agrupamento de chalés no vale. Sua nova casa, uma família que, supostamente, a entendia – mas em breve eles seriam apenas mais um grupo de pessoas que ela desapontaria, mais um lugar de onde ela seria expulsa.

Você irá traí-los por nós, alertara-lhe a voz. *Ou você perderá tudo.* Ela não tinha escolha.

— Sim — mentiu ela. — Estou pronta.

No campo central, um grupo de campistas estava jogando basquete. Eles eram jogadores incríveis. Nenhum errava o aro. Cestas de três pontos entravam automaticamente.

— Chalé de Apolo — explicou Annabeth. — Adoram se exibir com projéteis, flechas, bolas de basquete.

Elas passaram por um pátio que ficava no meio de tudo, onde dois rapazes lutavam com espadas.

— Lâminas reais? — notou Piper. — Não é perigoso?

— Corta essa... — disse Annabeth. — Ah, desculpe. Trocadilho ruim. Aquele é o meu chalé. Número seis.

Ela indicou uma construção cinza com uma coruja esculpida sobre a porta. Através da entrada aberta, Piper pode ver prateleiras de livros, um mostruário de armas e uma daquelas lousas digitais que se tem em salas de aula. Duas garotas estavam desenhando um mapa que parecia com um diagrama de batalha.

— Falando em lâminas, — continuou Annabeth — venha aqui.

Ela levou Piper para o lado do chalé, para um grande abrigo de metal que parecia que fora feito para instrumentos de jardinagem. Annabeth destrancou-o, e dentro não havia *nenhum* instrumento de jardinagem, a menos que alguém quisesse fazer uma guerra em suas plantações de tomate. O abrigo estava alinhado com todos os tipos de armas – de espadas e arpões a tacos como o do Treinador Hedge.

— Todo semideus precisa de uma arma. Hefesto faz as melhores, mas temos uma boa seleção, também. Atena é sinônimo de estratégia: encontrar a arma perfeita para a pessoa certa. Vamos ver...

Piper não estava muito no clima para uma tarde de compras de equipamentos mortíferos, mas ela sabia que Annabeth estava tentando fazer algo bondoso para ela.

Annabeth lhe ofereceu uma pesada espada, que Piper dificilmente conseguiria levantar.

— Não — ambas disseram ao mesmo tempo.

Annabeth procurou um pouco mais longe no galpão e trouxe outra coisa.

— Uma espingarda? — perguntou Piper.

— Mossberg 500 — Annabeth engatilhou a arma como se aquilo não fosse nada demais. — Não se preocupe. Não fere humanos. Foi modificada para atirar bronze celestial, então só mata monstros.

— Hã, eu não acho que seja meu estilo — disse Piper.

— Hum, sim — concordou Annabeth. — Muito espalhafatosa.

Ela colocou a espingarda de volta e começou a remexer em uma prateleira de bestas quando algo no canto do galpão chamou a atenção de Piper.

— O que é aquilo? — disse ela. — Uma faca?

Annabeth tirou-a e assoprou a poeira da bainha. Parecia não ter visto a luz do dia por séculos.

— Não sei, Piper. — Annabeth soou inquieta. — Não acho que você queira essa. Espadas geralmente são melhores.

— Você usa uma faca. — Piper apontou para a faca presa no cinto de Annabeth.

— Sim, mas... — Annabeth deu de ombros. — Bem, dê uma olhada se quiser.

A bainha usada era de couro e preta, atada em bronze. Nada extravagante e superficial. O cabo de madeira polida cabia perfeitamente na mão de Piper. Quando ela desembainhou, encontrou uma lâmina triangular de quarenta e cinco centímetros, e o bronze cintilava como se tivesse sido polido ontem. As pontas eram mortalmente afiadas.

Seu reflexo na lâmina pegou-a de surpresa. Ela parecia mais velha, mais séria, e não tão assustada quanto se sentia.

— Ela é perfeita para você — admitiu Annabeth. — Esse tipo de adaga chama-se *parazônio*. Era sobretudo cerimonial, carregada por oficiais de auto nível nos exércitos gregos. Denotava poder e riqueza. Numa luta, pode protegê-la bem.

— Eu gosto — disse Piper. — Por que você achou que não seria bom?

Annabeth suspirou.

— Essa arma tem uma longa história. A maioria das pessoas teria medo de ficar com ela. Sua primeira dona... bem, as coisas não foram muito bem para ela. Seu nome era Helena.

Piper engasgou.

— Espere, você quer dizer *aquela* Helena? Helena de Troia?

Annabeth assentiu.

Subitamente, Piper sentiu que devia estar segurando o punhal com luvas cirúrgicas.

— E isso está simplesmente acomodado no seu galpão de ferramentas?

— Estamos rodeados por coisas da Grécia Antiga — disse Annabeth. — Isso não é um museu. Armas como essa foram feitas para serem usadas. Elas são nossa herança como semideuses. Esse foi um presente de casamento de Menelau, primeiro marido de Helena. Ela nomeou a adaga como Katoptris.

— E o que significa?

— Espelho — disse Annabeth. — Vidro em que se olhar. Provavelmente, por que foi a única coisa para que Helena a usou. Não acho que esta lâmina tenha visto alguma batalha.

Piper olhou para a lâmina novamente. Por um momento, sua própria imagem olhou para ela, mas então o reflexo mudou. Ela viu chamas, e uma face grotesca como algo esculpido de um leito de rocha. Ela ouviu a mesma

risada como no sonho. Viu seu pai numa prisão, amarrando a um poste de frente para uma fogueira estrondosa.

Ela deixou a lâmina cair.

— Piper? — Annabeth gritou para as crianças de Apolo no campo. — Médico! Preciso de ajuda aqui!

— Não, está... está tudo bem — controlou-se Piper.

— Tem certeza?

— Sim. Eu só... — Ela tinha que se controlar. Com os dedos trêmulos, ela levantou a adaga. — Eu só fiquei um pouco tonta. Muitos acontecimentos hoje. Mas... eu quero ficar com a adaga, se estiver tudo bem.

Annabeth hesitou. Então acenou para que o pessoal de Apolo fosse embora.

— Ok, se é isso o que quer... Você ficou realmente pálida. Pensei que estivesse tendo uma convulsão ou algo assim.

— Estou legal — prometeu Piper, embora seu coração ainda estivesse acelerado. — Tem... hã, um celular no acampamento? Eu posso ligar pro meu pai?

Os olhos cinzentos de Annabeth estavam quase tão perturbadores quanto a lâmina da adaga. Ela parecia estar calculando um milhão de possibilidades, tentando ler os pensamentos de Piper.

— Não permitimos celulares — respondeu ela. — Para a maioria dos semideuses, usar um celular é como mandar um sinal, deixando os monstros saberem onde você está. Mas... eu tenho um. — Ela tirou-o rapidamente do bolso. — É meio contra as regras, mas se puder ser nosso segredo...

Piper pegou o aparelho, agradecida, tentando não deixar suas mãos tremerem. Ela distanciou-se de Annabeth e virou para encarar o campo central.

Ela ligou para a linha privada do pai, mesmo sabendo o que iria acontecer. Caixa postal. Ela esteve tentando por três dias, desde seu sonho. A Escola da Vida Selvagem só permitia o privilégio de usar o telefone uma vez por dia, mas ela ligou todas as manhãs, e não chegou a lugar nenhum.

Com relutância, ela discou o outro número. A assistente pessoal de seu pai respondeu imediatamente.

— Escritório do senhor McLean.

— Jane — disse Piper, rangendo os dentes. — Onde está meu pai?

Jane ficou em silêncio por um momento, provavelmente pensando se ela poderia escapar se desligasse.

— Piper, achei que você não devia ligar da escola.

— Talvez eu não esteja na escola — disse Piper. — Talvez eu tenha fugido para viver entre criaturas selvagens.

— Hum. — Jane não soava preocupada. — Bem, eu vou dizer que você ligou.

— Onde ele está?

— Saiu.

— Você não sabe onde ela está, sabe? — Piper diminuiu a voz, pensando que Annabeth poderia estar escutando. — Quando você vai ligar para a polícia, Jane? Ele pode estar com problemas.

— Piper, não vamos transformar isso num circo para a mídia. Tenho certeza de que ele está bem. Ele sai ocasionalmente. Mas ele sempre volta.

— Então é verdade. Você *não* sabe...

— Eu tenho que ir, Piper — gritou Jane. — Divirta-se na escola.

A linha ficou muda. Piper xingou. Ela voltou para Annabeth e devolveu o celular.

— Sem sorte? — perguntou Annabeth.

Piper não respondeu. Ela não confiava em si mesma no momento, de que não iria chorar de novo.

Annabeth olhou para a tela do telefone e hesitou.

— Seu sobrenome é McLean? Desculpe, sei que não é da minha conta, mas me parece realmente familiar...

— É um nome comum.

— Sim, suponho. O que seu pai faz?

— Ele é formado em artes — disse Piper, automaticamente. — É um artista Cherokee.

Sua resposta-padrão. Não uma mentira, mas também não a verdade completa. A maioria das pessoas, quando ouvia isso, entendia que seu pai vendia lembrancinhas indígenas numa banquinha ao lado da estrada numa reserva. Bonequinhos de touros que mexem a cabeça, colares de contas... esse tipo de coisa.

— Ah. — Annabeth não parecia convencida, mas ela guardou o telefone. — Você está se sentindo bem? Quer continuar?

Piper prendeu sua nova adaga no cinto e prometeu a si mesma que depois, quando estivesse sozinha, ela entenderia como aquilo funcionava.

— Claro. Eu quero ver tudo.

Todos os chalés eram legais, mas Piper não se identificou com nenhum deles. Nenhum sinal de fogo – um golfinho ou qualquer outra coisa – aparecia sobre sua cabeça.

O chalé oito era inteiramente de prata e brilhava como a luz da lua.

— Ártemis? — Piper deduziu.

— Você conhece a mitologia grega? — perguntou Annabeth.

— Eu li um pouco quando meu pai estava trabalhando num projeto ano passado.

— Pensei que ele trabalhasse com arte Cherokee.

Piper refreou um palavrão.

— Ah, certo. Mas... ele faz outras coisas também.

Piper pensou que tinha entregado tudo: McLean, mitologia grega. Felizmente, Annabeth não pareceu fazer a conexão.

— De qualquer jeito, — continuou Annabeth — Ártemis é deusa da lua e da caça. Mas ali não tem campistas. Ela é uma eterna donzela, não tem filhos.

— Ah.

Piper ficou desapontada. Ela sempre gostou das histórias de Ártemis, e pensou que ela seria uma boa mãe.

— Bem, *há* as Caçadoras de Ártemis — corrigiu Annabeth. — Elas nos visitam às vezes. Elas não são filhas da deusa, são suas servas... um bando de garotas imortais que se aventuram juntas por aí, caçando monstros e coisas assim.

Piper animou-se.

— Parece legal. Elas são imortais?

— A menos que morram em combate, ou quebrem seus juramentos. Mencionei que elas têm que se afastar dos garotos? Nada de namoro... nunca. Por toda a eternidade.

— Ah — disse Piper. — Deixa pra lá.

Annabeth riu. Por um momento ela pareceu quase feliz, e Piper imaginou que ela seria uma boa amiga em tempos melhores.

Esqueça, Piper lembrou-se. *Você não vai fazer amigos aqui. Não quando eles descobrirem tudo.*

Elas passaram pelo próximo chalé, o número dez, que estava decorado como uma casa da Barbie: cortinas com laços, porta rosa, vasos de cravos

nas janelas. Elas passaram pela entrada e o cheiro de perfume quase fez Piper vomitar.

— Nossa, é pra cá que as supermodelos vêm quando morrem?

Annabeth sorriu.

— Chalé de Afrodite. Deusa do amor. Drew é a conselheira-chefe.

— Percebe-se — rosnou Piper.

— Elas não são todas más — disse Annabeth. — A última conselheira-chefe que tivemos era incrível.

— O que aconteceu com ela?

A expressão de Annabeth escureceu.

— Devíamos continuar andando.

Elas olharam para os outros chalés, mas Piper só ficou mais deprimida. Ela queria saber se podia ser a filha de Deméter, a deusa da colheita.

Não, Piper matara todas as plantas que tocara. Atena era legal. Ou talvez Hécate, a deusa da magia. Mas isso realmente não importava. Até aqui, onde todos deviam encontrar um parente perdido, ela sabia que ainda acabaria sendo a criança indesejável. Ela não estava ansiosa pela fogueira hoje à noite.

— Nós começamos com os doze olimpianos — explicou Annabeth. — Deuses do sexo masculino na esquerda, do sexo feminino à direita. Então há alguns meses, acrescentamos um novo grupo de chalés para os outros deuses que não tinham tronos no Olimpo... Hécate, Hades, Íris...

— De quem são os dois maiores, no final? — perguntou Piper.

Annabeth franziu a testa.

— Zeus e Hera. Rei e rainha dos deuses.

Piper seguiu naquela direção, e Annabeth foi atrás, embora ela não parecesse muito animada. O chalé de Zeus fazia Piper se lembrar de um

banco. Mármore branco com grandes colunas na frente e portas de bronze polido decoradas com raios.

O chalé de Hera era menor, mas feito no mesmo estilo, exceto que as portas eram esculpidas com desenhos de penas de pavão, brilhando em diferentes cores.

Diferente dos outros chalés, que eram todos barulhentos, abertos e cheios de atividade, os chalés de Zeus e Hera pareciam fechados e em silêncio.

— Estão vazios? — perguntou Piper.

Annabeth assentiu.

— Zeus ficou um bom tempo sem ter filhos. Na verdade, foi quase isso. Zeus, Poseidon e Hades, os irmãos mais velhos entre os deuses, são chamados de Os Três Grandes. Seus filhos são realmente poderosos e perigosos. Pelos últimos setenta anos aproximadamente, eles tentaram evitar ter filhos semideuses.

— *Tentaram* evitar?

— Algumas vezes eles... hã, trapacearam. Eu tenho uma amiga, Thalia Grace, que é filha de Zeus. Mas ela desistiu da vida de campista e se tornou uma Caçadora de Ártemis. Meu namorado, Percy, ele é um filho de Poseidon. E há um garoto que aparece as vezes, Nico... filho de Hades. Exceto por eles, não há outros semideuses filhos dos Três Grandes. Pelo menos, não que saibamos.

— E Hera? — Piper olhou para as portas decoradas de pavão. O chalé a incomodava, embora ela não soubesse por quê.

— Deusa do casamento. — O tom de Annabeth estava cuidadosamente controlado, como se ela estivesse tentando evitar xingar. — Ela não tem filhos com ninguém a não ser Zeus. Assim, sem semideuses. É um chalé honorário.

— Você não gosta dela — notou Piper.

— É uma longa história — admitiu Annabeth. — Eu achei que teríamos paz, mas quando Percy desapareceu... eu tive uma visão esquisita na qual ela apareceu.

— Dizendo para você ir nos buscar — disse Piper. — Mas você pensou que Percy estaria ali.

— Provavelmente é melhor que eu não fale sobre isso — disse Annabeth. — Eu não tenho nada de bom para falar sobre Hera agora.

Piper olhou a base das portas.

— Então quem vem aqui?

— Ninguém. O é chalé honorário, como eu disse. Ninguém vem aqui.

— Alguém veio, sim. — Piper apontou para uma pegada na entrada empoeirada da porta.

Por instinto, ela empurrou as portas e elas abriram facilmente.

Annabeth recuou.

— Hã, Piper, não acho que deveríamos...

— Estamos aqui para fazer coisas perigosas, certo?

E Piper entrou.

O chalé de Hera não era um lugar onde Piper iria querer morar. Era tão frio quanto um freezer, com um círculo de colunas brancas ao redor de uma estátua central da deusa, de três metros de altura, sentada num trono em um fluído manto dourado. Piper sempre pensou em estátuas gregas como brancas e de olhos vazios, mas essa estava lustrosamente pintada de forma que parecia quase humana – exceto por ser imensa. Os olhos penetrantes de Hera pareciam seguir Piper.

Aos pés da deusa, uma chama queimava em um braseiro de bronze. Piper queria saber quem cuidava dali se o chalé estava sempre vazio. Havia

um falcão de pedra no ombro de Hera, e na sua mão havia um cajado com uma flor de lótus no topo. O cabelo da deusa estava preso em tranças negras. Seu rosto sorria, mas os olhos eram frios e calculadores, como se dissessem: A *mãe é quem melhor sabe. Não se ponha em meu caminho ou terei que pisar em você.*

Não havia mais nada no chalé – sem camas, móveis, banheiros, janelas, nada que realmente alguém pudesse usar para viver. Para uma deusa do lar e do casamento, o lugar de Hera fazia Piper se lembrar de uma tumba.

Não, essa não era sua mãe. Pelo menos Piper tinha certeza *daquilo*. Ela não entrara ali porque sentira uma *boa* conexão, mas porque seu sentido de medo era mais forte aqui. Seu sonho – aquele horrível ultimato que ela recebeu – tinha alguma relação com esse chalé.

Ela congelou. Elas não estavam sozinhas. Atrás da estátua, num pequeno altar, estava uma figura coberta por um xale escuro. Somente suas mãos eram visíveis, as palmas para cima. Ela parecia estar cantando um feitiço ou rezando.

Annabeth ofegou.

— Rachel?

A outra garota virou. Ela baixou o xale, revelando um cabelo ondulado e ruivo e um rosto sardento que não combinava com a seriedade do chalé ou do xale preto. Ela parecia ter uns dezessete anos, uma adolescente totalmente normal numa blusa verde e jeans surrados rabiscados de marca-texto. Apesar do chão frio, ela estava descalça.

— Ei! — Ela correu para dar um abraço em Annabeth. — Mil desculpas! Eu vim o mais rápido que pude.

Elas conversaram por alguns minutos sobre o namorado de Annabeth e como não havia notícias, etc., até finalmente Annabeth lembrar-se de Piper, que estava parada ali sentindo-se desconfortável.

— Estou sendo rude — desculpou-se Annabeth. — Rachel, essa é Piper, uma dos meio-sangues que resgatamos hoje. Piper, essa e Rachel Elizabeth Dare, nosso oráculo.

— A amiga que mora na caverna — supôs Piper.

Rachel sorriu.

— Sou eu.

— Então, você é um oráculo? — perguntou Piper. — Você pode prever o futuro?

— É mais como se o futuro viesse ao meu encontro de vez em quando — disse Rachel. — Eu faço profecias. O espírito do oráculo me sequestra vez ou outra e fala coisas importas que não fazem sentido para ninguém. Mas sim, as profecias contam o futuro.

— Ah. — Piper mudou o apoio de um pé ao outro. — Legal.

Rachel riu.

— Não se preocupe. Todos acham isso um pouco assustador. Até eu. Mas geralmente sou inofensiva.

— Você é uma semideusa?

— Não — disse Rachel. — Apenas mortal.

— Então o que você... — Piper indicou com a mão ao redor da sala.

O sorriso de Rachel esvaiu. Ela olhou para Annabeth, então voltou para Piper.

— Só uma intuição. Algo sobre esse chalé e o desaparecimento de Percy. Eles estão conectados de algum jeito. Eu aprendi a seguir minhas intuições, especialmente no mês passado, desde que os deuses se silenciaram.

— Silenciaram? — perguntou Piper.

Rachel franziu a testa para Annabeth.

— Você ainda não contou para ela?

— Eu estava chegando lá — disse Annabeth. — Piper, no último mês... Bem, é normal para os deuses não conversarem muito com os filhos, mas geralmente podemos contar com algumas mensagens uma hora ou outra. Alguns de nós podem até visitar o Olimpo. Eu passei praticamente todo o semestre no Edifício Empire State.

— Desculpe?

— É onde fica a entrada para o Monte Olimpo hoje em dia.

— Ah — disse Piper. — Certo, por que não?

— Annabeth estava redesenhando o Olimpo depois que foi destruído na Guerra dos Titãs — explicou Rachel. — Ela é uma arquiteta incrível. Você devia ver o bufê de saladas...

— Resumindo, — interrompeu Annabeth — há um mês, o Olimpo caiu em silêncio. A entrada foi fechada, e ninguém pode entrar. Ninguém sabe o porquê. É como se os deuses tivessem se fechado. Até minha mãe não responde mais minhas preces, e nosso diretor do acampamento, Dioniso, foi chamado de volta.

— O diretor do acampamento de vocês era o deus do... vinho?

— Sim, é uma...

— Longa história — supôs Piper. — Certo. Continue.

— É isso, realmente. Semideuses ainda são reclamados, porém nada mais. Sem mensagens. Sem visitas. Nenhum sinal que os deuses possam estar nos ouvindo. É como se algo tivesse acontecido, algo *realmente* ruim. Então Percy desapareceu.

— E Jason apareceu na nossa excursão de campo — completou Piper. — Sem memória.

— Quem é Jason? — Perguntou Rachel.

— Meu... — Piper parou antes que pudesse dizer "namorado," mas o efeito fez seu peito doer. — Meu amigo. Mas Annabeth, você disse que

Hera lhe mandou uma visão?

— Isso — disse Annabeth. — A primeira comunicação de um deus num mês, e justo Hera, a deusa menos útil, e ela faz contato comigo, sua semideusa menos favorita. Ela me disse que eu descobriria o que aconteceu com Percy se eu fosse para o Grand Canyon e encontrasse um garoto com um sapato só. Ao invés de Percy, eu encontro vocês, e o garoto do sapato é Jason. Não faz sentido.

— Algo ruim está acontecendo — concordou Rachel.

Ela olhou para Piper, e Piper sentiu um desejo esmagador de contar a elas sobre seu sonho, confessar que ela *sabia* o que estava acontecendo – pelo menos, parte da história. E as coisas ruins estavam apenas começando.

— Gente — disse ela. — Eu... eu preciso...

Antes que ela pudesse continuar, o corpo de Rachel endureceu. Seus olhos começaram a brilhar com uma luz esverdeada, e ela agarrou Piper pelos ombros.

Piper tentou recuar, mas as mãos eram como aço.

Liberte-me, disse ela. Mas não era a voz de Rachel. Soava como uma mulher mais velha, falando de algum lugar muito longe, muito abaixo, ecoando num tubo.

Liberte-me, Piper McLean, ou a terra irá nos engolir. Faça isso no solstício.

A sala começou a girar, Annabeth tentou separar Piper de Rachel, mas não adiantou. Fumaça verde a envolveu, e Piper não estava mais certa se ela estava acordada ou sonhando. A estátua gigante da deusa parecia levantar do trono. Inclinou-se para Piper, seu olhar atravessando-a. A boca da estátua abriu, sua respiração com um perfume horrivelmente denso. Ela falou na mesma voz ecoada: *Nossos inimigos se agitam. O flamejante é apenas o primeiro. Curve-se ao seu desejo, e o rei deles irá se erguer, condenando todos nós. LIBERTE-ME!*

Os joelhos de Piper dobraram, e tudo ficou escuro.

IV

PIPER

Piper logo percebeu que o coração de Annabeth não estava no passeio.

Ela falou sobre todas essas coisas surpreendentes que o acampamento oferecia – arco e flecha mágicos, equitação de pégaso, a parede de escalada com lava, luta com monstros – mas ela não demonstrou nenhuma animação, como se sua mente estivesse em outro lugar. Ela apontou para o pavilhão de jantar ao ar livre que contemplava do alto o Estuário de Long Island. (Sim, Long Island, Nova York; eles haviam viajado *aquela* distância na biga). Annabeth explicou que o Acampamento Meio-Sangue era na maior parte um acampamento de verão, só que alguns ficavam aqui quase o ano inteiro, e eles tinham adicionado tantos campistas que sempre estava cheio agora, até no inverno.

Piper queria saber quem dirigia o acampamento, e como eles sabiam que Piper e seus amigos eram membros dali. Ela queria saber se teria que ficar em tempo integral ou se teria alguma vantagem nas atividades. Alguém

poderia ser reprovado em luta com monstros? Milhões de perguntas borbulhavam na sua cabeça, mas dado o ânimo de Annabeth, ela decidiu ficar quieta.

Enquanto elas subiam uma colina na beira do acampamento, Piper se virou e teve uma incrível visão do vale – uma grande extensão de florestas ao noroeste, uma linda praia, o riacho, o lago de canoagem, magníficos campos verdes e os chalés – um bizarro agrupamento de construções, arranjados na forma de um ômega (Ω) com um gramado no centro e dois anexos nas extremidades. Piper contou vinte chalés. Um brilhava a ouro, outro a prata. Um tinha grama no telhado. Outro era vermelho vivo com trincheiras de arame farpado. Um chalé era preto com ardentes tochas verdes na frente.

Tudo isso parecia como um mundo diferente das colinas nevadas e campos do lado de fora.

— O vale é protegido dos olhos mortais — explicou Annabeth. — Como você pode ver, o clima é controlado, também. Cada chalé representa um deus grego, e neles vivem os filhos desses deuses.

Ela observava Piper como se estivesse tentando avaliar como a garota estava recebendo aquelas novidades.

— Você está dizendo que minha mãe é uma deusa?

Annabeth assentiu.

— Você está aceitando isso muito bem.

Piper não pôde dizer a ela o porquê. Ela não podia admitir que isso só confirmava algumas misteriosas sensações que ela teve por anos, discussões que ela tivera com seu pai sobre o porquê de não haverem fotos da mãe na casa, e o motivo de o pai nunca ter lhe contado exatamente como ou por quê sua mãe os deixara. Mas principalmente, o sonho a alertara que isso estava vindo. *Logo eles a encontrarão, semideusa,* aquela voz ressoou. *Quando eles lhe encontrarem, siga nossas instruções. Colabore, e seu pai poderá viver.*

Piper respirou fundo.

— Acho que depois dessa manhã, é um pouco mais fácil de acreditar. Então, quem é minha mãe?

— Devemos saber logo — disse Annabeth. — Você tem o que... quinze anos? Os deuses deviam ter reclamado você quando tinha treze. Esse foi o acordo.

— Acordo?

— Eles fizeram uma promessa no último verão... bem, é uma longa história... mas eles prometeram não ignorar seus filhos semideuses, não mais, e reclamá-los na hora em que fizessem treze anos. Às vezes demora um pouco, mas você viu como foi rápido para Leo ser reclamado quando chegou aqui. Deve acontecer com você em breve. De noite, na fogueira, aposto que teremos um sinal.

Piper queria saber se ela teria um grande martelo flamejante sobre a cabeça ou, com sua sorte, algo até mais constrangedor. Um golfinho flamejante, talvez.

Quem quer que fosse sua mãe, Piper não tinha razão para pensar que ela estaria orgulhosa de reclamar uma filha cleptomaníaca com tantos problemas.

— Por que treze anos?

— Quanto mais velhos vocês ficam, — disse Annabeth — mais facilmente são notados pelos monstros, que vão tentar matá-los. Por volta dos treze anos geralmente isso começa. É por isso que mandamos protetores nas escolas, para encontrá-los e trazê-los ao acampamento antes que seja tarde demais.

— Como o Treinador Hedge?

Annabeth assentiu.

— Ele... ele é um sátiro: meio homem, meio bode. Sátiros trabalham para o acampamento, encontrando semideuses, protegendo-os, trazendo-os enquanto ainda há tempo.

Piper não tinha problemas para acreditar que o Treinador Hedge era metade bode. Ela vira-o comer. Nunca gostou muito do treinador, mas não podia acreditar que ele se sacrificara para salvá-los.

— O que aconteceu com ele? — perguntou ela. — Quando subimos nas nuvens, ele... ele se foi para sempre?

— Difícil dizer. — A expressão de Annabeth estava aflita. — Espíritos da tempestade... são difíceis de combater. Mesmo nossas melhores armas, de bronze celestial, passam através deles, a não ser que você consiga pegá-los de surpresa.

— A espada de Jason transformou-os em pó — lembrou Piper.

— Ele teve sorte, então. Se você acerta em cheio um monstro, você pode dissolvê-los, enviar a sua essência de volta ao Tártaro.

— Tártaro?

— Um abismo imenso no Mundo Inferior de onde os piores monstros vêm. Um tipo de buraco de maldade sem fundo. De qualquer jeito, quando um monstro é desintegrado, geralmente leva meses, anos até que possa se reformar. Mas desde que esse espírito da tempestade, Dylan, escapou... bem, eu não sei por que ele manteria Hedge vivo. Hedge era um protetor, entretanto. Ele conhecia os riscos. Sátiros não tem almas mortais. Ele irá reencarnar como uma árvore, flor ou alguma coisa assim.

Piper tentou imaginar o Treinador Hedge como uma moita irritada de amor-perfeito. Aquilo a fez sentir-se pior ainda.

Ela olhou fixamente para os chalés abaixo, e uma sensação preocupante a tomou. Hedge morrera para trazê-la aqui em segurança. O chalé da sua

mãe estava em algum lugar ali embaixo, o que significava que ela tinha irmãos e irmãs, mais pessoas a quem ela trairia.

Faça o que dissermos, a voz tinha dito. *Ou as consequências serão dolorosas.*

Ela fechou as mãos em punhos sob os braços cruzados, tentando fazê-las parar de tremer.

— Vai ficar tudo bem — prometeu Annabeth. — Você tem amigos aqui. Todos nós temos vivido coisas esquisitas. Sabemos o que você está passando.

Duvido, pensou Piper.

— Eu fui expulsa de cinco escolas diferentes nesses últimos cinco anos — disse ela. — Meu pai não sabe mais onde me matricular.

— Só cinco? — Annabeth não soava como se estivesse provocando. — Piper, todos aqui somos encrenqueiros qualificados. Eu fugi de casa quando tinha sete anos.

— Sério?

— Ah, sim. A maior parte de nós e diagnosticada com transtorno de déficit de atenção ou dislexia, ou ambos...

— Leo tem TDAH — disse Piper.

— Certo. É porque somos preparados para a batalha. Agitados, impulsivos... não nos saímos bem entre as crianças normais. Você devia ouvir quantas encrencas Percy... — seu rosto ficou sério. — De qualquer jeito, semideuses conseguem uma má reputação. Como você arrumou encrenca?

Normalmente quando alguém fazia aquela pergunta, Piper começava uma briga, ou mudava de assunto, ou causava algum tipo de distração. Mas por algum motivo ela achou-se falando a verdade.

— Eu roubo coisas — disse ela. — Bem, não exatamente *roubo*...

— Sua família é pobre?

Piper riu amargamente.

— Não mesmo. Eu fazia isso... não sei por quê. Para chamar atenção, acho. Meu pai nunca tinha tempo para mim a menos que eu estivesse em apuros.

Annabeth assentiu.

— Eu posso entender. Mas você disse que não roubava exatamente. O que você quis dizer?

— Bem... ninguém nunca acredita em mim. A polícia, professores... até as pessoas de quem eu roubava: elas ficavam constrangidas, negavam tudo. Mas a verdade é que eu não roubo nada. Eu apenas peço coisas para as pessoas. E eles me dão. Até uma BMW conversível. Eu só pedi. E o revendedor disse "Certo. Leve." Depois, ele percebeu o que fez, acho. Então a polícia veio atrás de mim.

Piper esperou. Ela estava costumada as pessoas chamando-a de mentirosa, mas quando ergueu os olhos, Annabeth apenas assentiu.

— Interessante. Se seu *pai* fosse o deus, eu diria que você é uma criança de Hermes, deus dos ladrões. Ele pode ser bastante persuasivo. Mas seu pai é mortal...

— Muito — concordou Piper.

Annabeth balançou a cabeça, aparentemente iludida.

— Eu não sei, então. Com sorte, sua mãe irá lhe reclamar ainda esta noite.

Piper quase esperou que isso não acontecesse. Se sua mãe fosse uma deusa, ela saberia sobre aquele sonho? Ela saberia o que Piper fora pedida para fazer? Piper queria saber se deuses olimpianos alguma vez detonaram seus filhos com raios por serem maus ou os mandaram para o Mundo Inferior.

Annabeth a estudava. Piper decidiu que teria de ser cuidadosa com o que diria agora. Annabeth era obviamente bastante esperta. Se alguém descobrisse seu segredo...

— Vamos lá — disse Annabeth finalmente. — Há uma coisa a mais que eu preciso checar.

Elas andaram um pouco mais até que alcançaram uma caverna perto do topo da colina. Ossos e espadas velhas espalhavam-se no chão. Tochas ladeavam a entrada, que estava coberta com uma cortina de veludo enfeitada com cobras. Parecia o cenário para algum tipo de show de marionetes.

— O que tem aí? — perguntou Piper.

Annabeth deu uma espiada, então suspirou e fechou as cortinas.

— Agora, nada. O lugar é de uma amiga. Estive esperando-a por alguns dias, mas até agora, nada.

— Sua amiga mora numa caverna?

Annabeth quase sorriu.

— Na verdade, a família dela tem um condomínio de luxo no Queens, e ela frequenta uma escola de moças em Nova Hampshire. Mas quando ela está aqui no acampamento, sim, ela mora na caverna. Ela é nosso oráculo, prevê o futuro. Eu estava esperando que ela pudesse me ajudar...

— A encontrar Percy — supôs Piper.

Toda a energia drenou-se de Annabeth, como se ela estivesse segurando-a o máximo que podia. Ela sentou numa rocha, e sua expressão estava tão cheia de dor, que Piper sentiu-se mal por estar ali olhando.

Ela forçou-se a olhar para outro lado. Seus olhos flutuaram para o topo da colina, onde um pinheiro solitário dominava o horizonte. Algo brilhava no seu galho mais baixo – como um tapete felpudo e dourado.

Não... Não um tapete. Era uma pele de carneiro.

Ok, pensou Piper. Acampamento grego. Eles *têm* uma réplica do Velocino de Ouro.

Então ela notou a base da árvore. No começo ela pensou que a árvore estava enrolada numa pilha de cabos roxos. Mas os cabos tinham escamas reptilianas, patas com garras, e uma cabeça parecida com a de uma cobra com olhos amarelos e narinas fumegantes.

— Aquilo é... um dragão — gaguejou ela. — Aquele é o Velocino de Ouro *verdadeiro?*

Annabeth assentiu, mas estava claro que ela não estava realmente ouvindo. Seus ombros abaixaram. Ela esfregou o rosto e respirou fundo.

— Desculpe. Estou um pouco cansada.

— Você parece a ponto de desmoronar — disse Piper. — Há quanto tempo está procurando pelo seu namorado?

— Três dias, seis horas, e aproximadamente vinte minutos.

— E você não tem ideia do que aconteceu com ele?

Annabeth balançou a cabeça miseravelmente.

— Estávamos tão animados porque nossas férias de verão tinham começado mais cedo. Nós nos encontraríamos no acampamento na terça-feira, calculamos que tínhamos três semanas juntos. Seria incrível. Então, depois da fogueira, ele... me deu um beijo de boa noite, voltou para o seu chalé, e na manhã seguinte, havia sumido. Procuramos pelo acampamento inteiro. Contatamos sua mãe. Tentamos alcançá-lo de todas as maneiras que sabemos. Nada. Ele simplesmente desapareceu.

Piper estava pensando: *Três dias atrás.* A mesma noite que ela tivera seu sonho.

— Há quanto tempo vocês dois estão juntos?

— Desde agosto — disse Annabeth. — Dezoito de agosto.

— Quase a mesma época quando conheci Jason — disse Piper. — Mas só ficamos juntos por algumas semanas.

Annabeth estremeceu.

— Piper... sobre isso. Talvez você devesse sentar-se.

Piper sabia onde isso ia dar. Pânico começou a crescer dentro dela, como se os pulmões estivessem cheios d'água.

— Olhe, eu sei que Jason pensa... ele pensa que simplesmente *apareceu* na nossa escola hoje. Mas não é verdade. Eu o conheço há quatro meses.

— Piper — disse Annabeth tristemente. — É a Névoa.

— O quê?

— N-é-v-o-a. É um tipo de véu que separa o mundo mortal do mundo mágico. Mentes mortais... elas não podem processar coisas estranhas como deuses e monstros, então a Névoa distorce a realidade. Faz mortais verem coisas de um modo que eles *possam* entender... é como se os olhos deles simplesmente não notassem esse vale, ou eles pudessem olhar para aquele dragão e ver uma pilha de cabos.

Piper engoliu em seco.

— Não. Você mesma disse que eu não sou uma mortal comum. Eu sou uma semideusa.

— Até mesmo semideuses podem ser afetados. Eu vi isso várias vezes. Monstros infiltram-se em lugares como escolas, passam-se por humanos, e todos *acham* que lembram daquela pessoa. Eles acreditam que ela sempre esteve por perto. A Névoa pode manipular memórias, até mesmo criar lembranças de coisas que nunca aconteceram...

— Mas Jason não é um monstro! — insistiu Piper. — Ele é um humano, ou semideus, ou como você quiser chamá-lo. Minhas memórias não são falsas. Elas são *muito* reais. O dia em que nós colocamos fogo na calça do Treinador Hedge. A vez que Jason e eu assistimos uma chuva de

meteoros no telhado do dormitório e eu finalmente consegui fazer com que o bobo me beijasse...

Ela encontrou-se falando, contando para Annabeth sobre todo o seu semestre na Escola da Vida Selvagem. Ela havia gostado de Jason desde a primeira semana que se encontraram. Ele era tão bondoso com ela, tão paciente, conseguia até aturar o hiperativo Leo e suas estúpidas brincadeiras. Ele a aceitara por ser ela mesma e não a julgou por causa das besteiras que ela fizera. Eles gastaram horas conversando, olhando para as estrelas, e... *finalmente...* dado as mãos. Tudo aquilo *não podia* ser mentira.

Annabeth franziu os lábios.

— Piper, suas memórias são mais detalhadas que a maioria. Vou admitir isso e não sei por que. Mas se você o conhece tão bem...

— Eu conheço!

— Então de onde ele é?

Piper sentiu-se como se fosse atingida entre os olhos.

— Ele deve ter me dito, mas...

— Você já havia notado a tatuagem dele? Ele já lhe disse alguma coisa sobre seus pais, ou seus amigos, ou sua última escola?

— Eu... eu não sei, mas...

— Piper, qual é o sobrenome dele?

Sua mente ficou vazia. Ela não sabia o sobrenome de Jason. Como era possível?

Ela começou a chorar. Ela se sentiu uma completa tola, mas sentou-se na rocha do lado de Annabeth e sentiu-se quebrada em pedaços. Era muito. *Tudo* que era bom na sua vida estúpida e miserável tinha que ser tirado?

Sim, o sonho lhe havia dito. *Sim, a menos que você faça exatamente o que dissermos.*

— Ei — disse Annabeth. — Vamos descobrir. Jason está aqui agora. Quem sabe? Talvez vocês se resolvam realmente.

Não é provável, pensou Piper. *Não se o sonho for verdade*. Mas ela não podia falar isso.

Ela limpou uma lágrima da bochecha.

— Você me trouxe aqui para que ninguém me visse chorando, não é?

Annabeth deu de ombros.

— Pensei que seria difícil para você. Eu sei como é perder um namorado.

— Mas eu ainda não posso acreditar... Eu *sei* que tivemos algo. E agora simplesmente se foi, ele nem me reconhece. Se ele realmente só apareceu hoje, então por quê? Como ele chegou aqui? Por que ele não pode se lembrar de nada?

— Boas perguntas — disse Annabeth. — Esperamos que Quíron possa compreender isso. Mas agora, precisamos deixar você arrumada. Está pronta para voltar lá pra baixo?

Piper olhou o louco agrupamento de chalés no vale. Sua nova casa, uma família que, supostamente, a entendia – mas em breve eles seriam apenas mais um grupo de pessoas que ela desapontaria, mais um lugar de onde ela seria expulsa.

Você irá traí-los por nós, alertara-lhe a voz. *Ou você perderá tudo.* Ela não tinha escolha.

— Sim — mentiu ela. — Estou pronta.

No campo central, um grupo de campistas estava jogando basquete. Eles eram jogadores incríveis. Nenhum errava o aro. Cestas de três pontos entravam automaticamente.

— Chalé de Apolo — explicou Annabeth. — Adoram se exibir com projéteis, flechas, bolas de basquete.

Elas passaram por um pátio que ficava no meio de tudo, onde dois rapazes lutavam com espadas.

— Lâminas reais? — notou Piper. — Não é perigoso?

— Corta essa... — disse Annabeth. — Ah, desculpe. Trocadilho ruim. Aquele é o meu chalé. Número seis.

Ela indicou uma construção cinza com uma coruja esculpida sobre a porta. Através da entrada aberta, Piper pode ver prateleiras de livros, um mostruário de armas e uma daquelas lousas digitais que se tem em salas de aula. Duas garotas estavam desenhando um mapa que parecia com um diagrama de batalha.

— Falando em lâminas, — continuou Annabeth — venha aqui.

Ela levou Piper para o lado do chalé, para um grande abrigo de metal que parecia que fora feito para instrumentos de jardinagem. Annabeth destrancou-o, e dentro não havia *nenhum* instrumento de jardinagem, a menos que alguém quisesse fazer uma guerra em suas plantações de tomate. O abrigo estava alinhado com todos os tipos de armas – de espadas e arpões a tacos como o do Treinador Hedge.

— Todo semideus precisa de uma arma. Hefesto faz as melhores, mas temos uma boa seleção, também. Atena é sinônimo de estratégia: encontrar a arma perfeita para a pessoa certa. Vamos ver...

Piper não estava muito no clima para uma tarde de compras de equipamentos mortíferos, mas ela sabia que Annabeth estava tentando fazer algo bondoso para ela.

Annabeth lhe ofereceu uma pesada espada, que Piper dificilmente conseguiria levantar.

— Não — ambas disseram ao mesmo tempo.

Annabeth procurou um pouco mais longe no galpão e trouxe outra coisa.

— Uma espingarda? — perguntou Piper.

— Mossberg 500 — Annabeth engatilhou a arma como se aquilo não fosse nada demais. — Não se preocupe. Não fere humanos. Foi modificada para atirar bronze celestial, então só mata monstros.

— Hã, eu não acho que seja meu estilo — disse Piper.

— Hum, sim — concordou Annabeth. — Muito espalhafatosa.

Ela colocou a espingarda de volta e começou a remexer em uma prateleira de bestas quando algo no canto do galpão chamou a atenção de Piper.

— O que é aquilo? — disse ela. — Uma faca?

Annabeth tirou-a e assoprou a poeira da bainha. Parecia não ter visto a luz do dia por séculos.

— Não sei, Piper. — Annabeth soou inquieta. — Não acho que você queira essa. Espadas geralmente são melhores.

— Você usa uma faca. — Piper apontou para a faca presa no cinto de Annabeth.

— Sim, mas... — Annabeth deu de ombros. — Bem, dê uma olhada se quiser.

A bainha usada era de couro e preta, atada em bronze. Nada extravagante e superficial. O cabo de madeira polida cabia perfeitamente na mão de Piper. Quando ela desembainhou, encontrou uma lâmina triangular de quarenta e cinco centímetros, e o bronze cintilava como se tivesse sido polido ontem. As pontas eram mortalmente afiadas.

Seu reflexo na lâmina pegou-a de surpresa. Ela parecia mais velha, mais séria, e não tão assustada quanto se sentia.

— Ela é perfeita para você — admitiu Annabeth. — Esse tipo de adaga chama-se *parazônio*. Era sobretudo cerimonial, carregada por oficiais de auto nível nos exércitos gregos. Denotava poder e riqueza. Numa luta, pode protegê-la bem.

— Eu gosto — disse Piper. — Por que você achou que não seria bom?

Annabeth suspirou.

— Essa arma tem uma longa história. A maioria das pessoas teria medo de ficar com ela. Sua primeira dona... bem, as coisas não foram muito bem para ela. Seu nome era Helena.

Piper engasgou.

— Espere, você quer dizer *aquela* Helena? Helena de Troia?

Annabeth assentiu.

Subitamente, Piper sentiu que devia estar segurando o punhal com luvas cirúrgicas.

— E isso está simplesmente acomodado no seu galpão de ferramentas?

— Estamos rodeados por coisas da Grécia Antiga — disse Annabeth. — Isso não é um museu. Armas como essa foram feitas para serem usadas. Elas são nossa herança como semideuses. Esse foi um presente de casamento de Menelau, primeiro marido de Helena. Ela nomeou a adaga como Katoptris.

— E o que significa?

— Espelho — disse Annabeth. — Vidro em que se olhar. Provavelmente, por que foi a única coisa para que Helena a usou. Não acho que esta lâmina tenha visto alguma batalha.

Piper olhou para a lâmina novamente. Por um momento, sua própria imagem olhou para ela, mas então o reflexo mudou. Ela viu chamas, e uma face grotesca como algo esculpido de um leito de rocha. Ela ouviu a mesma

risada como no sonho. Viu seu pai numa prisão, amarrando a um poste de frente para uma fogueira estrondosa.

Ela deixou a lâmina cair.

— Piper? — Annabeth gritou para as crianças de Apolo no campo. — Médico! Preciso de ajuda aqui!

— Não, está... está tudo bem — controlou-se Piper.

— Tem certeza?

— Sim. Eu só... — Ela tinha que se controlar. Com os dedos trêmulos, ela levantou a adaga. — Eu só fiquei um pouco tonta. Muitos acontecimentos hoje. Mas... eu quero ficar com a adaga, se estiver tudo bem.

Annabeth hesitou. Então acenou para que o pessoal de Apolo fosse embora.

— Ok, se é isso o que quer... Você ficou realmente pálida. Pensei que estivesse tendo uma convulsão ou algo assim.

— Estou legal — prometeu Piper, embora seu coração ainda estivesse acelerado. — Tem... hã, um celular no acampamento? Eu posso ligar pro meu pai?

Os olhos cinzentos de Annabeth estavam quase tão perturbadores quanto a lâmina da adaga. Ela parecia estar calculando um milhão de possibilidades, tentando ler os pensamentos de Piper.

— Não permitimos celulares — respondeu ela. — Para a maioria dos semideuses, usar um celular é como mandar um sinal, deixando os monstros saberem onde você está. Mas... eu tenho um. — Ela tirou-o rapidamente do bolso. — É meio contra as regras, mas se puder ser nosso segredo...

Piper pegou o aparelho, agradecida, tentando não deixar suas mãos tremerem. Ela distanciou-se de Annabeth e virou para encarar o campo central.

Ela ligou para a linha privada do pai, mesmo sabendo o que iria acontecer. Caixa postal. Ela esteve tentando por três dias, desde seu sonho. A Escola da Vida Selvagem só permitia o privilégio de usar o telefone uma vez por dia, mas ela ligou todas as manhãs, e não chegou a lugar nenhum.

Com relutância, ela discou o outro número. A assistente pessoal de seu pai respondeu imediatamente.

— Escritório do senhor McLean.

— Jane — disse Piper, rangendo os dentes. — Onde está meu pai?

Jane ficou em silêncio por um momento, provavelmente pensando se ela poderia escapar se desligasse.

— Piper, achei que você não devia ligar da escola.

— Talvez eu não esteja na escola — disse Piper. — Talvez eu tenha fugido para viver entre criaturas selvagens.

— Hum. — Jane não soava preocupada. — Bem, eu vou dizer que você ligou.

— Onde ele está?

— Saiu.

— Você não sabe onde ela está, sabe? — Piper diminuiu a voz, pensando que Annabeth poderia estar escutando. — Quando você vai ligar para a polícia, Jane? Ele pode estar com problemas.

— Piper, não vamos transformar isso num circo para a mídia. Tenho certeza de que ele está bem. Ele sai ocasionalmente. Mas ele sempre volta.

— Então é verdade. Você *não* sabe...

— Eu tenho que ir, Piper — gritou Jane. — Divirta-se na escola.

A linha ficou muda. Piper xingou. Ela voltou para Annabeth e devolveu o celular.

— Sem sorte? — perguntou Annabeth.

Piper não respondeu. Ela não confiava em si mesma no momento, de que não iria chorar de novo.

Annabeth olhou para a tela do telefone e hesitou.

— Seu sobrenome é McLean? Desculpe, sei que não é da minha conta, mas me parece realmente familiar...

— É um nome comum.

— Sim, suponho. O que seu pai faz?

— Ele é formado em artes — disse Piper, automaticamente. — É um artista Cherokee.

Sua resposta-padrão. Não uma mentira, mas também não a verdade completa. A maioria das pessoas, quando ouvia isso, entendia que seu pai vendia lembrancinhas indígenas numa banquinha ao lado da estrada numa reserva. Bonequinhos de touros que mexem a cabeça, colares de contas... esse tipo de coisa.

— Ah. — Annabeth não parecia convencida, mas ela guardou o telefone. — Você está se sentindo bem? Quer continuar?

Piper prendeu sua nova adaga no cinto e prometeu a si mesma que depois, quando estivesse sozinha, ela entenderia como aquilo funcionava.

— Claro. Eu quero ver tudo.

Todos os chalés eram legais, mas Piper não se identificou com nenhum deles. Nenhum sinal de fogo – um golfinho ou qualquer outra coisa – aparecia sobre sua cabeça.

O chalé oito era inteiramente de prata e brilhava como a luz da lua.

— Ártemis? — Piper deduziu.

— Você conhece a mitologia grega? — perguntou Annabeth.

— Eu li um pouco quando meu pai estava trabalhando num projeto ano passado.

— Pensei que ele trabalhasse com arte Cherokee.

Piper refreou um palavrão.

— Ah, certo. Mas... ele faz outras coisas também.

Piper pensou que tinha entregado tudo: McLean, mitologia grega. Felizmente, Annabeth não pareceu fazer a conexão.

— De qualquer jeito, — continuou Annabeth — Ártemis é deusa da lua e da caça. Mas ali não tem campistas. Ela é uma eterna donzela, não tem filhos.

— Ah.

Piper ficou desapontada. Ela sempre gostou das histórias de Ártemis, e pensou que ela seria uma boa mãe.

— Bem, *há* as Caçadoras de Ártemis — corrigiu Annabeth. — Elas nos visitam às vezes. Elas não são filhas da deusa, são suas servas... um bando de garotas imortais que se aventuram juntas por aí, caçando monstros e coisas assim.

Piper animou-se.

— Parece legal. Elas são imortais?

— A menos que morram em combate, ou quebrem seus juramentos. Mencionei que elas têm que se afastar dos garotos? Nada de namoro... nunca. Por toda a eternidade.

— Ah — disse Piper. — Deixa pra lá.

Annabeth riu. Por um momento ela pareceu quase feliz, e Piper imaginou que ela seria uma boa amiga em tempos melhores.

Esqueça, Piper lembrou-se. *Você não vai fazer amigos aqui. Não quando eles descobrirem tudo.*

Elas passaram pelo próximo chalé, o número dez, que estava decorado como uma casa da Barbie: cortinas com laços, porta rosa, vasos de cravos

nas janelas. Elas passaram pela entrada e o cheiro de perfume quase fez Piper vomitar.

— Nossa, é pra cá que as supermodelos vêm quando morrem?

Annabeth sorriu.

— Chalé de Afrodite. Deusa do amor. Drew é a conselheira-chefe.

— Percebe-se — rosnou Piper.

— Elas não são todas más — disse Annabeth. — A última conselheira-chefe que tivemos era incrível.

— O que aconteceu com ela?

A expressão de Annabeth escureceu.

— Devíamos continuar andando.

Elas olharam para os outros chalés, mas Piper só ficou mais deprimida. Ela queria saber se podia ser a filha de Deméter, a deusa da colheita.

Não, Piper matara todas as plantas que tocara. Atena era legal. Ou talvez Hécate, a deusa da magia. Mas isso realmente não importava. Até aqui, onde todos deviam encontrar um parente perdido, ela sabia que ainda acabaria sendo a criança indesejável. Ela não estava ansiosa pela fogueira hoje à noite.

— Nós começamos com os doze olimpianos — explicou Annabeth. — Deuses do sexo masculino na esquerda, do sexo feminino à direita. Então há alguns meses, acrescentamos um novo grupo de chalés para os outros deuses que não tinham tronos no Olimpo... Hécate, Hades, Íris...

— De quem são os dois maiores, no final? — perguntou Piper.

Annabeth franziu a testa.

— Zeus e Hera. Rei e rainha dos deuses.

Piper seguiu naquela direção, e Annabeth foi atrás, embora ela não parecesse muito animada. O chalé de Zeus fazia Piper se lembrar de um

banco. Mármore branco com grandes colunas na frente e portas de bronze polido decoradas com raios.

O chalé de Hera era menor, mas feito no mesmo estilo, exceto que as portas eram esculpidas com desenhos de penas de pavão, brilhando em diferentes cores.

Diferente dos outros chalés, que eram todos barulhentos, abertos e cheios de atividade, os chalés de Zeus e Hera pareciam fechados e em silêncio.

— Estão vazios? — perguntou Piper.

Annabeth assentiu.

— Zeus ficou um bom tempo sem ter filhos. Na verdade, foi quase isso. Zeus, Poseidon e Hades, os irmãos mais velhos entre os deuses, são chamados de Os Três Grandes. Seus filhos são realmente poderosos e perigosos. Pelos últimos setenta anos aproximadamente, eles tentaram evitar ter filhos semideuses.

— *Tentaram* evitar?

— Algumas vezes eles... hã, trapacearam. Eu tenho uma amiga, Thalia Grace, que é filha de Zeus. Mas ela desistiu da vida de campista e se tornou uma Caçadora de Ártemis. Meu namorado, Percy, ele é um filho de Poseidon. E há um garoto que aparece as vezes, Nico... filho de Hades. Exceto por eles, não há outros semideuses filhos dos Três Grandes. Pelo menos, não que saibamos.

— E Hera? — Piper olhou para as portas decoradas de pavão. O chalé a incomodava, embora ela não soubesse por quê.

— Deusa do casamento. — O tom de Annabeth estava cuidadosamente controlado, como se ela estivesse tentando evitar xingar. — Ela não tem filhos com ninguém a não ser Zeus. Assim, sem semideuses. É um chalé honorário.

— Você não gosta dela — notou Piper.

— É uma longa história — admitiu Annabeth. — Eu achei que teríamos paz, mas quando Percy desapareceu... eu tive uma visão esquisita na qual ela apareceu.

— Dizendo para você ir nos buscar — disse Piper. — Mas você pensou que Percy estaria ali.

— Provavelmente é melhor que eu não fale sobre isso — disse Annabeth. — Eu não tenho nada de bom para falar sobre Hera agora.

Piper olhou a base das portas.

— Então quem vem aqui?

— Ninguém. O é chalé honorário, como eu disse. Ninguém vem aqui.

— Alguém veio, sim. — Piper apontou para uma pegada na entrada empoeirada da porta.

Por instinto, ela empurrou as portas e elas abriram facilmente.

Annabeth recuou.

— Hã, Piper, não acho que deveríamos...

— Estamos aqui para fazer coisas perigosas, certo?

E Piper entrou.

O chalé de Hera não era um lugar onde Piper iria querer morar. Era tão frio quanto um freezer, com um círculo de colunas brancas ao redor de uma estátua central da deusa, de três metros de altura, sentada num trono em um fluído manto dourado. Piper sempre pensou em estátuas gregas como brancas e de olhos vazios, mas essa estava lustrosamente pintada de forma que parecia quase humana – exceto por ser imensa. Os olhos penetrantes de Hera pareciam seguir Piper.

Aos pés da deusa, uma chama queimava em um braseiro de bronze. Piper queria saber quem cuidava dali se o chalé estava sempre vazio. Havia

um falcão de pedra no ombro de Hera, e na sua mão havia um cajado com uma flor de lótus no topo. O cabelo da deusa estava preso em tranças negras. Seu rosto sorria, mas os olhos eram frios e calculadores, como se dissessem: A *mãe é quem melhor sabe. Não se ponha em meu caminho ou terei que pisar em você.*

Não havia mais nada no chalé – sem camas, móveis, banheiros, janelas, nada que realmente alguém pudesse usar para viver. Para uma deusa do lar e do casamento, o lugar de Hera fazia Piper se lembrar de uma tumba.

Não, essa não era sua mãe. Pelo menos Piper tinha certeza *daquilo*. Ela não entrara ali porque sentira uma *boa* conexão, mas porque seu sentido de medo era mais forte aqui. Seu sonho – aquele horrível ultimato que ela recebeu – tinha alguma relação com esse chalé.

Ela congelou. Elas não estavam sozinhas. Atrás da estátua, num pequeno altar, estava uma figura coberta por um xale escuro. Somente suas mãos eram visíveis, as palmas para cima. Ela parecia estar cantando um feitiço ou rezando.

Annabeth ofegou.

— Rachel?

A outra garota virou. Ela baixou o xale, revelando um cabelo ondulado e ruivo e um rosto sardento que não combinava com a seriedade do chalé ou do xale preto. Ela parecia ter uns dezessete anos, uma adolescente totalmente normal numa blusa verde e jeans surrados rabiscados de marca-texto. Apesar do chão frio, ela estava descalça.

— Ei! — Ela correu para dar um abraço em Annabeth. — Mil desculpas! Eu vim o mais rápido que pude.

Elas conversaram por alguns minutos sobre o namorado de Annabeth e como não havia notícias, etc., até finalmente Annabeth lembrar-se de Piper, que estava parada ali sentindo-se desconfortável.

— Estou sendo rude — desculpou-se Annabeth. — Rachel, essa é Piper, uma dos meio-sangues que resgatamos hoje. Piper, essa e Rachel Elizabeth Dare, nosso oráculo.

— A amiga que mora na caverna — supôs Piper.

Rachel sorriu.

— Sou eu.

— Então, você é um oráculo? — perguntou Piper. — Você pode prever o futuro?

— É mais como se o futuro viesse ao meu encontro de vez em quando — disse Rachel. — Eu faço profecias. O espírito do oráculo me sequestra vez ou outra e fala coisas importas que não fazem sentido para ninguém. Mas sim, as profecias contam o futuro.

— Ah. — Piper mudou o apoio de um pé ao outro. — Legal.

Rachel riu.

— Não se preocupe. Todos acham isso um pouco assustador. Até eu. Mas geralmente sou inofensiva.

— Você é uma semideusa?

— Não — disse Rachel. — Apenas mortal.

— Então o que você... — Piper indicou com a mão ao redor da sala.

O sorriso de Rachel esvaiu. Ela olhou para Annabeth, então voltou para Piper.

— Só uma intuição. Algo sobre esse chalé e o desaparecimento de Percy. Eles estão conectados de algum jeito. Eu aprendi a seguir minhas intuições, especialmente no mês passado, desde que os deuses se silenciaram.

— Silenciaram? — perguntou Piper.

Rachel franziu a testa para Annabeth.

— Você ainda não contou para ela?

— Eu estava chegando lá — disse Annabeth. — Piper, no último mês... Bem, é normal para os deuses não conversarem muito com os filhos, mas geralmente podemos contar com algumas mensagens uma hora ou outra. Alguns de nós podem até visitar o Olimpo. Eu passei praticamente todo o semestre no Edifício Empire State.

— Desculpe?

— É onde fica a entrada para o Monte Olimpo hoje em dia.

— Ah — disse Piper. — Certo, por que não?

— Annabeth estava redesenhando o Olimpo depois que foi destruído na Guerra dos Titãs — explicou Rachel. — Ela é uma arquiteta incrível. Você devia ver o bufê de saladas...

— Resumindo, — interrompeu Annabeth — há um mês, o Olimpo caiu em silêncio. A entrada foi fechada, e ninguém pode entrar. Ninguém sabe o porquê. É como se os deuses tivessem se fechado. Até minha mãe não responde mais minhas preces, e nosso diretor do acampamento, Dioniso, foi chamado de volta.

— O diretor do acampamento de vocês era o deus do... vinho?

— Sim, é uma...

— Longa história — supôs Piper. — Certo. Continue.

— É isso, realmente. Semideuses ainda são reclamados, porém nada mais. Sem mensagens. Sem visitas. Nenhum sinal que os deuses possam estar nos ouvindo. É como se algo tivesse acontecido, algo *realmente* ruim. Então Percy desapareceu.

— E Jason apareceu na nossa excursão de campo — completou Piper. — Sem memória.

— Quem é Jason? — Perguntou Rachel.

— Meu... — Piper parou antes que pudesse dizer "namorado," mas o efeito fez seu peito doer. — Meu amigo. Mas Annabeth, você disse que

Hera lhe mandou uma visão?

— Isso — disse Annabeth. — A primeira comunicação de um deus num mês, e justo Hera, a deusa menos útil, e ela faz contato comigo, sua semideusa menos favorita. Ela me disse que eu descobriria o que aconteceu com Percy se eu fosse para o Grand Canyon e encontrasse um garoto com um sapato só. Ao invés de Percy, eu encontro vocês, e o garoto do sapato é Jason. Não faz sentido.

— Algo ruim está acontecendo — concordou Rachel.

Ela olhou para Piper, e Piper sentiu um desejo esmagador de contar a elas sobre seu sonho, confessar que ela *sabia* o que estava acontecendo – pelo menos, parte da história. E as coisas ruins estavam apenas começando.

— Gente — disse ela. — Eu... eu preciso...

Antes que ela pudesse continuar, o corpo de Rachel endureceu. Seus olhos começaram a brilhar com uma luz esverdeada, e ela agarrou Piper pelos ombros.

Piper tentou recuar, mas as mãos eram como aço.

Liberte-me, disse ela. Mas não era a voz de Rachel. Soava como uma mulher mais velha, falando de algum lugar muito longe, muito abaixo, ecoando num tubo.

Liberte-me, Piper McLean, ou a terra irá nos engolir. Faça isso no solstício.

A sala começou a girar, Annabeth tentou separar Piper de Rachel, mas não adiantou. Fumaça verde a envolveu, e Piper não estava mais certa se ela estava acordada ou sonhando. A estátua gigante da deusa parecia levantar do trono. Inclinou-se para Piper, seu olhar atravessando-a. A boca da estátua abriu, sua respiração com um perfume horrivelmente denso. Ela falou na mesma voz ecoada: *Nossos inimigos se agitam. O flamejante é apenas o primeiro. Curve-se ao seu desejo, e o rei deles irá se erguer, condenando todos nós. LIBERTE-ME!*

Os joelhos de Piper dobraram, e tudo ficou escuro.

VI

LEO

— Como ele morreu? — perguntou Leo. — Digo, Beckendorf.

Will Solace marchou em frente.

— Explosão. Beckendorf e Percy Jackson explodiram um cruzeiro cheio de monstros. Beckendorf não resistiu.

Lá estava aquele nome novamente – Percy Jackson, o namorado desaparecido de Annabeth. O cara parecia estar envolvido em tudo por aqui, pensou Leo.

— Então Beckendorf era muito popular? — perguntou Leo. — Digo... antes de explodir?

— Ele era impressionante — concordou Will. — Foi difícil para todo o acampamento quando ele morreu. Jake... ele se tornou conselheiro-chefe no meio da guerra. Do mesmo jeito que eu, na verdade. Jake deu o seu melhor, mas ele nunca quis ser líder. Ele só vive construindo coisas. Então, depois da guerra, as coisas começaram a dar errado. As bigas do chalé nove

explodiram. Seus autômatos ficaram loucos. Suas invenções começaram a dar problemas. Era como uma maldição e no fim as pessoas começaram a chamar isso assim mesmo: a Maldição do Chalé Nove. Então Jake teve seu acidente...

— Que tinha algo a ver com o problema que ele mencionou — supôs Leo.

— Eles estão trabalhando nisso — disse Will sem entusiasmo. — E aqui estamos nós.

A forja parecia uma locomotiva movida a vapor que batera no Partenon grego e ambos se fundiram. Colunas brancas de mármore acompanhavam as paredes manchadas de fuligem. A fumaça saía por uma elaborada chaminé, entalhada com desenhos de deuses e monstros. A estrutura estava no canto de um riacho, com várias turbinas girando uma série de engrenagens de bronze. Leo ouviu o rugir das máquinas, chamas crepitando e martelos batendo em bigornas.

Eles passaram pela entrada, e uma dúzia de garotos e garotas que estavam trabalhando em vários projetos congelaram. O barulho morreu sob o ruído da forja e do *click-click-click* de engrenagens e alavancas.

— E aí, galera — disse Will. — Esse é o novo irmão de vocês, Leo... hã, qual é o seu sobrenome?

— Valdez. — Leo percorreu os olhos pelos outros campistas.

Ele realmente era parente de todos eles? Seus primos vinham de algumas grandes famílias, mas ele sempre teve apenas sua mãe – até ela morrer.

Crianças subiram e começaram a apertar mãos e apresentarem-se. Seus nomes se misturaram juntos: Shane, Christopher, Nyssa, Harley (é, como a moto). Leo sabia que não podia decorar todos eles. Eram muitos. Muita pressão.

Nenhum deles se parecia um com os outros – rostos de todos os diferentes tipos, tons de pele, cor do cabelo, altura. Você nunca pensaria: *Ei, olha, é a turma de Hefesto!*

Mas todos eles tinham mãos poderosas, repletas com calos e manchas de graxa de motor. Até o pequeno Harley, que não devia ter mais que oito anos, parecia que podia ir a seis rounds contra Chuck Norris sem suar.

E todas as crianças compartilhavam um triste tipo de seriedade. Seus ombros estavam caídos como se a vida os tivesse abatido duramente. Vários pareciam ter sido fisicamente abatidos, também. Leo contou dois braços com gesso, um par de muletas, um tapa-olho, seis bandagens e aproximadamente sete mil curativos.

— Ok, muito bem! — disse Leo. — Eu ouvi que esse é o chalé da festa!

Ninguém riu. Todos apenas olharam para ele.

Will Solace bateu de leve no ombro de Leo.

— Eu vou deixar vocês se entenderem. Alguém pode levar Leo para jantar quando for a hora?

— Eu posso — respondeu uma das garotas.

Nyssa, lembrou Leo. Ela usava calça de camuflagem, uma regata que exibia seus braços musculosos e uma bandana vermelha sobre um punhado de cabelos negros. Exceto pelo seu curativo sorridente no queixo, ela parecia uma daquelas heroínas de ação, como se a qualquer segundo ela fosse pegar uma metralhadora e começar a matar alienígenas do mal.

— Legal — disse Leo. — Eu sempre quis uma irmã que pudesse me vencer.

Nyssa não sorriu.

— Vamos lá, piadista. Eu vou te mostrar tudo por aqui.

Leo não era nenhum desconhecido das oficinas. Ele crescera rodeado por ferramentas e graxa. Sua mãe costumava brincar que sua primeira chupeta foi um trocador de pneu. Mas ele nunca tinha visto um lugar como a forja do acampamento.

Um rapaz estava trabalhando num machado de batalha. Ele ficava testando a lâmina numa placa de concreto. Cada vez que ele batia, o machado cortava a placa como se fosse de queijo quente, mas ele parecia insatisfeito e voltava para afiar a ponta.

— O que ele está planejando abater com aquilo? — Leo perguntou para Nyssa. — Um encouraçado?

— Impossível saber. Mesmo com o bronze celestial...

— É esse o metal?

Ela assentiu.

— Extraído do próprio Monte Olimpo. Extremamente raro. Afinal, geralmente desintegra monstros só com um toque, mas grandes monstros poderosos muitas vezes têm couraças bem duras. *Drakons*, por exemplo...

— Você quer dizer dragões?

— Espécies similares. Você aprenderá a diferença na aula de luta com monstros.

— Aula de luta com monstros. É, já consegui minha faixa preta lá.

Ela não abriu um sorriso. Leo esperou que ela não fosse tão séria todo o tempo. O lado da família do seu pai tinha que ter *algum* senso de humor, certo?

Eles passaram por alguns rapazes fazendo um brinquedo de corda. Pelo menos era o que parecia. Era um centauro de quinze centímetros – meio homem, meio cavalo – armado com um arco em miniatura. Um dos campistas acionou a manivela no rabo do centauro, e ele zumbiu em vida.

Ele galopou pela mesa, gritando, “Morra, mosquito! Morra, mosquito!” e atirando em tudo no caminho.

Aparentemente isso já havia acontecido antes, pois todos sabiam que deveriam atirar-se ao chão, exceto Leo. Seis flechas do tamanho de agulhas enterraram-se na sua camisa antes que um campista pegasse um martelo e esmagasse o centauro em pedaços.

— Maldição estúpida! — O campista agitou o martelo no ar. — Eu só quero um matador mágico de insetos! É pedir muito?

— Ai — disse Leo.

Nyssa tirou as agulhas da sua camisa.

— Ah, você está bem. Vamos continuar antes que eles o reconstruam.

Leo esfregou o peito enquanto andavam.

— Esse tipo de coisa acontece muito?

— Nos últimos tempos — disse Nyssa — tudo que construímos vira sucata.

— A maldição?

Nyssa franziu a testa.

— Eu não acredito em maldiçoes. Mas *alguma coisa está* errada. E se não descobrirmos o problema do dragão, isso vai ficar cada vez pior.

— O problema do dragão? — Leo esperou que ela estivesse falando sobre um dragão em miniatura, talvez um que matasse baratas, mas ele teve a sensação que não teria tanta sorte.

Nyssa o levou para um grande mapa de parede que um par de meninas estava estudando. O mapa mostrava o acampamento – um semicírculo de terra com o Estuário de Long Island na costa do norte, a floresta ao oeste, os chalés ao leste e um anel de colinas no sul.

— Tem que ser nas colinas — disse a primeira garota.

— Nós *olhamos* nas colinas — a segunda argumentou. — A floresta é um lugar melhor para se esconder.

— Mas já colocamos armadilhas...

— Espere — disse Leo. — Vocês perderam um dragão? Um dragão de tamanho real, *verdadeiro?*

— É um dragão de bronze — respondeu Nyssa. — Mas sim, um autômato de tamanho real. O chalé de Hefesto o construiu anos atrás. Então ele se perdeu na floresta alguns verões passados, quando Beckendorf o encontrou em pedaços e o reconstruiu. Tem ajudado a proteger o acampamento, mas, hã, é um pouco imprevisível.

— Imprevisível — repetiu Leo.

— Fica louco e derruba chalés e incendeia as pessoas, tenta comer os sátiros.

— É bastante imprevisível.

Nyssa assentiu.

— Beckendorf era o único que podia controlá-lo. Então ele morreu, e o dragão só foi ficando cada vez pior. No fim, ele ficou furioso e fugiu. Ocasionalmente ele aparece, destrói alguma coisa, e parte novamente. Todos esperamos encontrá-lo e destruí-lo...

— *Destruí-lo?* — Leo estava pálido. — Vocês têm um dragão de bronze em tamanho real, e querem *destruí-lo?*

— Ele solta fogo — explicou Nyssa. — É mortal e fora de controle.

— Mas é um dragão! Cara, é impressionante. Você não pode tentar conversar com ele, controlá-lo?

— Tentamos. Jake Mason tentou. Você viu como isso acabou bem.

Leo pensou em Jake, enrolado num gesso, dormindo sozinho no seu beliche.

— Mas...

— Não temos opção. — Nyssa virou para as outras garotas. — Vamos tentar colocar mais armadilhas na floresta... aqui, aqui e aqui. Encha-as com trinta litros de óleo de motor.

— O dragão bebe isso? — perguntou Leo.

— Bebe. — Nyssa suspirou pesarosamente. — Ele costumava gostar disso com um pouco de molho de pimenta, antes de dormir. Se ele pular numa armadilha, podemos entrar com pulverizadores ácidos... isso deve derreter sua couraça. Então entraremos com cortadores de metal e... e acabamos o trabalho.

Todas pareciam tristes. Leo percebeu que elas não queriam matar o dragão tanto quanto ele queria.

— Gente — disse ele. — Tem que haver outro jeito.

Nyssa pareceu incerta, mas alguns outros campistas pararam com o que estavam trabalhando e amontoaram-se para ouvir a conversa.

— Como o quê? — perguntou um. — A coisa solta fogo. Não podemos nem chegar perto.

Fogo, pensou Leo. Ah, cara, as coisas que ele podia dizer para eles sobre fogo... Mas ele tinha que ser cuidadoso, mesmo se esses fossem seus irmãos e irmãs. *Especialmente* se ele tivesse que viver com eles.

— Bem... — Ele hesitou. — Hefesto é o deus do fogo, certo? Então ninguém de vocês tem, tipo, resistência ao fogo ou algo parecido?

Ninguém agiu como se fosse uma pergunta louca, o que era um alívio, mas Nyssa balançou a cabeça gravemente.

— É uma habilidade dos ciclopes, Leo. Semideuses filhos de Hefesto... somos apenas bons com nossas mãos. Somos construtores, artesãos, fabricantes de armas... coisas assim.

Os ombros de Leo caíram.

— Ah.

Um garoto no fundo disse:

— Bem, um *longo* tempo atrás...

— Sim, ok — reconheceu Nyssa. — Um longo tempo atrás algum filho de Hefesto nasceu com poder sobre o fogo. Mas aquela habilidade era muito, muito rara. E sempre perigosa. Nenhum semideus assim nasceu em séculos. O último... — Ela olhou para um dos garotos por ajuda.

— 1666 — a garota ofereceu. — Cara chamado Thomas Farriner. Ele começou o Grande Incêndio de Londres, destruiu quase toda a cidade.

— Certo — disse Nyssa. — Quando uma criança de Hefesto assim aparece, normalmente significa que algo catastrófico está prestes a acontecer. E não precisamos de mais nenhuma catástrofe.

Leo tentou manter seu rosto limpo de emoção, o que não era seu ponto forte.

— Acho que estou entendendo. Muito mal, porém. Se você pudesse resistir as chamas, poderia chegar perto do dragão.

— Então ele te mataria com suas garras e dentes — disse Nyssa. — Ou simplesmente pisaria em você. Não, temos que destruí-lo. Confie em mim, se alguém *pudesse* descobrir outra resposta...

Ela não terminou, mas Leo captou a mensagem. Esse era o grande teste do chalé. Se eles pudessem fazer algo que só Beckendorf podia fazer, se pudessem subjugar o dragão sem matá-lo, então talvez a sua maldição seria retirada. Mas eles estavam vazios de ideias. Qualquer campista que descobrisse como, seria um herói.

Uma trombeta de concha soprou à distância. Campistas começaram a levantar suas ferramentas e projetos. Leo não havia percebido que havia ficado tão tarde, mas ele olhou pela janela e viu o sol baixando. Seu TDAH fazia isso com ele às vezes. Se ele estava aborrecido, uma aula de cinquenta minutos parecia ter seis horas. Se ele estava interessado em alguma coisa,

como fazer uma excursão no acampamento semideus, as horas passavam despercebidas e *bam* – o dia havia acabado.

— Jantar — disse Nyssa. — Vamos, Leo.

— Lá no pavilhão, certo? — perguntou ele.

Ela assentiu.

— Vocês vão na frente — disse Leo. — Você pode... me dar um segundo?

Nyssa hesitou. Depois sua expressão derreteu.

— Certo. É muito para processar. Lembro do meu primeiro dia. Suba quando estiver pronto. Apenas não toque em nada. Quase todos os projetos aqui podem te matar se não for cuidadoso.

— Não vou tocar em nada — prometeu Leo.

Seus companheiros saíram da forja. Logo, Leo estava sozinho com os sons dos foles, turbinas e pequenas máquinas clicando e zunindo.

Ele olhou para o mapa do acampamento – os locais onde seus novos irmãos iriam colocar armadilhas para pegar um dragão. Estava tudo errado.

Muito raro, pensou ele. *E sempre perigoso.*

Ele estendeu sua mão e estudou seus dedos. Eles eram longos e finos, e não cheio de calos como os dos outros campistas de Hefesto. Leo nunca fora o garoto maior ou mais forte. Ele sobreviveu em bairros violentos, escolas duras e casas de adoção complicadas usando o que sabia fazer de melhor. Ele era o palhaço da sala, o bobo da corte, porque aprendeu cedo que quem faz piadas e finge não estar assustado, geralmente não recebe os golpes. Até o menino mais malvado iria lhe tolerar, mantê-lo por perto para rir um pouco. E mais, humor era um bom jeito de esconder a dor. E se isso não funcionasse, sempre haveria o Plano B. Fugir. Quantas vezes fosse preciso.

E *havia* um Plano C, mas ele prometera a si próprio nunca usá-lo de novo.

Ele sentiu um impulso de tentar agora – algo que ele não fizera desde o acidente, desde a morte de sua mãe.

Ele estendeu seus dedos e os sentiu formigando, como se estivessem acordando.

Então chamas trêmulas ganharam vida, ondulações de fogo vermelho dançando pela sua palma.

VII

JASON

Assim que Jason viu a casa, ele soube que era um homem morto.

— Aqui estamos nós! — disse alegremente. — A Casa Grande, quartel-general do acampamento.

Ela não parecia ameaçadora, apenas uma mansão de quatro andares pintada de azul bebê com acabamento em branco. A varanda tinha cadeiras de descanso, uma mesa de cartas e uma cadeira de rodas vazia. Sinos dos ventos pareciam ninfas se tornando árvores enquanto giravam. Jason podia imaginar velhinhos vindo aqui para férias de verão, sentados na varanda e bebendo suco de ameixa enquanto assistiam ao pôr do sol. No entanto, as janelas pareciam encará-lo de maneira raivosa. A porta parecia pronta para engoli-lo. Na parte mais alta do telhado um cata-vento no formato de uma águia de bronze girava no ar e apontava direto na sua direção, como se dissesse para ele dar meia-volta.

Cada molécula no corpo de Jason lhe dizia que ele estava em território inimigo.

— Eu *não* devia estar aqui — disse ele.

Drew enroscou seu braço no dele.

— Ah, fala sério. Você é *perfeito* aqui, querido. Acredite em mim, eu já vi vários heróis.

Drew cheirava como o Natal – uma estranha combinação de pinheiro e noz-moscada. Jason queria saber se ela sempre cheirava assim ou se era algum tipo de perfume especial para os feriados. Seu delineador *rosa* era realmente perturbador. Sempre que ela piscava, ele se sentia obrigado a olhar para ela. Talvez aquele fosse seu objetivo, exibir seus belos olhos castanhos. Ela era linda. Não havia a menor dúvida sobre isso. Mas ela fazia Jason se sentir desconfortável.

Ele puxou seu braço, gentilmente.

— Olhe, eu agradeço...

— É aquela garota? — Drew fez beicinho. — Ah, por favor, me diga que você *não* está namorando a Rainha do Lixo.

— Você quer dizer Piper? Hã...

Jason não sabia como responder. Ele não achava que já tinha visto Piper antes, mas se sentia estranhamente culpado por isso. Ele sabia que não deveria estar nesse lugar. Ele não deveria fazer amizade com essas pessoas, e certamente não deveria namorar nenhuma delas. Entretanto... Piper estivera segurando sua mão quando ele acordou naquele ônibus. Ela acreditava que era sua namorada. Fora corajosa na passarela de vidro, lutando contra aqueles *venti*, e quando Jason a pegara no ar e eles se seguraram corpo a corpo, ele não podia fingir que não estava um pouco tentado a beijá-la. Mas aquilo não estava certo. Ele nem sabia sua própria história. Ele não podia brincar com as emoções de outra pessoa.

Drew rolou os olhos.

— Deixe-me ajudar a decidir, querido. Você merece coisa melhor. Um garoto com o seu rosto e talento óbvio?

Ela não estava olhando para ele, porém. Ela estava olhando para um local bem acima da sua cabeça.

— Você está esperando um sinal — supôs ele. — Como aquele sobre a cabeça do Leo.

— O quê? Não! Bem... sim. Digo, pelo que ouvi, você é bastante poderoso, certo? Você vai ser importante no acampamento, então imagino que seu pai irá lhe reclamar a qualquer momento. E eu amaria ver isso. Eu quero estar com você a cada passo do caminho! Quem é o deus, seu pai ou sua mãe? Por favor, me diga que não é sua mãe. Eu odiaria se você fosse um filho de *Afrodite*.

— Por quê?

— Porque você seria meu meio-irmão, bobo. Você não pode ficar com alguém do próprio chalé. Eca!

— Mas todos os deuses não são parentes? — perguntou Jason. — Então todos aqui não são seus primos ou alguma coisa assim?

— Como você é fofo! Querido, o lado divino da sua família não conta, exceto se for seu pai ou sua mãe. Então qualquer um de outro chalé... pode ser um alvo. Então, quem é seu parente olimpiano: sua mãe ou seu pai?

Como sempre, Jason não tinha uma resposta. Ele ergueu os olhos, mas nenhum sinal brilhante apareceu sobre sua cabeça. No topo da Casa Grande, o cata-vento ainda estava apontando na sua direção, aquela águia de bronze olhando como se falasse: *Dê meia-volta, criança, enquanto ainda pode.*

Então ele ouviu passos na varanda da frente. Não... não eram passos... era um *galope.*

— Quíron! — chamou Drew. — Esse é Jason. Ele é totalmente incrível!

Jason recuou tão rápido que quase caiu. Contornando o canto da varanda estava um homem montado num cavalo. Exceto que ele não estava montado no cavalo – ele era parte de um. Da cintura para cima ele era humano, com cabelos castanhos cacheados e uma barba bem-aparada. Vestia uma camiseta que dizia *Melhor Centauro do Mundo*, e tinha um arco e uma aljava amarrados nas costas. Sua cabeça era tão alta que ele precisava se abaixar para não bater nas luzes da varanda, porque da cintura para baixo, ele era um garanhão branco.

Quíron começou a sorrir para Jason. Então a cor drenou do seu rosto.

— Você... — Os olhos do centauro arregalaram-se como os de um animal encurralado. — Você devia estar morto.

Quíron ordenou Jason – bem, *convidou*, mas soou como uma ordem – a entrar na casa. Ele falou para Drew voltar ao seu chalé, o que não pareceu agradá-la.

O centauro trotou para a cadeira de rodas vazia na varanda. Ele se desfez da sua aljava e arco e aproximou-se de costas na cadeira, que abriu como uma caixa de mágica. Quíron cuidadosamente abaixou-se nela com suas pernas traseiras e começou a se apertar num espaço que devia ser muito pequeno. Jason imaginou barulhos inversos de um caminhão – *bip, bip, bip* – enquanto a metade de baixo do centauro desaparecia e a cadeira ajustou-se, fazendo aparecer um conjunto de pernas humanas falsas cobertas por um cobertor, de forma que Quíron parecia ser um mortal normal numa cadeira de rodas.

— Siga-me — ordenou ele. — Temos limonada.

A sala de estar parecia que fora reprimida por uma floresta tropical. Videiras curvavam-se pelas paredes e pelo teto, o que Jason achou um pouco

estranho. Ele não achava que plantas crescessem assim, do lado de dentro, especialmente no inverno, mas essas tinham folhas verdes e estavam cheias de cachos de uvas vermelhas.

Sofás de couro rodeavam uma lareira de pedra com fogo estalando. Apertado num canto, um fliperama de Pac-Man antigo fazia *bip* e piscava. Montada nas paredes havia uma coleção de máscaras – como de teatro grego, sorridentes/tristes, emplumadas, de carnaval veneziano com grandes narizes parecidos com bicos e outras africanas esculpidas em madeira. Videiras cresciam entre suas bocas parecendo que elas tinham línguas frondosas. Algumas tinham uvas vermelhas brotando pelo buraco dos olhos.

Mas a coisa mais esquisita era a cabeça empalhada de leopardo sobre a lareira. Parecia tão real, seus olhos pareciam seguir Jason. Então ele rosnou, e Jason quase saltou de sua pele.

— Ora, Seymour — repreendeu Quíron. — Jason é um amigo. Comporte-se.

— Essa coisa está viva! — disse Jason.

Quíron remexeu no bolso lateral da sua cadeira de rodas e tirou um pacote de biscoitos. Ele jogou um para o leopardo, que o abocanhou e lambeu os lábios.

— Você precisa desculpar a decoração — disse Quíron. — Esse foi um presente de despedida do nosso antigo diretor antes de ser chamado ao Monte Olimpo. Imaginou que ajudaria a nos lembrar dele. O Sr. D tem um senso de humor estranho.

— Sr. D — disse Jason. — Dioniso?

— É — Quíron serviu limonada, embora suas mãos estivessem tremendo um pouco. — Quanto a Seymour, bem, o Sr. D o encontrou em uma venda de garagem em Long Island. O leopardo é o animal sagrado de Dioniso, entende, e o Sr. D ficou aterrorizado ao perceber que alguém foi

capaz de empalhar tal nobre criatura. Ele decidiu concedê-lo a vida, numa hipótese de que a vida como uma cabeça pendurada era melhor do que nenhuma vida, afinal. Devo dizer que é um destino mais bondoso do que o antigo dono de Seymour teve.

Seymour exibiu suas presas e cheirou o ar, como se procurasse mais biscoitos.

— Se ele é só uma cabeça, — comentou Jason — para onde vai a comida quando ele come?

— Melhor não perguntar. Por favor, sente-se.

Jason pegou um pouco de limonada, apesar de o seu estômago estar agitado. Quíron reclinou-se na sua cadeira de rodas e tentou um sorriso, mas Jason podia dizer que era forçado. Os olhos do velho eram tão profundos e escuros como um poço.

— Então, Jason — disse ele — você se importaria em me dizer... hã... de onde você é?

— Eu também gostaria de saber.

Jason lhe contou toda a história, desde quando acordou no ônibus até a aterrissagem forçada no Acampamento Meio-Sangue. Ele não escondeu nenhum detalhe, e Quíron era um bom ouvinte. Ele não demonstrava qualquer reação, apenas mexia a cabeça, encorajando-o a contar mais.

Quando Jason acabou, o velho deu um gole na limonada.

— Entendo — disse Quíron. — E você deve ter perguntas para mim.

— Só uma — admitiu Jason. — O que você quis dizer quando falou que eu deveria estar morto?

Quíron o estudou com preocupação, como se esperasse que Jason explodisse em chamas.

— Meu garoto, você sabe o que essas marcas no seu braço significam? A cor da sua camisa? Você lembra de algo?

Jason olhou para a tatuagem no seu antebraço: SPQR, a águia, doze linhas retas.

— Não — disse ele. — Nada.

— Você sabe onde está? — perguntou Quíron. — Você entende o que esse lugar é, e quem eu sou?

— Você é o centauro Quíron — disse Jason. — Suponho que seja o mesmo das histórias antigas, que costumava treinar os heróis gregos como Hércules. Esse é um acampamento para semideuses, filhos dos deuses olimpianos.

— Então você acredita que esses deuses ainda existem?

— Sim — Jason disse imediatamente. — Digo, não acho que devíamos *adorá-los* ou sacrificar galinhas por eles ou qualquer coisa, mas eles ainda estão por perto, pois são uma poderosa parte da civilização. Eles vão de país em país conforme o centro do poder se move... como eles foram da Grécia Antiga para Roma.

— *Não podia ter dito melhor.* — Algo na voz de Quíron mudou. — *Então você já sabe que os deuses são reais. Você já foi reclamado, não foi?*

— *Talvez* — respondeu Jason. — *Mas não tenho certeza.*

O leopardo Seymour rosnou.

Quíron esperou, e Jason percebeu o que acabara de acontecer. O centauro havia mudado para outro idioma e Jason entendera automaticamente, respondendo na mesma língua.

— *Quis erat...* — Jason vacilou, então fez um esforço consciente para falar inglês. — O que foi aquilo?

— Você sabe Latim — observou Quíron. — A maioria dos semideuses reconhecem algumas frases, naturalmente. Está no sangue deles, mas não tanto quanto o Grego Antigo. Ninguém pode falar Latim fluentemente sem prática.

Jason tentou entender o que aquilo significava, mas vários pedaços da sua memória estavam perdidos. Ele ainda tinha a sensação de que não deveria estar aqui. Era errado – e perigoso. Mas pelo menos Quíron não estava o ameaçando. Na verdade, o centauro parecia preocupado com ele, com medo pela sua segurança.

O fogo refletia nos olhos de Quíron, fazendo-os balançar numa dança raivosa.

— Eu ensinei o seu xará, Jasão. Ele teve um caminho duro. Eu vi vários heróis irem e virem. Ocasionalmente, eles têm finais felizes. Na maior parte, não. Isso parte meu coração, é como perder um filho sempre que um dos meus pupilos morre. Mas você... você não é como qualquer pupilo que eu já treinei. Sua presença aqui poderia ser um desastre.

— Obrigado — disse Jason. — Você deve ser um professor inspirador.

— Desculpe meu garoto. Mas é verdade. Eu esperava que depois do sucesso de Percy...

— Percy Jackson, você se refere. O namorado de Annabeth, o que está sumido.

Quíron assentiu.

— Esperava que depois que ele tivesse sucesso na Guerra dos Titãs e salvasse o Monte Olimpo, pudéssemos ter alguma paz. E eu poderia ser capaz de desfrutar um triunfo final, um final feliz, e talvez uma retirada discreta. Eu devia ter me informado melhor. O último capitulo se aproxima, assim como foi antes. O pior ainda está por vir.

No canto, o fliperama fez um triste som *pa-pa-pa-pa*, como se o Pac-Man tivesse morrido.

— Ok... — disse Jason. — Então... estamos no último capítulo, e o pior ainda está por vir. Soa divertido, mas podemos voltar à parte onde eu devia estar morto? Não gosto dessa parte.

— Receio que não possa explicar, garoto. Jurei pelo Rio Estige e por todas as coisas sagradas que eu nunca... — Quíron franziu a testa. — Mas você está aqui, em violação do mesmo juramento. Isso também, não deveria ser possível. Eu não entendo. Quem faria tal coisa? Quem...

O leopardo Seymour berrou. Sua boca congelou meio aberta. O fliperama parou de fazer *bip*. O fogo parou de estalar, suas chamas endurecendo como vidro vermelho. As máscaras olhavam para Jason silenciosamente com seus olhos de uva grotescos e línguas de folhas de parreira.

— Quíron? — perguntou Jason. — O que está aconte...

O velho centauro congelara, também. Jason pulou do sofá, mas Quíron continuou olhando para o mesmo lugar, sua boca aberta no meio de uma afirmação. Seus olhos não piscavam. Seu peito não se mexia.

Jason, chamou uma voz.

Por um terrível momento, ele pensou que o leopardo estivesse falando. Então uma névoa escura espiralou da boca de Seymour, e um pensamento ainda pior ocorreu a Jason: *espíritos da tempestade*.

Ele pegou a moeda de ouro do seu bolso. Com um rápido arremesso, ela se transformou numa espada.

A névoa tomou a forma de uma mulher vestida com roupas negras. Seu rosto estava encapuzado, mas seus olhos brilhavam na escuridão. Sobre seus ombros ela usava uma capa de pele de cabra. Jason não tinha certeza de como sabia que era pele de cabra, mas ele a reconheceu e sabia que era importante.

Você atacaria a sua patrona? A mulher repreendeu. Sua voz ecoou na cabeça de Jason. *Abaixe a espada.*

— Quem é você? — perguntou ele. — Como você...

Nosso tempo é limitado, Jason. Minha prisão fica mais poderosa a cada hora. Precisei de um mês inteiro para reunir energia o suficiente para conseguir utilizar uma simples magia entre seus grilhões. Consegui trazer você aqui, mas agora não me resta muito tempo e até menos energia. Esta pode ser a última vez que falo com você.

— Você está numa prisão? — Jason decidiu que talvez ele não baixasse sua espada. — Olhe, eu não te conheço, e você não é minha patrona.

Você me conhece, insistiu ela. *Eu conheço você desde o seu nascimento.*

— Eu não lembro. Eu não me lembro de nada.

Não, você não lembra, concordou ela. *Isso também foi necessário. Tempos atrás, seu pai me deu sua vida como presente para apaziguar minha raiva. Ele lhe nomeou Jason, por causa do meu mortal favorito. Você pertence a mim.*

— Espera aí — disse Jason. — Eu não pertenço a ninguém.

Agora é a hora de pagar sua dívida, disse ela. *Encontre minha prisão. Liberte-me, ou o rei deles irá erguer-se da terra e eu serei destruída. Você nunca recuperará sua memória.*

— Isso é uma ameaça? Você *roubou* minhas memórias?

Você tem até o pôr do sol no solstício, Jason. Quatro curtos dias. Não me decepcione.

A mulher de preto se dissolveu, e a névoa entrou na boca do leopardo.

O tempo descongelou. O berro do Seymour veio numa tosse como se tivesse engolido uma bola de pelos. O fogo estalou para a vida, o fliperama fez *bip*, e Quíron disse:

— ... quem ousaria trazer-lhe aqui?

— Provavelmente a mulher na fumaça — propôs Jason.

Quíron olhou em surpresa.

— Você não estava sentado... por que você tem uma espada na mão?

— Odeio lhe dizer isso, — disse Jason — mas eu acho que seu leopardo comeu uma deusa.

Ele contou para Quíron sobre a visita que fez o tempo parar, sobre a figura enevoada que desapareceu na boca de Seymour.

— Ah, meu caro — murmurou Quíron. — Isso explica muita coisa.

— Então por que você não me explica algumas delas? — disse Jason. — Por favor.

Antes que Quíron pudesse dizer alguma coisa, passos ecoaram na varanda do lado de fora. A porta da frente abriu com uma batida, e Annabeth e outra garota, uma ruiva, entraram correndo, arrastando Piper entre elas. A cabeça de Piper pendia, como se estivesse inconsciente.

— O que aconteceu? — Jason apressou-se. — O que há de errado com ela?

— Chalé de Hera. — Annabeth ofegou, como se tivessem corrido por todo o caminho. — Visão. Ruim.

A garota ruiva olhou para cima, e Jason viu que ela estava chorando.

— Eu acho... — A garota ruiva engoliu em seco. — Eu acho que posso tê-la matado.

VIII

JASON

Jason e a menina de cabelos ruivos, que se apresentou como Rachel, colocaram Piper no sofá enquanto Annabeth apressou-se pelo corredor para pegar um kit de primeiros socorros. Piper ainda estava respirando, mas ela não acordava. Ela parecia estar em algum tipo de coma.

— Temos que curá-la — insistiu Jason. — Tem um jeito, certo?

Vendo-a tão pálida, mal respirando, Jason sentiu uma onda de proteção. Talvez ele realmente não a conhecesse. Talvez ela não fosse sua namorada. Mas eles sobreviveram no Grand Canyon juntos. Eles passaram por todo esse caminho. Ele a deixara sozinha por um instante, e *isso* aconteceu.

Quíron colocou uma mão na sua testa e fez uma careta.

— Sua mente está em frágil estado. Rachel, o que aconteceu?

— Eu queria saber — disse ela. — Assim que cheguei no acampamento, tive uma premonição sobre o chalé de Hera. Eu entrei. Annabeth e Piper

entraram enquanto eu estava lá. Conversamos, e então... eu simplesmente apaguei. Annabeth disse que falei numa voz diferente.

— Uma profecia? — perguntou Quíron.

— Não. O espírito de Delfos não se manifestou. Eu sei como é. Era como se um poder distante tentasse falar através de mim.

Annabeth surgiu com uma bolsa de couro. Ela ajoelhou-se do lado de Piper.

— Quíron, o que aconteceu lá... eu nunca vi nada parecido. Eu já ouvi a voz de profecia de Rachel. Era diferente. Ela soou como uma mulher mais velha. Ela pegou os ombros de Piper e lhe disse...

— Para libertá-la de uma prisão? — perguntou Jason.

Annabeth olhou para ele.

— Como você sabia disso?

Quíron fez um gesto de três dedos sobre o coração, como se fosse uma proteção contra o mal.

— Jason, conte para elas. Annabeth, a bolsa de remédios, por favor.

Quíron pingou gotas de um frasco medicinal na boca de Piper enquanto Jason explicava o que aconteceu quando a sala congelou – a mulher de preto na névoa que alegou ser a patrona de Jason.

Quando ele acabou, ninguém falou, o que fez ele se sentir mais aflito.

— Então isso acontece sempre? — perguntou ele. — Ligações sobrenaturais de condenados exigindo que você os tire da cadeia?

— Sua patrona — disse Annabeth. — Não era sua mãe olimpiana?

— Não, ela disse *patrona*. Ela também disse que meu pai havia lhe dado a minha vida.

Annabeth franziu a sobrancelha.

— Eu nunca ouvi falar de nada assim antes. Você disse na passarela de vidro que o espirito da tempestade alegou estar trabalhando para alguma

mestra que estava dando ordens, certo? Pode ser essa mulher que você viu, que brinca com sua mente?

— Eu acho que não — disse Jason. — Se ela fosse minha inimiga, ela estaria pedindo pela minha ajuda? Ela está aprisionada. Está preocupada sobre algum inimigo se fortalecendo. Algo sobre a ascensão de um rei da terra no solstício...

Annabeth virou para Quíron.

— Cronos não. Por favor, me diga que não é isso.

O centauro parecia infeliz. Ele segurou o pulso de Piper, checando sua pulsação. Finalmente ele disse:

— Não é Cronos. Aquela ameaça está acabada. Mas...

— Mas o quê?

Quíron fechou a bolsa de remédios.

— Piper precisa de descanso. Deveríamos discutir isso depois.

— Ou agora — disse Jason. — Senhor Quíron, você me disse que a ameaça maior estava vindo. O último capítulo. Possivelmente você não pode querer dizer algo pior que um exército de titãs, não é?

— Ah — disse Rachel numa voz baixa. — Ah, gente. A mulher era Hera. É claro. Seu chalé, sua voz. Ela mostrou-se para Jason no mesmo momento.

— Hera? — O rosnado de Annabeth foi até mais feroz do que o de Seymour. — *Ela* trouxe você? Ela fez isso com Piper?

— Eu acho que a Rachel está certa — disse Jason. — A mulher parecia uma deusa. E ela vestia uma... essa capa de pele de cabra. É o símbolo de Juno, não é?

— É? — Annabeth franziu a testa. — Eu nunca ouvi isso.

Quíron assentiu com relutância.

— De Juno, o aspecto romano de Hera, mas em seu estado guerreiro. O manto de pele de cabra era um símbolo do soldado romano.

— Então Hera está aprisionada? — perguntou Rachel. — Quem poderia fazer isso a rainha dos deuses?

Annabeth cruzou os braços.

— Bem, quem quer que seja, talvez devêssemos agradecê-los. Se eles podem calar a boca de Hera...

— Annabeth, — alertou Quíron — ela ainda é uma olimpiana. De várias maneiras, ela é a cola que mantém a família dos deuses unida. Se ela realmente foi presa e corre risco de ser destruída, isso poderia abalar os alicerces do mundo. Isso poderia acabar com a estabilidade do Olimpo, o que não nunca é bom nem nos melhores momentos. E se Hera pediu ajuda a Jason...

— Certo — rosnou Annabeth. — Bem, sabemos que os titãs podem capturar um deus, né? Atlas capturou Ártemis alguns anos atrás. E nas histórias antigas, os deuses capturavam um ao outro em armadilhas a toda hora. Mas algo pior que um titã...?

Jason olhou para a cabeça de leopardo. Seymour estava saboreando os lábios como se a deusa tivesse um sabor melhor que um biscoito.

— Hera disse que esteve tentando quebrar os grilhões da sua prisão por um mês.

— O mesmo tempo que o Olimpo está fechado — disse Annabeth. — Então os deuses devem saber que algo ruim está acontecendo.

— Mas por que usar sua energia para me enviar aqui? — perguntou Jason. — Ela limpou minha memória, colocou-me na excursão da Escola da Vida Selvagem e mandou para você uma visão de sonho para vir me pegar. Por que eu sou tão importante? Por que não simplesmente mandar uns

fogos de artifício de emergência para os outros deuses, deixá-los saber onde ela está para que eles a libertem?

— Os deuses precisam de heróis para fazer sua vontade aqui na terra — explicou Rachel. — É assim, não é? Os destinos deles são sempre entrelaçados com semideuses.

— Isso é verdade, — disse Annabeth — mas Jason se lembrou de uma coisa importante. Por que ele? Por que pegar a sua memória?

— E Piper está envolvida de algum jeito — disse Rachel. — Hera lhe mandou a mesma mensagem: *Liberte-me.* E, Annabeth, isso deve ter relação com o desaparecimento de Percy.

Annabeth fixou os olhos em Quíron.

— Por que você está tão quieto, Quíron? O que é isso que estamos enfrentando?

O rosto do velho centauro pareceu ter envelhecido dez anos em questão de minutos. As linhas em torno dos seus olhos estavam profundamente gravadas.

— Minha querida, nisso, eu não posso lhe ajudar. Desculpe-me, mesmo.

Annabeth piscou.

— Você nunca... você *nunca* escondeu informações de mim. Até a última grande profecia...

— Estarei em meu escritório. — Sua voz estava pesada. — Preciso de algum tempo para pensar antes do jantar. Rachel, você ficará observando a garota? Chame Argos para levá-la à enfermaria, se quiser. E Annabeth, você devia falar com Jason. Conte para ele sobre... sobre os deuses gregos e romanos.

— Mas...

O centauro virou sua cadeira de rodas e a empurrou para o corredor. Os olhos de Annabeth ficaram furiosos. Ela murmurou algo em grego, e Jason

teve o pressentimento que não era elogioso para centauros.

— Desculpe-me — disse Jason. — Acho que minha presença aqui... eu não sei. Eu baguncei as coisas vindo para o acampamento, de algum jeito. Quíron disse que ele fez um juramento e não podia falar sobre isso.

— Que juramento? — perguntou Annabeth. — Eu nunca o vi agir assim. E por que ele iria me dizer para eu lhe falar sobre os deuses...

Sua voz morreu. Aparentemente ela notou a espada de Jason acomodada na mesinha de café. Ela tocou a lâmina cuidadosamente, como se pudesse estar quente.

— É ouro? — disse ela. — Você se lembra de onde a conseguiu?

— Não — disse Jason. — Como disse, não me lembro de nada.

Annabeth assentiu como se tivesse acabado de bolar um plano um pouco desesperado.

— Se Quíron não ajudará, temos que descobrir as coisas por nós mesmos. O que significa... Chalé quinze. Rachel, você vai ficar de olho em Piper?

— Claro — prometeu Rachel. — Boa sorte, vocês dois.

— Espere — disse Jason. — O que tem no chalé quinze?

Annabeth ficou de pé.

— Talvez um jeito de conseguir sua memória de volta.

Eles foram na direção da ala nova de chalés no canto sudoeste do campo. Alguns eram luxuosos, com paredes brilhantes ou tochas em chamas, mas o chalé quinze não era tão dramático. Parecia uma casa de campo antiquada com paredes de taipa e telhado de palha. Na porta estava pendurada uma coroa de flores carmesim – papoulas vermelhas, Jason pensou, embora não tivesse certeza como sabia.

— Você acha que é o chalé do meu pai? — perguntou ele.

— Não. É o chalé para Hipnos, o deus do sono.

— Então por que...

— Você esqueceu tudo — disse ela. — Se há um deus que pode nos ajudar a recuperar sua memória, esse deus é Hipnos.

Lá dentro, mesmo estando quase na hora do jantar, três crianças estavam adormecidas debaixo de pilhas de cobertas. Um fogo vivo estalava na lareira. Acima dela pendia um ramo de árvore, cada galho pingando liquido branco numa coleção de vasos de estanho. Jason estava tentado a pegar uma gota no seu dedo só para ver o que era, mas deteve-se.

Uma música suave de violino tocava de algum lugar. O ar cheirava como roupa recém-lavada. O chalé era tão aconchegante e pacífico que as pálpebras de Jason começaram a parecer pesadas. Uma soneca parecia uma grande ideia. Ele estava exausto. Havia várias camas vazias, todas com travesseiros de pena, lençóis limpos e colchas fofas e... Annabeth o cutucou.

— Sai dessa.

Jason piscou. Ele percebeu que seus joelhos estavam começando a dobrar.

— O chalé quinze faz isso com todos — avisou Annabeth. — Se você me perguntar, esse lugar é ainda mais perigoso que o chalé de Ares. Pelo menos com Ares, você pode aprender onde as minas terrestres estão.

— Minas terrestres?

Ela se aproximou da criança roncando mais próxima e balançou seu ombro.

— Clovis! Acorde!

A criança parecia um bebê. Ele tinha um topete loiro numa cabeça em forma de cunha, com feições grossas e um grande pescoço. Seu corpo era sólido, mas ele tinha pequenos braços finos, como se nunca houvesse levantado algo mais pesado que um travesseiro.

— Clovis! — Annabeth balançou mais forte, então finalmente bateu na sua testa aproximadamente seis vezes.

— O-o-o quê? — Clovis reclamou, sentando e apertando os olhos.

Ele bocejou imensamente, e Annabeth e Jason bocejaram também.

— Pare com isso! — disse Annabeth. — Precisamos de sua ajuda.

— Eu estava dormindo.

— Você *sempre* está dormindo.

— Boa noite.

Antes que ele pudesse adormecer, Annabeth puxou seu travesseiro da cama.

— Não é justo — reclamou Clovis humildemente. — Devolva.

— Primeiro ajuda — disse Annabeth. — Depois dormir.

Clovis suspirou. Sua respiração cheirava como leite quente.

— Certo. O quê?

Annabeth explicou sobre o problema de Jason. Ela estalava os dedos sob o nariz de Clovis para mantê-lo acordado o tempo todo.

Clovis deve ter ficado realmente animado, porque quando Annabeth acabou ele não dormiu. Ele na verdade levantou e esticou-se, então sorriu para Jason.

— Então você não se lembra de nada, hein?

— Tudo o que tenho são impressões — disse Jason. — Sensações, como...

— Como o que? — disse Clovis.

— Como eu sei que não devia estar aqui. Nesse acampamento. Estou em perigo.

— Hum... Feche seus olhos.

Jason olhou para Annabeth, e ela assentiu de forma tranquilizadora.

Jason sentiu medo de acabar roncando em um dos beliches para sempre, mas ele fechou os olhos. Seus pensamentos se perdiam, como se ele estivesse afundando num lago escuro.

A próxima coisa de que ele se lembra foi de abrir os olhos com um estalo. Ele estava numa cadeira sentado em frente ao fogo. Clovis e Annabeth estavam ajoelhados ao lado dele.

— ... calma, está tudo bem — estava falando Clovis.

— O que aconteceu? — disse Jason. — Quanto...

— Só alguns minutos — disse Annabeth. — Mas foi tenso. Você quase dissolveu.

Jason esperava que ela estivesse falando no sentido não literal, mas sua expressão estava séria.

— Geralmente, — disse Clovis — memórias são perdidas por um bom motivo. Ficam logo abaixo da superfície, como sonhos, e com um bom sono posso trazê-las de volta. Mas isso...

— Lete? — perguntou Annabeth.

— Não — disse Clovis. — Nem Lete.

— Lete? — perguntou Jason.

Clovis apontou para o ramo de árvore derramando gotas leitosas sobre a lareira.

— O Rio Lete do Mundo Inferior. Dissolve suas memórias, limpa sua mente permanentemente. Este galho é de um choupo do Mundo Inferior, mergulhada no Lete. É o símbolo do meu pai, Hipnos. Lete não é um lugar que você queira nadar.

Annabeth assentiu.

— Percy foi lá uma vez. Ele me disse que é poderoso o bastante para limpar a mente de um titã.

Jason estava subitamente feliz por não ter tocado o ramo.

— Mas... não é meu problema?

— Não — concordou Clovis. — Sua mente não foi limpa, e suas memorias não foram apagadas. Elas foram roubadas.

O fogo estalou. Gotas da água do Lete gotejavam nos copos de estanho. Um dos outros campistas de Hipnos murmurou no sono – algo sobre um pato.

— Roubadas — disse Jason. — Como?

— Um deus — disse Clovis. — Só um deus teria esse tipo de poder.

— Sabemos disso — disse Jason. — Foi Juno. Mas como ela fez isso, e por quê?

Clovis coçou o pescoço.

— Juno?

— Ele quer dizer Hera — disse Annabeth. — Por algum motivo, Jason gosta dos nomes romanos.

— Hum.

— O quê? — perguntou Jason. — Significa algo?

— Hum — disse Clovis novamente, e dessa vez Jason percebeu que ele estava roncando.

— Clovis! — gritou ele.

— O quê? O quê? — Seus olhos esbugalharam-se. — Estávamos falando sobre travesseiros, certo? Não, deuses. Eu lembro. Gregos e romanos. Certo, pode ser importante.

— Mas eles são os mesmos deuses — disse Annabeth. — Apenas com nomes diferentes.

— Não exatamente — disse Clovis.

Jason sentou-se, agora muito mais acordado.

— O que você quer dizer, com "não exatamente"?

— Bem... — Clovis bocejou. — Alguns deuses são apenas romanos. Como Jano ou Pomona. Mas até os maiores deuses gregos... não foi apenas o nome deles que mudou quando se moveram para Roma. Suas aparências mudaram. Seus atributos mudaram. Eles até tiveram personalidades levemente diferentes.

— Mas... — Annabeth vacilou. — Ok, então talvez as pessoas os viram diferentemente através dos séculos. Isso não muda quem eles são.

— Com certeza sim. — Clovis começou a adormecer, e Jason estalou os dedos sob seu nariz.

— Estou indo, mãe! — gritou ele. — Digo... Sim, estou acordado. Então, hã, personalidades. Os deuses mudam para refletir as suas culturas locais. Você sabe disso, Annabeth. Digo, hoje em dia, Zeus gosta de ternos feitos por alfaiates, *reality shows* e daquele restaurante de comida chinesa na Rua 28 Leste, certo? Era o mesmo nos tempos romanos, e os deuses eram romanos tanto quanto eles eram gregos. Era um grande império, conservado por séculos. Então naturalmente os seus aspectos romanos ainda são uma grande parte de se caráter.

— Faz sentido — disse Jason.

Annabeth balançou a cabeça, confusa.

— Mas como você sabe isso tudo, Clovis?

— Ah, eu gasto muito tempo sonhando. Eu vejo deuses neles o tempo todo... sempre mudando de forma. Sabia que os sonhos são fluídos? Você pode estar em lugares diferentes de uma só vez, sempre mudando identidades. É como ser um deus, na verdade. Como recentemente, eu sonhei que estava assistindo uma apresentação do Michael Jackson, e então eu estava no palco *com* Michael Jackson, e estávamos cantando essa música, e eu *não* conseguia lembrar as palavras para "The Girl Is Mine" Ah, gente, foi tão constrangedor eu...

— Clovis — interrompeu Annabeth. — De volta a Roma?

— Certo, Roma. Assim nós chamamos os deuses pelos seus nomes gregos porque são as suas formas originais. Mas dizer que seus aspectos romanos são exatamente os mesmos... isso não é verdade. Em Roma, eles se tornaram mais militares. Não se misturavam muito com mortais. Eram severos, mais poderosos... os deuses de um império.

— Como o lado negro dos deuses? — perguntou Annabeth.

— Não exatamente — disse Clovis. — Eles erguiam-se para a disciplina, honra, força...

— Coisas boas, então — disse Jason. Por algum motivo, ele sentia a necessidade de falar pelos deuses romanos, embora não tivesse certeza do que isso importava para ele. — Digo, disciplina é importante, certo? Foi o que fez Roma continuar por tanto tempo.

Clovis lhe deu um olhar curioso.

— É verdade. Mas os deuses romanos não eram muito amigáveis. Por exemplo, meu pai, Hipnos... ele não fazia muito a não ser dormir nos tempos gregos. Nos tempos romanos, eles o chamavam de Somno. Ele gostava de matar as pessoas que não ficavam alerta aos seus trabalhos. Se eles adormecessem na hora errada, *bum!* eles nunca acordariam. Ele matou o capitão de Eneias quando eles estavam saindo a barco de Troia.

— Cara legal, — disse Annabeth — mas eu ainda não entendo o que isso tem a ver com Jason.

— Nem eu — disse Clovis. — Mas se Hera pegou suas memorias, só ela pode devolvê-las. E se eu tivesse que encontrar a rainha dos deuses, eu esperaria que ela estivesse mais num ânimo Hera do que num ânimo Juno. Posso voltar a dormir agora?

Annabeth olhou para o ramo sobre o fogo, pingando água do Lete nos vasos. Ela parecia tão preocupada, Jason queria saber se ela estava

considerando uma bebida para esquecer seus problemas. Então ela levantou e jogou para Clovis seu travesseiro.

— Obrigada, Clovis. Vemos você no jantar.

— Posso ter serviço de quarto? — Clovis bocejou e foi para seu beliche. — Me sinto meio... *zzz*...

Ele dormiu imediatamente, com o traseiro pra cima e o rosto enfiado no travesseiro.

— Ele não vai sufocar? — perguntou Jason.

— Ele ficará bem — disse Annabeth. — Mas estou começando a achar que você está em sérios problemas.

IX

PIPER

Piper sonhou sobre seu último dia com o pai.

Eles estavam na praia perto de Big Sur, descansando do surfe. A manhã foi tão perfeita que Piper sabia que logo algo ia dar errado – uma multidão furiosa de paparazzi ou talvez um grande tubarão branco os atacasse. De jeito nenhum sua sorte poderia continuar.

Mas até agora, eles tinham excelentes ondas, um céu nublado e dois quilômetros de mar só para eles. Seu pai encontrara aquele lugar escondido, alugara uma casa de campo com vista para o mar *e também* as propriedades vizinhas, e de algum jeito conseguira manter isso em segredo. Se ele ficasse ali muito tempo, Piper sabia que os fotógrafos o encontrariam. Eles sempre encontravam.

— Belo trabalho aqui, Pipes. — Ele lhe deu o sorriso pelo qual ele era famoso: dentes perfeitos, queixo com covinhas, uma piscadela nos seus olhos escuros que sempre causavam um grito nas mulheres e as faziam

pedir-lhe para autografar seus corpos com tinta permanente. (*Por que não cuidam de suas vidas?*, Piper pensava). Seu cabelo negro cortado à escovinha brilhava com água salgada. — Você está ficando melhor no *hang ten*.

Piper corou em orgulho, embora suspeitasse que o pai só estivesse sendo simpático. Ela ainda passava a maior do tempo caindo. Parecia ter um talento especial para atropelar a si mesma com uma prancha de surfe. Seu *pai* era um surfista natural – o que não fazia nenhum sentido, já que ele tivera uma infância pobre em Oklahoma, a centenas de quilômetros do oceano – mas ele era incrível nas ondas. Piper teria desistido de surfar muito tempo atrás, se não fosse pelo fato de que, surfando, podia passar mais horas ao lado do pai. Não havia muitas maneiras para conseguir aquilo.

— Sanduíche? — O pai procurou na cesta de piquenique que seu *chef*, Arno, fizera. — Vamos ver: peito de peru, pasta de caranguejo com wasabi... ei, um especial da Piper. Manteiga de amendoim e geleia.

Ela pegou o sanduíche, embora seu estômago estivesse muito agitado para comer. Ela sempre pedia o mesmo. Em primeiro lugar, Piper era vegetariana. Desde o dia em que passaram dirigindo na frente de um matadouro em Chino e o cheiro do lugar quase a fizera vomitar. Mas havia outro motivo. Manteiga de amendoim e geleia era comida simples, do tipo que uma criança normal teria para almoço. Às vezes ela fingia que era seu pai quem o preparava, e não um chef particular francês que gostava de enrolar o sanduíche numa folha de ouro com um diamante brilhante ao invés de um palito de dente.

Por que nada podia ser simples? Era por isso que ela recusava as roupas caras que seu pai sempre oferecia, os sapatos de marca, as visitas ao salão. Ela cortava seu próprio cabelo com um par de tesouras de plásticos seguras do Garfield, tornando desigual de propósito. Ela preferia usar tênis velhos, jeans, uma camiseta, e sua antiga jaqueta de quando praticavam *snowboard*.

E ela odiava as escolas particulares esnobes que seu pai pensava que eram boas para ela. Ela continuava sendo expulsa. Ele continuou a encontrar mais escolas.

No dia anterior ela tinha realizado seu maior crime — dirigindo aquela BMW "emprestada" para fora da concessionária. Ela *tinha* que realizar uma proeza maior toda vez, porque estava ainda mais difícil conseguir a atenção do pai.

Agora ela lamentava. O pai ainda não sabia.

Ela queria contar-lhe ainda essa manhã. Ele a havia surpreendido com essa viagem, e ela não poderia arruinar isso. Era a primeira vez que eles teriam um dia juntos em três meses.

— Qual o problema? — Ele lhe passou um refrigerante.

— Pai, tem uma coisa...

— Espere, Pipes. Esse é um rosto sério. Pronta para Três Perguntas Básicas?

Eles estiveram jogando aquele jogo por anos — era o modo do seu pai de entrar em contato com ela rapidamente. Eles fazer três perguntar um para o outro. Nada fora dos limites, e você tinha que responder honestamente. O resto do tempo, o pai prometia ficar fora da vida dela — o que era fácil, desde que ele nunca estava por perto.

Piper sabia que a maioria das crianças acharia um jogo assim com os pais totalmente mortificante. Mas ela gostava. Era como surfar — não fácil, mas um jeito de sentir como se realmente tivesse um pai.

— Primeira pergunta — disse ela. — Mamãe.

Sem surpresa. Era sempre um dos seus tópicos.

Seu pai deu de ombros com resignação.

— O que você quer saber, Piper? Eu já lhe disse... ela desapareceu. Não sei por que ou para onde ela foi. Depois que você nasceu, ela simplesmente

partiu. Eu nunca mais ouvi falar dela.

— Você acha que ela ainda está viva?

Não era uma pergunta muito boa. Seu pai poderia dizer que não sabia. Mas ela queria ouvir como ele responderia.

Ele olhou para as ondas.

— Seu avô Tom — disse ele finalmente — costumava me dizer que se você andar longe o bastante até o pôr do sol, você encontraria o País dos Fantasmas, onde se pode conversar com a morte. Ele disse que há muito tempo era possível trazer os mortos de volta, mas então os homens destruíram essa possibilidade. Bem, é uma longa história.

— Como a Terra dos Mortos para os gregos — lembrou Piper. — Era no Oeste, também. E Orfeu... que tentou trazer sua esposa de volta.

Seu pai assentiu. Um ano antes, ele tivera seu grande papel como um rei da Grécia Antiga. Piper havia lhe ajudado a pesquisar os mitos — todas aquelas histórias antigas sobre pessoas virando pedra e afundando em lagos de lava. Eles tiveram um tempo divertido lendo juntos, e isso fez a vida de Piper não parecer tão má. Por um instante ela se sentiu mais próxima do pai, mas como tudo que é bom, aquilo acabou.

— Há várias semelhanças entre os gregos e os Cherokees — concordou o pai. — Pense no que seu avô diria se nos visse agora, sentados no extremo oeste. Ele provavelmente pensaria que somos fantasmas.

— Então você está dizendo que acredita nessas histórias? Você acha que a mamãe está morta?

Os olhos do pai se encheram de lágrimas, e Piper viu a tristeza por trás deles. Ela entendeu o porquê das mulheres se sentirem tão atraídas por ele. À primeira vista, ele parecia confiante e forte, mas seus olhos guardavam muita tristeza. Elas queriam descobrir o porquê. Elas queriam confortá-lo, e nunca conseguiam. O pai contava a Piper que era coisa de Cherokees —

todos eles tinham aquela tristeza interior, herança de gerações de dor e sofrimento. Mas Piper sempre imaginou que era mais que isso.

— Eu não acredito nas histórias — disse ele. — Elas são divertidas de contar, mas se eu realmente acreditasse em País dos Fantasmas, ou espíritos animais, ou deuses gregos... eu não acho que poderia dormir à noite. Eu sempre estaria procurando por alguém para acusar.

Alguém para acusar pela morte do vovô Tom de câncer de pulmão, Piper pensou, antes que seu pai ficasse famoso e tivesse dinheiro para ajudar. Por sua mãe — a única mulher que ele amara — e que o abandonou sem mesmo uma carta de adeus, deixando-o com uma garota recém-nascida pela qual ele não estava pronto para cuidar. Por ele ser um sucesso tão grande, e ainda infeliz.

— Eu não sei se ela está viva — disse ele. — Mas acho que ela também pode estar no País dos Fantasmas, Piper. Não há volta para ela. Se eu acreditasse no contrário... não sei se poderia aguentar, afinal.

Atrás deles, a porta de um carro abriu. Piper virou, e seu coração afundou. Jane estava marchando na direção deles no seu terno de trabalho, vacilando sobre a areia com seus saltos altos, seu *palmtop* na mão. O olhar em seu rosto estava em parte chateado, em parte triunfante, e Piper sabia que ela estivera em contato com a polícia.

Por favor caia, Piper rezou. *Se há algum espírito animal ou deus grego que possa ajudar, faça com que Jane cai no chão. Não estou pedindo dano permanente, apenas eliminá-la pelo resto do dia, por favor.*

Mas Jane continuou avançando.

— Pai — disse Piper rapidamente. — Uma coisa aconteceu ontem...

Mas ele viu Jane também. Ele já estava reconstruindo seu rosto de negócios. Jane não estaria aqui se não fosse sério. Um diretor de estúdio

chamava, ou um projeto foi arruinado, ou então Piper havia estragado tudo novamente.

— Vamos voltar a isso, Pipes — prometeu ele. — É melhor eu ver o que a Jane quer. Você sabe como ela é.

Sim, Piper sabia. O pai marchou pela areia para encontrá-la. Piper não podia ouvi-los conversando, mas ela não precisava. Ela era boa em leitura facial. Jane lhe deu os fatos sobre o carro roubado, ocasionalmente apontando para Piper como se ela fosse um animal repulsivo que silvava no carpete.

A energia e entusiasmo do pai drenaram. Ele gesticulou pra Jane esperar. Então ele voltou para Piper. Ela não podia olhar para o rosto dele... era como se ela tivesse traído sua confiança.

— Você me disse que ia tentar, Piper — disse ele.

— Pai, eu odeio aquela escola. Eu não posso fazer isso. Eu queria lhe dizer sobre a BMW, mas...

— Eles te expulsaram — disse ele. — Um carro, Piper? Você vai fazer dezesseis no próximo ano. Eu lhe compraria qualquer carro que quisesse. Como você pode...

— Você quer dizer que *Jane* me compraria um carro? — perguntou Piper. Ela não podia aguentar isso. Sua raiva só aumentava. — Pai, apenas ouça uma vez. Não me faça esperar por você para fazer suas estúpidas três perguntas. Eu quero ir para uma escola normal. Eu quero que *você* vá à reunião de pais, e não Jane. Ou me eduque em casa! Eu aprendi tanto quando lemos sobre a Grécia juntos. Poderíamos fazer isso toda a hora! Poderíamos...

— Não faça isso comigo — disse seu pai. — Eu faço o melhor que posso, Piper. Já tivemos essa conversa.

Não, pensou ela. *Você adiou essa conversa. Por anos.*

Seu pai suspirou.

— Jane falou com a polícia, fechou um acordo. A concessionária não vai dar queixa, mas você tem que concordar em ir para um internato em Nevada. Eles são especialistas em problemas... em crianças com problemas difíceis.

— É o que eu sou para você. — Sua voz tremeu. — Um problema.

— Piper... você disse que tentaria. Você me desapontou. Eu não sei mais o que fazer.

— Faça qualquer coisa — disse ela. — Mas faça você mesmo! Não deixe Jane cuidar disso para você. Você não pode simplesmente me mandar para longe.

O pai olhou para a cesta de piquenique. Seu sanduíche estava intocado num pedaço de folha dourada. Eles planejaram uma tarde inteira no surfe. Agora isso estava arruinado. Piper não podia acreditar que ele realmente cedera aos desejos de Jane. Não dessa vez. Não quando o assunto era tão importante quanto um internato.

— Vá vê-la — disse papai. — Ela tem os detalhes.

— Pai...

Ele desviou o olhar, olhando para o oceano como se pudesse ver todo o caminho para o País dos Fantasmas. Piper prometeu a si mesma que não iria chorar. Ela foi em direção a Jane, que sorria friamente e segurava uma passagem de avião nas mãos. Como sempre, ela já arranjara tudo. Piper era só outro problema diário que Jane agora podia tirar da lista.

O sonho de Piper mudou.

Ela estava no topo de uma montanha, à noite, as luzes da cidade cintilando abaixo. Em frente a ela, uma fogueira reluzia. As chamas

púrpuras pareciam fazer mais sombras que luz, mas o calor era tão intenso que suas roupas estavam quentes.

— Esse é o seu segundo aviso — uma voz ressoou, tão poderosa que sacudiu o mundo. Piper ouvira aquela voz antes nos seus sonhos. Tentou convencer-se que não era tão assustadora quanto ela lembrava, mas era pior.

Atrás da fogueira, um grande rosto aparecia indistintamente na escuridão. Parecia flutuar sobre as chamas, mas Piper sabia que devia estar conectado a um corpo enorme. As feições rudes deveriam ter sido esculpidas em rochas. O rosto dificilmente parecia vivo exceto pelos seus penetrantes olhos brancos, como diamantes novos, e seu horrível emaranhado de *dreadlocks*, trançados com ossos humanos. A figura sorriu, e Piper tremeu.

— Você fará o que lhe for dito — disse o gigante. — Você levará a missão adiante. Faça o que for preciso, e você talvez saia viva. Caso contrário...

Ele gesticulou para um lado do fogo. O pai de Piper estava pendurado inconsciente, amarrado num poste.

Ela tentou gritar. Ela queria chamar pelo seu pai, e exigir que o gigante o soltasse, mas sua voz não funcionou.

— Estarei observando — disse o gigante. — Sirva-me, e ambos vivem. Você tem a palavra de Encélado. Falhe e... bem, eu dormi por um milênio, jovem semideusa. Estou com *muita* fome. Falhe, e vou comer bem.

O gigante riu. A terra estremeceu. Uma fenda abriu-se nos pés de Piper, e ela caiu na escuridão.

Piper acordou como se tivesse sido pisoteada por uma multidão dançando o passo irlandês. Seu peito doía, e ela mal podia respirar. Abaixou-se e fechou a mão ao redor do punho da adaga que Annabeth lhe dera — Katoptris, a arma de Helena de Troia.

Então o Acampamento Meio-Sangue não foi um sonho.

— Como você está se sentindo? — perguntou alguém.

Piper tentou focar o olhar. Ela estava deitada numa cama com uma cortina branca num lado, como uma enfermaria. Aquela garota ruiva, Rachel Dare, sentava perto dela. Na parede havia um pôster com o desenho de um sátiro que parecia muito com o Treinador Hedge com um termômetro na boca. A legenda dizia: *Não fique de bode por causa da doença!*

— Onde... — A voz de Piper morreu quando ela viu o sujeito na porta.

Ele parecia um surfista típico da Califórnia... bronzeado, cabelo loiro, vestindo um short e uma camiseta. Mas ele tinha centenas de olhos azuis sobre o corpo: ao longo dos braços, pernas e em todo o rosto. Até seus pés tinham olhos, olhando para ela por entre as tiras das sandálias.

— Esse é Argos, — disse Rachel — nosso chefe da segurança. Ele só está dando uma olhada nas coisas... por assim dizer.

Argos assentiu. O olho no seu queixo piscou.

— Onde...? — Piper tentou novamente, mas sentia como se estivesse falando através de um pedaço de algodão.

— Você está na Casa Grande — disse Rachel. — Na administração do acampamento. Trouxemos você aqui quando desmaiou.

— Você me agarrou — lembrou Piper. — A voz de Hera...

— Me perdoe por aquilo — disse Rachel. — Acredite em mim, *não* foi minha ideia ser possuída. Quíron lhe curou com um pouco de néctar...

— Néctar?

— A bebida dos deuses. Em pequenas quantidades, cura semideuses... se não for assim... hã... você vira cinzas.

— Ah. Divertido.

Rachel sentou-se mais para frente.

— Você se lembra da sua visão?

Piper teve um momento de medo, pensando que ela dizia sobre o sonho com o gigante. Então ela percebeu que Rachel estava falando sobre o que aconteceu no chalé de Hera.

— Tem algo de errado com a deusa — disse Piper. — Me disse para libertá-la, como se estivesse presa. Ela mencionou a terra nos engolindo, e algo sobre o solstício.

No canto da sala, Argos fez um som de choro com seu peito. Todos seus olhos agitaram-se de uma vez.

— Hera criou Argos — explicou Rachel. — Ele na verdade é bastante sensível quanto à segurança dela. Estamos tentando impedi-lo de chorar, porque da última vez que isso aconteceu... bem, causou uma bela inundação.

Argos fungou. Ele pegou um punhado de lenços do criado-mudo e começou a esfregar todos os olhos do corpo.

— Então... — Piper tentou não olhar enquanto Argos limpava as lágrimas dos cotovelos. — O que aconteceu com Hera?

— Não temos certeza — disse Rachel. — Annabeth e Jason estiveram aqui para ver você, a propósito. Jason não queria te deixar, mas Annabeth teve uma ideia... algo que pode restaurar a memória dele.

— Isso é... isso é legal.

Jason estivera aqui por ela? Ela queria estar consciente para isso. Se ele conseguisse sua memória de volta, aquilo seria uma coisa boa? Ela ainda tinha esperanças de que os dois realmente se conhecessem. Ela não queria que o relacionamento deles fosse só um truque da Névoa.

Recomponha-se, pensou ela. Se ela ia salvar seu pai, não importava se Jason gostava dela ou não. Ele a odiaria no fim. Todos aqui odiariam.

Ele olhou para a adaga cerimonial amarrada ao seu lado. Annabeth disse que era uma marca de poder e status, mas não era normalmente usada em batalha. Tudo de amostra e nenhuma matéria. Uma farsa, assim como

Piper. E seu nome era Katoptris, espelho. Ela não ousou desembainhá-la novamente, porque ela não queria ver seu próprio reflexo nela.

— Não se preocupe. — Rachel apertou sua mão. — Jason parece ser um cara bom. Ele teve uma visão também, muito parecida com a sua. O que quer que esteja acontecendo com Hera... acho que vocês dois deverão trabalhar juntos.

Rachel sorriu como se fosse uma boa notícia, mas Piper ficou mais nervosa ainda. Ela pensou que essa missão — fosse ela qual fosse — envolveria muita gente. Agora Rachel estava basicamente lhe dizendo: *Boas notícias! Não só seu pai é será sequestrado por um gigante canibal, mas você também conseguirá trair o cara que você gosta! Isso não é incrível?*

— Ei — disse Rachel. — Não precisa chorar. Você vai compreender.

Piper secou os olhos, tentando controlar-se. Essa não era ela. Ela devia ser resistente — uma ladra de carros endurecida, a aflição das escolas particulares de Los Angeles. Aqui estava ela, chorando como um bebê.

— Como você pode saber o que estou encarando?

Rachel deu de ombros.

— Eu sei que é uma escolha difícil, e suas opções não são perfeitas. Como disse, eu tenho intuições às vezes. Mas você será reclamada na fogueira. Tenho quase certeza. Quando você souber quem é sua parente olimpiana, as coisas podem ficar mais claras.

Mais claras, pensou Piper. Não necessariamente melhores.

Ela sentou na cama. Sua testa doía como se alguém tivesse enfiado um prego entre seus olhos. *Não há como trazer sua mãe de volta*, dissera seu pai. Mas aparentemente, à noite, sua mãe a reclamaria. Pela primeira vez, Piper não tinha certeza se queria isso.

— Espero que seja Atena. — Ela ergueu os olhos, com medo que Rachel pudesse tirar sarro dela, mas a oráculo só sorriu.

— Piper, não lhe censuro. Sinceramente? Acho que Annabeth está esperando isso também. Vocês têm muito em comum.

A comparação fez Piper se sentir mais culpada ainda.

— Outra intuição? Você não sabe nada sobre mim.

— Você se surpreenderia.

— Você só está falando isso porque é um oraculo, certo? Você devia soar toda misteriosa.

Rachel riu.

— Não vou ficar contando meus segredos por aí, Piper. E não se preocupe. As coisas vão terminar bem... embora talvez não do jeito que você planeja.

— Não está me fazendo sentir melhor.

Em algum lugar distante, uma trombeta de concha soou. Argos rosnou e abriu a porta.

— Jantar? — perguntou Piper.

— Você dormiu durante o jantar — disse Rachel. — Hora da fogueira. Vamos descobrir quem você é.

X

PIPER

A ideia da fogueira no acampamento assustava Piper. A fazia lembrar daquela grande fogueira púrpura dos sonhos, e seu pai amarrado num poste.

O que ela encontrou era quase tão apavorante quanto: as pessoas cantavam. As arquibancadas do anfiteatro tinham sido construídas ao lado de uma colina, de frente para uma fogueira alinhada com pedras. Cinquenta ou sessenta crianças enchiam as fileiras, agrupadas sob diferentes bandeiras.

Piper localizou Jason na frente, ao lado de Annabeth. Leo estava por perto, sentado com um grupo de campistas fortes sob uma bandeira prateada com um martelo como brasão. Em pé a frente do fogo, meia-dúzia de campistas com guitarras e harpas antiquadas e estranhas – liras? – estavam pulando, cantando uma música sobre pedaços de armaduras e algo sobre como as suas avós vestiam-se para a guerra. Todos estavam cantando com eles e fazendo gestos para os pedaços de armadura e brincando. Era possivelmente a coisa mais estranha que Piper já viu – uma daquelas

músicas de fogueira que seriam completamente constrangedoras na luz do dia; mas no escuro, com todos participando, era meio que brega e divertido. Conforme o nível de energia crescia, as chamas também cresciam, mudando do vermelho para laranja e depois para dourado.

Finalmente a música acabou com vários aplausos desordeiros. Um sujeito num cavalo trotou. Pelo menos na luz, Piper *pensou* que fosse um sujeito num cavalo. Então ela percebeu que era um centauro – na metade de baixo era um garanhão branco, na metade de cima um homem de meia-idade com cabelo cacheado e uma barba bem aparada. Ele brandiu uma lança espetada com *marshmallows* tostados.

— Muito bem! E vamos dar as boas-vindas para os nossos novos companheiros. Eu sou Quíron, diretor do acampamento e das atividades, e estou feliz de que todos vocês chegaram aqui vivos e com a maioria dos seus membros fixados. Num momento, prometo que vamos aos *marshmallows*, mas primeiro...

— Que tal a captura da bandeira? — gritou alguém.

Gritos romperam de algumas crianças com armadura, que estavam sob uma bandeira vermelha com o emblema de uma cabeça de javali.

— Sim — disse o centauro. — Eu sei que o chalé de Ares está ansioso para retornar à floresta a às nossas atividades regulares.

— E para matar pessoas! — gritou um deles.

— Porém, — continuou Quíron — até o dragão ser posto sob controle, isso não será possível. Chalé nove, algo para informar a respeito disso?

Ele virou para o grupo do Leo. Leo piscou para Piper e atirou nela com uma arma imaginaria. A garota perto dele levantou-se desconfortavelmente. Ela vestia um casaco de exército como o de Leo, seu cabelo coberto com uma bandana vermelha.

— Estamos trabalhando nisso.

Houve mais gritos.

— Como, Nyssa? — perguntou uma criança de Ares.

— Duro, muito duro — respondeu a garota.

Ela sentou e seguiram-se vários gritos e reclamações, o que fez o fogo crepitar caoticamente. Quíron bateu o casco contra as pedras do poço de fogo – *bang, bang, bang* – e os campistas silenciaram.

— Teremos que ser pacientes — disse Quíron. — Entretanto, temos questões mais urgentes a discutir.

— Percy? — perguntou alguém.

O fogo ficava cada vez mais revolto, mas Piper não precisava olhar para as chamas para sentir a ansiedade da multidão.

Quíron gesticulou para Annabeth. Ela respirou fundo e se levantou.

— Eu não encontrei Percy — anunciou ela. Sua voz falhou um pouco quando ela disse seu nome. — Ele não estava no Grand Canyon como pensei. Mas não estamos desistindo. Temos equipes em todos os lugares. Grover, Tyson, Nico, as Caçadoras de Ártemis... todos estão procurando. Nós *vamos* encontrá-lo. Quíron está falando sobre algo diferente. Uma nova missão.

— É a Grande Profecia, não é? — gritou uma garota.

Todos viraram. A voz viera de um grupo na parte de trás, com uma bandeira cor-de-rosa enfeitada com uma pomba. Eles estiveram conversando entre eles e não dando muita atenção até a líder deles se levantar: Drew.

Todos olharam surpresos. Aparentemente, Drew não discutia muito com a multidão.

— Drew? — disse Annabeth. — O que você quer dizer?

— Bem, *vamos lá.* — Drew abriu as mãos como se a verdade estivesse óbvia. — O Olimpo está fechado. Percy está desaparecido. Hera lhe manda

uma visão e você volta com três novos semideuses num dia. Digo, algo estranho está acontecendo. A Grande Profecia começou, certo?

Piper sussurrou para Rachel.

— Sobre o que ela está falando? Grande Profecia?

Então ela percebeu que todos estavam olhando para Rachel, também.

— Então? — Drew invocou. — Você é o oráculo. Começou ou não?

Os olhos de Rachel pareciam assustados na luz da fogueira. Piper tinha medo que ela pudesse apertar e começar a canalizar uma estranha deusa novamente, mas ela deu um passo à frente calmamente e disse ao acampamento:

— Sim — disse ela. — A Grande Profecia começou.

O pandemônio rompeu.

Piper pegou o olhar de Jason. Ele gesticulou com os lábios: *Você está bem?* Ela assentiu e administrou um sorriso, mas então desviou o olhar. Era muito doloroso vê-lo e não estar com ele.

Quando a conversa finalmente baixou, Rachel deu outro passo para a plateia, e mais de cinquenta semideuses recuaram dela, como se uma mortal ruiva e magra fosse mais ameaçadora que todos eles colocados juntos.

— Para todos que não ouviram, — disse Rachel — a Grande Profecia foi minha primeira profecia. Chegou em agosto. É mais ou menos isto:

Sete meio-sangues responderão ao chamado,
em tempestade ou fogo, o mundo terá acabado...

Jason se levantou. Seus olhos pareciam selvagens, como se tivesse acabado de ser acertado por uma arma de choque.

Até Rachel pareceu pega de surpresa.

— J-Jason? — disse ela. — O que está...

— *Ut cum spiritu postrema sacramentum dejuremus* — recitou ele. — *Et hostes ornamenta addent ad ianuam necem*.

Um silêncio inquietante estabeleceu-se no grupo. Piper pôde ver pelos seus rostos que vários deles estavam tentando traduzir as linhas. Ela podia dizer que era latim, mas não tinha certeza porque seu esperançosamente futuro namorado estava subitamente cantando como um sacerdote católico.

— Você acabou de... terminar a profecia — gaguejou Rachel. — *Um juramento a manter com um alento final / E inimigos com armas às Portas da Morte afinal*. Como você...

— Eu conheço essas linhas. — Jason tremeu e colocou as mãos nas têmporas. — Não sei como, mas eu *conheço* essa profecia.

— Em latim, ainda por cima — gritou Drew. — Bonito *e* esperto.

Houve alguns risos no chalé de Afrodite. *Deus, que bando de perdedores*, pensou Piper. Mas não fazia muito para quebrar a tensão. A fogueira estava queimando uma tonalidade caótica e nervosa de verde.

Jason sentou, parecendo envergonhado, mas Annabeth colocou uma mão no seu ombro e murmurou algo tranquilizador. Piper sentiu uma pontada de ciúmes. Devia ser *ela* ao lado dele, reconfortando-o.

Rachel Dare ainda parecia um pouco perdida. Ela olhou para Quíron pedindo por orientação, mas o centauro continuou parado em silêncio, como se estivesse assistindo uma peça que não poderia interromper – uma tragédia que acabaria com muitas pessoas mortas no palco.

— Bem — disse Rachel, tentando recuperar sua compostura. — Então, esta é a Grande Profecia. Esperávamos que não se realizasse por anos, mas temo que esteja começando agora. Não posso provar. É apenas uma sensação. E como Drew disse, alguma coisa estranha está acontecendo. Os sete semideuses, quem quer que sejam, ainda não foram reunidos. Tenho a sensação que alguns estão aqui essa noite. Alguns não.

Os campistas começaram a murmurar, olhando um para o outro nervosamente, até que uma voz sonolenta na multidão gritou:

— Estou aqui! Ah... vocês estavam fazendo chamada?

— Volte a dormir, Clovis — alguém gritou, e várias pessoas riram.

— Entretanto — continuou Rachel — não sabemos o que a Grande Profecia significa. Não sabemos que desafio os semideuses irão enfrentar, mas como a *primeira* Grande Profecia profetizou a Guerra dos Titãs, podemos supor que a *segunda* Grande Profecia irá profetizar algo, no mínimo, tão ruim quanto.

— Ou pior — murmurou Quíron.

Talvez ele não quisesse que todos ouvissem, mas ouviram.

A fogueira imediatamente ficou púrpura, a mesma cor como no sonho de Piper.

— O que nós *sabemos* — anunciou Rachel — é que a primeira fase começou. Um problema maior surgiu, e precisamos de uma missão para resolver isso. Hera, a rainha dos deuses, foi raptada.

Um silêncio de choque tomou conta de todos. Então cinquenta semideuses começaram a conversar de vez.

Quíron bateu seu casco novamente, mas Rachel ainda teve que esperar antes que pudesse recuperar a atenção deles.

Ela contou-os sobre o acidente na passarela do Grand Canyon – como Gleeson Hedge sacrificou-se quando os espíritos da tempestade atacaram, e os espíritos alertaram que era só o começo. Eles aparentemente serviam alguma grande mestra que destruiria todos os semideuses.

Então Rachel contou para eles sobre o desmaio de Piper no chalé de Hera. Piper tentou manter uma expressão calma, mesmo quando ela notou Drew na fileira de trás, imitando um desmaio, suas amigas rindo. Finalmente Rachel lhes contou sobre a visão de Jason na sala de estar da

Casa Grande. A mensagem que Hera entregou era tão similar que Piper teve um calafrio. A única diferença: Hera alertara para Piper não traí-la: *Curve-se ao seu desejo, e o rei deles irá se erguer, condenando a todos nós.* Hera *sabia* sobre a ameaça do gigante. Mas se aquilo era verdade, por que ela não alertara Jason, e expôs Piper como uma agente inimiga?

— Jason — chamou Rachel. — Hã... você lembra de seu sobrenome?

Ele parecia pensar, mas balançou a cabeça.

— Vamos só lhe chamar de Jason, então — disse Rachel. — Está claro que a própria Hera lhe enviou uma missão.

Rachel pausou, como se desse a Jason uma chance de protestar seu destino. Os olhos de todos estavam nele; havia tanta pressão, Piper pensou que teria se curvado na sua posição. Contudo ele parecia corajoso e determinado. Ele endureceu a mandíbula e assentiu.

— Eu concordo.

— Você deve salvar Hera para prevenir um grande mal — continuou Rachel. — Algum tipo de rei está se erguendo. Por motivos que ainda não entendemos, deve acontecer no solstício de inverno, somente a quatro dias a partir de agora.

— Esse é o dia do conselho dos deuses — interrompeu Annabeth. — Se os deuses *já* não sabem que Hera sumiu, eles definitivamente irão reconhecer sua a ausência então. Eles provavelmente começarão a brigar, acusando um ao outro de raptá-la. É o que eles geralmente fazem.

— O solstício de inverno, — disse Quíron — também é a hora de maior escuridão. Os deuses se reúnem nesse dia, como mortais sempre fazem, pois há muita força em jogo. No solstício a magia do mal ganha força. Magia *antiga*, mais velha que os deuses. É o dia quando as coisas... se agitam.

Do jeito que ele disse isso, agitação soou absolutamente sinistro – como se fosse um crime, e não algo normal.

— Ok — disse Annabeth, olhando para o centauro. — Obrigada, Capitão Sunshine. O que quer que esteja acontecendo, eu concordo com Rachel. Jason foi escolhido para liderar essa missão, então...

— Por que ele não foi reclamado? — alguém gritou do chalé de Ares. — Se ele é tão importante...

— Ele foi reclamado — anunciou Quíron. — Tempos atrás. Jason, nos dê uma demonstração.

A princípio, Jason não pareceu entender. Ele deu um passo para frente nervosamente, mas Piper não pôde deixar de pensar como ele parecia incrível com seus cabelos loiros brilhando na luz do fogo, suas feições reais como a de uma estátua romana. Ele olhou para Piper, e ela assentiu encorajadoramente. Ela fez uma mímica de arremessar uma moeda.

Jason colocou uma mão no bolso e jogou sua moeda para o alto. Sua moeda cintilou no ar, e quando ele a pegou em sua mão, estava segurando uma lança – uma haste de ouro de aproximadamente dois metros, com uma ponta de dardo numa extremidade. Os outros semideuses ofegaram. Rachel e Annabeth deram um passo para trás para evitar a ponta, que parecia afiada como um furador de gelo.

— Isso não era... — Annabeth hesitou. — Pensei que você tivesse uma espada.

— Hã, algumas vezes cresce um pouco mais, eu acho — disse Jason. — A mesma moeda na forma de arma de longo alcance...

— Rapaz, eu quero uma! — gritou alguém do chalé de Ares.

— Melhor que a lança elétrica da Clarisse, cara! — concordou um dos seus irmãos.

— Elétrica... — Jason murmurou como se fosse uma boa ideia. — Afastem-se.

Annabeth e Rachel entenderam a mensagem. Jason levantou sua lança, e um trovão rompeu no céu. Todos os pelos no braço de Piper se arrepiaram. Um raio desceu através do ponto da lança dourada e acertou a fogueira com a força de um projetil de artilharia.

Quando a fumaça dissipou, e o zumbido nos ouvidos de Piper diminuiu, o acampamento inteiro estava congelado em choque, meio cego, coberto de cinzas, olhando para o lugar onde a fogueia estava. Choveu cinzas de todo o lugar. Um pedaço de lenha queimando empalou-se alguns metros da criança dorminhoca Clovis, que não tinha nem se mexido.

Jason baixou sua lança.

— Hã... desculpe.

Quíron limpou algumas brasas queimando na sua barba. Ele fez uma careta como se seus piores medos fossem confirmados.

— Um pouco destruidor, talvez, mas você conseguiu o que queria. E acredito que saibamos que seu pai é.

— Júpiter — disse Jason. — Quero dizer, Zeus. O Senhor do Céu.

Piper não pode deixar de sorrir. Fazia perfeito sentido. O deus mais poderoso, o pai de todos os maiores heróis nos mitos antigos – ninguém mais poderia ser o pai de Jason.

Aparentemente, o resto do acampamento não tinha tanta certeza. Tudo quebrou em caos, com dúzias de pessoas perguntando coisas até Annabeth levantar os braços.

— Esperem! — disse ela. — Como ele pode ser filho de Zeus? Os Três Grandes... o pacto deles de não ter filhos mortais... como não pudemos saber sobre ele antes?

Quíron não respondeu, mas Piper teve a sensação de que ele sabia. E a verdade não era boa.

— A coisa importante, — disse Rachel — é que Jason está aqui agora. Ele tem uma missão para cumprir, o que significa que ele precisará da sua própria profecia.

Ela fechou os olhos e desmaiou. Dois campistas correram para a frente e a pegaram. Um terceiro correu para o lado do anfiteatro e pegou um banco dourado de três pernas, como se tivessem sido treinados para essa função. Eles soltaram Rachel no banco em frente a fogueira arruinada. Sem o fogo, a noite era escura, mas névoa verde começou a redemoinhar ao redor dos pés de Rachel. Quando ela abriu os olhos, eles estavam brilhando. Fumaça esmeralda surgiu de sua boca. A voz que saiu era rouca e antiga – o som que uma cobra faria se pudesse falar:

Filho do relâmpago, tome cuidado no chão,
da vingança dos gigantes os sete nascerão.
A forja e a pomba devem abrir a cela,
e liberar a morte pela raiva de Hera.

Após a última palavra, Rachel caiu, mas seus ajudantes estavam esperando para pegá-la. Eles a carregaram para fora do anfiteatro e a deitaram no canto para descansar.

— Isso é normal? — perguntou Piper. Então ela percebeu que havia falado no silêncio, e todos estavam olhando para ela. — Digo... ela costuma soltar fumaça verde constantemente?

— Deuses, como você é estupida! — zombou Drew. — Ela acabou de dizer uma profecia... a profecia de Jason para salvar Hera! Por que você simplesmente não...

— Drew — gritou Annabeth. — Piper fez uma pergunta clara. Algo sobre essa profecia *definitivamente* não é normal. Se ao tirar Hera da prisão vamos libertar sua ira e causar várias mortes... por que a libertaríamos? Pode

ser uma armadilha, ou... ou talvez Hera vá se virar contra seus salvadores. Ela nunca foi gentil com heróis.

Jason levantou.

— Não tenho muita escolha. Hera roubou minha memória. Preciso dela de volta. Além disso, não podemos simplesmente *não* ajudar a Rainha do Céu se ela estiver em perigo.

Uma garota do chalé de Hefesto se levantou – Nyssa, a de bandana vermelha.

— Talvez. Mas você devia ouvir a Annabeth. Hera pode ser vingativa. Ela jogou seu próprio filho, nosso pai, do alto de uma montanha só porque ele era feio.

— *Realmente* feio — riu alguém de Afrodite.

— Cale a boca! — rosnou Nyssa. — Em todo o caso, também temos que pensar: por que tomar cuidado com o chão? E o que é a vingança dos gigantes? Com o que estamos lidando que é poderoso o bastante para sequestrar a Rainha do Céu?

Ninguém respondeu, mas Piper notou Annabeth e Quíron tendo uma troca de olhar silenciosa. Piper pensou que era algo como:

Annabeth: *A vingança dos gigantes... não, não pode ser.*

Quíron: *Não fale disso aqui. Não os assuste.*

Annabeth: *Você está brincando comigo! Não podemos ser* tão *azarados assim.*

Quíron: *Depois, criança. Se você contar-lhes tudo, eles estariam muito aterrorizados para continuar.*

Piper sabia que era loucura pensar que ela podia ler suas expressões tão bem – duas pessoas que ela mal conhecia. Mas ela estava absolutamente certa de que os entendera, e ficou morta de medo.

Annabeth respirou fundo.

— A missão é de Jason — ela anunciou — então a escolha é de Jason. Obviamente, ele é o filho do relâmpago. Segundo a tradição, ele pode escolher dois companheiros quaisquer.

Alguém do chalé do Hermes gritou:

— Bem, você obviamente, Annabeth. Você tem mais experiência.

— Não, Travis — disse Annabeth. — Primeiro, eu *não* poderia ajudar Hera. Todas as vezes que tentei, ela me enganou, ou voltou para trapacear depois. Esqueça. Sem chance. Em segundo lugar, a primeira coisa que vou fazer amanhã é partir para encontrar Percy.

— Está conectado. — Piper deixou escapar, sem saber como ela teve coragem. — Você sabe que é verdade, não é? Toda essa história, o desaparecimento do seu namorado... tudo está conectado.

— Como? — perguntou Drew. — Se você é tão esperta, como?

Piper tentou formar uma resposta, mas não conseguiu.

Annabeth a salvou.

— Você pode estar certa, Piper. Se isso está conectado, vou descobrir o outro lado... procurando por Percy. Como disse, não poderia resgatar Hera, mesmo que seu desaparecimento coloque o resto dos olimpianos em guerra novamente. Mas há outro motivo para que eu não vá. A profecia diz outra coisa.

— Diz *quem* eu devo escolher — concordou Jason. — *A forja e a pomba devem abrir a cela.* A forja é o símbolo de Vul... Hefesto.

Sob a bandeira do chalé nove, os ombros da Nyssa caíram, como se lhe fosse dada uma bigorna pesada para carregar.

— Se precisamos ter cuidado com a terra — disse ela — você devia evitar viajar por terra. Você precisará de transporte aéreo.

Piper estava prestes a gritar que Jason podia voar. Mas então ela pensou melhor a respeito. Aquilo era para Jason contar, e ele não fez isso. Talvez ele

imaginasse que já alucinara o bastante para uma noite.

— A biga voadora está quebrada — continuou Nyssa — e quanto aos pégasos, estamos usando para procurar pelo Percy. Mas talvez o chalé de Hefesto possa ajudar descobrindo algo mais para ajudar. Com Jake incapacitado, sou a campista veterana. Posso voluntariar-me para a missão.

Ela não soava entusiasmada.

Então Leo levantou-se. Ele estivera muito quieto, Piper quase esqueceu que ele estava ali, o que é totalmente *fora* do estilo de Leo.

— Sou eu — disse ele.

Seus companheiros se agitaram. Vários tentaram empurrá-lo de volta ao assento, mas Leo resistiu.

— Não, sou eu. Eu sei que sou. Eu tenho uma ideia para o problema do transporte. Deixem-me tentar. Eu posso resolver isso!

Jason estudou-o por um momento. Piper tinha que certeza que ele ia dizer não para Leo. Então ele sorriu. — Começamos isso juntos, Leo. Parece certo que você venha também. Se você nos encontrar uma carona, está dentro.

— *Yes!* — Leo bateu o punho.

— Será perigoso — alertou Nyssa. — Um caminho duro, com monstros e sofrimentos terríveis. Talvez nenhum de vocês volte vivo.

— Ah. — Subitamente Leo não pareceu tão animado. Então ele lembrou que todos estavam observando. — Digo... Ah, legal! Sofrimento? Amo sofrimento! Vamos fazer isso.

Annabeth assentiu.

— Então, Jason, você só precisa escolher o terceiro membro da missão. A pomba...

— Ah, absolutamente! — Drew estava de pé e brilhando um sorriso a Jason. — A pomba é Afrodite. Todos sabem disso. Eu sou *totalmente* sua.

As mãos de Piper cerraram-se. Ela deu um passo à frente.

— Não.

Drew virou os olhos.

— Ah, fala sério, garota insuportável. Desista.

— *Eu* tive a visão de Hera; não você. Eu tenho que fazer isso.

— Qualquer um pode ter uma visão — disse Drew. — Você só estava no lugar certo na hora certa. — Ela virou para Jason. — Olhe, lutar é fácil, suponho. E pessoas que constroem coisas... — Ela olhou para Leo com desprezo. — Bem, suponho que alguém tenha que sujar as mãos. Mas você precisa de *charme* do seu lado. Eu posso ser muito persuasiva. Eu poderia ajudar muito.

Os campistas começaram a murmurar sobre como Drew *era* bastante persuasiva. Piper podia ver Drew conquistando-os. Até Quíron estava coçando a barba, como se a participação de Drew subitamente fizesse sentido para ele.

— Bem... — disse Annabeth. — Dadas as palavras da profecia...

— Não! — A própria voz de Piper soou estranha aos seus ouvidos – mais insistente e rica em tom. — *Eu* tenho que ir.

Então a coisa mais estranha aconteceu. Todos começaram a assentir, murmurando que sim, o ponto de vista da Piper fazia sentido também. Drew olhou em volta, incrédula. Até algumas das suas próprias campistas estavam assentindo.

— Sai dessa! — Drew gritou para a multidão. — O que Piper pode fazer?

Piper tentou responder, mas sua confiança começou a se esvair. O que ela *podia* oferecer? Ela não era uma lutadora, estrategista ou uma construtora. Ela não tinha experiência exceto entrar em encrenca e ocasionalmente convencer pessoas a fazer coisas estúpidas.

E mais, ela era uma mentirosa. Ela precisava ir nessa missão por motivos que iam além de Jason – e se ela fosse ela acabaria traindo todos ali. Ela ouviu aquela voz no sonho: *Execute nossa ordem, e você pode partir viva*. Como ela podia fazer uma escolha assim – entre ajudar seu pai e ajudar Jason?

— Bem — disse Drew presunçosamente — suponho que isso resolve as coisas.

Subitamente ouve uma ofegada coletiva. Todos olharam para Piper como se ela fosse explodir. Ela queria saber o que fez de errado. Então ela percebeu que havia um brilho avermelhado ao redor dela.

— O que é isso? — perguntou ela.

Ela olhou sobre si, mas não havia nenhum sinal queimando como o que apareceu sobre Leo. Então ela olhou para baixo e gritou.

Suas roupas... o que no mundo ela estava *vestindo*? Ela desprezava vestidos. Ela *não tinha* vestidos. Mas agora ela estava num bonito vestido branco sem mangas que descia até os tornozelos, com um decote em forma de V tão baixo que era totalmente constrangedor. Delicados braceletes dourados estavam em seus braços. Um colar intrincado de âmbar, coral e flores douradas resplandecia em seu peito e em seu cabelo...

— Ah, Deus — disse ela. — O que aconteceu?

Uma maravilhada Annabeth apontou para a adaga de Piper, que agora brilhava, pendurada ao seu lado por laços dourados. Piper não queria puxá-la. Ela tinha medo do que veria. Mas sua curiosidade venceu. Piper desembainhou Katoptris e olhou para seu reflexo na lâmina de metal polida. Seu cabelo estava perfeito: brilhante, longo e castanho-chocolate, trançado com fitas douradas num lado de forma que caía no seu ombro. Ela até usava maquiagem, melhor do que Piper jamais iria saber se produzir – toques sutis

que faziam seus lábios vermelho-cereja e exibia todas as cores diferentes nos seus olhos.

Ela estava... ela estava...

— Linda — exclamou Jason. — Piper, você... você está uma maravilha.

Sob diferentes circunstâncias, aquilo teria sido o momento mais feliz da sua vida. Mas agora todos estavam olhando para ela como se fosse um fenômeno. O rosto de Drew estava completo de horror e repulsão.

— Não! — gritou ela. — Não é possível!

— Esta não sou eu — protestou Piper. — Eu... não entendo.

O centauro Quíron dobrou as pernas frontais e inclinou-se para ela, e todos os campistas seguiram seu exemplo.

— Ave, Piper McLean — anunciou Quíron gravemente, como se ele estivesse falando em seu funeral. — Filha de Afrodite, senhora das pombas, deusa do amor.

XI

LEO

Leo não ficou rodeando Piper depois de sua transformação. Claro que ela estava incrível e tudo mais – *Ela usa maquiagem! Que milagre!* – mas Leo tinha problemas para cuidar. Ele saiu do anfiteatro e correu na escuridão, pensando no que havia se metido.

Ele se levantou na frente de um grupo de bravos e fortes semideuses e voluntariou-se – *voluntariou-se* – a uma missão que provavelmente o mataria.

Ele não mencionou sobre ter visto *Tía* Callida, sua antiga babá, mas assim que ouviu sobre a visão de Jason – a senhora de vestido preto e xale – Leo soube que era a mesma mulher. *Tía* Callida era Hera. Sua babá do mal era a rainha dos deuses. Coisas assim realmente podiam fritar seu cérebro.

Ele caminhou desolado para o bosque e tentou não pensar sobre sua infância, em todas as confusões que terminaram na morte de sua mãe. Mas ele não pôde deixar de pensar.

Na primeira vez que *Tía* Callida tentou matá-lo, ele devia ter uns dois anos. *Tía* Callida estava tomando conta dele enquanto sua mãe estava na oficina mecânica. Ela não era realmente sua tia, é claro – só uma das velhinhas na comunidade, uma tia genérica que ajudava a observar as crianças. Ela cheirava a presunto e sempre vestia um vestido de viúva com um xale preto.

— Vamos colocá-lo para tirar uma soneca — disse ela. — Vamos ver se você é mesmo meu corajoso pequeno herói, hein?

Leo estava sonolento. Ela aninhou-o num cobertor, depois em um monte quente... de cobertores vermelhos e amarelos? A cama era como um cubículo na parede, feita de tijolos enegrecidos, com uma fenda em metal sobre sua cabeça e um buraco quadrado muito acima, onde ele podia ver as estrelas. Ele lembrou de descansar confortavelmente, agarrando faíscas como vaga-lumes. Ele repousou, e sonhou com um barco feito de fogo, a navegar pelas cinzas. Ele imaginou-se a bordo, navegando pelo céu. Em algum lugar próximo, *Tía* Callida sentava na sua cadeira de balanço – *nhec, nhec, nhec* – e cantava uma canção de ninar. Mesmo com dois anos, Leo sabia a diferença entre inglês e espanhol, e se lembra de ter ficado confuso porque *Tía* Callida estava cantando numa língua que era desconhecida.

Tudo estava bem até sua mãe vir para casa. Ela gritou e correu para pegá-lo, gritando para *Tía* Callida:

— Como você foi capaz?

Mas a velha desapareceu.

Leo se lembra de olhar sobre o ombro da mãe, para as chamas ondulando ao redor dos seus cobertores. Só anos depois ele percebeu que estava dormindo numa lareira ardente.

A coisa mais estranha? *Tía* Callida não foi presa nem sequer banida da casa deles. Ela apareceu novamente várias vezes nos anos seguintes. Quando

Leo tinha três anos, ela o deixou brincar com facas.

— Você deve aprender a lidar com lâminas cedo — insistia ela — – se você for meu herói algum dia.

Leo conseguiu não morrer, mas ele teve a sensação de que *Tía* Callida não teria se importado de um jeito ou de outro.

Quando Leo tinha quatro, *Tía* encontrou uma cascavel num gramado próximo. Ela deu para ele uma vara e encorajou-o a atiçar o animal.

— Onde está sua bravura, pequeno herói? Mostre-me que as Parcas estão certas ao escolher você.

Leo olhou para aqueles olhos cor-de-âmbar, ouvindo o seco *shh-shh-ssh* do chocalho da cobra. Ele não era capaz de atiçá-la. Não parecia justo. Aparentemente, a cobra sentia o mesmo sobre picar uma criança pequena. Leo podia jurar que ela olhava para *Tía* Callida como se dissesse: *Você é louca, senhora?* Em seguida, ela desapareceu na grama alta.

A última vez que ela cuidou dele foi quando Leo tinha cinco anos. Ela trouxe-lhe um pacote de giz de cera e um bloco de papel. Eles sentaram juntos na mesa de piquenique atrás do condomínio, sob uma antiga árvore. Enquanto *Tía* Callida cantava suas estranhas músicas, Leo desenhava uma pintura do barco que ele vira em chamas, com velas coloridas e fileiras de remos, uma popa curvada e um mastro impressionante. Quando estava quase acabando, prestes a assinar seu nome do jeito que aprendeu no jardim de infância, uma ventania levou o desenho. Ele voou para o céu e desapareceu.

Leo queria chorar. Ele gastou muito tempo naquele desenho – mas *Tía* Callida não fez nada além de soltar um suspiro, desapontada.

— Não é hora ainda, pequeno herói. Algum dia, você terá sua missão. Encontrará seu destino, e sua dura jornada finalmente fará sentido. Mas primeiro você deve encarar muitas dores. Eu lamento por isso, mas heróis

não podem ser moldados de um jeito diferente. Agora, me faça um fogo, hein? Esquente esses velhos ossos.

Alguns minutos depois, a mãe de Leo saiu e gritou em horror. *Tía* Callida havia partido, mas Leo estava sentado no meio de brasas. O bloco de papel estava reduzido a cinzas. Pedaços de giz tinham derretido numa poça borbulhante de gosma multicolorida, e as mãos de Leo estavam flamejantes, queimando lentamente a mesa de piquenique. Por anos a fio, as pessoas no condomínio se perguntavam como as mãos de um menino de cinco anos de idade haviam ficado marcadas a dois centímetros e meio de profundidade na madeira maciça.

Agora Leo tinha certeza que *Tía* Callida, sua babá psicótica, era Hera todo o tempo. Aquilo a fazia, o que... sua avó divina? Sua família era ainda mais bagunçada do que ele imaginava.

Ele imaginava se sua mãe sabia da verdade. Leo se lembrou que depois daquela última visita, sua mãe o colocou para dentro e teve uma longa conversa com ele, mas ele só entendeu um pouco.

— Ela não pode voltar de novo.

Sua mãe tinha um rosto lindo com olhos gentis e cabelos pretos encaracolados, mas parecia mais velha do que era por causa do trabalho duro. As linhas ao redor dos olhos estavam profundamente marcadas. Suas mãos eram cheias de calos. Ela era a primeira pessoa da família a ter pós-graduação da faculdade. Era graduada em engenharia mecânica e podia projetar qualquer coisa, consertar qualquer coisa, construir qualquer coisa.

Mas ninguém queria contratá-la. Nenhuma companhia iria levá-la a sério, então ela acabou na oficina mecânica, tentando conseguir dinheiro suficiente para sustentar os dois. Ela sempre cheirava a óleo de máquina, e quando ela falava com Leo misturava espanhol e inglês constantemente

como se uma língua completasse a outra. Levou anos para Leo perceber que nem todos falavam daquele jeito. Ela até ensinou-o o Código Morse como um tipo de jogo, então eles trocavam mensagens quando estavam em quartos diferentes: *Eu te amo. Você está bem?* Coisas simples assim.

— Não me importo com o que Callida diz — disse-lhe sua mãe. — Não me importo sobre destino e as Parcas. Você é muito jovem para isso. Você ainda é o meu bebê.

Ela pegou as mãos dele, procurando marcas de queimaduras, mas naturalmente não havia nenhuma.

— Leo, ouça-me. Fogo é uma ferramenta, como tudo mais, mas é mais perigoso que o resto. Você não sabe seus limites. Por favor, me prometa... nada mais de brincadeiras com fogo até você conhecer seu pai. Algum dia, *mi hijo*, você *irá* conhecê-lo. Ele explicará tudo.

Leo ouvira aquilo desde quando ele podia lembrar. Algum dia ele conheceria o pai. Sua mãe não responderia perguntas sobre ele. Leo nunca o conheceu, nunca nem viu suas fotos, mas ela falava como se ele tivesse ido comprar leite e pudesse voltar a qualquer minuto. Leo tentava acreditar nela. Algum dia, tudo faria sentido.

Nos anos seguintes, eles foram felizes. Leo quase se esqueceu da *Tía* Callida. Ele ainda sonhava com o barco voador, mas os outros eventos estranhos pareciam como um sonho também.

Tudo mudou quando ele tinha oito anos. Até então, ele estava gastando toda hora livre na oficina com a mãe. Ele sabia como usar as máquinas. Podia medir e fazer contas melhor que a maioria dos adultos. Aprendeu a pensar tridimensionalmente, resolvendo problemas mecânicos de cabeça do jeito que sua mãe fazia.

Uma noite, eles ficaram até mais tarde, pois sua mãe estava terminando um projeto de broca que ela esperava patentear. Se ela pudesse vender o

protótipo, aquilo poderia mudar suas vidas. Ela finalmente teria descanso.

Enquanto trabalhava, Leo passava suas ferramentas e lhe contava piadas tolas, tentando manter o alto-astral. Ele adorava quando podia fazê-la rir. Ela sorria e dizia:

— Seu pai estaria orgulhoso de você, *mi hijo*. Você irá conhecê-lo em breve, tenho certeza.

O espaço de trabalho de sua mãe era nos fundos da oficina. Era um pouco assustador à noite, pois eles eram os únicos ali. Todos os sons ecoavam pelo galpão escuro, mas Leo não se importava desde que estivesse com a mãe. Se ele passeasse pela oficina, podiam se comunicar por Código Morse. Sempre que estavam prontos para ir, eles tinham que andar através de toda a oficina, pela sala de espera até o estacionamento, trancando as portas atrás deles.

Aquela noite depois de terminarem, eles chegaram à sala de espera quando sua mãe percebeu que não estava com as chaves.

— Engraçado. — Ela franziu. — Tenho certeza que peguei as chaves. Espere aqui, *mi hijo*. Volto em um minuto.

Ela deu-lhe mais um sorriso – o último que ela daria – e voltou para o armazém.

Ela só havia ido a alguns batimentos cardíacos quando a porta interior se fechou. Então a porta exterior trancou-se.

— Mãe? — O coração de Leo batia forte. Algo pesado quebrou-se dentro do armazém. Ele correu para a porta, mas não importava com quanta força empurrasse ou chutasse, ela não abria. — Mãe!

Freneticamente, ele bateu uma mensagem na parede: *Você está bem?*

— Ela não pode ouvir você — disse uma voz.

Leo virou e encontrou-se encarando uma mulher estranha. A princípio ele pensou que fosse *Tía* Callida. Ela estava enrolada em roupas negras, com

um véu cobrindo seu rosto.

— *Tía?* — disse ele.

A mulher riu por entre os dentes, um lento som gentil, como se estivesse meio adormecida.

— Eu não sou sua babá. A mera semelhança é de família.

— O que... o que você quer? Onde está minha mãe?

— Ah... você é leal a mãe. Ótimo. Mas você entende, eu tenho filhos também... e entendo que você irá lutar com eles algum dia. Quando eles tentarem me despertar, você irá impedi-los. Eu não posso aceitar isso.

— Eu não te conheço. Eu não quero lutar com ninguém.

Ela murmurou como uma sonâmbula em transe:

— Uma sábia escolha.

Com um calafrio, Leo percebeu que a mulher estava, na verdade, adormecida. Por trás do véu, seus olhos estavam fechados. Porém o mais estranho ainda: suas roupas não eram feitas de tecido. Elas eram feitas de *terra* – lama seca e negra, agitando e mudando ao redor dela. Seu rosto adormecido e pálido era pouco visível atrás de uma cortina de pó, e ele teve a horrível sensação de que ela tinha acabado de se levantar do túmulo. Se a mulher estava adormecida, Leo queria que ela ficasse desse jeito. Ele sabia que completamente acordada, ela seria ainda mais terrível.

— Não posso te destruir ainda — murmurou a mulher. — As Parcas não permitirão. Mas elas não protegem sua mãe e não podem me impedir de quebrar seu espirito. Lembre-se dessa noite, pequeno herói, quando eles pedirem para você opor-se a mim.

— Deixe minha mãe em paz!

Medo cresceu na sua garganta enquanto a mulher arrastava-se para frente. Ela se movia mais como uma avalanche do que como uma pessoa, era uma parede escura de terra movendo-se para ele.

— Como você irá me parar? — sussurrou ela.

Ela atravessou uma mesa, fazendo com que as moléculas do seu corpo se desintegrassem e voltassem a se juntar do outro lado.

Ela pairou sobre Leo, e ele sabia que iria passar direto por ele, também. Ele era a única coisa entre aquela mulher e sua mãe.

As mãos de Leo pegaram fogo.

Um sorriso sonolento propagou-se pelo rosto da mulher, como se ela já houvesse ganhado. Leo gritou em desespero. Sua visão ficou vermelha. Chamas envolveram a mulher, as paredes, as portas trancadas. E Leo perdeu a consciência.

Quando ele acordou, estava numa ambulância.

A paramédica tentou ser bondosa. Ela lhe disse que o armazém havia sido queimado. Sua mãe não havia escapado. A paramédica disse que sentia muito, mas Leo não compreendia nada. Ele perdeu o controle, assim como sua mãe alertou. A morte dela era sua culpa.

A polícia logo chegou para pegá-lo, e eles não foram tão gentis. O incêndio começou na sala de espera, eles disseram, exatamente onde Leo estava. Ele sobreviveu por um milagre, mas que tipo de criança trancava as portas do escritório da mãe, sabendo que ela estava do lado de dentro, e começava um incêndio?

Mais tarde, seus vizinhos do condomínio contaram à polícia que estranho garoto ele era. Eles falaram sobre as marcas queimadas de mãos na mesa de piquenique. Eles sempre souberam que havia algo de errado com o filho de Esperanza Valdez.

Seus parentes não iriam cuidar dele. Sua tia Rosa o chamou de *diablo* e gritou para os assistentes sociais levarem-no. Então Leo foi para seu primeiro lar adotivo. Alguns dias depois, ele fugiu. Em algumas casas ficava mais tempo que em outras. Ele contaria piadas, faria alguns amigos, fingia

que nada o incomodava, mas sempre acabava fugindo mais cedo ou mais tarde. Era a única coisa capaz de aliviar sua dor. Queria sentir-se em movimento, ficando cada vez mais longe das cinzas daquela oficina mecânica.

Ele prometeu a si mesmo que nunca mais brincaria com fogo novamente. Ele não pensou em *Tía* Callida ou na mulher que dormia envolta em roupas de terra por um longo tempo.

Ele estava quase na floresta quando imaginou a voz da *Tía* Callida: *Não foi sua culpa, pequeno herói. Nosso inimigo se levanta. É hora de parar de fugir.*

— Hera — murmurou Leo — você nem está aqui, está? Você está numa prisão em algum lugar.

Não houve resposta.

Mas agora, pelo menos, Leo entendia alguma coisa. Hera estivera observando-o durante toda a sua vida. De algum jeito, ela sabia que algum dia ela precisaria dele. Talvez aquelas Parcas que ela mencionou pudessem prever o futuro. Leo não tinha certeza. Mas ele sabia que *tinha* que ir na missão. A profecia do Jason os alertava para tomar cuidado com o chão, e Leo sabia que tinha algo a ver com aquela mulher adormecida na oficina, enrolada em roupas de lama e pó.

Você encontrará seu destino, *Tía* Callida prometeu, *e sua dura jornada finalmente fará sentido.*

Leo podia entender o que aquele barco voador nos seus sonhos significava. Ele poderia conhecer seu pai, ou até conseguiria vingar a morte de sua mãe.

Mas primeiro as coisas principais. Ele prometeu a Jason uma carona voadora.

Não o barco dos seus sonhos – ainda não. Não era hora de construir algo tão complicado. Ele precisava de uma solução mais rápida. Ele precisava de um dragão.

Ele hesitou na entrada do bosque, olhando para a escuridão absoluta. Corujas piavam alto, e algo muito distante silvava como um coro de serpentes.

Leo se lembrou do que Will Solace lhe disse: *Ninguém deve entrar na floresta sozinho, definitivamente não desarmado.* Leo não tinha nada – nenhuma espada, nenhuma lanterna, nenhuma ajuda.

Ele olhou por cima do ombro, para as luzes dos chalés. Podia dar meia-volta agora e contar para todos que estava brincando. Nyssa podia ir a missão em vez dele. Ele podia ficar no acampamento e aprender a ser parte do chalé de Hefesto, mas pensava quanto tempo demoraria para ele parecer como seus companheiros de chalé – triste, abatido, convencido da sua própria má sorte.

Elas não podem me impedir de roubar o espírito de sua mãe, dissera a mulher adormecida. *Lembre-se dessa noite, pequeno herói, quando eles pedirem para você opor-se a mim.*

— Acredite em mim, senhora — murmurou Leo — eu lembro. E quem quer que você seja, vou te encarar duramente, ao estilo Leo.

Ele respirou profundamente e mergulhou no bosque.

XII

LEO

A floresta não se parecia com nenhum lugar que ele estivera antes. Leo cresceu num condomínio ao norte de Houston. As coisas mais selvagens que ele já vira na vida eram aquela cascavel no pasto e sua tia Rosa de camisola, até ser mandado para a Escola da Vida Selvagem.

Mesmo assim, a escola ficava no deserto. Sem árvores com raízes nodosas para tropeçar. Sem buracos para cair. Sem ramos moldando sombras escuras e arrepiantes e corujas olhando para ele com seus grandes olhos refletidos. Aquilo era um verdadeiro terror.

Ele caminhou até ter certeza de que ninguém nos chalés poderia vê-lo. Então convocou fogo. Chamas dançaram pela ponta dos seus dedos, trazendo luz o suficiente para ver. Não tentava fazer aquilo desde os cinco anos, na mesa de piquenique. Desde a morte da mãe, ele teve muito medo de tentar qualquer coisa. Até aquela pequena chama o fazia sentir-se culpado.

Ele continuou andando, procurando pistas de dragão – pegadas gigantes, árvores pisoteadas, trechos de floresta queimada. Algo tão grande não poderia passar por ali sem causar estrago, certo? Mas ele não viu *nada*. Uma vez localizou uma forma grande e peluda como um lobo ou urso, mas ela ficou longe do seu fogo, o que estava bom para Leo.

Então, no meio de uma clareira, ele viu a primeira armadilha – uma cratera de cem metros de largura cercada por pedras.

Leo teve que admitir que era bastante interessante. No centro da depressão, um tanque de metal do tamanho de uma banheira de hidromassagem estava cheio com um escuro líquido borbulhante – molho de pimenta e óleo de motor. Num pedestal suspenso sobre o tanque, um ventilador elétrico girava, espalhando o cheiro pela floresta. Dragões de metal podiam sentir cheiros?

O tanque parecia estar livre. Leo chegou perto, e na luz das estrelas e do fogo de sua mão ele pôde ver uma tela de metal abaixo da sujeira e das folhas. Era uma rede de bronze cobrindo a cratera inteira. Ou talvez *ver* não fosse a palavra certa – ele podia *sentir* que estava lá, como se o mecanismo estivesse emitindo calor, revelando-se a ele. Seis grandes tiras de bronze estendiam a partir do tanque como os aros de uma roda. Leo pensou que elas provavelmente eram sensíveis à pressão. Assim que o dragão pisasse em um, a rede iria saltar fechando-se, e *voilà,* um monstro embrulhado para presente.

Leo moveu-se para mais perto. Ele colocou o pé no gatilho da tira mais próxima. Como esperava, nada aconteceu. Eles deviam ter colocado a rede para algo realmente pesado. Caso contrário, poderiam pegar um animal, humano, monstro menor, seja o que for. Ele duvidou que houvesse algo mais pesado que um dragão de metal naquela floresta. Pelo menos, ele esperava que não houvesse.

Ele desceu na cratera e aproximou-se do tanque. A fumaça estava dominando quase tudo, e seus olhos começaram a lacrimejar. Ele se lembrou da vez que *Tía* Callida (Hera, seja lá quem for) o obrigou a cortar *jalapeños* na cozinha e ele deixou cair o suco nos olhos. Doera demais. Mas é claro, ela disse:

— Suporte, pequeno herói. Os astecas da terra natal de sua mãe costumavam punir crianças más segurando-as sobre fogo cheio de pimentas. Eles criaram muitos heróis desse jeito.

Uma louca total, aquela mulher. Leo se sentia *tão* feliz por estar numa missão para resgatá-la.

Tía Callida teria amado esse tanque, pois tinha um cheiro pior que suco de *jalapeño*. Leo procurou por um gatilho, algo que pudesse desarmar a armadilha, mas não viu nada.

Ele teve um momento de pânico. Nyssa disse que haviam várias armadilhas assim na floresta, e eles estavam planejando montar mais. E se o dragão já tivesse pisado em outra? Como Leo poderia encontrar todas elas?

Ele continuou a procurar, mas não encontrou nenhum mecanismo para desarmar aquilo. Nenhum botão escrito "DESLIGA". Ocorreu a ele que poderia não *haver* um. Ele começou a desanimar... até que ouviu um som.

Era mais como um tremor, o tipo de som profundo que se ouve melhor na garganta do que nos ouvidos. Isso lhe deixou nervoso, mas ele não olhou em volta procurando a fonte. Só continuou examinando a armadilha, pensando: *Ele deve estar longe, abrindo caminho através da floresta. Tenho que agir rápido.*

Então ele ouviu um bufo bem alto, como fumaça forçada para fora de um barril metálico.

Seu pescoço formigou. Ele virou lentamente. Na borda da cratera, a quinze metros, dois olhos vermelhos brilhantes estavam olhando para ele. A

criatura brilhava na luz da lua, e Leo não podia acreditar que algo daquele tamanho havia se movido para ele tão rápido. Tarde demais, ele percebeu que sua visão estava fixada no fogo em sua mão, e ele extinguiu as chamas.

Ele ainda podia ver o dragão muito bem. Tinha aproximadamente dezoito metros de comprimento do focinho até a cauda, seu corpo era formado por placas de bronze interligadas. Suas garras eram do tamanho de facas de açougueiro e sua boca se abria mostrando centenas de presas de metal, parecidas com adagas afiadas. Fumaça saía de suas narinas. O dragão rosnou como uma motosserra cortando uma árvore. Podia ter dividido Leo em dois facilmente, ou esmagá-lo em um segundo. Era a coisa mais bonita que Leo já vira, exceto por um problema que arruinava completamente seu plano.

— Você não tem asas — disse Leo.

O rosnado do dragão morreu. Ele inclinou a cabeça como se dissesse: *Por que você não está fugindo, morrendo de medo?*

— Ei, sem ofensas — disse Leo. — Você é incrível! Santo Deus, quem *fez* você? Você é movido a força hidráulica ou energia nuclear? Mas se fosse eu, eu teria colocado asas em você. Que tipo de dragão não tem asas? Suponho que talvez você seja muito pesado para voar. Eu devia ter pensado nisso...

O dragão bufou, mais confuso agora. Ele devia correr atrás de Leo. Essa conversa não fazia parte do plano. Ele deu um passo para frente, e Leo gritou:

— Não!

O dragão rosnou novamente.

— É uma armadilha, cérebro de bronze — disse Leo. — Eles estão tentando capturá-lo.

O dragão abriu a boca e soprou fogo. Uma coluna de chamas brancas e quentes foi na direção de Leo, mais do que ele já tentou suportar antes. Ele sentiu como se tivesse sido regado com um poderoso regador de fogo. Ardeu um pouco, mas ele não se mexeu. Quando as chamas morreram, ele estava perfeitamente bem. Até suas roupas estavam em perfeito estado, o que Leo não entendeu, mas por enquanto ele estava grato. Ele gostava da sua jaqueta do exército, e ter sua calça queimada seria muito constrangedor.

O dragão olhou para Leo. Seu rosto não mudou realmente, sendo feito de metal e tudo, mas Leo pensou que podia ler sua expressão. *Como você não virou churrasco?* Uma faísca voou do seu pescoço como se estivesse prestes a dar curto-circuito.

— Você não pode me queimar — disse Leo, tentando soar firme e calmo. Ele nunca teve um cachorro antes, mas conversava com o dragão do jeito que conversaria com um cachorro. — Fique, garoto. Não chegue mais perto. Eu não quero que você seja pego. Veja, eles acham que você está quebrado e tem que ser jogado fora. Mas eu não acredito nisso. Eu posso te consertar, se você me deixar...

O dragão rangeu, rugiu e atacou. A armadilha foi acionada, e o chão da cratera fez um barulho como se mil lixeiras se abrissem de uma vez. Sujeira e folhas voaram, e a rede de metal cintilou. Leo ficou pendurado de cabeça para baixo e todo lambuzado de molho de pimenta e óleo. Ele achou-se encurralado entre o tanque e o dragão enquanto se debatia, tentando livrar-se da rede que se enrolara em volta deles.

O dragão cuspiu fogo em todas as direções, acendendo o céu e colocando árvores em chamas. Óleo e molho queimavam sobre eles. Não feriu Leo, mas deixou um sabor desagradável em sua boca.

— Chega! — gritou ele.

O dragão continuou a cuspir fogo. Leo percebeu que seria esmagado se não se movesse. Não era fácil, mas ele conseguiu esquivar-se entre o dragão e o tanque. Se contorceu no caminho pela rede. Felizmente, os buracos eram grandes o bastante para uma criança magra passar entre eles.

Leo correu para a cabeça do dragão. Ele tentava abocanhá-lo, mas seus dentes estavam emaranhados na malha. Ele cuspiu fogo de novo, mas parecia estar ficando sem energia. Dessa vez as chamas eram só alaranjadas. Elas se extinguiram antes mesmo de alcançar o rosto de Leo.

— Ouça, cara — disse Leo — assim você só mostra para eles onde está. Então eles virão com ácido e cortadores de metal. É isso que você quer?

A mandíbula do dragão emitiu um rangido, como se tentasse conversar.

— Ok, então — disse Leo. — Você terá que confiar em mim.

E Leo pôs mãos à obra.

Demorou quase uma hora para encontrar o painel de controle. Estava bem atrás da cabeça do dragão, o que fazia sentido. Ele optou por manter o dragão na rede, pois era mais fácil trabalhar com ele assim, assustado, mas o dragão não gostou.

— Fique parado! — resmungou Leo.

O dragão fez outro rangido que devia ser um choro.

Leo examinou os fios dentro da cabeça do dragão. Ele foi distraído por um som na floresta, mas quando foi olhar era só um espirito das árvores – uma dríade, Leo achava que era esse o nome – apagando as chamas de seus ramos. Felizmente, o dragão não começara um incêndio na floresta, mas mesmo assim a dríade não estava muito satisfeita. O vestido da garota estava fumegando. Ela abafou as chamas com um cobertor de seda, e quando ela percebeu que Leo estava olhando-a, fez um gesto que era provavelmente muito rude. Então ela desapareceu numa névoa verde.

Leo voltou sua atenção para os cabos. Era um sistema engenhoso e, definitivamente, fazia sentido para ele. Era o interruptor de controle do motor. Ele processava a entrada de dados sensorial dos olhos. Esse disco...

— Ah — disse ele. — Bem, não me admira.

— *Creak?* — o dragão perguntou, fazendo um barulho com a mandíbula.

— Você tem um disco de controle corroído. Ele provavelmente regula seus maiores circuitos de raciocínio, certo? Cérebro enferrujado, cara. Não me admira que você esteja um pouco... confuso. — Ele quase disse *louco*, mas se segurou. — Eu gostaria de ter um disco sobressalente, mas... essa é uma peça complicada. Terei que tirá-la e limpá-la. Só vai levar um minuto.

Leo tirou o disco, e o dragão ficou absolutamente quieto. O brilho nos seus olhos morreu. Leo escorregou das costas do dragão e começou a polir o disco. Ele limpou um pouco de óleo e molho de pimenta com a manga, o que permitiu limpar sujeira, porém por mais que ele limpasse, mais aflito ficava. Alguns dos circuitos estavam além do reparo. Ele podia torná-los melhores, mas não perfeitos. Para aquilo, ele precisaria de um disco completamente novo, e não tinha ideia de como construir um.

Ele tentou trabalhar rapidamente. Não tinha certeza por quanto tempo o disco de controle do dragão poderia ficar desligado sem causar danos, talvez irreparáveis, e ele não queria arriscar. Quando fez o melhor que pôde, ele subiu novamente na cabeça do dragão e começou a limpar os fios e as caixas, ficando imundo no processo.

— Mãos limpas, equipamento sujo — ele murmurou, algo que sua mãe costumava dizer.

No momento em que terminou, suas mãos estavam pretas de graxa e suas roupas pareciam saídas de uma luta na lama, mas os mecanismos

pareciam muito melhores. Ele enfiou o disco, conectou o último fio, e faíscas voaram. O dragão estremeceu. Seus olhos começaram a brilhar.

— Melhor? — perguntou Leo.

O dragão fez um barulho como uma broca em alta velocidade. Ele abriu sua boca e todos os seus dentes giraram.

— Suponho que seja um *sim*. Espere, vou lhe libertar.

Demorou mais meia hora para encontrar os pontos vulneráveis da teia e libertar o dragão, que finalmente levantou-se e cortou o último pedaço da rede com os dentes. Ele rugiu triunfante e lançou fogo aos céus.

— E sério — disse Leo. — Você poderia não se exibir?

Creak? perguntou o dragão.

— Você precisa de um nome — decidiu Leo. — Vou lhe chamar de Festus.

O dragão chiou e sorriu. Pelo menos Leo esperou que fosse um sorriso.

— Legal — disse Leo. — Mas nós ainda temos um problema, porque você não tem asas.

O dragão inclinou a cabeça e bufou fumaça. Então abaixou as costas num gesto inconfundível. Ele queria que Leo subisse.

— Para onde vamos? — perguntou Leo.

Mas ele estava animado demais para uma resposta. Ele subiu nas costas do dragão, e Festus saiu correndo pelo bosque.

Leo perdeu a noção do tempo e todo o senso de direção. Parecia impossível que a floresta fosse tão grande e selvagem, mas o dragão viajou até as árvores parecerem arranha-céus, com copas que encobriam a luz das estrelas. Nem o fogo na mão de Leo podia clarear o caminho, mas os olhos brilhantes do dragão agiam como holofotes.

Finalmente, eles cruzaram um córrego e foram para um beco sem saída, um penhasco de calcário de trinta metros de altura – uma massa lisa e sólida.

Festus parou na base e suspendeu uma pata como um cachorro apontando.

— O que é isso? — Leo deslizou para o chão.

Ele andou até o penhasco. Não havia nada a não ser rocha sólida. O dragão continuou apontando.

— Ela não vai sair do seu caminho — disse-lhe Leo.

O fio solto no pescoço do dragão faiscou, mas de outro modo ele ficou parado. Leo colocou a mão no penhasco. Subitamente seus dedos arderam. Linhas de fogo propagaram-se da ponta deles como pólvora inflamada, chiando pelo calcário. As linhas ardentes correram pela superfície do penhasco até contornarem uma porta vermelha brilhante cinco vezes mais alta que Leo. Ele recuou e a porta virou, perturbadoramente silenciosa para uma placa de rocha.

— Perfeitamente balanceada — murmurou ele. — Essa é uma engenharia de primeira classe.

O dragão descongelou e marchou para frente, como se estivesse voltando para casa.

Leo passou, e a porta começou a fechar. Ele teve um momento de pânico, lembrando aquela noite na oficina mecânica tempos atrás, quando foi preso do lado de dentro. E se ele ficasse preso aqui? Mas então luzes cintilaram – uma combinação de fluorescentes elétricas e tochas montadas nas paredes. Quando Leo viu a caverna, ele esqueceu sobre partir.

— Festus — murmurou ele. — O que *é* esse lugar?

O dragão entrou rapidamente ao centro da sala, deixando pegadas na poeira grossa, e espiralou numa grande plataforma circular.

A caverna era do tamanho do hangar de um avião, com mesas de trabalho sem fim e cofres de armazenamento, fileiras de portas do tamanho de garagens ao longo de cada parede, e escadarias que levavam para uma rede de passarelas altas acima. Equipamentos estavam em todo o lugar – elevadores hidráulicos, tochas de soldagem, trajes de proteção, pás hidráulicas, empilhadeiras, e mais algo que parecia suspeitosamente uma câmara de reação nuclear. Quadros de aviso estavam cobertos com diagramas esfarrapados e desbotados. E armas, armaduras, escudos – suprimentos de guerra em todos os lugares, vários inacabados.

Pendurada em correntes muito acima da plataforma do dragão, havia uma bandeira antiga e esfarrapada quase desbotada demais para ler. As letras eram gregas, mas Leo de algum jeito sabia o que dizia: BUNKER 9.

Aquilo significa nove como o chalé de Hefesto, ou que existiam mais cavernas como aquela? Leo olhou para Festus, ainda espiralado na plataforma, e ocorreu a ele que o dragão parecia tão contente porque *era* a sua casa. Ele provavelmente foi construído naquele lugar.

— As outras crianças sabem...? — A pergunta do Leo morreu pela metade.

Claramente, esse lugar esteve abandonado por décadas. Teias de aranha e poeira cobriam tudo. O chão não revelava pegadas, exceto pelas suas e as impressões da pata do dragão Ele era o primeiro naquela carvoeira desde... desde muito tempo atrás. O Bunker 9 foi abandonado com vários projetos inacabados nas mesas. Trancado e esquecido, mas por quê?

Leo olhou para um mapa na parede – um mapa de batalha do acampamento, mas o papel estava tão rasgado e amarelo como casca de cebola. Num canto, havia uma data: 1864.

— Sem chance — murmurou ele.

Então ele localizou um diagrama num quadro de avisos próximo, e seu coração quase saltou da garganta. Ele correu para a mesa de trabalho e viu um desenho que mal podia ser reconhecido: um navio grego, de vários ângulos diferentes. Palavras fracamente rabiscadas na parte de baixo diziam: PROFECIA? IMPRECISO. VOA?

Era o mesmo navio que ele viu nos seus sonhos — o barco voador. Alguém tentou construí-lo aqui, ou pelo menos esboçou a ideia. Então ela foi deixada, esquecida... uma profecia ainda a vir. E o mais estranho de tudo, a figura de proa do navio era exatamente como o que Leo desenhou quando tinha cinco anos – a cabeça de um dragão.

— Parece você, Festus — murmurou ele. — É arrepiante.

A figura de proa lhe deu uma sensação inquietante, mas a mente de Leo girou com várias outras perguntas pra pensar por muito tempo. Ele tocou o diagrama, esperando que pudesse baixar para estudar, mas o papel crepitou ao seu toque, então ele deixou-o em paz. Ele olhou em volta procurando outras pistas. Sem barcos. Sem peças que pareciam parte desse projeto, mas haviam tantas portas e despensas para explorar.

Festus bufou como se estivesse tentando conseguir a atenção de Leo, fazendo-lhe lembrar de que eles não tinham a noite toda. Era verdade. Leo calculou que o sol nasceria em algumas horas e ele estava completamente perdido. Ele salvara o dragão, mas não iria ajudá-lo na missão. Ele precisava de algo que voasse.

Festus apontou para algo à sua frente – um cinto de ferramentas de couro que foi deixado ao lado do seu bloco de construção. Então o dragão ligou os feixes brilhantes dos olhos e virou-os em direção ao teto. Leo olhou para onde as luzes estavam apontando, e engoliu em seco quando reconheceu as formas penduradas sobre eles na escuridão.

— Festus — disse ele numa voz baixa. — Temos trabalho a fazer.

XIII

JASON

Jason sonhou com lobos.

Ele estava de pé numa clareira, no meio de uma floresta de sequoias. Na frente dele estavam as ruínas de uma mansão de pedra. Nuvens cinza e baixas misturavam-se com a névoa do chão, e havia uma chuva fria e fina no ar. Um bando de grandes animais ferozes e cinzentos andava ao redor dele, esfregando-se nas suas pernas, rosnando e mostrando os dentes. Eles gentilmente o conduziam às ruínas.

Jason não tinha desejo de virar o maior biscoito de cachorros do mundo, então decidiu fazer o que eles queriam.

O chão molhado chapinhava sob suas botas enquanto ele caminhava. Chaminés de pedra, que não estavam mais ligadas a outra estrutura, erguiam-se como totens. A casa devia ter sido enorme algum dia, feita com sólidas paredes de madeira e um telhado alto com um cata-vento, mas agora

nada restava a não ser seu esqueleto de pedra. Jason passou sob uma porta desintegrada e achou-se num tipo de pátio.

Em frente a ele havia uma piscina vazia, grande e retangular. Jason não pôde calcular sua profundidade, pois estava coberta de névoa. Uma trilha suja circundava a piscina, e as paredes irregulares da casa estavam do outro lado. Lobos passavam sob a arcada de pedra vulcânica, vermelha e dura.

Na extremidade da piscina sentava uma loba gigante, alguns metros mais alta que Jason. Seus olhos brilhavam como prata na neblina, e seu pelo era da mesma cor de chocolate avermelhado das rochas.

— Eu conheço esse lugar — disse Jason.

A loba reparou nele. Ela não falou exatamente, mas Jason pôde entendê-la. Os movimentos das orelhas e dos bigodes, o brilho dos olhos, o jeito que ela curvava os lábios – tudo fazia parte da sua linguagem.

Naturalmente, disse a loba. *Você começou sua jornada aqui, ainda filhote. Agora você deve encontrar seu caminho de volta. Uma nova missão, um novo começo.*

— Isso não é justo — disse Jason.

Mas assim que falou isso, ele soube que não havia sentido se queixar com a loba.

Lobos não sentiam simpatia. Eles nunca esperavam justiça. A loba disse: *Conquistar ou morrer. Esse é sempre o nosso caminho.*

Jason queria protestar, dizer que não podia conquistar se não soubesse quem era ou para onde devia ir. Mas ele conhecia essa loba. Seu nome era Lupa, a loba-mãe, a maior da sua espécie. Tempos atrás ela o encontrara nesse lugar, o protegera, o alimentara, o *escolhera*, mas se Jason mostrasse fraqueza, ela iria rasgá-lo em pedaços. Em vez de ser seu filhote, ele iria se tornar o seu jantar. No mundo dos lobos, fraqueza não era uma opção.

— Você pode me guiar? — perguntou Jason.

Lupa fez um barulho no fundo de sua garganta e a névoa na piscina se dissolveu.

A princípio, Jason não tinha certeza do que via. Nas extremidades opostas da piscina, duas torres escuras em espiral surgiam do chão de cimento como se fossem brocas de máquinas de escavar túneis saindo à superfície. Jason não podia dizer se as espirais eram feitas de rocha ou de parreiras petrificadas, mas elas formavam grossos tentáculos que se uniam no topo. Cada espiral tinha aproximadamente um metro e meio de altura, mas não eram idênticas. A mais próxima de Jason era mais escura e parecia como uma massa sólida, seus tentáculos fundidos juntos. Enquanto ele observava, a torre se ergueu um pouco mais da terra, ficando mais grossa.

Na outra ponta da piscina, onde estava Lupa, os tentáculos da segunda torre estavam mais abertos, como as barras de uma cela. Dentro, Jason podia ver vagamente uma figura enevoada lutando.

— Hera — disse Jason.

A loba rosnou em concordância. Os outros lobos rodearam a piscina, seus pelos arrepiados nas costas enquanto rosnavam para as espirais.

A inimiga escolheu esse lugar para acordar seu filho mais poderoso, o rei gigante, disse Lupa. *É o nosso lugar sagrado, onde semideuses são reclamados... um lugar de vida ou morte. A casa queimada. A Casa dos Lobos. É uma abominação. Você deve pará-la.*

— Pará-la? — Jason estava confuso. — Você quer dizer deter Hera?

A loba rangeu os dentes impacientemente.

Use seus sentidos, filhote. Eu não me importo com Juno, mas se ela cair, nossa inimiga irá se erguer. E esse será o fim para todos nós. Você conhece esse lugar. Você pode encontrá-lo novamente. Limpe nossa casa. Acabe com tudo isso antes que seja tarde demais.

A torre mais escura cresceu um pouco mais, como o bulbo de alguma flor horrível. Jason sentiu que se aquilo abrisse, libertaria algo que ele *não* queria encontrar.

— Quem sou eu? — Jason perguntou a loba. — Pelo menos me diga isso.

Lobos não tem muito senso de humor, mas Jason podia dizer que a pergunta divertiu Lupa, como se Jason fosse um filhote tentando colocar suas garras para fora, fingindo ser o alfa.

Você é nossa graça salvadora, como sempre. A loba curvou o lábio, como se acabasse de fazer uma piada esperta. *Não falhe, filho de Júpiter.*

XIV

JASON

Jason acordou com o som de um trovão. Então ele se lembrou de onde estava. Sempre estava trovejando no chalé um.

Sobre sua cama, o teto abobadado estava decorado com um mosaico azul e branco como um céu nublado. Os azulejos da nuvem moviam-se pelo teto, mudando de branco para preto. Trovões ribombavam pelo quarto, e azulejos dourados brilhavam como relâmpagos.

Exceto pela cama dobrável que os outros campistas tinham lhe emprestado, o chalé não tinha móveis normais – sem cadeiras, mesas ou guarda-roupas. Até onde Jason podia ver, não tinha nem banheiro. As paredes eram esculpidas com nichos, cada um com um braseiro de bronze ou uma estátua dourada de águia num pedestal de mármore. No centro do quarto, havia uma estátua colorida de seis metros de altura de Zeus, em clássicas vestimentas gregas, de pé com um escudo ao seu lado e um relâmpago erguido, pronto para atingir alguém.

Jason estudou a estátua, procurando algo que tivesse em comum com o Senhor do Céu. Cabelo escuro? Não. Expressão zangada? Bem, talvez. Barba? Não, obrigado. Vestindo túnica e sandálias, Zeus parecia um hippie nervoso e cheio de músculos.

Sim, aquele era o chalé um. Uma grande honra, os outros campistas lhe disseram. Claro, se você gostasse de dormir num templo frio sozinho com um Zeus hippie olhando carrancudo para você a noite toda.

Jason se levantou e esfregou o pescoço. Seu corpo inteiro estava dolorido por causa da noite mal dormida e dos trovões ininterruptos. Aquele pequeno truque na noite passada não fora tão fácil quanto ele fizera parecer. Quase havia lhe feito desmaiar.

Perto da cama, novas roupas foram deixadas para ele: jeans, tênis e uma camisa laranja do Acampamento Meio-Sangue. Ele definitivamente precisava de uma troca de roupas, mas olhando para sua camisa roxa esfarrapada, ele estava relutante em trocar. Sentia-se errado de algum jeito vestindo a camisa do acampamento. Ele ainda não podia acreditar que era daqui, apesar de tudo que lhe contaram.

Pensou sobre o sonho, esperando que mais memórias voltassem para ele sobre Lupa, ou aquela casa em ruínas na floresta de sequoias. Sabia que já estivera ali antes. A loba era real. Mas sua cabeça doía quando tentava lembrar. As marcas em seu antebraço pareciam queimar.

Se ele pudesse encontrar aquelas ruínas, encontraria o seu passado. O que quer que estivesse crescendo dentro daquela torre de pedra, Jason tinha que detê-lo.

Ele olhou para o Zeus hippie.

— Sua ajuda seria bem-vinda.

A estátua não disse nada.

— Obrigado, papai — murmurou Jason.

Ele trocou de roupa e viu seu reflexo no escudo de Zeus. Seu rosto parecia molhado e estranho no metal, como se estivesse dissolvendo num tanque de ouro. Definitivamente, ele não parecia tão bem quanto Piper esteve na noite anterior depois de ser subitamente transformada.

Jason ainda não sabia como se sentia sobre isso. Ele agiu como um idiota, anunciando na frente de todos que ela estava uma maravilha. Como se houvesse algo de errado com ela *antes*. Certo, ela ficou incrível depois de Afrodite transformá-la, mas ela também não parecia com a mesma pessoa, desconfortável com a atenção de todos.

Jason sentiu-se mal por ela. Talvez fosse loucura, considerando que ela havia acabado de ser reclamada por uma deusa e se transformado na garota mais deslumbrante do acampamento.

Todos tinham começado a bajulá-la, lhe dizendo como ela era incrível e como era óbvio que *ela* deveria ir a missão – mas aquela atenção não tinha nada a ver com ela. Novo vestido, nova maquiagem, aura rosa brilhante, e *bum:* subitamente as pessoas gostavam dela. Jason parecia entender tudo aquilo.

Na última noite quando ele invocou o raio, a reação dos outros campistas foi parecida. Ele tinha bastante certeza que esteve lidando com aquilo por um longo tempo – pessoas olhando para ele com temor só porque era filho de Zeus, tratando-lhe como especial, mas isso não tinha nada a ver com *ele*. Ninguém se importava com *ele*, apenas com seu grande pai assustador atrás dele com seu Raio-Mestre, como se dissesse: *Respeitem esse garoto ou terão de engolir muita eletricidade!*

Depois da fogueira, quando as pessoas começaram a voltar aos seus chalés, Jason havia ido até Piper e formalmente lhe pedido para vir com ele na missão.

Ela ainda estava em estado de choque, mas assentiu, esfregando os braços, que deviam estar com frio naquele vestido sem mangas.

— Afrodite pegou meu casaco de *snowboard* — murmurou ela. — Fui roubada pela minha própria mãe.

Na primeira fila do anfiteatro, Jason encontrou um cobertor e o enrolou ao redor dela.

— Vamos lhe arranjar um casaco novo — prometeu ele.

Ela abriu um sorriso. Ele quis abraçá-la, mas conteve-se. Não queria que Piper pensasse que ele era tão superficial quanto todo os outros, tentando se aproximar dela só porque havia ficado toda bonita.

Ele estava feliz que Piper ia a missão com ele. Jason tentou agir corajoso na fogueira, mas era só isso – um *fingimento*. A ideia de lutar contra uma força maligna poderosa o bastante para raptar Hera o assustava demais, especialmente porque ele não sabia do seu passado. Precisaria de ajuda, e achou certo ter Piper ao seu lado. Mas as coisas já eram complicadas antes de perceber o quanto ele gostava dela. Jason já deixara essa menina confusa demais.

Ele calçou seus novos sapatos, pronto para sair daquele chalé frio e vazio. Então localizou algo que não havia notado na noite anterior. Um braseiro fora movido de seu lugar, criando um novo nicho, com um saco de dormir, uma mochila e até algumas fotos coladas na parede.

Jason se aproximou. Quem quer que tenha dormido ali, foi a um longo tempo atrás. O saco de dormir estava mofado. A mochila estava coberta com uma película fina de pó. Algumas fotos uma vez coladas na parede haviam perdido a cola e caído no chão.

Uma foto mostrava Annabeth – muito mais nova, talvez com oito anos de idade, mas Jason podia dizer que era ela: o mesmo cabelo loiro, olhos cinzentos, o mesmo olhar distraído como se estivesse pensando em milhões

de coisas de uma vez. Ela estava perto de um menino com cabelos claros de catorze ou quinze anos, com um sorriso maldoso e uma armadura de couro gasta sobre uma camiseta. Ele estava apontando para o caminho atrás deles, como se dissesse ao fotógrafo: *Vamos encontrar coisas nesse beco escuro e matá-las!* Uma segunda foto mostrava Annabeth e o mesmo cara sentados na fogueira, rindo histericamente.

Finalmente Jason levantou uma foto que tinha caído. Era uma sequência de fotos do tipo que se tira em cabines automáticas: Annabeth e o mesmo menino de cabelos claros, mas com outra garota entre eles. Ela tinha aproximadamente treze anos, com cabelos pretos repicados como o de Piper, uma jaqueta preta de couro e joias de prata. Parecia meio gótica, mas estava dando meio que uma risada, e estava claro que era melhor amiga dos dois.

— Essa é Thalia — disse alguém.

Jason virou.

Annabeth estava olhando sobre seu ombro. Sua expressão era triste, como se a foto lhe trouxesse de volta memorias difíceis.

— Ela é a outra filha de Zeus que viveu aqui, mas não por muito tempo. Desculpe, eu devia ter batido.

— Está tudo bem — disse Jason. — Não é como se eu pensasse nesse lugar como casa.

Annabeth estava vestida para viagem, com um casaco de inverno sobre suas roupas do acampamento, sua faca no cinto, uma mochila nos ombros.

— Não diga que mudou de ideia sobre vir conosco?

Ela balançou a cabeça.

— Você já tem uma boa equipe. Estou saindo para procurar Percy.

Jason ficou um pouco desapontado. Ele apreciaria ter alguém na viagem que soubesse o que estava fazendo, então não iria sentir como se estivesse levando Piper e Leo para a morte.

— Ei, vocês vão ficar bem — prometeu Annabeth. — Algo me diz que essa não é a sua primeira missão.

Jason teve uma vaga suspeita de que ela estava certa, mas aquilo não o fazia sentir-se melhor. Todos pareciam achar que ele era tão corajoso e confiante, mas eles não viam como ele se sentia perdido. Como eles podiam confiar nele quando ele nem mesmo sabia quem era?

Ele olhou para as fotos de Annabeth sorrindo. Imaginou a quanto tempo ela não sorria. Ela devia gostar mesmo de Percy para procurá-lo tanto, e aquilo dava uma pontada de inveja em Jason. Alguém estaria procurando por *ele* nesse exato momento? E se alguém se importasse com *ele* tanto que estivesse perdendo a cabeça de preocupação, e ele não podia nem lembrar da sua vida antiga?

— Você sabe quem eu sou — supôs ele. — Não sabe?

Annabeth apertou o punho de sua faca. Ela procurou uma cadeira para sentar, mas naturalmente, não havia nenhuma.

— Honestamente, Jason... eu não sei. Minha melhor suposição é que você seja um fugitivo. Acontece às vezes. Por um motivo ou outro, o acampamento nunca o encontrou, mas você sobreviveu mudando constantemente de lugar. Treinou sozinho para lutar. Encarou os monstros sozinho. Você passou pelos desafios.

— A primeira coisa que Quíron me disse foi — lembrou Jason — *você devia estar morto*.

— Pode ser por isso — disse Annabeth. — A maioria dos semideuses nunca conseguiriam por si próprios. E um filho de Zeus... digo, não há nada mais perigoso que isso. As chances de você chegar aos quinze anos sem encontrar o Acampamento Meio-Sangue ou morrer são mínimas. Mas como eu disse, acontece. Thalia fugiu quando era jovem. Ela sobreviveu

sozinha por anos. Até cuidou de mim por um tempo. Então talvez você seja um fugitivo também.

Jason mostrou o braço.

— E essas marcas?

Annabeth olhou para as tatuagens. Claramente, elas a incomodavam.

— Bem, a águia é o símbolo do Zeus, então faz sentido. As doze linhas... talvez contem os anos, como se você marcasse sua idade desde que tinha três anos. SPQR... é o lema do Império Romano: *Senatus Populusque Romanus*, o Senado e o Povo de Roma. Agora, por que você iria queimar isso no seu próprio braço, eu não sei. A não ser que você tivesse um professor de latim *realmente* severo...

Jason tinha total certeza de que essa não era a razão. Também não parecia possível que ele estivesse sozinho durante toda a vida. Mas, sinceramente, alguma coisa fazia sentido ali? Annabeth foi bastante clara – o Acampamento Meio-Sangue era o único lugar seguro no mundo para semideuses.

— Eu, hã... tive um sonho estranho na noite passada — disse ele.

Parecia uma coisa estúpida de se falar, mas Annabeth não parecia surpresa.

— Acontece toda hora aos semideuses — disse ela. — O que você viu?

Ele contou para ela sobre os lobos, a casa em ruínas e as duas espirais de rocha. Enquanto falava, Annabeth começou a andar, parecendo mais e mais agitada.

— Você não lembra onde fica essa casa? — perguntou ela.

Jason balançou a cabeça.

— Mas tenho certeza de que estive lá antes.

— Floresta de sequoias... — disse ela, pensativa. — Pode ser ao norte da Califórnia. E a loba... estudei sobre deuses, espíritos e monstros minha vida

inteira. Mas nunca ouvi falar de Lupa.

— Ela disse que o inimigo era "ela". Eu pensei que talvez fosse Hera, mas...

— Eu não confiaria em Hera, mas não acho que ela seja a inimiga. E essa coisa se erguendo da terra... — A expressão da Annabeth escureceu. — Você tem que deter.

— Você sabe o que é, não sabe? — perguntou ele. — Ou pelo menos, você acha que sabe. Eu vi seu rosto ontem na fogueira. Você olhou para Quíron como se estivesse ficando claro para você, mas você não queria nos assustar.

Annabeth hesitou.

— Jason, a coisa sobre profecias... quanto mais sabemos, mais tentamos mudá-las, e isso pode ser desastroso. Quíron acredita que é melhor que vocês encontrem seu próprio caminho, descobrir as coisas no tempo certo. Se ele me contasse tudo o que sabia antes da minha primeira missão com Percy... eu tenho que admitir, não tenho certeza se poderia seguir adiante. Para sua missão, isso é ainda mais importante.

— Parece ruim, hein?

— Não se você conseguir. Pelo menos... eu espero que não.

— Mas eu nem sei por onde começar. Onde eu devia ir?

— Siga os monstros — sugeriu Annabeth.

Jason pensou sobre isso. Os espíritos da tempestade que o atacaram no Grand Canyon disseram que foram chamados pela mestra. Se Jason pudesse localizar os espíritos da tempestade, poderia conseguir encontrar a pessoa que os controlava. E talvez aquilo o levasse para a prisão da Hera.

— Ok — disse ele. — Como eu encontro os espíritos da tempestade?

— Pessoalmente, eu perguntaria a um deus dos ventos — disse Annabeth. — Éolo é o mestre de todos os ventos, mas ele é um pouco...

imprevisível. Ninguém o encontra a menos que ele queira ser encontrado. Eu tentaria um dos quatro deuses dos ventos sazonais que trabalham para Éolo. O mais próximo, o que mais lida com heróis, é Bóreas, o Vento Norte.

— Então se eu procurá-lo no Google Maps...

— Ah, ele não é difícil de encontrar — prometeu Annabeth. — Ele se instalou na América do Norte como todos os outros deuses. Então naturalmente estabeleceu-se no ponto ao norte mais antigo, o mais ao norte possível.

— Maine? — supôs Jason.

— Mais ao norte.

Jason tentou visualizar um mapa. O que era mais longe ao norte que Maine? O lugar ao norte mais antigo...

— Canadá — decidiu ele. — Quebec.

Annabeth sorriu.

— Espero que você fale francês.

Jason sentiu uma fagulha de animação. Quebec – pelo menos agora ele tinha um objetivo. Encontrar o Vento do Norte, rastrear os espíritos da tempestade, descobrir para quem eles trabalhavam e onde ficava aquela casa em ruínas. Libertar Hera. Tudo em quatro dias. Fácil.

— Obrigado, Annabeth. — Ele olhou para as fotos da cabine de fotos ainda na sua mão. — Então, hã... você disse que era perigoso ser um filho de Zeus. O que foi que aconteceu com Thalia?

— Ah, ela está bem — disse Annabeth. — Ela se tornou uma Caçadora de Ártemis, uma das ajudantes da deusa. Elas percorrem o país matando monstros. Não a vemos no acampamento frequentemente.

Jason olhou para a grande estátua de Zeus. Ele entendeu porque Thalia dormia nessa alcova. Era o único lugar no chalé fora da linha de visão do Zeus hippie. E não era só isso. Ela escolheu seguir Ártemis e fazer parte de

seu grupo porque era melhor que ficar nesse templo frio, sozinha com seu pai de seis metros de altura – *o pai de Jason* – olhando ameaçadoramente para ela. *Comer muita eletricidade!* Jason não tinha problemas para entender os sentimentos de Thalia. Ele pensou se havia um grupo de Caçadores.

— Quem é a outra criança na foto? — perguntou ele. — O menino de cabelos claros.

A expressão da Annabeth apertou. Assunto delicado.

— Esse é Luke — disse ela. — Ele está morto agora.

Jason decidiu que era melhor não fazer mais perguntas, mas o jeito como Annabeth disse o nome de Luke o fez imaginar que talvez Percy Jackson não tivesse sido o único garoto por quem Annabeth já se apaixonara.

Ele se focou novamente no rosto da Thalia. Continuou pensando que essa foto dela era importante. Estava esquecendo-se de algo.

Jason sentiu uma estranha sensação de conexão a essa outra filha de Zeus. Talvez ela pudesse entender sua confusão, talvez até responder algumas perguntas. Mas outra voz dentro dele, um sussurro insistente, disse: *Perigoso. Fique longe disso.*

— Quantos anos ela tem agora? — perguntou ele.

— Difícil dizer. Ela foi árvore por um tempo. Agora ela é imortal.

— O quê?

Sua expressão deve ter sido bastante boa, porque Annabeth riu.

— Não se preocupe. Não é algo pelo que todas as crianças de Zeus passam. É uma longa história, mas... ela esteve fora de combate por um longo tempo. Se ela envelhecesse regularmente, ela estaria com seus vinte anos agora, mas ela ainda parece a mesma da foto, como se tivesse aproximadamente... bem, aproximadamente sua idade. Quinze, dezesseis?

Algo que a loba dissera no sonho chamou a atenção de Jason. Ele se encontrou perguntando:

— Qual era o seu sobrenome?

Annabeth pareceu perturbada.

— Ela não usava um sobrenome. Se ela tivesse, usaria o da mãe, mas elas não conviveram muito. Thalia fugiu quando era muito nova.

Jason esperou.

— Grace — disse Annabeth. — Thalia Grace.

Os dedos de Jason tremeram. A foto caiu no chão.

— Você está bem? — perguntou Annabeth.

Ele recuperou um pouco da memória – talvez um pequeno pedaço que Hera esqueceu-se de roubar. Ou talvez ela tenha deixado ali de propósito – apenas o bastante para ele lembrar aquele nome, e saber que escavar o passado era algo horrível, terrivelmente perigoso.

Você devia estar morto, Quíron havia dito. Não era um comentário sobre Jason bater as expectativas como um fugitivo. Quíron sabia algo especifico – algo sobre a família de Jason.

As palavras da loba no seu sonho finalmente fizeram sentido para ele, sua piada inteligente na despedida. Ele imaginou Lupa rosnando uma risada de lobo.

— O que é? — pressionou Annabeth.

Jason não podia manter isso para si. Isso o mataria, ele tinha que conseguir a ajuda da Annabeth. Se ela conhecia Thalia, talvez pudesse aconselhá-lo.

— Você tem que jurar não contar para ninguém — disse ele.

— Jason...

— Jure — insistiu ele. — Até eu descobrir o que está acontecendo, o que tudo isso significa... — Ele esfregou as tatuagens queimadas no seu

antebraço. — Você tem que manter isso em segredo.

Annabeth hesitou, mas sua curiosidade ganhou.

— Está bem. Até você me dizer que está tudo bem, eu não vou compartilhar o que você me disser com ninguém. Juro pelo Rio Estige.

Um trovão ribombou, mais alto ainda que o normal para o chalé. *Você é nossa graça salvadora*, a loba dissera, enigmática. Graça. *Grace*. Jason ergueu a foto do chão.

— Meu sobrenome é Grace — disse ele. — Essa é minha irmã.

Annabeth ficou pálida. Jason pode vê-la lutando com uma explosão de preocupação, descrença, raiva. Ela pensava que ele estava mentindo. Sua afirmação era impossível. E parte dele sentiu o mesmo, mas assim que falou as palavras, ele soube que elas eram verdadeiras.

Então as portas do chalé se abriram. Meia dúzia de campistas entrou para dentro, liderados pelo cara careca de Íris, Butch.

— Depressa! — disse ele, e Jason não podia dizer se sua expressão era de animação ou medo. — O dragão voltou.

XV

PIPER

Piper acordou e imediatamente pegou um espelho. Havia vários deles no chalé de Afrodite. Ela sentou no beliche, olhou para o seu reflexo e gemeu.

Ainda estava esplêndida.

Na noite passada, depois da fogueira, ela tentou de tudo. Bagunçou o cabelo, limpou a maquiagem do rosto, chorou para ficar com os olhos vermelhos. Nada funcionou. Seu cabelo voltava a ficar perfeito. A maquiagem mágica reaplicava-se. Seus olhos recuperavam o brilho e a cor.

Ela teria mudado de roupa, mas não tinha nada pra vestir. Os outros campistas de Afrodite ofereceram a ela algumas peças (rindo pelas suas costas, ela sabia), mas cada uma era ainda mais estilosa e ridícula do que as que ela usava.

Agora, depois de uma horrível noite de sono, ainda sem mudanças. Piper normalmente parecia um zumbi pela manhã, mas seu cabelo estava penteado como o de uma supermodelo e sua pele estava perfeita. Até aquela

espinha horrível na base do seu nariz, que havia aparecido há tanto tempo que Piper pensava em chamá-la de Bob, desaparecera.

Ela resmungou em frustração e passou os dedos pelo cabelo. Nada. O efeito só o colocou de volta no lugar. Ela parecia a Barbie Cherokee.

Do outro lado do chalé, Drew gritou:

— Ah, querida, isso não vai desaparecer assim — sua voz gotejava com falsa simpatia. — A benção da mamãe irá durar *pelo menos* mais um dia. Talvez uma semana, se você tiver sorte.

Piper rangeu os dentes.

— Uma *semana?*

As outras crianças de Afrodite – aproximadamente doze garotas e cinco garotos – sorriram ao ver seu desconforto. Piper sabia que ela devia ficar tranquila, não poderia deixar que rissem dela. Ela lidou com crianças superficiais e populares várias vezes. Mas isso era diferente. Esses eram seus irmãos e irmãs, mesmo que ela não tivesse *nada* em comum com eles, e como Afrodite conseguiu ter tantas crianças com idades tão próximas... Não importa. Ela não queria saber.

— Não se preocupe, querida. — Drew retocou seu batom fluorescente. — Você está achando que não é daqui? Não poderíamos concordar mais. Não é, *Mitchell?*

Um dos garotos vacilou.

— Hã, sim. Certo.

— Humm. — Drew pegou seu rímel e ajeitou seus cílios. Todos observavam, sem ousar falar. — Então em todo caso, gente, quinze minutos até o café da manhã. O chalé não vai se limpar sozinho! E Mitchell, penso que você aprendeu sua lição. Certo, querido? Então você está na patrulha de lixo só por hoje, ok? Mostre a Piper como é feito, pois tenho a sensação que

ela terá esse trabalho em breve... isso *se* ela sobreviver à *missão*. Agora, ao trabalho, todo o mundo! É minha vez de usar o banheiro!

Todos começaram a correr, fazendo camas e dobrando roupas, enquanto Drew recolhia seu kit de maquiagem, secador de cabelos e escova, e marchava para o banheiro.

Alguém lá dentro gritou, e uma garota de uns onze anos foi chutada para fora, apressadamente enrolada em toalhas com xampu ainda no cabelo.

A porta bateu com força, e a garota começou a chorar. Alguns campistas mais velhos a confortaram e limparam a espuma do seu cabelo.

— É sério? — Piper disse para ninguém em particular. — Vocês deixam Drew tratar vocês assim?

Algumas crianças atiraram a Piper olhares nervosos, como se na verdade pudessem concordar, mas não disseram nada.

Os campistas continuaram trabalhando, embora Piper não pudesse ver por que o chalé precisava de tanta limpeza. Era uma casa de boneca em tamanho real, com paredes rosa e elegantes janelas brancas. As cortinas de renda eram misturadas em azul e verde, o que obviamente correspondia aos forros e edredons em todas as camas.

Os garotos tinham uma fila de beliches separados por uma cortina, mas a seção deles do chalé era tão limpa e organizada quanto a das garotas. Havia algo *definitivamente* anormal ali. Cada campista tinha um baú de madeira ao pé do beliche deles com seus nomes pintados, e Piper supôs que as roupas dentro deles estariam perfeitamente dobradas e separadas pela cor. A única marca de individualidade era como os campistas decoravam o espaço privado de seus beliches. Todos tinham fotos de celebridades que eles achavam que eram bonitas. Algumas eram fotos pessoais, também, mas a maioria era de atores ou cantores ou o que quer que fosse.

Piper esperava não ver *O Pôster*. Já havia passado quase um ano desde o filme, e ela pensou que agora com certeza todos jogariam fora aquelas velhas propagandas esfarrapadas e colasse algo mais novo. Mas não teve tal sorte. Ela localizou um na porta de um armário, no meio de uma colagem de galãs famosos.

O título estava em vermelho vivo: *REI DE ESPARTA.* Embaixo dele, o pôster estampava o ator principal: o retrato de um homem sem camisa, bronzeado e sarado, com um abdômen de tanquinho. Ele estava vestindo somente um saiote grego e uma capa roxa, uma espada na mão. Parecia estar banhado em óleo, seu curto cabelo preto resplandecendo e gotas de suor pingando do seu rosto duro, aqueles tristes olhos escuros encarando a câmera como se dissesse: *Eu vou matar seus homens e roubar suas mulheres! Ha-ha!*

Era o pôster mais ridículo de todos os tempos. Piper e seu pai deram uma boa risada com ele da primeira vez que o viram. Então o filme rendeu um trilhão de dólares. O pôster apareceu subitamente em todos os lugares. Piper não podia fugir dele na escola, andando pela rua, nem na internet. E sim, era uma foto do seu pai.

Ela virou para que ninguém pensasse que ela estava olhando para ele. Talvez quando todos fossem ao café da manhã, ela poderia rasgá-lo sem ninguém perceber.

Tentou parecer ocupada, mas não tinha mais roupas a dobrar. Ela arrumou sua cama, então percebeu que o cobertor de cima era o que Jason havia enrolado nos seus ombros na noite passada. Ela o pegou e pressionou-o no seu rosto. Cheirava a madeira queimada, infelizmente não a Jason. Ele era a *única* pessoa que foi genuinamente gentil com ela depois da transformação, como se estivesse preocupado com o que ela sentia, não só por causa de suas estúpidas roupas novas. Deus, ela queria beijá-lo, mas ele

parecia tão desconfortável, quase com medo dela. Ela não podia realmente culpá-lo. Ela havia ficado rosa-cintilante.

— Com licença — disse uma voz aos seus pés.

O garoto que recolhia o lixo, Mitchell, estava rastejando de quatro, pegando embalagens de chocolate e notas desintegradas debaixo dos beliches. Aparentemente, as crianças de Afrodite não eram cem por cento maníacas por limpeza.

Ela saiu do seu caminho.

— O que você fez para deixar Drew tão chateada?

Ele olhou para a porta do banheiro para ter certeza que ainda estava fechada.

— Na noite passada, depois de você ser reclamada, eu disse que você talvez não fosse tão má.

Não era exatamente um elogio, mas Piper ficou surpresa. Um filho de Afrodite realmente a estava defendendo?

— Obrigada.

Mitchell deu de ombros.

— É, bem. Veja onde isso me levou. Mas o que importa, bem-vinda ao chalé dez.

Uma garota com tranças loiras e aparelho nos dentes correu com uma pilha de roupas nos braços. Ela olhou ao redor furtivamente como se estivesse entregando materiais nucleares.

— Peguei essas roupas pra você — sussurrou ela.

— Piper, conheça Lacy — disse Mitchell, ainda rastejando pelo chão.

— Oi — disse Lacy sem fôlego. — Você *pode* trocar de roupa. A benção não irá te impedir. Isso é só uma mochila, alguns mantimentos, ambrósia e néctar para emergências, alguns jeans, umas camisas extras e um agasalho.

As botas podem ficar um pouco grandes. Mas... bem... temos uma coleção. Boa sorte na sua missão!

Lacy despejou as coisas na cama e começou a ir embora, mas Piper pegou seu braço.

— Espere. Pelo menos me deixe agradecer! Por que está com tanta pressa?

Lacy pareceu a ponto de ter um ataque de nervos.

— Ah, bem...

— Drew pode descobrir — explicou Mitchell.

— Eu posso ter que usar os sapatos da vergonha! — Lacy engoliu em seco.

— Os o quê? — perguntou Piper.

Lacy e Mitchell apontaram para uma prateleira negra montada no canto do quarto, como um altar. Exibida ali havia um par de horrorosas sandálias ortopédicas brancas brilhantes, com solas grossas.

— Eu tive que usá-las uma vez durante uma semana — choramingou Lacy. — Elas não combinam com *nada!*

— E há castigos piores — alertou Mitchell. — Drew pode ser muito persuasiva, entende? Não são muitos filhos de Afrodite que tem esse poder, mas ela é capaz de nos fazer agir de forma vergonhosa. Piper, você é a primeira pessoa em um longo tempo que pode resistir a ela.

— Muito persuasiva... — Piper lembrou a noite passada, o jeito como a multidão na fogueira havia oscilado de um lado ao outro entre as opiniões de Drew e as dela. — Você está falando sobre... uma capacidade de dizer às pessoas que façam o que ela quer? Ou... lhe dar coisas... como um carro?

— Ah, não dê ideias a Drew! — Lacy ofegou.

— Mas sim — disse Mitchell. — Ela poderia fazer isso.

— Então é por isso que ela é a conselheira-chefe — disse Piper. — Ela convenceu todos vocês?

Mitchell pegou uma bola de chiclete nojenta debaixo da cama de Piper.

— Não, ela herdou o posto quando Silena Beauregard morreu na guerra. Drew era a segunda mais velha. A campista mais velha automaticamente consegue o posto, a menos que alguém há mais tempo no acampamento ou com mais missões completas queira desafiar, no caso em um duelo, mas dificilmente acontece. Resumindo, estamos presos com Drew no cargo desde agosto. Ela decidiu fazer algumas, hã, *mudanças* no jeito que o chalé anda.

— Sim, eu decidi! — Subitamente Drew estava ali, encostada no beliche. Lacy chiou como um porquinho-da-índia e tentou correr, mas Drew estendeu um braço para pará-la. Ela olhou para Mitchell. — Acho que você esqueceu um pouco de lixo, querido. Talvez seja melhor repassar tudo.

Piper olhou para o banheiro e viu que Drew despejou tudo da lixeira do banheiro – coisas bastante *nojentas* – no chão.

Mitchell levantou-se. Ele olhou para Drew como se estivesse prestes a atacar (o que Piper pagaria pra ver), mas finalmente gritou:

— Certo.

Drew sorriu.

— Veja, Piper, querida, nós somos um bom chalé aqui. Uma família unida! Silena Beauregard, no entanto... fique sabendo. Ela estava secretamente passando informações para Cronos na Guerra dos Titãs, ajudando o *inimigo*.

Drew sorriu toda doce e inocente, com sua maquiagem rosa brilhante e seu cabelo escovado cheirando a noz-moscada. Ela era igual a todas as adolescentes populares de todos os colégios. Mas seus olhos eram tão frios

quanto aço. Piper teve a sensação de que Drew estava olhando direto na sua alma, puxando seus segredos.

Ajudando o inimigo.

— Ah, nenhum dos outros chalés fala sobre isso — contou Drew. — Eles agem como se Silena Beauregard fosse uma heroína.

— Ela sacrificou sua vida para fazer a coisa certa — resmungou Mitchell. — Ela *era* uma heroína.

— Humm — disse Drew. — Outro dia na patrulha do lixo, Mitchell. Mas *voltando*, Silena perdeu o foco do significado de nosso chalé. Nós formamos casais no acampamento! Então os separamos e começamos tudo de novo! É a melhor diversão de todos os tempos. Não nos envolvemos em coisas como guerras e missões. *Eu* certamente não fui a nenhuma missão. Elas são uma perda de tempo!

Lacy levantou a mão nervosamente.

— Mas na noite passada você disse que queria ir...

Drew olhou para ela, e a voz de Lacy morreu.

— Acima de tudo — continuou Drew — certamente não precisamos de nossa imagem manchada por espiões, precisamos, *Piper?*

Piper tentou responder, mas não pôde. Não havia como Drew saber sobre seus sonhos ou o sequestro do seu pai, havia?

— Vai ser muito ruim ficar sem você por perto. — Drew suspirou. — Mas se você sobreviver a sua pequena missão, não se preocupe, eu vou encontrar *alguém* para ficar com você. Talvez um daqueles garotos brutos de Hefesto. Ou Clovis? Ele é bastante repulsivo. — Drew olhou para ela com uma mistura de pena e desgosto. — Honestamente, eu não acho que seja *possível* Afrodite ter uma criança feia, mas... quem *era* o seu pai? Ele era algum tipo de mutante ou...

— Tristan McLean — gritou Piper.

Assim que disse isso, ela se odiou. Ela nunca, *jamais* dera uma de "filha e famoso". Mas Drew havia lhe tirado do sério.

— Meu pai é Tristan McLean.

O silêncio que se seguiu foi gratificante por alguns segundos, mas Piper sentiu vergonha de si mesma. Todos viraram o rosto e olharam para *O Pôster*, com seu pai flexionando os músculos para o mundo todo ver.

— *Ah meu Deus!* — metade das garotas gritou ao mesmo tempo.

— Incrível! — disse um rapaz. — O cara com a espada que matou aquele outro cara naquele filme?

— Ele é *tão* gato para um sujeito velho — uma garota disse, então corou. — Digo... desculpe-me. Eu sei que ele é seu *pai*. Isso é *tão* estranho!

— Tudo é muito estranho, pessoal — concordou Piper.

— Você acha que poderia me arranjar um autógrafo? — perguntou outra garota.

Piper forçou um sorriso. Ela não podia dizer: *Se meu pai sobreviver...*

— Sim, sem problemas — respondeu Piper.

A garota gritou de animação, e mais pessoas surgiram a frente, perguntando várias coisas ao mesmo tempo.

— Você já esteve nos bastidores?

— Você vive numa mansão?

— Você tem almoço com estrelas de cinema?

— Você já teve seu ritual de passagem?

Essa pegou Piper despreparada.

— Ritual do quê? — perguntou ela.

As garotas e garotos riram e empurraram um ao outro como se fosse um tópico constrangedor.

— O ritual de passagem para uma criança de Afrodite — explicou um. — Você faz alguém se apaixonar por você. Então quebra seu coração.

Termina o namoro. Quando fizer isso, provará que é digna de Afrodite.

Piper olhou para a multidão para ver se eles estavam brincando.

— Quebrar o coração de alguém de propósito? Isso é horrível!

Os outros pareceram confusos.

— Por quê?

— Ah meu Deus! — disse uma garota. — Aposto que Afrodite quebrou o coração do *seu pai!* Aposto que ele nunca mais amou ninguém de novo, amou? É tão romântico. Quando fizer seu ritual de passagem, será como nossa mãe!

— Esqueça isso! — Piper gritou, um pouco mais alto do que pretendia. Os outros recuaram. — Eu *não* vou quebrar o coração de alguém só por causa de um ritual de passagem estúpido!

E isso, obviamente, deu a Drew a chance de retomar o controle.

— Bem, lá vai você! — ela se intrometeu. — Silena disse a mesma coisa. Ela quebrou a tradição quando se apaixonou pelo garoto Beckendorf, e *continuando* apaixonada. Se você me perguntar, foi por isso que as coisas acabaram trágicas para ela.

— Não é verdade! — Lacy chiou, mas Drew olhou para ela, e ela imediatamente misturou-se de volta a multidão.

— Pouco importa — continuou Drew — porque, Piper, querida, você não poderia quebrar o coração de alguém em todo o caso. E essa história de Tristan McLean ser seu pai... que forma mais primitiva de mendigar atenção.

Várias pessoas piscaram incertas.

— Você quer dizer que ele *não é* o pai dela? — perguntou alguém.

Drew revirou os olhos.

— Fala sério. Agora é hora do café da manhã, gente. E a Piper aqui tem que começar aquela pequena missão. Então vamos fazer suas malas e tirá-la

daqui!

Drew dispersou a multidão e colocou todos para se mexerem. Ela os chamou de "querida" e "amigo", mas seu tom tornava claro que ela esperava ser obedecida. Mitchell e Lacy ajudaram com a mala de Piper. Eles até guardaram a porta do banheiro enquanto Piper entrava e mudava para uma roupa de viagem melhor. Roupas que, ainda bem, não eram nada demais, apenas jeans surrados, uma camiseta, um casaco confortável e botas de caminhada que cabiam perfeitamente. Ela prendeu sua adaga, Katoptris, no cinto.

Quando Piper saiu, se sentia quase normal novamente. Os outros campistas estavam nos seus beliches enquanto Drew andava e inspecionava. Piper virou para Mitchell e Lacy e gesticulou com a boca um *obrigada*. Mitchell fez um movimento de cabeça e Lacy abriu um grande sorriso. Piper duvidou que Drew já tivesse agradecido por algo. Ela também notou que o pôster de *Rei de Esparta* fora amassado e jogado no lixo. Ordens de Drew, sem dúvida. Embora Piper quisesse arrancar o pôster por ela mesma, Piper ficou aliviada.

Quando Drew a localizou, ela fez um falso aplauso.

— Muito bem! Nossa pequena missionária vestida em roupas vagabundas novamente. Agora, vá! Sem necessidade de comer o café da manhã conosco. Boa sorte com... seja o que for. Tchau!

Piper colocou a mochila nos ombros. Ela podia sentir os olhos de todos enquanto andava até a porta. Ela só podia partir e esquecer sobre isso. Aquilo seria uma coisa fácil. O que ela tinha a ver com esse chalé, com essas crianças superficiais?

Exceto que alguns deles tentaram ajudá-la. Alguns deles até encararam Drew por ela.

Ainda na porta, ela se virou e disse:

— Vocês não têm que seguir as ordens de Drew.

As outras crianças se mexeram. Várias olharam para Drew, mas ela pareceu muito surpresa para responder.

— Hã... — alguém disse — ela é nossa conselheira-chefe.

— Ela é uma tirana — corrigiu Piper. — Vocês podem pensar por si mesmos. Ser filho Afrodite é muito mais que *isso*.

— Mais que isso — uma criança ecoou.

— Pensar por nós mesmos — murmurou uma segunda.

— Gente! — gritou Drew. — Não sejam estúpidos! Ela está jogando *charme!*

— Não — disse Piper. — Só estou dizendo a verdade.

Pelo menos, Piper pensou que era o caso. Ela não entendeu exatamente como esse negócio de *charme* funcionava, mas não se sentiu como se estivesse colocando algum poder especial nas palavras. Ela não queria ganhar uma discussão por usar truques contra as pessoas. Aquilo não lhe faria melhor que Drew. Piper simplesmente dizia o que queria dizer. Além disso, mesmo que tentasse jogar charme, imaginava que não funcionaria muito bem em outra pessoa com os mesmos poderes como Drew.

Drew zombou dela.

— Talvez você tenha um pouco de poder, Senhorita Estrela de Cinema. Mas você não sabe da primeira coisa sobre Afrodite. Você tem essas grandes ideias? O que você acha sobre esse chalé, então? Diga a eles. E, quem sabe, eu também possa contar algumas coisas sobre *você* para eles, hein?

Piper queria fazer uma réplica, mas sua raiva virou pânico. Ela era uma espiã do inimigo, assim como Silena Beauregard. Uma traidora de Afrodite. Drew sabia sobre isso ou estava blefando? Sob o olhar de Drew, sua confiança começava a quebrar.

— Isso não — conseguiu dizer Piper, finalmente. — Afrodite não tem nada a ver com isso.

Então ela virou e saiu correndo antes que os outros pudessem vê-la corando.

Atrás dela, Drew começou a rir.

— *Isso não?* Ouviram isso, gente? Ela não tem a menor ideia!

Piper prometeu a si que nunca, *jamais* voltaria a aquele chalé. Ela secou as lágrimas e saiu correndo pelo gramado, sem saber onde estava indo... até ver o dragão descendo do céu.

XVI

PIPER

— Leo? — gritou ela.

E, de fato, ali estava ele, sentado em cima de uma máquina mortífera gigante de bronze, sorrindo feito um lunático. Antes mesmo que ele pudesse aterrissar, o alarme do acampamento soou. Uma trombeta de concha soprou. Todos os sátiros começaram a gritar "Não me mate!" Metade do acampamento correu para fora numa mistura de pijama e armadura. O dragão desceu no meio do gramado e Leo gritou:

— Está tudo bem! Não atirem!

Hesitantemente, os arqueiros baixaram os arcos. Os guerreiros recuaram, mantendo as lanças e espadas prontas. Eles fizeram um grande anel frouxo ao redor do monstro de metal. Outros semideuses se esconderam atrás das portas dos seus chalés ou espiaram pela janela. Ninguém parecia ansioso de chegar perto.

Piper não podia culpá-los. O dragão era imenso. Ele resplandecia no sol da manhã como uma escultura de moedas de um centavo viva — tons diferentes de cobre e bronze — uma serpente de dezoito metros de comprimento com garras de aço e dentes de broca, com olhos de rubi brilhantes. Tinha asas do formato das de morcego que eram duas vezes a sua largura, estendidas como velas metálicas, fazendo um som de moedas caindo de um caça-níquel.

— É lindo — murmurou Piper. Os outros semideuses a olharam como se ela fosse louca.

O dragão ergueu a cabeça e atirou uma coluna de fogo no céu. Campistas se afastaram e suspenderam suas armas, mas Leo escorregou calmamente das costas do dragão. Ele ergueu as mãos como se rendesse, exceto que ainda tinha aquele sorriso louco no rosto.

— Terráqueos, eu venho em paz! — gritou ele.

Parecia que esteve rolando ao redor da fogueira. Seu casaco do exército e seu rosto estavam sujos de fuligem. Suas mãos estavam manchadas de graxa, e ele usava um novo cinto de ferramentas ao redor da cintura. Os olhos estavam arregalados. Seu cabelo cacheado estava tão oleoso que estavam em pé como espinho de um porco-espinho, e ele cheirava estranhamente a molho de pimenta. Mas ele parecia absolutamente deliciado.

— Festus só está dizendo olá!

— Essa coisa é perigosa! — uma garota de Ares gritou, brandindo sua lança. — Mate-a agora!

— Abaixe essa arma! — ordenou alguém.

Para a surpresa de Piper, era Jason. Ele abriu caminho pela multidão, sendo seguido por Annabeth e aquela garota do chalé de Hefesto, Nyssa.

Jason olhou para o dragão e balançou a cabeça em admiração.

— Leo, o que você fez?

— Encontrei uma carona! — Leo sorriu. — Você disse que eu podia ir à missão se eu lhe conseguisse uma carona. Bem, eu lhe consegui um garotão voador metálico classe A! Festus pode nos levar para qualquer lugar!

— Ele... tem asas — gaguejou Nyssa. Sua mandíbula parecia ter se soltado do rosto.

— Sim! — disse Leo. — Eu as encontrei e as recoloquei.

— Mas ele nunca teve asas. Onde você as encontrou?

Leo hesitou, e Piper podia dizer que ele estava escondendo algo.

— Hã... na floresta — disse ele. — Consertei a maioria os circuitos, também, então ele não vai mais ficar confuso.

— A maioria? — perguntou Nyssa.

A cabeça do dragão contraiu. Ele se inclinou para um lado e um liquido preto — talvez óleo, *esperançosamente* apenas óleo — vazou do seu ouvido, caindo sobre Leo.

— Só alguns ajustes para resolvermos — disse Leo.

— Mas como você sobreviveu...? — Nyssa ainda estava olhando para a criatura com pavor. — Digo, ele cospe fogo...

— Eu sou rápido — disse Leo. — E sortudo. Agora, estou na missão, ou o quê?

Jason coçou a cabeça.

— Você o chamou de Festus? Você sabe que em latim, "Festus" significa "feliz"? Você quer que partamos para salvar o mundo em Feliz, o Dragão?

O dragão se contraiu, tremeu e bateu as asas.

— Isso é um sim, cara! — disse Leo. — Agora, hã, eu realmente sugeriria que fossemos, gente. Eu já peguei alguns suprimentos na... hã, na floresta. E todas essas pessoas com armas estão deixando Festus nervoso.

Jason franziu a testa.

— Mas não temos nenhum plano ainda. Não podemos simplesmente...

— Vão — disse Annabeth. Ela era a única que não parecia nervosa absolutamente. Sua expressão estava triste e saudosa, como se isso a lembrasse dos velhos tempos. — Jason, vocês só têm três dias até o solstício agora, e vocês nunca deveriam manter um dragão nervoso esperando. Esse é certamente um bom sinal. Vão!

Jason assentiu. Depois sorriu para Piper.

— Está pronta, parceira? — Piper olhou para asas do dragão de bronze reluzindo no céu, e para aquelas garras que podiam rasgá-la em pedaços.

— Claro! — respondeu ela.

Voar no dragão era a experiência mais maravilhosa de todos os tempos, Piper pensou.

Lá em cima, o ar era frio congelante; mas o metal do dragão gerava tanto calor que era como se estivessem voando numa bolha protetora. Fale sobre os aquecedores de assento! E as placas nas costas do dragão eram desenhadas como selas tecnológicas, então não eram completamente desconfortáveis. Leo lhes mostrou como encaixar os pés nas fendas do metal, como em estribos, e usar os arreios de segurança de couro engenhosamente escondidos sob as placas exteriores. Eles sentaram em fila única: Leo na frente, depois Piper, então Jason, e Piper estava bastante ciente de Jason logo atrás dela. Ela desejou que ele a agarrasse, talvez enrolasse seus braços ao redor da cintura dela; mas infelizmente, ele não fez isso.

Leo usava as rédeas para conduzir o dragão no céu como se tivesse feito isso a vida inteira. As asas de metal trabalhavam perfeitamente, e logo a costa de Long Island era só uma linha escura atrás deles. Eles se atiraram sobre Connecticut e subiram nas nuvens cinza de inverno.

Leo olhou para trás e sorriu para eles.

— Legal, hein?

— E se formos vistos? — perguntou Piper.

— A Névoa — disse Jason. — Ela impede os mortais de verem coisas mágicas. Se eles nos virem, provavelmente nos confundirão com um avião pequeno ou outra coisa.

Piper olhou sobre o ombro.

— Tem certeza disso?

— Não — admitiu ele.

Então Piper notou que ele estava apertando uma foto na mão — uma foto de uma garota com cabelos escuros.

Ela deu a Jason um olhar esquisito, mas ele corou e colocou a foto no bolso.

— Estamos tendo um tempo bom. Provavelmente cheguemos lá de noite.

Piper se perguntou quem era a garota na foto, mas ela não queria perguntar; e se Jason não compartilhou a informação, aquilo não era um bom sinal. Ele se lembrara de algo sobre sua vida antes? Aquela era uma foto da sua namorada verdadeira?

Pare, pensou ela. Você só vai se torturar.

Ela fez uma pergunta mais segura.

— Para onde estamos indo?

— Encontrar o deus do Vento Norte — disse Jason. — E perseguir alguns espíritos da tempestade.

XVII

LEO

Leo estava completamente maravilhado.

A expressão no rosto de todos quando ele voou com o dragão no acampamento! Não tinha preço! Ele imaginou que seus companheiros de chalé estivessem enlouquecendo.

Festus foi incrível também. Ele não queimou um único chalé nem comeu nenhum sátiro, mesmo que tenha deixado pingar um pouco de óleo da orelha. Ok, *muito* óleo. Leo podia trabalhar nisso depois.

Talvez Leo devesse ter aproveitado a chance para contar a todos sobre o Bunker 9 ou o desenho do barco voador. Ele precisava de algum tempo para pensar sobre isso. Ele podia contar para eles quando voltasse.

Se voltasse, parte dele pensou.

Que nada, ele voltaria. Ele tinha pegado um cinto de ferramentas mágico incrível no bunker, vários suprimentos agora seguramente guardados

na sua mochila. Além disso, ele tinha um dragão que soltava fogo, apesar de vazar um pouco. O que poderia dar errado?

Bem, o disco de controle poderia explodir, sugeriu a parte pessimista dele. *Festus poderia comer você.*

Ok, então o dragão não estava *tão* consertado quanto Leo esperava ter deixado. Ele trabalhou a noite toda colocando aquelas asas, mas não encontrou nenhum cérebro extra de dragão em lugar nenhum do bunker. Ei, eles estavam sob um limite de tempo! Três dias até o solstício. Eles tinham que continuar. Além disso, Leo havia limpado o disco bastante bem. A maioria dos circuitos ainda estava bom. Só teriam que ficar unidos.

Seu lado negativo começou a pensar: *É, mas e se...*

— Cale a boca — disse Leo em voz alta.

— O quê? — perguntou Piper.

— Nada — disse ele. — Longa noite. Acho que estou alucinando. Estou legal.

Sentado na frente, Leo não podia ver o rosto deles, mas assumiu pelo silêncio que seus amigos não estavam agradecidos em ter um motorista de dragão alucinado e com sono.

— Estou brincando. — Leo decidiu que seria bom mudar de assunto. — Então qual é o plano, gente? Vocês disseram algo sobre pegar vento, ou quebrar o vento ou algo assim?

Enquanto eles voavam sobre a Nova Inglaterra, Jason explicou o plano: primeiro, encontrar um sujeito chamado Bóreas e arrancar certa informação dele.

— O nome dele é *Bóreas*? — perguntou Leo. — O que ele é, o deus das calças borradas?

Segundo, Jason continuou, eles tinham que encontrar aqueles *venti* que os atacaram no Grand Canyon.

— Podemos simplesmente chamá-los de espíritos da tempestade? — perguntou Leo. — *Venti* os faz soarem como cafés do mal.

E terceiro, Jason acabou, eles tinham que descobrir para quem os espíritos da tempestade trabalhavam, então poderiam encontrar Hera e libertá-la.

— Então você quer procurar Dylan, o cara desagradável da tempestade, *de propósito* — disse Leo. — O sujeito que me jogou da passarela do Grand Canyon e sugou o Treinador Hedge para as nuvens.

— É mais ou menos isso — confirmou Jason. — Bem... pode haver uma loba envolvida, também. Mas acho que ela é amiga. Provavelmente não vai nos comer, a menos que mostremos fraqueza.

Jason lhes contou sobre seu sonho – a grande loba-mãe e a casa queimada com espirais de pedra subindo da piscina de natação.

— Nossa — disse Leo. — Mas você não sabe onde esse lugar é.

— Não — admitiu Jason.

— Também há gigantes — acrescentou Piper. — A profecia diz *a vingança dos gigantes*.

— Espere aí — disse Leo. — Gigantes... tipo, mais que um? Por que não pode ser simplesmente um gigante que quer vingança?

— Eu acho que não — disse Piper. — Eu lembro que em algumas histórias gregas antigas, havia algo sobre um exército de gigantes.

— Legal — murmurou Leo. — É claro, com nossa sorte, é um exército. Então você sabe mais alguma coisa sobre esses gigantes? Você não fez várias pesquisas sobre mitos para aquele filme com seu pai?

— Seu pai é ator? — perguntou Jason.

Leo riu.

— Eu continuo esquecendo da sua amnésia. Esquecendo a amnésia. É engraçado. Mas sim, o pai dela e Tristan McLean.

— Hã... Desculpe, mas quem é ele?

— Não importa — disse Piper rapidamente. — Os gigantes... bem, há vários gigantes na mitologia grega. Mas se eu estou pensando nos certos, eles são más notícias. Grandes, quase impossíveis de matar. Eles poderiam arremessar montanhas e essas coisas. Eu acho que eles são relacionados aos titãs. Eles se ergueram da terra depois de Cronos perder a guerra... eu quero dizer, a *primeira* guerra titã, milhões de anos atrás... e eles tentaram destruir o Olimpo. Se estamos falando sobre os mesmos gigantes...

— Quíron disse que estava acontecendo novamente — lembrou Jason. — O último capítulo. É o que ele quis dizer. Não me admira que ele não quisesse que soubéssemos todos os detalhes.

Leo assobiou.

— Então... gigantes que podem arremessar montanhas. Lobos amigáveis que irão nos comer se mostrarmos fraqueza. Cafés do mal. Entendi. Talvez não seja hora de trazer minha babá psicótica à tona.

— Essa é outra piada? — perguntou Piper.

Leo lhes contou sobre *Tía* Callida, que era na verdade Hera, e como ela apareceu no acampamento. Ele não lhes contou sobre as habilidades com fogo. Aquele ainda era um assunto delicado, especialmente depois de Nyssa lhe contar que semideuses de fogo tendiam a destruir cidades e coisas. Além disso, Leo teria que falar como causou a morte da mãe, e... não. Ele não estava pronto para conversar sobre isso. Ele conseguiu falar sobre a noite que ela morreu, sem mencionar o fogo, apena dizendo que a oficina mecânica desabara. Era mais fácil sem olhar para os amigos, apenas mantendo os olhos a frente enquanto voavam.

E ele lhes contou sobre a mulher estranha em roupas de terra que parecia estar adormecida, e parecia saber o futuro.

Leo estimou que todo o estado de Massachusetts passou abaixo deles antes dos amigos falarem.

— É... perturbador — disse Piper.

— Isso resume tudo — concordou Leo. — O problema é que todos dizem para não confiar em Hera. Ela odeia semideuses. E a profecia disse que causaríamos morte se liberássemos sua raiva. Então eu me pergunto... por que estamos fazendo isso?

— Ela nos escolheu — disse Jason. — Todos nós. Somos os primeiros dos sete que serão reunidos para a Grande Profecia. Essa missão é o começo de algo muito maior.

Aquilo não fazia Leo se sentir melhor, mas ele não podia argumentar com a resolução de Jason. *Sentia* como se fosse o começo de algo grande. Ele só desejou que, se houvessem mais semideuses destinados a ajudá-los, eles aparecessem rápido. Leo não queria ser responsável por todas aquelas aventuras aterrorizantes de risco de vida.

— Além disso — continuou Jason — ajudar Hera é o único jeito para que eu possa conseguir minha memória de volta. E aquela torre negra no meu sonho parecia ser alimentada pela energia de Hera. Se aquela coisa libertar um rei dos gigantes, destruindo Hera...

— Não é uma boa troca — concordou Piper. — Pelo menos Hera está do nosso lado, um pouco. Perdê-la iria lançar os deuses em caos. Ela que mantém a paz na família. E uma guerra contra os gigantes poderia ser ainda mais destrutível que a Guerra dos Titãs.

Jason assentiu.

— Quíron também falou sobre forças piores se agitando no solstício, como esse dia é uma boa época para magia negra, e tudo mais, algo que poderia acordar se Hera fosse sacrificada nesse dia. E essa mestra que está

controlando os espíritos da tempestade, a que quer matar todos os semideuses...

— Pode ser aquela mulher estranha dormindo — concluiu Leo. — Mulher-Sujeira totalmente acordada? Não é algo que eu queira ver.

— Mas quem é ela? — perguntou Jason. — E o que ela tem a ver com gigantes?

Boas perguntas, mas nenhuma delas tinha resposta. Eles voaram em silêncio enquanto Leo pensava se ele fizera a coisa certa, compartilhando tanto. Ele nunca contara a ninguém sobre aquela noite na oficina. Mesmo que não tivesse contado toda a história, ainda se sentia estranho, como se abrisse seu peito e tirasse todas as engrenagens que o permitia fazer tique-taque. Seu corpo estava tremendo, e não era pelo frio. Ele esperou que Piper, sentada atrás dele, não pudesse ver.

A forja e a pomba devem quebrar a cela. Não era aquela linha da profecia? Significava que Piper e ele teriam que encontrar um jeito de quebrar aquela prisão mágica de rocha, assumindo que pudessem encontrá-la. Então eles libertariam a ira de Hera, causando muitas mortes. Bem, aquilo parecia divertido! Leo vira *Tía* Callida em ação; ela gostava de facas, cobras e de colocar bebês em lareiras acesas. *Sim, definitivamente vamos libertar sua ira. Grande ideia.*

Festus continuou voando. O vento ficou mais quente, e abaixo deles florestas nevadas pareciam continuar para sempre. Leo não sabia exatamente onde era Quebec. Ele disse para Festus levá-los ao palácio de Bóreas, e Festus continuou indo para o norte. Esperançosamente, o dragão saberia o caminho, e eles não acabariam no Polo Norte.

— Por que você não dorme um pouco? — Piper disse no seu ouvido. — Você esteve acordado a noite toda.

Leo queria protestar, mas a palavra *dormir* soou realmente bem.

— Você não vai me deixar cair?

Piper bateu de novo no seu ombro.

— Confie em mim, Valdez. Pessoas bonitas nunca mentem.

— Certo — murmurou ele.

Ele se encostou no pescoço de bronze do dragão, que estava quentinho, e fechou os olhos.

XVIII

LEO

Pareceu que ele dormiu só por segundos, mas quando Piper o sacudiu, a luz do dia estava indo embora.

— Chegamos — disse ela.

Leo esfregou o sono para fora dos olhos. Abaixo deles, havia uma cidade à beira de um penhasco, onde se via um rio. As planícies em volta estavam cheias de neve, mas a cidade em si brilhava calorosamente no pôr do sol de inverno. Prédios se aglomeravam dentro dos altos muros como uma cidade medieval, mais velha que qualquer lugar que Leo vira antes. No centro havia um verdadeiro castelo – pelo menos Leo assumiu que fosse um castelo – com solidas paredes vermelhas de tijolos e uma torre quadrada com um telhado triangular verde e pontiagudo.

— Diga-me que é Quebec e não a oficina do Papai Noel — disse Leo.

— Estamos em Quebec, mesmo — confirmou Piper. — Uma das cidades mais antigas da América do Norte. Fundada por volta de 1600,

acho.

Leo levantou uma sobrancelha.

— Seu pai fez um filme sobre isso também?

Ela fez uma careta para ele, o que Leo estava acostumado, mas não funcionou muito bem com sua nova maquiagem glamorosa.

— Eu *leio* às vezes, ok? Só porque Afrodite me reclamou, não significa que eu tenho de ser uma cabeça-de-vento.

— Mal-humorada! — disse Leo. — Então, você que sabe tanto, o que é aquele castelo?

— Um hotel, eu acho.

Leo riu.

— Sem chance.

Mas assim que chegou mais perto, Leo viu que ela tinha razão. A grande entrada estava cheia de porteiros, mordomos e carregadores tomando bagagens. Brilhantes e luxuosos carros pretos estavam na entrada. Pessoas em ternos elegantes e capas de inverno se apressavam para sair do frio.

— O Vento Norte está hospedado num hotel? — disse Leo. — Não pode ser...

— Cuidado, gente — interrompeu Jason. — Temos companhia!

Leo olhou para baixo e viu o que Jason queria dizer. Erguendo-se do topo da torre havia duas figuras aladas – anjos com expressões furiosas, carregando espadas enormes.

Festus não gostou dos anjos. Mergulhou no ar e parou subitamente no meio do voo, as asas batendo e as garras apontadas, e fez um rosnado na sua garganta que Leo reconheceu. Ele estava se preparando para soprar fogo.

— Calma, garoto — murmurou Leo.

Algo lhe disse que os anjos não ficariam contentes por serem tostados.

— Eu não gosto disso — disse Jason. — Eles parecem espíritos da tempestade.

A princípio Leo pensou que ele estava certo, mas assim que os anjos se aproximaram, ele pôde ver que eles eram muitos mais sólidos do que *venti*. Pareciam adolescentes normais exceto pelos seus fios cabelos brancos e asas roxas emplumadas. Suas espadas de bronze estavam entalhadas, como pingentes. Seus rostos pareciam similares o bastante que eles poderiam ser irmãos, mas definitivamente não eram gêmeos.

Um era do tamanho de um boi, com um casaco de hóquei de lã vermelho-claro, calça moletom folgada e chuteiras de couro negro. O rapaz claramente estivera em várias lutas, porque ambos seus olhos estavam roxos, e quando ele mostrava seus dentes, vários deles estavam faltando.

O outro rapaz parecia que havia sido tirado de uma das capas de álbuns de rock dos anos 80 da mãe de Leo – *Journey*, talvez, ou *Hall & Oates*, ou algo ainda mais careta. Seus cabelos brancos como a neve terminavam em um *mullet* comprido. Ele usava sapatos de couro de bico fino, calça muito justa e uma camisa de seda horrorosa, com os três botões de cima abertos. Talvez pensasse que parecia um cupido sedutor, mas o cara não podia pesar mais que quarenta quilos, e ele tinha um péssimo problema com acne.

Os anjos se empurraram para frente do dragão e pairaram ali, espadas prontas.

O boi jogador de hóquei grunhiu.

— Não pode passar.

— O quê? — disse Leo.

— Vocês não aparecem no plano de voo — explicou o cupido sedutor. No topo dos seus outros problemas, ele tinha um sotaque francês tão

vagabundo que Leo tinha certeza que era falso. — Esse é um espaço aéreo restrito.

— Morte? — O boi mostrou seu sorriso banguela.

O dragão começou a soltar fumaça, pronto para defendê-los. Jason pegou sua espada dourada, mas Leo gritou:

— Espere! Vamos ter alguns modos aqui, pessoal. Eu posso pelo menos descobrir quem tem a honra de me matar?

— Eu sou Cal! — grunhiu o boi.

Ele pareceu muito orgulhoso de si, como se tivesse gasto muito tempo para memorizar essa sentença.

— É a abreviação para Calais — disse o cupido. — Infelizmente, meu irmão não pode dizer palavras com mais de duas sílabas...

— Pizza! Hóquei! Morte! — Cal ofereceu.

— ... e isso inclui seu próprio nome — o cupido terminou.

— Eu sou Cal — repetiu Cal. — E esse é Zetes! Meu irmão!

— Uau — disse Leo. — Foram quase três frases, cara! Continue assim.

Cal grunhiu, obviamente satisfeito com si próprio.

— Palhaço estúpido — grunhiu seu irmão. — Eles estão rindo da sua cara. Mas não importa. Eu sou Zetes, que é abreviação de Zetes. E a senhorita... — Ele piscou para Piper, mas a piscada parecia mais uma convulsão — pode me chamar de tudo que quiser. Talvez ela gostasse de jantar com um semideus famoso antes de termos que destruí-los.

Piper limpou a garganta, como se tivesse engasgado com uma bala.

— É... uma oferta realmente... horrível.

— Sem problemas. — Zetes mexeu as sobrancelhas. — Nós boreadas somos um povo muito romântico.

— Boreadas? — Jason se intrometeu. — Você quer dizer, tipo, os filhos de Bóreas?

— Ah, então você ouviu falar de nós! — Zetes pareceu contente. — Somos os guardiões do nosso pai. Assim, você entende, não podemos deixar pessoas desautorizadas voando no seu espaço aéreo em dragões rangedores, assustando os pobres mortais.

Ele apontou para baixo, e Leo viu que os mortais estavam começando a notar. Vários estavam apontando para cima – não em alarme, ainda – mais em confusão e incomodo, como se o dragão fosse um helicóptero no tráfego voando muito baixo.

— O que é triste, pois a menos que seja um pouso de emergência — disse Zetes, removendo o cabelo do seu rosto coberto de acne — teremos que matá-los de forma cruel.

— Morte! — Cal concordou, com um pouco mais de entusiasmo do que Leo achou necessário.

— Espere! — disse Piper. — Esse *é* um pouso de emergência.

— Ahhh! — Cal pareceu tão desapontado que Leo quase sentiu pena dele.

Zetes estudou Piper, o que naturalmente o que obviamente já esteve fazendo.

— Como a garota bonita decide que é uma emergência, então?

— Temos que ver Bóreas. É totalmente urgente! Por favor?

Ela forçou um sorriso, o que Leo pensou que devia estar lhe matando; mas ela ainda tinha aquela benção de Afrodite funcionando, e ela parecia incrível. Havia algo na sua voz, também, Leo se encontrou acreditando em cada palavra. Jason estava assentindo, parecendo absolutamente convencido.

Zetes pegou sua horrível camisa, provavelmente verificando se ainda estava aberta o suficiente.

— Bem... eu odeio desapontar uma senhorita amável, mas você entende, minha irmã, ela teria um ataque se permitíssemos que vocês...

— É que nosso dragão está falhando! — acrescentou Piper. — Pode quebrar a qualquer minuto!

Festus estremeceu solicitamente, então virou a cabeça e derramou óleo da orelha, sujando uma Mercedes preta no estacionamento abaixo.

— Sem morte? — choramingou Cal.

Zetes analisou o problema. Então ele deu a Piper outra piscadela convulsiva.

— Bem, você é linda. Digo, você está *certa*. Um dragão falhando, essa pode ser uma emergência.

— Morte depois? — Cal ofereceu, o que provavelmente era o mais próximo de "amigável" que ele jamais chegou.

— Vou dar algumas explicações — decidiu Zetes. — Papai não tem sido gentil com visitantes ultimamente. Mas, sim. Venham, pessoas do dragão quebrado. Sigam-nos.

Os boreadas embainharam as espadas e puxaram armas menores dos seus cintos – ou pelo menos Leo pensou que eram armas. Então os boreadas as ligaram, e Leo percebeu que eram lanternas com cones laranja, como os que controladores de tráfego usam numa pista. Cal e Zetes viraram e mergulharam para a torre do hotel.

Leo virou para seus amigos.

— Eu amo esses caras. Vamos segui-los?

Jason e Piper não pareceram ansiosos.

— Acho que sim — decidiu Jason. — Estamos aqui agora. Mas me pergunto por que Bóreas não tem sido gentil com visitantes.

— Tsc, ele só não nos conheceu ainda. — Leo assobiou. — Festus, atrás daquelas lanternas!

À medida que se aproximavam, Leo ficou com medo de se chocarem contra a torre. Os boreadas sinalizaram a direita para o telhado e não diminuíram a velocidade. Então uma parte do telhado deslizou e abriu-se, revelando uma entrada grande o bastante para Festus. Na parte superior e na inferior da abertura haviam fileiras de cristais de gelo afiados, como uma boca cheia de dentes.

— Não deve ser nada bom — murmurou Jason, mas Leo encaminhou o dragão para dentro, e eles mergulharam atrás dos boreadas.

Pousaram no que deveria ser a suíte presidencial do hotel, mas o lugar parecia ter virado um freezer gigante. O hall de entrada tinha tetos arqueados de doze metros de altura, grandes janelas com cortinas e tapetes orientais luxuosos. Uma escadaria no fundo da sala levava a outro hall igualmente grande, e mais corredores se abriam à esquerda e à direita. Mas o gelo tornara a beleza do quarto um pouco assustadora. Quando Leo deslizou do dragão, o tapete se triturou sob seus pés. Uma camada fina de gelo cobria a mobília. As cortinas não se mexiam porque estavam congeladas, e as janelas cobertas de gelo deixavam entrar um úmido pôr do sol. Até do teto pendiam cristais de gelo. Quanto às escadas, Leo tinha certeza que escorregaria e quebraria o pescoço se tentasse subi-las.

— Gente — disse Leo — consertem o termostato aqui, e eu me mudo na mesma hora.

— Eu não. — Jason olhava preocupadamente para a escada. — Algo parece errado. Algo ali em cima...

Festus estremeceu e soltou chamas. Gelo começou a se formar no seu corpo.

— Não, não e não. — Zetes marchou, embora como ele pudesse andar naqueles sapatos de couro pontudos, Leo não tinha ideia. — O dragão deve ser desativado. Não permitimos fogo aqui. O calor arruína meu cabelo.

Festus rugiu e girou seus dentes de broca.

— Está tudo bem, garoto. — Leo virou para Zetes. — O dragão é sensível sobre o conceito todo de *desativar*. Mas eu tenho uma solução melhor.

— Morte? — sugeriu Cal.

— Não, cara. Você tem que parar com a conversa de *morte*. Espere um pouco.

— Leo — disse Piper nervosamente — o que você vai...

— Veja e aprenda, lindinha. Quando estava reparando Festus na noite passada, encontrei todos os tipos de botões. Alguns, é melhor *não* saber o que fazem. Mas outros... ah, aqui vamos nós.

Leo encaixou seus dedos atrás da pata dianteira esquerda do dragão. Ele puxou um interruptor, e o dragão estremeceu da cabeça aos pés. Todos recuaram enquanto Festus se dobrava como um origami. Sua carcaça de metal ficou compacta. Seu pescoço e cauda encolheram para dentro do corpo. Suas asas caíram e seu tronco se compactou até ele virar um retângulo de metal do tamanho de uma mala.

Leo tentou levantá-la, mas a coisa pesava seis bilhões de quilos.

— Hã... espere. Eu acho... ahá.

Ele apertou outro botão. Uma alça surgiu no topo, e rodas apareceram embaixo.

— Ta-da! — anunciou ele. — A bagagem de mão mais pesada do mundo!

— É impossível — disse Jason. — Algo daquele tamanho não poderia...

— Chega! — ordenou Zetes.

Ele e Cal puxaram as espadas e olharam para Leo.

Leo levantou as mãos.

— Ok... o que eu fiz? Fiquem calmos, gente. Se isso lhes perturba tanto, eu não *tenho* que levar o dragão arrastando...

— Quem é você? — Zetes pôs a ponta da sua espada no peito de Leo. — Uma criança do Vento Sul, nos espionando?

— O quê? Não! — disse Leo. — Filho de Hefesto. Ferreiro amigável, sem danos a ninguém!

Cal rosnou. Ele encostou seu rosto no de Leo, e ele definitivamente não era mais bonito olhando direto, com seus olhos feridos e boca desregulada.

— Cheiro de fogo — disse ele. — Fogo é ruim.

— Ah. — O coração de Leo bateu fortemente. — Sim, bem... minhas roupas estão um pouco chamuscadas, e eu estive trabalhando com óleo, e...

— Não! — Zetes colocou Leo de volta na ponta da espada. — Nós podemos *farejar* fogo, semideus. Nós assumimos que viesse do dragão rangedor, mas agora o dragão é uma mala. E eu ainda sinto cheiro... em *você*.

Se não fosse pelos três graus na suíte, Leo teria começado a suar.

— Ei... olhem... Eu não sei... — Ele olhou para os seus amigos desesperadamente. — Gente, uma pequena ajuda?

Jason já estava com sua moeda de ouro na mão. Ele deu um passo à frente com os olhos em Zetes.

— Olhem, aqui deve haver algum erro. Leo não mexe com fogo. Conte para eles, Leo. Conte para eles que você não mexe com fogo.

— Hã...

— Zetes? — Piper tentou seu sorriso deslumbrante de novo, embora ela parecesse um pouco nervosa demais e fria para ceder. — Somos todos amigos aqui. Abaixe suas espadas e vamos conversar.

— A garota é bonita — admitiu Zetes — e naturalmente ela não pode resistir ao meu charme; mas infelizmente, não temos tempo para romance

dessa vez. — Ele cutucou a ponta da espada mais fundo no peito de Leo, e Leo pode sentir o gelo se espalhando pela sua camisa, formigando a pele.

Ele desejou que pudesse reativar Festus. Ele precisava de alguma ajuda. Mas demoraria vários minutos, mesmo se ele pudesse alcançar o botão, com dois caras de asas roxas no caminho.

— Morte agora? — Cal perguntou ao irmão.

Zetes assentiu.

— Infelizmente, eu acho...

— Não — insistiu Jason. Ele soou calmo o suficiente, mas Leo imaginou que ele estava a dois segundos de arremessar aquela moeda e colocá-la no modo gladiador completo. — Leo é apenas um filho de Hefesto. Ele não é uma ameaça. A Piper aqui é filha de Afrodite. Eu sou o filho de Zeus. Estamos numa pacífica...

A voz de Jason vacilou, pois os boreadas subitamente viraram para ele.

— O que você disse? — perguntou Zetes. — Você é filho de Zeus?

— Hã... sim — disse Jason. — É uma coisa boa, certo? Meu nome é Jason.

Cal pareceu tão surpreso que quase deixou sua espada cair.

— Não pode ser Jason — disse ele. — Não parece o mesmo.

Zetes deu um passo à frente e manteve os olhos semicerrados no rosto de Jason.

— Não, ele não é o *nosso* Jason. Nosso Jason era mais elegante. Não tanto quanto eu, mas elegante. Além disso, o nosso Jason morreu a milênios atrás.

— Espere — disse Jason. — *Nosso* Jason... você está dizendo, o Jason original? O cara do Velocino de Ouro?

— É claro — disse Zetes. — Fomos seus companheiros de tripulação a bordo do navio *Argo* nos tempos antigos, quando éramos semideuses

mortais. Então aceitamos a imortalidade para servir nosso pai, assim eu poderia continuar assim, lindo para sempre, e meu irmão bobo poderia comer pizza e jogar hóquei quanto quisesse.

— Hóquei! — concordou Cal.

— Mas Jason... o *nosso* Jason... teve a morte de um mortal — disse Zetes. — Você não pode ser ele.

— Eu não sou — concordou Jason.

— Então, morte? — perguntou Cal.

Claramente a conversa estava dando para seus dois neurônios um sério exercício.

— Não — disse Zetes pesarosamente. — Se ele é um filho de Zeus, pode ser quem esperamos.

— Esperando por ele? — perguntou Leo. — Você diz num bom sentido: você vai lhe encher de prêmios fabulosos? Ou esperando num *mau* sentido: ele está encrencado?

A voz de uma garota disse:

— Depende da vontade do meu pai.

Leo ergueu os olhos para a escada. Seu coração quase parou. No topo, havia uma garota em pé com um vestido branco de seda. Sua pele era anormalmente pálida, da cor da neve, mas seus cabelos eram escuros, brilhantes, e seus olhos eram da cor do café. Ela olhou para Leo sem expressão, sem sorriso, sem simpatia. Mas não importava. Leo estava apaixonado. Ela era a garota mais deslumbrante que ele já viu.

Então ela olhou para Jason e Piper, e pareceu entender a situação imediatamente.

— Meu pai irá querer ver o que é chamado Jason — disse a garota.

— Então *é* ele? — Zetes perguntou, animado.

— Veremos — disse a garota. — Zetes, traga nossos visitantes.

Leo pegou a alça da mala do seu dragão de bronze. Ele não tinha certeza como iria arrastar pelos degraus, mas ele *tinha* que se aproximar daquela garota e lhe fazer algumas perguntas importantes – como qual era o e-mail dela e o número de telefone.

Antes que desse um passo, ela lhe congelou com um olhar. Não *literalmente* congelou, mas ela também podia ter feito isso.

— Você não, Leo Valdez — disse ela.

No fundo da sua mente, Leo se perguntou como ela sabia seu nome; mas na verdade ele só estava se concentrando em como se sentia apaixonado.

— Por que não? — Ele provavelmente soou como um garoto infantil e bobo, mas não pode pensar nisso.

— Você não pode ficar na presença do meu pai — disse a garota. — Fogo e gelo... não seria sábio.

— Estamos viajando juntos — insistiu Jason, colocando a mão no ombro de Leo — ou todos vão, ou ninguém vai.

A garota abaixou a cabeça, como se não estivesse acostumada a pessoas rejeitando suas ordens.

— Ele não será machucado, Jason Grace, a menos que você cause problemas. Calais, mantenha Leo Valdez aqui. O guarde, mas não o mate.

Cal fez beicinho.

— Nem um pouco?

— Não — insistiu a garota. — E cuide da mala interessante dele, até que nosso pai faça o julgamento.

Jason e Piper olharam para Leo, suas expressões fazendo-lhe uma pergunta silenciosa: *Quer mesmo fazer isso?*

Leo sentiu uma onda de gratidão. Eles estavam prontos a lutar por ele. Eles não o deixariam sozinho com o boi de hóquei. Parte dele queria ir, usar

seu novo cinto de ferramentas e ver o que podia fazer, talvez até fazer uma bola de fogo ou duas e queimar aquele lugar. Mas os boreadas haviam lhe assustado. E aquela garota maravilhosa lhe assustou mais ainda, mesmo que ele ainda quisesse o seu número.

— Está tudo bem, gente — disse ele. — Não há sentido em causar problemas se não precisamos. Vocês vão.

— Ouçam o seu amigo — disse a garota pálida. — Leo Valdez estará perfeitamente seguro. Eu queria poder dizer o mesmo de você, filho de Zeus. Agora venham, Rei Bóreas está esperando.

XIX

JASON

Jason não queria deixar Leo sozinho, mas ele começou a pensar que ficar com Cal, o maníaco do hóquei, era a opção *menos* perigosa nesse lugar.

Enquanto eles subiam a escadaria congelada, Zetes ficava atrás dele, espada na mão. O rapaz podia parecer um dançarino de disco, mas não havia nada engraçado naquela espada. Jason imaginou que um golpe daquela coisa provavelmente iria lhe transformar em picolé.

E então havia a princesa do gelo. De vez em quando ela virava e dava a Jason um sorriso, mas não havia calor na sua expressão. Ela julgou Jason como se ele fosse um espécime científico especialmente interessante – um que ela mal podia esperar para dissecar.

Se essas eram as crianças de Bóreas, ele não estava certo se queria encontrar o pai. Annabeth disse para ele que Bóreas era o mais amigável dos deuses do vento. Aparentemente aquilo significava que ele não matava heróis tão rápido quanto os outros faziam.

Jason começou a desconfiar que tinha levado seus amigos para uma armadilha. Se as coisas ficassem ruins, ele não sabia se poderia tirá-los vivos. Sem pensar sobre isso, ele pegou a mão de Piper para reassegurar-se.

Ela levantou as sobrancelhas, mas não soltou.

— Ficará tudo bem — prometeu ela. — É só uma conversa, certo?

No topo da escada, a princesa do gelo olhou para trás e notou-os de mãos dadas. Seu sorriso sumiu. Subitamente a mão de Jason na de Piper virou gelo frio – frio *ardente*. Ele soltou, e seus dedos estavam fumegando com gelo. A de Piper também.

— Calor não é uma boa ideia aqui — a princesa avisou — especialmente quando *eu* sou sua melhor chance de ficarem vivos. Por favor, por aqui.

Piper franziu para ele, nervosa. *O que foi isso?*

Jason não tinha uma resposta. Zetes o cutucou nas costas com sua espada gelada, e eles seguiram a princesa por um sólido corredor coberto por tapetes gelados. Brisas frias sopravam de um lado ao outro, e os pensamentos de Jason voavam quase tão rápido quanto elas. Ele teve muito tempo para pensar enquanto montavam o dragão para o norte, mas se sentiu mais confuso que nunca.

A foto de Thalia ainda estava no seu bolso, mas ele não precisava mais olhar para ela. A imagem dela estava gravada na sua mente. Era ruim demais não lembrar seu passado, mas saber que tinha uma irmã em algum lugar por aí que podia ter respostas e não ter nenhuma maneira de encontrá-la – aquilo só o deixava mais maluco.

Na foto, Thalia não era nada parecida com ele. Eles tinham olhos azuis, mas era só isso. O cabelo dela era preto. Sua aparência era mais mediterrânea. Seus traços faciais eram mais duros – como os de um falcão.

Ainda assim, Thalia parecia *tão* familiar. Hera só lhe deixara memória o bastante para que ele pudesse ter certeza de que Thalia era sua irmã. Mas

Annabeth agiu completamente surpresa quando ele lhe contou, como se ela nunca tivesse ouvido falar de Thalia ter um irmão. Thalia sabia sobre ele? Como eles foram separados?

Hera pegara aquelas memórias. Ela roubara tudo do passado de Jason, jogou-o numa nova vida, e agora ela esperava que ele a salvasse de uma prisão só para que pudesse pegar de volta o que lhe foi tomado. Isso deixou Jason tão irritado que ele queria ir embora, deixar Hera apodrecer naquela prisão: mas ele não podia. Ele estava obcecado. Ele tinha que saber mais, e aquilo o fazia ainda mais ressentido.

— Ei. — Piper tocou seu braço. — Você ainda está comigo?

— Sim... sim, desculpe.

Ele estava agradecido por ter Piper ao seu lado. Ele precisava de uma amiga, e estava contente que ela começava a perder a benção de Afrodite. A maquiagem estava enfraquecendo. Seu cabelo estava lentamente voltando ao seu estilo repicado com suas pequenas tranças nos lados. Isso a fez parecer mais real, e aos olhos de Jason, mais linda.

Agora ele tinha certeza de que nunca se conheceram antes do Grand Canyon. O relacionamento deles era só um truque da Névoa na mente de Piper. Porém, quanto mais tempo que ficava com ela, mais desejava que fosse real.

Pare com isso, disse para si mesmo. Não era justo com Piper, pensando desse jeito. Jason não tinha ideia do que o estava esperando de volta a sua vida antiga – ou *quem* estava esperando. Mas ele estava bastante certo que seu passado não se misturaria com o Acampamento Meio-Sangue. Depois dessa missão, quem sabia o que aconteceria? Assumindo ainda que eles sobrevivessem.

No fim do corredor, eles se acharam na frente de um conjunto de portas de carvalho esculpidas com um mapa-múndi. Em cada lado havia uma face

barbuda de um homem, soprando brisa. Jason teve certeza que já vira mapas assim antes. Mas nessa versão, todos os sujeitos do vento eram Inverno, soprando gelo e neve de cada canto do mundo.

A princesa virou. Seus olhos castanhos brilharam, e Jason sentiu que era um presente de natal que ela estava esperando abrir.

— Essa é a sala do trono — disse ela. — Comporte-se o melhor que puder, Jason Grace. Meu pai pode ser... frio. Eu vou traduzir para você, e tentar encorajá-lo a ouvi-lo. Espero que ele te poupe. Podemos ter certa diversão.

Jason supôs que a definição da garota de "diversão" não era a mesma dele.

— Hã, ok — concordou ele. — Mas na verdade, só estamos aqui para uma pequena conversa. Partiremos logo depois.

A garota sorriu.

— Eu adoro heróis. São tão ingênuos.

Piper descansou sua mão na adaga.

— Bem, que tal nos dizer algumas coisas? Você diz que vai traduzir para nós, e nem sabemos quem você é. Qual seu nome?

A garota fungou com desagrado.

— Suponho que não me surpreenderia que não me reconhecesse. Até nos tempos antigos, os gregos não me conheciam muito bem. As ilhas deles eram muito quentes, muito longe do meu domínio. Eu sou Quione, filha de Bóreas, deusa da neve.

Ela agitou o ar com seu dedo, e uma nevasca em miniatura rodou ao seu redor – grandes e fofos flocos tão macios quanto algodão.

— Agora, venham — disse Quione. As portas de carvalho se abriram com o vento, e uma luz azul fria escapou da sala. — Esperançosamente, vocês sobreviverão a sua *pequena conversa*.

XX

JASON

Se o hall de entrada era frio, a sala do trono parecia mais um frigorífico.

Neblina se suspendia no ar. Jason tremeu, sua respiração se condensou no ar frio. Ao longo das paredes, tapeçarias roxas mostravam cenas de florestas nevadas, montanhas estéreis e geleiras. Acima, fitas de luz colorida – a aurora boreal – pulsavam no teto. Uma camada de neve cobria o chão, de forma que Jason tinha que pisar cuidadosamente. Ao redor do quarto havia esculturas de gelo de guerreiros em tamanho real – vestidos em armaduras gregas e medievais, alguns com roupas de camuflagem moderna – todos congelados em diferentes posições de ataque, espadas erguidas, revólveres destravados e carregados.

Pelo menos Jason *achava* que eram esculturas. Ele tentou passar entre dois lanceiros gregos, mas eles se moveram com uma velocidade surpreendente, suas juntas estalando e espalhando cristais de gelo enquanto cruzavam as lanças para bloquear o caminho de Jason.

No outro lado do salão, a voz de um homem soou numa linguagem que parecia francês. A sala era tão comprida e nevoenta que Jason não pode ver o outro lado; mas o que quer que o homem tenha falado, os guardas de gelo descruzaram suas lanças.

— Está tudo bem — disse Quione. — Meu pai ordenou a eles que não matem vocês ainda.

— Ótimo — disse Jason.

Zetes o cutucou nas costas com a espada.

— Continue andando, Jason Júnior.

— Por favor, não me chame assim.

— Meu pai não é um homem paciente — alertou Zetes — e a linda Piper, infelizmente, está perdendo o seu penteado mágico muito rápido. Mais tarde, talvez, possa emprestá-la algo da minha vasta coleção de produtos de cabelo.

— Obrigada — grunhiu Piper.

Eles continuaram andando, e a névoa finalmente se dissipou, revelando um homem num trono de gelo. Ele era forte e vestia um terno branco elegante que parecia coberto de neve, com asas roxo-escuras que se estendiam de cada lado. Seu longo cabelo e barba espessa eram encrustados com cristais de gelo, de forma que Jason não pôde dizer se seu cabelo era grisalho ou só estavam brancos por causa da neve. Suas sobrancelhas levantadas o faziam parecer nervoso, mas seus olhos piscavam mais calorosamente do que os de sua filha – como se ele pudesse ter algum senso de humor por trás daquela aparente frieza. Jason esperava que sim.

— *Bienvenu* — disse o rei. — *Je suis Bóreas le Roi. Et vous?*

A deusa da neve Quione estava prestes a traduzir, mas Piper deu um passo à frente e fez uma reverência.

— *Votre Majesté* — disse ela — *je suis Piper McLean. Et c'est Jason, fils de Zeus*.

O rei sorriu com agradável surpresa.

— *Vous parlez français? Très bien!*

— Piper, você fala francês? — perguntou Jason.

Piper franziu a testa.

— Não. Por quê?

— Você acabou de falar em francês.

Piper piscou.

— Falei? — O rei disse algo mais, e Piper assentiu. — *Oui, Votre Majesté*.

O rei riu e bateu palmas, obviamente encantado. Ele disse mais algumas frases então moveu a mão rapidamente em direção a filha como se a mandasse ir embora. Quione pareceu ofendida.

— O rei diz...

— Ele diz que eu sou filha de Afrodite — interrompeu Piper — então posso falar fluentemente francês, que é a língua do amor. Eu não tinha ideia. Vossa majestade diz que Quione não terá que traduzir agora.

Atrás deles, Zetes riu, e Quione lhe atirou um olhar assassino. Ela se curvou duramente ao pai e deu um passo para trás.

O deus julgou Jason, e Jason decidiu que seria uma boa ideia se curvar.

— Vossa Majestade, eu sou Jason Grace. Obrigado por, hã, não nos matar. Eu posso perguntar... por que um deus grego fala francês?

Piper teve outro diálogo com o rei.

— Ele fala a língua do país que o acolheu — traduziu Piper. — Diz que todos os deuses fazem isso. A maioria dos deuses gregos fala inglês porque agora residem nos Estados Unidos, mas Bóreas nunca foi bem-vindo no

reino deles. Seu domínio sempre foi mais ao norte. Ele gosta de viver em Quebec, então fala francês.

O rei disse mais alguma coisa, e Piper ficou pálida.

— O rei diz... — Ela vacilou. — Ele diz...

— Ah, me permita — disse Quione. — Meu pai diz que tem ordens para matar vocês. Eu não mencionei isso mais cedo?

Jason ficou tenso. O rei ainda estava sorrindo bondosamente, como se tivesse entregado boas notícias.

— Nos matar? — disse Jason. — Por quê?

— Porque — o rei disse, num inglês severamente acentuado — o meu lorde Éolo ordenou.

Bóreas se levantou. Ele desceu do seu trono e dobrou as asas nas costas. Conforme se aproximava, Quione e Zetes se curvaram. Jason e Piper seguiram o exemplo.

— Devo falar na sua língua — disse Bóreas — uma vez que Piper McLean me honrou falando na minha. *Toujours*, eu tive simpatia pelos filhos de Afrodite. Quanto a você, Jason Grace, meu mestre Éolo não me deixaria matar um filho do lorde Zeus... sem primeiro o deixar falar.

A moeda de ouro de Jason pareceu ficar mais pesada no seu bolso. Se ele fosse forçado a lutar, não queria nem pensar em suas chances. Demoraria dois segundos, pelo menos, para convocar sua espada. Então ele estaria encarando um deus, dois dos seus filhos, e um exército de guerreiros congelados a vácuo.

— Éolo é o mestre dos ventos, certo? — perguntou Jason. — Por que ele iria nos querer mortos?

— Vocês são semideuses — disse Bóreas, como se isso explicasse tudo. — O trabalho de Éolo é conter os ventos, e semideuses sempre causaram a ele muitas dores de cabeça. Eles lhe pedem por favores. Desatrelam os

ventos e causam caos. Mas o insulto final foi a batalha com Tifão no verão passado...

Bóreas acenou com a mão, e uma superfície de gelo como uma TV de tela plana apareceu no ar. Imagens de uma batalha tremeluziram pela superfície – um gigante enrolado em nuvens de tempestade, prosseguindo com dificuldade através de um rio em direção a Manhattan. Figuras minúsculas e brilhantes – os deuses, Jason pensou – se aglomeravam ao redor dele como vespas raivosas, golpeando o monstro com raios e fogo. Finalmente o rio entrou em erupção num redemoinho enorme, e a forma fumegante caiu sob as ondas e desapareceu.

— O gigante da tempestade, Tifão — explicou Bóreas. — Na primeira vez que os deuses o derrotaram, eras atrás, ele não morreu discretamente. Sua morte libertou inúmeros espíritos da tempestade, ventos selvagens que não respondiam a ninguém. Era o trabalho de Éolo ir atrás de todos e aprisioná-los na sua fortaleza. Os outros deuses não ajudaram. Nem se desculparam pela inconveniência. Demorou séculos para Éolo ir atrás de todos os espíritos da tempestade, e naturalmente isso o irritou. Então verão passado, Tifão foi derrotado novamente...

— E sua morte libertou outra onda de *venti* — supôs Jason. — O que fez Éolo ficar mais furioso ainda.

— *C'est vrai* — concordou Bóreas.

— Mas, Vossa Majestade — disse Piper — os deuses não tinham escolha a não ser batalhar com Tifão. Ele ia destruir o Olimpo! Além disso, por que punir semideuses por isso?

O rei deu de ombros.

— Éolo não pode libertar sua fúria nos deuses. Eles são seus mestres, e muito poderosos. Então ele libera nos semideuses que os ajudaram na guerra. Ele emitiu ordens para nós: semideuses que vierem para nós

buscando ajuda não serão mais tolerados. Estamos para esmagar seus pequenos rostos mortais.

Houve um silêncio desconfortável.

— Isso soa... extremo — arriscou Jason. — Mas você não vai esmagar nossos rostos ainda, certo? Você irá nos ouvir primeiro, porque quando ouvir sobre nossa missão...

— Sim, sim — concordou o rei. — Entenda, Éolo também disse que um filho de Zeus poderia procurar minha ajuda, e se isso acontecesse, eu deveria ouvi-lo antes de lhe destruir, pois você poderia... como foi que ele colocou?... tornar nossas vidas muito interessantes. Eu sou apenas obrigado a *ouvir*, no entanto. Depois disso, estou livre para julgar como achar justo. Mas eu *vou* ouvir primeiro. Quione espera isso também. Pode ser que não matemos vocês.

Jason sentiu como se quase pudesse respirar novamente.

— Que bom. Obrigado.

— Não me agradeça. — Bóreas sorriu. — Há várias formas de você tornar nossas vidas interessantes. Às vezes, mantemos semideuses para nosso entretenimento, como você pode ver.

Ele gesticulou em volta do quarto para as várias estátuas de gelo.

Piper fez um barulho sufocado.

— Você quer dizer... são todos semideuses? Semideuses congelados? Estão vivos?

— Uma pergunta interessante — admitiu Bóreas, como se isso nunca tivesse ocorrido a ele antes. — Eles não se mexem a menos que estejam obedecendo minhas ordens. No resto do tempo, estão meramente congelados. A menos que derretam, suponho, o que seria muita bagunça.

Quione foi para trás de Jason e colocou seus dedos frios em seu pescoço.

— Meu pai me dá presentes maravilhosos — ela murmurou no seu ouvido. — Junte-se a nossa corte. Talvez eu deixe seus amigos irem.

— O quê? — Zetes rompeu. — Se Quione ficar com esse, então eu mereço a garota. Quione sempre consegue mais presentes!

— Crianças! — Bóreas disse firmemente. — Nossos visitantes vão achar que vocês são mimados! Além disso, pra que tanta pressa? Nem ouvimos a história do semideus ainda. Então decidiremos o que fazer com eles. Por favor, Jason Grace, nos entretenha.

Jason sentiu que sua mente se apagava. Ele não olhou para Piper, pois tinha medo que pudesse se perder completamente. Ele os colocou nessa, e agora iriam morrer – ou pior, seriam diversão para os filhos de Bóreas e acabariam congelados para sempre na sua sala do trono, lentamente corroendo-se de frio.

Quione murmurou algo e acariciou seu pescoço. Jason não planejou isso, mas eletricidade faiscou pela sua pele. Houve um *pop* alto, e Quione voou para trás, derrapando pelo chão.

Zetes riu.

— Que legal! Estou contente de que você tenha feito isso, mesmo que eu tenha que matar você agora.

Por um momento, Quione ficou muito surpresa para reagir. Então o ar ao redor dela começou a redemoinhar com uma micronevasca.

— Como você ousa...

— Pare — ordenou Jason, com toda a força que podia reunir. — Você não vai nos matar. E não vai nos manter aqui. Estamos numa missão para a própria rainha dos deuses, e a menos que queira Hera explodindo as suas portas, você irá nos deixar ir.

Ele soou muito mais confiante do que se sentia, mas chamou a atenção deles. A nevasca de Quione redemoinhou até parar. Zetes baixou a espada.

Eles olhavam em dúvida para o pai.

— Humm — disse Bóreas. Seus olhos cintilaram, mas Jason não soube se era de raiva ou diversão. — Um filho de Zeus, favorito de Hera? Essa é definitivamente uma novidade. Conte-nos sua história.

Jason não queria estragar tudo. Ele não estava esperando ter a chance de falar, e agora que podia, sua voz o abandonou.

Piper o salvou.

— Vossa Majestade. — Ela fez uma reverência, uma grande reverência, considerando ter sua vida por um fio. Ela contou para Bóreas toda a história, desde o Grand Canyon até a profecia, muito melhor e mais rápido do que Jason teria feito.

— Tudo o que pedimos é orientação — concluiu Piper. — Esses espíritos da tempestade nos atacaram, e estão trabalhando para alguma mestra do mal. Se os encontrarmos, talvez possamos encontrar Hera.

O rei alisou os cristais de gelo na sua barba. Do lado de fora da janela, a noite havia caído, e a única luz vinha da aurora boreal acima, jogando vermelho e azul em tudo.

— Eu conheço esses espíritos da tempestade — disse Bóreas. — Sei onde estão e também onde está seu prisioneiro.

— Você quer dizer o Treinador Hedge? — perguntou Jason. — Ele está vivo?

Bóreas deixou a pergunta de lado.

— Por enquanto. Mas quem controla esses espíritos da tempestade... Seria loucura opor-se a ela. Seria melhor vocês ficarem aqui como estátuas de gelo.

— Hera está em apuros — disse Jason. — Em três dias ela será... não sei... consumida, destruída, alguma coisa assim. E um gigante irá se erguer.

— Sim — concordou Bóreas. Era imaginação de Jason, ou ele atirou um olhar raivoso a Quione? — Várias coisas horríveis estão acordando. Até meus filhos não me contam as notícias que deviam. A Grande Agitação de monstros que começou com Cronos... seu pai, Zeus, foi bobo ao acreditar que isso acabaria quando os titãs fossem derrotados. Mas como foi antes será agora. A batalha final ainda está por vir, e aquele que acordará é mais terrível que qualquer titã. Espíritos da tempestade... esses são só o começo. A Terra tem muito mais horrores para revelar. Quando os monstros não permanecerem mais no Tártaro e as almas não estiverem mais confinadas no Mundo Inferior... O Olimpo tem uma boa razão para temer.

Jason não tinha certeza do que tudo isso significava, mas ele não gostava da maneira como Quione estava sorrindo – como se *isso* fosse sua definição de "diversão".

— Então você irá nos ajudar? — Jason perguntou ao rei.

Bóreas franziu a testa.

— Eu não disse isso.

— Por favor, Vossa Majestade — disse Piper.

Os olhos de todos viraram para ela. Piper podia estar morrendo de medo, mas ela parecia bonita e confiante – e não tinha nada a ver com a benção de Afrodite. Ela parecia si mesma novamente, com velhas roupas de viagem, cabelo bagunçado e sem maquiagem. Mas ela quase brilhou com calor naquela sala do trono fria.

— Se você nos contar onde estão os espíritos da tempestade, podemos capturá-los e trazê-los para Éolo. Você ficaria bem frente ao seu chefe. Éolo pode nos perdoar e a outros semideuses. Poderíamos até resgatar Gleeson Hedge. Todo o mundo ganha.

— Ela está linda — murmurou Zetes. — Digo, ela está certa.

— Pai, não a ouça — disse Quione. — Ela é uma filha de Afrodite. Como ousa jogar charme para um deus? Congele-a agora!

Bóreas considerou isso. Jason escorregou a mão para o bolso e se preparou para tirar a moeda de ouro. Se as coisas dessem errado, ele teria que se mover rapidamente.

O movimento chamou a atenção de Bóreas.

— O que é isso no seu antebraço, semideus?

Jason não havia percebido que a manga do seu casaco estava puxada para cima, revelando parte de sua tatuagem. Relutantemente, ele mostrou a Bóreas suas marcas.

Os olhos do deus se arregalaram. Quione sibilou e recuou.

Então Bóreas fez algo inesperado. Ele riu tão alto que um pedaço de gelo se soltou do teto, caindo próximo ao seu trono. A forma do deus começou a tremeluzir. Sua barba desapareceu. Ele cresceu e ficou mais magro, suas roupas mudaram para uma toga romana, alinhada com dignidade real. Sua cabeça ganhou uma coroa de louros congelada, e um gládio – uma espada romana como a de Jason – surgiu ao seu lado.

— Áquilo — disse Jason, embora de onde ele conseguiu nome romano do deus, ele não tivesse ideia.

O deus inclinou a cabeça.

— Você me reconhece melhor nessa forma, não é? E você ainda diz que veio do Acampamento Meio-Sangue?

Jason mudou o peso do corpo de um pé ao outro.

— Hã... sim, Vossa Majestade.

— E Hera te enviou aqui... — os olhos do deus do inverno estavam cheios de hilaridade. — Entendo agora. Ah, ela joga um *jogo* perigoso. Bravo, mas perigoso! Não me admira que o Olimpo esteja fechado. Eles devem temer esse jogo arriscado que ela escolheu.

— Jason — disse Piper nervosamente — por que Bóreas mudou de forma? A toga, a coroa. O que está acontecendo?

— É a sua forma romana — disse Jason. — Mas o que está acontecendo... eu não sei.

O deus riu.

— Não, tenho certeza que não. Deve ser muito interessante observar.

— Significa que você vai nos deixar partir? — perguntou Piper.

— Minha querida — disse Bóreas — não há motivo para matar vocês. Se o plano de Hera falhar, o que eu acho que irá acontecer, vocês destruirão uns aos outros. Éolo nunca terá que se preocupar com semideuses novamente.

Jason sentiu com se os dedos frios de Quione estivessem no seu pescoço novamente, mas não era ela – era apenas a sensação de que Bóreas tinha razão. Aquela sensação de que tudo estava errado que perturbara Jason desde que ele chegou no Acampamento Meio-Sangue, e o comentário de Quíron sobre sua chegada ser desastrosa – Bóreas sabia o que aquilo significava.

— Suponho que você não possa explicar nada, certo? — perguntou Jason.

— Ah, nem pensar! Não sou eu que irei interferir no plano de Hera. Não me admira que ela pegou sua memória. — Bóreas riu, aparentemente ainda tendo um momento incrível imaginando semideuses rasgando um ao outro. — Eu tenho uma reputação como um deus do vento útil. Ao contrário dos meus irmãos, eu fui conhecido por me apaixonar por mortais. Porque, meus filhos Zetes e Calais começaram como semideuses...

— O que explica porque eles são idiotas — grunhiu Quione.

— Pare com isso! — Zetes respondeu bruscamente. — Só porque você nasceu uma deusa completa...

— Vocês dois, congelados! — ordenou Bóreas. Aparentemente, aquela palavra carregava muito peso na família, pois os dois irmãos ficaram absolutamente imóveis. — Agora, como eu estava dizendo, tenho uma boa reputação, mas é raro que Bóreas tenha um papel importante nos negócios dos deuses. Eu me sento no meu palácio, na beira da civilização, e muito raramente tenho animações. Porque, até aquele idiota do Noto, o Vento Sul, tem férias de primavera. O que eu recebo? Um festival de inverno com habitantes de Quebec nus rolando pela neve!

— Eu gosto do festival de inverno — murmurou Zetes.

— Minha decisão — gritou Bóreas — é que agora eu tenho a chance de ser o centro. Ah, sim, eu deixarei que vocês sigam com essa missão. Vocês encontrarão seus espíritos da tempestade na cidade tempestuosa, é claro. Chicago...

— Pai! — protestou Quione.

Bóreas ignorou a filha.

— Se puderem capturar os ventos, poderão conseguir entrada segura na corte de Éolo. Se por algum milagre saírem vivos, digam a ele que capturaram os ventos sob minhas ordens.

— Ok — concordou Jason. — Então, é em Chicago que encontraremos essa senhora que está controlando os ventos? Foi ela quem pegou Hera numa armadilha?

— Ah. — Bóreas sorriu. — Essas são duas perguntas diferentes, filho de Júpiter.

Júpiter, notou Jason. *Antes, ele me chamava de filho de Zeus.*

— Aquela que controla os ventos — continuou Bóreas — sim, você irá encontrá-la em Chicago. Mas *ela* é só uma serva, uma serva que adoraria destruí-lo. Se você tiver sucesso com ela e conseguir pegar os ventos, poderá ir a Éolo. Só ele tem conhecimento de todos os ventos da terra.

Consequentemente, todos os segredos chegam à sua fortaleza. Se alguém pode lhes dizer onde Hera está aprisionada, é Éolo. Quanto a quem vocês irão encontrar quando finalmente encontrarem a prisão de Hera, sinceramente, se eu lhes contasse isso, vocês implorariam para eu lhes congelar.

— Pai — protestou Quione — você não pode simplesmente deixá-los...

— Eu posso fazer o que quiser — disse ele, sua voz endurecendo. — Ainda sou o mestre aqui, não sou?

Do jeito que Bóreas olhou para sua filha, era óbvio que eles tinham alguma discussão em andamento.

Os olhos de Quione brilharam em raiva, mas ela apertou os dentes.

— Como quiser, pai.

— Agora vão, semideuses — disse Bóreas — antes que eu mude de ideia. Zetes, acompanhe-os até a entrada.

Todos se curvaram, e o deus do Vento Norte se dissolveu em névoa.

De volta ao hall de entrada, Cal e Leo estavam esperando por eles. Leo parecia morto de frio, mas ileso. Ele até estava limpo, e suas roupas pareciam recentemente lavadas, como se tivesse usado o serviço de lavanderia do hotel. Festus, o dragão, estava de volta à sua forma normal, soprando fogo sobre suas estruturas para se manter descongelado.

Conforme Quione os levava para as escadas, Jason notou que os olhos de Leo a seguiam. Leo começou a pentear o cabelo para trás com as mãos. *Ops*, pensou Jason. Ele fez um lembrete mental de alertar a Leo sobre a deusa do gelo depois. Ela não era alguém para se apaixonar.

No último degrau, Quione virou para Piper.

— Você enganou meu pai, garota. Mas não a mim. Ainda não terminamos. E você Jason Grace, logo será uma estátua na sala do trono

muito em breve.

— Bóreas tem razão — disse Jason. — Você é uma menina mimada. Vejo você por aí, princesa do gelo.

Os olhos de Quione cintilaram em branco puro. Por um momento, ela pareceu perder as palavras. Subiu correndo as escadas. Na metade do caminho acima, ela virou uma nevasca e desapareceu.

— Tome cuidado — alertou Zetes. — Ela nunca esquece um insulto.

Cal grunhiu, concordando.

— Irmã má.

— Ela é a deusa da neve — disse Jason. — O que vai fazer, jogar bolas de neve em nós?

Mas assim que ele disse isso, Jason teve a sensação de que Quione poderia fazer coisas muito piores.

Leo pareceu devastado.

— O que aconteceu lá em cima? Você a deixou nervosa? Ela está nervosa comigo também? Gente, ela era meu par no baile de formatura!

— Vamos explicar depois — prometeu Piper, mas quando ela olhou para Jason, indicou que *ele* deveria explicar tudo.

O que *havia* acontecido lá em cima? Jason não tinha certeza. Bóreas tinha virado Áquilo, sua forma romana, como se a presença de Jason o deixasse um tanto esquizofrênico.

A ideia de que Jason fora mandado para o Acampamento Meio-Sangue parecia divertir o deus, mas Bóreas/Áquilo não os havia deixado ir por bondade. Animação cruel dançou em seus olhos, como se eles acabassem de apostar numa briga de cães.

Vocês destruirão uns aos outros, ele disse com deleito. *Éolo nunca terá que se preocupar com semideuses novamente.*

Jason desviou os olhos de Piper, tentando não mostrar a ela como ele estava desanimado.

— Sim — ele concordou — vamos explicar depois.

— Tenha cuidado, linda garota — disse Zetes. — Os ventos entre aqui e Chicago são inconstantes. Várias outras coisas más estão se agitando. Sinto muito por você não ficar. Você seria uma estátua de gelo adorável, onde eu poderia verificar meu reflexo.

— Obrigada — disse Piper. — Mas eu ia preferir jogar hóquei com Cal.

— Hóquei? — Os olhos de Cal se iluminaram.

— Brincadeira — disse Piper. — E os espíritos da tempestade não serão nosso pior problema, certo?

— Ah, não — concordou Zetes. — Algo mais. Algo pior.

— Pior — repetiu Cal.

— Você pode me contar? — Piper lhe deu um sorriso.

Dessa vez, o charme não funcionou. Os boreadas alados balançaram a cabeça ao mesmo tempo. As portas do hangar se abriram numa noite congelante e estrelada, e o dragão Festus bateu as patas, ansioso para voar.

— Pergunte para Éolo o que é pior — disse Zetes obscuramente. — Ele sabe. Boa sorte.

Ele quase soou como se importasse com o que acontecesse a eles, mesmo que alguns minutos antes ele quisesse transformar Piper numa escultura de gelo.

Cal bateu de leve no ombro de Leo.

— Não seja morto — disse ele, o que provavelmente foi a maior frase que ele já pronunciou. — Um dia... hóquei. Pizza.

— Vamos, gente. — Jason olhou para a escuridão. Ele estava ansioso para sair daquela suíte gelada, mas tinha uma sensação que era o lugar mais

hospitaleiro que eles veriam por um tempo. — Vamos para Chicago e tentar não nos destruir.

XXI

PIPER

Piper não relaxou até que as luzes da Cidade de Quebec tivessem ficado completamente para trás.

— Você foi incrível — disse-lhe Jason.

Piper deveria ter ganhado o dia com o elogio. Mas tudo em que podia pensar era nos problemas adiante. *Coisas más estão se agitando*, alertara Zetes. Ela sabia daquilo em primeira mão. Quanto mais eles se aproximassem do solstício, menos tempo Piper tinha para tomar sua decisão.

Ela falou para Jason em francês:

— *Se você soubesse a verdade sobre mim, não acharia que fui tão incrível.*

— O que disse? — perguntou ele.

— Disse que só falei com Bóreas. Não foi tão incrível.

Ela não virou para olhar, mas imaginou-o sorrindo.

— Ei — disse ele — você me salvou de entrar na coleção de heróis congelados de Quione. Eu te devo uma.

Aquela foi definitivamente a parte fácil, pensou ela. Não havia jeito de Piper deixar aquela bruxa do gelo ficar com Jason. O que mais perturbava Piper era o modo com que Bóreas mudou de forma, e por que ele os deixou ir. Tinha algo a ver com o passado de Jason, aquelas tatuagens em seu braço. Bóreas assumiu que Jason era algum tipo de romano, e romanos não se misturavam com gregos. Ela continuou esperando que Jason oferecesse uma explicação, mas ele claramente não queria falar sobre isso.

Até agora, Piper conseguira evitar a sensação de Jason que ele não pertencia ao Acampamento Meio-Sangue. Obviamente ele era um semideus. Era claro que ele pertencia àquele lugar. Mas agora... e se ele fosse algo mais? E se ele realmente fosse um inimigo? Ela não podia suportar aquela ideia mais do que não podia suportar Quione.

Leo lhes passou alguns sanduíches da sua mala. Ele esteve quieto desde que lhe contaram o que aconteceu na sala do trono.

— Eu ainda não consigo acreditar — disse ele. — Quione parecia tão legal.

— Confie em mim, cara — disse Jason. — Neve pode ser bonita, mas de perto ela é fria e desagradável. Vamos encontrar um par para o baile de formatura melhor para você.

Piper sorriu, mas Leo não pareceu agradecido. Ele não falara muito sobre seu período no palácio, ou por que os boreadas disseram ter farejado fogo nele. Piper teve a sensação de que ele estava escondendo alguma coisa. O que quer que fosse, o seu ânimo parecia estar afetando Festus, que grunhia e emitia fumaça enquanto tentava se manter quente no ar frio canadense. O Dragão Feliz não parecia tão feliz.

Eles comeram seus sanduíches enquanto voavam. Piper não tinha ideia de como Leo se abastecera com suprimentos, mas ele até lembrou-se de

trazer lanches vegetarianos para ela. O sanduíche de queijo e abacate estava impressionante.

Ninguém falou nada. O que quer que encontrassem em Chicago, todos sabiam que Bóreas só os havia deixado ir porque achou que eles já estavam numa missão suicida.

A lua e as estrelas surgiram no céu. Os olhos de Piper começaram a se sentir pesados. O encontro com Bóreas e seus filhos a assustara mais do que queria admitir. Agora que ela estava de estômago cheio, sua adrenalina estava diminuindo.

Aguente, cupcake! O Treinador Hedge teria gritado para ela. *Não seja tão mole!*

Piper estivera pensando no treinador desde que Bóreas mencionou que ele estava vivo. Ela nunca gostara do Treinador Hedge, mas ele havia saltado de um penhasco para salvar Leo e se sacrificado para protegê-los no naquela passarela. Ela agora percebia que sempre que o treinador a recriminava na escola, gritava com ela para correr mais rápido ou fazer mais flexões, ou até quando virava as costas e a deixava lutar suas próprias batalhas com as garotas metidas, o velho homem-bode estivera tentando ajudá-la do seu próprio modo irritante – tentando prepará-la para a vida como semideusa.

Na passarela do Grand Canyon, o espírito da tempestade Dylan dissera algo sobre o treinador também: como ele havia sido exilado na Escola da Vida Selvagem porque estava ficando muito velho, como se fosse algum tipo de castigo. Piper se perguntou o que significava aquilo, e se isso explicava por que o treinador sempre estava tão maldisposto. Qualquer que fosse a verdade, agora que Piper sabia que Hedge estava vivo, ela sentia uma forte vontade de salvá-lo.

Não se precipite, ela repreendeu. *Você tem problemas maiores. Essa viagem não terá um final feliz.*

Ela era uma traidora, assim como Silena Beauregard. Era só uma questão de tempo antes que seus amigos descobrissem.

Piper ergueu os olhos para as estrelas e pensou sobre uma noite tempos atrás quando ela e seu pai haviam acampado na frente da casa do seu avô Tom. O vovô Tom morrera anos antes, mas seu pai mantivera sua casa em Oklahoma, pois foi onde ele cresceu.

Eles haviam ficado lá por alguns dias, com a ideia de deixar o lugar arrumado para vender, apesar de Piper não saber quem iria querer comprar um chalé em estado precário com persianas ao invés de janelas e duas portas minúsculas que cheiravam a cigarro. A primeira noite fora tão quente e abafada – sem ar-condicionado em pleno verão – que seu pai sugeriu que eles dormissem do lado de fora.

Eles abriram seus sacos de dormir e ouviram cigarras zumbindo nas árvores. Piper apontou para as constelações sobre as quais estivera lendo – Hércules, a lira de Apolo, Sagitário.

Seu pai cruzou os braços atrás da cabeça. Vestindo sua camiseta e seus jeans antigos, ele parecia apenas mais um cara de Tahlequah, Oklahoma, um Cherokee que nunca deixou terras tribais.

— O seu avô diria que esses padrões gregos são um bando de bobagem. Ele me disse que as estrelas eram criaturas com peles brilhantes, como ouriços mágicos. Uma vez, há muito tempo, alguns caçadores até capturaram alguns na floresta. Eles não estavam cientes do que fizeram até a noite, quando as criaturas das estrelas começaram a brilhar. Faíscas douradas voaram da pele deles, então os Cherokee libertaram eles de volta ao céu.

— Você acredita em ouriços mágicos? — perguntou Piper.

Seu pai riu.

— Eu acho que o vovô Tom era cheio de bobagem, também, assim como os gregos. Mas é um céu grande. Suponho que haja espaço para Hércules e os ouriços.

Eles se sentaram um pouco, até Piper ter coragem de fazer uma pergunta que estivera lhe intrigando.

— Pai, por que você não faz personagens nativo-americanos?

Na semana anterior, ele havia recusado vários milhões de dólares para interpretar Tonto num *remake* de *Zorro*. Piper ainda estava tentando entender o porquê. Ele já interpretara todos os tipos de papeis – um professor latino numa escola de valentões em Los Angeles, um elegante espião israelense num filme de ação e aventura, e até um terrorista sírio num filme de James Bond. E, naturalmente, ele sempre seria conhecido como o Rei de Esparta. Mas se o personagem era nativo-americano – não importava que *tipo* de papel fosse – o pai recusava.

Ele piscou para ela.

— Muito perto da realidade, Pipes. É mais fácil fingir que sou algo que não sou.

— Mas você não se cansa? Você não esteve sempre tentando, tipo, encontrar o personagem perfeito que pudesse mudar as opiniões das pessoas?

— Se há um personagem assim, Pipes — disse ele lamentavelmente — eu não o encontrei.

Ela olhou para as estrelas, tentando imaginá-las como ouriços brilhantes. Tudo que ela via eram as figuras que conhecia – Hércules correndo pelo céu, no seu jeito para matar monstros. O pai estava provavelmente certo. Os gregos e os Cherokee eram igualmente loucos. As estrelas eram apenas bolas de fogo.

— Pai — disse ela — se você não gosta de ficar perto da realidade, por que estamos dormindo no jardim do vovô Tom?

Sua risada ecoou na noite silenciosa de Oklahoma.

— Acho que você me conhece muito bem, Pipes.

— Você não vai realmente vender esse lugar, vai?

— Não — ele suspirou. — É provável que não.

Piper piscou, balançando a cabeça para esquecer-se da memória. Ela percebeu que estava caindo no sono nas costas do dragão. Como o seu pai podia fingir ser tantas coisas que não era? Ela estava tentando fazer isso agora, e aquilo parecia ser um sacrifício terrível.

Talvez ela pudesse fingir um pouco mais. Ela podia sonhar em encontrar um caminho para salvar seu pai sem trair os amigos – mesmo que agora um final feliz parecesse tão possível quanto ouriços mágicos.

Ela se encostou no peito quente de Jason. Ele não reclamou. Assim que fechou os olhos, Piper dormiu.

Em seu sonho, ela estava de volta ao topo da montanha. A assustadora fogueira roxa lançava sombras sobre as árvores. Os olhos de Piper arderam com a fumaça, e o chão estava tão quente que as solas das suas botas estavam grudentas.

Uma voz da escuridão ressoou:

— *Você se esqueceu do seu dever*.

Piper não podia vê-lo, mas era definitivamente o seu gigante menos favorito – o que se chamava Encélado. Ela olhou ao redor procurando algum sinal do seu pai, mas a estaca onde ele esteve acorrentado não estava mais lá.

— Onde ele está? — perguntou ela. — O que fez com ele?

A risada do gigante era como lava sibilando num vulcão.

— *O corpo dele está bastante seguro, embora eu tenha medo de que a mente do pobre homem não possa tomar muito mais da minha companhia. Por algum motivo ele se encontra... perturbado. Você deve se apressar, agora, ou temo que haja pouco dele para salvar.*

— Deixe-o ir! — gritou ela. — Pegue-me no lugar dele. Ele é só um mortal!

— *Mas minha querida* — o gigante assobiou — *nós devemos provar nosso amor aos nossos pais. É o que* eu *estou fazendo. Mostre-me que você valoriza a vida do seu pai fazendo o que peço. Quem é mais importante, seu pai ou uma deusa desonesta que a usou, brincou com suas emoções e manipulou suas memórias? O que Hera é para você?*

Piper começou a tremer. Raiva e medo ferviam dentro dela, tanto que mal podia falar.

— Você está me pedindo para trair os meus amigos.

— *Infelizmente, minha querida, seus amigos estão destinados a morrer. A missão deles é impossível. Mesmo se vocês tiverem sucesso, você ouviu a profecia: libertar a ira de Hera significaria sua destruição. A única pergunta agora é: você morrerá com seus amigos ou viverá com seu pai?*

A fogueira crepitou. Piper tentou recuar, mas seus pés estavam pesados. Ela percebeu que o chão estava lhe puxando, agarrando-se as suas botas como areia molhada. Quando ela olhou para cima, uma chuva de faíscas roxas espalhou-se pelo céu, e o sol estava se erguendo no Leste. Um fragmento de cidades brilhava no vale abaixo, e ao oeste, sobre uma linha de colinas reverberantes, ela viu um ponto de referência familiar subindo de um mar de névoa.

— Por que está me mostrando isso? — perguntou Piper. — Você está revelando onde está.

— *Sim, você conhece esse lugar. Traga os seus amigos para cá em vez do verdadeiro destino deles, e irei negociar com eles. Ou ainda melhor, arranjar a morte deles antes de você chegar. Não me importo com isso. Apenas esteja no cume ao meio-dia no solstício, e você pode pegar seu pai e ir em paz.*

— Não posso — disse Piper. — Você não pode me obrigar a...

— *Trair aquele tolo do Valdez, que sempre te irritou e agora está escondendo segredos de você? Desistir de um namorado que na verdade nunca teve? Isso é mais importante que o seu próprio pai?*

— Eu vou encontrar um jeito de derrotá-lo — disse Piper. — Vou salvar meu pai *e* meus amigos.

O gigante grunhiu nas sombras.

— *Eu já fui orgulhoso também. Pensei que os deuses nunca poderiam me derrotar. Então eles atiraram um monte em cima de mim, me esmagaram no chão, onde lutei por eras, com a metade da consciência em dor. Aquilo me ensinou a ter paciência, garota. Aquilo me ensinou a não agir sem pensar. Mas agora estou voltando, com a ajuda da terra, que desperta. Sou apenas o primeiro. Meus irmãos se erguerão. Piper McLean, você precisa de uma lição de humildade. Eu vou te mostrar como o seu espirito rebelde poder ser facilmente trazido de volta ao chão.*

O sonho terminou. E Piper acordou gritando, caindo em queda livre pelo ar.

XXII

PIPER

Piper despencava pelo céu. Logo abaixo, ela via as luzes da cidade cintilando no amanhecer, e a cem metros dela, o corpo de um dragão de bronze girando fora de controle, suas asas moles, fogo tremeluzindo na sua boca como uma luminária conectada de forma errada.

Um corpo passou por ela – Leo, gritando e agarrando-se freneticamente nas nuvens.

— Isso não é legaaaaaal!

Ela tentou chamá-lo, mas ele já estava distante demais.

Em algum lugar acima dela, Jason gritou:

— Piper, você precisa planar! Estenda seus braços e pernas!

Era difícil controlar seu medo, mas ela fez o que ele disse e ganhou algum equilíbrio. Ela abriu-se como um paraquedista, o vento abaixo dela como um sólido bloco de gelo. Então Jason estava ali, colocando seus braços ao redor da sua cintura.

Graças a Deus, pensou Piper. Mas parte dela também pensou: *Ótimo. Segunda vez nessa semana que ele me abraça, e em ambas as vezes e porque eu estou mergulhando para a minha morte*.

— Temos que pegar o Leo! — gritou ela.

A queda deles diminuiu conforme Jason controlava os ventos, mas eles se balançavam para cima e para baixo como se os ventos não quisessem cooperar.

— Vai ficar difícil — alertou Jason. — Segure-se!

Piper fechou os braços ao redor dele, e Jason se atirou para o chão. Piper provavelmente gritou, mas o som foi rompido da sua boca. Sua visão se desfocou.

E então, *tum!* Eles bateram com força em outro corpo quente – Leo, ainda se mexendo e xingando.

— Pare de lutar! — disse Jason. — Sou eu!

— Meu dragão! — gritou Leo. — Você tem que salvar Festus!

Jason já estava lutando para mantê-los suspensos no ar, e Piper sabia que não havia chance de ajudar um dragão de metal de quinze toneladas. Porém, antes que pudesse dizer qualquer coisa a Leo, ouviu-se uma explosão abaixo deles. Uma bola de fogo subiu do fundo de um armazém, e Leo soluçou:

— Festus!

O rosto de Jason se avermelhou com força enquanto ele tentava manter uma camada de ar abaixo deles, mas reduções de velocidade interruptas eram o melhor que ele podia controlar. Em vez de cair em queda livre, parecia que eles estavam saltando uma escadaria gigante, cem metros de cada vez, o que não estava favorecendo o estômago de Piper.

Enquanto eles bamboleavam e ziguezagueavam, Piper pôde distinguir detalhes do complexo de fábricas abaixo – armazéns, chaminés, cercas de arame farpado e estacionamentos alinhados com veículos cobertos de neve.

Eles ainda estavam alto demais de forma que bater no chão os achataria num atropelamento na estrada – ou no céu – quando Jason gemeu.

— Eu não posso...

E eles caíram feito pedras.

Eles bateram no telhado do armazém maior e despencaram na escuridão.

Infelizmente, Piper tentou pousar de pé. Seus pés não gostavam disso. Dor se espalhou pelo seu tornozelo esquerdo enquanto ela caia sobre uma superfície fria de metal.

Por alguns segundos, ela não estava consciente de nada a não ser dor – dor tão forte que suas orelhas zumbiam e sua visão ficou vermelha.

Então ela ouviu a voz de Jason em algum lugar abaixo, ecoando pela construção.

— Piper! Onde está Piper?

— Ai, cara! — Leo gemeu. — Essas são as minhas costas! Não sou um sofá! Piper, onde você foi?

— Aqui — ela conseguiu falar, sua voz como um gemido.

Ela ouviu arrastar de pés e grunhidos, então pés dando passos no metal.

Sua visão começou a clarear. Ela estava numa passarela de metal que circulava o interior do armazém. Leo e Jason pousaram no térreo, e agora estavam subindo as escadas em direção a ela. Ela olhou para o seu pé, e uma onda de náusea se varreu sobre ela. Seus dedos não deviam apontar para aquela direção, deviam?

Ah, deus. Ela se forçou a desviar o olhar antes que vomitasse. Focar em mais alguma coisa. Qualquer coisa.

O buraco que eles fizeram no telhado era um teto solar seis metros acima. Como eles sobreviveram aquela queda, ela não tinha ideia. Penduradas no teto, algumas lâmpadas elétricas cintilavam fracamente, mas

elas não faziam muito para iluminar o enorme espaço. Do lado de Piper, a parede de metal ondulada estava marcada com a logomarca de uma companhia, mas ela estava quase completamente coberta por pichações. Abaixo, no armazém escuro, pôde perceber grandes máquinas, braços robóticos, caminhões finalizados pela metade numa linha de montagem. O lugar parecia estar abandonado por anos.

Jason e Leo chegaram ao seu lado.

Leo começou a perguntar:

— Você está bem...? — então ele ouviu o seu pé. — Ah não, você não está.

— Obrigada por confirmar. — Piper gemeu.

— Você ficará bem — disse Jason, embora Piper pudesse ouvir a preocupação na voz. — Leo, você tem algum material de primeiros-socorros?

— Sim, sim, certo.

Ele escavou no seu cinto de ferramentas e tirou um monte de gazes e um rolo de fita, ambos pareciam muito grandes para bolsos de cinto. Piper notara o cinto de ferramentas manhã anterior, mas ela não pensara em perguntar a Leo sobre ele. Não parecia nada especial – só um daqueles aventais de couro envoltos com vários bolsos, como um ferreiro ou um carpinteiro pode usar. E parecia estar vazio.

— Como foi que... — Piper tentou se sentar, e encolheu-se. — Como você tirou essas coisas de um cinto vazio?

— Magia — disse Leo. — Não compreendi isso completamente, mas posso convocar ferramentas normais dos bolsos, e mais algumas outras coisas úteis. — Ele colocou a mão em outro bolso e tirou uma pequena caixa. — Balas de menta?

Jason pegou as balas.

— Incrível, Leo. Agora, você pode consertar o pé dela?

— Eu sou um mecânico, cara. Talvez se ela fosse um carro... — Ele estalou os dedos. — Espera, o que era aquela comida dos deuses que te deram para comer no acampamento... comida Rambo?

— Ambrosia, cara — disse Piper com os dentes trincados. — Deve ter um pouco na minha mochila, se não estiver amassado.

Jason cuidadosamente tirou a mochila dos seus ombros. Ele vasculhou os suprimentos que as crianças de Afrodite colocaram para ela e encontrou uma caixa cheia de pedaços esmagados, que pareciam barras de limão. Ele tirou um pedaço e entregou para ela.

O gosto não era nada como o que ela esperava. A fez lembrar-se da sopa de feijão preto do seu pai quando ela era uma garotinha. Ele costumava alimentá-la com isso quando ficasse doente. A memória a relaxou, embora isso a deixasse triste. A dor no tornozelo diminuiu.

— Mais — disse ela.

Jason franziu a testa.

— Piper, não deveríamos arriscar. Dizem que comer muito disso pode te transformas em cinzas. Eu acho que deveria tentar colocar seu pé no lugar.

O estômago de Piper tremeu.

— Você já fez isso antes?

— Sim... acho que sim.

Leo encontrou um pedaço velho de madeira e o quebrou no meio para fazer uma tala. Então ele deixou a gaze e a fita prontas.

— Deixe a perna dela imóvel — pediu Jason para ele. — Piper, isso vai doer.

Quando Jason endireitou o pé, Piper se retraiu tanto que deu um soco no braço de Leo, e ele gritou quase tanto quanto ela. Quando sua visão clareou e ela pôde respirar normalmente de novo, notou que seu pé estava

apontando para a direção certa e que seu tornozelo estava enrolado com madeira, gaze e fita.

— Ai — disse ela.

— Caramba, rainha da beleza! — Leo esfregou o braço. — Ainda bem que meu rosto não estava ali.

— Desculpa — disse ela. — E não me chame de "rainha da beleza", ou eu vou te socar novamente.

— Vocês dois foram incríveis. — Jason achou um cantil na mala de Piper e lhe deu um pouco de água. Depois de alguns minutos, seu estômago começou a acalmar.

Quando ela parou de gritar de dor, pôde ouvir o vento do lado de fora. Flocos de neve flutuaram pelo buraco no telhado, e depois do encontro deles com Quione, neve era a última coisa que Piper queria ver.

— O que aconteceu com o dragão? — perguntou ela. — Onde estamos?

A expressão de Leo ficou pesada.

— Não sei o que houve com Festus. Ele simplesmente tremeu, como se tivesse batido em uma parede invisível e começou a cair.

Piper se lembrou do alerta de Encélado: *Eu vou te mostrar como o seu espírito rebelde poder ser facilmente atirados ao chão*. Ele conseguira acertá-los daquela distância? Parecia impossível. Se ele fosse tão poderoso, porque precisaria que ela traísse seus amigos quando poderia simplesmente matá-los por si? E como o gigante poderia estar olhando ela numa tempestade de neve milhares de quilômetros de distância?

Leo apontou para a logomarca na parede.

— Parece que estamos...

Era difícil ler por trás do grafite, mas Piper conseguiu distinguir um grande olho vermelho com palavras escritas: *motores monóculo, linha de montagem um*.

— É uma fábrica de carros fechada — disse Leo. — Acho que caímos em Detroit.

Piper ouvira sobre fábricas de carro fechadas em Detroit, então aquilo fez sentido. Mas parecia um lugar bastante depressivo para pousar.

— Estamos muito longe de Chicago?

Jason deu a ela o cantil.

— Acho que já percorremos mais da metade do caminho, vindo de Quebec. O problema é que sem o dragão, estamos presos viajando por terra.

— Sem chance — disse Leo. — Não é seguro.

Piper pensou sobre o jeito que o chão havia se grudado aos seus pés no sonho, e o que Rei Bóreas dissera sobre a terra revelar mais horrores.

— Ele tem razão. Além disso, eu não sei se posso andar. E três pessoas... Jason, você não pode voar todo esse trecho sozinho.

— Sem chance — disse Jason. — Leo, você tem certeza que o dragão não falhou? Digo, Festus é velho, e...

— E eu posso não ter consertado direito?

— Eu não disse isso — protestou Jason. — É só... talvez você possa consertá-lo.

— Eu não sei. — Leo soou triste. Ele tirou alguns parafusos dos seus bolsos e começou a mexer neles. — Tenho que descobrir onde ele caiu, se ainda continua inteiro.

— Foi minha culpa — disse Piper sem pensar.

Ela não podia mais aguentar isso. O segredo sobre seu pai estava aquecendo dentro dela como muita ambrosia. Se ela continuasse mentindo para os amigos, sentiria como se queimasse em cinzas.

— Piper — disse Jason gentilmente — você estava dormindo quando Festus quebrou. Não poderia ser sua culpa.

— É, você só está abalada — concordou Leo. Ele nem tentou fazer uma piada. — Você está com dor. Precisa descansar.

Ela queria contar tudo a eles, mas as palavras se prenderam na garganta. Eles estavam sendo muito gentis com ela. Contudo, se Encélado estivesse observando-os de algum jeito, dizer a coisa errada poderia matar o pai dela.

Leo se levantou.

— Olhe, hã, Jason, por que você não fica com ela, cara? Eu vou fazer uma busca por aí procurando Festus. Acho que ele caiu fora do armazém em algum lugar. Se eu puder encontrá-lo, talvez possa descobrir o que aconteceu e consertá-lo.

— É perigoso demais — disse Jason. — Você não deveria ir sozinho.

— Ah, eu tenho fita isolante e balas de menta. Ficarei bem — disse Leo, um pouco rápido demais, e Piper percebeu que ele estava muito mais abalado do que estava deixando parecer. — Vocês não façam nada sem mim.

Leo colocou a mão no seu cinto de ferramentas mágico, tirou uma lanterna e desceu as escadas, deixando Piper e Jason sozinhos.

Jason sorriu para ela, embora ele parecesse um pouco nervoso. Era a mesma expressão que ele tinha no rosto depois de beijá-la pela primeira vez, no telhado do dormitório da Escola da Vida Selvagem – aquela pequena cicatriz bonita no seu lábio curvando numa meia-lua. A memória a deixou mais feliz. Então lembrou que o beijo realmente nunca aconteceu.

— Você parece melhor — ofereceu Jason.

Piper não tinha certeza se ele falava do seu pé ou do fato de que ela não estava mais magicamente linda. Seus jeans estavam rasgados da queda pelo telhado. Suas botas estavam respingadas de neve suja e derretida. Ela não sabia como seu rosto parecia, mas provavelmente estava horrível.

Por que isso importava? Ela nunca se importara com coisas assim antes. Ela pensou se era sua estúpida mãe, a deusa do amor, brincando com os seus

pensamentos. Se Piper começasse a ter impulsos para ler revistas de moda, ela iria ter que encontrar Afrodite e conversar seriamente com ela.

Porém, ela decidiu focar no seu tornozelo. Enquanto ela não se mexesse, não havia a dor.

— Você fez um bom trabalho — ela disse para Jason. — Onde você aprendeu primeiros-socorros?

Ele deu de ombros.

— A mesma resposta de sempre. Eu não sei.

— Mas você está começando a recuperar algumas memórias, não está? Como aquela profecia em latim no acampamento ou aquele sonho com a loba.

— É instinto — disse ele. — Como se fosse um *déjà vu*. Já esqueceu uma palavra ou um nome que devia estar na ponta da sua língua, mas não está? É mais ou menos assim... só que com a minha vida toda.

Piper entendia o que ele estava dizendo. Os últimos três meses – uma vida que ela pensou que tinha um relacionamento com Jason – havia virado Névoa.

Um namorado que você na verdade nunca teve, dissera Encélado. *Isso é mais importante que o seu próprio pai?*

Ela deveria ter deixado sua boca fechada, mas soltou a pergunta que estivera na sua mente desde ontem.

— Aquela foto no seu bolso — disse ela. — É alguém do seu passado?

Jason recuou.

— Desculpe-me — disse ela. — Não é da minha conta. Esqueça.

— Não, está tudo bem. — Suas feições relaxaram. — Só estou tentando descobrir as coisas. Seu nome é Thalia. Ela é minha irmã. Eu não me lembro de mais detalhes. Nem sei como fiquei sabendo que é minha irmã, mas... hã, por que você está sorrindo?

— Nada. — Piper tentou matar o sorriso. *Não* era uma namorada antiga. Ela se sentiu ridiculamente feliz. — Hã, é só... que bom que você lembrou. Annabeth me disse que ela se tornou uma Caçadora de Ártemis, certo?

Jason assentiu.

— Eu tenho a sensação de que devo encontrá-la. Hera me deixou aquela memória por um motivo. Tem algo a ver com essa missão. Mas... eu também tenho a sensação de que pode ser perigoso. Eu não sei se *quero* descobrir a verdade. É loucura?

— Não — disse Piper. — Não mesmo.

Ela olhou para a logomarca na parede: motores monóculo e o olho vermelho. Algo naquela logomarca a incomodava.

Talvez fosse a ideia de Encélado a observando, segurando o seu pai para puxar a alavanca. Ela tinha que salvá-lo, mas como poderia trair os amigos?

— Jason — chamou ela. — Falando sobre verdade, eu preciso te falar uma coisa... uma coisa sobre meu pai...

Ela não teve a chance de continuar. Em algum lugar abaixo, metal ressoou contra metal, como uma porta batendo. O som ecoou pelo armazém.

Jason se levantou. Ele tirou sua moeda e a lançou, pegando sua espada dourada no ar. Ele olhou para o parapeito.

— Leo? — chamou ele.

Sem resposta.

Ele agachou ao lado de Piper.

— Não gosto disso.

— Ele pode estar com problemas — disse Piper. — Vá checar.

— Não posso te deixar sozinha.

— Ficarei bem. — Ela se sentia aterrorizada, mas não iria admitir isso. Ela puxou Katoptris e tentou parecer confiante. — Se alguém chegar perto, eu espeto.

Jason hesitou.

— Eu vou deixar a mochila. Se eu não voltar em cinco minutos...

— Entro em pânico? — sugeriu ela.

Ele controlou um sorriso.

— Estou feliz que você tenha voltado ao normal. A maquiagem e o vestido eram muito mais intimidantes que a adaga.

— Vá logo, Faísca, antes que eu espete *você*.

— Faísca?

Mesmo ofendido, Jason parecia bonito. Não era justo. Então ele foi para as escadas e desapareceu na escuridão.

Piper contou suas respirações, tentando medir o tempo que passava. Ela perdeu a conta em aproximadamente quarenta e três. Então algo no armazém fez *bang!* O eco morreu. O coração de Piper pesou, mas ela não gritou. Seus instintos lhe disseram que não era uma boa ideia.

Ela olhou para o seu tornozelo machucado. *Não é como se eu pudesse correr.* Então ela olhou novamente para o sinal da Motores Monóculo. Uma pequena voz na sua cabeça a incomodou, alertando o perigo. Algo da mitologia grega...

Sua mão foi até a mochila. Ela pegou os pedaços de ambrosia. Muito a queimaria, mas um pouco mais consertaria seu tornozelo?

Boom. O som estava mais perto dessa vez, diretamente abaixo dela. Ela comeu um pedaço grande de ambrosia e seu coração bateu mais rápido. Sua pele parecia febril.

Hesitantemente, ela flexionou o tornozelo na tala. Não sentia dor, nada. Ela cortou a fita com sua adaga e ouviu passos pesados nas escadas – como

botas de metal.

Haviam se passado cinco minutos? Mais? Os passos não pareciam os de Jason, mas talvez ele estivesse carregando Leo. Finalmente, ela não pôde aguentar. Apertando sua adaga, ela gritou:

— Jason?

— Sim — disse ele da escuridão. — Estou subindo.

Definitivamente era a voz de Jason. Então por que todos os seus instintos diziam *corra?*

Com esforço, ela se levantou.

Os passos ficaram mais próximos.

— Está tudo bem — prometeu a voz de Jason.

No topo das escadas, um rosto apareceu da escuridão – um sorriso escuro e horrível, um nariz esmagado, e um único olho vermelho de sangue no meio da testa.

— Está tudo bem — disse o ciclope, numa perfeita imitação da voz de Jason. — Você chegou bem na hora do jantar.

XXIII

LEO

Leo esperou que o dragão não tivesse caído nos banheiros.

De todos os lugares para cair, uma fileira de banheiros químicos não teria sido sua primeira escolha. Uma dúzia de boxes azuis de plástico tinha sido instalada no jardim da fábrica, e Festus havia achatado todas elas. Felizmente, elas não eram usadas há muito tempo, e a bola de fogo que surgiu na queda incinerou quase tudo. Mesmo assim, algumas substâncias químicas bastante nojentas saíam do encanamento dos destroços. Leo tinha que passar por elas e tentar não respirar pelo nariz. Neve pesada estava caindo, mas a couraça do dragão ainda estava fervendo. E claro, aquilo não incomodou Leo.

Depois de alguns minutos escalando o corpo inanimado de Festus, Leo começou a irritar-se. O dragão estava perfeitamente bem. Sim, ele caíra do céu e pousara com um grande *cabum*, mas seu corpo não estava nem amassado. A bola de fogo aparentemente veio dos gases compostos dentro

dos banheiros, e não do próprio dragão. As asas de Festus estavam intactas. Nada parecia quebrado. Não havia motivo para ter parado de funcionar.

— Não foi minha culpa — murmurou ele. — Festus, você está me fazendo parecer mal.

Então ele abriu o painel de controle na cabeça do dragão, e o coração de Leo afundou.

— Ah, Festus, o que é isso?

As engrenagens tinham congelado. Leo sabia que no dia anterior estava tudo perfeito. Ele trabalhara tanto para reparar os cabos corroídos, mas algo causou um congelamento instantâneo dentro do crânio do dragão, justo onde deveria ser quente demais para gelo se formar. O gelo fez com que a fiação se sobrecarregasse e torrasse o painel de controle. Ele não via motivo para que isso acontecesse. Certo, o dragão era velho, mas mesmo assim, não fazia sentido.

Ele podia recolocar os cabos. Aquele não era o problema. Mas o disco de controle chamuscado não era bom. As letras gregas e imagens esculpidas nas bordas, que provavelmente carregavam todos os tipos de magia, estavam manchadas e enegrecidas.

A peça que Leo não poderia recolocar – e ela estava danificada. *De novo*.

Ele imaginou a voz de sua mãe: *A maioria dos problemas parece pior do que é,* mi amor. *Para tudo há solução.*

Sua mãe podia reparar quase tudo, mas Leo tinha muita certeza que ela nunca trabalhara num dragão mágico de metal de cinquenta anos de idade.

Ele apertou os dentes e decidiu que tinha que tentar. Ele não iria andar de Detroit até Chicago numa tempestade de neve, e não seria responsável por fazer seus amigos fracassarem.

— Certo — murmurou, limpando a neve dos ombros. — Quero uma escovinha de cerdas de náilon, algumas luvas descartáveis e talvez uma lata

daquele solvente aerossol de limpeza.

O cinto de ferramentas obedeceu. Leo não pôde deixar de sorrir enquanto tirava os objetos. Os bolsos do cinto tinham limites. Eles não lhe dariam qualquer coisa mágica, como a espada de Jason ou algo grande, como uma motosserra. Ele tentara pedir as duas coisas. E se ele pedisse muitas coisas de vez, o cinto precisaria de um tempo para se resfriar antes que pudesse funcionar novamente. Quanto mais complicado o pedido, mais tempo para resfriar. Mas algo pequeno e simples como os que você pode encontrar numa oficina – tudo que Leo precisava fazer era pedir.

Ele começou a limpar o disco de controle. Enquanto trabalhava, neve recobria o dragão frio. Leo tinha que parar de tempos em tempos para convocar fogo e derreter tudo, mas na maioria das vezes ele trabalhava como piloto automático, suas mãos trabalhando por si próprias enquanto seus pensamentos fluíam.

Leo não acreditava em como suas ações foram estúpidas no palácio de Bóreas. Ele deveria ter imaginado que uma família de deuses do inverno o odiaria à primeira vista. Filho do deus do fogo voando num dragão que solta fogo numa suíte de gelo – é, talvez não fosse o melhor. Ainda assim, ele odiava se sentir rejeitado. Jason e Piper conseguiram visitar a sala do trono. Leo teve que esperar no salão com Cal, o semideus do hóquei e a cabeça dos maiores insultos.

Fogo é mau, disse-lhe Cal.

Aquilo praticamente resumia. Leo sabia que ele não esconderia a verdade dos seus amigos por muito tempo. Desde o Acampamento Meio-Sangue, uma linha daquela Grande Profecia continuava voltando para ele: *Em tempestade ou fogo, o mundo terá acabado*.

E Leo era o garoto do fogo, o primeiro desde 1666, quando Londres havia queimado. Se ele contasse aos seus amigos o que ele realmente podia

fazer – *Ei, adivinha, galera? Eu posso destruir o mundo!* – por que alguém iria lhe dar as boas-vindas no acampamento de novo? Leo teria que fugir novamente. Mesmo conhecendo aquela história de cor, a ideia o deprimia.

E havia Quione. Maldição, aquela garota era linda. Leo sabia que agira como um idiota total, mas não pôde deixar de pensar nela. Tinha lavado suas roupas no serviço de lavanderia rápida do hotel – o que havia sido totalmente demais, a propósito. Ele penteou o cabelo – o que nunca era algo fácil – e até descobriu que o cinto de ferramentas podia fazer balas de menta, tudo na esperança de se aproximar dela. Naturalmente, sem tal sorte.

Ser excluído era a história da sua vida – pelos seus parentes, casas de adoção, você escolhe. Até na Escola da Vida Selvagem, Leo passara as últimas semanas se sentindo sobrando enquanto Jason e Piper, seus únicos amigos, se tornavam um casal. Ele estava feliz por eles e tudo mais, mas ainda assim o fazia se sentir como se não precisassem mais dele.

Quando ele descobriu que a vida inteira de Jason no colégio fora uma ilusão – um tipo de lapso de memória – Leo ficou secretamente animado. Era uma chance para recomeçar. Agora Jason e Piper estavam virando um casal novamente – que era óbvio pelo jeito que agiram no armazém agora pouco, como se quisessem conversar sem Leo por perto. O que ele esperava? Ele iria reanimar o homem estranho novamente. Quione só havia lhe dado a indiferença um pouco mais rápido que a maioria.

— Basta, Valdez — ele se repreendeu. — Ninguém vai ficar te bajulando, porque simplesmente você não é importante. Conserte o estúpido dragão.

Ele ficou tão envolvido com o trabalho que não sabia quanto tempo passara antes de ouvir a voz.

Você está errado, Leo.

Ele se atrapalhou com a escova e a deixou cair na cabeça do dragão. Ele se levantou, mas não pôde ver quem falava. Então olhou para o chão. Neve e esgoto químico dos banheiros, até o asfalto estava se movendo como se virasse líquido. Uma área de três metros formou olhos, um nariz, e uma boca – o rosto gigante da mulher adormecida.

Ela não falou exatamente. Seus lábios não se mexiam. Mas Leo conseguia ouvir sua voz na cabeça, como se as vibrações estivessem vindo pelo chão, direto aos seus pés e repercutindo no seu esqueleto.

Eles precisam de você desesperadamente, disse ela. *De certa maneira, você é o mais importante dos sete – como o disco de controle no cérebro do dragão. Sem você, o poder dos outros não significa nada. Eles nunca me alcançarão, nunca me pararão. E eu vou acordar completamente.*

— Você. — Leo estava tão mexido que não tinha certeza se falou em voz alta. Ele não ouvira aquela voz desde que tinha oito anos, mas era ela: a mulher de terra da oficina mecânica. — Você matou minha mãe.

O rosto se mexeu. A boca formou um sorriso sonolento, como se estivesse tendo um sonho agradável.

Ah, mas Leo. Eu sou sua mãe também – a Primeira Mãe. Não se oponha a mim. Parta agora. Deixe meu filho Porfírio se erguer e tornar-se rei, e eu irei aliviar sua carga. Você irá andar brilhantemente na terra.

Leo pegou a coisa mais próxima que pôde encontrar – um assento de banheiro químico – e jogou no rosto.

— Me deixe em paz!

O assento do banheiro afundou na terra líquida. Neve e esgoto ondularam, e o rosto dissolveu.

Leo olhou para o chão, esperando o rosto reaparecer. Mas não reapareceu. Leo quis pensar que imaginou isso.

Então da direção da fábrica, ele ouviu um estrondo – como dois caminhões de lixo batendo juntos. Metal caiu e vergou, e o barulho ecoou pelo jardim. Instantaneamente, Leo sabia que Jason e Piper estavam em apuros.

Parta agora, ordenou a voz.

— Provavelmente não — grunhiu Leo. — Quero o maior martelo que você tiver.

Ele colocou a mão no cinto de ferramentas e tirou um martelo de três quilos com uma cabeça de duas faces do tamanho de uma batata assada. Então ele pulou das costas do dragão e correu para o armazém.

XXIV

LEO

Leo parou na porta e tentou controlar sua respiração. A voz da mulher de terra ainda ecoava em seus ouvidos, fazendo-lhe lembrar da morte da mãe. A última coisa que ele queria fazer era mergulhar em outro armazém escuro. Subitamente ele se sentiu com oito anos novamente, sozinho e indefeso enquanto alguém que ele amava estava armadilha e estava em perigo.

Pare, ele disse para si. *É como ela quer que você se sinta.*

Mas aquilo não o deixava menos assustado. Ele respirou profundamente e examinou o lado de dentro. Nada parecia diferente. A luz cinza da manhã se infiltrava pelo buraco no telhado. Algumas lâmpadas tremeluziam, mas a maioria do chão da fábrica ainda estava perdida em sombras. Ele podia distinguir a passarela acima, as sombras das pesadas máquinas da linha de montagem, mas nenhum movimento. Nenhum sinal dos amigos.

Ele quase gritou, mas algo o parou — um sentido que ele não podia identificar. Então ele percebeu que era *cheiro*. Algo cheirava mal... como

óleo de motor queimado e hálito azedo.

Algo não humano estava dentro da fábrica. Leo tinha certeza. Seu corpo entrou em alerta, todos os nervos formigando.

Em algum lugar, vindo do piso da fábrica, a voz de Piper gritou:

— Leo, socorro!

Mas Leo segurou a língua. Como Piper poderia ter descido com seu tornozelo quebrado?

Ele deslizou para dentro e se abaixou atrás de um container de carga. Lentamente, apertando seu martelo, ele foi para o centro da sala, escondido atrás de caixas e chassis de caminhões vazios. Finalmente ele alcançou a linha de montagem. Ele agachou atrás da peça mais próxima de maquinaria — um guindaste com um braço robótico.

A voz de Piper gritou novamente:

— Leo? — Soava menos segura dessa vez, mas muito perto.

Leo espiou ao redor da maquinaria. Pendurado diretamente acima da linha de montagem, suspenso por uma corrente de um guindaste no lado oposto, havia um pesado motor de caminhão — balançando a apenas dez metros de altura, como se houvesse sido deixado ali quando a fábrica foi abandonada. Abaixo, na esteira transportadora havia um chassi de um caminhão, e encostados ao redor dele, havia três sombras escuras do tamanho de empilhadeiras. Perto, dependuradas nas correntes de outros braços robóticos, havia duas formas menores — talvez mais motores, mas uma delas estava se contorcendo como se estivesse viva.

Então uma das sombras se levantou, e Leo percebeu que era um humanoide incrivelmente grande.

— Eu te disse que não era nada — resmungou a coisa. Sua voz era muito rouca e feroz para ser humana.

Outra sombra também se moveu, e gritou na voz de Piper:

— Leo, me ajude! Socorro... — Então a voz mudou, virando um rosnado masculino. — Besteira, não tem ninguém ali. Nenhum semideus pode ser tão quieto, né?

O primeiro monstro riu.

— Provavelmente fugiu, se ele sabe o que é bom para ele. Ou a garota estava mentindo sobre um terceiro semideus. Vamos cozinhar.

Estalo. Uma luz laranja brilhante chiou a vida — um sinalizador — e Leo temporariamente ficou cego. Ele se abaixou atrás do guindaste até seus olhos se acostumarem. Então ele deu outra espiada, e encontrou uma cena que nem *Tía* Callida poderia ter pensado.

As duas coisas menores balançando dos braços dos guindastes não eram motores. Eram Jason e Piper. Ambos pendurados de cabeça para baixo, amarrados com correntes dos tornozelos até o pescoço. Piper estava se debatendo, tentando se livrar. Sua boca estava amordaçada, mas pelo menos ela estava viva. Jason não parecia tão bem. Ele estava pendurado sem firmeza, os olhos revirados. Tinha uma mancha vermelha e inchada do tamanho de uma maçã sobre sua sobrancelha esquerda.

Na esteira transportadora, a carcaça do caminhão inacabado estava sendo usado como fogareiro. O sinalizador havia incendiado com uma mistura de pneus e madeira, que, pelo cheiro, fora mergulhada em querosene. Um grande mastro de metal estava suspenso sobre as chamas — um espeto, Leo percebeu, o que significava que era um fogo para cozinhar.

Mas o mais aterrorizante de tudo eram os cozinheiros.

Motores Monóculo: aquela logomarca de um olho vermelho. Por que Leo não percebeu antes?

Três humanoides enormes se reuniram ao redor do fogo. Dois estavam em pé, atiçando as chamas. O maior se abaixou com as costas para Leo. Os dois que o encaravam tinham, cada um, três metros de altura, corpo

musculoso e peludos e uma pele que brilhava vermelha na luz do fogo. Um dos monstros usava uma tanga de malha de ferro que realmente parecia desconfortável. O outro usava uma toga esfarrapada e felpuda feita de fibra de vidro de isolamento térmico, que também não seria uma das ideias de guarda-roupa principais de Leo. Além disso, os dois monstros poderiam ser gêmeos. Cada um tinha um rosto selvagem com um único olho no centro da testa. Os cozinheiros eram ciclopes.

As pernas de Leo começaram a tremer. Ele vira algumas coisas estranhas até agora — espíritos da tempestade, deuses alados e um dragão de metal que gostava de molho de pimenta. Mas isso era diferente. Esses eram monstros de carne e osso com três metros de altura que queriam seus amigos como jantar.

Ele estava tão aterrorizado que mal podia pensar. Se ao menos tivesse Festus... poderia usar um tanque blindado que cospe fogo. Mas tudo que tinha era um cinto de ferramentas inútil e uma mochila. Seu martelo de três quilos parecia incrivelmente pequeno comparado a aqueles ciclopes.

Era *disso* que a mulher adormecida estava falando. Ela queria que Leo partisse e deixasse seus amigos morrerem.

Aquilo decidia a questão. Sem chance que Leo ia deixar aquela mulher de terra fazer-se sentir sem poder — nunca mais. Leo tirou sua mochila e silenciosamente começou a abrir o zíper.

O ciclope de tanga de malha de ferro avançou para Piper, que contorcia e tentava acertá-lo no olho.

— Eu posso tirar a mordaça dela agora? Eu gosto quando eles gritam.

A pergunta era direcionada para o terceiro ciclope, aparentemente o líder. A figura abaixada grunhiu, e o Tanga arrancou a mordaça da boca de Piper.

Ela não gritou. Só respirou fundo, como se tentasse se acalmar.

Enquanto isso, Leo encontrou o que queria na mochila: uma pilha de controles remotos minúsculos que ele pegara no Bunker 9. Pelo menos ele *esperava* que fosse isso. O painel de manutenção do guindaste robótico era fácil de encontrar. Ele tirou uma chave de fenda do cinto de ferramentas e foi ao trabalho, mas tinha que ir lentamente. O líder ciclope estava só a seis metros dele. Os monstros obviamente tinham sentidos excelentes. Ter sucesso no plano sem fazer barulho parecia impossível, mas ele não tinha muitas chances.

O ciclope de toga atiçou o fogo, que agora estava bem alto e elevava uma fumaça negra e nociva para o teto. Seu amigo Tanga olhou Piper, esperando ela fazer algo engraçado.

— Grite, garota! Eu acho gritar engraçado!

Quando Piper finalmente falou, seu tom estava calmo e razoável, como se estivesse corrigindo um filhote desobediente.

— Ah, senhor ciclope, você não quer nos matar. Seria muito melhor se vocês nos soltasse.

Tanga coçou sua cabeça enorme. Ele virou para o amigo na toga de fibra de vidro.

— Ela é um pouco bonita, Torque. Talvez eu devesse soltá-la.

Torque, o cara na toga, grunhiu.

— Eu a vi primeiro, Sump. *Eu* vou soltá-la!

Sump e Torque começaram a discutir, mas o terceiro ciclope levantou e gritou:

— Tolos!

Leo quase derrubou a chave de fenda. O terceiro ciclope era... *mulher*. Ela era vários metros mais alta que Torque ou Sump, e ainda mais forte. Ela usava um vestido de malha de ferro cortado como um daqueles vestidos-saco que a desprezível tia Rosa de Leo costumava vestir. Como eles

chamavam aquilo — um *muumuu?* Sim, a senhora ciclope tinha um *muumuu* de malha de ferro. Seus escuros cabelos oleosos estavam presos em tranças com fios de cobre e arruelas de metal. Seu nariz e boca eram largos e quase achatados, como se ela gastasse as horas vagas batendo seu rosto na parede; mas seu único olho vermelho brilhava com inteligência maligna.

A mulher ciclope se aproximou silenciosamente de Sump e o empurrou para o lado, atirando-o na esteira. Torque recuou rapidamente.

— A garota é cria de Vênus — rosnou a ciclope. — Ela está usando encantamento em vocês.

Piper começou a dizer:

— Por favor, senhora...

— Argh! — A senhora ciclope pegou Piper pela cintura. — Não tente sua bonita fala comigo, garota! Eu sou Ma Gasket! Já comi heróis mais valentes que você como almoço!

Leo temeu que Piper fosse ser triturada, mas Ma Gasket só a soltou e a deixou balançar na corrente. Então ela começou a gritar com Sump sobre como ele era estúpido.

As mãos de Leo trabalharam furiosamente. Ele emaranhou fios e virou chaves, dificilmente pensando no que estava fazendo. Terminou de encaixar o controle remoto. Então engatinhou para o próximo braço robótico enquanto os ciclopes estavam conversando.

— ...comê-la por último, Ma? — Sump estava dizendo.

— Idiota! — Ma Gasket gritou, e Leo percebeu que Sump e Torque deviam ser seus filhos. Nesse caso, feiura definitivamente corria no sangue da família. — Eu devia ter lhes jogado nas ruas quando vocês eram bebês, como *deve* ser feito com ciclopes. Vocês poderiam ter aprendido algumas habilidades úteis. Maldita hora em que esse meu coração mole me fez mantê-los em casa!

— Coração mole? — murmurou Torque.

— O que disse, seu ingrato?

— Nada, Ma. Eu disse que você tem um coração bom. Temos que trabalhar para você, alimentá-la, lixar suas unhas...

— E você devia ser grato! — berrou Ma Gasket. — Agora, atice o fogo, Torque! E Sump, seu idiota, meu molho preferido está no outro armazém. Não me diga que você esperou que eu comesse esses semideuses sem molho!

— Sim, Ma — disse Sump. — Digo, não, Ma. Digo...

— Vá pegar o molho! — Ma Gasket levantou um chassi de caminhão próximo e atirou na cabeça de Sump. Sump caiu aos joelhos. Leo tinha certeza que um golpe daquele iria matá-lo, mas Sump aparentemente estava acostumado. Ele conseguiu tirar o chassi da cabeça, então cambaleou e correu para trazer o molho.

A hora é agora, pensou Leo. *Enquanto eles estão separados.*

Ele terminou a fiação da segunda máquina e moveu-se para a terceira. Enquanto corria entre os braços mecânicos, os ciclopes não o viram, mas Piper sim. Sua expressão mudou de terror para incredulidade, e ela ofegou.

Ma Gasket virou para ela.

— Qual o problema, garota? Você é tão frágil que eu quebrei você?

Felizmente, Piper pensava rápido. Ela desviou o olhar de Leo e disse:

— Acho que são minhas costelas, senhora. Se eu estiver quebrada por dentro, vou ter um gosto horrível.

Ma Gasket caiu em risadas.

— Essa foi boa. O último herói que comemos... lembra-se dele, Torque? Filho de Mercúrio, não era?

— Sim, Ma — disse Torque. — Saboroso. Um pouco pegajoso.

— Ele tentou um truque assim. Disse que estava tomando remédio. Mas o gosto dele era incrível!

— Parecia carneiro — recordou Torque. — Camisa roxa. Falava em Latim. Sim, um pouco pegajoso, mas bom.

Os dedos de Leo congelaram no painel de manutenção. Aparentemente, Piper estava tendo o mesmo pensamento que ele, pois ela perguntou:

— Camisa roxa? Latim?

— Comida boa — disse Ma Gasket, afetuosamente. — O ponto, garota, é que não somos tão estúpidos como as pessoas pensam! Não caímos naqueles truques e enigmas estúpidos, não nós, ciclopes do norte.

Leo se forçou de volta ao trabalho, mas sua mente estava correndo. Uma criança que falava latim fora pega aqui — com uma camisa roxa como a de Jason? Ele não sabia o que significava, mas tinha que deixar o interrogatório para Piper. Se ele fosse ter alguma chance de ganhar daqueles monstros, ele tinha que se mexer rápido antes que Sump voltasse com o molho.

Ele olhou para o bloco de motor suspenso logo acima do acampamento dos ciclopes. Ele desejou que pudesse usá-lo — seria uma grande arma. Mas o guindaste que o segurava estava no lado oposto da esteira transportadora. Não havia jeito de Leo chegar ali sem ser visto e, além disso, ele estava correndo contra o tempo.

A última parte do plano era a mais complicada. Do seu cinto de ferramentas ele convocou alguns fios, um adaptador de rádio, uma chave de fenda pequena e começou a construir um controle remoto universal. Pela primeira vez, ele disse um obrigado silencioso ao pai — Hefesto — pelo cinto de ferramentas. *Me tire daqui*, ele rezou, *e talvez você não seja um idiota tão grande.*

Piper continuou falando, exagerando nos elogios.

— Ah, eu ouvi falar dos ciclopes do norte! — Leo imaginou que era conversa furada, mas ela pareceu convencida. — Eu não sabia que vocês eram tão grandes e espertos!

— Bajulação não vai funcionar também — disse Ma Gasket, embora parecesse satisfeita. — É verdade, você será o café da manhã dos melhores ciclopes dessa região.

— Mas os ciclopes não são bons? — perguntou Piper. — Pensei que vocês faziam armas para os deuses.

— Besteira! Eu sou muito boa. Boa em comer pessoas. Boa em esmagar. E boa em construir coisas, sim, mas não para os deuses. Nossos primos, os ciclopes anciões, eles fazem isso, sim. E pensam que são mais importantes que nós só porque são algumas centenas de anos mais velhos. Então há nossos primos do sul, vivendo em ilhas e cuidando de ovelhas. Otários! Mas nós, ciclopes hiperbóreos, o clã do norte, somos os melhores! Fundamos a Motores Monóculo nessa fábrica velha: as melhores armas, armaduras, bigas e carros eficientes! Mas, claro, fomos obrigados a fechá-la. Demitimos a maior parte da tribo. A guerra foi muito rápida. Os titãs perderam. Nada bom! Não havia mais necessidade de armas dos ciclopes.

— Ah, não — disse Piper. — Tenho certeza que você fez algumas armas incríveis.

Torque riu.

— Martelos estridentes de guerra! — Ele pegou uma estaca larga com uma caixa de metal na ponta, parecendo um acordeom.

Ele o bateu contra o chão e o cimento rachou, mas também houve um som como o do maior patinho de borracha do mundo sendo apertado.

— Aterrorizante — disse Piper.

Torque pareceu agradecido.

— Não tão bom quanto o machado detonador, mas esse pode ser usado mais de uma vez.

— Eu posso ver? — perguntou Piper. — Se você pudesse soltar minhas mãos...

Torque deu um passo para frente ansiosamente, mas Ma Gasket disse:

— Estúpido! Ela está lhe enganando de novo. Chega de conversa! Mate o garoto primeiro, antes que ele morra. Eu gosto de carne fresca.

Não! Os dedos de Leo voaram, conectando os cabos para o controle remoto. *Só mais alguns minutos!*

— Ei, espere — disse Piper, tentando chamar a atenção dos ciclopes. — Ei, eu posso só perguntar...

Os fios faiscaram na mão de Leo. Os ciclopes congelaram e viraram na sua direção. Então Torque pegou um caminhão e jogou nele.

Leo rolou enquanto o caminhão amassava as máquinas. Se ele fosse meio segundo mais lento, teria sido esmagado.

Ele se levantou, e Ma Gasket o localizou. Ela gritou:

— Torque, seu ciclope patético, pegue-o!

Torque correu na direção dele. Leo freneticamente armou o botão do controle remoto improvisado.

Torque estava a quinze metros de distância. Seis metros.

Então o primeiro braço robótico ganhou a vida. Uma garra metálica amarela de três toneladas golpeou o ciclope nas costas tão forte que ele caiu de cara no chão. Antes que Torque pudesse se recuperar, a mão robótica o pegou por uma perna e o arremessou para cima.

— AHHHHH! — Torque voou verticalmente para a escuridão.

O teto era muito escuro e muito alto para ver exatamente o que aconteceu, mas julgando pelo *clang!*, Leo supôs que o ciclope batera em uma das vigas de suporte.

Torque não voltou. Em vez disso, pó amarelo choveu para o chão. Ele se desintegrara.

Ma Gasket olhou para Leo em choque.

— Meu filho... Você... Você...

Como se em sugestão, Sump entrou com ruídos na luz do fogo com uma embalagem de molhos.

— Ma, eu trouxe o extra picante...

Ele não terminou a frase. Leo girou o botão do controle remoto, e o segundo braço robótico golpeou Sump no peito. A embalagem de molho explodiu como uma pinhata e Sump voou para trás, direto na base da terceira máquina de Leo. O ciclope era imune a chassis de caminhão, mas não a braços mecânicos que podiam desferir golpes com muita força. O terceiro braço do guindaste o golpeou contra o chão tão forte que ele explodiu em pó como um saco de farinha rasgado.

Dois ciclopes a menos. Leo estava começando a se sentir o Comandante Cinto de Ferramentas quando Ma Gasket fixou seus olhos nele. Ela pegou o guindaste mais próximo e o arrancou do seu pedestal com um rugido selvagem.

— Você destruiu os meus filhos! Só *eu* posso destruí-los!

Leo socou um botão, e os dois braços restantes balançaram em ação. Ma Gasket pegou o primeiro e o dilacerou no meio. O segundo a acertou em cheio na cabeça, mas aquilo só pareceu enfurecê-la mais. Ela agarrou o braço pelas pinças, arrancou-o e o balançou no alto como um taco de beisebol. Não acertou Piper e Jason por pouco. Então Ma Gasket o soltou — lançando-o em direção a Leo. Ele gritou e rolou para um lado enquanto a máquina ao lado dele era destruída.

Leo começou a pensar que uma mãe ciclope com raiva não era algo que você queira lutar com um controle remoto universal e uma chave de fenda. O futuro para o Comandante Cinto de Ferramentas não estava parecendo tão incrível.

Ela estava a aproximadamente seis metros dele agora, do lado do fogo. Seus punhos estavam cerrados, seus dentes a mostra. Ela parecia ridícula com seu *muumuu* e com suas tranças sebentas — mas dado o olhar assassino no seu grande olho vermelho e o fato que ela tinha seis metros de altura, Leo não estava rindo.

— Mais algum truque, semideus? — perguntou Ma Gasket.

Leo olhou para cima. O bloco de motor suspenso na corrente — se ele tivesse tempo de usá-lo. Se pudesse fazer com que Ma Gasket desse mais um passo a frente. A corrente em si... Aquele elo... Leo não conseguia ver, especialmente de tão longe, mas seus sentidos lhe disseram que o metal estava desgastado.

— Sim, tenho mais truques! — Leo levantou seu controle remoto. — Dê mais um passo, e eu vou te destruir com fogo!

Ma Gasket riu.

— Ah, é? Ciclopes são imunes a fogo, seu idiota. Mas se você deseja brincar com chamas, deixe-me ajudar!

Ela escavou brasas vermelhas e quentes com as mãos nuas e as arremessou em Leo. Todas pousaram ao redor dos seus pés.

— Você errou — disse ele incredulamente.

Então Ma Gasket sorriu e levantou um barril do lado do caminhão. Leo só teve tempo de ler a palavra gravada nele: QUEROSENE antes de Ma Gasket jogar. O barril se quebrou no chão em frente a ele, derramando o combustível por todo lado.

Brasas reluziram. Leo fechou os olhos, e Piper gritou:

— Não!

Uma coluna de fogo ergueu-se ao redor do garoto. Quando Leo abriu os olhos, ele estava banhado em chamas redemoinhando em seis metros no ar.

Ma Gasket riu alto em deleito, mas Leo não se queimaria. O querosene extinguiu, e o fogo morreu em pequenos fragmentos ardentes no chão.

— Leo? — Piper ofegou.

Ma Gasket ficou surpresa.

— Você está vivo? — Então ela deu aquele passo extra para frente, que a colocou exatamente onde Leo queria. — O que você é?

— O filho de Hefesto — disse Leo. — E eu lhe alertei que te destruiria com fogo.

Ele apontou um dedo para o ar e convocou todo o seu poder. Ele nunca tentara fazer algo tão direcionado e intenso — mas ele lançou uma rajada de chamas brancas e ardentes para a corrente que suspendia o motor sobre a cabeça da ciclope — direcionando para o elo que parecia mais fraco.

As chamas morreram. Nada aconteceu. Ma Gasket riu.

— Uma tentativa impressionante, filho de Hefesto. Se passaram vários séculos desde que vi um manipulador de fogo. Você dará um aperitivo forte!

A corrente estalou — aquele único elo fora aquecido além do seu ponto de tolerância — e o motor caiu, mortífero e silencioso.

— Eu acho que não — disse Leo.

Ma Gasket nem teve tempo de olhar para cima.

Smash! Sem mais ciclopes — só uma pilha de pó sob um motor de cinco toneladas.

— Não é imune a motores, hein? — disse Leo. — Já era!

Então ele caiu aos joelhos, sua cabeça zumbindo. Depois de alguns minutos percebeu que Piper estava chamando o seu nome.

— Leo! Você está bem? Pode se mexer?

Ele tropeçou nos pés. Nunca tentara convocar tal intensidade de fogo antes, e aquilo havia lhe deixado completamente drenado.

Demorou um pouco de tempo para descer Piper das suas correntes. Então, juntos, eles baixaram Jason, que ainda estava inconsciente. Piper conseguiu escorrer um pouco de néctar na sua boca, e ele grunhiu. O inchaço na cabeça começou a diminuir. A sua cor voltou aos poucos ao normal.

— É, ele tem uma cabeça bem dura — disse Leo. — Acho que ele vai ficar bem.

— Graças a Deus. — Piper suspirou. Então ela olhou para Leo com um pouco de medo. — Como você... o fogo... você sempre...?

Leo olhou para o chão.

— Sempre — disse ele. — Eu sou uma aberração perigosa. Desculpe, eu devia ter contado para vocês antes, mas...

— Desculpa? — Piper socou seu braço. Quando ele olhou para cima, ela estava sorrindo. — Aquilo foi incrível Valdez! Você salvou nossas vidas. Por que está se desculpando?

Leo piscou. Ele começou a sorrir, mas seu alívio foi embora quando percebeu algo nos pés de Piper.

Um pó amarelo — os restos pulverizados de um dos ciclopes, talvez Torque — estava se movendo no chão como se uma brisa invisível estivesse a ajudasse a se reagrupar.

— Eles estão se formando de novo — disse Leo. — Olha.

Piper afastou-se daquilo.

— Não é possível. Annabeth me disse que os monstros se dissipam quando são mortos. Eles voltam ao Tártaro e não podem retornar por um longo tempo.

— Bom, ninguém falou isso à poeira. — Leo observou enquanto o pó se amontoava numa pilha e, bem devagar, se espalhava formando braços e pernas.

— Ah, deus. — Piper ficou pálida. — Bóreas disse algo sobre isso... sobre a terra revelando horrores. *Quando os monstros já não estiverem mais no Tártaro e almas já não estiverem confinadas no Hades...* Quanto tempo você acha que temos?

Leo pensou sobre o rosto que se formara no chão do lado de fora — a mulher adormecida que era *definitivamente* um horror da terra.

— Eu não sei — disse ele. — Mas precisamos sair daqui.

XXV

JASON

Jason sonhou que estava preso em correntes, pendurado de cabeça para baixo como um pedaço de carne. Tudo doía – seus braços, pernas, peito, cabeça. Especialmente a sua cabeça. Parecia que dentro dela tinha um balão de água.

— Se estou morto — ele murmurou — por que dói tanto?

— Você não está morto, meu herói — disse a voz de uma mulher. — Não é a sua hora. Venha, fale comigo.

Os pensamentos de Jason deixaram seu corpo. Ele ouviu monstros gritando, seus amigos berrando, explosões ardentes, mas tudo parecia estar acontecendo em outro plano de existência – se distanciando cada vez mais.

Ele se encontrou de pé numa prisão de terra. Raízes de árvore e pedras redemoinhavam juntas como grades, confinando-o. Do lado de fora, ele podia ver o chão seco de um espelho d'água, e uma espiral de terra

crescendo mais ao longe. Acima dele, as ruínas avermelhadas de uma casa que fora incendiada.

Do seu lado na prisão havia uma mulher sentada de pernas cruzadas usando roupas pretas, sua cabeça coberta por uma mortalha. Ela colocou seu véu de lado, revelando um rosto era orgulhoso e bonito – mas também endurecido pelo sofrimento.

— Hera — disse Jason.

— Bem-vindo a minha prisão — disse a deusa. — Você não morrerá hoje, Jason. Seus amigos o ajudarão... por enquanto.

— Por enquanto? — perguntou ele.

Hera gesticulou em direção às grades da sua prisão.

— Provações piores estão por vir. A própria terra se ergue contra nós.

— Você é uma deusa — disse Jason. — Por que não pode escapar?

Hera sorriu, triste. Sua forma começou a brilhar, até o seu brilho encher a prisão com luz dolorosa. O ar zuniu em poder, moléculas se dividindo em pedaços como uma explosão nuclear. Jason suspeitou que se estivesse ali em carne e osso, teria sido vaporizado.

A prisão deveria ter sido explodida. O chão deveria ter rachado e a casa em ruínas deveria ter sido demolida. Mas quando o brilho morreu, a cela não tinha mudado em nada. Nada do lado de fora das barras mudara. Só Hera parecia diferente... um pouco mais curvada e cansada.

— Alguns poderes são ainda maiores que os deuses — disse ela. — Eu não sou facilmente contida. Posso estar em vários lugares ao mesmo tempo. Mas quando a maior parte da minha essência é capturada, posso dizer que é como um urso preso pelo pé numa armadilha. Não posso escapar, e estou escondida dos olhos dos outros deuses. Só você pode me encontrar, e eu fico mais fraca a cada dia.

— Então por que você veio aqui? — perguntou Jason. — Como você foi pega?

A deusa suspirou.

— Não saberia dizer ao certo. Seu pai, Júpiter acredita que pode se retrair do mundo, e assim acalmar nossos inimigos, colocando-os novamente para dormir. Ele acredita que nós, olimpianos, nos envolvemos demais nos assuntos dos mortais, nos destinos dos nossos filhos semideuses, especialmente desde que concordamos reclamar todos eles depois da guerra. Ele acredita que isso fez nossos inimigos se agitarem. É por isso que fechou o Olimpo.

— Mas você não concorda.

— Não — disse ela. — Na maioria das vezes, não entendo os modos do meu marido ou suas decisões, mas até para Zeus, isso pareceu paranoia. Eu não posso entender por que ele estava tão convencido. Isso... não era característico dele. Como Hera, eu posso ter me contentado em seguir os desejos do meu senhor. Mas eu também sou Juno.

Sua imagem tremeluziu, e Jason viu a armadura sob suas simples vestes negras, além de uma capa de pele de cabra – o símbolo de um guerreiro romano – e um bastão de bronze.

— Já me chamaram uma vez de Juno Moneta, Aquela Que Adverte. Eu fui guardiã do Estado, patrona da Roma Eterna. Eu não podia descansar enquanto os descendentes do meu povo eram atacados. Senti perigo nesse lugar sagrado. Uma voz... — Ela hesitou. — Uma voz me disse que eu devia vir aqui. Os deuses não têm o que você pode chamar de consciência, nem temos sonhos; mas a voz era assim... suave e persistente, me alertando para vir aqui. E então no mesmo dia Zeus fechou o Olimpo, fugi sem lhe contar os meus planos para que ele não pudesse me parar. E eu vim aqui para investigar.

— Era uma armadilha — disse Jason.

A deusa assentiu.

— Mas só descobri tarde demais que a terra estava se agitando. Eu fui ainda mais tola que Júpiter, uma escrava dos meus próprios impulsos. Foi exatamente assim que aconteceu da primeira vez. Fui aprisionada pelos gigantes, e isso desencadeou uma guerra. Agora os nossos inimigos se erguem novamente. Os deuses só podem derrotá-los com a ajuda dos maiores heróis vivos. E aquela a quem os gigantes servem... *ela* não pode ser absolutamente detida... poderá no máximo adormecer.

— Eu não entendo.

— Você entenderá em breve — disse Hera.

A prisão começou a ficar mais apertada, as gavinhas espiralando mais firmes. A forma de Hera se despedaçou como a chama de uma vela na brisa. Fora da prisão, Jason pôde ver formas se reunindo em volta da piscina – humanoides pesados com costas encurvadas e carecas. A menos que os olhos de Jason o estivessem enganando, eles tinham mais que um par de braços. Ele ouviu lobos também, mas não os lobos que vira com Lupa. Ele percebeu em seus uivos que era uma matilha diferente – mais faminta, mais agressiva, sedenta por sangue.

— Depressa, Jason — disse Hera. — Meus carcereiros se aproximam, e você começou a acordar. Eu não serei forte o suficiente para aparecer para você novamente, nem nos sonhos.

— Espere — disse ele. — Bóreas nos disse que você fez um jogo perigoso. O que ele quis dizer?

Os olhos de Hera pareceram selvagens, e Jason se perguntou se ela realmente *fizera* algo maluco.

— Uma troca — disse ela. — O único jeito de trazer paz. A inimiga conta com nossas divisões, e se estivermos divididos, *seremos* destruídos.

Você é minha oferta de paz, Jason, uma ponte para superar um milênio de ódio.

— O que? Eu não...

— Não posso lhe dizer mais — disse Hera. — Você só viveu tanto tempo porque peguei sua memória. Encontre esse lugar. Volte ao seu ponto de partida. Sua irmã irá ajudar.

— Thalia?

A cena começou a dissolver.

— Adeus, Jason. Cuidado em Chicago. Sua inimiga mais mortal o espera lá. Se você for morrer, será pelas mãos dela.

— Quem? — perguntou ele.

Mas a imagem de Hera se desfez, e Jason acordou.

Seus olhos abriram.

— Ciclope!

— Uau, dorminhoco. — Piper sentava atrás dele no dragão de bronze, segurando sua cintura para mantê-lo em equilíbrio. Leo sentava na frente, dirigindo. Eles voavam pacificamente pelo céu de inverno como se nada tivesse acontecido.

— D-Detroit — gaguejou Jason. — Nós não caímos? Pensei...

— Está tudo bem — disse Leo. — Nós fugimos, mas você teve uma concussão forte. Como está se sentindo?

A cabeça de Jason palpitava. Ele se lembrou da fábrica, depois de estar descendo a passarela, e uma criatura aparecendo subitamente sobre ele – um rosto com um olho, um punho pesado – e tudo ficou preto.

— Como vocês... o ciclope...

— Leo os demoliu em pedaços — disse Piper. — Ele foi incrível. Ele pode produzir fogo...

— Não foi nada — disse Leo rapidamente.

Piper riu.

— Cale a boca, Valdez. Eu vou contar para ele. Continue dirigindo.

E assim ela fez. Contou como Leo, sozinho, derrotou a família dos ciclopes; como eles libertaram Jason, depois notaram os ciclopes começando a reformar-se; como Leo recolocara a fiação do dragão e os colocaram de volta no ar assim que começaram a ouvir os ciclopes rugindo por vingança dentro da fábrica.

Jason estava impressionado. Tirar três ciclopes do caminho sem nada a não ser um kit de ferramentas? Nada mau. Ele não ficou assustado ao saber o quão próximo esteve da morte, mas isso o fez se sentir horrível. Ele entrou direto numa emboscada e passou a luta toda nocauteado enquanto seus amigos se viravam. Que tipo de líder ele era?

Quando Piper lhe contou sobre a outra criança que os ciclopes alegaram ter comido, aquela da camisa roxa que falava latim, Jason sentiu que sua cabeça ia explodir. Um filho de Mercúrio... Jason sentiu que devia conhecer aquela criança, mas o nome estava perdido da sua mente.

— Eu não estou sozinho, então — disse ele. — Há outros como eu.

— Jason — disse Piper — você nunca esteve sozinho. Você tem a gente.

— Eu... eu sei... mas algo que Hera disse. Eu estava tendo um sonho...

Ele lhes contou o que viu, e o que a deusa dissera na sua prisão.

— Uma troca? — perguntou Piper. — O que significa?

Jason balançou a cabeça.

— Mas o jogo de Hera sou *eu*. Só por me mandar para ao Acampamento Meio-Sangue, tenho a sensação de que ela quebrou algum tipo de regra, algo que poderia dar muito errado...

— Ou nos salvar — disse Piper esperançosamente. — Essa parte sobre a inimiga adormecida, parece a senhora que Leo nos contou.

Leo limpou a garganta.

— Sobre isso... ela meio que apareceu para mim lá em Detroit, numa poça de esgoto de banheiro químico.

Jason não teve certeza se ouviu aquilo direito.

— Você disse... banheiro químico?

Leo lhes contou sobre o grande rosto no jardim da fábrica.

— Eu não sei ela é completamente indestrutível — disse ele — mas ela não pode ser detida por assentos de vasos sanitários. Eu posso garantir isso. Ela queria que eu traísse vocês, e eu fiquei tipo, "Aham, certo, eu vou dar ouvidos a um rosto no esgoto químico".

— Ela está tentando nos dividir. — Piper escorregou seus braços da cintura de Jason.

Ele podia sentir sua tensão sem olhar para ela.

— Qual é o problema? — perguntou ele.

— E só... Por que eles estão brincando conosco? Quem é aquela mulher, e qual a conexão dela com Encélado?

— Encélado? — Jason não achou que ouvira aquele nome antes.

— Digo... — Piper disse em voz trêmula. — É um dos gigantes. Apenas um dos nomes eu pude lembrar.

Jason teve a sensação que havia muito mais a perturbando, mas ele decidiu não pressioná-la. Ela tivera uma manhã agitada.

Leo coçou a cabeça.

— Bem, não sei sobre *enchilada*...

— Encélado — corrigiu Piper.

— Não importa. Mas o Rosto de Esgoto mencionou outro nome. Algo como Porfélio...

— Porfírio? — perguntou Piper. — Ele era o rei gigante, eu acho.

Jason visualizou aquela espiral escura no tanque refletor antigo – crescendo mais larga enquanto Hera enfraquecia.

— Vou dar um chute — disse ele. — Nas histórias antigas, Porfírio raptou Hera. Foi o estopim da guerra entre os gigantes e os deuses.

— Acho que sim — concordou Piper. — Mas aqueles mitos são realmente confusos e incoerentes. É quase como se não quisessem que essa história fosse lembrada. Eu só lembro que houve uma guerra, e os gigantes eram quase impossíveis de matar.

— Heróis e deuses tiveram que trabalhar juntos — disse Jason. — Foi o que Hera me disse.

— Um pouco difícil de fazer — grunhiu Leo — se os deuses nem vão falar com a gente.

Eles voaram para o oeste, e Jason ficou perdido nos seus pensamentos – todos ruins. Ele não sabia quanto tempo passou antes do dragão mergulhar por um intervalo nas nuvens, e abaixo deles, brilhando no sol de inverno, uma cidade à beira de um lago enorme. Uma fileira de arranha-céus alinhava a costa. Atrás deles, espalhando para o horizonte do oeste, uma vasta grade de bairros e estradas cobertos de neve.

— Chicago — disse Jason.

Ele pensou sobre o que Hera dissera no seu sonho. Sua inimiga mortal o estaria esperando aqui. Se ele fosse morrer, seria pelas mãos dela.

— Um problema a menos — disse Leo. — Chegamos aqui vivos. Agora, como encontramos os espíritos da tempestade?

Jason viu um brilho de movimento abaixo deles. A princípio ele pensou que fosse um avião pequeno, mas era muito pequeno, muito escuro e rápido. A coisa espiralava na direção dos arranha-céus, tecendo e mudando de forma – e, só por um momento ganhou a forma esfumaçada de um cavalo.

— Que tal seguirmos aquele — sugeriu Jason — e ver aonde ele vai?

XXVI

JASON

Jason teve medo de que eles perdessem o alvo. O *ventus* se movia como... bem, como o vento.

— Acelera! — ele dizia.

— Cara — disse Leo — se eu chegar mais perto, ele vai nos localizar. Dragão de bronze não é exatamente um avião discreto.

— Diminua — gritou Piper.

O espirito da tempestade mergulhou na grade de ruas na parte baixa da cidade. Festus tentou seguir, mas as envergaduras das asas eram muito largas. Sua asa esquerda bateu no canto de um prédio, cortando fora uma gárgula de pedra antes de Leo subir.

— Fique acima dos edifícios — sugeriu Jason. — Vamos rastreá-lo de lá.

— Você quer dirigir essa coisa? — Leo grunhiu, mas fez o que Jason pediu.

Depois de alguns minutos, Jason localizou o espirito da tempestade novamente, silvando pelas ruas com nenhum propósito aparente – soprando pedestres, agitando bandeiras, fazendo carros desviarem.

— Ah, ótimo — disse Piper. — São dois.

Ela tinha razão. Um segundo *ventus* saiu como uma rajada do canto do Hotel da Renascença e se uniu com o primeiro. Eles se misturaram numa dança caótica, subiram para o topo de um arranha-céu, curvando uma torre de rádio, e mergulhando de volta para a rua.

— Esses aí *não* precisam de mais cafeína — comentou Leo.

— Acho que Chicago é um bom lugar para se exporem — disse Piper. — Ninguém vai questionar mais um par de ventos malignos.

— Mais que um par — disse Jason. — Olhem.

O dragão circulou uma vasta avenida perto de um parque ao lado de um lago. Espíritos da tempestade estavam convergindo – pelo menos uma dúzia deles, rodopiando ao redor de uma grande instalação de arte pública.

— Qual você acha que é Dylan? — perguntou Leo. — Quero jogar alguma coisa nele.

Mas Jason focou na instalação de arte. Quanto mais perto chegavam, mais rápido o seu coração batia. Era só uma fonte pública, mas era desagradavelmente familiar. Dois monólitos de cinco andares da altura se erguiam de cada lado de um longo tanque refletor de granito. Eles pareciam ser feitos de telas de vídeo brilhando a imagem combinada de um rosto gigante que cuspia água no tanque.

Talvez fosse coincidência, mas ele parecia uma versão tecnológica e em tamanho enorme daquele espelho d'água de granito que ele vira nos sonhos, com aquelas duas massas escuras crescendo de cada lado. Enquanto Jason observava, a imagem nas telas mudou para o rosto de uma mulher com os olhos fechados.

— Leo... — disse ele nervosamente.

— Eu vi — disse Leo. — Não gostei, mas eu vi.

Então as telas ficaram escuras. Os *venti* redemoinharam juntos num único funil de nuvem e deslizaram pela fonte, erguendo no ar uma tromba d'água

quase tão alta quanto os monólitos. Eles foram para o centro dela, revelando a cobertura de um fosso, e desapareceram sob o chão.

— Eles desceram para um fosso? — perguntou Piper. — Como vamos segui-los?

— Talvez não devêssemos — disse Leo. — Aquela fonte está me dando vibrações seriamente negativas. E não devíamos, tipo, ter cuidado com a terra?

Jason sentiu o mesmo, mas eles tinham que seguir. Era o único caminho em frente para eles. Eles tinham que encontrar Hera, e agora só tinham dois dias até o solstício.

— Aterrisse no parque — sugeriu ele. — Vamos verificar isso a pé.

Festus pousou numa área aberta entre o lago e o horizonte. As placas diziam "Parque Grant", e Jason imaginou que seria um bom lugar no verão; mas agora era um campo de gelo, neve e trilhas cobertas de sal. Os pés quentes do dragão de metal chiaram enquanto ele aterrissava. Festus bateu as asas tristemente e atirou fogo no céu, mas não havia ninguém por perto para notar. O vento vindo do lago era desagradavelmente gelado e penetrante. Qualquer um com senso estaria dentro de casa. Os olhos de Jason ardiam tanto que ele mal podia ver.

Eles desmontaram, e o dragão Festus bateu os pés. Um dos seus olhos de rubi tremeluziu, de forma que parecia que ele estava piscando.

— Isso é normal? — perguntou Jason.

Leo puxou um pedaço de borracha do seu cinto ferramentas. Ele passou no olho ruim do dragão, e a luz voltou ao normal.

— Sim — disse Leo. — Festus não pode ficar a aqui, no meio do parque. Eles irão detê-lo por vadiagem. Talvez se eu tivesse um apito de cachorro...

Ele remexeu seu cinto de ferramentas, mas não encontrou nada.

— Talvez seja específico demais. Ok, me dê um apito de trânsito. Eles têm vários desses em oficinas mecânicas.

Dessa vez, Leo tirou um grande apito de plástico laranja.

— O Treinador Hedge ficaria com inveja! Ok, Festus, ouça. — Leo assoprou o apito. O som agudo provavelmente soou por todo o caminho pelo Lago Michigan. — Você ouve isso, e vem me pegar, ok? Até lá, voe para onde quiser. Só tente não tente cozinhar algum pedestre.

O dragão bufou – esperançosamente em concordância. Então ele abriu as asas e se lançou no ar.

Piper deu um passo e estremeceu.

— Ai!

— Seu tornozelo? — Jason se sentiu mal por ter esquecido seu ferimento na fábrica ciclope. — Aquele néctar que lhe demos deve estar perdendo o efeito.

— Está tudo bem.

Ela tremeu, e Jason se lembrou sua promessa de lhe arranjar um novo casaco de *snowboard*. Ele esperou que vivesse o bastante para conseguir um.

Ela deu mais alguns passos com manquejando levemente, mas Jason via que ela estava tentando não fazer careta.

— Vamos sair desse vento — sugeriu ele.

— Descendo um fosso? — Piper estremeceu. — Parece aconchegante.

Eles se agasalharam o máximo que puderam e rumaram para a fonte.

Segundo a placa, se chamava Fonte da Coroa. Toda a água esvaziara, exceto por algumas poças que estavam começando a congelar. Afinal, não parecia certo para Jason que a fonte tivesse água no inverno. Mais uma vez, aqueles grandes monitores brilhavam o rosto da misteriosa inimiga Mulher-Poeira. Nada nesse lugar estava certo.

Eles foram até o centro do tanque. Nenhum espirito tentou pará-los. As paredes do monitor gigante ficaram escuras. O buraco do fosso era grande o suficiente para uma pessoa, e uma escada de manutenção descia na escuridão.

Jason foi primeiro. Enquanto descia, ele se preparou para cheiros horríveis de cano de esgoto, mas não era tão ruim. A escada descia num túnel de alvenaria correndo de norte a sul. O ar era quente e seco, e apenas um fio de água corria pelo chão.

Piper e Leo desceram atrás dele.

— Todos os canos de esgoto são agradáveis assim? — Piper se admirou.

— Não — disse Leo. — Confie em mim.

Jason franziu a testa.

— Como você sabe...?

— Ei, cara, eu já fugi seis vezes. Já dormi em alguns lugares estranhos, ok? Agora, para que lado vamos?

Jason abaixou a cabeça, ouvindo, depois apontou para o sul.

— Por aqui.

— Como pode ter certeza? — perguntou Piper.

— Há uma corrente de ar soprando para o sul — disse Jason. — Talvez os *venti* tenham ido com o fluxo.

Não era exatamente uma garantia, mas ninguém tinha uma ideia melhor.

Infelizmente, assim que começaram a andar, Piper tropeçou. Jason teve que segura-la.

— Tornozelo estúpido — xingou.

— Vamos descansar — decidiu Jason. — Poderíamos todos fazer isso. Estivemos trabalhando sem descanso por mais de um dia. Leo, você pode puxar alguma comida desse cinto de ferramentas além de balas de menta?

— Pensei que você nunca fosse pedir. *Chef* Leo na área!

Piper e Jason sentaram numa saliência de tijolos enquanto Leo revirava seu cinto.

Jason estava contente em descansar. Ele ainda estava cansado e atordoado, e faminto, também. Mas, acima de tudo, ele não estava ansioso para encarar o que quer que estivesse pela frente. Ele virou sua moeda dourada nos dedos.

Se você for morrer, Hera advertira, *será pelas mãos dela.*

Quem seria "ela". Depois de Quione, a mãe dos ciclopes e a estranha senhora adormecida, a última coisa que Jason precisava era outra vilã psicótica em sua vida.

— Não foi sua culpa — disse Piper.

Ele olhou para ela vagamente.

— O quê?

— Ser capturado pelos ciclopes — disse ela. — Não foi sua culpa.

Ele abaixou o olhar para a moeda na sua palma.

— Eu fui burro. Te deixei sozinha e caí numa armadilha. Eu devia saber...

Ele não terminou. Havia muitas coisas que ele devia saber – quem ele era, como lutar com monstros, como ciclopes iludiam suas vítimas imitando vozes e se escondendo em sombras e uma centena de outros truques. Toda aquela informação devia estar em sua cabeça. Ele podia sentir os lugares onde devia estar – como bolsos vazios. Se Hera queria que ele tivesse sucesso, por que ela roubara as memórias que podiam ajudá-lo? Ela falou que sua amnésia o manteve vivo, mas aquilo não fazia sentido. Ele estava começando a entender porque Annabeth queria deixar a deusa na sua prisão.

— Ei. — Piper cutucou seu braço. — Se dê uma folga. Só porque você é filho de Zeus, não significa que valha por um exército inteiro.

Alguns metros de distância, Leo acendeu um pequeno fogo para cozinhar. Ele cantava enquanto tirava suprimentos da mochila e do cinto de ferramentas.

Na luz do fogo, os olhos de Piper pareciam dançar. Jason estivera estudando-os por dias agora, e ainda não podia decidir de que cor eles eram.

— Eu sei que isso deve ser uma droga pra você — disse ele. — Não só a missão, quero dizer. O jeito que apareci no ônibus, a Névoa brincando com a sua mente, e lhe fazendo pensar que eu era... você sabe.

Ela abaixou seu olhar.

— É, bem. Nenhum de nós pediu por isso. Não é sua culpa.

Ela tocou nas pequenas tranças caídas ao lado do seu rosto. Mais uma vez, Jason pensou em como estava contente por ela ter perdido a benção de Afrodite. Com a maquiagem, o vestido e o cabelo perfeito, ela parecia ter vinte e cinco anos, fascinante, e completamente demais para ele. Ele nunca pensara em beleza como uma forma de poder, mas era o jeito que Piper parecera – *poderosa.*

Ele gostava mais da Piper normal – alguém com quem ele podia aparecer. Mas a coisa estranha era que ele não conseguia tirar aquela outra imagem da sua cabeça. Não fora uma ilusão. Aquele lado de Piper estava ali também. Ela só fazia o melhor para escondê-lo.

— Lá na fábrica — disse Jason — você ia falar algo sobre seu pai.

Ela contornou o traçado dos tijolos com os dedos, quase como se estivesse escrevendo o que não era capaz de verbalizar.

— Ia?

— Piper — disse ele — ele está em algum tipo de perigo, não está?

No fogo, Leo mexia em alguns pimentões e carne numa panela.

— *É isso aí!* Quase lá.

Piper parecia a ponto de chorar.

— Jason... eu não posso falar a respeito disso.

— Somos seus amigos. Nos deixe ajudar.

Aquilo pareceu lhe fazer se sentir pior. Ela respirou fundo, trêmula.

— Eu queria poder, mas...

— Bingo! — anunciou Leo.

Ele voltou com três bandejas empilhadas nos braços como um garçom. Jason não tinha ideia de onde ele conseguira toda a comida, ou como reuniu tudo tão rápido, mas parecia incrível pimenta e tacos de carne com batata e salsa.

— Leo — disse Piper em espanto. — Como você...

— A Garagem de Taco do *Chef* Leo sempre resolve tudo! — disse ele orgulhosamente. — E a propósito, é tofu, e não carne, rainha da beleza, então pode comer tranquilamente. Vá em frente!

Jason não gostou muito do tofu, mas os tacos tinham um gosto tão bom quanto o cheiro. Enquanto comiam, Leo tentou animar o astral fazendo piadas. Jason estava grato por Leo estar com eles. Fazia estar com Piper um pouco menos intenso e desconfortável. Ao mesmo tempo, ele meio que esperava que *estivesse* sozinho com ela; mas se repreendeu por sentir aquilo.

Depois de Piper comer, Jason a encorajou para dormir um pouco. Sem discutir, ela enrolou o cabelo e colocou a sua cabeça no colo de Jason. Em dois segundos ela estava roncando.

Jason olhou para Leo, que estava obviamente tentando não rir.

Eles se sentaram em silêncio por alguns minutos, bebendo limonada que Leo fizera de um cantil de água e um pó.

— Bom, hein? — Leo sorriu.

— Você devia abrir uma barraquinha — disse Jason. — Poderia ganhar um bom dinheiro.

Mas enquanto ele olhava para as brasas do fogo, algo começou a incomodá-lo.

— Leo... sobre o negócio do fogo que você pode fazer... é verdade?

O sorriso de Leo vacilou.

— É, bem... — Ele abriu a mão. Uma pequena bola de fogo se acendeu, dançando pela sua palma.

— Isso é tão legal — disse Jason. — Por que não disse antes?

Leo fechou sua mão e o fogo morreu.

— Não queria parecer uma aberração.

— Eu tenho o poder de controlar os raios e o vento — lembrou-o Jason. — Piper pode ficar bonita e encantar as pessoas para lhe darem BMWs. Você

não é uma aberração mais do que nós somos. E, ei, talvez você possa voar, também. Tipo, pular de um prédio e gritar, "Em chamas!"

Leo bufou.

— Se eu fizesse isso, você veria um garoto em chamas caindo para a morte, e estaria gritando algo um pouco mais forte que "Em chamas!" Confie em mim, o chalé de Hefesto não encara isso como algo tão legal. Nyssa me disse que eles são muito raros. Quando um semideus como eu está por perto, coisas ruins acontecem. *Realmente* ruins.

— Talvez seja ao contrário — sugeriu Jason. — Talvez as pessoas com dons especiais apareçam quando coisas ruins estão acontecendo, porque é quando eles são mais necessários.

Leo limpou os pratos.

— Talvez. Mas estou te dizendo... não é sempre um dom.

Jason ficou em silêncio.

— Você está falando sobre sua mãe, não está? A noite em que ela morreu.

Leo não respondeu. Ele nem precisava. O fato de que ele estava quieto, sem fazer piadas – aquilo já dizia o suficiente para Jason.

— Leo, a morte dela não foi sua culpa. O que quer que tenha acontecida naquela noite... não foi porque você podia convocar fogo. Essa Mulher-Poeira, quem quer que seja, estivera tentando lhe arruinar por anos, bagunçar sua confiança, lhe tirar tudo que você se importa. Ela está tentando fazer com que você se sinta um fracasso. Você não é. Você é importante.

— Foi o que ela disse. — Leo ergueu o olhar, seus olhos cheios de dor. — disse ela que eu iria fazer algo importante, algo que iria frear ou quebrar aquela grande profecia sobre os sete semideuses. É o que me assusta. Não sei se estou preparado para isso.

Jason queria lhe dizer que tudo ficaria bem, mas soaria falso. Jason não sabia o *que* aconteceria. Eles eram semideuses, o que significava que às vezes as coisas não acabavam bem. Às vezes você é comido pelo ciclope.

Se você perguntasse a maioria das crianças, "Ei, vocês querem convocar fogo ou raio ou maquiagem mágica?" elas achariam que parecia bastante legal. Mas aqueles poderes traziam coisas difíceis, como sentar num cano de esgoto no meio do inverno, correr de monstros, perder a memória, assistir seus amigos serem quase cozidos e ter sonhos que lhe alertavam sobre a sua própria morte.

Leo atiçou as sobras do seu fogo, virando brasas vermelhas com sua mão nua.

— Você já se perguntou sobre os outros quatro semideuses? Digo... se somos os três da Grande Profecia, quem são os outros? Cadê eles?

Jason pensara nisso, certo, mas ele tentara tirar isso da sua mente. Tinha uma suspeita horrível que esperariam que *ele* liderasse aqueles outros semideuses, e ele tinha medo de falhar.

Vocês destruirão uns aos outros, prometera Bóreas.

Jason fora treinado para nunca demonstrar medo. Ele tinha certeza daquilo pelo sonho com os lobos. Ele devia agir confiante, mesmo que não se sentisse assim. Mas Leo e Piper estavam dependendo dele, e ele estava aterrorizado em fracassar. Se tivesse que liderar um grupo de seis – que talvez não fossem se dar bem – aquilo seria pior ainda.

— Eu não sei — disse por fim. — Acho que os outros quatro irão aparecer quando chegar a hora. Quem sabe? Talvez eles estejam em outra missão agora mesmo.

Leo grunhiu.

— Aposto que o cano de esgoto deles é melhor que o nosso.

A corrente de ar tomou força, soprando em direção ao lado sul do túnel.

— Descanse um pouco, Leo — disse Jason. — Vou fazer a primeira vigia.

Era difícil medir o tempo, mas Jason calculou que seus amigos dormiram por aproximadamente quatro horas. Jason não se importou. Agora que ele estava descansado, não via realmente a necessidade de dormir mais. Ele dormira

tempo o suficiente no dragão. E ainda por cima, precisava de tempo para pensar sobre a missão sua irmã Thalia e os alertas de Hera. Ele também não se importou por Piper usá-lo de travesseiro. Ela tinha um jeito gracioso de respirar enquanto dormia – inalando pelo nariz, exalando com um pequeno sopro pela boca. Ele quase ficou desapontado quando ela acordou.

Finalmente, levantaram o acampamento e começaram a descer o túnel.

Ele se torcia, virava e parecia continuar para sempre. Jason não estava certo sobre o que esperar no fim – uma masmorra, um laboratório de cientista maluco, ou talvez um reservatório onde todos os esgotos de banheiros químicos acabavam, formando um rosto de banheiro maligno grande o bastante para engolir o mundo.

No entanto, eles encontraram portas de elevador polidas de aço, cada uma entalhada com uma letra cursiva *M*. Do lado do elevador havia um mapa, como o de um *shopping*.

— A inicial de alguma loja? Talvez uma loja de departamento? — Piper chutou. — Acho que eles têm algumas na parte baixa de Chicago.

— Ou M de Motores Monóculo? — disse Leo. — Gente, leiam o mapa. Está meio confuso.

Estacionamento, Canil, Entrada Principal	Andar do esgoto
Móveis e Cafeteria M	1
Moda Feminina e Aparelhos Mágicos	2
Moda Masculina e Armamento	3
Cosméticos, Poções, Venenos & Miudezas	4

— Canil para quê? — disse Piper. — E que tipo de *shopping* tem sua entrada num esgoto?

— Ou vende venenos? — disse Leo. — Cara, o que é que "miudezas" significa? Será roupa íntima?

Jason respirou fundo.

— Na dúvida, melhor começar por cima.

As portas deslizaram e abriram no quarto andar, e o aroma de perfume flutuou para o elevador. Jason saiu primeiro, espada pronta.

— Galera — disse Jason. — Vocês têm que ver isso.

Piper se juntou a ele e prendeu a respiração.

— Isso *não é* uma loja de departamento.

O *shopping* parecia o lado de dentro de um caleidoscópio. O teto inteiro era um mosaico de vidro com sinais astrológicos ao redor de um sol gigante. A luz do dia correndo por ele banhava tudo em milhões de cores diferentes. Os pisos superiores faziam um elo de balcões em volta de um saguão central imenso, de forma que eles podiam ver todo o caminho pelo térreo. Grades douradas resplandeciam tão claramente que era difícil olhar para elas.

Exceto pelo teto de vidro e o elevador, Jason não pôde ver outras janelas ou portas, mas dois conjuntos de escadas rolantes de vidro corriam entre os níveis. O tecido do tapete era uma exuberância de padrões orientais e cores, e as prateleiras de mercadoria eram do mesmo jeito bizarro. Havia muito para registrar de uma vez, mas Jason viu coisas normais como prateleiras de camisa e formas de sapatos misturados com manequins com armaduras, camas de prego e casacos de pele que pareciam estar se mexendo.

Leo andou até a grade e olhou para baixo.

— Venham ver.

No meio do saguão havia uma fonte jogando água a seis metros do chão, mudando de cor de vermelho para amarelo e azul. O reservatório brilhava com moedas de ouro, e em cada lado da fonte havia uma jaula dourada — como a gaiola de um canário em tamanho real.

Dentro de uma, um ciclone em miniatura redemoinhava, e raios reluziam. Alguém aprisionara os espíritos da tempestade, e a jaula estremecia enquanto eles tentavam sair. Na outra, congelado como uma estátua, havia um sátiro baixinho segurando um ramo de árvore.

— Treinador Hedge! — disse Piper. — Temos que chegar lá embaixo.

Uma voz disse:

— Posso lhes ajudar a encontrar alguma coisa?

Todos os três pularam para trás.

Uma mulher simplesmente *apareceu* na frente deles. Ela vestia um vestido preto elegante com joias de diamante, e parecia uma modelo afastada — talvez cinquenta anos de idade, mas era difícil para Jason julgar. Seu longo cabelo escuro caía sobre um ombro, e seu rosto era deslumbrante naquele modo surreal de supermodelo — fino, arrogante e frio, não exatamente humano. Com suas unhas longas pintadas de vermelho, seus dedos pareciam mais como garras.

Ela sorriu.

— Estou tão feliz por ver novos clientes. Como posso ajudá-los?

Leo olhou para Jason tipo: *Toda sua*.

— Hã — começou Jason — essa é a sua loja?

A mulher assentiu.

— Eu a encontrei abandonada. Eu acredito que há muitas lojas nesses dias. Decidi que faria o lugar perfeito. Eu amo colecionar objetos saborosos, ajudar pessoas, e oferecer coisas de qualidade a preços razoáveis. Então essa pareceu uma boa... como vocês dizem... primeira aquisição nesse país.

Ela falava num sotaque agradável, mas Jason não conseguiu adivinhar de onde era. Contudo, claramente ela não era perigosa. Jason começou a relaxar. Sua voz era rica e exótica. Jason queria ouvir mais.

— Então você é nova na América? — perguntou Jason.

— Eu sou... nova — concordou a mulher. — Eu sou a Princesa de Cólquida. Meus amigos me chamam de Vossa Alteza. Agora, o que estão procurando?

Jason ouvira falar sobre ricos estrangeiros construindo *shoppings* americanos. É claro que na maioria das vezes eles não vendiam venenos,

casacos de pele vivos, espíritos da tempestade ou sátiros, mas ainda assim — com uma voz gentil assim, a Princesa de Cólquida não poderia ser completamente má.

Piper o cutucou nas costelas.

— Jason...

— Hã, certo. Na verdade, Vossa Alteza... — Ele apontou para a jaula dourada no primeiro andar. — Aquele é um amigo nosso lá baixo, Gleeson Hedge. O sátiro. Poderíamos... pegá-lo de volta, por favor?

— É claro! — a princesa concordou imediatamente. — Eu amaria mostrá-los o meu inventário. Primeiro, posso saber seus nomes?

Jason hesitou. Parecia uma má ideia dar seus nomes. Uma memória veio do fundo da sua mente — algo que Hera alertara, mas parecia confuso.

Por outro lado, Vossa Alteza estava no limite de cooperação. Se eles pudessem conseguir o que queriam sem uma luta, seria melhor. Além disso, essa senhora não parecia uma inimiga.

Piper começou a dizer:

— Jason, eu não...

— Essa é Piper — disse ele. — Esse é Leo. Eu sou Jason.

A princesa ficou os olhos nele e apenas por um momento, seu rosto literalmente brilhou, queimando com tanta raiva que Jason pode ver seu crânio debaixo da pele. A mente de Jason estava ficando mais confusa, mas ele sabia que algo não parecia correto. Então o momento passou, e Vossa Alteza parecia uma normal e elegante mulher novamente, com um sorriso cordial e uma voz suave.

— Jason. Que nome interessante — disse ela, seus olhos tão frios quanto o ar de Chicago. — Acho que teremos de fazer um negócio especial com você. Venham, crianças. Vamos fazer compras.

XXVII

PIPER

Piper queria correr para o elevador.

Sua segunda escolha: atacar a princesa estranha agora, pois ela tinha certeza de que uma luta estava vindo. O jeito que o rosto da senhora brilhou quando ela ouvira o nome de Jason fora ruim o bastante. Agora Vossa Alteza estava sorrindo como se nada tivesse acontecido, e Jason e Leo não pareciam achar que havia algo errado.

A princesa gesticulou para o balcão de cosméticos.

— Devemos começar com poções?

— Legal — disse Jason.

— Gente — interrompeu Piper — estamos aqui para pegar os espíritos da tempestade e o Treinador Hedge. Se essa... *princesa é* realmente nossa amiga...

— Ah, eu sou melhor que uma amiga, minha querida — disse Vossa Alteza. — Eu sou uma vendedora. — Seus diamantes faiscaram, e seus

olhos brilharam como os de uma cobra: frios e obscuros. — Não se preocupe. Vamos descer para o primeiro andar, viu?

Leo assentiu ansiosamente.

— Claro! Parece uma boa ideia. Certo, Piper?

Piper lançou o seu melhor olhar cortante: *Não, não parece!*

— É claro que parece. — Vossa Alteza colocou suas mãos nos ombros de Leo e Jason e os guiou para os cosméticos. — Vamos, garotos.

Piper não teve muitas escolhas a não ser segui-los.

Ela odiava *shoppings* – especialmente porque era pega roubando vários deles. Bem, não exatamente *pega*, e não exatamente *roubando*. Ela falava para os vendedores lhe darem computadores, botas novas, anéis de ouro, uma vez até um cortador de grama, embora ela não tivesse ideia por que queria um. Ela nunca ficava com as coisas. Ela só fazia isso para chamar a atenção do pai. Geralmente falava para o entregador do bairro devolver tudo, mas naturalmente os vendedores notavam o que tinha feito e logo chamavam a polícia, que encontrava Piper.

Seja lá como fosse, ela não estava animada para voltar a um *shopping* – especialmente um dirigido por uma princesa louca que brilhava no escuro.

— E aqui — a princesa disse — poderão encontrar a melhor seleção de misturas mágicas do mundo.

O balcão estava lotado de béqueres borbulhantes e frascos fumegantes em tripés. Alinhando as prateleiras de exposição havia cantis de cristal – alguns com forma de cisnes ou de ursos. Os líquidos dentro deles eram de todas as cores, de branco brilhante a bolinhas. E os cheiros – eca! Alguns eram agradáveis, como biscoitos recém-cozidos ou rosas, mas eram misturados com aromas de pneu queimado, spray de gambá e armários de ginásio.

A princesa apontou para um frasco vermelho como sangue – um simples tubo de ensaio com uma rolha de cortiça.

— Esse cura qualquer doença.

— Até câncer? — perguntou Leo. — Lepra? Unha encravada?

— Qualquer doença, doçura. E esse frasco... — ela apontou para um recipiente em forma de cisne com liquido azul dentro — vai lhe matar muito dolorosamente.

— Incrível — disse Jason. Sua voz soava ofuscada e sonolenta.

— Jason — chamou Piper. — Temos um trabalho a fazer. Lembra?

Ela tentou colocar força nas suas palavras, envolver Jason com seu charme e tirá-lo do transe, mas sua voz soava trêmula até mesmo para ela. A princesa a assustara demais, fez a sua confiança se desintegrar, do mesmo jeito que ela se sentiu no chalé de Afrodite com Drew.

— Trabalho a fazer — murmurou Jason. — Certo. Mas compras primeiro, ok?

A princesa sorriu radiante para ele.

— Então temos poções para resistir ao fogo...

— Disso eu não preciso — disse Leo.

— Mesmo? — A princesa olhou o rosto de Leo mais de perto. — Você não parece estar usando meu filtro solar de marca registrada... mas não importa. Também temos poções que causam cegueira, insanidade, sono e...

— Espere. — Piper ainda estava olhando para o frasco vermelho. — Essa poção pode curar memória perdida?

A princesa estreitou os olhos.

— Possivelmente. Sim. Por que, minha querida? Você se esqueceu de algo importante?

Piper tentou manter sua expressão neutra, mas se aquele frasco pudesse curar a memória de Jason...

Eu realmente quero isso? perguntou-se Piper.

Se Jason descobrisse quem ele era, poderia não ser mais seu amigo. Hera tirara suas memórias por um motivo. Ela lhe dissera que era o único jeito de ele sobreviver ao Acampamento Meio-Sangue. E se Jason descobrisse que ele era o inimigo deles, ou algo parecido? Ele poderia sair da sua amnésia e decidir que odiava Piper. Poderia ter uma namorada de onde quer que ele viesse.

Não importa, ela decidiu, o que meio que a surpreendeu.

Jason sempre parecia tão aflito quando tentava lembrar-se das coisas. Piper odiava vê-lo daquela maneira. Ela queria ajudá-lo porque se importava com ele, mesmo se aquilo significasse perdê-lo. E talvez isso fizesse a viagem pelo *shopping* da Vossa Loucura lucrativa.

— Quanto custa? — perguntou Piper.

A princesa manteve um olhar distante nos seus olhos.

— Bem, agora... O preço é sempre algo relativo. Eu amo ajudar as pessoas. Honestamente, amo. E tento manter minhas ofertas, mas às vezes as pessoas me enganam — seu olhar caiu em Jason. — Uma vez, por exemplo, eu conheci um jovem bonito que queria um tesouro do reino de meu pai. Fizemos um trato, e prometi ajudá-lo a roubar.

— Do seu próprio pai? — Jason ainda parecia ter sua metade num transe, mas a ideia pareceu incomodá-lo.

— Ah, não se preocupe — disse a princesa. — Eu pedi um preço alto. O jovem tinha que me levar embora com ele. Ele era bastante bonito, elegante, forte... — Ela olhou para Piper. — Tenho certeza, minha querida, que você entende como uma pessoa pode ser atraída para um herói assim, e querer ajudá-lo.

Piper tentou controlar suas emoções, mas ela provavelmente corou. Teve a sensação arrepiante de que a princesa podia ler seus pensamentos.

Também achou a história da princesa perturbadoramente familiar. Peças dos mitos antigos que ela lera com seu pai começavam a se juntar, mas essa mulher não podia ser a que ela estava pensando.

— De qualquer forma — continuou Vossa Alteza — meu herói tinha que fazer várias tarefas impossíveis, e eu não estou me gabando quando digo que ele não poderia ter feito-as sem mim. Eu traí minha própria família para ajudar o herói, mas ainda assim ele trapaceou com o meu pagamento.

— Trapaceou? — Jason franziu a testa, como se tentasse lembrar-se de algo importante.

— Que confusão — disse Leo.

Vossa Alteza deu uma tapinha na sua bochecha afetuosamente.

— Tenho certeza de que você não precisa se preocupar, Leo. Você parece honesto. Você sempre pagaria um preço justo, não pagaria?

Leo assentiu.

— O que estávamos comprando mesmo? Vou levar dois.

Piper interrompeu.

— Então, o frasco, Vossa Alteza. Quanto custa?

A princesa avaliou as roupas de Piper, seu rosto, sua postura, como se colocasse uma etiqueta de preço num semideus levemente usado.

— Você daria qualquer coisa por ele, minha querida? — perguntou a princesa. — Eu acho que sim.

As palavras atingiram Piper como uma onda enorme. A força da sugestão quase a fez cair. Ela queria pagar qualquer preço. Ela queria dizer sim.

Então seu estômago se torceu. Piper percebeu que ela estava sendo encantada. Ela sentira algo assim antes, quando Drew falou na fogueira, mas isso era um milhão de vezes mais potente. Por isso que seus amigos

estavam daquela maneira. Era *isso* que as pessoas sentiam quando Piper usava seu charme? Uma sensação de culpa a cobriu.

Ela chamou toda a sua força de vontade.

— Não, eu não vou pagar *qualquer* preço. Mas um preço justo, talvez. Depois disso, precisamos partir. Certo, garotos?

— Partir? — disse Jason.

— Você diz... depois das compras? — perguntou Leo.

Piper queria gritar, mas a princesa abaixou sua cabeça, examinando Piper com respeito recém-encontrado.

— Impressionante — disse a princesa. — Não são muitas as pessoas que resistem às minhas sugestões. Você é filha de Afrodite, minha querida? Ah, sim, eu devia ter percebido. Não importa. Talvez devêssemos ver um pouco mais antes de decidirem o que comprar, né?

— Mas o frasco...

— Agora, garotos — ela virou para Jason e Leo. Sua voz era muito mais poderosa do que a de Piper, tão cheia de confiança que Piper não teria a mínima chance.

— Vocês gostariam de ver mais?

— Claro — confirmou Jason.

— Ok — concordou Leo.

— Excelente — disse a princesa. — Vocês precisarão de toda a ajuda que conseguirem se forem para a Bay Area.

As mãos de Piper se moveram para a sua adaga. Ela pensou sobre seu sonho no topo do monte – a cena que Encélado lhe mostrara, um lugar que ela conhecia, onde devia trair seus amigos em dois dias.

— Bay Area? — disse Piper. — Por que a Bay Area?

A princesa sorriu.

— Bem, é onde eles morrerão, não é?

Então ela os levou para as escadas rolantes, Jason e Leo ainda parecendo animados para comprar.

XXVIII

PIPER

Piper levou a princesa para o canto enquanto Jason e Leo partiam para ver os casacos de pele vivos.

— Você quer que eles comprem a própria morte? — perguntou Piper.

— Mmm. — A princesa soprou poeira de uma estante de exposição de espadas. — Eu sou uma vidente, minha querida. Eu sei seu pequeno segredo. Mas não queremos insistir nisso, não é? Os garotos estão se divertindo.

Leo ria enquanto experimentava um chapéu que parecia ser feito de pele de guaxinim encantada. Seu rabo anelado se retorcia, e suas pequenas pernas se sacudiam freneticamente enquanto Leo andava. Jason estava olhando com ansiedade a roupa de esporte dos homens. Garotos interessados em comprar roupas? Um sinal definitivo que eles estavam sob um feitiço maligno.

Piper olhou para a princesa.

— Quem é você?

— Eu lhe disse, minha querida. Eu sou a Princesa de Cólquida.

— Onde é Cólquida?

A expressão da princesa ficou um pouco triste.

— Onde *era* Cólquida, você quer dizer. Meu pai comandava as terras às margens do Mar Negro, tão longe ao leste como um navio grego podia velejar naqueles dias. Mas não há mais Cólquida... desapareceu eras atrás.

— Eras? — perguntou Piper. A princesa não parecia ter mais de cinquenta, mas uma má sensação começou a se estabelecer em Piper, algo que Rei Bóreas mencionara em Quebec. — Quantos anos você tem?

A princesa riu.

— Uma dama deveria evitar perguntar ou responder essa pergunta. Vamos só dizer que, hã, o processo de imigração para entrar no seu país demorou um pouco. Porém minha patrona conseguiu. Ela tornou tudo isso possível.

A princesa gesticulou para o *shopping*.

O gosto da boca de Piper pareceu metal.

— Sua patrona...

— Ah, sim. Ela não traz qualquer um, veja bem... só aqueles que tem talentos especiais, como eu. E na verdade, ela só insistiu em poucos detalhes... Queria uma entrada subterrânea para que ela, hã, monitore minha clientela; um favor agora e depois. Em troca de uma nova vida? Realmente, foi a melhor pechincha que fiz em séculos.

Rápido, pensou Piper. *Temos que sair daqui.*

Mas antes mesmo que ela pudesse transformar seus pensamentos em palavras, Jason gritou:

— Ei, venham ver!

De uma prateleira com roupas etiquetadas, ele puxou uma camiseta roxa como a que ele vestia na excursão escolar – exceto que essa camisa parecia como se tivesse sido arranhada por tigres.

Jason franziu a testa.

— Por que isso parece tão familiar?

— Jason, é igual a *sua* — disse Piper. — Agora realmente temos que partir.

Mas ela não tinha certeza de que ele ao menos podia ouvi-la mais pelo encantamento da princesa.

— Não faz sentido — disse a princesa. — Os garotos não acabaram ainda, não é? E sim, minha querida. Essas camisas são muito populares. Mercadorias trocadas pelos clientes. Ficou perfeita em você.

Leo ergueu uma camiseta laranja do Acampamento Meio-Sangue com um buraco no meio, como se tivesse sido golpeada por um dardo. Do lado dela havia uma armadura de bronze com o peito corroído – por ácido, talvez? – e uma toga romana lascada em pedaços e manchada com algo que parecia perturbadoramente como sangue seco.

— Vossa Alteza — disse Piper, tentando controlar os nervos. — Por que você não conta para os garotos como traiu sua família? Tenho certeza de que eles adorariam ouvir essa história.

Suas palavras não tinham efeito na princesa, mas os garotos se viraram, subitamente interessados.

— Mais história? — perguntou Leo.

— Eu gosto de mais história! — concordou Jason.

A princesa chamejou um olhar irritado para Piper.

— Ah, as pessoas fazem coisas estranhas por amor, Piper. Você deveria saber disso. Eu me apaixonei por aquele jovem herói, pois sua mãe, Afrodite

me lançou uma maldição. Se não fosse por ela... mas não posso guardar rancor de uma deusa, posso?

O tom da princesa significava claramente: *Você não conseguirá me vencer.*

— Mas aquele herói te levou com ele quando fugiu de Cólquida — lembrou Piper. — Não é, Vossa Alteza? Ele se casou com você assim como prometeu.

O olhar nos olhos da princesa fez Piper querer se desculpar, mas ela não voltou atrás.

— A princípio — admitiu Sua Alteza — parecia que ele manteria sua palavra. Mas mesmo depois de ajudá-lo a roubar o tesouro do meu pai, ele *ainda* precisava de minha ajuda. Enquanto fugíamos, a frota do meu irmão veio atrás de nós. Seus navios de guerra nos alcançaram. Ele teria nos destruído, mas eu convenci meu irmão a vir a bordo do nosso barco primeiro e conversar sob bandeira de trégua. Ele confiou em mim.

— E você matou seu próprio irmão — disse Piper, a terrível história completa voltando para ela, junto com um nome, um nome famoso que começava com a letra *M*.

— O quê? — perguntou Jason. Por um momento parecia quase como si próprio. — Matou seu próprio...

— Não — gritou a princesa. — Essas histórias são mentirosas. Foi meu novo marido e seus homens que mataram meu irmão, embora eles não pudessem ter feito isso sem minha trapaça. Eles jogaram o seu corpo ao mar, e a frota que nos perseguia teve que parar para procurá-lo, pois queriam dar ao meu irmão um enterro adequado. Isso nos deu tempo para fugir. Tudo isso, fiz por meu marido. E ele esqueceu nosso acordo. Ele me traiu no final.

Jason ainda se sentia desconfortável.

— O que ele fez?

A princesa segurou a toga fatiada contra o peito de Jason, como se o medisse para um assassinato.

— Você não conhece a história, meu garoto? Todos vocês deveriam. Você foi nomeado em homenagem a ele.

— Jasão — disse Piper. — Mas então você... você devia estar morta!

A princesa sorriu.

— Como disse, uma nova vida em um novo país. Certamente cometi erros. Virei as costas para o meu próprio povo. Eu fui chamada de traidora, ladra, mentirosa, assassina. Mas agi por amor. — Ela virou para os garotos e lhes deu um olhar lamentável, piscando seus cílios. Piper pôde sentir a magia correndo sobre ela, tomando controle mais firmemente que nunca. — Vocês não fariam o mesmo por alguém que amam, meus queridos?

— Ah, claro — disse Jason.

— Claro — disse Leo na mesma hora.

— Gente! — Piper rangeu os dentes em frustração. — Vocês não veem que ela está encantando vocês? Não enxergam quem...

— Vamos continuar, ok? — a princesa disse friamente. — Creio que vocês queiram negociar o preço de uns espíritos da tempestade... e do seu sátiro.

Leo se distraiu no segundo andar com os dispositivos.

— Sem chance — disse ele. — Essa é uma forja de armaduras?

Antes que Piper pudesse pará-lo, ele partiu da escada rolante e correu para um grande forno oval que parecia uma churrasqueira gigante.

Quando o alcançaram, a princesa falou:

— Você tem bom gosto. Essa e a H-2000, desenhada pelo próprio Hefesto. Quente o suficiente para derreter bronze celestial ou ouro imperial.

Jason recuou como se reconhecesse aquele termo.

— Ouro imperial?

A princesa assentiu.

— Sim, meu querido. Como essa arma tão habilmente escondida no seu bolso. Para ser propriamente forjado, o ouro imperial teve que ser consagrado no Templo de Júpiter, na colina do Capitólio em Roma. Um metal poderoso e bastante raro, mas como os imperadores romanos, bastante volátil. Tenha certeza de nunca quebrar essa lâmina... — ela sorriu agradavelmente. — Roma foi *depois* do meu tempo, naturalmente, mas eu ouço histórias. E agora venham aqui... esse trono dourado é um dos meus melhores itens de luxo. Hefesto o fez como uma punição para a sua mãe, Hera. Sente nele e você será imediatamente preso.

Leo aparentemente tomou isso como uma ordem. Ele começou a andar em direção ao trono, como se estivesse em transe.

— Leo, não! — alertou Piper.

Ele piscou.

— Quanto pelos dois?

— Ah, o assento eu poderia lhe dar por cinco grandes feitos. A forja, sete anos de servidão... e por um pouco da sua força.

Ela deixou Leo na seção de dispositivos, lhe dando preços de vários itens. Piper não queria deixá-lo sozinho com ela, mas tinha que tentar raciocinar com Jason. Ela o empurrou para um lado e lhe deu uma tapa no rosto.

— Ei — ele murmurou sonolentamente. — Para que isso?

— Sai dessa! — Piper sibilou.

— O que você quer dizer?

— Ela está te envolvendo com charme. Não está sentindo?

Ele juntou as sobrancelhas.

— Ela parece legal.

— Ela não é legal! Ela não devia nem estar viva! Ela foi casada com Jason... o *outro* Jason, três mil anos atrás. Lembra o que Bóreas disse, algo sobre as almas não ficarem mais confinadas no Hades? Não são apenas monstros que não permanecem mortos. Ela veio do Mundo Inferior!

Ele balançou a cabeça inquietamente.

— Ela não é um fantasma.

— Não, ela é pior! Ela é...

— Crianças. — A princesa voltou rebocando Leo. — Se me dão licença, vamos ver o que vocês querem. É isso que vocês querem, certo?

Piper teve que reprimir um grito. Ela estava tentada a puxar sua adaga e cuidar da bruxa ela mesma, mas não gostava das suas chances – não no meio do *shopping* de Vossa Alteza enquanto seus amigos estavam sob um feitiço. Piper não podia nem saber se eles estariam do lado dela numa luta. Ela tinha que encontrar um plano melhor.

Eles desceram as escadas rolantes para a base da fonte. Pela primeira vez, Piper notou dois grandes relógios de sol de bronze – cada um do tamanho aproximado de um trampolim – incrustado no piso de mármore do norte ao sul da fonte. As gaiolas douradas gigantes iam do leste a oeste, e a mais longe prendia os espíritos da tempestade. Eles eram tão densamente comprimidos, redemoinhando parecendo um tornado superconcentrado, que Piper não podia dizer quantos havia ali – dúzias, no mínimo.

— Ei — disse Leo — o Treinador Hedge parece bem!

Eles correram para a gaiola mais próxima. O velho sátiro parecia ter sido petrificado no momento que foi sugado no céu acima do Grand Canyon. Ele foi congelado no meio de um grito, seu bastão erguido sobre a cabeça como se estivesse ordenando a classe do ginásio fazer cinquenta flexões. Seu cabelo encaracolado estava arrepiado em ângulos bizarros. Se Piper se concentrasse em certos detalhes... a camisa polo laranja, o fino cavanhaque,

o apito ao redor do pescoço... ela podia imaginar o Treinador Hedge como seu bom e antigo professor. Mas era difícil ignorar os grossos chifres na sua cabeça e o fato de que ele tinha pernas de bode peludas e cascos ao invés de calça de ginástica e tênis.

— Sim — disse a princesa. — Eu sempre deixo meus artigos em boas condições. Podemos certamente negociar pelos espíritos da tempestade e pelo sátiro. Um pacote. Se formos negociar, vou até dar o frasco da poção de cura, e vocês podem ir em paz. — Ela deu a Piper um olhar penetrante. — É melhor do que começar a negociar sem vontade, não é, querida?

Não confie nela, alertou uma voz na sua cabeça. Se Piper tivesse razão sobre a identidade da senhora, ninguém estaria partindo em paz. Um acordo justo não seria possível. Era tudo um truque. Mas seus amigos estavam olhando para ela, assentindo urgentemente e gesticulando com a boca: *Diga sim!* Piper precisava de mais tempo para pensar.

— Podemos negociar — disse a princesa.

— Totalmente! — concordou Leo. — Dê seu preço.

— Leo! — gritou Piper.

A princesa riu.

— Dar meu preço? Talvez não seja a melhor estratégia de pechincha, meu garoto, mas pelo menos você sabe o valor de uma coisa. Realmente, liberdade vale muito. Você me pediria para libertar seu sátiro, que atacou meus ventos da tempestade...

— Que nos atacaram — disse Piper.

Vossa Alteza deu de ombros.

— Como disse, minha patrona me pede pequenos favores de tempos em tempos. Mandar os espíritos da tempestade para sequestrar vocês foi um deles. Garanto que não foi nada pessoal. E sem nenhum dano, já que vocês vieram aqui, no fim, de livre e espontânea vontade! Em todo caso, vocês

querem libertar o sátiro e querem meus espíritos de tempestade, que são servos muito valiosos, por sinal, de forma que possam levá-los àquele tirano do Éolo. Não parece muito justo, parece? O preço será alto.

Piper pôde ver que seus amigos estavam prontos para oferecer qualquer coisa, prometer qualquer coisa. Antes que eles pudessem falar, Piper jogou sua última carta.

— Você é Medeia — disse ela. — Você ajudou o Jason original a roubar o Velocino de Ouro. Foi você uma das vilãs mais malignas na mitologia grega. Jason, Leo, não confiem nela.

Piper colocou toda a intensidade que pôde reunir naquelas palavras. Ela estava sendo totalmente sincera, e pareceu ter algum efeito. Jason recuou da feiticeira.

Leo coçou a cabeça e olhou ao redor como se estivesse saindo de um sonho.

— O que estamos fazendo, de novo?

— Garotos! — A princesa abriu suas mãos num gesto de boas-vindas. Suas joias de diamante brilharam, e seus dedos pintados se dobraram como garras com sangue nas pontas. — É verdade, eu sou Medeia. Mas eu sou tão mal interpretada! Ah, Piper, minha querida, você não sabe o que era ser mulher nos dias antigos. Não tínhamos poder, nenhuma influência. Na maioria das vezes nem mesmo escolhíamos os nossos maridos. Mas *eu* era diferente. Eu escolhi meu próprio destino me tornando uma feiticeira. Isso é tão errado? Eu fiz um pacto com Jason: minha ajuda para ganhar o velocino, em troca do seu amor. Um acordo justo. Ele se tornou um herói famoso! Sem mim, ele teria morrido desconhecido nas margens de Cólquida.

Jason franziu a testa.

— Então... você realmente morreu há três mil anos? Você retornou do Mundo Inferior?

— A morte não me prende mais, jovem herói — disse Medeia. — Graças a minha patrona, sou de carne e osso novamente.

— Você se... reformou? — Leo piscou. — Como um monstro?

Medeia desdobrou seus dedos, e vapor assobiou das suas unhas, como água esparramada em ferro quente.

— Vocês não têm ideia do que está acontecendo, tem, meus queridos? É muito pior do que uma simples agitação de monstros no Tártaro. Minha patrona sabe que gigantes e monstros não são seus maiores servos. *Eu* sou mortal. Eu aprendo com meus erros. E agora que retornei à vida, não serei enganada novamente. Agora, esse é o meu preço para o que vocês pedem.

— Gente — disse Piper. — O Jason original deixou Medeia porque ela era louca e sedenta por sangue.

— Mentiras! — disse Medeia.

— No caminho de volta para Cólquida, o navio de Jason parou em outro reino e Jason concordou em liquidar Medeia e se casar com a filha do rei.

— Depois de lhe dar dois filhos! — disse Medeia. — Ainda assim ele quebrou sua promessa! Eu lhe pergunto, isso foi certo?

Jason e Leo obedientemente balançaram suas cabeças, mas Piper não.

— Isso pode não ter sido certo — disse ela — mas tampouco foi a vingança de Medeia. Ela assassinou seus próprios filhos para voltar para Jason. Ela envenenou sua nova esposa e fugiu do reino.

Medeia rosnou.

— Uma invenção para arruinar a minha reputação! As pessoas de Corinto, aquela multidão rebelde, mataram meus filhos e me expulsaram. Jason não fez nada para me proteger. Ele roubou tudo de mim. Então sim,

eu entrei rapidamente no palácio e envenenei sua nova noiva encantadora. Foi apenas um... preço justo, um preço adequado.

— Você é louca — disse Piper.

— Eu sou a vítima! — Lamentou Medeia. — Morri com os meus sonhos despedaçados, mas isso acabou. Agora sei que não devo confiar em heróis. Quando eles vêm pedindo por tesouros, pagarão um preço alto. Especialmente quando esse que pede tem o nome de Jason!

A fonte virou vermelho-vivo. Piper puxou sua adaga, mas sua mão estava tremendo tanto para segurá-la.

— Jason, Leo é hora de ir. *Agora*.

— Antes de fecharem o negócio? — perguntou Medeia. — E a sua missão, garotos? E meu preço é tão baixo. Vocês sabiam que essa fonte é mágica? Se um homem morto for jogado nela, mesmo se ele estiver cortado em pedaços, ele voltará à vida, mais forte e mais poderoso que nunca.

— Sério? — perguntou Leo.

— Leo, ela está mentindo — disse Piper. — Ela fez esse truque com alguém antes, um rei, acho. Ela convenceu suas filhas a cortá-lo em pedaços para que ele pudesse sair da água mais jovem e cheio de saúde novamente, mas elas simplesmente o mataram!

— Ridículo — disse Medeia, e Piper podia ouvir o poder carregado em cada sílaba. — Leo, Jason, meu preço é bastante simples. Por que vocês dois não lutam? Se vocês se machucarem, ou até morrerem, sem problemas. Vamos apenas jogá-los na fonte e vocês voltarão melhores do que nunca. E vocês *querem* lutar, certo? Estão ressentidos um com o outro!

— Gente, não! — disse Piper.

Mas já estavam olhando um para o outro, como se estivessem pensando como realmente se sentiam.

Piper nunca se sentira mais inútil. Agora ela entendia o que era uma feiticeira verdadeira. Sempre pensou que magia significava varinhas e bolas de fogo, mas isso era pior. Medeia não só contava com venenos e poções. Sua arma mais potente era a voz.

Leo fez carranca.

— Jason sempre é a estrela. Ele sempre ganha a atenção e eu fico em segundo plano.

— Você é irritante, Leo — disse Jason. — Nunca leva nada a sério. Nem mesmo é capaz de consertar um dragão.

— Parem! — Piper implorou, mas ambos puxaram as armas, Jason a sua espada de ouro, Leo um martelo do seu cinto de ferramentas.

— Deixe-os, Piper — exigiu Medeia. — Estou lhe fazendo um favor. Deixe isso acontecer agora, e sua escolha será muito mais fácil. Encélado estará agradecido. Você pode ter o seu pai de volta hoje!

O encanto de Medeia não funcionava com ela, mas a feiticeira ainda tinha uma voz persuasiva. *Seu pai de volta hoje?* Apesar das suas melhores intenções, Piper queria isso. Ela queria seu pai de volta tanto que doía.

— Você trabalha para Encélado — disse ela.

Medeia riu.

— Servir um gigante? Não. Mas todos servimos à mesma grande causa, uma patrona que não podemos desafiar. Parta, filha de Afrodite. Isso não tem que ser a sua morte também. Salve-se, e seu pai pode ir livre.

Leo e Jason ainda estavam se encarando, prontos para lutar, mas eles pareciam inseguros e confusos – esperando por outra ordem. Parte deles tinha que estar resistindo, Piper esperou. Isso ia completamente contra a natureza deles.

— Ouça-me, garota. — Medeia arrancou um diamante do seu bracelete e o jogou no chafariz da fonte. Enquanto ele passava pela luz multicolorida,

Medeia disse: — Íris, deusa do arco-íris, me mostre o escritório de Tristan McLean.

A névoa tremulou, e Piper viu o escritório do pai. Sentada atrás da sua mesa, falando ao telefone, estava a assistente do seu pai, Jane, no seu terno escuro de trabalho, seu cabelo preso num coque firme.

— Olá, Jane — disse Medeia.

Jane colocou o telefone no gancho calmamente.

— Como posso ajudá-la, senhora? Olá, Piper.

— Você... — Piper estava tão irritada que mal podia falar.

— Sim, criança — disse Medeia. — A assistente do seu pai. Bastante fácil de manipular. Uma mente organizada para um mortal, mas incrivelmente fraca.

— Obrigada, senhora — agradeceu Jane.

— Não há de quê — disse Medeia. — Eu só queria lhe dar os parabéns, Jane. Fazer o senhor McLean sair da cidade tão subitamente, mandar o seu jato para Oakland sem alertar a imprensa ou a polícia, muito bem! Ninguém parece saber onde ele foi. E dizer que a vida da filha estava por um fio foi um toque ótimo para conseguir sua cooperação.

— Sim — concordou Jane num tom suave, como se estivesse sonâmbula. — Ele foi bastante cooperativo quando acreditou que Piper estava em perigo.

Piper olhou para sua adaga. A lâmina tremeu na sua mão. Ela não podia usá-la como arma melhor do que Helena de Troia podia, mas ainda era um espelho, e o que ela via nele era uma garota assustada sem chances de vitória.

— Eu posso ter novas ordens para você, Jane — disse Medeia. — Se a garota cooperar, pode ser a hora para o senhor McLean voltar para casa. Você arranjaria uma história apropriada para explicar a sua ausência, se

acontecer? E imagino que o pobre homem precisará de algum tempo num hospital psiquiátrico.

— Sim, senhora. Estarei à espera.

A imagem enfraqueceu, e Medeia virou para Piper.

— Então, entende?

— Você arrastou meu pai para uma armadilha — disse Piper. — Ajudou o gigante...

— Ah, fala sério, querida. Contenha-se. Eu estive preparando essa guerra por anos, mesmo antes de ser trazida de volta à vida. Sou uma vidente, como já disse. Eu posso narrar o futuro tão bem como o seu pequeno oráculo. Anos atrás, ainda sofrendo nos Campos de Punição, eu tive uma visão dos sete na sua assim chamada Grande Profecia. Eu vi seu amigo Leo aqui, e vi que ele seria um importante inimigo algum dia. Adentrei na consciência da minha patrona e lhe dei essa informação. Ela conseguiu acordar por um tempo, apenas o suficiente para visitá-lo.

— A mãe de Leo... — disse Piper. — Leo, ouça isso! Ela ajudou a matar a sua mãe!

— É — Leo resmungou, ofuscado. Ele franziu a testa para o martelo. — Então... eu ataco o Jason?

— É perfeitamente seguro — prometeu Medeia. — E Jason, o acerte forte. Mostre-me que você é merecedor desse nome.

— Não! — ordenou Piper. Ela sabia que era a sua última chance. — Jason, Leo... ela está enganando vocês. Abaixem as suas armas.

A feiticeira revirou os olhos.

— Fala sério, garota. Você não é capaz de me derrotar. Treinei com a minha tia, a imortal Circe. Eu posso guiar homens à loucura ou curá-los com a minha voz. Que esperança esses dois jovens heróis débeis tem contra mim? Agora, garotos, matem um ao outro!

— Jason, Leo, me ouçam. — Piper colocou toda a sua emoção da voz. Por anos ela tentara controlar-se e não mostrar fraqueza, mas agora ela despejou tudo nas palavras: seu medo, desespero, fúria. Ela sabia que podia estar assinando o atestado de óbito do pai, mas se importava muito com seus amigos para deixá-los ferir um ao outro. — Medeia está usando seu charme contra vocês. É parte da sua magia. Vocês são melhores amigos. Não lutem entre si. Lutem com *ela!*

Eles hesitaram, e Piper pôde sentir o feitiço se despedaçar.

Jason piscou.

— Leo, eu estava prestes a perfurá-lo?

— Algo sobre minha mãe...? — Leo franziu a testa, então virou para Medeia. — Você... você está trabalhando para a Mulher de Poeira. Você a mandou para a oficina mecânica. — Ele levantou o braço. — Senhora, eu tenho um martelo de três quilos com seu nome nele.

— Beh! — zombou Medeia. — Simplesmente coletarei o pagamento de outro modo.

Ela pressionou um ladrilho de mosaico no chão, e a construção estremeceu. Jason gingou sua espada para Medeia, mas ela dissolveu em fumaça e reapareceu na base do elevador.

— Você é lento, herói! — Ela riu. — Despeje a sua frustração nas minhas mascotes!

Antes que Jason pudesse ir atrás dela, os relógios de sol gigantes de bronze de cada lado da fonte balançaram, se abrindo. Duas bestas douradas rosnando – dragões alados de carne e osso – rastejaram para fora dos buracos abaixo. Cada um era do tamanho uma vã de acampamento, talvez não tão grandes comparados a Festus, mas grandes o suficiente.

— Então era isso que estava nos canis — disse Leo humildemente.

Os dragões abriram as asas e sibilaram. Piper podia sentir o calor emanando da pele brilhante deles. Um virou seus raivosos olhos laranja para ela.

— Não olhem nos olhos dele! — alertou Jason. — Vão paralisá-los!

— De fato! — Medeia estava lentamente subindo a escada rolante, se encostando no corrimão enquanto assistia a diversão. — Essas duas belezinhas estiveram comigo por um longo tempo, dragões do sol, vocês sabem, presente do meu avô Hélio. Eles puxaram a minha biga quando parti de Corinto, e agora eles serão sua destruição. Ta-rã!

Os dragões bufaram. Leo e Jason correram para interceptar. Piper estava impressionada com quanta coragem que os garotos atacaram – trabalhando como um time que treinara junto por anos.

Medeia estava quase no segundo andar, onde poderia escolher dentre uma vasta coleção de dispositivos mortais.

— Ah, não, você não vai — grunhiu Piper, e partiu atrás dela.

Quando Medeia localizou Piper, ela começou a subir com pressa. Ela era rápida para uma mulher de três mil anos. Piper subiu três degraus de cada vez, e ainda assim não conseguia alcançá-la. Medeia não parou no piso dois. Ela pulou para a próxima escada rolante e continuou a subir.

As poções, pensou Piper. É claro que ela iria para lá. Ela era famosa por suas poções.

Abaixo, Piper ouviu a batalha. Leo estava soprando seu apito de segurança, e Jason estava gritando para chamar a atenção dos dragões. Piper não ousou olhar – não enquanto corria com uma adaga na mão. Poderia cair e machucar o próprio nariz. Aquilo não seria nada heroico.

Ela agarrou um escudo de um manequim de armadura no piso três e continuou a subir. Imaginou o Treinador Hedge gritando na sua mente, de

volta à aula do ginásio na Escola da Vida Selvagem: *Corra, McLean! Você chama isso de escalada-de-escada-rolante?*

Ela chegou ao piso superior, ofegando muito, mas estava muito atrasada. Medeia alcançara o balcão de poções.

A feiticeira pegou um frasco em forma de cisne – o azul que causava morte dolorosa – e Piper fez a única coisa que lhe veio em mente. Ela jogou seu escudo.

Medeia virou triunfantemente o corpo, bem na hora de ser golpeada no peito por um *frisbee* de metal de cinquenta quilos. Ela tropeçou para trás, batendo contra o balcão, quebrando frascos e derrubando prateleiras. Quando a feiticeira se levantou dos destroços, seu vestido estava manchado com uma dúzia de cores diferentes. Várias das manchas estavam queimando e brilhando.

— Tola! — gritou Medeia. — Você tem ideia do que tantas poções farão quando misturadas?

— Te matar? — Piper disse esperançosamente.

O tapete começou a emitir fumaça em volta dos pés de Medeia. Ela tossiu, e seu rosto se contorceu de dor – ou ela estava fingindo?

Abaixo, Leo gritou:

— Jason, ajuda!

Piper arriscou uma rápida olhada, e quase chorou em desespero. Um dos dragões tinha Leo preso no chão. Estava mostrando suas presas, pronto para morder. Jason estava batalhando com o outro dragão por toda a sala, longe demais para ajudar.

— Você condenou a todos nós! — gritou Medeia. Fumaça estava correndo pelo tapete enquanto a mancha se estendia, lançando faíscas e pondo fogo em prateleiras de roupa. — Vocês só têm segundos antes dessa mistura consumir tudo e destruir a construção. Não há tempo...

CRASH! O teto de vidro se estilhaçou numa chuva de fragmentos multicoloridos, e o dragão de bronze Festus rompeu no *shopping*.

Ele se lançou na briga, agarrando um dragão do sol em cada garra. Só agora que Piper apreciou como o amigo deles era grande e forte.

— Esse é o meu garoto! — gritou Leo.

Festus voou a metade do caminho acima do saguão, então atirou os dragões do sol nos buracos de onde vieram. Leo correu para a fonte e pressionou o ladrilho de mármore, fechando os relógios de sol. Eles estremeceram enquanto os dragões se debatiam, tentando sair, mas pelo momento estavam contidos.

Medeia xingou em alguma língua antiga. O quarto andar inteiro estava incendiado agora. O ar se enchia com um gás nocivo. Até na abertura do telhado, Piper podia sentir o calor se intensificando. Ela recuou para a borda da grade, mantendo sua adaga apontada para Medeia.

— Eu não serei abandonada de novo! — A feiticeira se ajoelhou e pegou a poção vermelha de cura, que de algum jeito sobrevivera a colisão. — Você quer a memória do seu namorado restaurada? Me leve com vocês!

Piper olhou para trás dela. Leo e Jason estavam a bordo das costas de Festus. O dragão de bronze batia suas asas imensas, pegou as duas jaulas com o sátiro e os espíritos da tempestade com as garras, e começou a subir.

A construção fez um ruído. Fogo e fumaça se torciam pelas paredes, derretendo as grades, transformando o ar em ácido.

— Vocês nunca sobreviverão à sua missão sem mim! — grunhiu Medeia. — Seu herói ficará ignorante para sempre, e seu pai morrerá. Me leve com vocês!

Por um batimento cardíaco, Piper estava atraída. Então ela notou o sorriso sinistro de Medeia. A feiticeira estava confiante nos seus poderes de

persuasão, confiante de que sempre poderia fazer um acordo, escapar e ganhar no fim.

— Hoje não, bruxa.

Piper pulou para a lateral. Ela caiu por um segundo antes de Leo e Jason a pegarem, lhe puxando a bordo do dragão.

Ela ouviu Medeia gritando de raiva enquanto eles subiam pelo telhado quebrado, sobrevoando o centro de Chicago. Então o *shopping* explodiu atrás deles.

XXIX

LEO

Leo continuou olhando para trás. Esperava ver aqueles desagradáveis dragões de sol puxando uma carruagem voadora com uma vendedora mágica jogando poções, mas nada os seguiu.

Ele guiou o dragão para o sudoeste. Finalmente, a fumaça do *shopping* flamejante enfraqueceu na distância, mas Leo não relaxou até que os subúrbios de Chicago deram lugar a campos nevados, e o sol começou a se pôr.

— Bom trabalho, Festus. — Ele deu um soco de leve na pele de metal do dragão. — Você foi incrível.

O dragão estremeceu. Engrenagens estalaram e clicaram no seu pescoço.

Leo franziu a testa. Ele não gostava daqueles barulhos. Se o disco de controle estivesse falhando de novo... não, com certeza era algo menos sério. Algo que ele pudesse consertar.

— Eu vou dar uma geral em você na próxima vez que pousarmos — prometeu Leo. — Você merece algum óleo de motor com molho de pimenta.

Festus girou os dentes, mas até aquilo parecia fraco. Ele voava tranquilamente, suas grandes asas se curvando em ângulo para empurrar o vento, mas ele estava levando uma carga pesada. Duas gaiolas nas garras e três pessoas nas costas – quanto mais Leo pensava sobre isso, mais preocupado ele ficava. Até dragões de metal tinham limites.

— Leo. — Piper bateu no seu ombro. — Você está se sentindo bem?

— Sim... nada mal para um zumbi passado por lavagem cerebral. — Ele esperou que não parecesse tão envergonhado como se sentia. — Obrigado por nos salvar lá, rainha da beleza. Se você não tivesse me influenciado a sair daquele feitiço...

— Não se preocupe com isso — interrompeu Piper.

Mas Leo se preocupava muito. Ele se sentia horrível por ter sido manipulado tão facilmente por Medeia contra seu melhor amigo. E aquele sentimento não vinha do nada... era fruto do seu ressentimento por Jason sempre estar debaixo dos holofotes e parecer não precisar dele. Leo às vezes sentia aquilo, mesmo que não tivesse orgulho disso.

O que mais o incomodava era a notícia sobre sua mãe. Medeia vira o futuro no Mundo Inferior. Foi por isso que a sua patrona, a mulher de negro em roupas feitas de terra, viera a oficina mecânica sete anos depois para assustá-lo, arruinar a sua vida. Foi por isso que sua mãe morrera – por causa de algo que Leo poderia fazer algum dia. Então de um modo esquisito, mesmo que ele não pudesse culpar seus poderes com o fogo, a morte da mãe *ainda* era sua culpa.

Quando deixaram Medeia naquela loja explosiva, Leo se sentiu um pouco melhor. Ele esperou que ela não escapasse, e fosse direto para os

Campos da Punição, o lugar a que ela pertencia. Esses sentimentos também não o orgulhavam.

Se as almas estivessem voltando do Mundo Inferior... era possível que a mãe de Leo pudesse ser trazida de volta?

Ele tentava colocar a ideia de lado. Aquele era o pensamento de Frankenstein. Não era natural. Não era certo. Medeia podia ser trazida de volta a vida, mas ela não parecia exatamente humana, com as unhas em forma de garras, a cabeça brilhante e não se sabe o que mais.

Não, a mãe de Leo passou adiante. Pensar de outra maneira só iria levar Leo a loucura. Ainda assim, o pensamento continuava lhe cutucando, como um eco da voz de Medeia.

— Vamos ter que descer logo — ele avisou os amigos. — Mais algumas horas, talvez, para termos certeza de que Medeia não está nos seguindo. Não acho que Festus possa voar muito mais que isso.

— Sim — concordou Piper. — O Treinador Hedge provavelmente quer sair da sua gaiola de canário, também. A pergunta é: para onde estamos indo?

— Bay Area — chutou Leo. Suas memorias do *shopping* eram vagas, mas ele pareceu se lembrar de ouvir aquilo. — Medeia não disse algo sobre Oakland?

Piper não respondeu por tanto tempo que Leo se perguntou se ele falou algo errado.

— O pai de Piper — interviu Jason. — Algo aconteceu com o seu pai, certo? Ele foi atraído para algum tipo de armadilha.

Piper soltou uma respiração trêmula.

— Olhem, Medeia disse que vocês *morreriam* na Bay Area. E além disso... mesmo se fôssemos até lá, a Bay Area é enorme! Primeiro

precisamos encontrar Éolo e despachar os espíritos da tempestade. Bóreas disse que Éolo era o único que podia nos dizer exatamente onde ir.

Leo grunhiu.

— Então como encontramos Éolo?

Jason se inclinou para frente.

— Está dizendo que você não vê? — Ele apontou para a frente deles, mas Leo não viu nada exceto nuvens e as luzes de algumas cidades brilhando no crepúsculo.

— O quê? — perguntou Leo.

— Aquela... coisa — disse Jason. — No ar.

Leo olhou para trás. Piper parecia mais confusa que ele.

— Certo — disse Leo. — Você poderia ser mais específico na parte da "coisa"?

— Como uma trilha de vapor — explicou Jason. — Exceto que está brilhando. Realmente fraca, mas está definitivamente ali. Estivemos seguindo-a desde Chicago, então pensei que tivessem visto.

Leo balançou a cabeça.

— Talvez Festus possa senti-la. Você acha que Éolo fez isso?

— Bem, é uma trilha mágica no vento — disse Jason. — Éolo é o deus do vento. Acho que ele sabe que temos prisioneiros para ele. Ele está nos dizendo para onde voar.

— Ou é outra armadilha — sugeriu Piper.

O seu tom preocupou Leo. Ela não soava apenas nervosa. Soava desesperada, como se eles já tivessem os seus destinos selados, e como se fosse culpa dela.

— Pipes, você tá bem? — perguntou ele.

— Não me chame assim.

— Ok, certo. Você não gosta de nenhum apelido que eu crio para você. Mas se seu pai está em perigo e nós podemos ajudar...

— Vocês não podem — ela respondeu, sua voz vacilando. — Olhe, estou cansada. Se vocês não se importam...

Ela se encostou em Jason e fechou os olhos.

Tudo bem, pensou Leo. Esse era– um sinal bastante claro que ela não queria conversar.

Eles voaram em silêncio por um tempo. Festus parecia saber para onde estava indo. Ele manteve o ritmo, gentilmente curvando para o sudoeste e esperançosamente para a fortaleza de Éolo. Outro deus do vento para visitar, outra loucura para enfrentar... Ah, cara, Leo não podia esperar.

Ele estivera com muita coisa na cabeça para dormir, mas agora que estava fora de perigo, seu corpo tinha ideias diferentes. Sua energia se extinguia. A batida repetitiva das asas do dragão fazia seus olhos se sentirem pesados. Sua cabeça começou a cair.

— Durma um pouco — disse Jason. — Está tranquilo. Me dê as rédeas.

— Não, estou bem...

— Leo — disse Jason — você não é uma máquina. Além disso, eu sou o único que pode ver a trilha no ar. Vou fazer com que fiquemos no curso.

Os olhos de Leo começaram a se fechar sozinhos.

— Tudo bem. Talvez só...

Ele não completou a frase antes de cair para frente, sobre o quente pescoço do dragão.

No seu sonho, ele ouviu uma voz cheia de estática, como um rádio AM ruim:

— Alô? Esta coisa está funcionando?

A visão de Leo entrou em foco – um pouco. Tudo estava nebuloso e cinza, com interferências. Ele nunca sonhara com uma má conexão antes.

Ele parecia estar numa oficina. No canto dos seus olhos ele viu uma serra de banco, tornos mecânicos de metal e ferramentas. Uma forja brilhava vivamente numa parede.

Não era a forja do acampamento... era grande demais. Não era o Bunker 9... era mais quente e mais confortável, e obviamente não estava abandonado.

Então Leo percebeu que algo estava bloqueando o meio da sua visão – algo grande e indistinto, e tão perto que Leo tinha de ficar vesgo para vê-la propriamente. Era um rosto grande e feio.

— Santa mãe! — gritou ele.

O rosto se afastou e entrou em foco. Olhando para ele estava um homem barbudo em um macacão azul e sujo. Seu rosto era granuloso e coberto de machucados, como se houvesse sido picado por um milhão de abelhas, ou arrastado em cascalho. Possivelmente os dois.

— Umpf — disse o homem. — Santo *pai*, garoto. Eu pensei que você conheceria a diferença.

Leo piscou.

— Hefesto?

Estar na presença do pai pela primeira vez, Leo provavelmente ficaria mudo ou intimidado ou alguma coisa parecida. Mas depois do que ele passou nos últimos dias, com ciclopes, uma feiticeira e um rosto no esgoto químico, tudo que Leo sentia era uma onda de aborrecimento completo.

— Agora você aparece? — perguntou Leo. — Depois de quinze anos? Que pai maravilhoso, Rosto Peludo. Como conseguiu colocar seu nariz horrível nos meus sonhos?

O deus levantou uma sobrancelha. Uma pequena fagulha surgiu na sua barba. Então ele afastou sua cabeça e ria tão alto que as ferramentas chocalharam nas bancadas.

— Você parece a sua mãe — disse Hefesto. — Sinto falta de Esperanza.

— Ela morreu há sete anos. — A voz de Leo vacilou. — Não que você se importe.

— Mas eu me importo, garoto. Com vocês dois.

— Certo... deve ser por isso que nunca vi você antes de hoje.

O deus fez um som retumbante na sua garganta, mas pareceu mais desconfortável que irritado. Ele puxou um motor em miniatura do seu bolso e começou a mexer distraidamente nos êmbolos – o mesmo que Leo fazia quando ficava nervoso.

— Eu não sou bom com crianças — o deus confessou. — Ou pessoas. Bem, com nenhuma forma de vida orgânica, na verdade. Pensei em falar com você no funeral da sua mãe. E de novo quando você estava na quarta série... aquele projeto de ciências que você fez, o cacarejador de galinhas movido a vapor. Muito impressionante.

— Você viu aquilo?

Hefesto apontou para a mesa de trabalho mais próximo, onde um espelho lustroso de bronze mostrava uma imagem nebulosa de Leo adormecido nas costas do dragão.

— Sou eu? — perguntou Leo. — Tipo... sou eu agora, tendo esse sonho... olhando para mim enquanto durmo?

Hefesto coçou a barba.

— Agora você me confundiu. Mas sim, é você. Estou sempre dando uma olhada em você, Leo. Mas falar com você é, hã... diferente.

— Você está assustado — percebeu Leo.

— Pelas engrenagens! — gritou o deus. — É claro que não!

— Sim, você está assustado.

Mas a raiva de Leo passou. Ele gastou anos pensando no que diria ao pai se um dia o encontrasse, como Leo iria censurá-lo por não participar de sua vida. Agora, olhando para aquele espelho de bronze, Leo pensou em seu pai observando o seu progresso pelos anos, até seus estúpidos experimentos de ciências.

Talvez Hefesto não fosse mesmo um idiota. Leo meio que entendeu de onde vinha. Conhecia bem a sensação de querer fugir das pessoas, não se encaixar. Ele sabia se esconder em oficinas melhor do que tentar lidar com formas orgânicas de vida.

— Então — disse Leo — você fica olhando todas as suas crianças? Tem umas vinte no acampamento. Como consegue... não importa. Eu não quero saber.

Hefesto deve ter corado, mas seu rosto já era muito avermelhado, era difícil dizer.

— Deuses são diferentes de mortais, garoto. Podemos estar em vários lugares ao mesmo tempo... em qualquer lugar que as pessoas nos chamarem, em qualquer lugar que nossa esfera de influência seja forte. Na verdade, é raro que nossa essência esteja por completo em um só lugar... a nossa verdadeira forma. É perigoso, poderoso o bastante para destruir qualquer mortal que olhar para nós. Então, sim... muitas crianças. Acrescentando nossos aspectos diferentes, gregos e romanos... — Ele congelou os dedos no seu projeto de motor. — Ser um deus é complicado. E sim, eu tento dar uma olhada em todas as minhas crianças, especialmente você.

Leo tinha bastante certeza que Hefesto havia quase escorregado e dito algo importante, mas ele não tinha certeza do que era.

— Por que me contatar agora? — perguntou Leo. — Pensei que os deuses estivessem em silêncio.

— Estamos. — Hefesto se irritou. — Ordens de Zeus. Muito estranhas, até para ele. Ele bloqueou todas as visões, sonhos e mensagens de Íris *de* e *para* o Olimpo. Hermes fica o tempo todo chateado, perdendo a cabeça porque não pode entregar mensagens. Felizmente, fiquei com o meu antigo equipamento de transmissão pirata.

Hefesto deu uma tapinha numa máquina da mesa. Parecia uma combinação de pratos de satélite, motor de seis cilindros e máquina de café. Sempre que Hefesto encostava na máquina, o sonho de Leo tremeluzia e mudava de cor.

— Usei esse na Guerra Fria — o deus disse cordialmente. — Rádio Livre Hefesto. Que dias foram aqueles! Eu o mantenho por perto para *pay-per-view*, na maioria, ou fazer vídeos virais de cérebro...

— Vídeos virais de cérebro?

— Mas agora está acessível novamente. Se Zeus souber que estou entrando em contato com você, ele iria querer minha cabeça.

— Por que Zeus está sendo tão ignorante?

— Humpf. Ele é famoso por isso, garoto.

Hefesto o chamou de *garoto* como se Leo fosse parte de uma máquina irritante... uma peça sobressalente, talvez, que não tinha propósito claro, mas que Hefesto não queria jogá-la fora por medo de precisar dela algum dia.

Isso não era exatamente agradável. E mais uma vez, Leo não tinha certeza se queria ser chamado de "filho." Leo não iria começar a chamar esse cara feio, grande e desajeitado de "pai."

Hefesto se cansou da sua engrenagem e a jogou sobre o ombro. Antes que pudesse bater no chão, a peça criou hélices de helicóptero e voou até uma lixeira.

— Foi a segunda Guerra dos Titãs, suponho — disse Hefesto — o que deixou Zeus tão chateado. Nós deuses ficamos... bem, constrangidos. Não acho que há outro modo de dizer isso.

— Mas vocês ganharam — lembrou Leo.

O deus grunhiu.

— Ganhamos porque os semideuses do... — novamente ele hesitou, como se sempre escorregasse — do Acampamento Meio-Sangue tomaram a dianteira. Ganhamos porque nossos filhos lutaram por nós, mais inteligentes do que fomos. Se tivéssemos confiado no plano de Zeus, teríamos caído para o Tártaro lutando com o tempestuoso gigante Tifão, e Cronos teria ganho. Já era ruim o bastante que mortais ganharam nossa guerra por nós, mas então aquele jovem arrogante, Percy Jackson...

— O cara que está desaparecido.

— Humpf. Sim. Ele. Ele teve a ousadia de rejeitar a nossa oferta de imortalidade e falar para prestarmos mais atenção aos nossos filhos. Sem ofensas.

— Ah, como eu poderia me ofender? Por favor, continue me ignorando.

— Muito compreensível da sua parte... — Hefesto franziu a testa, então suspirou, exausto. — Foi sarcasmo, não foi? Máquinas não usam sarcasmo, geralmente. Mas como estava dizendo, os deuses se sentiram humilhados, envergonhados por mortais. A princípio, naturalmente, estávamos gratos. Mas depois de alguns meses, os sentimentos ficaram amargos. Somos deuses, afinal. Precisamos ser admirados, procurados, temidos e admirados.

— Mesmo se estiverem errados?

— Especialmente! E Jackson ter negado nosso presente, como se ser mortal fosse de algum jeito *melhor* que ser um deus... bem, foi um golpe duro para Zeus. Ele disse que é tempo de voltar aos valores tradicionais. Deuses existem para serem respeitados. Nossos filhos devem ser vigiados,

não visitados. O Olimpo foi fechado. Pelo menos aquilo era *parte* do seu raciocínio. E, é claro, começamos a ouvir falar de coisas más se agitando sob a terra.

— Os gigantes, você quer dizer. Monstros se reformando instantaneamente. Os mortos se erguendo de novo. Coisas assim?

— É, garoto...

Hefesto virou um botão na sua velha máquina de transmissão pirata. O sonho de Leo ficou colorido, mas o rosto do deus era um grande tumulto de machucados vermelhos e contusões escuras e amareladas que Leo desejou que voltasse para preto e branco.

— Zeus acha que pode reverter a maré — o deus disse — acalmar a terra para ela voltar a dormir contanto que fiquemos quietos. Nenhum de nós realmente acredita nisso. E eu não me importo em dizer, não estamos em forma para lutar em outra guerra. Mal sobrevivemos aos titãs. Se vamos repetir o padrão antigo, o que vem depois é ainda pior.

— Os gigantes — disse Leo. — Hera disse que semideuses e deuses tinham que unir forças para derrotá-los. É verdade?

— Sabe... Odeio concordar com a minha mãe em algo, mas sim. Aqueles gigantes são duros de matar, garoto. Eles são de uma raça diferente.

— Raça? Você os faz parecer cavalos de corrida.

— Há! — disse o deus. — São mais como cachorros de guerra. Lá no início, entende, tudo na criação se originou dos mesmos pais: Gaia e Urano, Terra e Céu. Eles tinham seus grupos diferentes de filhos: titãs, ciclopes anciões e assim por diante. Então Cronos, o líder titã... bem, você provavelmente já ouviu como ele matou seu pai Urano com uma foice e tomou o mundo. Então os deuses vieram, filhos dos titãs, e derrubaram *eles*. Mas aquele não foi o fim. A terra trouxe um novo grupo de filhos, exceto que foram gerados por Tártaro, o espírito do abismo eterno, o lugar mais

maligno e obscuro do Mundo Inferior. Aqueles filhos, os gigantes, foram produzidos com um propósito: se vingar de *nós* pela queda dos titãs. Eles se ergueram para destruir o Olimpo, e chegaram incrivelmente perto.

A barba de Hefesto começou a entrar em combustão. Ele distraidamente apagou as chamas.

— O que a minha maldita mãe Hera está fazendo agora... ela é uma tola intrometida jogando um jogo perigoso, mas tem razão sobre uma coisa: vocês semideuses tem que se unir. É o único jeito de abrir os olhos de Zeus, convencer os olimpianos que eles devem aceitar a ajuda de vocês. E é o único modo de vencer o que está vindo. Você é parte importante nisso, Leo.

O olhar do deus pareceu muito longe. Leo se perguntou se realmente poderia se dividir em partes diferentes – onde mais ele estava agora? Talvez seu lado grego estivesse consertando um carro ou indo num encontro, enquanto seu lado romano estava assistindo um jogo de bola e pedindo pizza. Leo tentou imaginar o que devia ser ter múltiplas personalidades. Ele esperou que não fosse hereditário.

— Por que eu? — perguntou, e assim que disse isso, mais perguntas inundaram. — Por que me reclamar agora? Por que não quando eu tinha treze, como você devia? Ou você podia me reclamar quando eu tinha sete, antes da minha mãe morrer! Por que não me encontrou mais cedo? Por que não me alertou sobre *isso?*

A mão de Leo rompeu em chamas.

Hefesto o olhou tristemente.

— Essa é a parte mais difícil, garoto. Deixar meus filhos trilharem seus próprios caminhos. Interferir não funciona. As Parcas se asseguram disso. Quanto à reclamação, você é um caso especial, garoto. O tempo teve que ser certo. Eu não posso explicar muito mais, porém...

O sonho de Leo ficou vago. Por um momento, transformou-se numa reprise da *Roda da Fortuna*. Então Hefesto voltou a foco.

— Droga! — disse ele. — Eu não posso falar mais. Zeus está sentindo um sonho ilegal. Ele é o senhor do ar, afinal, o que inclui as ondas que navegam pelo ar. Apenas ouça, garoto: você tem um papel a cumprir. Seu amigo Jason tem razão, o fogo é um dom, não uma maldição. Não dou essa bênção para qualquer um. Eles nunca derrubarão os gigantes sem você, muito menos a mestra a quem eles servem. Ela é pior do que qualquer deus ou titã.

— Quem? — perguntou Leo.

Hefesto franziu a testa, sua imagem ficando mais vaga.

— Eu já te disse. Sim, tenho certeza que disse. Mas fique atento: ao longo do caminho, você perderá alguns amigos e ferramentas valiosas. Mas não é sua culpa, Leo. Nada dura para sempre, nem as melhores máquinas. E tudo pode ser reutilizado.

— O que você quer dizer? Não gosto como isso soa.

— Não, você não deveria mesmo. — A imagem de Hefesto estava pouco visível agora, só uma bolha na estática. — Só tome cuidado com...

O sonho de Leo virou a *Roda da Fortuna,* bem no momento em que a roda parou em "perde tudo" e a audiência fez "Ahhhhhhh!"

Então Leo acordou com Jason e Piper gritando.

XXX

LEO

Eles espiralaram em queda livre pelo escuro, ainda em cima do dragão, mas Festus estava frio. Seus olhos de rubi estavam quase apagados.

— De novo não! — gritou Leo. — Você não pode cair de novo!

Ele mal conseguia se segurar. O vento batia com força em seus olhos, mas ele conseguiu abrir o painel no pescoço do dragão. Ele apertou os interruptores. Puxou os fios. As asas do dragão bateram mais uma vez, mas Leo sentiu o cheiro de bronze em chamas. O sistema principal estava sobrecarregado. Festus não tinha força para continuar a voar, e Leo não poderia chegar ao painel de controle principal na cabeça do dragão... não enquanto voavam. Ele viu as luzes de uma cidade abaixo deles – apenas brilhos no escuro enquanto caiam em círculos. Eles teriam apenas alguns segundos antes de bater.

— Jason — gritou ele. — Pegue Piper e voe para fora daqui!

— O quê?

— Nós precisamos aliviar a carga! Eu poderia reativar Festus, mas ele está carregando muito peso!

— E você? — Piper chorou. — Se você não puder reiniciá-lo...

— Eu vou ficar bem — gritou Leo. — Sigam-me até o chão. Vão!

Jason agarrou Piper pela cintura. Ambos soltaram das costas do dragão e num piscar de olhos eles se foram, disparando pelo ar.

— Agora — disse Leo. — É só você e eu, Festus... e duas gaiolas pesadas. Você pode fazer isso, rapaz!

Leo conversou com o dragão enquanto trabalhava, caindo em alta velocidade. Ele podia ver as luzes da cidade abaixo dele, cada vez mais próximas. Convocou fogo em sua mão para que pudesse ver o que estava fazendo, mas o vento continuava a extingui-lo.

Ele puxou um fio que considerou estar ligado ao nervo central da sua cabeça, esperando por um pequeno choque de despertar.

Festus gemeu – metal rangendo dentro do seu pescoço. Seus olhos brilharam fracamente e ele abriu as asas. Eles pararam de cair e começaram a planar.

— Boa! — disse Leo. — Vamos lá, garoto. Vamos!

Eles ainda voavam com sobrecarga, e o chão estava se aproximando. Leo precisava de um lugar para pousar, e rápido.

Havia um grande rio... não. Não é bom para um dragão que cospe fogo. Ele nunca iria conseguir tirar Festus de lá se ele afundasse, especialmente em temperaturas congelantes. Então, nas margens do rio, Leo viu uma mansão branca com um gramado enorme nevado cercado por um muro alto feito de tijolos – como alguns recintos privados de pessoas ricas, todo resplandecente com a luz. Um campo de pouso perfeito. Ele fez o melhor para dirigir o dragão nessa direção, e Festus parecia voltar a vida. Eles poderiam conseguir!

Então tudo deu errado. Quando eles se aproximaram do gramado, os holofotes ao longo do cercado se fixaram neles, cegando Leo. Ele ouviu estouros como projéteis de fogo, o som de metal sendo cortado em retalhos – e *BUM!*

Leo desmaiou.

Quando Leo voltou a si, Jason e Piper estavam debruçados sobre ele. Ele estava deitado na neve, coberto de lama e graxa. Ele cuspiu um pedaço congelado de grama de sua boca.

— Onde...

— Se acalme. — Piper tinha lágrimas em seus olhos. — Você caiu muito feio quando... quando Festus...

— Onde ele está?

Leo sentou-se, sua cabeça girando. Eles pousaram no interior do complexo. Algo tinha acontecido no caminho... tiros?

— É sério, Leo — disse Jason. — Você pode estar ferido. Não deve...

Leo fez força para ficar de pé. Então viu os destroços. Festus deve ter deixado cair as gaiolas enquanto voava por cima da cerca, porque elas tinham rolado em diferentes direções e caíram no lado deles, perfeitamente intactas.

Festus não teve a mesma sorte.

O dragão tinha se desintegrado. Seus membros estavam espalhados pelo gramado. Sua cauda estava pendurada em cima do muro. A parte principal do seu corpo tinha deixado um rastro de seis metros de largura. O que restava dele estava carbonizado ou tinha virado uma pilha de sucata. Só o pescoço e a cabeça pareciam intactos, descansando em meio a rosas congeladas como um travesseiro.

— Não. — Leo soluçou.

Ele correu para a cabeça do dragão e acariciou o seu focinho. Os olhos do dragão tremeluziam fracamente. Óleo derramava do seu ouvido.

— Você não pode ir — implorou Leo. — Você é a melhor coisa que eu já consertei.

As engrenagens na cabeça do dragão fizeram barulho, como se estivessem ronronando. Jason e Piper ficaram ao lado dele, mas Leo manteve os olhos fixos no dragão.

Ele lembrou que Hefesto havia dito: *Não é a sua culpa, Leo. Nada dura para sempre, nem as melhores máquinas.*

Seu pai estava tentando avisá-lo.

— Não é justo — disse Leo.

O dragão deu um clique. Houve um longo *rangido*. Dois *cliques* curtos. *Rangido*. *Rangido*. Quase como um padrão... desencadeando uma antiga lembrança na mente de Leo. Leo percebeu que Festus estava tentando dizer algo. Ele estava usando o código Morse, exatamente como a mãe de Leo lhe havia ensinado anos atrás. Leo ouviu atentamente, traduzindo os cliques em letras: uma mensagem simples repetindo várias vezes.

— Sim — disse Leo. — Eu entendo. Eu vou fazer isso. Prometo.

Os olhos do dragão escureceram. Festus havia partido.

Leo chorou. Ele não ficou envergonhado. Seus amigos estavam do seu lado, batendo no seu ombro, dizendo coisas reconfortantes; mas o zumbido nos ouvidos de Leo abafava suas palavras.

Finalmente, Jason disse:

— Sinto muito, cara. O que você prometeu a Festus?

Leo fungou. Ele abriu o painel da cabeça do dragão, só para ter certeza, mas o disco de controle estava rachado e queimado além do reparo.

— Algo que meu pai me disse — disse Leo: — "Tudo pode ser reutilizado".

— Seu pai falou com você? — perguntou Jason. — Quando foi isso?

Leo não respondeu. Mexeu nas dobradiças do pescoço de dragão até a cabeça ser desconectada. Pesava cerca de quarenta quilos, mas Leo conseguiu segurá-la em seus braços. Ele olhou para o céu estrelado e disse:

— Leve-o de volta ao bunker, pai. Por favor, até que eu possa reutilizá-lo. Eu nunca lhe pedi nada.

O vento aumentou, e a cabeça do dragão flutuou para fora dos braços de Leo, como se não pesasse nada. Voou para o céu e desapareceu.

Piper olhou para ele com espanto.

— Ele te *atendeu?*

— Eu tive um sonho — revelou Leo. — Conto a vocês mais tarde.

Ele sabia que devia uma explicação melhor a seus amigos, mas Leo mal podia falar. Sentia-se como uma máquina quebrada – como se alguém tivesse removido uma pequena parte dele, e agora ele nunca mais seria completo. Ele poderia se mover, falar, poderia continuar e fazer o seu trabalho. Mas sempre estaria fora do equilíbrio, nunca estaria calibrado corretamente.

Ainda assim, não podia se dar ao luxo de ficar triste para sempre. Caso contrário, Festus teria morrido em vão. Ele tinha que terminar essa missão... por seus amigos, por sua mãe, por seu dragão.

Ele olhou em volta. A grande mansão branca brilhava no centro do terreno. Paredes de tijolo com luzes fortes e câmeras de segurança cercavam o perímetro, mas agora Leo podia ver... ou melhor, *sentir*... como aquela segurança funcionava.

— Onde estamos? — perguntou ele. — Quero dizer, que cidade?

— Omaha, Nebraska — disse Piper. — Eu vi um cartaz enquanto voávamos. Mas não sei o que é esta mansão. Nós viemos atrás de você, mas enquanto você estava pousando, Leo, juro que parecia que... eu não sei...

— Lasers — disse Leo.

Ele pegou um pedaço dos destroços do dragão e jogou em direção ao topo do muro. Imediatamente, um revólver surgiu da parede e um raio de puro calor incinerou a placa de bronze em cinzas.

Jason silvou.

— Sistema de defesa. Como ainda estamos vivos?

— Festus — disse Leo miseravelmente. — Ele atraiu os raios. Os lasers o cortaram em pedaços enquanto ele descia, então não perceberam vocês. Eu o levei para uma armadilha mortal.

— Você não poderia saber — disse Piper. — Ele salvou nossas vidas novamente.

— Mas e agora? — disse Jason. — Os portões principais estão trancados, e eu suponho que não posso voar para nos tirar daqui sem levar um tiro.

Leo olhou o caminho que levava à grande mansão branca.

— Se não podemos sair, vamos ter que entrar.

XXXI

JASON

Jason teria morrido cinco vezes no caminho para a porta da frente se não fosse por Leo.

Primeiro o alçapão sensível a calor no passeio, então os lasers nas escadas, depois o gás na grade da varanda, os pregos envenenados sensíveis a pressão no tapete de boas-vindas e é claro, a campainha explosiva.

Leo desativou tudo. Era como se ele pudesse farejar as armadilhas, e só pegava a ferramenta certa do seu cinto para desligá-las.

— Você é incrível, cara — disse Jason.

Leo fez carranca enquanto examinava a fechadura da porta da frente.

— Sim, sou incrível — disse ele. — Não posso consertar um dragão direito, mas sou incrível.

— Ei, aquilo não foi sua...

— A porta da frente está destrancada — anunciou Leo.

Piper olhou para a porta em incredulidade.

— Está? Todas aquelas armadilhas, e a *porta* está destrancada?

Leo virou a maçaneta. A porta abriu facilmente. Ele pisou no lado de dentro sem hesitação.

Antes que Jason pudesse seguir, Piper pegou seu braço.

— Ele precisará de algum tempo para superar Festus. Não leve isso para o lado pessoal.

— Eu sei — disse Jason. — Eu sei, tudo bem.

Mas ainda assim ele se sentia mal. Na loja de Medeia, ele dissera coisas bastante cruéis para Leo – coisas que um amigo não deveria dizer, sem mencionar o fato de que ele quase espetara Leo com uma espada. Se não fosse por Piper, ambos estariam mortos. E Piper também não superara aquilo.

— Piper — disse — sei que fui um idiota em Chicago, mas aquela coisa sobre o seu pai... se ele está em perigo, eu quero ajudar. Não me importo se é uma armadilha ou não.

Seus olhos sempre eram de cores diferentes, mas agora eles pareciam abalados, como se ela tivesse visto algo com que não pudesse competir.

— Jason, você não sabe o que está dizendo. Por favor... não me faça sentir pior. Vamos lá. Devemos ficar juntos.

Ela mergulhou para dentro.

— Juntos — disse Jason para si próprio. — Sim, estamos indo bem nisso.

Escuridão: essa foi primeira impressão de Jason da casa.

Pelo eco dos seus passos, ele podia dizer que o hall de entrada era enorme, até maior que a suíte de Bóreas; mas a única iluminação vinha das luzes do jardim afora. Um brilho fraco entrava pelas frestas das cortinas grossas de veludo. As janelas tinham três metros de altura. Em intervalos

regulares, junto às paredes, havia várias estátuas de metal em tamanho real. Enquanto os olhos de Jason se ajustavam à penumbra, ele viu sofás arranjados num formato de U no meio da sala, com uma mesa de centro e uma grande cadeira no outro lado. Um candelabro pesado reluzia no teto. Na parede de trás havia várias portas fechadas.

— Cadê o interruptor? — Sua voz ecoou assustadoramente pela sala.

— Não vejo um — disse Leo.

— Fogo? — sugeriu Piper.

Leo levantou sua mão, mas nada aconteceu.

— Não está funcionando.

— Sem fogo? Por quê? — perguntou Piper.

— Bem, se eu soubesse...

— Ok, ok — disse ela. — O que fazemos... exploramos?

Leo balançou a cabeça.

— Depois de todas aquelas armadilhas lá fora? Má ideia.

A pele de Jason formigou. Ele odiava ser um semideus. Olhando ao redor, via uma sala confortável para ficar. Ele imaginou espíritos da tempestade espreitando por trás das cortinas, dragões sob o tapete, um candelabro feito de pedaços de gelo letais, prontos para espetá-los.

— Leo tem razão — disse Jason. — Não vamos nos separar de novo... não como fizemos em Detroit.

— Ah, obrigada por me fazer lembrar os ciclopes. — A voz de Piper tremulou. — Eu estava precisando disso.

— Faltam algumas horas para o amanhecer — lembrou Jason. — Está muito frio para esperar do lado de fora. Vamos trazer as jaulas para dentro e acampar nessa sala. Esperamos pela luz do dia, então podemos decidir o que fazer.

Ninguém ofereceu uma ideia melhor, então eles rolaram as jaulas com o Treinador Hedge e os espíritos da tempestade para dentro e se estabeleceram. Agradecidamente, Leo não encontrou nenhum veneno jogado nos travesseiros ou almofadas elétricas nos sofás.

Leo não parecia no ânimo de fazer mais tacos. Além disso, eles não tinham fogo, então se contentaram com comida fria.

Enquanto Jason comia, estudava as estátuas de metal pelas paredes. Elas pareciam deuses gregos ou heróis. Talvez fosse um bom sinal. Ou talvez fossem usadas para prática de alvo. Na mesa de centro havia um aparelho de chá e vários livros, mas Jason não podia distinguir os títulos. A grande cadeira do outro lado da mesa parecia um trono. Nenhum deles tentou sentar nela.

As gaiolas não deixavam o lugar menos assustador. Os *venti* continuavam se debatendo na prisão, sibilando e girando, e Jason teve a desconfortável sensação de que eles estavam o observando. Ele podia sentir o ódio deles pelas crianças de Zeus – o senhor do céu que ordenou a Éolo aprisionar sua espécie. Os *venti* adorariam rasgar Jason.

A respeito do Treinador Hedge, ele ainda estava congelado no meio de um grito, seu bastão levantado. Leo estava trabalhando na gaiola, tentando abri-la com várias ferramentas, mas a fechadura parecia estar lhe dando trabalho. Jason decidiu não sentar perto dele no caso de Hedge subitamente descongelar e entrar no modo de bode-ninja.

Apesar de se sentir agitado, mesmo com seu estômago cheio, Jason começou a adormecer. Os sofás eram bem confortáveis – muito melhores que as costas do dragão – e ele fizera as duas últimas patrulhas enquanto seus amigos dormiam. Estava exausto.

Piper já se enrolara em outro sofá. Jason quis saber se ela estava realmente dormindo ou evitando uma conversa sobre o seu pai. Seja lá o que

Medeia tivesse insinuado em Chicago, sobre Piper ter seu pai de volta se ela cooperasse – não soou bem. Se Piper arriscara seu próprio pai para salvá-los, aquilo fez Jason se sentir mais culpado ainda.

E eles estavam correndo contra o tempo. Se Jason contou os dias corretamente, aquela era a manhã do dia 20 de dezembro. O que significava que no dia seguinte seria o solstício de inverno.

— Durma um pouco — disse Leo, ainda trabalhando na gaiola trancada. — É a sua vez.

Jason respirou fundo.

— Leo, sinto muito pelo o que eu disse em Chicago. Não era eu. Você não é irritante e você *leva* as coisas a sério, especialmente o seu trabalho. Eu queria poder fazer metade das coisas que você faz.

Leo abaixou sua chave de fenda. Ele olhou para o teto e balançou a cabeça como se pensasse, *O que eu vou fazer com esse garoto?*

— Eu tento muito ser irritante — disse Leo. — Não insulte minha habilidade de *irritar*. E como é que eu vou me ofender se você fica se desculpando? Eu sou um mecânico humilde. Você é como o príncipe do céu, filho do Senhor do Universo. Eu *tenho* que te invejar.

— Senhor do Universo?

— Certo, você é todo... *bam!* Homem raio. E "Me veja voando. Eu sou o gavião..."

— Cale a boca, Valdez.

Leo controlou um sorriso.

— Sim, entendo. Eu *irrito* você.

— E eu peço desculpas por me desculpar.

— Obrigado.

Leo voltou ao trabalho, mas a tensão entre eles diminuiu. Ele ainda parecia exausto e triste, mas não tão irritado.

— Vá dormir, Jason — ordenou Leo. — Vai demorar algumas horas para libertar esse homem bode. Depois, eu ainda tenho que descobrir como colocar os *venti* em uma cela menor, porque eu *não* vou arrastar aquela gaiola gigante para a Califórnia.

— Você consertou Festus — disse Jason — lhe deu um propósito de novo. Acho que essa missão foi o ponto alto de sua vida.

Jason teve medo de ter falado isso e ter deixado Leo chateado mais uma vez, mas Leo só suspirou.

— Espero — disse ele. — Agora durma, cara. Eu quero algum tempo sem vocês, formas orgânicas de vida.

Jason não tinha muita certeza do que aquilo significava, mas não discutiu. Ele fechou os olhos e teve um sono sem sonhos, felizmente.

Ele só acordou quando a gritaria começou.

— Ahhhgggggggh!

Jason ficou de pé. Ele não tinha certeza do que era mais irritante: a luz do sol toda que agora banhava a sala, ou o sátiro berrante.

— O Treinador está acordado — anunciou Leo, o que foi meio que desnecessário.

Gleeson Hedge estava por perto dando cambalhotas com seu traseiro peludo, sacudindo o bastão e gritando, "Morram!" enquanto esmagava o conjunto de chá, golpeava os sofás e o trono.

— Treinador! — gritou Jason.

Hedge virou, respirando duro. Seus olhos estavam tão selvagens que Jason teve medo que ele pudesse atacar.

O sátiro ainda estava vestindo sua camisa polo laranja e seu apito de treinador, mas seus chifres estavam claramente visíveis acima do seu cabelo

encaracolado, e seu traseiro musculoso era definitivamente de bode. Você podia chamar um bode de *musculoso*? Jason colocou o pensamento de lado.

— Você é a nova criança — disse Hedge, baixando a clava. — Jason.

Ele olhou para Leo, depois Piper, que aparentemente também acabara de acordar. Seu cabelo parecia ter sido transformado num ninho para um hamster amigável.

— Valdez, McLean — disse o treinador. — O que está acontecendo? Estávamos no Grand Canyon. Os *anemoi thuellai* estavam atacando e... — Ele mirou para a gaiola dos espíritos da tempestade, e seus olhos se arregalaram. — Morram!

— Opa, Treinador! — Leo entrou no seu caminho, o que era bastante corajoso, mesmo que Hedge fosse quinze centímetros mais baixo. — Está tudo bem. Eles estão trancafiados. Nos só te tiramos da outra gaiola.

— Gaiola? Gaiola? O que está acontecendo? Só porque sou um sátiro não significa que não posso fazer vocês pagarem flexões, Valdez!

Jason tossiu.

— Treinador... Gleeson... hã, seja lá como queira que o chamamos. Você nos salvou no Grand Canyon. Foi totalmente corajoso.

— É claro que fui!

— A equipe de extração veio e nos levou para o Acampamento Meio-Sangue. Pensamos que havíamos perdido você. Então tivemos conhecimento que os espíritos da tempestade haviam te levado para a sua... hã, comandante, Medeia.

— Aquela bruxa! Espere... é impossível. Ela é mortal. Ela está morta.

— É, bem — disse Leo — de algum jeito ela não está mais.

Hedge assentiu, seus olhos se estreitando.

— Certo! Vocês foram mandados numa missão perigosa para me resgatar. Excelente!

— Hã... — Piper ficou de pé, levantando as mãos para que o Treinador Hedge não lhe atacasse. — Na verdade, Glee... eu ainda posso te chamar de Treinador Hedge? Gleeson parece *errado*. Estamos numa missão por algo mais. Nós meio que encontramos você por acidente.

— Ah. — A disposição do treinador pareceu esvaziar, mas só por um segundo. Então seus olhos brilharam novamente. — Mas não há acidentes! Não em missões. Isso estava *destinado* a acontecer! Então, esse é o covil da bruxa, é? Por que tudo é de ouro?

— Ouro? — Jason olhou em volta.

Da maneira com que Leo e Piper prenderam a respiração, supôs que eles também não haviam notado ainda.

A sala era repleta de ouro – as estátuas, o conjunto de chá que Hedge esmagara, a cadeira que era definitivamente um trono. Até as cortinas – que pareciam ter se aberto sozinhas no romper do dia – pareciam ser tecidas com fibra de ouro.

— Legal — disse Leo. — Não me admira que eles tenham tanta segurança.

— Esse não é... — gaguejou Piper. — Esse não o covil de Medeia, Treinador. É a mansão de alguma pessoa rica em Omaha. Fugimos de Medeia e aterrissamos aqui.

— É o destino, *cupcakes!* — insistiu Hedge. — Estou destinado a protegê-los. Qual é a missão?

Antes que Jason pudesse decidir se queria explicar ou só empurrar o Treinador Hedge de volta para a sua gaiola, uma porta abriu do outro lado da sala.

Um homem gordo num roupão branco saiu com uma escova de dentes dourada na boca. Ele tinha uma barba branca e uma daquelas antiquadas

toucas de dormir cobrindo os cabelos brancos. Ele congelou quando os viu, e a escova de dente caiu da sua boca.

Ele olhou para a sala atrás dele e chamou:

— Lit, meu filho? Venha aqui, por favor. Há pessoas estranhas na sala do trono.

O Treinador Hedge fez o de sempre. Ele levantou sua clava e gritou:

— Morra!

XXXII

JASON

Foram necessários os três para deter o sátiro.

— Opa, Treinador! — disse Jason. — Acalme-se um pouco.

Um homem mais novo entrou na sala. Jason supôs que devia ser Lit, o filho. Ele estava vestindo calça de pijama com uma camiseta sem manga que dizia Cornhuskers, o nome de um time de hóquei local, que poderia ser traduzido por "descascadores de milho". Ele segurava uma espada que parecia poder descascar muitas coisas além de milho. Seus braços nus estavam cobertos de cicatrizes e seu rosto era emoldurado por um cabelo escuro e encaracolado. Seria bonito, se não tivesse sido tão recortado.

Lit imediatamente mirou em Jason como se ele fosse a maior ameaça, e aproximou-se silenciosamente dele, balançando sua espada acima.

— Espere! — Piper deu um passo para frente, tentando sua melhor voz calma. — Isso é só um mal-entendido! Está tudo bem.

Lit parou nos seus passos, mas ainda parecia alerta. Não ajudou que Hedge estivesse gritando:

— Eu vou pegá-los! Não se preocupem!

— Treinador — argumentou Jason — eles podem ser gentis. Além disso, estamos dentro da casa deles ilegalmente.

— Obrigado! — disse o velho no roupão. — Agora, quem são vocês, e por que estão aqui?

— Vamos todos abaixar as nossas armas — disse Piper. — Treinador, você primeiro.

Hedge apertou o maxilar.

— Nem uma paulada?

— Não — disse Piper.

— E um acordo? Eu matarei eles primeiro, e se confirmar que eles são gentis, me desculparei.

— Não! — insistiu Piper.

— Droga! — O Treinador Hedge baixou sua clava.

Piper deu a Lit um bondoso sorriso *desculpe-por-isso*. Até com o seu cabelo bagunçado e as mesmas roupas de dois dias atrás, ela parecia extremamente bonita, e Jason sentiu um pouco de ciúme por ela estar dando a Lit aquele sorriso.

Lit xingou e embainhou a espada.

— Você fala bem, garota... sorte dos seus amigos ou eu teria acabado com eles.

— Obrigado — disse Leo. — Eu tento não ser morto antes do almoço.

O velho no roupão suspirou, chutando o bule de chá que o Treinador Hedge esmagara.

— Bem, já que vocês estão aqui, por favor, sentem-se.

Lit franziu a testa.

— Vossa Majestade...

— Não, não, está tudo bem, Lit — disse o velho. — Nova terra, novos costumes. Eles podem se sentar na minha presença. Afinal, eles me viram em roupas de dormir. Não há sentido em seguir formalidades agora. — Ele deu o seu melhor para sorrir, embora parecesse um pouco forçado. — Bem-vindos a minha humilde casa. Eu sou o rei Midas.

— Midas? Impossível — disse o Treinador Hedge. — Ele morreu.

Eles agora estavam sentados em sofás, enquanto o rei reclinava em seu trono. Era perigoso fazer isso num roupão, e Jason esperava que o velho não descruzasse as pernas. Com sorte, ele estaria usando cuecas douradas por baixo.

Lit ficou atrás do trono, ambas as mãos na espada, olhando para Piper e flexionando seus braços musculosos só para ser irritante. Jason quis saber se *ele* parecia tão ridículo segurando uma espada. Tristemente, ele duvidou disso.

Piper se acomodou mais para frente.

— O que nosso amigo sátiro quer dizer, Vossa Majestade, é que você é o segundo mortal que encontramos que devia estar... desculpe... morto. O Rei Midas viveu milhares de anos atrás.

— Interessante.

O rei olhou pelas janelas para os brilhantes céus azuis e a luz do sol de inverno. À distância, Omaha parecia blocos de montar – um lugar muito limpo e pequeno para uma cidade normal.

— Vocês sabem — o rei disse — eu acho que *estive* um pouco morto por um tempo. É estranho. Parece um sonho, né, Lit?

— Um sonho muito longo, Vossa Majestade.

— E ainda assim, agora estamos aqui. Eu estou me divertindo muito. Gosto de estar vivo.

— Mas como? — perguntou Piper. — Você não parece ter uma... patrona?

Midas hesitou, mas houve uma piscadela maliciosa nos seus olhos.

— Isso importa, minha querida?

— Poderíamos matá-los de novo — sugeriu Hedge.

— Treinador, você não está ajudando — interrompeu Jason. — Por que você não sai e fica de guarda?

Leo tossiu.

— É seguro? Eles têm segurança pesada.

— Ah, sim — disse o rei. — Me desculpem sobre isso. Mas são coisas adoráveis, não são? Incrível o que ouro ainda pode comprar. Brinquedos excelentes que vocês têm nesse país!

Ele pescou um controle remoto do bolso do roupão e pressionou alguns botões – uma senha, imaginou Jason.

— Pronto — disse Midas. — Já é seguro sair agora.

O Treinador Hedge grunhiu.

— Certo. Mas se vocês precisarem de mim...

Ele piscou para Jason significativamente. Depois apontou para si, depois apontou para os seus anfitriões, e cortou um dedo pela garganta. Linguagem de sinais muito sutil.

— Sim, obrigado — disse Jason.

Depois de o sátiro partir, Piper tentou outro sorriso diplomático.

— Então... você não sabe como chegou aqui?

— Ah, bem, sim. Um pouco — disse o rei. Ele franziu a testa para Lit. — Por que escolhemos Omaha? Eu sei que não foi por causa do clima.

— O oráculo — disse Lit.

— Sim! Me contaram que havia um oráculo em Omaha. — O rei deu de ombros. — Aparentemente foi um engano. Mas essa é uma casa bastante

bonita, né? Lit... é abreviação de Litierses, a propósito... nome horrível, mas a mãe dele insistiu... Lit tem um amplo espaço aberto para praticar o seu manejo de espada. Ele tem uma grande reputação por isso. Eles o chamavam de Ceifeiro de Homens nos dias antigos.

— Ah. — Piper tentou parecer entusiasmada. — Que legal.

O sorriso de Lit foi mais como um sarcasmo cruel. Jason tinha agora cem por cento de certeza que ele não gostava desse garoto, e estava começando a pensar em mandar Hedge voltar.

— Então — disse Jason. — Todo esse ouro...

Os olhos do rei se iluminaram.

— Você está aqui por ouro, meu garoto? Por favor, pegue um folheto!

Jason olhou para os folhetos na mesa de centro. O título dizia *OURO: Investimento para a Eternidade.*

— Hã, você vende ouro?

— Não, não — disse o rei. — Eu fabrico. Em tempos incertos como esses, ouro é o investimento mais sábio, não acha? Governos caem. Os mortos se erguem. Os gigantes atacam o Olimpo. Mas ouro mantém o seu valor!

Leo franziu a testa.

— Eu já vi esse comercial.

— Ah, não seja enganado por imitações baratas! — disse o rei. — Lhe asseguro, posso cobrir qualquer preço para um investidor sério. Eu posso fazer uma grande seleção de itens de ouro em um momento.

— Mas... — Piper balançou a cabeça em confusão. — Vossa Majestade, você desistiu do toque dourado, não desistiu?

O rei pareceu surpresa.

— Desisti?

— Sim — disse Piper. — Acho que foi coisa de algum deus...

— Dioniso — concordou o rei. — Eu resgatei um dos seus sátiros e em troca, o deus me concedeu um desejo. Eu escolhi o toque dourado.

— Mas você acidentalmente transformou sua própria filha em ouro — lembrou Piper. — E percebeu como foi ganancioso. Então você se arrependeu.

— Me arrependi! — rei Midas olhou para Lit incredulamente. — Está vendo, filho? Você fica fora alguns milhares de anos, e a história é distorcida. Minha querida garota, essas histórias *dizem* que eu perdi meu toque mágico?

— Bem, eu acho que não. Elas só dizem que você aprendeu a reverter o efeito com água corrente, e que você trouxe sua filha de volta a vida.

— Isso é verdade. Às vezes eu preciso reverter meu toque. Não há água corrente na casa porque eu não quero acidentes... — ele gesticulou para as suas estátuas — mas escolhemos viver perto de um rio só por precaução. Ocasionalmente, me esqueço e dou uma tapinha nas costas de Lit...

Lit se afastou alguns passos.

— Eu odeio isso.

— Eu te *disse* que sentia muito, filho. Em todo caso, ouro é maravilhoso. Por que eu iria desistir?

— Bem... — Piper pareceu realmente perdida agora. — Não é a moral da história? Que você aprendeu sua lição?

Midas riu.

— Minha querida, posso ver sua mochila por um momento? Jogue-a aqui.

Piper hesitou, mas não estava ansiosa para ofender o rei. Ela esvaziou tudo dela e a jogou para Midas. Assim que ele pegou, a mochila virou ouro, como gelo se expandindo no tecido. Ainda parecia flexível e leve, mas definitivamente ouro. O rei a jogou de volta.

— Como você vê, eu ainda posso transformar qualquer coisa em ouro — disse Midas. — Essa mochila é mágica agora, também. Vá em frente, coloque os seus pequenos espíritos da tempestade aí.

— Sério? — Leo estava subitamente interessado.

Ele pegou a mochila de Piper e a expôs para a gaiola. Assim que abriu o zíper da mochila, os *venti* se agitaram e berraram em protesto. As barras da gaiola estremeceram. A porta da prisão voou e os espíritos da tempestade foram aspirados diretamente para a mochila. Leo fechou o zíper e sorriu.

— Tenho que admitir. Foi legal.

— Está vendo? — disse Midas. — Meu toque dourado é uma *maldição?* Eu não aprendi lição nenhuma, e a vida não é um conto de fadas, garota. Honestamente, minha filha Zoe ficou muito mais simpática como uma estátua de ouro.

— Ela falava demais — disse Lit.

— Exatamente! Então eu a transformei de novo em ouro. — Midas apontou.

Ali no canto estava uma estátua dourada de uma garota com uma expressão chocada, como se estivesse pensando, *pai!*

— Isso é horrível! — exclamou Piper.

— Que bobagem. Ela não se importa. Além disso, se eu tivesse aprendido minha lição, eu teria conseguido isso?

Midas despiu sua touca de dormir enorme, e Jason não sabia se ria ou vomitava. Midas tinha orelhas longas e felpudas saltando do seu cabelo branco – como as orelhas do Pernalonga, mas não eram orelhas de coelho. Eram orelhas de burro.

— Ah, opa — disse Leo. — Eu não precisava ver isso.

— Terrível, não? — Midas suspirou. — Alguns anos depois do incidente do toque dourado, eu julguei um concurso de música entre Apolo

e Pã, e declarei Pã como vencedor. Apolo, o perdedor ofendido, disse que eu devia ter as orelhas de um burro, e *voilà*. Esse foi o meu prêmio por ser sincero. Eu tentei mantê-las em segredo. Só o meu barbeiro sabia, mas ele não pôde deixar de tagarelar. — Midas apontou para outra estátua dourada, um homem careca de toga, segurando um par de tesouras. — É ele. Ele não contará o segredo de mais ninguém novamente.

O rei sorriu. Subitamente ele não era mais um velho inocente num roupão. Seus olhos tinham um brilho dourado... o olhar de um louco que aceitava sua loucura e se divertia com ela.

— Sim, o ouro tem vários usos. Acho que deve ser por isso fui trazido de volta, certo, Lit? Para financiar a nossa patrona.

Lit assentiu.

— Isso e o meu braço bom de espada.

Jason olhou para os amigos. De repente o ar na sala parecia muito mais frio.

— Então você tem uma patrona — disse Jason. — Você trabalha para os gigantes.

O Rei Midas acenou sua mão desconsiderando.

— Bem, eu não me importo com os gigantes, é claro. Mas até exércitos sobrenaturais precisam ser pagos. Tenho com minha patrona um grande débito. Eu tentei explicar isso para o último grupo que passou, mas eram muito hostis. Não cooperaram.

Jason deslizou a mão ao bolso e pegou sua moeda de ouro.

— O último grupo?

— Caçadoras — rosnou Lit. — Garotas detestáveis de Ártemis.

Jason sentiu uma faísca de eletricidade – *literalmente* – viajar pela sua espinha. Sua *irmã* esteve aqui.

— Quando? — perguntou ele. — O que aconteceu?

Lit deu de ombros.

— Poucos dias atrás? Eu não consegui matá-las, infelizmente. Elas estavam procurando alguns lobos do mal, ou algo assim. Disseram que estavam seguindo uma trilha, indo para o oeste. Semideus desaparecido... não me recordo.

Percy Jackson, pensou Jason. Annabeth mencionara que as Caçadoras estavam procurando por ele. E no sonho de Jason, da casa em ruínas, ele ouvira lobos inimigos ladrando. Hera os chamara de carcereiros. Tinha que estar conectado de algum modo.

Midas coçou suas orelhas de burro.

— Mocinhas muito desprezíveis, aquelas Caçadoras — disse ele. — Elas absolutamente se recusaram em serem transformadas em ouro. Muito do sistema de segurança do lado de fora eu instalei para impedir que esse tipo de coisa aconteça novamente. Eu não tenho tempo para aqueles que não são investidores sérios.

Jason se levantou cuidadosamente e olhou para os amigos. Eles captaram a mensagem.

— Bem — disse Piper, controlando um sorriso. — Foi uma ótima visita. Bem-vindo de volta a vida. Obrigada pela mochila de ouro.

— Ah, mas vocês não podem partir! — respondeu Midas. — Eu sei que vocês não são investidores sérios, mas tudo bem! Eu tenho que reconstruir a minha coleção.

Lit estava sorrindo cruelmente. O rei levantou, e Leo e Piper recuaram dele.

— Não se preocupem — o rei os assegurou. — Vocês não *têm* de ser transformados em ouro. Eu dou a todos os visitantes uma escolha: se juntarem a minha coleção ou morrer nas mãos de Litierses. Realmente, as duas opções são boas.

Piper tentou usar seu charme.

— Vossa Majestade, você não pode...

Mais rápido que qualquer velho poderia se mover, Midas atacou e agarrou seu pulso.

— Não! — gritou Jason.

Mas um congelamento de ouro se expandia em Piper, e num batimento cardíaco ela era uma estátua brilhante. Leo tentou convocar fogo, mas ele esqueceu que seu poder não estava funcionando. Midas tocou sua mão, e Leo se transformou em metal sólido.

Jason estava tão aterrorizado que não podia se mexer. Seus amigos simplesmente *partiram*. Ele não podia parar.

Midas sorriu apologeticamente.

— Receio que ouro supere fogo — ele acenou ao redor dele, para todas as cortinas douradas e a mobília. — Nessa sala, meu poder anula todos os outros: fogo, charme... O que me deixa só mais um troféu para colecionar.

— Hedge! — gritou Jason. — Preciso de ajuda aqui!

De primeira, o sátiro não correu para dentro. Jason se perguntou se os lasers o pegaram, ou se ele estava sentado no fundo de um buraco.

Midas riu.

— Nenhum bode ao resgate? Triste. Mas não se preocupe, meu garoto. Não é realmente doloroso. Lit pode lhe contar.

Jason se fixou numa ideia.

— Eu escolho combate. Você disse que eu podia lutar com Lit em vez disso.

Midas pareceu suavemente desapontado, mas deu de ombros.

— Eu disse que você podia *morrer* lutando com Lit. Mas é claro, se você deseja.

O rei recuou, e Lit levantou a espada.

— Vou gostar disso — disse Lit. — Sou o Ceifeiro de Homens!

— Vamos, Descascador de Milho.

Jason convocou sua própria arma. Dessa vez ela apareceu como uma lança, e Jason ficou contente pelo comprimento extra.

— Ah, arma de ouro! — disse Midas. — Muito bom.

Lit atacou.

O cara era rápido. Ele golpeou e cortou, Jason mal pôde desviar golpes, mas sua mente entrou num modo diferente – analisando os tipos de ataque, aprendendo o estilo de Lit, que era todo ofensivo, sem defesa.

Jason contou os passos, desviou e bloqueou. Lit pareceu surpreso por encontrá-lo vivo.

— Que estilo e esse? — rosnou Lit. — Você não luta como um grego.

— Treinamento da legião — disse Jason, embora não tivesse certo de como sabia daquilo. — É estilo romano.

— Romano? — Lit golpeou de novo, e Jason desviou a lâmina. — O que é *romano?*

— Olhe, enquanto você estava morto, Roma derrotou a Grécia. Criaram o maior império de todos os tempos.

— Impossível — respondeu Lit. — Nunca ouvi falar deles.

Jason girou em um calcanhar, acertou Lit no peito com o cabo da lança, e o mandou tombando no trono de Midas.

— Ah, querido — disse Midas. — Lit?

— Estou bem — grunhiu Lit.

— Seria melhor ajudá-lo a se levantar — aconselhou Jason.

Lit gritou:

— Pai, não!

Tarde demais. Midas colocou sua mão no ombro do filho, e de repente uma estátua de ouro de aparência muito zangada estava sentada no trono de

Midas.

— Maldição! — lamentou Midas. — Foi um truque malvado, semideus. Você vai pagar por isso. — Ele bateu no ombro dourado de Lit. — Não se preocupe, filho. Eu vou te submergir no rio logo depois de capturar esse prêmio.

Midas correu para frente. Jason desviou, mas o velho também era rápido. Jason chutou a mesa de centro nas pernas do velho e o derrubou, mas Midas não ficaria caído por muito tempo.

Então Jason olhou para estátua dourada de Piper. Raiva se arrastou nele. Ele era o filho de Zeus. Ele *não* podia falhar os amigos.

Sentiu uma sensação de puxão no intestino, e a pressão do ar caiu tão rapidamente que seus ouvidos estalaram. Midas deve ter sentido isso também, porque ele tropeçou com os pés e pegou as orelhas de burro.

— Ei! O que você está fazendo? — perguntou ele. — Meu poder é supremo aqui!

Um trovão ribombou. Lá fora, o céu ficou escuro.

— Você conhece outro bom uso para ouro? — perguntou Jason.

Midas levantou as sobrancelhas, subitamente animado.

— Qual?

— É um excelente condutor de eletricidade.

Jason levantou sua lança, e o teto explodiu. Um raio rompeu pelo telhado como se fosse uma casca de ovo, conectado com a ponta da lança de Jason, e emitiu arcos de energia que transformaram os sofás em farrapos. Pedaços grandes do gesso do teto foram de encontro ao chão. O candelabro vergou e soltou de sua corrente, e Midas gritou no momento em que aquilo caia em cima dele, machucando-o. O vidro imediatamente virou ouro.

Quando os raios pararam, uma chuva fria começou a cair na casa. Midas xingou em grego antigo, completamente preso sob o candelabro. A chuva

encharcou tudo, transformando o candelabro de ouro de volta em vidro. Piper e Leo estavam lentamente mudando também, assim como as outras estátuas na sala.

Então a porta da frente abriu, e o Treinador Hedge correu para dentro, com a clava levantada. Sua boca estava coberta de sujeira, neve e grama.

— O que eu perdi? — perguntou ele.

— Onde você estava? — perguntou Jason. Sua cabeça estava girando por convocar o raio, e foi tudo que ele pôde fazer para impedir que passasse dessa para melhor. — Eu estava gritando por ajuda.

Hedge arrotou.

— Pegando uma refeição. Desculpe. Quem preciso matar?

— Ninguém, agora! — disse Jason. — Apenas pegue Leo. Vou pegar Piper.

— Não me deixe aqui assim! — choramingou Midas.

Ao redor, as estátuas das vítimas estavam voltando à vida – sua filha, seu barbeiro e vários caras irritados com espadas.

Jason pegou a mochila dourada de Piper e seus próprios pertences.

Então jogou um tapete sobre a estátua dourada de Lit no trono. Com sorte, aquilo iria impedir o Ceifeiro de Homens de voltar à vida pelo menos até depois que as vítimas de Midas voltassem.

— Vamos sair daqui — disse Jason para Hedge. — Acho que esses caras irão querer algum tempo de qualidade com Midas.

XXXIII

PIPER

Piper acordou tremendo de frio.

Ela teve um pesadelo sobre um velho com orelhas de burro correndo atrás dela e gritando: *Você é isso!*

— Ah, deus. — Seus dentes batiam. — Ele me transformou em ouro!

— Você está bem agora.

Jason inclinou-se e passou um cobertor quente em torno dela, mas ela ainda se sentia fria como uma boreada.

Ela piscou, tentando entender onde estavam. Perto dela, uma fogueira ardia, tornando o ar cortante com a fumaça. A luz do fogo cintilava nas paredes de rocha. Eles estavam em uma pequena caverna, mas ela não lhes oferecia muita proteção. Do lado de fora, o vendo assobiava. Neve soprava de um lado para outro. Poderia ser dia ou noite. A tempestade estava escura demais para dizer.

— L-L-Leo? — Piper tentou.

— Presente e desdourado. — Leo também estava envolto em cobertores. Ele não parecia ótimo, mas melhor do que Piper se sentia. — Eu ganhei o tratamento de metal precioso também — disse Leo — mas voltei ao normal mais facilmente. Não sei porque. Tivemos que afundar você no rio para te trazer de volta completamente. Tentei secar você, mas... está muito, muito frio.

— Você estava com hipotermia — disse Jason. — Nós arriscamos tanto néctar quanto podíamos. O Treinador Hedge também fez uma magia da natureza...

— Remédio para atletas — a cara feia do treinador pairava sobre ela. — É uma espécie de *hobby* meu. Talvez você fique com hálito de cogumelos selvagens e Gatorade por alguns dias, mas vai passar. Provavelmente você não vai morrer. Provavelmente.

— Obrigada — disse Piper, fraca. — Como vocês venceram Midas?

Jason a contou a história, jogando a culpa na sorte.

Treinador bufou.

— O garoto está sendo modesto. Você deveria ter visto ele. *Iá!* Fatiou! Explodiu com um raio!

— Treinador, você nem viu — disse Jason. — Você estava do lado de fora comendo o gramado.

Mas o sátiro só estava se aquecendo.

— Então eu cheguei com a minha clava e nos dominamos a sala! Depois, falei pra ele, "Garoto, estou orgulhoso de você! Se pudesse apenas dar alguma atenção à força dos membros superiores..."

— Treinador — chamou Jason.

— O que?

— Cale a boca, por favor.

— Claro. — O treinador se sentou junto ao fogo e começou a mastigar sua clava.

Jason colocou sua mão sobre a testa de Piper e mediu sua temperatura.

— Leo, você pode atiçar o fogo?

— Lá vai. — Leo convocou um amontoado de chamas do tamanho de bolas de beisebol e as arremessou na fogueira.

— Eu pareço assim tão mal? — Piper tremeu.

— Que nada — disse Jason.

— Você é um péssimo mentiroso — disse ela. — Onde estamos?

— Pico Pikes — respondeu Jason. — Colorado.

— Mas isso fica a oitocentos quilômetros de Omaha.

— Por aí — concordou Jason. — Eu fiz os espíritos da tempestade nos trazer até aqui. Eles não gostaram muito... foi um pouco mais rápido do que eu queria, quase nos esmagaram contra a montanha antes que eu conseguisse colocá-los de volta na mochila. Não vou tentar isso de novo.

— E porque estamos aqui?

Leo fungou.

— Isso foi o que *eu* perguntei a ele.

Jason encarou a tempestade como se estivesse esperando por algo.

— Aquela trilha de vento brilhante que vimos ontem, lembram? Ainda estava no céu, mesmo que tenha se apagado bastante. Eu a segui até que não pude ver mais. Então, honestamente não estou certo. Eu só senti que este era o lugar certo para parar.

— É claro que é. — Treinador Hedge cuspiu algumas lascas da clava. — O palácio flutuante de Éolo deve estar ancorado acima de nós, bem no pico. Este é um de seus pontos favoritos para atracar.

— Pode ter sido isso. — Jason franziu as sobrancelhas. — Eu não sei. Alguma outra coisa, também...

— As Caçadoras se dirigiam para o oeste — lembrou Piper. — Você acha que elas estão por aqui?

Jason esfregou seu antebraço, como se as tatuagens o estivessem incomodando.

— Eu não vejo como alguém poderia sobreviver na montanha agora. A tempestade está muito feia. Já é a noite antes do solstício, mas não tivemos outra escolha a não ser esperar a tempestade passar. Tivemos que dar a você algum tempo para descansar antes que tentássemos nos mover.

Ele não precisava convencê-la. O vento assobiando no lado de fora da caverna a assustava, e ela não conseguia parar de tremer.

— Nós precisamos te aquecer. — Jason sentou perto dela e estendeu os braços um pouco sem jeito. — Hã, você se importa se eu...

— Acho que não. — Ela tentou parecer desinteressada.

Ele passou os braços ao seu redor e a segurou. Eles chegaram mais perto do fogo. Treinador Hedge mastigava pedaços do seu bastão e cuspia as lascas no fogo.

Leo pegou alguns suprimentos de cozinha e começou a fritar hambúrgueres em uma frigideira de ferro.

— Então, gente, já que vocês estão aninhados para hora da história... Tem algo que eu preciso contar a vocês. No caminho pra Omaha, eu tive esse sonho. Um pouco difícil de entender com a estática e a *Roda da Fortuna* interrompendo...

— *Roda da Fortuna?* — Piper achou que Leo estava brincando, mas quando ele levantou os olhos dos hambúrgueres sua expressão estava mortalmente séria.

— O negócio é que — ele disse — meu pai Hefesto falou comigo.

Leo contou a eles sobre seu sonho. Na luz do fogo, com o vento assobiando, a história era ainda mais assustadora. Piper podia imaginar a

voz cheia de estática do deus avisando sobre os gigantes que eram filhos de Tártaro, e sobre Leo perdendo alguns amigos no caminho.

Ela tentou se concentrar em algo bom: os braços de Jason em volta dela, o calor lentamente se espalhando por seu corpo... mas ela estava aterrorizada.

— Eu não entendo. Se semideuses e deuses têm que trabalhar juntos para matar os gigantes, por que os deuses ficariam em silêncio? Se eles precisam de nós...

— Rá — disse o Treinador Hedge. — Os deuses *odeiam* precisar de humanos. Eles gostam de ser adorados por humanos, mas não o contrário. As coisas devem ficar bem piores antes que Zeus admita que cometeu um erro fechando o Olimpo.

— Treinador — disse Piper — esse foi quase um comentário inteligente.

Hedge bufou.

— O quê? Eu sou inteligente! Eu não estou surpreso que vocês, *cupcakes*, não tenham ouvido falar da Guerra dos gigantes. Os deuses não gostam de falar sobre isso. É propaganda negativa admitir que você precisou de mortais para ajudar a vencer um inimigo. É simplesmente constrangedor.

— No entanto, há mais — disse Jason. — Quando sonhei com Hera em sua prisão, ela falou que Zeus estava anormalmente paranoico. E Hera falou que foi para aquelas ruínas porque uma voz estava falando em sua cabeça. E se alguém estiver manipulando os deuses, como Medeia estava nos manipulando?

Piper estremeceu. Ela teve um pensamento parecido — que alguma força invisível estava manipulando a situação, ajudando os gigantes. Talvez a mesma força estivesse mantendo Encélado informado sobre seus movimentos, e até mesmo tenha derrubado o dragão em Detroit. Talvez a Mulher de poeira adormecida de Leo, ou outro servo dela...

Leo colocou alguns pães de hambúrguer na frigideira para torrar.

— E, Hefesto falou algo parecido, como se Zeus estivesse agindo mais estranho que o normal. Mas o que me incomodou foi o que meu pai *não* falou. Como se em algumas vezes ele estivesse falando sobre os semideuses e como ele tinha tantos filhos e tudo mais. Eu não sei. Ele agiu como se juntar os maiores semideuses fosse quase impossível, como Hera está tentando, e que era uma coisa estúpida de se fazer, e tinha algum segredo que Hefesto não deveria me contar.

Jason se mexeu. Piper podia sentir a tensão em seus braços.

— Quíron agiu da mesma forma no acampamento — disse ele. — Ele mencionou um juramento secreto sobre não falar... alguma coisa. Treinador, você sabe alguma coisa sobre isso?

— Que nada. Eu sou só um sátiro. Eles não nos contam as coisas suculentas. Especialmente para um velho... — Ele parou.

— Um velho como você? — perguntou Piper. — Mas você não é assim tão velho, é?

— Cento e seis anos — murmurou o treinador.

Leo tossiu.

— Como é que é?

— Não brinque com fogo, Valdez. São só Cinquenta e três anos humanos. Ainda assim, fiz alguns inimigos no Conselho dos Anciãos de Casco Fendido. Fui protetor por um *longo* tempo. Mas eles começaram a dizer que eu estava ficando imprevisível. Muito violento. Podem acreditar?

— Nossa. — Piper tentou não olhar para seus amigos. — Essa é difícil de acreditar.

O treinador fez uma careta.

— Sim, então nós conseguimos uma boa guerra com os titãs, e eles me colocaram na frente de batalha? Não! Me mandaram para o mais longe

possível: na fronteira canadense, dá pra acreditar? Então depois da guerra, eles me colocaram no pasto. Escola da Vida Selvagem. Besteira! Como se eu fosse velho demais para ajudar só porque gosto de alguma ação. Todos aqueles colhedores de flores do conselho, falando sobre natureza...

— Pensei que sátiros gostavam de natureza — arriscou Piper.

— Na mosca, eu amo natureza — disse Hedge. — Natureza significa coisas grandes matando e comendo coisas pequenas! E quando você é... um sátiro verticalmente afetado como eu, você fica em boa forma, carrega um bom bastão e não leva desaforo pra casa. Isso é natureza. — Hedge bufou indignado. — Colhedores de flores. De qualquer forma, espero que tenham comida vegetariana, Valdez. Eu não como carne.

— Sim, treinador, não coma seu bastão. Eu tenho alguns hambúrgueres de tofu. Piper também é vegetariana. Vou fritá-los em um segundo.

O cheiro de hambúrguer encheu o ar. Piper normalmente odiava o cheiro de carne sendo cozida, mas seu estômago roncou como se fosse fazer um motim.

Estou perdendo a cabeça, pensou ela. *Pense em brócolis. Cenouras. Lentilha.*

Seu estômago não era a única coisa se rebelando. Deitada perto do fogo, com Jason a segurando, a consciência de Piper parecia uma bala recém-disparada fazendo seu caminho até o coração. Toda a culpa que estava sentindo pela última semana, desde que o gigante Encélado lhe mandara o sonho pela primeira vez, estava prestes a matá-la.

Seus amigos queriam ajudá-la. Jason falou que até mesmo cairia em uma armadilha pra salvar seu pai. E Piper os calou. Até onde sabia, já tinha condenado seu pai quando atacou Medeia.

Ela sufocou um soluço. Talvez tivesse feito a coisa certa em Chicago, salvando seus amigos, mas apenas retardou o problema. Ela nunca poderia

trair seus amigos, mas seu lado egoísta estava desesperado o bastante para pensar, *E se eu fizesse?*

Ela tentou imaginar o que seu pai diria. *Ei, pai, se alguma vez você fosse acorrentado por um gigante canibal e eu tivesse que trair alguns amigos para te salvar, o que deveria fazer?*

Engraçado, ela nunca tinha pensado naquilo quando jogavam Três Perguntas. Seu pai nunca levaria a pergunta a sério, é claro. Ele provavelmente contaria alguma velha história de seu avô Tom — algo com ouriços brilhantes e pássaros falantes — e, em seguida, riria como se o conselho fosse bobo.

Piper desejou lembrar-se melhor de seu avô. Algumas vezes sonhava com aquela pequena casa de dois cômodos em Oklahoma. Ela se perguntava como seria crescer por lá.

Seu pai pensaria que era loucura. Ele tinha passado toda sua vida fugindo daquele lugar, se distanciando do resto, fazendo qualquer papel menos o de um índio americano. Sempre falava para Piper como ela era sortuda por crescer rica e bem cuidada, em uma boa casa na Califórnia.

Piper aprendeu a se sentir vagamente desconfortável sobre seus ancestrais — como as fotos antigas de seu pai, dos anos oitenta, quando ele tinha um cabelo horrível e roupas estranhas. *Você acredita que eu um dia me vesti assim?* ele diria. Ser Cherokee funcionava do mesmo jeito pra ele — algo engraçado e levemente constrangedor.

Mas o que mais eles eram? O pai parecia não saber. Talvez fosse por isso que ele estava sempre tão infeliz, mudando de papel o tempo todo. Talvez seja por isso que Piper começara a roubar coisas, procurando por algo que seu pai não poderia lhe dar.

Leo colocou os hambúrgueres de tofu na frigideira. O vento continuava furioso. Piper pensou em uma antiga história que seu pai havia lhe

contado... uma que talvez *respondesse* mesmo algumas de suas dúvidas.

Um dia, quando estava na segunda série, ela chegou em casa chorando e perguntando porque seu pai a tinha dado o nome de Piper. As crianças zoavam ela porque Piper Cherokee era o nome de um avião.

Seu pai riu, como se nunca tivesse pensado naquilo.

— Não, Pipes. É um belo avião. Mas não foi por causa disso que a chamei assim. Foi o vovô Tom que escolheu seu nome. A primeira vez que ele a ouviu chorar, falou que você tinha uma voz poderosa, melhor que qualquer flautista doce. Piper é flautista em inglês. Ele falou que você aprenderia a cantar as mais difíceis canções Cherokee, até mesmo a canção da cobra.

— Canção da cobra?

E o pai contou a lenda a ela — como um dia uma Cherokee viu uma cobra brincando perto de seus filhos e matou-a com uma pedra, sem perceber que era o Rei das Cascavéis. As cobras se prepararam para uma guerra contra os humanos, mas o marido daquela mulher tentou a paz. Ele prometeu que faria qualquer coisa para recompensar as cascavéis. As cobras o fizeram cumprir a promessa. Elas falaram para que ele levasse sua mulher ao sacrifício, de maneira que as cobras pudessem picá-la e levar sua vida em troca. O homem estava com o coração partido, mas fez o que lhe pediram. Depois, as cobras ficaram impressionadas com o homem por ele ter desistido de tanto e mantido sua promessa. Elas o ensinaram a canção da cobra para que todos os Cherokee a usassem. Dali em diante, se algum Cherokee encontrasse uma cobra e cantasse aquela canção, a cobra o reconheceria como um amigo, e não o picaria.

— Isso é horrível! — disse Piper. — Ele deixou sua mulher morrer?

Seu pai abriu as mãos.

— Foi um grande sacrifício. Mas uma vida trouxe paz por gerações entre cobras e Cherokees. Vovô Tom acreditava que as canções Cherokee podiam resolver quase todos os problemas. Ele pensou que você aprenderia várias canções, e seria a quase musicista da família. Por isso seu nome é Piper.

Um grande sacrifício. Será que seu avô havia previsto algo sobre ela, mesmo quando era apenas um bebê? Será que ele sentira que ela era uma filha de Afrodite? Seu pai provavelmente diria que era loucura. Vovô Tom não era um oraculo.

Mas ainda assim... ela prometeu ajudar nessa missão. Seus amigos contavam com ela. Eles a salvaram quando Midas a transformou em ouro. Eles a trouxeram de volta a vida. Ela não poderia recompensá-los com mentiras.

Gradualmente, ela começou a se sentir mais quente. Parou de tremer e se sentou contra o peito de Jason. Leo lhe entregou a comida. Piper não queria se mexer, falar ou fazer qualquer coisa para quebrar o momento. Mas ela precisava fazer isso.

— Precisamos conversar. — Ela se sentou de maneira a olhar para Jason. — Eu não quero esconder mais nada de vocês.

Eles a olharam com suas bocas cheias de hambúrguer. Tarde demais para mudar de ideia agora.

— Três noites antes da ida ao Grand Canyon — ela disse — eu tive um sonho... um gigante me disse que meu pai havia sido sequestrado. Ele me disse que eu deveria cooperar, ou meu pai seria morto.

As chamas crepitaram.

Finalmente, Jason perguntou:

— Encélado? Você mencionou esse nome antes.

Treinador Hedge se virou.

— Grande gigante. Cospe fogo. Não gostaria de estar perto dele.

Jason mandou-lhe um olhar de *cala a boca*.

— Piper, continue. O que aconteceu depois?

— Eu... eu tentei falar com meu pai, mas tudo o que eu consegui foi sua assistente pessoal, e ela me disse para não me preocupar.

— Jane? — lembrou Leo. — Medeia não falou algo sobre controlá-la?

Piper concordou com um aceno.

— Para ter meu pai de volta, eu deveria sabotar esta missão Eu não tinha pensado que seriamos nós três. Então depois que começamos a missão Encélado me mandou outro aviso: Ele me falou que queria vocês dois mortos. Ele queria que eu os levasse até uma montanha. Não sei qual exatamente, mas era na Bay Area... eu podia ver a ponte Golden Gate do cume. Eu deveria estar lá ao anoitecer do solstício, amanhã. Seria uma troca.

Ela não podia encarara seus amigos nos olhos. Ela esperou que gritassem com ela, que lhe virassem as costas ou que a jogassem na tempestade de neve.

Ao invés disso, Jason se aproximou dela e a envolveu com seus braços novamente.

— Deuses, Piper. Eu sinto muito.

Leo concordou.

— Sem sacanagem. Você esteve carregando isso por quase uma semana? Piper, nós poderíamos *ajudar*.

Ela olhou para eles.

— Por que vocês não gritam comigo ou algo do tipo? Me mandaram matar vocês!

— Ah, qual é — disse Jason. — Você salvou a nós dois nessa missão. Eu colocaria minha vida em suas mãos a qualquer hora.

— Eu também — disse Leo. — Posso ganhar um abraço também?

— Vocês não entendem! — disse Piper. — Eu provavelmente matei meu pai contando isso a vocês!

— Duvido. — O Treinador Hedge arrotou. Ele estava comendo seu hambúrguer de tofu embrulhado no prato de papel, mastigando como um taco. — O gigante ainda não conseguiu o que queria, então ainda precisa do seu pai para chantagem. Ele vai esperar até que o seu prazo se esgote, ver se você aparece. Ele quer que você desvie a missão para essa montanha, certo?

Piper confirmou, incerta.

— Então isso significa que Hera está presa em outro lugar — argumentou Hedge. — E ela tem que ser salva no mesmo dia. Então você tem que escolher: resgatar seu pai ou resgatar Hera. Se for atrás de Hera, *então* Encélado cuida do seu pai. Além disso, Encélado nunca te deixaria ir mesmo que você cooperasse. Obviamente você é uma dos sete na Grande Profecia.

Um dos sete. Ela falou sobre isso antes com Jason e Leo, e supôs que deveria ser verdade, mas ainda tinha problemas em acreditar nisso. Ela não se sentia tão importante. Ela era só uma estúpida filha de Afrodite. Como poderia valer a pena enganá-la e matá-la?

— Então nós não temos escolha — ela disse miseravelmente. — Temos que salvar Hera, ou o Rei dos gigantes será libertado. Essa é a nossa missão. O mundo depende disso. E Encélado parece ter meios de me vigiar. Ele não é burro. Ele vai saber se mudarmos o curso e formos na direção errada. Ele vai matar meu pai.

— Ele não vai matar seu pai — disse Leo. — Nós vamos salvá-lo.

— Não temos tempo! — choramingou Piper. — Além disso, é uma armadilha.

— Nós somos seus amigos, rainha da beleza — disse Leo. — Não vamos deixar seu pai morrer. Só temos que bolar um plano.

Treinador Hedge resmungou.

— Ajudaria se soubéssemos onde é esse monte. Talvez Éolo possa dizer. A Bay Area tem uma má reputação para os semideuses. Antigo lar dos titãs, Monte Ótris, fica acima do Monte Tam, onde Atlas segura o céu nas costas. Espero que esse não seja o monte que você viu.

Piper tentou lembrar-se da vista em seu sonho.

— Eu acho que não. Era no continente.

Jason franziu a testa para o fogo, como se estivesse tentando lembrar-se de algo.

— Má reputação... isso não parece certo. Bay Area...

— Acha que já esteve lá? — perguntou Piper.

— Eu... — Ele parecia estar se aproximando de uma importante descoberta. Então a angústia voltou a seus olhos. — Eu não sei. Hedge, o que aconteceu no Monte Ótris?

Hedge mordeu novamente papel e hambúrguer.

— Bom, Cronos construiu um novo castelo lá no último verão Lugar bem desagradável, era para ser o novo quartel-general de seu novo reino e tudo mais. No entanto, não tiverem muitas batalhas lá. Cronos marchou por Manhattan, tentou tomar o Olimpo. Se eu me lembro bem, deixou alguns outros titãs cuidando do palácio, mas depois que Cronos foi derrotado em Manhattan, o lugar todo simplesmente desabou.

— Não — disse Jason.

Todos olharam para ele.

— Como assim, "Não"? — perguntou Leo.

— Não foi isso que aconteceu. Eu... — Ele se retraiu, olhando para fora da caverna.

— Ouviram isso?

Por um segundo, Piper não ouviu nada. Então Piper escutou: uivos cortando a noite.

XXXIV

PIPER

— **Lobos** — **disse Piper.** — **e parecem perto.**

Jason se levantou e pegou sua espada. Leo e o Treinador Hedge ficaram de pé também. Piper tentou, mas pontos negros dançaram na frente dos seus olhos.

— Fique aí — disse-lhe Jason. — Iremos te proteger.

Ela rangeu os dentes. Odiava se sentir inútil. Ela não *queria* que alguém a protegesse. Primeiro o tornozelo estúpido. Agora a hipotermia estúpida. Ela queria ficar de pé, com sua adaga na mão.

Então, fora da luz do fogo na entrada da caverna, ela viu um par de olhos vermelhos brilhando na escuridão.

Ok, pensou ela. *Talvez um pouco de proteção seja legal.*

Mais lobos se aproximaram na luz do fogo – bestas negras maiores que cães, com gelo e neve endurecidos no pelo. Suas presas cintilavam, e seus brilhantes olhos vermelhos pareciam perturbadoramente inteligentes. O

lobo no centro era quase tão alto quanto um cavalo, sua boca manchada de vermelho como se ele tivesse acabado de matar algo.

Piper puxou a adaga da bainha.

Então Jason deu um passo para frente e disse algo em latim.

Piper não achou que uma língua morta teria muito efeito em animais selvagens, mas o lobo alfa enrugou o lábio. O pelo se levantou pela sua espinha. Um dos seus companheiros tentou avançar, mas o lobo alfa mordeu a sua orelha. Então todos os outros voltaram para a escuridão.

— Rapaz, eu tenho que estudar latim — o martelo de Leo sacudiu na sua mão. — O que você disse, Jason?

Hedge xingou.

— O quer que fosse, não foi o bastante. Olhem.

Os lobos estavam voltando, mas o alfa não estava com eles. Eles não atacaram. Eles esperaram. Havia pelo menos uma dúzia deles agora, num semicírculo irregular fora da luz do fogo, bloqueando a saída da caverna.

O treinador suspendeu sua clava.

— Esse é o plano. Eu vou matar todos eles, e vocês escapam.

— Treinador, eles vão te rasgar em pedaços — disse Piper.

— Não, sou bom nisso.

Então Piper viu a silhueta de um homem vindo pela tempestade, passando com dificuldade pela matilha de lobos.

— Mantenham-se juntos — disse Jason. — Eles respeitam outra alcateia. E Hedge, pare de dizer coisas malucas. Não vamos deixar ninguém para trás.

Piper sentiu um nó na garganta. Ela era um elo fraco no grupo deles agora. Não havia dúvida que os lobos podiam farejar o seu medo. Ela também podia estar usando uma placa que dizia “almoço grátis”.

Os lobos deram passagem, e o homem pisou na luz. Seu cabelo era sujo e desigual, a cor da fuligem da lareira, com uma coroa acima dele que parecia ser feita de ossos de dedos. Suas roupas eram peles esfarrapadas – lobo, coelho, ursos, cervos e vários outros que Piper não conseguiu identificar. Os pelos não pareciam tratados, e pelo cheiro não eram novos. Seu corpo era ágil e musculoso, como o de um corredor de longa distância. Mas a coisa mais horrível era o seu rosto. Sua pele fina e pálida era puxada firmemente sobre seu crânio. Seus dentes eram afiados como presas. Seus olhos brilhavam em vermelho vivo como os dos lobos – e se fixaram em Jason com ódio absoluto.

— *Ecce* — disse o homem — *filli Romani.*

— Fale inglês, homem lobo! — gritou Hedge.

O homem lobo rosnou.

— Fale para o seu fauno controlar a língua, filho de Roma. Ou ele será o primeiro da minha refeição.

Piper lembrou que *fauno* era o nome romano de *sátiro*. Não era exatamente uma informação útil. Agora, se ela pudesse lembrar quem esse homem lobo era na mitologia grega, e como derrotá-lo, *isso* ela poderia usar.

O homem lobo estudou seu pequeno grupo. Suas narinas se contraíram.

— Então é verdade — refletiu. — Uma filha de Afrodite. Um filho de Hefesto. Um fauno. E um filho de Roma, de lorde Júpiter, nada menos. Todos juntos, sem matar um ao outro. Que interessante.

— Você sabia sobre nós? — perguntou Jason. — Quem contou?

O homem rosnou – talvez uma risada, talvez um desafio.

— Ah, estivemos procurando por vocês em todo o Oeste, semideuses, esperando que fôssemos os primeiros a encontrá-los. O rei gigante me recompensará bem quando se erguer. Sou Licaão, rei dos lobos. E a minha matilha está com fome.

Os lobos rosnaram na escuridão.

Pelo canto do olho, Piper viu Leo erguer seu martelo e deslizar mais algo do seu cinto de ferramentas – uma garrafa de vidro cheia de um líquido transparente.

Piper quebrou a cabeça tentando localizar o nome do homem lobo. Ela sabia que o ouvira antes, mas não podia lembrar-se de detalhes.

Licaão olhou para espada de Jason. Ele se moveu para cada lado como se procurasse uma abertura, mas a lâmina de Jason se moveu com ele.

— Parta — ordenou Jason. — Não há comida para vocês aqui.

— A menos que queiram hambúrguer de tofu — ofereceu Leo.

Licaão exibiu suas presas. Aparentemente ele não era um fã de tofu.

— Por mim — disse Licaão com pesar — eu mataria você primeiro, filho de Júpiter. Seu pai me fez o que sou. Eu fui o poderoso rei mortal da Arcádia, com cinquenta e nove perfeitos filhos, e Zeus assassinou todos eles com raios.

— Rá — disse o Treinador Hedge. — Por um bom motivo!

Jason olhou sobre o ombro.

— Treinador, você conhece esse coroa?

— *Eu* conheço — respondeu Piper.

Os detalhes do mito voltaram para ela – uma história curta e horrível da qual ela e seu pai riram no café da manhã. Ela não estava rindo agora.

— Licaão convidou Zeus para um jantar — contou. — Mas o rei não tinha certeza se realmente era Zeus. Então para testar os seus poderes, Licaão tentou lhe dar carne humana para comer. Zeus ficou ofendido...

— E matou meus filhos! — Licaão uivou. Os lobos atrás dele fizeram o mesmo.

— Então Zeus o transformou em lobo — disse Piper. — Por isso... por isso chamam os lobisomens de *licantropos*, são nomeados por causa dele, o

primeiro lobisomem.

— O rei dos lobos — o Treinador Hedge finalizou. — Um vira-lata imortal, fedorento e odioso.

Licaão rosnou.

— Eu vou te partir em pedaços, fauno!

— Ah, você quer um pouco de bode, amigo? Porque eu vou te dar bode.

— Parem — disse Jason. — Licaão, você disse que *queria* me matar primeiro, mas...?

— Infelizmente, Filho de Roma, você está prometido. Desde que essa aí... — ele balançou suas garras para Piper — falhou em te matar, você deve ser entregue vivo na Casa dos Lobos. Uma das minhas companheiras pediu pela honra de te matar ela mesma.

— Quem? — disse Jason.

O rei lobo riu em silêncio.

— Ah, uma grande admiradora sua. Aparentemente, você realmente deixou uma boa impressão nela. Ela cuidará de você muito em breve, e eu realmente não posso reclamar. Derramar o seu sangue na Casa dos Lobos deve marcar meu novo território muito bem. Lupa pensará duas vezes antes de desafiar a minha matilha.

O coração de Piper tentou pular do seu peito. Ela não entendia tudo que Licaão dissera, mas uma mulher que queria matar Jason? *Medeia*, pensou ela. *De algum modo, ela devia ter sobrevivido a explosão.*

Piper lutou para ficar de pé. Manchas dançaram em seus olhos de novo. A caverna parecia girar.

— Você partirá agora — disse Piper — antes de destruirmos você.

Ela tentou colocar poder nas palavras, mas estava muito fraca. Tremendo nos seus cobertores, pálida suada e com pouca possibilidade de segurar uma faca, ela não poderia ter parecido muito ameaçadora.

Os olhos vermelhos de Licaão se enrugaram com humor.

— Uma brava tentativa, garota. Admiro isso. Talvez eu acabe com você de forma rápida. Só precisamos do filho de Júpiter vivo. O restante de vocês, sinto muito, será o jantar.

Naquele momento, Piper sabia que iria morrer. Mas pelo menos ela morreria de pé, lutando do lado de Jason.

Jason deu um passo para frente.

— Você não vai matar ninguém, homem lobo. Não sem antes passar por mim.

Licaão uivou e estendeu as garras. Jason o acertou, mas sua espada dourada o atravessou como se o rei lobo não estivesse ali.

Licaão riu.

— Ouro, bronze, aço... nenhum desses metais funciona contra meus lobos, filho de Júpiter.

— Prata! — gritou Piper. — Lobisomens não são feridos por prata?

— Não temos prata! — respondeu Jason.

Lobos saltaram na luz do fogo. Hedge correu com um grito orgulhoso:

— Raiz!

Mas Leo atacou primeiro. Ele jogou sua garrafa de vidro e ela se rachou no chão, esparramando todo o líquido sobre os lobos – o cheiro inconfundível de gasolina. Ele atirou uma explosão de fogo na confusão e uma parede de chamas se ergueu.

Lobos uivaram e se retiraram. Vários pegaram fogo e tiveram que correr de volta para neve. Até mesmo Licaão olhava preocupadamente a barreira de chamas agora separando seus lobos dos semideuses.

— Ah, que isso — reclamou o Treinador Hedge. — Eu não posso acertá-los se eles estão do outro lado.

Todas as vezes que um lobo se aproximava, Leo atirava uma nova onda de fogo das mãos, mas cada esforço parecia deixá-lo mais cansado, e a gasolina já estava diminuindo.

— Eu não consigo soltar mais gases! — avisou Leo. Então seu rosto ficou vermelho. — Uau, essa saiu errada. Eu digo combustível. O cinto de ferramentas vai demorar um pouco para recarregar. O que vocês têm aí?

— Nada — disse Jason. — Nem uma arma que funcione.

— Raio? — perguntou Piper.

Jason se concentrou, mas nada aconteceu.

— Acho que a tempestade de neve está interferindo, ou algo assim.

— Liberte os *venti!* — sugeriu Piper.

— Então não teremos nada para dar a Éolo — disse Jason. — Tudo o que passamos terá sido por nada.

Licaão riu.

— Eu posso cheirar o seu medo. Mais alguns minutos de vida, heróis. Rezem para os deuses que quiserem. Zeus não me concedeu clemência, e vocês não terão nenhuma de mim.

As chamas começaram a se extinguir. Jason xingou e abaixou sua espada. Ele se agachou como se estivesse pronto para ir para o corpo-a-corpo. Leo puxou seu martelo da mochila. Piper levantou sua adaga – não era muito, mas era tudo que ela tinha. O Treinador Hedge levantou seu bastão, e ele era o único que parecia animado em morrer.

Então um som espetacular cortou o ar – como um pedaço de papelão rasgado. Um longo graveto se projetou do pescoço do lobo mais próximo – o cabo de uma flecha de prata. O lobo se debateu e caiu, dissolvendo numa poça de escuridão.

Mais flechas. Mais lobos caídos. A matilha rompeu em confusão. Uma flecha flamejou para Licaão, mas o rei lobo a pegou no ar. Então ele gritou

em dor. Quando deixou a flecha cair, havia um corte fumegante e chamuscado na sua palma. Outra flecha o pegou no ombro, e o rei lobo cambaleou.

— Malditos! — gritou Licaão. Ele uivou para a matilha, e os lobos viraram e correram. Licaão fixou Jason com aqueles olhos brilhantes rubros. — Isso não acabou, garoto.

O rei lobo desapareceu na noite.

Segundos depois, Piper ouviu mais lobos uivando, mas o som era diferente – menos ameaçador, mais parecido com cães farejando a caça. Um lobo menor branco rompeu na caverna, seguido por mais dois.

Hedge disse:

— Matamos?

— Não! — disse Piper. — Espere.

Os lobos inclinaram a cabeça e estudaram os campistas com grandes olhos dourados.

Um batimento cardíaco depois e seus mestres apareceram: um grupo de caçadores usando roupas de camuflagem de inverno em branco-e-cinza, pelo menos meia dúzia deles. Todos carregavam arcos com aljavas de brilhantes flechas prateadas nas costas.

Seus rostos estavam cobertos com capuzes de pele, mas claramente eram todas meninas. Uma, um pouco mais alta que o resto, se agachou na luz do fogo e apanhou a flecha que feriu a mão de Licaão.

— Tão perto — ela virou para as suas companhias. — Phoebe, fique comigo. Observe a entrada. O resto de vocês, sigam Licaão. Não podemos perdê-lo agora. Eu alcançarei vocês.

As outras Caçadoras murmuraram em concordância e desapareceram, seguindo a trilha da matilha de Licaão.

A garota de branco virou na direção a eles, seu rosto ainda escondido pelo capuz de pele.

— Estivemos seguindo a trilha daquele demônio por mais de uma semana. Estão todos bem? Ninguém foi mordido?

Jason se levantou congelado, olhando para garota. Piper percebeu que algo na sua voz soou familiar. Era difícil atribuir semelhanças, mas o jeito que ela falou, o jeito que ela formou as palavras, a fazia lembrar-se de Jason.

— Você é ela — disse Piper. — Você é Thalia.

A garota enrijeceu. Piper teve medo que ela pudesse puxar o arco, mas ao invés disso, ela abaixou o capuz de pele. Seu cabelo era preto e arrepiado, com uma tiara prateada na sua testa. Seu rosto tinha um aspecto saudável, como se ela fosse um pouco mais que humana, e seus olhos eram de um azul brilhante. Ela era a garota da fotografia de Jason.

— Eu conheço você? — perguntou Thalia.

Piper respirou fundo.

— Pode ser um choque, mas...

— Thalia. — Jason deu um passo para frente, sua voz tremendo. — Eu sou Jason, seu irmão.

XXXV

LEO

Leo chegou a uma conclusão: era o menos sortudo do grupo, e isso estava claro. Por que *ele* não tinha uma irmã perdida ou um pai estrela de cinema que precisava ser resgatado? Tudo o que tinha era um cinto de ferramentas e um dragão que se espatifou no meio da missão. Talvez fosse culpa da estúpida maldição de Hefesto, mas Leo achava que não era isso. Sua vida já era azarada antes mesmo de ele chegar ao acampamento.

Mil anos depois, quando essa missão estivesse sendo contada ao redor de uma fogueira, ele estimou que as pessoas falariam sobre o bravo Jason, a linda Piper e o seu assistente Valdez Flamejante, que os acompanhava com um cinto com chaves de fenda mágicas e ocasionalmente preparava hambúrgueres de tofu.

Como se aquilo não fosse ruim o suficiente, Leo se apaixonava por toda garota que via – contanto que ela fosse totalmente inalcançável para ele.

Quando viu Thalia pela primeira vez, Leo imediatamente pensou que ela era *muito* bonita para ser a irmã de Jason. Então pensou que seria melhor não falar isso ou ele estaria em problemas. Ele gostava do seu cabelo escuro, seus olhos azuis e da sua atitude confiante. Ela parecia o tipo de garota que podia enfrentar qualquer um num baile ou num campo de batalha, e não daria qualquer chance para Leo – era simplesmente o seu tipo!

Por um minuto, Jason e Thalia encararam um ao outro, surpresos. Então Thalia correu e o abraçou.

— Meus deuses! Ela me disse que você estava morto! — Ela agarrou o rosto de Jason e pareceu estar examinando tudo nele. — Graças a Ártemis, *é* você. Aquela pequena cicatriz no seu lábio... você tentou comer um grampeador quando tinha dois anos!

Leo riu.

— Sério?

Hedge assentiu como se aprovasse o gosto de Jason.

— Grampeadores... fonte excelente de ferro.

— E-espere — gaguejou Jason. — Quem te disse que eu estava morto? O que aconteceu?

Na entrada da caverna, um dos lobos brancos uivou. Thalia olhou para trás e balançou a cabeça, mas manteve suas mãos no rosto de Jason, como se tivesse medo que ele desaparecesse.

— Minha loba está me contando que não tenho muito tempo, e ela tem razão. Mas *temos* que conversar. Vamos nos sentar.

Piper fez melhor que isso. Ela caiu. Ela teria batido a cabeça no chão da caverna se Hedge não a tivesse pegado.

Thalia correu até Piper.

— Qual o problema dela? Ah... não importa. Entendo. Hipotermia. Tornozelo. — Ela franziu a testa para o sátiro. — Você não conhece a cura

da natureza?

Hedge zombou.

— Por que você acha que ela parece *tão* bem? Não está sentindo o cheiro de Gatorade?

Thalia olhou para Leo pela primeira vez, e naturalmente era um olhar acusador, como: *Por que você deixou o bode como médico?* Como se a culpa fosse de Leo.

— Você e o sátiro — ordenou Thalia — levem essa garota para minha amiga na entrada. Phoebe é uma excelente curandeira.

— Está frio lá fora! — disse Hedge. — Vai congelar meus chifres.

Mas Leo sabia quando eles não eram necessários.

— Vamos, Hedge. Esses dois precisam de tempo para conversar.

— Humpf. Certo — murmurou o sátiro. — Nem consegui quebrar a cabeça de alguém.

Hedge carregou Piper para a entrada. Leo estava prestes a seguir quando Jason o chamou:

— Na verdade, cara, você poderia, hã, ficar aqui?

Leo viu algo nos olhos de Jason que ele não esperava: Jason estava pedindo ajuda. Ele queria mais alguém ali. Ele estava assustado.

Leo sorriu.

— Ficar aqui é a minha especialidade.

Thalia não pareceu muito feliz a respeito disso, mas os três se sentaram ao redor do fogo. Por alguns minutos, ninguém falou. Jason estudou a irmã como se fosse uma invenção assustadora – uma que podia explodir se manipulada incorretamente. Thalia parecia mais à vontade, como se estivesse acostumada a tropeçar em coisas mais estranhas que parentes perdidos. Mas ainda assim ela olhava Jason num tipo de transe maravilhoso, talvez lembrando um pequeno de dois anos de idade que tentava comer um

grampeador. Leo pegou alguns pedaços de fios de cobre dos bolsos e os torceu juntos.

Finalmente, ele não pôde suportar o silêncio.

— Então... as Caçadoras de Ártemis. Esse negócio todo do "não namorar"... é assim *sempre* ou só às vezes, de tempos em tempos?

Thalia olhou para ele como se tivesse acabado de emergir de um poço de lama. Sim, ele estava *definitivamente* gostando dessa garota.

Jason o chutou na canela.

— Não ligue para Leo. Ele só está tentando quebrar o gelo. Mas, Thalia... o que aconteceu com a nossa família? Quem te disse que eu estava morto?

Thalia puxou um bracelete de prata no pulso. Na luz do fogo, na sua camuflagem de inverno, ela quase parecia Quione, a princesa do gelo – porém mais fria e bonita.

— Você se lembra de alguma coisa? — perguntou ela.

Jason balançou a cabeça.

— Eu acordei três dias atrás num ônibus com Leo e Piper.

— O que não foi nossa culpa — acrescentou Leo ligeiramente. — Hera roubou as memórias dele.

Thalia enrijeceu.

— Hera? Como vocês sabem disso?

Jason explicou sobre a missão – a profecia no acampamento, Hera sendo aprisionada, o gigante pegando o pai de Piper e o prazo final no solstício de inverno.

Leo interrompeu e adicionou as coisas importantes: como ele consertara o dragão de bronze, podia jogar bolas de fogo e fazer tacos excelentes.

Thalia era uma boa ouvinte. Nada parecia surpreendê-la – os monstros, as profecias, os mortos se erguendo. Mas quando Jason mencionou o Rei

Midas, ela xingou em grego antigo.

— Sabia que deveríamos ter queimado aquela mansão — disse ela. — Aquele homem é uma ameaça. Mas estamos tão concentrados em seguir Licaão... Bem, estou feliz que tenham escapado. Então Hera esteve... o que, escondendo você todos esses anos?

— Eu não sei. — Jason tirou a foto do bolso. — Ela só me deixou memória o suficiente para eu reconhecer o seu rosto.

Thalia olhou para a foto, e sua expressão suavizou.

— Eu me esqueci disso. Eu deixei no chalé um, não foi?

Jason assentiu.

— Acho que Hera queria que nós nos encontrássemos. Quando pousamos aqui, nessa caverna... tive uma sensação de que era importante. Como se soubesse que você estava perto. É loucura?

— Que nada — assegurou-lhe Leo. — Estávamos absolutamente destinados a encontrar a sua linda irmã.

Thalia o ignorou. Provavelmente ela só não queria deixar parecer o quanto Leo a impressionara.

— Jason — disse ela — quando você está negociando com os deuses, *nada* é muita loucura. Mas você não pode confiar em Hera, especialmente já que somos filhos de Zeus. Ela *odeia* todos os filhos de Zeus.

— Mas ela disse algo sobre Zeus lhe dar a minha vida como uma oferta de paz. Não faz algum sentido?

A cor drenou do rosto de Thalia.

— Ah, deuses. Nossa mãe não teria... Você não lembra... Não, é claro que não.

— O quê? — perguntou Jason.

Os traços de Thalia pareceram envelhecer na luz, como se sua imortalidade não estivesse funcionando tão bem.

— Jason... Eu não sei como dizer isso. Nossa mãe não era exatamente estável. Ela atraiu o olhar de Zeus porque era uma atriz de TV, e ela *era* bonita, mas não lidava muito bem com a fama. Ela bebia e namorava caras estúpidos. Estava sempre nos tabloides. Nunca poderia conseguir atenção o bastante. Mesmo antes de você nascer, ela e eu discutíamos o tempo todo. Ela... ela sabia que papai era Zeus, e acho que era muito para ela aceitar. Foi como a façanha suprema para ela atrair o Senhor do Céu, e ela não pôde aceitar quando ele partiu. A coisa sobre os deuses... bem, eles não ficam no mesmo lugar.

Leo se lembrou da própria mãe, o jeito que ela o assegurava cada vez mais que seu pai voltaria um dia. Mas ela nunca ficou maluca por isso. Ela não parecia querer Hefesto para si mesma – só queria que Leo pudesse conhecer o pai. Ela se virava com seu trabalho pesado, vivendo num apartamento minúsculo, nunca tendo dinheiro o bastante – e parecia bem com isso. Contanto que tivesse Leo, ela sempre dizia que a vida ficaria ok.

Ele observou o rosto de Jason, parecendo cada vez mais devastado enquanto Thalia descrevia a mãe deles, e dessa vez, Leo não sentiu inveja do amigo. Leo podia ter perdido a mãe. Podia ter tido alguns momentos difíceis. Mas pelo menos ele se lembrava dela. Ele se encontrou batendo no seu joelho, fazendo um código Morse: *Eu te amo.* Ele se sentiu mal por Jason, sem ter memórias assim – não ter nada para recorrer.

— Então... — Jason não pareceu capaz de acabar a pergunta.

— Jason, você tem amigos — disse-lhe Leo. — E agora você tem uma irmã. Você não está sozinho.

Thalia ofereceu a sua mão, e Jason a pegou.

— Quando eu tinha sete anos, mais ou menos, — ela contou — Zeus começou a visitar mamãe de novo. Acho que se sentiu mal por arruinar a vida dela, e ele pareceu... diferente de algum jeito. Um pouco mais velho e

severo, mais como um pai para mim. Por um momento, mamãe melhorou. Ela amava ter Zeus por perto, lhe trazendo presentes, fazendo o céu trovejar. Ela sempre queria mais atenção. Foi o ano que você nasceu. A mamãe... bem, eu nunca me dei bem com ela, mas você me deu um motivo para ficar por perto. Você era tão bonito. E eu não confiava nela para tomar conta de você. E claro, Zeus eventualmente parou de vir novamente. Ele provavelmente não podia mais suportar as exigências da mamãe sempre o importunando para deixá-la visitar o Olimpo, fazê-la imortal ou eternamente bonita. Quando ele partiu definitivamente, mamãe ficou cada vez mais instável. Aquela foi aproximadamente a hora que os monstros começaram a me atacar. Mamãe culpou Hera. Ela alegou que a deusa estava vindo atrás de você também... que Hera mal tolerara o meu nascimento, mas *dois* semideuses filhos da mesma mulher era um insulto muito grande. Ela até disse que não queria te nomear Jason, mas Zeus insistiu, como um jeito de satisfazer Hera porque a deusa gostava daquele nome. Eu não sabia no que acreditar.

Leo mexeu com seus fios de cobre. Ele se sentia como um intruso. Ele não deveria estar ouvindo isso, mas também o fez se sentir como estivesse conseguindo conhecer Jason pela primeira vez, como se estar ali compensasse aqueles quatro meses na Escola da Vida Selvagem, quando Leo só imaginava que eles tinham uma amizade.

— Como vocês se separaram? — perguntou ele.

Thalia apertou a mão do irmão.

— Se eu soubesse que você estava vivo... deuses, as coisas teriam sido tão diferentes. Mas quando você tinha dois anos, nossa mãe nos carregou no carro para férias em família. Dirigimos para o norte, em direção à área dos vinhedos, para esse parque que ela queria nos mostrar. Eu me lembro de ter pensado que isso era estranho, porque mamãe nunca nos levou para lugar

nenhum, e ela estava muito nervosa. Eu estava segurando a sua mão, lhe fazendo andar para essa grande construção no meio do parque, e... — Ela respirou tremulamente. — A mamãe me disse para voltar ao carro e pegar a cesta de piquenique. Eu não queria te deixar sozinho com ela, mas era só por alguns minutos. Quando voltei... ela estava ajoelhada nas escadas de pedra, se abraçando e chorando. Ela disse... ela disse que você havia partido. Disse que Hera lhe reclamou e que você estava morto. Eu não sabia o que ela fez. Tive medo que ela tivesse perdido a cabeça completamente. Eu corri por todo o lugar lhe procurando, mas você simplesmente sumiu. Ela teve que me arrastar para longe, enquanto eu chutava e gritava. Pelos dias seguintes eu estava histérica. Eu não lembro de tudo, mas chamei a polícia e eles a interrogaram por um longo tempo. Mais tarde brigamos. Ela me disse que eu a traí, que eu deveria ajudá-la, como se *ela* fosse a única que se importava. Finalmente não pude aguentar. Seu desaparecimento foi a gota d'água. Eu fugi e nunca mais voltei, nem mesmo quando a mamãe morreu alguns anos depois. Pensei que você havia partido para sempre. Eu nunca contei a ninguém sobre você... nem a Annabeth ou Luke, meus dois melhores amigos. Foi simplesmente muito doloroso.

— Quíron sabia. — A voz de Jason soava distante. — Quando cheguei ao acampamento, ele olhou uma vez para mim e disse: "Você deveria estar morto."

— Isso não faz sentido — insistiu Thalia. — Eu nunca contei para ele.

— Ei — disse Leo. — A coisa importante é que vocês têm um ao outro agora, certo? Vocês dois tem sorte.

Thalia assentiu.

— Leo tem razão. Olhe para você. Tem a *minha* idade. Você cresceu.

— Mas onde estive? — disse Jason. — Como eu poderia estar desaparecido por todo esse tempo? E as coisas romanas...

Thalia franziu a testa.

— As coisas romanas?

— Seu irmão fala latim — disse Leo. — Ele chama os deuses pelos seus nomes romanos e tem tatuagens.

Leo apontou para as marcas no braço de Jason. Então ele deu a Thalia o resumo sobre as outras coisas estranhas que aconteceram: Bóreas se transformando em Áquilo, Licaão chamando Jason de "um filho de Roma," e o lobos voltarem para fora quando Jason falou latim com eles.

Thalia puxou a corda do arco.

— Latim. Zeus falava em latim às vezes, na segunda vez que ficou com a mamãe. Como disse, ele parecia diferente, mais formal.

— Você acha que ele estava no seu aspecto romano? — perguntou Jason. — É por isso que eu penso em mim como um filho de Júpiter?

— Possivelmente — disse Thalia. — Eu nunca ouvi falar de algo assim acontecendo, mas pode explicar porque você pensa em termos romanos, porque pode falar latim melhor que grego antigo. Isso lhe faria único. Ainda assim, não explica como sobreviveu sem o Acampamento Meio-Sangue. Um filho de Zeus, ou Júpiter, ou como você quiser chamá-lo, teria sido caçado por monstros. Se ficasse por conta própria, deveria ter morrido anos atrás. Eu sei que *eu* não teria sido capaz de sobreviver sem amigos. Você precisaria de treinamento, um abrigo seguro...

— Ele não estava sozinho — disse Leo sem pensar. — Ouvimos sobre outros como ele.

Thalia olhou para ele estranhamente.

— O que você quer dizer?

Leo lhe contou sobre a camisa roxa cortada no *shopping* de Medeia, e a história que os ciclopes contaram sobre o filho de Mercúrio que falava latim.

— Não tem mais algum lugar para semideuses? — perguntou Leo. — Digo, além do Acampamento Meio-Sangue? Talvez algum professor louco de latim tenha estado abduzindo crianças dos deuses ou alguma coisa, os fazendo pensar como romanos.

Assim que disse isso, Leo percebeu como a ideia parecia tola. Os deslumbrantes olhos azuis de Thalia o estudaram atentamente, fazendo ele se sentir um suspeito numa fila.

— Eu estive por todo o país — refletiu Thalia. — Nunca vi evidência de um professor louco de latim, ou semideuses com camisas roxas. Ainda assim... — Sua voz morreu, como se tivesse acabado de lhe ocorrer um pensamento problemático.

— O quê? — perguntou Jason.

Thalia balançou a cabeça.

— Terei que falar com a deusa. Talvez Ártemis nos guie.

— Ela ainda está falando com vocês? — perguntou Jason. — A maioria dos deuses entrou em silêncio.

— Ártemis segue suas próprias regras — respondeu Thalia. — Ela tem que tomar cuidado para não deixar Zeus saber, mas acha que ele está sendo ridículo fechando o Olimpo. Ela nos enviou atrás de Licaão. Disse que encontraríamos uma pista sobre um amigo perdido nosso.

— Percy Jackson — supôs Leo. — O cara que Annabeth está procurando.

Thalia assentiu, seu rosto cheio de preocupação.

Leo quis saber se alguém já pareceu tão preocupado todas as vezes que *ele* desaparecia. Ele meio que duvidou disso.

— Então o que Licaão teria a ver com isso? — perguntou Leo. — E como isso se conecta a nós?

— Precisamos descobrir logo — admitiu Thalia. — Se o prazo de vocês é amanhã, estamos perdendo tempo. Éolo poderia lhes dizer...

A loba branca apareceu novamente na porta e uivou insistentemente.

— Eu tenho que ir. — Thalia se levantou. — Ou perderei a trilha das outras Caçadoras. Primeiro, porém, vou levar vocês para o palácio de Éolo.

— Se você não puder, tudo bem — disse Jason, embora soasse um pouco aflito.

— Ah, até parece. — Thalia sorriu e o ajudou a levantar. — Eu não tenho um irmão há anos. Acho que posso suportar alguns minutos com você antes de ficar chato. Agora, vamos lá!

XXXVI

LEO

Quando Leo viu como Piper e Hedge estavam sendo bem tratados, ficou profundamente ofendido.

Imaginara os dois congelando na neve, mas a Caçadora Phoebe montara uma tenda prateada do lado de fora da caverna. Como ela fez isso tão rápido, Leo não tinha ideia, mas dentro havia um aquecedor a querosene mantendo-os quentes e um bando de almofadas confortáveis. Piper parecia normal de novo, coberta por um novo casaco, luvas e uma calça camuflada, como uma Caçadora. Ela, Hedge e Phoebe estavam relaxados, bebendo chocolate quente.

— Ah, não mesmo — disse Leo. — Nós estávamos sentados em uma *caverna* e vocês ficam com a tenda de luxo? Quero uma hipotermia já! E também chocolate quente e um casaco!

Phoebe fungou.

— Garotos... — ela disse, como se fosse o pior insulto em que podia pensar.

— Está tudo bem, Phoebe — disse Thalia. — Eles vão precisar de casacos extras. E acho que podemos compartilhar algum chocolate.

Phoebe resmungou, mas logo Leo e Jason também estavam vestindo roupas de inverno prateadas que eram incrivelmente leves e quentes. O chocolate quente era de primeira.

— Saúde — disse o Treinador Hedge.

Ele mastigou e engoliu seu copo térmico de plástico.

— Isso não pode ser bom para seus intestinos — comentou Leo.

Thalia deu tapinhas nas costas de Piper.

— Está pronta para seguirmos em frente?

Piper assentiu.

— Graças a Phoebe, sim. Vocês são mesmo muito boas nessa coisa de sobrevivência na selva. Eu poderia correr vinte quilômetros.

Thalia piscou para Jason.

— Ela é durona para uma filha de Afrodite. Gostei dela.

— Ei, eu poderia correr vinte quilômetros também — voluntariou Leo. — Filho durão de Hefesto aqui. Manda ver.

Naturalmente, Thalia o ignorou.

Phoebe levou exatamente seis minutos para desmontar o acampamento, algo que Leo não podia crer. A tenda se encolheu em um quadrado do tamanho de uma caixinha de chicletes. Leo queria pedir detalhes para ela, mas eles não tinham tempo.

Thalia subiu montanha acima pela neve, abrindo um pequeno caminho pela lateral, e logo Leo lamentava tentar parecer o valentão, porque as Caçadoras o estavam fazendo comer poeira.

O Treinador Hedge estava saltitando em volta como um feliz bode montanhês, incentivando-os como costumava fazer nos dias de trilha na escola.

— Vamos, Valdez! Acerte o passo! Vamos cantar. *Eu tenho uma garota em Kalamazoo...*

— Não vamos não — disse Thalia.

Então, correram em silêncio.

Leo ficou para trás ao lado de Jason, no fim do grupo.

— Como está indo, cara?

A expressão de Jason foi suficiente para responder: *Nada bem*.

— Thalia leva isso tão bem — disse Jason. — Como se não fosse grande coisa eu ter aparecido. Não sei o que eu esperava, mas... ela não é como eu. Parece bem mais... *tranquila*.

— Ei, ela não está lutando contra uma amnésia — disse Leo. — E outra, ela teve mais tempo para se habituar a essa coisa toda de semideus. Se você luta com monstros e fala com os deuses, provavelmente se acostuma com as surpresas.

— Talvez — respondeu Jason. — Eu só queria entender o que aconteceu quando eu tinha dois anos, e porque minha mãe se livrou de mim. Thalia fugiu por *minha* causa.

— Ei, seja lá o que tenha acontecido, não foi sua culpa. E sua irmã é muito legal. Ela é *bem* parecida com você.

Jason ficou em silêncio. Leo se perguntou se havia dito as palavras certas. Queria fazer Jason se sentir melhor, mas isso estava fora da sua zona de conforto.

Leo desejou poder enfiar a mão em seu cinto de ferramentas e pegar algo que consertaria a memória de Jason, talvez um pequeno martelo... uma batidinha no lugar certo e talvez tudo funcionasse direito. Seria muito mais

fácil que tentar conversar sobre o assunto. *Não sou bom com formas de vida orgânicas.*

Obrigado por essa herança, pai, pensou Leo.

Leo estava tão perdido em pensamentos que não percebeu que as Caçadoras haviam parado. Ele se chocou contra Thalia e quase os mandou montanha abaixo. Felizmente, a Caçadora era rápida. Ela equilibrou os dois e então apontou para o alto.

— Aquilo sim, — Leo engasgou-se — é uma pedra muito grande.

Eles estavam perto do topo do Pico Pikes. Abaixo deles, o mundo estava coberto por nuvens. O ar era tão rarefeito que Leo mal conseguia respirar. A noite já tinha caído, mas uma grande lua cheia brilhava e as estrelas estavam incríveis. Se estendendo de norte a sul, picos de outras montanhas surgiam entre as nuvens, como ilhas – ou dentes.

Mas o show de verdade estava acima deles. Pairando no céu, a cerca de quinhentos metros de distância, estava uma enorme ilha flutuante feita de rocha lilás. Era difícil julgar seu tamanho, mas Leo percebeu que era tão grande quanto um estádio de futebol e tão alta quanto. As laterais eram como penhascos crivados de cavernas, e de vez em quando surgia uma rajada de vento que soava como um tubo de órgão. No topo da rocha, muros de bronze rodeavam uma espécie de fortaleza.

A única coisa ligando o topo do Pico Pikes com a rocha flutuante era uma estreita ponte de gelo que brilhava ao luar.

Então Leo percebeu que a ponte não era exatamente feita de gelo, porque não era sólida. Tal qual os ventos mudavam de direção, a ponte serpenteava, borrando e afinando, em alguns pontos até mesmo quebrando em uma linha pontilhada, como o rastro de vapor de um avião.

— Nós não vamos mesmo atravessar isso, certo? — perguntou Leo.

Thalia deu de ombros.

— Eu não sou uma grande fã de altura, admito. Mas se vocês querem chegar à fortaleza de Éolo, esse é o único jeito.

— A fortaleza sempre fica flutuando aí? — perguntou Piper. — Como as pessoas não percebem isso no topo do Pico Pikes?

— A Névoa — respondeu Thalia. — Ainda assim, os mortais a notam. Tem dias que o Pico Pikes parece lilás. As pessoas dizem que é um efeito de luz, mas na verdade é o palácio de Éolo refletindo na montanha.

— É enorme — disse Jason.

Thalia riu.

— Você deveria ver o Olimpo, maninho.

— Sério? Você já esteve lá?

Thalia fez uma careta, como se não fosse uma boa recordação.

— Nós devemos atravessar em dois grupos. A ponte é frágil.

— Isso é tranquilizador — disse Leo. — Jason, você não pode simplesmente nos levar voando?

Thalia riu. Então pareceu notar que a pergunta de Leo não era uma piada.

— Espere... Jason, você pode *voar?*

Jason encarou a fortaleza flutuante.

— Bem, mais ou menos. É mais como se eu controlasse o vento. Mas os ventos aqui em cima são tão fortes, não sei se gostaria de tentar. Thalia, quer dizer que... você não pode voar?

Por um segundo, Thalia pareceu genuinamente assustada. Então ela controlou novamente sua expressão. Leo percebeu que ela tinha bem mais medo de altura do que deixava transparecer.

— Sinceramente — disse ela — eu nunca tentei. Talvez seja melhor nos atermos a ponte.

Treinador Hedge bateu no vapor de gelo com o casco, então pulou para a ponte.

Surpreendentemente, ela suportou seu peso.

— Moleza! Eu vou primeiro! Piper, vamos lá, garota. Eu te dou uma mão.

— Não, está tudo bem. — começou a dizer Piper, mas o treinador segurou sua mão e a agarrou pra a ponte.

Quando eles estavam quase na metade, a ponte continuou segurando-os bem.

Thalia se virou para sua amiga Caçadora.

— Phoebe, eu volto logo. Vá achar as outras. Diga a elas que estou bem.

— Tem certeza? — Phoebe estreitou os olhos para Leo e Jason, como se eles fossem sequestrar Thalia ou algo do tipo.

— Está tudo bem — prometeu Thalia.

Phoebe concordou, relutante, e depois desceu correndo pelo caminho da montanha, os lobos brancos seguindo-a.

— Jason, Leo, apenas tomem cuidado onde pisam — disse Thalia. — Ela *quase* nunca quebra.

— Ela não me conheceu ainda — murmurou Leo, mas ele e Jason caminharam pela ponte.

No meio da subida, as coisas deram errado, e é claro que a culpa era de Leo. Piper e Hedge já estavam sãos e salvos no topo, acenando para eles, encorajando-os a continuar subindo, mas Leo se distraiu. Ele estava pensando em pontes – como ele projetaria algo bem mais estável que aquele caminho de vapor móvel, se esse fosse o seu palácio. Ele pensava sobre corrimãos e colunas de suporte. Em seguida, uma revelação súbita interrompeu sua linha de pensamento.

— Por que eles têm uma ponte? — questionou.

Thalia franziu a testa.

— Leo, este não é um bom lugar para parar. O que você quer dizer?

— Eles são espíritos do vento — disse Leo. — Não podem voar?

— Sim, mas em algumas ocasiões precisam de uma forma de se ligar ao mundo abaixo.

— Então a ponte não fica sempre aqui? — perguntou Leo.

Thalia balançou a cabeça.

— Os espíritos do vento não gostam de se ancorar à terra, mas algumas vezes é necessário. Como agora. Eles sabem que vocês estão chegando.

A mente de Leo estava a mil. Ele estava tão empolgado que quase podia sentir sua temperatura corporal aumentando. Ele não conseguia colocar seus pensamentos em palavras, mas sabia que estava chegando a algo importante.

— Leo? — chamou Jason. — No que está pensando?

— Ah, deuses — disse Thalia. — Continue andando. Olhe para seus pés.

Leo recuou. Com horror, percebeu que sua temperatura realmente *estava* aumentando, tal como tinha acontecido anos atrás, na mesa de piquenique debaixo de uma árvore, quando sua ira fugiu do controle. Agora, a empolgação estava causando a mesma reação. Sua calça soltava vapor no ar frio. Seus sapatos estavam literalmente fumegando, e a ponte não gostou. O gelo estava afinando.

— Leo, pare com isso — avisou Jason. — Você vai derreter a ponte.

— Vou tentar — disse Leo. Mas seu corpo estava superaquecendo sozinho, indo tão rápido quanto seus pensamentos. — Escuta, Jason, de que Hera te chamou naquele sonho? Ela falou que você era uma ponte.

— Leo, sério, acalme-se — disse Thalia. — Não sei do que está falando, mas a ponte está...

— Apenas escutem — insistiu Leo. — Se Jason for uma ponte, o que ele está conectando? Talvez dois lugares diferentes que normalmente não tem contato... como o palácio no ar e o chão. Você tinha que estar em algum lugar antes disso, certo? E Hera falou que era uma troca.

— Uma troca. — Os olhos de Thalia se arregalaram. — Ah, deuses.

Jason franziu a testa.

— Do que vocês dois estão falando?

Thalia murmurou algo como uma oração.

— Agora entendo porque Ártemis me mandou aqui. Jason... ela me pediu para caçar Licaão, pois assim eu encontraria uma pista sobre Percy. *Você* é a pista. Ártemis queria que nos encontrássemos para que eu pudesse ouvir sua história.

— Eu não entendo — protestou ele. — E não tenho uma história. Não me lembro de nada.

— Mas Leo está certo — disse Thalia. — Está tudo conectado. Se apenas soubéssemos onde...

Leo estalou os dedos.

— Jason, como você chamou aquele lugar no seu sonho? Aquela casa em ruínas. A Casa dos Lobos?

Thalia quase se engasgou.

— A Casa dos Lobos? Jason, porque você não me contou isso antes? *Esse* é o lugar onde estão mantendo Hera?

— Você sabe onde fica? — perguntou Jason.

Em seguida, a ponte se dissolveu. Leo teria caído para a morte, mas Jason segurou sua blusa e o puxou em segurança. Os dois escalaram a ponte e, quando se viraram, Thalia estava do outro lado de um abismo de nove metros. A ponte continuava a derreter.

— Vão! — Thalia gritou, recuando na ponte enquanto ela se desintegrava. — Descubra onde o gigante está mantendo o pai de Piper. Salvem-no! Eu vou levar as Caçadoras para a Casa dos Lobos e esperar a chegada de vocês. Podemos fazer as duas coisas!

— Mas *onde é* a Casa dos Lobos? — Jason gritou de volta.

— Você sabe onde é, maninho!

Ela estava tão distante agora que eles mal podiam ouvir sua voz sobre o vento. Leo tinha quase certeza de ter ouvido:

— Vejo vocês lá. Prometo.

Então ela se virou e correu pela ponte que dissolvia.

Leo e Jason não tiveram tempo para ficar lá. Eles escalaram por suas vidas, o gelo afinando sob seus pés. Várias vezes Jason agarrou Leo e usou os ventos para mantê-los no alto, mas parecia mais um *bungee jumping* que um voo.

Quando chegaram à ilha flutuante, Piper e Treinador Hedge os colocaram a bordo assim que o final da ponte de vapor se dissolveu. Eles tentaram recuperar o fôlego na base de uma escadaria de pedra esculpida ao lado do penhasco, levando até a fortaleza.

Leo olhou para baixo. O topo do Pico Pikes flutuava abaixo deles em um mar de nuvens, mas não havia sinal de Thalia.

— O que aconteceu? — perguntou Piper. — Leo, por que suas roupas estão fumegando?

— Eu me esquentei um pouco — murmurou ele. — Desculpe, Jason. Honestamente. Eu não...

— Está tudo bem — disse Jason, mas sua expressão era sombria. — Nós temos menos de vinte e quatro horas para resgatar uma deusa e o pai de Piper. Vamos ver o rei dos ventos.

XXXVII

JASON

Jason encontrou sua irmã e a perdeu em menos de uma hora. Enquanto escalavam os rochedos da ilha flutuante, continuou olhando para trás, mas Thalia havia partido.

Apesar do que ela dissera sobre encontrá-lo novamente, Jason ficou se questionando. Ela encontrara uma nova família com as Caçadoras, e uma nova mãe em Ártemis. Parecia tão confiante e confortável com sua vida que Jason não tinha certeza se ele um dia seria parte dela. E ela parecia tão decidida em encontrar seu amigo Percy. Ela já procurara por Jason daquele jeito?

Não é justo, ele falou para si. *Ela pensava que eu estava morto.*

Ele mal podia tolerar o que ela dissera sobre sua mãe. Era quase como se Thalia tivesse lhe passado um bebê – um bebê realmente barulhento e feio – e dito: *Aqui, isso é seu. Carregue.* Ele não queria carregá-lo. Não queria olhar para ele ou lhe sustentar. Não queria saber que tinha uma mãe instável que

havia se desfeito dele para satisfazer uma deusa. Não era de admirar que Thalia fugira.

Então ele se lembrou do chalé de Zeus no Acampamento Meio-Sangue, aquela alcova minúscula que Thalia usara como beliche, fora da vista da estátua carrancuda do deus do céu. O pai deles também não devia ser muita coisa. Jason entendeu porque Thalia renunciara aquela parte da sua vida também, mas ainda estava ressentido. Ele não podia fazer o mesmo. Ele foi deixado para segurar o fardo, literalmente.

A mochila dourada dos ventos estava nas suas costas. Quanto mais perto chegavam do palácio de Éolo, mais pesada ela ficava. Os ventos lutavam, gritando e colidindo.

O único que parecia estar num bom ânimo era o Treinador Hedge. Ele continuava subindo a escadaria escorregadia e trotando de volta para baixo.

— Vamos, *cupcakes!* Só mais uns cem degraus!

Enquanto subiam, Leo e Piper deixaram Jason em silêncio. Talvez eles pudessem sentir sua má disposição. Piper continuava a olhar para trás, preocupada, como se tivesse sido ele quem quase morreu de hipotermia e não ela. Ou talvez ela estivesse pensando sobre a ideia de Thalia. Eles contaram o que Thalia dissera na ponte – como eles poderiam salvar seu pai e Hera – mas Jason realmente não entendia como eles iriam fazer isso, e ele não tinha certeza se a possibilidade deixara Piper mais esperançosa ou só mais ansiosa.

Leo continuou batendo nas próprias pernas, procurando sinais de que sua calça estava pegando fogo. Ele não estava mais fumegando, mas o incidente na ponte de gelo realmente alucinara Jason. Leo não pareceu perceber que tinha fumaça saindo dos ouvidos e chamas dançando no seu cabelo. Se Leo começasse espontaneamente a entrar em combustão toda vez que ficava animado, seria desagradável levá-lo para algum lugar. Jason

imaginou tentar pegar comida num restaurante. *Eu quero um cheeseburger e... Ahhh! Meu amigo está pegando fogo! Dê-me um balde!*

Na maioria das vezes, porém, Jason se preocupava sobre o que Leo disse. Jason não queria ser uma ponte, ou uma troca, ou qualquer coisa. Ele só queria saber de onde viera. E Thalia pareceu tão nervosa quando Leo mencionou a casa arruinada nos seus sonhos – o lugar que a loba Lupa lhe contara que era seu ponto de partida. Como Thalia conhecia aquele lugar, e por que ela assumiu que Jason poderia encontrá-lo?

A resposta parecia perto. Mas quanto mais perto Jason chegava, menos isso cooperava, como os ventos nas suas costas.

Finalmente eles chegaram ao topo da ilha. Paredes de bronze cercavam a fortaleza, embora Jason não pudesse imaginar quem possivelmente atacaria esse lugar. Portões altos de seis metros se abriram para eles, e uma estrada de pedra polida lilás levava até a cidadela principal – uma rotunda de colunas brancas, estilo grego, como um dos monumentos em Washington, D.C – exceto pelo grupo de antenas de satélite e torres de rádio no telhado.

— É bizarro — disse Piper.

— Acho que não tem TV a cabo numa ilha flutuante — comentou Leo. — Diabos, olhem o jardim de entrada desse cara.

A rotunda ocupava o centro de um círculo de quatrocentos metros. A área era incrível de um jeito assustador. Era dividida em quatro seções, como grandes pedaços de pizza, cada um representando uma estação.

A seção à direita deles era um deserto de gelo, com árvores desfolhadas e um lago congelado. Bonecos de neve rolavam na paisagem enquanto o vento soprava, então Jason não tinha certeza se eles eram decoração ou se estavam vivos.

À esquerda deles estava um parque de outono com árvores douradas e rubras. Montes de folhas sopravam em padrões – deuses, pessoas, animais

que corriam um atrás do outro antes de se espalharem de volta em folhas.

À distância, Jason podia ver mais duas áreas atrás da rotatória. Uma parecia um pasto verde com carneiros vestidos de nuvens. A última seção era um deserto onde ervas rabiscavam formas estranhas na areia como letras gregas, rostos sorridentes, e uma grande propaganda que se lia: *assista Éolo à noite!*

— Uma seção para cada um dos quatro deuses do vento — supôs Jason. — Quatro pontos cardeais.

— Estou amando aquele pasto — o Treinador Hedge lambeu os lábios. — Vocês se importam...

— Vá em frente — disse Jason.

Ele estava realmente aliviado de ter o sátiro longe por um tempo. Seria suficientemente difícil despertar o lado bom de Éolo sem o Treinador Hedge brandir sua clava e gritar, "Morra!"

Enquanto o sátiro corria para a seção da primavera, Jason, Leo e Piper desceram a estrada para as escadas do palácio. Eles atravessaram as portas da frente num saguão branco de mármore decorado com estandartes roxos onde se liam: *Canal do Tempo Olimpiano* e *CTO!*

— Olá! — Uma mulher flutuou para eles.

Literalmente flutuou. Ela era linda naquela forma élfica que Jason associou com os espíritos da natureza no Acampamento Meio-Sangue – pequena, orelhas levemente pontudas e um rosto sem idade que poderia ter dezesseis ou trinta. Seus olhos castanhos brilhavam alegremente. Mesmo que não houvesse vento, seu cabelo soprava num movimento lento, no estilo de comercial de *xampu*. Seu vestido branco se elevava em volta dela como material de paraquedas. Jason não podia dizer se ela tinha pés, mas se tivesse, eles não tocavam o chão. Ela tinha um *tablet* branco na mão.

— Vocês vêm em nome do lorde Zeus? — perguntou ela. — Estávamos te esperando.

Jason tentou responder, mas era um pouco difícil pensar claramente, porque ele percebeu que podia ver através da mulher. Sua forma ficava forte e fraca como se fosse feita de névoa.

— Você é um fantasma? — perguntou ele.

Imediatamente ele soube que a insultou. O sorriso transformou-se em uma carranca.

— Eu sou uma *aura*, senhor. Uma ninfa do vento, como você poderia esperar, trabalhando para o senhor dos ventos. Meu nome é Mellie. Nós não temos *fantasmas*.

Piper foi ao resgate.

— Não, é claro que não! Meu amigo simplesmente te confundiu com Helena de Troia, a mortal mais bonita de todos os tempos. É um erro comum.

Uau, ela era boa nisso. O elogio pareceu um pouco fora do limite, mas a aura Mellie corou.

— Ah... entendi. Então você *é* de Zeus?

— Hã... — Jason disse — sou o filho de Zeus, sim.

— Excelente! Por favor, por aqui. — Ela os levou por algumas portas de segurança para outro saguão, consultando seu *tablet* enquanto flutuava. Ela não olhava para onde estava indo, mas aparentemente não importava, pois passou direto por uma coluna de mármore sem problemas. — Não estamos em horário nobre agora, o que é bom — ela refletiu. — Posso encaixar vocês antes da entrada dele, às 11:12.

— Hã, ok — disse Jason.

O saguão era um lugar bastante distrativo. Ventos explodiam ao redor deles, assim Jason sentiu como se estivesse sendo empurrando numa

multidão invisível. As portas sopraram, abrindo, e batendo sozinhas.

As coisas que Jason *via* eram mais bizarras ainda. Aviões de papel de todos os tamanhos e formas aceleravam em volta, e as outras ninfas do vento, *auras*, ocasionalmente os arrancavam do ar, os desdobravam e liam, então os jogavam de volta no ar, onde os aviões se redobravam e continuavam voando.

Uma criatura feia passou flutuando. Ela parecia a mistura de uma velha e uma galinha criada com esteroides. Ela tinha um rosto enrugado com cabelo preto amarrado numa touca, braços humanos com asas de galinha e um corpo gordo emplumado com garras no lugar dos pés. Era incrível que ela também pudesse voar. Ela continuava andando ao redor e se chocando em coisas como um balão de gás.

— Isso não é uma aura, certo? — Jason perguntou para Mellie enquanto a criatura se agitava.

Mellie riu.

— É uma harpia. Nossas... meias-irmãs feiosas, acho que vocês diriam. Vocês não têm harpias no Olimpo? Elas são espíritos de rajadas de vento violentas, diferentes das auras. Somos todas brisas gentis.

Ela piscou os olhos para Jason.

— Claro que são — disse ele.

— Então — lembrou Piper — você estava nos levando para ver Éolo?

Mellie os levou por um conjunto de portas como uma câmara de compressão. Sobre a porta interior, uma luz verde piscou.

— Temos alguns minutos antes de ele começar — disse Mellie, alegremente. — Ele provavelmente não matará vocês se entrarmos agora. Venham comigo!

XXXVIII

JASON

Jason ficou de queixo caído. A área central da fortaleza de Éolo era tão grande quanto uma catedral, com o teto alto e abobadado coberto com prata. Equipamentos de TV flutuavam pelo ar – câmeras, refletores, peças de cenário, plantas em vasos. E não tinha chão. Leo quase caiu no abismo antes que Jason o puxasse de volta.

— Caramba! — Leo engoliu em seco. — Ei, Mellie, que tal um pequeno aviso da próxima vez?

Uma enorme cratera circular mergulhava no coração do monte. Tinha provavelmente oitocentos metros de profundidade, repleta de cavernas, como favos de mel. Alguns dos túneis provavelmente levavam direto para fora. Jason se lembrava de ter visto os ventos que sopram para fora deles quando estavam no Pico Pikes. Outras cavernas estavam seladas com algum material brilhante como vidro ou cera. A caverna inteira estava cheia de

harpias, auras e aviões de papel, mas para alguém que não podia voar, aquela seria uma queda longa e fatal.

— Ah, céus. — Mellie engasgou. — Eu sinto muito. — Ela pegou um *walkie-talkie* de algum lugar de dentro das roupas dela e falou nele: — Alô, cenário? Nuggets? Oi, Nuggets. Você poderia colocar um piso no estúdio principal, por favor? Sim, um sólido. Obrigada.

Poucos segundos depois, um exército de harpias apareceu do buraco – três dúzias ou mais de senhoras-galinhas demoníacas, todas carregando vários materiais de construção. Elas foram trabalhar martelando e colando – e usando uma grande quantidade de fita adesiva, o que não tranquilizava Jason. Em um momento estava montado o piso provisório. Ele era feito de madeira, blocos de mármore, tapetes e grama... havia de tudo por ali.

— Isso não pode ser seguro — observou Jason.

— Ah, mas é! — Mellie o assegurou. — As harpias são muito boas nisso.

Fácil para ela falar. Ela atravessava sem tocar no chão, mas Jason decidiu que ele tinha a melhor chance de sobreviver, já que podia voar. Então pisou primeiro. Incrivelmente, o chão aguentou.

Piper agarrou a mão dele e o seguiu.

— Se eu cair, você me segura.

— Hã, claro. — Jason esperava que ele não estivesse corando.

Leo pisou depois.

— Você vai me pegar, também, Super-Homem. Mas eu não vou segurar a sua mão.

Mellie os levou em direção ao meio da sala, onde uma esfera solta de câmeras de vídeo flutuava em volta de um controle central. Um homem pairava dentro, checando monitores e lendo mensagens de aviõezinhos de papel.

O homem não prestou atenção quando Mellie os trouxe para frente. Ela empurrou uma TV Sony de quarenta e duas polegadas para fora do seu caminho e os levou para a área de controle.

Leo assobiou.

— Eu *tenho* que conseguir uma sala como essa.

As telas flutuantes mostravam todos os tipos de programas de TV. Alguns Jason reconhecia – transmissões de notícias, principalmente – mas alguns programas pareciam estranhos: lutas de gladiadores, semideuses batalhando com monstros. Talvez fossem filmes, mas pareciam mais como *reality shows*.

O outro lado da esfera era um pano de fundo de seda azul como uma tela de cinema, com câmeras e luzes de estúdio flutuando em volta.

O homem no centro estava falando num fone de ouvido. Ele tinha um controle remoto em cada mão e estava apontando-os para várias telas, aparentemente de forma aleatória.

Ele vestia um terno que parecia com o céu – principalmente azul, mas manchado com nuvens que mudavam, escureciam e se moviam ao redor do tecido. Parecia ter uns sessenta anos, com cabelo branco, mas usava uma tonelada de maquiagem e seu rosto parecia ter sofrido muitas plásticas. Não parecia ser novo nem realmente velho, apenas *errado* – como um boneco que alguém tenha jogado no micro-ondas e derretido. Seus olhos disparavam de tela em tela, como se ele estivesse tentando absorver tudo de uma só vez. Ele murmurou coisas no fone. Era divertido, ou louco, ou os dois.

Mellie flutuou na direção dele.

— Ah, senhor... lorde Éolo, esses semideuses...

— Espere! — Ele levantou uma mão para silenciá-la, então apontou para uma das telas. — Olhe!

Era um daqueles programas de caçador de tempestades, com aqueles loucos que corriam atrás de tornados. Enquanto Jason assistia, um jipe foi direto para dentro de um funil de nuvem e foi atirado para o céu.

Éolo gritou de alegria.

— O Canal do Desastre. As pessoas fazem isso *de propósito!* — Ele se virou para Jason com um sorriso louco. — Não é maravilhoso? Vamos assistir de novo.

— Hã, senhor — disse Mellie — este é Jason, filho de...

— Sim, sim, eu lembro — disse Éolo. — Você está de volta. Como foi?

Jason hesitou.

— Desculpe? Eu acho que você me confundiu...

— Não, não, Jason Grace, não é você? Foi... o quê, ano passado? Você estava a caminho para lutar um monstro marinho, creio eu.

— Eu... eu não lembro.

Éolo riu.

— Não deve ter sido um monstro muito bom! Mas eu me lembro de cada herói que vem até mim pedir ajuda. Odisseu... Deuses, ele ancorou na minha ilha por um mês! Pelo menos você ficou só por alguns dias. Agora, assista esse vídeo. Esses patos sugam direto...

— Senhor — interrompeu Mellie. — Dois minutos para entrar no ar.

— Ar! — exclamou Éolo. — Eu amo ar. Como eu estou? Maquiagem!

Imediatamente um pequeno tornado de escovas, cremes e bolas de algodão desceram até Éolo. Dançaram no seu rosto em uma nuvem de fumaça em tons de pele até que a sua cor ficou ainda mais horrível do que antes. Vento passou por seu cabelo e deixou-o espetado para cima como uma árvore de natal coberta de gelo.

— Lorde Éolo. — Jason abriu a mochila de ouro. — Nós trouxemos esses espíritos da tempestade arruaceiros para o senhor.

— Você trouxe! — Éolo olhou para a mochila como se fosse um presente de um fã, algo que ele realmente não queria. — Bem, que legal.

Leo cutucou ele, e Jason ofereceu a mochila.

— Bóreas nos mandou capturá-los para você. Esperamos que você aceite-os e deixe... o senhor sabe... de ordenar a morte de semideuses.

Éolo riu, e olhou incredulamente para Mellie.

— Morte de semideuses? Eu ordenei isso?

Mellie checou o seu *tablet*.

— Sim, senhor, quinze de setembro. "Espíritos da tempestade libertados pela morte de Tifão, semideuses tomados como responsáveis" etc... sim, uma ordem geral para todos serem mortos.

— Ah, poxa — disse Éolo. — Eu só estava maldisposto. Anule essa ordem, Mellie, e hã, quem é o oficial de guarda... Teriyaki? Teri, leve esses espíritos da tempestade para o bloco de células 14E.

Uma harpia apareceu do nada, agarrou a mochila de ouro e desceu para o abismo.

Éolo sorriu para Jason.

— Agora, me desculpe sobre esse negócio de mortes. Mas deuses, eu realmente estava furioso, não estava? — Seu rosto de repente escureceu, e seu terno fez o mesmo, as lapelas piscando com relâmpagos. — Sabe... Eu lembro agora. Quase parecia como uma voz que estava me dando aquelas ordens. Uma pequena voz gélida na minha nuca.

Jason ficou tenso. Uma pequena voz gélida na nuca... Por que isso soava tão familiar?

— Uma... hã, voz na sua mente, senhor?

— Sim. Que estranho. Mellie, nós *deveríamos* matá-los?

— Não, senhor — disse ela pacientemente. — Eles nos trouxeram espíritos da tempestade, o que deixa tudo bem.

— Claro. — Éolo riu. — Desculpem. Mellie, vamos dar algo legal para os semideuses. Uma caixa de chocolate, talvez.

— Uma caixa de chocolate para *todos* os semideuses do mundo, senhor?

— Não, muito caro. Não importa. Espere, está na hora! Estou no ar!

Éolo voou para frente da tela azul enquanto uma nova seleção de música começou a tocar.

Jason olhou para Piper e Leo, que pareciam tão confusos quanto ele.

— Mellie — disse ele — ele é sempre assim?

Ela sorriu timidamente.

— Bem, você sabe o que costumam dizer. Se não gosta do humor dele, espere cinco minutos. Aquela expressão "ver para onde sopra o vento" foi baseada nele.

— E aquela coisa sobre o monstro marinho? — disse Jason. — Eu *estive* aqui antes?

Mellie corou.

— Me desculpe, eu não lembro. Sou a nova assistente do lorde Éolo. Estive com ele por mais tempo que a maioria, mas não tanto tempo.

— Quanto tempo duram as assistentes dele? — perguntou Piper.

— Ah... — Mellie pensou por um momento. — Eu estive fazendo isso por... doze horas?

Uma voz gritou dos alto-falantes flutuantes:

— E agora, o tempo a cada doze minutos! Aqui está o seu homem do tempo do Canal do Tempo Olimpiano: Éolo!

Luzes brilhavam em Éolo, que estava agora na frente da tela azul. Seu sorriso era de um branco não natural e ele parecia ter tomado tanta cafeína que estava prestes a explodir.

— Oi, Olimpo! Éolo, mestre dos ventos aqui, com o tempo a cada doze minutos! Teremos um sistema de baixa pressão que se movimenta sobre a

Flórida hoje, então espere temperaturas mais amenas porque Deméter pretende ajudar os plantadores de frutas cítricas! — Ele gesticulou para a tela azul, mas quando Jason checou os monitores, viu que uma imagem digital estava sendo projetada atrás de Éolo, então parecia que ele estava na frente do mapa dos Estados Unidos com sorrisos animados de sóis e nuvens de tempestades. — Ao longo do litoral oriental... ah, espere. — Ele bateu no fone de ouvido. — Desculpe, pessoal! Poseidon está bravo com Miami hoje, então parece que o frio na Flórida está de volta! Desculpe, Deméter. No centro-oeste, não tenho certeza o que Saint Louis fez para ofender Zeus, mas você pode esperar tempestades de inverno! Bóreas está sendo chamado para punir essa área com gelo. Más notícias, Missouri! Não, espere. Hefesto sente pena do centro de Missouri, então todos terão temperaturas moderadas e céus ensolarados.

Éolo continuou com sua apresentação, com suas previsões para cada área do país, mudando-as duas ou três vezes a cada vez que recebia mensagens pelo fone de ouvido... os deuses aparentemente diziam várias ordens de ventos e de clima.

— Isso não pode estar certo — sussurrou Jason. — O clima não é assim.

Mellie sorriu.

— E com quanta frequência o homem do tempo mortal está certo? Eles falam sobre as frentes frias, pressão do ar e umidade, mas o clima os surpreende todo o tempo. Ao menos Éolo nos diz o *porquê* de ele ser tão imprevisível. Trabalho muito duro, tentar satisfazer todos os deuses de uma só vez. É o bastante para deixar qualquer um...

Ela parou, mas Jason sabia que ela queria dizer. *Louco*. Éolo era completamente louco.

— E essa é a previsão do tempo — concluiu Éolo. — Vejo vocês em doze minutos, porque tenho certeza que ela vai mudar!

As luzes apagaram, os monitores de vídeo voltaram para a cobertura aleatória, e só por um momento, o rosto de Éolo cedeu para o cansaço. Então ele se lembrou que tinha convidados, e botou o sorriso de volta.

— Então, vocês me trouxeram alguns espíritos da tempestade — disse Éolo. — Eu suponho... Obrigado! E vocês querem mais alguma coisa? Eu suponho que sim. Semideuses sempre querem.

Mellie disse:

— Senhor, este é o filho de Zeus.

— Sim, sim. Eu sei disso. Eu disse que lembrava dele antes.

— Mas, senhor, eles estão aqui do *Olimpo*.

Éolo parecia surpreso. Então ele riu tão repentinamente que Jason quase pulou dentro do abismo.

— Você quer dizer que está em nome do seu pai desta vez? Finalmente! Eu sabia que eles iriam mandar alguém renegociar o meu contrato!

— Hã, o quê? — perguntou Jason.

— Ah, graças aos deuses! — Éolo suspirou em alívio. — Faz o quê, três mil anos desde que Zeus me nomeou senhor dos ventos. Não que eu seja ingrato, claro! Mas realmente, o meu contrato é tão vago. Obviamente eu sou imortal, mas "senhor dos ventos." O que isso significa? Eu sou um espírito da natureza? Um semideus? Um deus? Eu quero ser o *deus* dos ventos, porque os benefícios são *tão* melhores. Nós podemos começar com isso?

Jason olhou para os seus amigos, mistificado.

— Cara — disse Leo — você acha que viemos aqui te promover?

— Acho. — Éolo sorriu. Seu terno se tornou completamente azul, sem nenhuma nuvem no tecido. — Maravilha! Quero dizer, acho que mostrei um pouco de iniciativa com o canal do tempo, hein? E é claro que estou na

imprensa o tempo todo. Tantos livros foram escritos sobre mim: *No ar rarefeito, Amor sem escalas, E o vento levou...*

— Hã, eu não acho que eles sejam sobre você — disse Jason, antes de notar Mellie balançando a cabeça.

— Absurdo — disse Éolo. — Mellie, eles são biografias minhas, não são?

— Com certeza, senhor — gritou ela.

— Viu? Eu não leio. Quem tem tempo? Mas obviamente os mortais me amam. Então, nós vamos mudar meu título para *deus* dos ventos. Sobre salário e essas coisas...

— Senhor — disse Jason. — Nós não somos do Olimpo.

Éolo piscou.

— Mas...

— Eu sou filho de Zeus, sim — disse Jason — mas não estamos aqui para renegociar o seu contato. Estamos em uma missão e precisamos da sua ajuda.

A expressão de Éolo se endureceu.

— Como da última vez? Como *todos* os heróis que vem aqui? Semideuses! É sempre sobre *vocês*, não é?

— Senhor, por favor, eu não lembro da última vez, mas se você me ajudou uma vez antes...

— Estou sempre ajudando! Bem, às vezes estou destruindo, mas principalmente estou ajudando, e às vezes eu sou mandado a fazer os dois ao mesmo tempo! Por que Eneias, o primeiro da sua espécie...

— Minha espécie? — perguntou Jason. — Você quer dizer, semideus?

— Ah, fala sério! — disse Éolo. — Quero dizer a sua *linhagem* de semideuses. Eneias, filho de Vênus, o único herói sobrevivente de Troia. Quando os gregos queimaram a sua cidade, ele fugiu para a Itália, onde

fundou o reinado que eventualmente se tornou Roma, blá, blá, blá. Isso é o que quero dizer.

— Não entendi — admitiu Jason.

Éolo revirou os olhos.

— O ponto é, eu fui jogado no meio desse conflito, também! Juno chama: "Ah, Éolo, destrua o barco de Eneias para mim. Eu não gosto dele." Então Netuno diz, "Não, não destrua! Esse é o meu território! Acalme os ventos." Então Juno diz: "Não, afunde seus navios, ou então vou contar a Júpiter que você não colabora!" Você acha que é fácil fazer malabarismo com pedidos como esses?

— Não — respondeu Jason. — Eu acho que não.

— E sem falar em Amelia Earhart! Eu *ainda* estou recebendo ligações furiosas do Olimpo por ter jogado *ela* do céu!

— Nós só queremos informações — disse Piper com a sua voz mais calma. — Ouvimos falar que você sabe de tudo.

Éolo ajeitou a gola e pareceu um pouco amolecido.

— Bem... *isso é* verdade, claro. Por exemplo, eu sei que *esse* negócio aqui — ele sacudiu os dedos para os três — esse plano desajeitado de Juno de trazer vocês todos é mais um derramamento de sangue. Já para você Piper McLean, sei que seu pai está em sérios problemas.

Ele estendeu a mão e um pedaço de papel flutuou para as suas mãos. Era uma foto de Piper com um cara que devia ser o seu pai. Seu rosto *parecia* familiar. Jason tinha certeza que já vira ele em alguns filmes.

Piper pegou a foto. Suas mãos estavam tremendo.

— Essa foto... estava na carteira dele.

— Sim — disse Éolo. — Todas as coisas perdidas no vento eventualmente vêm para mim. A foto se perdeu quando um Nascido da Terra o capturou.

— Quem? — perguntou Piper.

Éolo deixou de lado a questão e estreitou os olhos para Leo.

— Agora, *você*, filho de Hefesto... sim, eu vejo o seu futuro.

Outro papel caiu nas mãos do deus dos ventos, um antigo desenho feito com giz de cera.

Leo o pegou como se aquilo pudesse estar revestido de veneno. Ele cambaleou para trás.

— Leo? — disse Jason. — O que é isso?

— Algo que eu... desenhei quando era criança. — Ele dobrou o desenho rapidamente e colocou-o dentro do casaco. — Não... não é nada.

Éolo riu.

— Sério? É apenas a chave do sucesso! Agora, onde estávamos? Ah, sim, vocês queriam informações. Tem certeza disso? Às vezes informação pode ser perigoso.

Ele sorriu para Jason como se ele estivesse insinuando um desafio. Atrás dele, Mellie balançou sua cabeça em aviso.

— Sim — disse Jason. — Precisamos encontrar o covil de Encélado.

Éolo sorriu.

— O gigante? Por que vocês gostariam de ir lá? Ele é horrível! Nem mesmo assiste o meu programa!

Piper segurou a foto.

— Éolo, ele pegou o meu pai. Precisamos resgatar ele e encontrar onde Hera está presa.

— Agora, *isso* é impossível — disse Éolo. — Até mesmo *eu* não posso ver isso, e acredite em mim, eu tentei. Existe um véu mágico sobre a localização de Hera... muito forte, impossível de localizar.

— Ela está em um local chamado a Casa dos Lobos — disse Jason.

— Espere! — Éolo colocou uma mão na sua testa e fechou os olhos. — Estou conseguindo algo! Sim, ela está em um lugar chamado a Casa dos Lobos! Infelizmente, eu não sei onde é.

— Encélado sabe — insistiu Piper. — Se você nos ajudar a achá-lo, conseguiríamos a localização da deusa...

— Sim — disse Leo, se recuperando. — Se nós a salvarmos, ela será muito grata a você...

— E Zeus poderia lhe promover — completou Jason.

As sobrancelhas de Éolo subiram.

— Uma promoção... e tudo o que vocês querem de mim é a localização do gigante?

— Bem, se você pudesse nos levar lá, também — emendou Jason — seria ótimo.

Mellie bateu as mãos com empolgação.

— Ah, ele poderia fazer isso! Ele frequentemente envia ventos de ajuda...

— Mellie, quieta! — disse Éolo. — Estou quase demitindo você por deixar esses meninos terem falsas esperanças.

O rosto dela ficou pálido.

— Sim, senhor. Desculpe, senhor.

— Não foi culpa dela — disse Jason. — Mas sobre aquela ajuda...

Éolo inclinou a cabeça como se estivesse pensando. Então Jason pensou que ele estivesse ouvindo vozes no fone de ouvido.

— Bem... Zeus aprova — murmurou Éolo. — Ele diz... ele diz que seria melhor se você pudesse evitar salvar Hera até depois do final de semana, porque ele tem uma grande festa planejada... Ei! Isso é Afrodite gritando com ele, lembrando-o que o solstício começa ao amanhecer. Ela diz que

deveria ajudá-los. E Hefesto... sim. Hmm. Muito raro eles concordarem com algo. Espere...

Jason sorriu para os seus amigos. Finalmente, eles estavam tendo boa sorte. Seus parentes divinos estavam ajudando.

De volta para a entrada, Jason ouviu um arroto alto. O Treinador Hedge apareceu com grama em todo o seu rosto. Mellie o viu vindo do chão improvisado e prendeu a respiração.

— Quem é *aquele?*

Jason sufocou uma tosse.

— Aquele? Aquele é só o Treinador Hedge. Hã, Gleeson Hedge. Ele é o nosso... — Jason não tinha certeza de como chama-lo: *professor, amigo, problema?* — Nosso guia.

— Ele é *tão* bode — murmurou Mellie.

Atrás dela, Piper encheu as bochechas de ar, fingindo vomitar.

— E aí, pessoal? — Hedge trotou para mais perto. — Uau, lugar legal. Ah! Grama!

— Treinador, você acabou de comer — disse Jason. — E estamos usando a grama como chão. Essa é, hã, Mellie...

— Uma *aura.* — Hedge sorriu atraentemente. — Linda como uma brisa de verão.

Mellie corou.

— E Éolo aqui está quase nos ajudando — contou Jason.

— Sim — murmurou o senhor do vento. — Parece que sim. Vocês irão encontrar Encélado no Monte Diablo.

— Montanha do Diabo? — perguntou Leo. — Isso não parece bom.

— Eu lembro desse lugar! — disse Piper. — Fui lá uma vez com o meu pai. Fica a leste da Baía de San Francisco.

— Bay Area de novo? — O treinador balançou a cabeça. — Não é bom. Não é bom mesmo.

— Agora... — Éolo começou a sorrir. — Sobre levá-los até lá...

De repente seu rosto fez uma careta. Ele se inclinou e bateu no fone de ouvido como se estivesse com defeito. Quando ele se endireitou novamente, seus olhos eram selvagens. Apesar da maquiagem, ele parecia um velho – um velho muito assustado.

— Ela não fala comigo há séculos. Eu não posso... sim, sim entendo — ele engoliu em seco, olhando para Jason como se ele tivesse de repente se tornado uma barata gigante. — Sinto muito, filho de Júpiter. Novas ordens. Vocês todos têm que morrer.

Mellie tremeu.

— Mas... mas, senhor! Zeus disse para ajudá-los. Afrodite, Hefesto...

— Mellie! — insistiu Éolo. — Seu trabalho já está por um fio. Além do mais, existem ordens que ultrapassam até mesmo os pedidos dos deuses, especialmente quando vem de forças da natureza.

— Ordens *de quem?* — disse Jason. — Zeus vai despedi-lo se não nos ajudar!

— Duvido. — Éolo agitou o pulso e à distância, a porta de uma cela se abriu.

Jason podia ouvir espíritos da tempestade gritando, voando em espiral na direção deles, gritando por sangue.

— Até mesmo Zeus entende a ordem das coisas — disse Éolo. — E se *ela* está acordando... pelos deuses... ela não pode estar enganada. Adeus, heróis. Eu estou terrivelmente arrependido, mas tenho que fazer isso rápido. Estou de volta no ar em quatro minutos.

Jason pegou a sua espada. O Treinador Hedge puxou o seu bastão. A aura Mellie gritou:

— Não!

Ela mergulhou nos pés assim que os espíritos da tempestade chegaram com a força de um furacão, soprando o chão em pedaços, rasgando as amostras de mármore, carpete e linóleo para o que deveria ter sido projeteis letais, e o vestido de Mellie se espalhou como um escudo e absorveu todo o impacto. Os cinco caíram no abismo, e Éolo gritou por cima deles:

— Mellie, você está *demitida!*

— Rápido — gritou Mellie. — Filho de Zeus, você tem algum poder sobre o ar?

— Um pouco!

— Então me ajude, ou todos morrem!

Mellie pegou sua mão, e uma carga elétrica passou pelo braço de Jason. Ele entendeu o que ela precisava. Eles tinham que controlar a queda e ir para um dos túneis abertos. Os espíritos da tempestade estavam seguindo, fechando-se rapidamente, levando com eles uma nuvem de estilhaços.

Jason pegou a mão de Piper.

— Abraço em grupo!

Hedge, Leo e Piper tentaram se amontoar juntos, se segurando em Jason e Mellie enquanto caiam.

— ISSO NÃO É NADA BOM! — gritou Leo.

— Podem vir, sacos de gás! — Hedge gritou para os espíritos da tempestade. — Eu vou pulverizar vocês!

— Ele é magnifico. — Mellie suspirou.

— Concentração? — Jason propôs.

— Certo! — disse ela.

Eles canalizaram o vento, então a queda foi bem mais suave no túnel mais próximo. Ainda assim, eles bateram dentro do túnel a uma velocidade

dolorosa e foram rolando uns sobre os outros por um buraco de ventilação que não era projetado para pessoas. Não havia maneira de parar.

A roupa de Mellie inflou sobre seu corpo, Jason e os outros se agarraram a ela desesperadamente e eles começaram a desacelerar, mas os espíritos da tempestade gritavam dentro do túnel atrás deles.

— Não consigo... aguentar... muito — avisou Mellie. — Fiquem juntos! Quando o vento nos acertar...

— Você está indo bem, Mellie — disse Hedge. — Minha própria mãe foi uma aura. Ela não poderia ter feito melhor.

— Me manda uma mensagem de Íris? — pediu Mellie.

Hedge piscou.

— Vocês dois poderiam planejar o seu encontro mais tarde? — gritou Piper.

— Olhem!

Atrás deles, o túnel estava se tornando escuro. Jason podia sentir seus ouvidos estalarem com a pressão.

— Não consigo segurá-los — avisou Mellie. — Mas vou tentar agir como escudo, conceder a vocês mais um favor.

— Obrigada, Mellie — disse Jason. — Espero que você consiga um trabalho novo.

Ela sorriu e então se dissolveu, envolvendo-os em uma agradável brisa suave. E então os ventos de verdade os atingiram, jogando-os do céu tão violentamente que Jason desmaiou.

XXXIX

PIPER

Piper sonhou que estava no telhado do dormitório da Escola da Vida Selvagem.

A noite do deserto era fria, mas ela trouxera cobertores, e com Jason ao seu lado, não precisaria de mais nada para se aquecer.

O ar cheirava a sálvia e a arbusto queimando. No horizonte, as Montanhas Spring apareciam como dentes negros entalhados, o brilho fraco de Las Vegas atrás delas.

As estrelas estavam tão brilhantes que Piper teve medo que eles não pudessem ver a chuva de meteoros. Ela não queria que Jason pensasse que ela o arrastara ali para cima com más intenções. (Mesmo que suas intensões fossem *totalmente* más). Mas os meteoros não desapontaram. Um riscava o céu quase a cada minuto – linhas de fogo branco, amarelo ou azul. Piper tinha certeza que o seu avô Tom teria algum mito Cherokee para explicar, mas no momento ela estava ocupada criando sua própria história.

Jason pegou sua mão – *finalmente* – e apontou enquanto dois meteoros pulavam pela atmosfera e formavam uma cruz.

— Uau — disse ele. — Não posso acreditar que Leo não queria ver isso.

— Na verdade, eu não convidei ele — disse Piper casualmente.

Jason sorriu.

— É mesmo?

— É. Você já sentiu como se três fosse uma multidão?

— Sim — admitiu Jason. — Como agora. Você sabe quanto problema teríamos se fôssemos pegos aqui em cima?

— Ah, eu pensaria em algo — disse Piper. — Posso ser muito persuasiva. Então, você quer dançar?

Ele riu. Seus olhos eram incríveis, e o seu sorriso era ainda melhor na luz das estrelas.

— Sem música. À noite. Em cima de um telhado. Parece perigoso.

— Eu sou uma garota perigosa.

— Nisso, eu posso acreditar.

Ele se levantou e lhe ofereceu a mão. Eles dançaram lentamente por alguns minutos, mas rapidamente virou um beijo. Piper quase não conseguiu beijá-lo novamente, pois estava muito ocupada sorrindo.

Então o sonho mudou – ou talvez ela estivesse morta no Mundo Inferior – porque se encontrou de volta no *shopping* de Medeia.

— Por favor, que isso seja um sonho — ela murmurou — e não meu castigo eterno.

— Não, querida — disse a voz de uma mulher doce como mel. — Sem castigo.

Piper virou, com medo que visse Medeia, mas uma mulher diferente estava ao seu lado, pesquisando pela estante de cinquenta por cento de

desconto.

A mulher era deslumbrante – cabelo na altura do ombro, um pescoço gracioso, feições perfeitas, uma figura maravilhosa vestindo jeans e uma camiseta branca como neve.

Piper viu que ela era parecida com atrizes – a maioria dos encontros do pai era com lindas e maravilhosas mulheres – mas essa era diferente. Ela era elegante sem tentar, estilosa sem fazer esforço, linda mesmo sem maquiagem. Depois de ver Éolo com suas plásticas e cosméticos bobos, Piper pensou que essa mulher parecia ainda mais surpreendente.

Ainda enquanto Piper assistia, a aparência da mulher mudou. Piper não podia decidir a cor dos seus olhos, ou a cor exata do seu cabelo. A mulher se tornava cada vez mais bonita, como se sua imagem estivesse se alinhando aos pensamentos de Piper – chegando o mais perto possível do ideal de beleza de Piper.

— Afrodite — disse Piper. — Mãe?

A deusa sorriu.

— Você só está sonhando, minha querida. Se alguém perguntar, eu não estive aqui. Ok?

— Eu...

Piper queria fazer um milhão de perguntas, mas todos elas se amontoaram juntas na sua cabeça.

Afrodite levantou um vestido turquesa. Piper achou que parecia incrível, mas a deusa torceu o nariz.

— Não é minha cor, é? Pena, é tão bonito. Medeia realmente tem algumas coisas adoráveis aqui.

— Essa... essa construção explodiu — gaguejou Piper. — Eu vi.

— Sim — concordou Afrodite. — Acho que é por isso que tudo está em liquidação. É apenas uma memória, agora. E me desculpe por lhe tirar do

seu outro sonho. Muito mais agradável, eu sei.

O rosto de Piper queimou. Ela não sabia se ficava mais irritada ou constrangida, mas se sentia um grande desapontamento.

— Não foi real. Nunca aconteceu. Então por que eu lembro tão detalhadamente?

Afrodite sorriu.

— Porque você é minha filha, Piper. Enxerga possibilidades muito mais vividamente que os outros. Enxerga o que *poderia* ter acontecido. E isso ainda pode... não desista. Infelizmente... — A deusa gesticulou em volta do *shopping*. — Você tem mais desafios a encarar, primeiro. Medeia voltará, assim como vários outros inimigos. As Portas da Morte se abriram.

— O que você quer dizer?

Afrodite piscou para ela.

— Você é esperta, Piper. Você sabe.

Piper sentiu um frio na espinha.

— A mulher dormindo, aquela que Medeia e Midas chamam de patrona. Ela conseguiu abrir uma nova entrada para o Mundo Inferior. Está deixando os mortos escaparem de volta ao mundo.

— Sim. E não apenas *quaisquer* mortos. Os piores e mais poderosos, aqueles que muito provavelmente odeiam os deuses.

— Os monstros também estão voltando do Tártaro — disse Piper. — É por isso que eles não ficam desintegrados.

— Sim. A *patrona*, como vocês a chamam, tem uma relação especial com a Tártaro, o espirito do abismo. — Afrodite levantou uma regata dourada de cetim. — Não... essa me faria parecer ridícula.

Piper riu inquietamente.

— Você? Você é sempre perfeita, nunca ficaria ridícula.

— Você é gentil — disse Afrodite. — Mas a beleza é encontrar o que melhor nos serve, o ajuste mais natural. Para ser perfeita, você tem que se sentir perfeita consigo mesma... Evitar ser algo que não é. Para uma deusa, é especialmente difícil. Podemos mudar facilmente.

— Meu pai pensou que você fosse perfeita. — A voz de Piper falhou. — Ele nunca te superou.

O olhar de Afrodite tornou-se distante.

— Sim... Tristan. Ah, ele era incrível. Tão gentil e simpático, divertido e bonito. Ainda assim, tinha tanta tristeza por dentro.

— Poderíamos, por favor, não falar sobre ele no passado?

— Desculpe, querida. Eu não queria deixar seu pai, é claro. É sempre tão difícil, mas foi o melhor. Se ele percebesse quem eu realmente era...

— Espere... ele não *sabia* que você era uma deusa?

— É claro que não. — Afrodite soou ofendida. — Eu não faria isso com ele. Para a maioria dos mortais, é simplesmente muito difícil aceitar. Pode arruinar as suas vidas! Pergunte para o seu amigo Jason... garoto *adorável*, a propósito. Sua pobre mãe foi destruída quando descobriu que se apaixonou por Zeus. Não, foi muito melhor Tristan acreditar que eu era uma mulher mortal que o deixou sem explicação. Melhor uma memória agridoce que uma deusa imortal e inalcançável. O que me traz uma questão importante...

Ela abriu a mão e mostrou a Piper um frasco de vidro brilhante com líquido rosa.

— Essa é uma das poções de Medeia. Só apaga memórias recentes. Quando salvar seu pai, *se* puder salvá-lo, dê isso para ele.

Piper não pôde acreditar no que estava ouvindo.

— Você quer que eu drogue meu pai? Quer que eu o faça esquecer o que ele passou?

Afrodite levantou o frasco. O liquido lançou um brilho rosado sobre seu rosto.

— Seu pai age confiante, Piper, mas anda numa linha fina entre dois mundos. Ele trabalhou sua vida inteira rejeitando as histórias antigas sobre deuses e espíritos, e ainda assim teme que elas possam ser reais. Teme que exclua uma parte importante dele, e algum dia isso irá destruí-lo. Agora ele foi capturado por um gigante. Está vivendo um pesadelo. Mesmo que sobreviva... se ele passar o resto de sua vida remoendo essas lembranças, sabendo que deuses e espíritos andam na terra, isso irá despedaçá-lo. É isso que a nossa inimiga espera. Ela o quebrará, e assim destruirá o seu espirito.

Piper queria gritar que Afrodite estava errada. Seu pai era a pessoa mais forte que ela conhecia. Piper nunca pegaria suas memórias do jeito que Hera pegou as de Jason.

Mas de algum jeito ela não conseguia ficar com raiva de Afrodite. Lembrou do que seu pai dissera meses atrás, na praia em Big Sur: *Se eu realmente acreditasse em País Fantasma, ou espíritos animais, ou deuses gregos... não acho que poderia dormir à noite. Eu sempre estaria procurando por alguém para culpar.*

Agora Piper também queria acusar alguém.

— Quem é ela? — perguntou Piper. — A que está controlando os gigantes?

Afrodite enrugou os lábios. Ela se moveu para a estante seguinte, que tinha armaduras destruídas e togas rasgadas, olhando-as como se fossem peças de alta costura.

— Você tem uma vontade forte — disse ela. — Nunca tive muito crédito entre os deuses. Meus filhos são motivo de piada. São rejeitados como vaidosos e fúteis.

— Alguns deles são.

Afrodite riu.

— Admito. Talvez eu seja vaidosa e fútil, também, às vezes. Uma garota tem que se permitir. Ah, esse é bom. — Ela pegou um peitoral de bronze queimado e manchado e levantou para Piper ver. — Não é?

— Não — disse Piper. — Você vai responder minha pergunta?

— Paciência, minha querida — disse a deusa. — Meu ponto é que amor é o motivador mais poderoso do mundo. Estimula os mortais a grandeza. Os seus atos mais nobres e bravos são feitos por amor.

Piper puxou sua adaga e estudou sua lâmina reluzente.

— Como Helena começando a Guerra de Troia?

— Ah, Katoptris! — Afrodite sorriu. — Estou contente que você tenha a encontrado. Eu ganhei muita publicidade com aquela guerra, mas honestamente, Páris e Helena eram um casal bonito. E os heróis daquela guerra são imortais agora, pelo menos na memória dos homens. O amor é poderoso, Piper. É capaz de deixar os deuses de joelhos. Falei isso para o meu filho Eneias quando ele escapou de Troia. Ele pensou que falhou. Pensou que era um perdedor! Mas viajou para Itália...

— E se tornou o precursor de Roma.

— Exatamente. Entenda, Piper, meus filhos podem ser muito poderosos. *Você* pode ser muito poderosa, porque minha linhagem é única. Estou mais perto do início da criação que qualquer outro olimpiano.

Piper lutou para lembrar do nascimento de Afrodite.

— Você não... surgiu do mar? De pé numa concha do mar?

A deusa riu.

— Aquele pintor Botticelli tinha uma boa imaginação. Eu nunca fiquei de pé numa concha do mar, muito obrigada. Mas sim, eu surgi do mar. Os primeiros seres a se erguerem do Caos foram a Terra e o Céu... Gaia e Urano. Quando o filho deles, o titã Cronos, matou Urano...

— O cortando em pedaços com uma foice — lembrou Piper.

Afrodite torceu o nariz.

— Sim. Os pedaços de Urano caíram no mar. Sua essência imortal criou a espuma do mar. E daquela espuma...

— Nasceu você. Eu me lembro agora. Então você é...

— A última filha de Urano, que foi maior que os deuses ou os titãs. Então, de um jeito estranho, sou a deusa Olimpiana mais antiga. Como já disse, amor é uma força poderosa. E você minha filha, é muito mais que um rostinho bonito. É por isso que você sabe quem está acordando os gigantes, e quem tem o poder de abrir portas nas partes mais profundas da terra.

Afrodite esperou, como se pudesse sentir Piper lentamente unindo as peças de um quebra-cabeça, que formava uma figura assustadora.

— Gaia — disse Piper. — A própria terra é a nossa inimiga.

Ela esperou que Afrodite dissesse que não, mas a deusa manteve os olhos na estante de armaduras esfarrapadas.

— Ela dormiu por eras, mas está acordando lentamente. Até mesmo adormecida ela é poderosa, e quando acordar... estaremos condenados. Você deve derrotar os gigantes antes que isso aconteça, e levar Gaia de volta ao seu sono. Caso contrário, a rebelião está apenas começando. Os mortos continuarão a se erguer. Monstros se regenerarão com velocidade ainda maior. Os gigantes destruirão o lugar de origem dos deuses. E se eles fizerem isso, toda a civilização será destruída.

— Mas *Gaia?* A Mãe-Terra?

— Não a subestime — alertou Afrodite. — Ela é uma divindade cruel. Orquestrou a morte de Urano. *Ela* deu a Cronos a foice e o impeliu a matar o próprio pai. Enquanto os titãs governavam o mundo, ela dormia em paz. Mas quando os deuses os subjugaram, Gaia acordou novamente com toda

sua raiva e deu nascimento a uma nova raça, os gigantes, para destruir o Olimpo de uma vez por todas.

— E está acontecendo de novo — disse Piper. — A ascensão dos gigantes.

Afrodite assentiu.

— Agora você sabe. O que fará?

— Eu? — Piper cerrou os punhos. — O que eu deveria fazer? Pôr um vestido bonito e falar docemente para Gaia voltar a dormir?

— Eu gostaria que isso funcionasse — disse Afrodite. — Mas não, você terá que encontrar suas próprias forças e lutar pelo que ama. Como os meus favoritos, Helena e Páris. Como meu filho Eneias.

— Helena e Páris morreram — lembrou Piper.

— E Eneias se tornou um herói — disse a deusa. — O primeiro grande herói de Roma. O resultado dependerá de você, Piper, mas vou lhe falar isso: Os sete maiores semideuses devem ser reunidos para derrubar os gigantes, mas isso não terá sucesso sem você. Quando os dois lados se encontrarem... você será a mediadora. Você determinará se haverá amizade ou banho de sangue.

— Que dois lados?

A visão de Piper começou a enfraquecer.

— Você deve acordar logo, minha filha — disse a deusa. — Não concordo sempre com Hera, mas ela tomou um risco alto, e concordo que isso tenha que ser feito. Zeus manteve os dois lados separados por muito tempo. Só juntos vocês terão o poder de salvar o Olimpo. Agora, acorde, e espero que você goste das roupas que escolhi.

— Que roupas? — perguntou Piper.

O sonho escureceu.

XL

PIPER

Piper acordou sentada em uma mesa na varanda de uma cafeteria.

Por um segundo, pensou que ainda estava sonhando. Era uma manhã ensolarada. O ar estava vigoroso, mas não desagradável para sentar do lado de fora. Nas outras mesas, um misto de ciclistas, empresários e universitários sentados conversando e bebendo café.

Ela podia sentir o cheiro das árvores de eucalipto. Um monte de pedestres passava em frente das várias pequenas lojas. A rua era ladeada por árvores e azaleias florescentes como se o inverno fosse um conceito estranho.

Em outras palavras: ela estava na Califórnia.

Seus amigos sentavam em cadeiras ao seu redor – todos eles com suas mãos calmamente cruzadas sobre o peito, cochilando agradavelmente. E todos vestiam roupas novas. Piper olhou para a sua própria roupa e engasgou.

— Mãe!

Ela gritou mais alto do que pretendia. Jason se assustou, batendo com os joelhos na mesa, e então todos estavam despertos.

— O quê? — perguntou Hedge. — Lutar com quem? Onde?

— Caindo! — Leo agarrou a mesa. — Não... caindo não. Onde nós estamos?

Jason piscou, tentando se orientar. Ele focou em Piper e fez um pequeno som de engasgo.

— O que você está vestindo?

Piper provavelmente corou. Ela estava usando o vestido azul-turquesa que tinha visto em seu sonho, com *legging* preta e botas de couro pretas. Também usava a sua pulseira de prata com pingentes favorita, mesmo tendo deixado na sua casa em Los Angeles, e a sua velha jaqueta de *snowboard* que ganhou do pai, que surpreendentemente combinou muito bem com a sua roupa. Ela puxou Katoptris, e julgando pelo reflexo da lâmina, teve o seu cabelo arrumado, também.

— Não é nada — disse ela. — É minha... — Ela lembrou do aviso de Afrodite para não mencionar que elas conversaram. — Não é nada.

Leo deu risada.

— Afrodite ataca de novo, hein? Você vai ser a guerreira mais bem vestida da cidade, rainha da beleza.

— Ei, Leo. — Jason cutucou seu braço. — Você se olhou no espelho recentemente?

— O que... ah.

Todos eles tinham passado por uma transformação. Leo estava de calça listrada, sapatos pretos de couro, uma camisa branca sem gola com suspensórios, seu cinto de ferramentas, óculos de sol Ray-Ban e um chapéu *pork pie*.

— Meu Deus, Leo. — Piper tentou não rir. — Acho que meu pai usou isso em sua última *première*, tirando o cinto de ferramentas.

— Ei, cala boca.

— Acho que ele ficou legal — disse o Treinador Hedge. — Obviamente, estou melhor.

O sátiro era um verdadeiro pesadelo em tom pastel. Afrodite tinha dado a ele um terno chamativo e folgado amarelo-canário, com sapatos de dois tons que combinavam com os seus cascos. Ele tinha, combinando, um chapéu de abas largas amarelo, uma camisa rosa, gravata azul-bebê e um cravo azul na lapela, que Hedge cheirou e depois comeu.

— Bem. — disse Jason — pelo menos sua mãe não se preocupou tanto comigo.

Piper sabia que aquilo não era exatamente verdade. Olhando pra ele, seu coração sapateou um pouco. Jason vestia apenas jeans e uma camiseta roxa limpa, como a que usara no Grand Canyon. Tinha tênis novos e o cabelo recém-cortado. Seus olhos eram da mesma cor do céu. A mensagem de Afrodite era clara: *Ele não precisa de melhorias.*

E Piper concordava.

— De qualquer forma — ela disse desconfortavelmente — como nós chegamos aqui?

— Ah, deve ter sido Mellie — disse Hedge, mastigando o seu cravo alegremente. — Os ventos nos atiraram para o outro lado do país, eu acho. Teríamos sido esmagados pelo impacto, mas o último presente de Mellie, uma agradável brisa suave, amorteceu a nossa queda.

— E ela foi demitida por nossa causa — disse Leo. — Cara, somos uma droga.

— Ah, ela vai ficar bem. — disse Hedge. — Além disso, ela não poderia se conter. Eu tenho esse efeito sobre as ninfas. Vou enviar-lhe uma

mensagem quando tivermos completado essa missão e ajudá-la a descobrir um novo emprego. Ali está uma *aura* com quem eu poderia me estabelecer e criar um rebanho de bebês bodes.

— Estou ficando enjoada — interrompeu Piper. — Mais alguém quer café?

— Café! — O sorriso de Hedge estava tingido de azul da flor. — Eu amo café!

— Hã... — disse Jason — mas e o dinheiro? Nossas mochilas?

Piper olhou para baixo. Suas mochilas estavam aos seus pés, e tudo parecia ainda estar lá.

Ela enfiou a mão no bolso do casaco e sentiu duas coisas inesperadas. Uma delas era um maço de dinheiro. A outra era um frasco de vidro – a poção da amnésia. Ela deixou o frasco no bolso e puxou o dinheiro.

Leo assobiou.

— Mesada? Piper, sua mãe é demais!

— Garçonete! — chamou Hedge. — Seis expressos duplos, e o que mais essas crianças quiserem. Põe na conta da menina.

Não demorou muito pra eles descobrirem onde estavam. O menu dizia CAFETERIA VERVE, WALNUT CREEK, CALIFÓRNIA. E de acordo com a garçonete, eram nove horas da manhã de 21 de dezembro, o solstício de inverno, o que lhes dava três horas antes do prazo limite de Encélado.

Eles não precisavam se perguntar onde ficava o Monte Diablo, também. Podiam vê-lo no horizonte, bem no final da rua. Após as Montanhas Rochosas, o Monte Diablo não parecia muito grande, nem era coberto de neve. Parecia absolutamente pacifico, com suas faixas douradas e árvores verde-acinzentadas. Mas o tamanho das montanhas enganava, Piper sabia. Provavelmente era muito maior de perto. E as aparências enganavam

também. Aqui estavam eles, de volta a Califórnia, supostamente a sua casa – com céu ensolarado, clima ameno, pessoas descontraídas e um prato de bolinhos de chocolate com café. E a apenas alguns quilômetros, em algum lugar naquele pacifico Monte, um poderoso gigante supermalvado estava prestes a almoçar o seu pai.

Leo puxou algo do bolso – o velho desenho de lápis-de-cor que Éolo tinha lhe dado.

Afrodite deve ter pensado que era importante para tê-lo transferido magicamente para sua nova roupa.

— O que é isso? — perguntou Piper.

Leo o dobrou com cuidado e guardou.

— Nada. Você não quer ver a minha obra de arte do jardim de infância.

— É mais que isso — supôs Jason. — Éolo disse que era a chave para o nosso sucesso.

Leo balançou a cabeça.

— Não hoje. Ele estava falando sobre... depois.

— Como você pode ter certeza? — perguntou Piper.

— Confie em mim — disse Leo. — Agora... qual é o nosso plano de jogo?

O Treinador Hedge arrotou. Ele já tinha tomado três xícaras de café e comido um prato de rosquinhas, junto com dois guardanapos e outra flor do vaso sobre a mesa.

Ele teria comido a prataria, mas Piper bateu em sua mão.

— Escalar o Monte — disse Hedge. — Matar todos, exceto o pai de Piper. Partir.

— Obrigado, General Eisenhower — resmungou Jason.

— Ei, só estou falando!

— Pessoal — disse Piper. — Há mais coisas que vocês precisam saber.

Foi complicado, porque ela não podia mencionar sua mãe; mas ela lhes disse que tinha descoberto algumas coisas em seus sonhos. Contou sobre a verdadeira inimiga deles: Gaia.

— Gaia? — Leo balançou a cabeça. — Ela não é a Mãe Natureza? Ela deveria ter algo como flores nos cabelos e pássaros cantando ao seu redor, veados e coelhos lavando as suas roupas.

— Leo, essa é a Branca de Neve — disse Piper.

— Ok, mas...

— Escute, *cupcake.* — Treinador Hedge limpou o café do seu cavanhaque. — Piper está nos dizendo uma coisa séria, aqui. Gaia não é tola. Não estou certo de que mesmo *eu* poderia apanhá-la.

Leo assobiou.

— Sério?

Hedge assentiu.

— Essa senhora da terra... ela e o seu homem, o céu, eram indivíduos desagradáveis.

— Urano — disse Piper.

Ela não pôde evitar olhar para o céu azul, imaginando se ele tinha olhos.

— Certo — disse Hedge. — Então Urano, não era o melhor pai. Ele jogou os seus primeiros filhos, os ciclopes, no Tártaro. Isso deixou Gaia maluca, mas ela aguardou a sua hora. Então, eles tiveram outros filhos, os doze titãs, e Gaia ficou com medo de que eles fossem jogados na prisão também. Ela foi até o seu filho Cronos...

— O grande cara malvado — disse Leo. — O que foi derrotado no verão passado.

— Certo. E Gaia lhe deu a foice, dizendo "Ei, por que não chama o seu pai aqui? E enquanto eu converso com ele, tentando distraí-lo, você pode

cortá-lo em pedaços. Depois poderá dominar o mundo. Isso não seria ótimo?"

Ninguém disse nada. O bolinho de chocolate de Piper não parecia mais tão apetitoso. Embora ela já tivesse ouvido essa história antes, não conseguia fazer com que sua mente parasse de girar. Ela tentava imaginar uma criança tão desajustada que mataria o seu próprio pai apenas por poder. Depois uma mãe tão louca que convenceria um filho a fazer isso.

— Definitivamente, não é a Branca de Neve — decidiu ela.

— Que nada, Cronos era um cara mau — disse Hedge. — Mas Gaia era literalmente a mãe de todos os caras maus. Ela é tão antiga e poderosa, tão grande, que é difícil para ela estar plenamente consciente. Na maior parte do tempo, ela dorme, e é assim que gostamos dela... roncando.

— Mas ela conversou comigo — observou Leo. — Como pode estar dormindo?

Gleeson varreu as migalhas da sua lapela amarelo-canário. Ele estava na sua sexta xícara de café agora, suas pupilas tão grandes como uma moeda.

— Mesmo dormindo, parte de sua consciência está ativa... sonhando, vigiando, fazendo pequenas coisas, como causar explosões de vulcões e ascensão de monstros. Mesmo agora, ela não está completamente acordada. Acredite, você não quer vê-la acordada.

— Mas ela está ficando mais forte — disse Piper. — Está conseguindo erguer os gigantes. E se o rei deles retornar... esse tal Porfírio...

— Ele irá erguer um exército para destruir os deuses — interveio Jason. — Começando com Hera. Vai haver outra guerra. E Gaia vai despertar completamente.

Gleeson assentiu.

— Razão pela qual é uma boa ideia nos mantermos longe da terra tanto quanto possível.

Leo olhou cautelosamente para o Monte Diablo.

— Então... escalar um Monte. Isso seria ruim.

O coração de Piper afundou. Primeiro, pediram que ela traísse seus amigos. Agora estavam tentando ajudá-la a resgatar seu pai, mesmo sabendo que caminhavam para uma armadilha. A ideia de lutar contra um gigante já era suficientemente assustadora. Mas a ideia de que Gaia estava por trás disso – uma força mais poderosa que um deus ou titã...

— Pessoal, não posso pedir a vocês que façam isso — disse Piper. — É perigoso demais.

— Tá brincando? — Gleeson arrotou e mostrou-lhes o seu sorriso azul do cravo. — Quem está pronto para subir?

XLI

LEO

Leo torceu para que o táxi pudesse levá-los o caminho todo até o topo.

Mas não tinha tanta sorte. O táxi engasgava, rangendo enquanto subia a estrada da montanha e na metade do caminho encontraram o posto da guarda-florestal fechado e uma corrente bloqueando o caminho.

— Não posso ir adiante — disse o taxista. — Tem certeza que querem ficar aqui? Será uma longa caminhada de volta, e meu carro não está bom. Não posso esperar por vocês.

— Nós temos certeza. — Leo foi o primeiro a sair.

Ele tinha um mau pressentimento sobre o que estava de errado com o táxi, e quando olhou para baixo, viu que estava certo. As rodas estavam afundando na estrada com se ela fosse feita de areia movediça. Não de forma rápida – apenas o suficiente para o motorista pensar que fosse um problema de transmissão ou um eixo ruim – mas Leo sabia que era diferente.

A estrada era feita de terra batida. Não havia razão para ela ser macia, mas os sapatos de Leo já começavam a afundar. Gaia estava aprontando com eles.

Enquanto seus amigos saiam, Leo pagou o taxista. Ele foi generoso – e por que não? Era o dinheiro de Afrodite. E ainda mais, ele tinha um pressentimento de que talvez nunca sairia desse Monte.

— Fique com o troco — disse ele. — E dê o fora daqui. Rápido.

O motorista não discutiu. Logo, tudo que podiam ver era seu rastro de poeira.

A vista da montanha era bem incrível. O vale ao redor era uma teia de cidades – ruas arborizadas e um subúrbio de classe média legal, lojas e escolas. Todas essas pessoas normais vivendo suas vidas normais – o tipo de vida que Leo nunca teve.

— Isso é Concord — disse Jason, apontando para o norte. — Walnut Creek está abaixo de nós. Ao Sul, Danville, atrás daqueles vales. E naquele caminho...

Ele apontou para o oeste, onde um cume de vales dourados era coberto por uma camada de neblina, como uma borda de uma tigela.

— Aquela é Berkeley Hills. A Baía do Leste. Atrás dela, São Francisco.

— Jason? — Piper tocou seu braço. — Você se lembra de algo? Já esteve aqui antes?

— Sim... não. — Ele deu a ela um olhar angustiado. — Isso apenas parece importante.

— Essa é a terra dos titãs. — O Treinador Hedge assentiu para o oeste. — Lugar ruim, Jason. Confie em mim, isso é tão perto de São Francisco quanto queremos chegar.

Mas Jason olhou pra a bacia do nevoeiro com tanta cobiça que Leo se sentiu receoso. Por que Jason parecia tão conectado com aquele lugar – um

lugar que Hedge disse ser mau, cheio de magia do mal e inimigos antigos? E se Jason tivesse vindo daqui? Todos ficavam insinuando que Jason era um inimigo, que sua chegada ao Acampamento Meio-Sangue era um erro perigoso.

Não, pensou Leo. *Ridículo.* Jason era seu amigo.

Leo tentou mover o pé, mas agora suas solas estavam completamente afundadas na lama.

— Ei, galera — disse ele. — Vamos continuar andando.

Os outros perceberam o problema.

— Gaia é mais forte aqui — resmungou Hedge. Ele tirou seus cascos dos sapatos, e então entregou seus sapatos para Leo. — Guarde eles para mim, Valdez. Eles são bons.

Leo bufou.

— Sim, senhor, treinador. Quer que eu engraxe também?

— Esse é o espírito, Valdez. — Hedge assentiu, aprovando. — Mas primeiro, é melhor subirmos essa montanha enquanto ainda podemos.

— Como sabemos onde está o gigante? — perguntou Piper.

Jason apontou para o pico. Havia fumaça em volta do cume. De longe, Leo tinha pensado que era uma nuvem, mas não. Era algo queimando.

— Onde tem fumaça, tem fogo — disse Jason. — É melhor nos apressarmos.

A Escola da Vida Selvagem havia forçado Leo a participar de várias marchas. Ele pensou que estava em boa forma. Mas escalar uma montanha quando a terra estava tentando engolir seus pés era como correr em uma esteira forrada com fita adesiva.

Com o tempo, Leo havia enrolado as mangas de sua camisa sem gola, mas o vento era frio e afiado. Ele desejou que Afrodite tivesse dado a ele um

short de caminhada e uns sapatos mais confortáveis, mas estava grato pelo Ray-Ban que mantinha o sol longe de seus olhos. Ele levou as mãos até seu cinto de ferramentas e começou a convocar utensílios – engrenagens, uma pequena chave inglesa e algumas tiras de bronze. Enquanto andava, construía – sem nem mesmo pensar nisso, apenas brincando com as peças.

No momento em que eles se aproximavam do cume do monte, Leo era o herói suado e sujo mais na moda de todos os tempos. Suas mãos estavam cobertas com graxa.

O pequeno objeto que ele fez era como um brinquedo de corda – do tipo que chacoalha e anda pela mesa. Não tinha certeza do que isso podia fazer, mas colocou no seu cinto de ferramentas.

Ele sentia falta do seu casaco do exército com todos os seus bolsos. Sentia ainda mais falta de Festus. Poderia usar um dragão de bronze que cospe fogo agora mesmo. Mas Leo sabia que Festus não voltaria – pelo menos não na sua forma antiga.

Ele passou a mão na gravura em seu bolso – o desenho que havia feito na mesa de piquenique debaixo da árvore quando tinha cinco anos. Ele lembrou da *Tía* Callida cantando enquanto ele trabalhava e quão chateado ele ficou quando os ventos levaram o seu desenho. *Ainda não é hora, meu pequeno herói, Tía* Callida havia lhe dito. *Algum dia, você terá sua missão. Você encontrará seu destino, e sua dura jornada finalmente fará sentido.*

Agora Éolo havia devolvido a gravura. Leo sabia que aquilo significava que seu destino estava se aproximando; mas a jornada era tão frustrante quanto esse Monte estúpido. Toda vez que Leo achava que haviam alcançado o topo, descobria que era apenas mais uma subida, com uma maior ainda a sua frente.

Prioridades primeiro, disse a si mesmo. *Sobreviver hoje. Desvendar desenho do destino depois.*

Finalmente Jason se abaixou atrás de uma parede de pedras. Ele gesticulou para os outros fazerem o mesmo. Leo ajoelhou ao seu lado. Piper teve que puxar o Treinador Hedge para baixo.

— Eu não quero sujar minhas roupas! — reclamou Hedge.

— Shhhh! — disse Piper.

Relutante, o sátiro ajoelhou-se.

Depois do lugar onde eles estavam escondidos, na sombra da última parte da montanha, estava uma depressão cheia de árvores do tamanho aproximado de um campo de futebol, onde o gigante Encélado havia armado acampamento.

Árvores haviam sido cortadas para fazer uma fogueira roxa bem forte. A outra beira da clareira estava cheia de tocos grande e equipamentos de construção – uma escavadeira, um grande guindaste com lâminas que giravam na ponta parecendo um barbeador elétrico – deve ser um cortador de árvores, Leo pensou – e uma longa coluna de metal com uma lâmina de machado, como uma guilhotina de dois lados – um machado hidráulico.

O porquê de um gigante precisar de máquinas de construção, Leo não tinha ideia. Não entendia como a criatura a sua frente poderia ao menos caber no assento do motorista. O gigante Encélado era tão grande, tão feio, Leo não queria nem olhar para ele.

Mas ele se forçou a focar no monstro.

Ele tinha nove metros de altura – facilmente tão alto quanto as árvores. Leo tinha certeza que o gigante podia tê-los visto de trás da cordilheira, mas parecia interessado na estranha fogueira roxa, dando voltas nela e cantando baixinho. Da cintura pra cima, o gigante parecia humanoide, seu peito musculoso dentro de uma armadura de bronze, decorada com desenhos de chamas. Seus braços estavam completamente para fora. Cada bíceps era maior que Leo. Sua pele era bronzeada, mas coberta de cinzas. Sua face era

grosseiramente afinada, como uma escultura de barro pela metade, mas seus olhos brilhavam brancos, seus *dreadlocks* iam até os ombros, presos com ossos.

Da cintura para baixo, ele era ainda mais aterrorizante. Suas pernas eram escamosas e verdes, com garras ao invés de pés – como pernas traseiras de um dragão. Na mão, Encélado segurava uma lança do tamanho de uma haste de bandeira. E às vezes ele enfiava a ponta no fogo, tornando o metal vermelho incandescente.

— Ok — disse o Treinador Hedge. — O plano é o seguinte...

Leo lhe deu uma cotovelada.

— Você não vai correr até ele sozinho.

— Ahh, qual é...

Piper deu um soluço.

— Olhem.

Visivelmente do outro lado da fogueira estava um homem amarrado a um poste. Sua cabeça estava caída como se estivesse inconsciente, por isso Leo não conseguia reconhecer seu rosto, mas Piper parecia não ter nenhuma dúvida.

— Pai — disse ela.

Leo afundou. Ele queria que isso fosse um filme de Tristan McLean. Assim o pai de Piper estaria fingindo a inconsciência. Ele iria desamarrar os nós e nocautear o gigante com algum inteligentíssimo gás antigigante. Música heroica começaria a tocar, e Tristan McLean escaparia de forma incrível correndo em câmera lenta enquanto um lado da montanha explodia atrás dele.

Mas isso não era um filme. Tristan McLean estava meio morto e prestes a ser comido. As únicas pessoas que poderiam parar isso – três heróis adolescentes bem vestidos e um bode megalomaníaco.

— Há quatro de nós — sussurrou Hedge urgentemente. — É apenas um dele.

— Você deixou escapar o fato de que ele tem nove metros de altura — disse Leo.

— Certo — disse Hedge. — Então você, eu e Jason o distraímos. Piper vai de mansinho e liberta seu pai.

Todos olharam para Jason.

— O quê? — perguntou Jason. — Eu não sou o líder.

— Sim — disse Piper. — Você é.

Eles nunca haviam falado nisso, mas ninguém discordou, nem mesmo Hedge. Chegar tão longe havia sido um trabalho de equipe, mas quanto surgia uma decisão de vida ou morte, Leo sabia que era a Jason quem devia perguntar. Mesmo que ele não tivesse memória, Jason tinha um bom discernimento. Você podia dizer que ele já esteve em batalhas antes, e ele sabia como se manter calmo. Leo não era exatamente do tipo que confia, mas ele confiava em Jason com sua vida.

— Eu odeio dizer isso. — Jason suspirou — mas o Treinador Hedge está certo. Uma distração é a melhor chance de Piper.

Não é bem uma boa chance, pensou Leo. *Nem mesmo uma chance de sobreviver. Apenas a melhor chance.*

Eles podiam ficar sentados ali o dia inteiro e falar sobre isso. Era quase meio-dia – o prazo limite do gigante – e a terra ainda estava tentando puxá-los para baixo. Os joelhos de Leo já haviam afundado cinco centímetros na lama.

Leo olhou para os equipamentos de construção e teve uma ideia louca. Ele tirou o pequeno brinquedo que ele havia feito na subida, e percebeu o que isso podia fazer – *se* ele tivesse sorte, o que quase nunca tinha.

— Vamos rápido — disse ele. — Antes que eu recupere meu juízo.

XLII

LEO

O plano deu errado quase imediatamente. Piper rastejou pelo alto da montanha, tentando manter a cabeça baixa, enquanto Jason, Leo e o Treinador Hedge caminhavam em direção à clareira.

Jason convocou sua lança de ouro, a brandiu sobre a cabeça e gritou:

— Gigante! — Soou bastante bom, muito mais confiante que Leo podia ter feito, já que estava pensando em frases como "Somos formigas patéticas! Não nos mate!"

Encélado parou de cantar para as chamas. Virou-se para eles e sorriu, revelando presas como as de um tigre-dentes-de-sabre.

— Bem. — disse o gigante — que surpresa boa.

Leo não gostou do tom dele. Suas mãos estavam fechadas em volta de invenção de dar corda. Ele andou de lado, dando uma volta na escavadeira.

O Treinador Hedge gritou:

— Deixe a estrela de cinema ir, seu *cupcake* grande e horroroso! Ou vou enfiar meus cascos bem na sua...

— Treinador — disse Jason. — Cala a boca.

Encélado rugiu e deu uma risada.

— Tinha me esquecido de como os sátiros são engraçados. Quando nós dominarmos o mundo, acho que vou deixar sua espécie viva por aí. Vocês poderão me entreter enquanto eu como todos os outros mortais.

— Isso é um elogio? — Hedge franziu a testa para Leo. — Eu não acho que foi um elogio.

Encélado abriu sua boca largamente e seus dentes começaram a brilhar.

— Espalhem-se! — gritou Leo.

Jason e Hedge mergulharam para a esquerda quanto o gigante soltou fogo – uma rajada tão quente que até Festus ficaria com ciúmes. Leo se escondeu atrás da escavadeira, dando corda no seu dispositivo e deixando-o no assento do motorista. Então correu para a direita, com a intenção de chegar até o cortador de árvores.

Pelo canto do olho, ele viu Jason se levantar e avançar contra o gigante. O Treinador Hedge tirou sua jaqueta amarela, que agora estava em chamas, e gritou com raiva.

— Eu gostava daquela roupa!

Então ele levantou sua clava e atacou também. Antes que ele pudesse ir longe demais, Encélado bateu com força sua lança no chão. O monte inteiro vibrou.

A onda do impacto fez Leo cair no chão. Ele piscou, momentaneamente desnorteado. Em meio à fumaça e à grama queimada, ele viu Jason se levantando do outro lado da clareira. Treinador Hedge havia sido nocauteado. Tinha caído e batido sua cabeça num toco de madeira. Seu

traseiro peludo estava pra fora, com sua calça amarela em volta do joelho – uma visão que Leo preferiria não ter visto.

O gigante berrou:

— Estou te vendo, Piper McLean!

Ele virou e cuspiu fogo em uma linha de arbustos à direita de Leo. Piper correu para a clareira enquanto o arbusto atrás dela queimava.

Encélado riu.

— Fico feliz que você tenha chegado. E trouxe meus prêmios!

O intestino de Leo contorceu. Esse era o momento que Piper os havia avisado. Eles haviam caído direto nas mãos de Encélado.

O gigante dever ter lido a expressão de Leo, porque riu ainda mais alto.

— É isso mesmo filho de Hefesto. Eu não esperava que todos vocês estivessem vivos até agora, mas não importa. Trazendo vocês aqui, Piper McLean estava selando seu acordo. Se ela trair vocês, vou cumprir minha parte do acordo. Ela pode pegar seu pai e ir embora. Por que me importaria com uma estrela de cinema?

Leo podia ver o pai de Piper mais claramente agora. Ele estava vestindo uma camisa esfarrapada e uma calça rasgada. Seus pés descalços estavam cobertos de lama. Não estava completamente inconsciente, porque levantou sua cabeça e gemeu – sim, Tristan McLean estava bem. Leo havia visto seu rosto em vários filmes. Mas ele tinha um corte nojento do lado de seu rosto e parecia magro e doente – nem um pouco heroico.

— Pai! — gritou Piper.

O senhor McLean piscou, tentando focar sua visão.

— Pipes...? Onde...

Piper sacou sua faca e encarou Encélado.

— Deixe-o ir!

— Claro, querida — o gigante ressoou. — Jure lealdade a mim e não teremos nenhum problema. Apenas esses outros irão morrer.

Piper olhou pra frente e pra trás, entre Leo e seu pai.

— Ele vai te matar — avisou Leo. — Não acredite nele!

— Ah, vamos — berrou Encélado. — Você sabia que nasci para combater a própria Atena? A mãe Gaia fez cada um de nós com um propósito específico, destinados a lutar e destruir um deus em particular. Eu era o carrasco de Atena, o antiAtena, você pode dizer. Comparado com alguns de meus irmãos, eu sou pequeno! Mas sou inteligente. E vou manter meu acordo com você, Piper McLean. É parte do meu plano!

Jason estava de pé agora, com a lança pronta; mas antes que pudesse agir, Encélado rugiu – um chamado tão alto que ecoou pelo vale e provavelmente foi escutado pelo caminho todo até São Francisco.

Na beira da floresta, meia dúzia de criaturas parecidas com ogros surgiram. Leo percebeu com uma certeza nauseante que eles não estavam simplesmente escondidos ali. Eles haviam surgido direto da terra.

Os ogros vacilaram pra frente. Eles eram pequenos comparados a Encélado, uns dois metros e meio de altura. Cada um possuía seis braços – um par no lugar normal, um par extra brotando de seu ombro, e outro conjunto do lado de suas costelas. Eles vestiam apenas tangas esfarrapadas de couro, e mesmo do outro lado da clareira Leo podia sentir o cheiro deles. Seis caras que nunca tomaram banho, com seis axilas cada um. Leo decidiu que se ele sobrevivesse a esse dia, teria que tomar um banho de três horas só pra tirar o fedor.

Leo se aproximou de Piper.

— O que eles são?

Sua lâmina refletiu a luz roxa da fogueira.

— Gegenes.

— O quê? — perguntou Leo.

— Os nascidos da terra — disse ela. — Gigantes de seis braços que lutaram contra Jasão, o primeiro Jasão.

— Muito bom, minha querida! — Encélado soou encantado. — Eles costumavam viver em um lugar miserável na Grécia, chamada de Montanha do Urso. Monte Diablo é muito melhor! Eles são os filhos inferiores da Mãe Terra, mas servem a seus propósitos. São bons com equipamentos...

— Vroom, Vroom! — Um dos terrestres berrou, e os outros também começaram o canto, cada um movendo suas seis mãos como se estivessem dirigindo um carro, como se fosse um tipo de ritual religioso estranho. — Vroom, Vroom!

— Sim, obrigado, garotos — disse Encélado. — Eles também têm contas a acertar com heróis. Especialmente qualquer um chamado Jason.

— Jei-son! — gritaram os nascidos da terra. Todos pegaram um pouco de terra que se solidificou em suas mãos, virando pedras pontudas e nojentas. — Cadê o Jei-son? Matar Jei-son!

Encélado riu.

— Veja Piper, você tem uma escolha. Salve seu pai, ou hmm, tente salvar seus amigos e encare a morte certa.

Piper deu um passo à frente. Seus olhos queimaram de fúria, até mesmo os nascidos da terra recuaram. Ela irradiava poder e beleza, mas isso não tinha nada a ver com suas roupas ou maquiagem.

— Você não vai levar as pessoas que eu amo — disse ela. — Nenhum deles.

Suas palavras atravessaram a clareira com tanta força que os nascidos da terra murmuram:

— Ok, ok, desculpa — e começaram a recuar.

— Fiquem parados, idiotas! — berrou Encélado. Ele rosnou para Piper. — É por isso que nós queríamos você viva, minha querida. Você poderia ter sido tão útil para nós. Mas como queira. Gegenes! Vou mostrar a vocês quem é Jason.

O coração de Leo saiu pela boca. Mas o gigante não apontou para Jason. Ele apontou para o outro lado da fogueira, onde Tristan McLean estava preso e indefeso meio inconsciente.

— Ali está o Jason — disse Encélado com prazer. — Acabem com ele!

Para a surpresa de Leo, com apenas um olhar de Jason, os três souberam exatamente o que fazer. Quando aquilo havia acontecido, o fato de poderem ler uns aos outros tão bem?

Jason avançou contra Encélado, enquanto Piper corria para seu pai e Leo se arremessava para o cortador de árvores, que ficava entre o senhor McLean e os ogros.

Os nascidos da terra eram rápidos, mas Leo correu como um espírito de tempestade. Ele saltou até o cortador a dois metros de distância e caiu direto no assento do motorista. Suas mãos voaram para os controles, e a máquina respondeu com velocidade natural, tomando vida como se soubesse o quanto isso era importante.

— Rá! — Leo gritou, e girou o guindaste até a fogueira, jogando tocos em chamas nos ogros e soltando faíscas por toda parte. Dois gigantes caíram na violenta avalanche e se fundiram de novo na terra – esperançosamente, para ficar lá por um tempo.

Os outros quatros ogros tropeçaram nos tocos em chamas e nos carvões quentes enquanto Leo trazia o cortador para mais perto. Ele apertou um botão e na ponta do braço mecânico as lâminas começaram a girar.

Pelo canto do olho ele podia ver Piper escorada, libertando seu pai. Do outro lado da clareira, Jason lutava com o gigante, de alguma forma conseguindo se esquivar da sua imensa lança e das rajadas de fogo. Hedge ainda estava heroicamente desmaiado com seu traseiro de bode pra cima.

Logo todo aquele lado da montanha estaria em chamas. O fogo não incomodaria Leo, mas se seus amigos ficassem presos ali... Não. Ele tinha que agir rápido.

Um dos ogros – aparentemente não o mais inteligente – avançou contra o cortador de árvores, e Leo girou o guindaste em sua direção. No momento em que as lâminas tocaram o ogro, ele se dissolveu como argila molhada e foi espalhado por toda clareira. Uma grande parte dele voou para a cara de Leo.

Ele cuspiu a argila de sua boca e virou o cortador na direção dos três que sobraram, que recuaram rapidamente.

— Vroom-vroom ruim! — gritou um.

— Sim, é isso ai! — Leo gritou para eles. — Vocês querem uns Vroom-vroons ruins? Venham aqui!

Infelizmente, eles foram. Três ogros com seis braços, cada um jogando grandes e duras pedras a uma supervelocidade – e Leo sabia que estava perdido. De alguma forma, ele conseguiu dar uma cambalhota para trás da máquina meio segundo antes de um pedregulho demolir o assento do motorista. Pedras bateram com força no metal. No momento que Leo se levantou, o cortador parecia uma latinha de refrigerante amassada afundando na lama.

— A escavadeira! — gritou Leo.

Os ogros estavam pegando mais terra, mas dessa vez apontavam na direção de Piper.

A nove metros dali, a escavadeira rugiu ganhando vida. A invenção improvisada de Leo havia feito seu trabalho, metendo-se entre as engrenagens e dando vida temporária à máquina. A máquina seguiu na direção do inimigo.

No momento em que Piper libertou seu pai e o segurou pelo braço, os gigantes lançaram sua segunda saraivada de pedras. O trator girou na lama, derrapando para interceptar, e boa parte das pedras se chocaram com sua pá. A força era tão grande que empurrou o trator para trás. Duas pedras ricochetearam e golpearam os ogros que as jogaram. Mais dois nascidos da terra foram transformados em argila. Infelizmente, uma pedra atingiu o motor do trator, fazendo com que uma fumaça de óleo subisse, e o trator gemeu e parou. Outro ótimo brinquedo quebrado.

Piper arrastou seu pai para longe. O último Nascido da Terra avançou contra ela.

Leo estava sem cartas nas mangas, mas não podia deixar aquele monstro pegar Piper. Ele correu para frente, na direção das chamas, e pegou alguma coisa – qualquer coisa – de seu cinto de ferramentas.

— Ei, seu estúpido! — gritou ele, atirando uma chave de fenda no ogro.

Aquilo não matou o ogro, mas com certeza chamou sua atenção. A chave de fenda afundou na testa do ogro como se ele fosse feito de massa de modelar.

O Nascido da Terra gritou de dor e parou. Ele puxou a chave de fenda, virou e encarou Leo. Tristemente, esse aquele ogro parecia o maior e o mais nojento do grupo. Gaia tinha realmente dado tudo de si criando ele – com atualizações de músculos extras, uma luxuosa cara feia, o pacote completo.

Ah, ótimo, pensou Leo. *Eu fiz um amigo*.

— Você morrer! — rugiu o ogro. — Amigo de Jei-son morrer!

O ogro pegou um punhado de terra do chão, que imediatamente se endureceu e virou bolas de canhão de pedra.

A mente de Leo ficou branca. Ele enfiou a mão em seu cinto de ferramentas, mas não conseguia pensar em nada que o ajudaria. Ele supostamente deveria ser esperto – mas não conseguia pensar em nenhuma forma de escapar dessa.

Ótimo, pensou ele. *Vou apelar pro estilo chama-da-glória*.

Ele ficou em chamas, e gritou:

— Hefesto! — e avançou contra o ogro sem nada nas mãos.

Ele nunca chegou lá.

Um borrão turquesa e negro brilhou atrás do ogro. Um vislumbre de uma lâmina de bronze fez um corte pra cima de um lado do ogro e um pra baixo do outro.

Seis largos braços caíram no chão, as pedras rolando para fora de suas mãos inúteis. O Nascido da Terra olhou para baixo, muito surpreso. Murmurou:

— Braços, tchau tchau.

Então ele derreteu-se no chão.

Piper ficou ali, respirando pesado, sua adaga coberta de lama. Seu pai sentava numa beirada, atordoado e machucado, mas ainda vivo.

A expressão de Piper era feroz – quase maluca, como um animal selvagem. Leo estava feliz que ela estava do seu lado.

— Ninguém machuca meus amigos — disse ela, e com um sentimento caloroso de repente, Leo percebeu que ela estava falando dele. Então ela gritou: — Vamos lá!

Leo viu que a batalha ainda não havia acabado. Jason ainda estava lutando com o gigante Encélado – e não estava indo muito bem.

XLIII

JASON

Quando a lança de Jason quebrou, ele sabia que estava morto.

A batalha tinha começado suficientemente bem. Os instintos de Jason estavam em alerta, e algo lhe dizia que ele já havia duelado com adversários quase tão grandes quanto aqueles. Tamanho e força significavam lentidão, assim Jason só tinha de ser mais rápido – desgastar o adversário e evitar ser esmagado ou queimado.

Ele rolou para longe da primeira lançada do gigante e espetou o tornozelo de Encélado. A lança de Jason conseguiu furar a pele grossa de dragão e icor dourado – o sangue dos imortais – escorreu pelos pés com garras do gigante.

Encélado gritou de dor e soprou-lhe fogo. Jason afastou-se, rolando por trás do gigante, e atacando novamente atrás de seu joelho.

Foi desse jeito por alguns segundos, minutos – era difícil de julgar. O ouvido de Jason captou todo o combate na clareira – equipamento de

construção rangendo, fogo crepitando, monstros gritando e pedras atingindo metal. Ele ouviu Leo e Piper gritarem em tom de desafio, o que significava que ainda estavam vivos. Jason tentou não pensar nisso. Ele não podia se distrair.

A lança de Encélado não o pegou por um milímetro. Jason continuou esquivando-se, mas seus pés estavam começando a grudar no chão. Gaia estava ficando mais forte, e o gigante mais rápido. Encélado podia ser lento, mas não era burro. Começou a antecipar os movimentos de Jason, seus ataques apenas irritando o gigante, fazendo-o ficar mais enfurecido.

— Eu não sou um pequeno monstro — berrou Encélado. — Sou um gigante, nascido para destruir os deuses! Seu palito de ouro não pode me matar, garoto.

Jason não desperdiçou energia respondendo. Ele já estava cansado. O chão agarrava seus pés, fazendo-o sentir como se ele pesasse cinquenta quilos a mais. O ar estava cheio de fumaça que ardia nos seus pulmões Incêndios rugiam a sua volta, alimentado pelos ventos, a temperatura se aproximando ao calor de um forno.

Jason levantou a lança para bloquear o próximo ataque do gigante – um grande erro. *Não se combate violência com violência*, repreendeu uma voz. A loba Lupa havia dito aquilo há muito tempo. Ele conseguiu desviar a lança, mas ela atingiu o seu ombro e seu braço ficou dormente.

Ele apoiou-se, quase tropeçando em uma tora. Precisava enrolar – manter a atenção do gigante fixa nele, enquanto seus amigos lidavam com os nascidos da terra e salvavam o pai de Piper. Ele não podia falhar.

Ele recuou, tentando levar o gigante até a beira da clareira. Encélado podia sentir seu cansaço. O gigante sorriu, exibindo suas presas.

— O poderoso Jason Grace — zombou ele. — Sim, nós sabemos sobre você, filho de Júpiter. Aquele que liderou o ataque do Monte Ótris. Aquele

que, sozinho, derrotou o titã Crio e derrubou o trono negro.

A mente de Jason vacilou. Ele não conhecia aqueles nomes, mas eles fizeram sua pele formigar, como se seu corpo lembrasse a dor e sua mente não.

— Do que está falando? — perguntou ele.

Jason só percebeu seu erro quando Encélado cuspiu fogo.

Distraído, Jason movimentava-se muito lentamente. Houve uma explosão de lembranças, mas o calor queimava suas costas. Ele bateu no chão, suas roupas em chamas. Ficou cego com as cinzas e fumaça, se debatendo enquanto tentava respirar.

Deu um passo para trás quando a lança do gigante se cravou no chão entre seus pés.

Jason conseguiu ficar de pé.

Se conseguisse convocar uma explosão de raios... mas ele já estava drenado, e nesta condição, o esforço poderia matá-lo. Nem sequer sabia se eletricidade prejudicaria o gigante.

A morte em combate é honrosa, disse a voz de Lupa.

Isso é realmente reconfortante, pensou Jason.

Uma última tentativa: Jason respirou fundo e atacou.

Encélado deixou-o se aproximar, sorrindo com antecipação. No último segundo, Jason fingiu um ataque e rolou entre as pernas do gigante. Ele subiu rapidamente, empurrando com toda sua força, pronto para apunhalar o gigante na parte de baixo das costas, mas Encélado antecipou o truque. Afastou-se com uma velocidade e agilidade grandes demais para um gigante, como se a Terra o ajudasse a se mover.

Ele riscou o ar com o arpão, batendo na lança de Jason – e com um estalo como um tiro de espingarda, a arma de ouro se quebrou. A explosão

foi mais quente do que a respiração do gigante, e Jason foi cegado com a luz dourada. A força fez o menino tombar e o deixou sem ar.

Quando sua visão voltou ao foco, ele estava sentado na borda de uma cratera. Encélado estava do outro lado, com o andar cambaleante e confuso. A destruição da lança liberara tanta energia que tinha feito um buraco perfeito em forma de cone com nove metros de profundidade, fundindo a terra e a rocha em uma substância escorregadia e pegajosa. Jason não tinha certeza de como sobrevivera, mas suas roupas estavam chamuscadas. Ele estava sem energia. Não tinha arma. E Encélado ainda estava muito vivo.

Jason tentou se levantar, mas suas pernas pareciam chumbo. Encélado olhou para a destruição, então riu.

— Impressionante! Infelizmente, esse foi seu último truque, semideus.

Encélado saltou a cratera com um único salto, pousando cada pé de um lado de Jason. O gigante levantou sua lança, a ponta pairando a dois metros do peito de Jason.

— E agora — disse Encélado — meu primeiro sacrifício a Gaia!

XLIV

JASON

O tempo pareceu desacelerar, o que era realmente muito frustrante, já que Jason ainda não conseguia se mover. Ele se sentiu afundando na terra como se o terreno fosse um colchão d'água: confortável, encorajando-o a relaxar e se entregar. Ele ficou imaginando se as histórias do Mundo Inferior eram verdadeiras. Será que acabaria nos Campos da Punição ou no Elísio? Como não conseguia lembrar de nenhum de seus atos, será que eles ainda contavam? Questionou se os juízes levariam isso em consideração ou se o seu pai, Zeus, iria escrever-lhe uma nota: "Por favor poupem Jason da condenação eterna. Ele teve amnésia."

Jason não conseguia sentir seus braços. Podia ver a ponta da lança, vindo para o seu peito em câmera lenta. Sabia que deveria se mover, mas não conseguia fazê-lo. *Engraçado*, pensou Jason. Todo esse esforço para se manter vivo e, em seguida, *bum*. Caído ali, sem poder fazer nada, com um gigante que lançava fogo sobre ele.

Até o momento que Leo gritou:

— Cuidado!

Uma cunha de metal preto bateu em Encélado com um estrondo enorme. O gigante tombou e caiu no buraco.

— Jason, levante-se! — chamou Piper.

Sua voz o energizou, tirando-o de seu entorpecimento. Ele se sentou, sua cabeça girando enquanto Piper agarrava seus braços e puxava para cima.

— Não morra agora — ordenou ela. — Você *não* vai falhar comigo.

— Sim, senhora.

Ele sentia-se tonto, mas Piper era a coisa mais linda que ele já tinha visto. Seu cabelo estava queimado. Seu rosto estava manchado com fuligem. Ela tinha um corte no braço, o vestido fora rasgado e estava sem uma bota. Linda.

Cerca de cem metros atrás dela, Leo estava em pé sobre um equipamento de construção – uma coisa como um canhão com um único pistão enorme, a ponta quebrada.

Em seguida, Jason olhou para baixo na cratera e viu onde a outra extremidade do machado hidráulico tinha ido. Encélado estava lutando para subir, uma lâmina de machado do tamanho de uma máquina de lavar roupa presa em seu peitoral.

Surpreendentemente, o gigante conseguiu puxar o machado. Ele gritou de dor e as montanhas tremeram. Icor dourado encharcou a frente de sua armadura, mas Encélado continuou de pé. Tremendo, ele se abaixou e pegou seu arpão.

— Boa tentativa. — O gigante estremeceu. — Mas não posso ser derrotado.

Enquanto observavam, a armadura do gigante remendava-se, e o icor parou de escorrer. Mesmo os cortes nas pernas, que Jason tinha trabalhado

tanto para fazer, agora eram apenas cicatrizes pálidas.

Leo correu até eles, viu o gigante e amaldiçoou.

— O que há com esse cara? Morra!

— Meu destino está predeterminado — disse Encélado. — Gigantes não podem ser mortos por deuses ou heróis.

— Só pelos dois juntos — completou Jason. O sorriso do gigante vacilou e Jason viu em seus olhos, algo como o medo. — É verdade, não é? Deuses e semideuses têm que trabalhar juntos para matá-lo.

— Você não vai viver tempo suficiente para tentar!

O gigante começou a tropeçar na encosta da cratera, escorregando nas laterais.

— Alguém tem um deus à mão? — perguntou Leo.

O coração de Jason estava cheio de temor. Ele olhou para o gigante abaixo deles, lutando para sair da cova, e sabia o que tinha que fazer.

— Leo — disse ele — se você tem uma corda no seu cinto de ferramentas, deixe-a pronta.

Ele pulou no gigante sem nenhuma arma, apenas suas mãos.

— Encélado! — gritou Piper. — Olhe atrás de você!

Foi um truque óbvio, mas a voz dela era tão convincente que até mesmo Jason olhou. O gigante falou:

— O quê? — E virou-se como se houvesse uma enorme aranha em suas costas.

Jason atacou suas pernas no momento certo. O gigante perdeu o equilíbrio. Encélado bateu na cratera e deslizou para o fundo. Enquanto tentava subir, Jason colocou os braços ao redor do pescoço do gigante. Quando Encélado tentou levantar, Jason já tinha montado em seus ombros.

— Saia! — gritou Encélado.

Ele tentou agarrar as pernas de Jason, mas o garoto não parou de se mexer, se contorcendo e escalando os cabelos do gigante.

Pai, pensou Jason. *Se eu já fiz algo de bom, qualquer coisa que você aprovou, ajude-me agora. Ofereço minha própria vida... basta salvar os meus amigos.*

De repente, ele pôde sentir o cheiro metálico de uma tempestade. A escuridão engoliu o sol. O gigante congelou, estava sentindo também.

Jason gritou para seus amigos:

— Se preparem!

E cada fio de cabelo em sua cabeça se arrepiou.

Crack!

Um raio percorreu o corpo de Jason, indo direto para Encélado e em seguida para a terra. O gigante endureceu novamente, e Jason foi arremessado. Quando recuperou sua visão, estava escorregando cratera abaixo, e ela estava rachando. O raio dividiu a própria montanha em duas. A terra tremeu, e as pernas de Encélado deslizaram para o abismo. Ele se agarrou desesperadamente nas paredes do poço, e por um momento conseguiu segurar-se à margem, suas mãos trêmulas.

Ele fixou em Jason um olhar de ódio.

— Você não ganhou nada, rapaz. Meus irmãos estão se reerguendo, e são dez vezes mais fortes que eu. Vamos destruir os deuses em suas raízes! Você morrerá, e o Olimpo perecerá...

O gigante perdeu o equilíbrio e caiu na fenda.

A terra tremeu. Jason caiu em uma rachadura.

— Segure firme! — gritou Leo.

Os pés de Jason estavam na beira do abismo quando ele pegou a corda, e Leo e Piper puxaram-no para cima.

Eles estavam juntos, exaustos e aterrorizados, e o abismo se fechando como uma boca com raiva. A terra parou de puxar seus pés.

Por ora, Gaia tinha ido embora.

A montanha estava em chamas. Fumaça subia a centenas de metros no ar. Jason viu um helicóptero – talvez bombeiros ou repórteres – vindo na direção deles.

Em torno deles estava tudo destruído. Os nascidos da terra tinham derretido em montes de barro, deixando para trás apenas suas pedras e alguns pedaços desagradáveis de roupa, mas Jason imaginou que recuperariam sua forma em breve. Equipamentos de construção estavam em ruínas. O chão estava sujo e cheio de buracos. O Treinador Hedge começou a se mexer. Sentou-se com um gemido e coçou a cabeça. Sua calça amarelo-canário estava agora com a cor de mostarda misturada com lama.

Ele piscou e olhou em volta para a cena de batalha.

— Eu fiz isso?

Antes de Jason pudesse responder, Hedge pegou seu bastão e chacoalhou seus pés.

— Sim, vocês queriam um casco? Eu lhes darei alguns cascos, *cupcakes!* Quem é o bode, hein?

Ele fez uma pequena dança, chutando pedras e fazendo o que provavelmente foram gestos rudes de um sátiro na pilha de barro.

Leo esboçou um sorriso, e Jason não poderia deixar de acompanhá-lo – ele começou a rir. Muito provável que tenha soado um pouco histérico, mas era um alívio estar vivo, então ele não se importou.

De repente, um homem se levantou do outro lado da clareira. Tristan McLean cambaleou para a frente. Seus olhos estavam fundos, alguém em estado de choque, como quem tinha acabado de andar no meio de um deserto nuclear.

— Piper? — chamou seu pai. Sua voz falhou. — Pipes, o que... o que é...

Ele não pôde concluir o pensamento. Piper correu até ele e o abraçou com força, mas ele quase não parecia reconhecê-la.

Jason havia se sentido assim naquela manhã no Grand Canyon, quando acordou sem memória. Mas o senhor McLean tinha o problema oposto. Ele tinha muitas lembranças, muitos traumas, que sua mente simplesmente não podia guardar. Ele estava desmoronando.

— Precisamos tirá-lo daqui — disse Jason.

— Sim, mas como? — disse Leo. — Ele está sem condições de andar.

Jason olhou para o helicóptero, que estava circulando acima deles.

— Você pode nos dar um megafone ou algo assim? — ele perguntou a Leo. — Piper tem algumas coisas para dizer.

XLV

PIPER

Pegar emprestado o helicóptero foi fácil... Colocar seu pai a bordo é que foi difícil.

Piper precisou de apenas algumas palavras através do megafone improvisado de Leo para convencer a pilota a pousar no monte. O helicóptero do parque era grande o suficiente para evacuações médicas ou busca e salvamento, e quando Piper disse para simpática senhora guarda-florestal que seria uma ótima ideia voarem até o Aeroporto de Oakland, ela rapidamente concordou.

— Não — seu pai murmurou, assim que o pegaram do chão. — Piper, o quê... havia monstros... havia monstros...

Ela precisou da ajuda de Leo e Jason para segurá-lo, enquanto o Treinador Hedge reunia os suprimentos deles. Felizmente Hedge colocou sua calça e sapatos de volta, então Piper não teve que explicar sobre as pernas de bode.

Partia o coração de Piper ver seu pai assim, empurrado para além do limite, chorando como um garotinho. Ela não sabia exatamente o que o gigante fez com ele, como os monstros tinham destruído seu espirito, mas não achava que poderia ficar para descobrir.

— Vai ficar tudo bem, pai — disse ela, fazendo sua voz soar tão calma quanto possível. Ela não queria usar charme em seu próprio pai, mas parecia o único jeito. — Essas pessoas são minhas amigas. Nós vamos te ajudar. Você está seguro agora.

Ele piscou e olhou para os rotores do helicóptero.

— Lâminas. Eles têm uma máquina com tantas lâminas. Eles têm seis braços...

Quando se aproximaram, a pilota veio para ajudar.

— O que há de errado com ele? — perguntou ela.

— Inalação de fumaça — sugeriu Jason. — Ou talvez esteja exausto por causa do calor.

— Nós temos que levá-lo a um hospital — disse a pilota.

— Está tudo bem — disse Piper. — O aeroporto basta.

— Sim, o aeroporto basta — a pilota concordou imediatamente. Então franziu a testa, como se não tivesse certeza do porquê de ter mudado de ideia. — Esse não é Tristan McLean, a estrela de cinema?

— Não — respondeu Piper. — Apenas se parece com ele. Esqueça isso.

— Sim. Apenas se parece com ele. Eu... — ela piscou, confusa. — Esqueci o que estava dizendo. Vamos continuar.

Jason ergueu as sobrancelhas para Piper, obviamente impressionado, mas Piper se sentia miserável. Ela não queria bagunçar as mentes das pessoas, convencendo-as a fazer coisas que não acreditavam. Se sentia tão arrogante, tão *errada*... como Drew no acampamento ou Medeia em seu *shopping*

demoníaco. E como ela poderia ajudar seu pai? Não poderia convencê-lo que estava tudo bem, ou que isso nunca aconteceu.

Seu trauma foi muito profundo. Finalmente o tinham a bordo e o helicóptero decolou. A pilota não parava de receber perguntas em seu rádio, perguntavam onde estava indo, mas ela ignorava. Eles se afastaram do monte ardente e foram em direção a Berkeley Hills.

— Piper. — Seu pai agarrou sua mão e a segurou como se tivesse medo de cair. — É você? Eles me falaram... eles me falaram que você seria morta. Eles disseram... coisas horríveis do que iria acontecer.

— Sou eu, pai. — Ela usou toda a sua força de vontade para não chorar. Tinha que ser forte para ele. — Tudo vai ficar bem.

— Eles eram monstros — ele contou. — Monstros reais. Espíritos da terra, exatamente como as histórias de seu avô Tom... e a Mãe-Terra está com raiva de mim. E o gigante, Tsul 'Kalu, cuspia fogo... — Ele focalizou Piper novamente, seus olhos refletindo uma luz estranha. — Eles disseram que você era uma semideusa. Que sua mãe era...

— Afrodite — completou Piper. — A deusa do amor.

— Eu... eu...

Ele respirou fundo, então pareceu se esquecer como exalar.

Os amigos de Piper tiveram o cuidado de não assistir. Leo brincava com um parafuso tirado de seu cinto de ferramentas. Jason olhava para o vale abaixo – os carros dos mortais parados nas estradas olhando para a montanha ardendo em chamas. Gleeson mastigava o topo de seu cravo, e pela primeira vez o sátiro não olhava com vontade de gritar ou se vangloriar-se.

Tristan McLean não deveria ser visto ali. Ele era uma estrela. Era confiante, elegante e suave, sempre no controle. Essa era a imagem pública

que projetava. Piper já tinha visto essa imagem vacilar antes. Mas aquilo era diferente. Agora ele estava quebrado, desesperado.

— Eu não sabia sobre a mamãe — disse Piper para ele. — Não até você ser raptado. Quando descobrimos onde você estava, viemos imediatamente. Meus amigos me ajudaram. Ninguém vai te machucar outra vez.

Seu pai não conseguia parar de tremer.

— Vocês são heróis... você e seus amigos. Eu não posso acreditar. Você é uma heroína verdadeira, não como eu. Não interpreta um papel. Estou muito orgulhoso de você, Pipes. — Mas as palavras foram murmuradas indiferentes, como em um transe.

Ele olhou para o vale abaixo, e seu aperto na mão de Piper diminuiu.

— Sua mãe nunca me disse.

— Ela pensou que era o melhor.

Parecia imperfeito, mesmo para Piper, e nenhuma quantidade de encantamento poderia mudar isso. Mas ela não falou para seu pai do que Afrodite realmente se preocupava: *Se ele tiver que passar o resto de sua vida com essas lembranças, sabendo que deuses e espíritos andam na terra, isso irá despedaçá-lo*.

Piper sentiu algo dentro de seu bolso, o frasco estava lá, se aquecendo ao seu toque.

Mas como ela poderia apagar a memória dele? Seu pai finalmente sabia o que ela era. Estava orgulhoso dela, e pela primeira vez ela era uma heroína, não o contrário. Ele nunca a mandaria para longe agora. Eles compartilhariam um segredo.

Como ela poderia voltar para o jeito que as coisas eram?

Ela segurou sua mão, falando para ele sobre coisas pequenas – seu tempo na Escola da Vida Selvagem, seu chalé no Acampamento Meio-Sangue. Ela contou sobre como o Treinador Hedge comia cravos e fora nocauteado

no Monte Diablo, como Leo domesticou um dragão e que Jason tinha feito lobos se retirarem falando em latim. Seus amigos sorriram com relutância, ao relatar suas aventuras. Seu pai parecia relaxar enquanto ela falava, mas não sorria. Piper não tinha certeza se ele a escutava.

Enquanto passavam sobre as colinas do leste da baia, Jason ficou tenso. Ele se inclinou para tão perto da porta que Piper teve medo de ele cair.

Ele apontou.

— O que é aquilo?

Piper olhou para baixo, mas não viu nada de interessante – apenas colinas, florestas, casas, pequenas estradas que serpenteavam através dos desfiladeiros. Uma rodovia atravessava um túnel nas montanhas, ligando o leste da baia com as cidades do interior.

— Onde? — perguntou Piper.

— Essa estrada — disse ele. — A que atravessa as colinas.

Piper pegou o capacete que a piloto havia lhe dado e transmitiu uma pergunta. A resposta não foi muito emocionante.

— Ela disse que essa é a Rodovia 24 — Piper reportou. — Aquele é o Túnel Caldecott. Por quê?

Jason olhou fixamente para a entrada do túnel, mas não disse nada. O túnel desapareceu de vista enquanto voaram para Oakland, mas Jason continuou olhando à distância, sua expressão tão confusa quanto a do pai de Piper.

— Monstros — o pai dela disse, uma lágrima caindo sobre sua bochecha. — Eu vivo em um mundo cheio de monstros.

XLVI

PIPER

O CONTROLE DE TRÁFEGO AÉREO NÃO QUERIA deixar que um helicóptero não programado pousasse no Aeroporto de Oakland, até Piper ir para o rádio. Em seguida, ele pousou sem nenhum problema.

Eles desembarcaram no asfalto, e todos olharam para Piper.

— E agora? — Jason perguntou para ela.

Ela se sentia desconfortável. Não queria ser responsável, mas pelo seu pai, tinha que parecer confiante. Ela não tinha nenhum plano. Tinha acabado de se lembrar que ele tinha voado até Oakland, o que significava que seu jato particular poderia estar ali. Mas hoje era o solstício. Eles tinham que salvar Hera. Não tinham ideia para onde ir ou se chegariam tarde demais. E como ela poderia abandonar seu pai naquela condição?

— Primeiro... — disse ela. — Eu... eu tenho que levar meu pai para casa. Me desculpem, pessoal.

A expressão deles foi de desânimo.

— Ah — disse Leo. — Quer dizer, claro. Ele precisa de você agora. Nós podemos seguir sozinhos a partir daqui.

— Pipes, não. — Seu pai estava sentado na porta do helicóptero, com um cobertor sobre seus ombros. — Você tem uma missão. Uma busca. Eu não posso...

— Eu vou cuidar dele — disse o Treinador Hedge.

Piper olhou para ele. O sátiro era a última pessoa que ela esperava que fosse se oferecer.

— Você? — perguntou ela.

— Sou um protetor — disse Gleeson. — O meu trabalho é esse, e não lutar.

Ele parecia um pouco triste, e Piper percebeu que talvez ela não devesse ter contado como ele ficou inconsciente durante a última batalha. Ao seu jeito, talvez o sátiro fosse tão sensível quando o pai dela.

Então Hedge corou, e seu maxilar contraiu.

— Claro, eu sou bom em uma luta, também.

Ele olhou para todos, desafiando-os a discordar.

— Sim — confirmou Jason.

— Aterrorizante — concordou Leo.

O treinador grunhiu.

— Mas eu sou um protetor, e posso fazer isso. Seu pai tem razão, Piper. Você precisa continuar com a missão.

— Mas... — Os olhos de Piper ardiam, como se ela estivesse de volta ao incêndio na floresta. — Pai...

Ele estendeu os braços, e ela o abraçou. Ele estava frágil, trêmulo, e isso a assustou.

— Vamos dar um minuto a eles — sugeriu Jason, e levaram a piloto a poucos metros abaixo no asfalto.

— Eu não posso acreditar nisso — disse seu pai. — Eu falhei com você.

— Não, pai!

— As coisas que eles fizeram, Piper, as visões que me mostraram...

— Pai, escute — ela pegou o frasco de seu bolso. — Afrodite me deu isso, pra você. Isso vai apagar suas memórias recentes. Será como se nada disso tivesse acontecido.

Ele olhou surpreso para ela, como se estivesse traduzindo suas palavras de uma língua estrangeira.

— Mas você é uma heroína. Eu vou esquecer isso?

— Sim — sussurrou Piper. Ela forçou um tom confiante em sua voz. — Sim, você vai. Vai ser como... como antes.

Ele fechou seus olhos e respirou profundamente.

— Eu te amo, Piper. E sempre amei. Eu... eu te enviei para longe porque não queria você exposta à minha vida. Não do jeito que eu cresci... na pobreza, na desesperança. Não na loucura de Hollywood. Pensei... pensei que estava protegendo você. — Ele conseguiu dar um sorriso frágil. — Como se sua vida sem mim fosse melhor, ou mais segura.

Piper pegou sua mão. Ela já tinha o ouvido falar sobre protegê-la antes, mas nunca acreditava nisso. Sempre pensou que ele estava apenas brincando. Seu pai parecia tão confiante e tranquilo, como se sua vida fosse um passeio na felicidade. Como podia afirmar que ela precisava de proteção desse jeito?

Finalmente Piper entendeu que ele estava agindo pelo benefício dela, tentando não mostrar seu medo e insegurança. E naquele momento sua habilidade de lidar com suas fraquezas estava destruída.

Ela ofereceu o frasco para ele.

— Pegue isso. Talvez um dia estejamos prontos para falar sobre isso novamente. Quando você estiver pronto.

— Quando eu estiver pronto — murmurou ele. — Você faz isso soar como... como se *eu* fosse o adolescente aqui. Eu devia ser o pai. — Ele pegou o frasco. Seus olhos brilhavam com uma pequena expectativa desesperada. — Eu te amo, Pipes.

— Te amo também, pai.

Ele bebeu o líquido rosa. Seus olhos reviraram e ele caiu para frente. Piper o pegou, e seus amigos correram para ajudar.

— Eu pego ele — disse Hedge. O sátiro tropeçou, mas ele era forte o suficiente para segurar Tristan McLean de pé. — Já pedi para que trouxessem seu jato particular. Está a caminho agora. Endereço de casa?

Piper estava prestes a lhe dizer. Então uma ideia lhe ocorreu. Ela vasculhou o bolso do pai, e o celular dele ainda estava lá. Parecia estranho ele ter algo tão normal no bolso depois do que tinha passado, mas supôs que Encélado não tinha visto nenhum motivo para pegá-lo.

— Está tudo aqui — disse Piper. — Endereço, número do chofer. Apenas preste atenção em Jane.

Os olhos de Hedge se iluminaram, como se pressentisse uma possível luta.

— Quem é Jane?

Quando Piper terminou de explicar, o lustroso jato branco parou próximo ao helicóptero.

Hedge e a comissária de bordo conseguiram colocar o senhor McLean a bordo. Então o treinador desceu pela última vez para dizer adeus. Ele deu a Piper um abraço e olhou para Jason e Leo.

— Vocês, *cupcakes*, vão cuidar dessa garota, ouviram? Ou vou obrigar vocês a fazerem flexões.

— Claro, treinador — disse Leo, puxando um sorriso na boca.

— Sem flexões — prometeu Jason.

Piper deu ao velho sátiro mais um abraço.

— Obrigada, Gleeson. Cuide bem dele, por favor.

— Vou fazer isso, McLean — ele sussurrou para ela. — Eles têm cerveja e *enchiladas* vegetarianas nesse voo, além de guardanapos de linho, delícia! Eu poderia me acostumar com isso.

Trotando na escada, ele perdeu um sapato, e seu casco ficou visível por apenas um segundo. Os olhos da comissária de bordo se alargaram, mas ela olhou em volta e fingiu que nada estava errado. Piper imaginou que ela já deveria ter visto muitas coisas estranhas trabalhando para Tristan McLean.

Quando o jato estava subindo, Piper começou a chorar. Ela estava se segurando há muito tempo e não aguentou mais. Antes que ela percebesse, Jason a estava abraçando, e Leo estava desconfortavelmente perto, puxando Kleenex de seu cinto de ferramentas.

— Seu pai está em boas mãos — disse Jason. — Você foi incrível.

Ela chorou em sua camisa, e permitiu-se ficar nos braços dele enquanto respirava fundo seis vezes. Sete. Mas teve que se recompor.

Eles precisavam dela. A pilota do helicóptero estava pronta parecendo desconfortável, como se estivesse começando a se perguntar por que tinha voado até ali.

— Obrigada, pessoal — disse Piper. — Eu...

Ela queria dizer a eles o quanto significavam para ela. Eles sacrificaram tudo, talvez até mesmo a missão para ajudá-la. Ela não poderia reembolsá-los, nem mesmo colocar a gratidão em palavras. Mas as expressões de seus amigos diziam para ela que eles entendiam.

Então, ao lado de Jason, o ar começou a brilhar. Piper pensou que fosse o calor da pista ou talvez fumaça do gás do helicóptero, mas ela tinha visto algo assim antes na fonte de Medeia. Era uma mensagem de Íris. Uma

imagem apareceu no ar com uma menina de cabelos escuros usando uma tiara de prata camuflada em seu cabelo, segurando um arco.

Jason cambaleou para trás, surpreso.

— Thalia!

— Graças aos deuses — disse a Caçadora.

A cena atrás dela era difícil de descrever, mas Piper ouviu gritos, metal colidindo com metal, e explosões.

— Nós a encontramos — disse Thalia. — Onde você está?

— Oakland — disse ele. E você?

— Na Casa dos Lobos! Oakland... vocês não estão muito longe. Estamos impedindo os comparsas do gigante, mas não podemos aguentar por muito tempo. Cheguem aqui antes do pôr do sol ou estará tudo acabado.

— Então não estamos muito atrasados? — perguntou Piper. A esperança surgiu nela, mas a expressão de Thalia rapidamente escureceu.

— Ainda não — disse Thalia. — Mas Jason... é pior do que pensei. Porfírio está se erguendo. E rápido.

— Mas onde fica a Casa dos Lobos?

— Nossa última viagem — disse Thalia, sua imagem começando a desaparecer. — O parque. Jack London. Lembra?

Aquilo não fazia sentido para Piper, mas Jason parecia ter entendido. Ele cambaleou, seu rosto pálido, e a mensagem desapareceu.

— Cara, você está bem? — perguntou Leo. — Você sabe onde ela está?

— Sim. Vale Sonoma. Não é muito longe. Não pelo ar.

Piper voltou-se para a guarda-florestal piloto, que vinha assistido tudo com a expressão cada vez mais intrigada.

— Senhora — disse Piper com seu melhor sorriso. — Você não se importaria em nos ajudar mais uma vez, não é?

— Eu não me importo — disse a pilota, concordando.

— Não podemos levar um mortal para a batalha — notou Jason. — É muito perigoso. — Virou-se para Leo. — Você acha que poderia pilotar aquela coisa?

— Hã...

A expressão de Leo não estava exatamente tranquilizando Piper. Mas então ele colocou sua mão ao lado do helicóptero, muito concentrado, como se estivesse ouvindo a máquina.

— Helicóptero utilitário Bell 412HP — disse Leo. — Composto por quatro hélices no centro do rotor, na velocidade de um cruzeiro de vinte e dois nós, teto de voo de vinte mil pés. O tanque está quase cheio. Claro, eu posso pilotar isso.

Piper sorriu para a guarda-florestal novamente.

— Algum problema se um menor de idade não licenciado pegar emprestado o seu helicóptero? Nós vamos devolvê-lo, claro.

— Eu... — A pilota quase se engasgou com as palavras, mas concordou: — Eu não tenho problema com isso.

Leo sorriu.

— Pulem para dentro, crianças. Tio Leo vai levá-los para um passeio.

XLVII

LEO

Pilotar um helicóptero? Claro, por que não? Leo já tinha feito coisas mais malucas aquela semana.

O sol estava se pondo enquanto voavam para o norte sobre a ponte Richmond, e Leo não conseguia acreditar que o dia tinha se passado tão rapidamente. Mais uma vez, nada como TDAH combinado com uma boa luta pela morte para fazer o tempo voar.

Pilotando o helicóptero, ele ia e voltava entre confiança e pânico. Se não pensasse no que fazia, ele se achava automaticamente apertando os botões certos, verificando o altímetro, mexendo no controle suavemente e voando tranquilamente. Se ele se permitisse considerar o que estava fazendo, começava a entrar em pânico. Imaginou sua tia Rosa gritando em espanhol, falando que ele era um delinquente lunático que iria bater e morrer queimado. Parte dele suspeitava que ela estivesse certa.

— Indo bem? — Piper perguntou do assento do copiloto.

Ela soava mais nervosa que ele, então Leo fez uma cara de corajoso.

— Moleza — disse ele. — Então, o que é a Casa dos Lobos?

Jason se ajoelhou entre eles.

— É uma mansão abandonada no Vale Sonoma. Um semideus a construiu... Jack London.

Leo não conseguia localizar o nome.

— É um ator?

— Escritor — respondeu Piper. — Aventura, certo? *O chamado da floresta? Caninos brancos?*

— É — confirmou Jason. — Ele era filho de Mercúrio... quero dizer, Hermes. Era um aventureiro, viajava ao redor do mundo. Foi um vagabundo por um tempo. Depois fez fortuna escrevendo. Comprou um rancho grande no país e decidiu construir essa mansão enorme: a Casa dos Lobos.

— Ele a chamou assim por que escreveu sobre lobos? — perguntou Leo.

— Parcialmente. Mas o lugar e a razão por que escreveu sobre lobos... ele estava deixando pistas sobre sua experiência pessoal. Tem um monte de buracos na história da sua vida... como ele nasceu, quem era seu pai, por que ele viajava tanto pelo mundo... coisas que você só consegue explicar se você soubesse que ele era um semideus.

A baía passou debaixo deles, e o helicóptero continuou indo para o norte. À frente, morros amarelos apareciam na medida em que Leo podia ver.

— Então Jack London foi para o Acampamento Meio-Sangue — supôs Leo.

— Não — disse Jason. — Não, ele não foi.

— Cara, você está me enlouquecendo com essa conversa misteriosa. Está se lembrando do seu passado ou não?

— De algumas partes. Só pedaços. Nenhum deles muito bom. A Casa dos Lobos está em um solo sagrado. Foi onde Jack London começou sua jornada quando criança, onde descobriu que era um semideus. Por isso voltou para lá. Pensou que poderia viver lá, reivindicar a terra, mas não para ele. A Casa dos Lobos estava amaldiçoada. Ardeu em chamas uma semana antes que ele e sua esposa se mudassem para lá. Alguns anos depois, London morreu, e suas cinzas foram espalhadas no terreno.

— Mas — disse Piper — como você sabe tudo isso?

Uma sombra cruzou o rosto de Jason. Provavelmente uma nuvem, mas Leo podia jurar que o formato parecia a de uma águia.

— Eu comecei minha jornada lá também. É um lugar poderoso para semideuses, um lugar perigoso. Se Gaia puder reclamá-lo, usar seu poder para prender Hera no solstício de inverno e reerguer Porfírio... isso poderia ser suficiente para acordar a deusa da terra completamente.

Leo deixou sua mão no controle, guiando o helicóptero na velocidade máxima, seguindo para o norte. Ele podia ver um pouco do tempo a frente – um ponto escuro, como um amontoado de nuvens ou uma tempestade, bem no lugar para onde estavam indo.

O pai de Piper o chamou de herói mais cedo. E Leo não conseguia acreditar em algumas coisas que tinha feito – esmagar ciclopes, desarmar campainhas explosivas, batalhar contra ogros de seis braços com equipamento de construção. Parecia que tinha acontecido com outra pessoa. Ele era apenas Leo Valdez, uma criança órfã de Houston. Passou a vida toda fugindo, e parte dele ainda queria fugir. O que estava pensando, voando para uma mansão amaldiçoada para lutar contra mais monstros maus?

A voz de sua mãe ecoou na sua cabeça: *Não há nada que não pode ser consertado.*

Exceto o fato de que você se foi para sempre, pensou Leo.

Ver Piper e seu pai juntos novamente tinha realmente o dirigido para esses pensamentos. Mesmo que Leo sobrevivesse a essa missão e salvasse Hera, Leo não voltaria para seu lar. Não voltaria para uma família amorosa. Não iria ver sua mãe.

O helicóptero estremeceu, metal estalou, e Leo podia imaginar que o barulho era código Morse: *Não é o fim. Não é o fim.*

Ele subiu o helicóptero, e o barulho parou. Estava apenas ouvindo coisas. Ele não podia pensar na sua mãe, ou a ideia continuaria atormentando-o – que Gaia estava trazendo almas de volta do Mundo Inferior – então por que ele não podia fazer vir algo de bom nisso? Pensar desse jeito iria deixá-lo louco. Ele tinha um trabalho a fazer.

Deixou seus instintos assumirem – apenas pilotar o helicóptero. Se ele pensasse muito na missão ou no que aconteceria depois, entraria em pânico. O truque era não pensar – apenas fazer.

— Faltam trinta minutos para chegar — ele contou para seus amigos, mas não tinha certeza de como sabia disso. — Se quiserem descansar um pouco, agora é uma boa hora.

Jason voltou para a traseira do helicóptero e dormiu quase imediatamente. Piper e Leo continuaram ainda bem acordados.

Depois de alguns minutos constrangedores, Leo falou:

— Seu pai vai ficar bem. Ninguém vai mexer com ele enquanto aquele bode louco estiver por perto.

Piper olhou para ele, e Leo pensou o quanto ela tinha mudado. Não apenas fisicamente. A sua presença estava mais forte. Ela parecia mais... *aqui*. Na Escola da Vida Selvagem ela gastava o semestre tentando não ser vista, se escondendo no final da fileira das carteiras da classe, no final do

ônibus, no canto do refeitório... o mais distante possível de crianças barulhentas. Agora era impossível perdê-la de vista. Não importava o que estivesse vestindo – você *tinha* que olhar para ela.

— Meu pai — disse ela pensativa. — É, eu sei. Eu estava pensando sobre Jason. Estou preocupada com ele.

Leo assentiu. Quanto mais se aproximavam do amontoado de nuvens escuras, mais Leo ficava preocupado também.

— Ele está começando a se lembrar. Isso pode deixá-lo um pouco confuso.

— Mas e se... e se ele for uma pessoa diferente?

Leo pensava a mesma coisa. Se a Névoa podia afetar as suas memórias, a personalidade do Jason poderia ser uma ilusão também? Se o seu amigo não fosse seu amigo, e eles estavam indo para uma mansão amaldiçoada – um lugar perigoso para semideuses – o que aconteceria se toda a memória de Jason voltasse de uma vez no meio da batalha?

— Não — decidiu Leo. — Depois de tudo o que passamos? Eu não consigo ver isso. Nós somos um time. Jason pode suportar.

Piper alisou seu vestido azul, que estava rasgado e queimado da luta deles no Monte Diablo.

— Espero que você esteja certo. Eu preciso tanto dele... — ela limpou a garganta. — Quero dizer, eu preciso acreditar nele...

— Eu sei.

Depois de ver seu pai arruinado, Leo entendeu, Piper não podia perder Jason também. Ela tinha acabado de ver Tristan McLean, seu pai, astro de cinema, legal e calmo, reduzido quase à insanidade. Leo mal podia suportar a assistir a isto, mas *Piper*... Nossa, não podia nem sequer imaginar. Ele imaginou se isso a faria ficar insegura de si mesma também. Se a fraqueza

fosse herdada, ela provavelmente estaria pensando se terminaria como o seu pai.

— Ei, não se preocupe — disse Leo. — Piper, você é a mais forte, mais poderosa rainha da beleza que eu conheci. Você pode contar consigo mesma. E para o pior, pode contar comigo também.

O helicóptero caiu em um vento cortante, e Leo se assustou. Ele xingou e endireitou o helicóptero.

Piper riu nervosa.

— Contar com você, hein?

— Ah, cala a boca, tudo resolvido.

Mas ele sorriu para ela, e por um segundo, sentiu como se estivesse relaxando confortavelmente com um amigo.

Então eles atingiram as nuvens de tempestade.

XLVIII

LEO

No começo, Leo pensou que eram pedras caindo no para-brisa. Mas logo percebeu que era granizo. Gelo começou a aparecer nas bordas do vidro e ondas lamacentas de gelo borraram sua visão.

— Uma tempestade de gelo? — Piper gritou mais alto que as hélices e o vento. — É para ser tão frio assim em Sonoma?

Leo não tinha certeza, mas alguma coisa nessa tempestade parecia consciente, malévola – como se intencionalmente estivesse os castigando.

Jason acordou rapidamente. Ele inclinou para frente, agarrando os assentos para se equilibrar.

— Nós devemos estar chegando perto.

Leo estava muito ocupado lutando contra o controle para responder. De repente não estava mais tão fácil pilotar o helicóptero. Seus movimentos se tornaram lentos e bruscos. A máquina inteira estremeceu no vento de gelo.

O helicóptero provavelmente não tinha sido feito para voar em tempo frio. Os controles se recusavam a responder. E eles começaram a perder altitude.

Abaixo deles, o chão era uma mistura escura de árvores e nevoeiro. O cume de uma colina apareceu na frente deles e Leo puxou o controle, raspando nas copas das árvores.

— Ali! — gritou Jason.

Um pequeno vale abriu-se diante deles, com uma forma escura de um edifício no meio. Leo dirigiu o helicóptero diretamente para ele. Em volta deles havia lampejos de luz que lembrou Leo da vez que se aproximaram da casa de Midas. Árvores estalaram e explodiram nas bordas da clareira. Sombras moveram-se através do nevoeiro. Combates pareciam estar acontecendo em todos os lugares.

Ele desceu o helicóptero para um campo de gelo a uns cinquenta metros da casa e desligou o motor. Estava prestes a relaxar quando ouviu um silvo e viu uma sombra escura indo rapidamente na direção deles fora do nevoeiro.

— Saiam! — gritou Leo.

Eles saltaram do helicóptero e mal saíram debaixo das hélices antes de um estrondoso *BUM* tremer a terra, derrubando Leo e jogando gelo em cima dele.

Ele levantou tremendo e viu a maior bola de neve do mundo – um amontoado de neve, gelo e sujeira do tamanho de uma garagem – que cobriu completamente o Bell 412.

— Você está bem? — Jason correu para ele com Piper do seu lado.

Os dois pareciam bem, exceto pelo fato de estarem cobertos de neve e lama.

— Sim. — Leo estremeceu. — Acho que devemos a aquela pilota um novo helicóptero.

Piper apontou para o sul.

— A luta está para lá. — Depois ela franziu a testa. — Não... está em todos os lugares.

Ela estava certa. O som de combate atravessava todo o vale. A neve e a neblina faziam com que ficasse difícil dizer, mas parecia haver um círculo de lutas em volta da Casa dos Lobos. Atrás deles situava-se a casa dos sonhos de Jack London – uma enorme ruína de pedras vermelhas e acinzentadas, com vigas de madeira rústica. Leo podia imaginar o lugar antes de incendiar – uma combinação de casa de madeira e castelo, como uma casa de um lenhador bilionário poderia construir. Mas na neblina e no granizo, o local parecia solitário e assombrado. Leo podia acreditar que as ruínas eram amaldiçoadas.

— Jason! — chamou a voz de uma garota.

Thalia apareceu na neblina, a sua jaqueta coberta de neve. O seu arco estava na mão, a aljava quase vazia. Ela correu para encontrá-los, mas só deu alguns passos antes de um ogro de seis braços – um dos nascidos da terra – aparecer da tempestade atrás dela, um bastão erguido em cada mão.

— Cuidado! — gritou Leo.

Eles se apressaram para ajudar, mas Thalia tinha tudo sobre controle. Ela deu um salto como se fosse uma ginasta, atirando uma flecha enquanto se posicionava de joelhos. O ogro conseguiu uma flecha de prata bem no meio dos seus olhos e derreteu em uma pilha de pó.

Thalia levantou e recuperou a flecha, mas a ponta tinha caído.

— Essa era a minha última flecha — ela chutou a pilha de pó ressentida. — Ogro estúpido.

— Belo tiro, aliás — elogiou Leo.

Thalia o ignorou como sempre (o que sem dúvida queria dizer que ela pensava que ele era legal como sempre). Ela abraçou Jason e acenou para Piper.

— Bem na hora. Minhas Caçadoras estão cobrindo um perímetro em volta da mansão, mas vamos ser derrotados a qualquer minuto.

— Pelos nascidos da terra? — perguntou Jason.

— *E* pelos lobos... subordinados de Licaão. — Thalia tirou um pedaço de gelo do seu nariz. — E também espíritos da tempestade.

— Mas nós o entregamos para Éolo! — protestou Piper.

— Que tentou nos matar — lembrou-a Leo. — Talvez ele esteja ajudando Gaia de novo.

— Eu não sei — disse Thalia. — Mas os monstros continuam se reformando quase tão rápido quanto conseguimos matá-los. Nós tomamos a Casa dos Lobos sem problemas: surpreendemos os guardas e os mandamos direto para o Tártaro. Mas então, essa tempestade de neve maluca apareceu. Onda após onda de monstros começaram a atacar. Agora estamos cercados. Eu não sei quem ou o que está liderando o assalto, mas acho que planejaram isso. Era uma armadilha para matar qualquer um que tentasse salvar Hera.

— Onde ela está? — perguntou Jason.

— Lá dentro — disse Thalia. — Nós tentamos salvá-la, mas não temos ideia de como quebrar as grades. São só alguns minutos até o pôr do sol. Hera acha que nesse momento Porfírio vai renascer. Além disso, a maior parte dos monstros são mais fortes de noite. Se nós não salvarmos Hera logo...

Ela não precisava terminar.

Leo, Jason e Piper a seguiram para a mansão arruinada.

Logo que Jason atravessou a porta, ele desmaiou.

— Ei! — Leo segurou ele. — Sem essa, cara. Qual é o problema?

— Esse lugar... — Jason balançou a cabeça. — Desculpa... sempre bate forte em mim.

— Então você *esteve* aqui — disse Piper.

— Nós dois estivemos — disse Thalia. Sua expressão estava sombria, como se estivesse revivendo a morte de alguém. — Foi aqui que mamãe nos trouxe quando Jason era criança. Ela o deixou aqui e me disse que estava morto. Ele simplesmente desapareceu.

— Ela me deu para os lobos — murmurou Jason. — Por causa da insistência de Hera. Ela me deu para Lupa.

— Essa parte eu não sabia. — Thalia franziu a testa. — Quem é Lupa?

Uma explosão balançou o edifício. Lá fora, uma nuvem azul em forma de cogumelo subiu ao céu, chovendo flocos de neve e gelo, como uma explosão nuclear feita de frio ao invés de calor.

— Talvez não seja o momento para perguntas — sugeriu Leo. — Mostre-nos a deusa.

Uma vez dentro, Jason parecia ter se recuperado. A casa era construída em um gigante U. E Jason os liderou por entre as alas chegando a um pátio com uma piscina vazia. No fundo dela, assim como Jason havia descrito a partir do seu sonho, duas espirais de pedra e raízes surgiam através da fundação.

Uma das espirais era muito maior – uma massa escura de aproximadamente seis metros de altura, que para Leo parecia um saco de dormir de pedra. Embaixo da massa de raízes fundidas ele podia ver o formato de uma cabeça, ombros largos, um peito e braços enormes, como se a criatura estivesse presa da cintura para baixo na terra. Não, não presa – *se erguendo.*

Do outro lado da piscina, a segunda espiral era menor e mais entrelaçada. Cada raiz era tão grossa como um poste de telefone, com tão pouco espaço entre eles que Leo duvidava que podia passar até mesmo um

braço. Mesmo assim, ele podia ver dentro. E no meio da cela estava *Tía* Callida.

Ela parecia exatamente como Leo se lembrava: cabelo preto coberto por um xale, o vestido negro de uma viúva, a cara enrugada e os mesmos olhos assustadores.

Ela não brilhava ou emitia nenhum tipo de poder. Parecia uma mulher mortal comum, a sua boa e velha babá psicopata.

Leo entrou na piscina e se aproximou da cela.

— *Hola Tía.* Está com algum problema?

Ela cruzou seus braços e suspirou irritada.

— Não me trate como uma de suas máquinas, Leo Valdez. Me tire daqui!

Thalia se aproximou dele e olhou para a cela com desgosto – ou talvez ela estivesse olhando para a deusa.

— Tentamos tudo o que conseguimos pensar, Leo, mas talvez não tenha tentado de coração. Se fosse por mim, eu a deixaria aí.

— Ah, Thalia Grace — a deusa disse — quando eu sair daqui, você vai se arrepender de ter nascido.

— Já chega! — interrompeu Thalia. — Você tem sido nada menos do que uma maldição para todas as crianças de Zeus por eras. Você mandou um monte de vacas com problemas intestinais atrás da minha amiga Annabeth...

— Ela me faltou com respeito!

— Você derrubou uma estátua na minha perna.

— Isso foi um acidente!

— *E* você levou o meu irmão! — A voz de Thalia falhou com emoção. — Aqui... nesse lugar. Você arruinou as nossas vidas. Nós deveríamos deixá-la para Gaia!

— Ei — interviu Jason. — Thalia... Mana... eu sei. Mas não é a hora. Você deveria ajudar as suas Caçadoras.

Thalia endireitou a sua jaqueta.

— Tudo bem. Por você, Jason. Mas se me perguntar, ela não vale a pena.

Leo virou para Hera com respeito invejoso.

— Vacas com problemas intestinais?

— Se concentre na cela, Leo — grunhiu ela. — E Jason... você é mais sábio que a sua irmã. Eu escolhi bem meu campeão.

— Eu não sou seu campeão, senhora — disse Jason. — Só estou te ajudando porque você roubou as minhas memorias e você é melhor que a outra alternativa. Falando de feitiço, o que está acontecendo com aquilo ali?

Ele acenou para a outra espiral que parecia uma bolsa humana de granito tamanho *king-size*. Leo estava imaginando se aquilo cresceu um pouco desde que chegaram ali.

— Aquilo, Jason — respondeu Hera — é o rei dos gigantes renascendo.

— É gigante — notou Piper.

— De fato — disse Hera. — Porfírio, o mais forte de todos. Gaia precisava um grande poder para reerguê-lo novamente... o *meu* poder. Por semanas fiquei cada vez mais fraca enquanto minha essência era usada para dá-lo uma nova forma.

— Então você é uma espécie de incubadora? — disse Leo. — Ou fertilizante.

A deusa olhou para ele, mas Leo não se importou. Essa velha vinha fazendo sua vida miserável desde que era um bebê. Ele tinha direito de pegar no pé dela.

— Brinque o quanto quiser — disse Hera em um tom macabro. — Mas ao pôr do sol, será tarde demais. O gigante irá acordar. Ele me oferecerá uma escolha: casar com ele ou ser consumida pela terra. E eu não posso me

casar com ele. Todos nós seremos destruídos. E enquanto morremos, Gaia irá despertar.

Leo franziu para a espiral gigante.

— Não podemos explodi-la ou algo assim?

— Sem mim, vocês não teriam o poder necessário — respondeu Hera. — Seria como tentar destruir uma montanha.

— Fizemos isso hoje — disse Jason.

— Apenas se apresse e me tire daqui! — perguntou Hera.

Jason coçou a sua cabeça.

— Leo, você consegue fazer isso?

— Eu não sei. — Leo tentou não entrar em pânico. — Aliás, se ela é uma deusa, por que ela mesma não escapa?

Hera andou furiosa em volta da cela, xingando em grego antigo.

— Use seu cérebro, Leo Valdez. Eu *escolhi* você porque era inteligente. Uma vez capturado, o poder de um deus é inútil. O seu próprio pai me capturou em uma cadeira de ouro. Foi humilhante! Eu tive que implorar, *implorar* pela minha liberdade e me desculpar por jogá-lo do Olimpo.

— Parece justo — disse Leo.

Hera lhe deu um olhar feio piedoso.

— Eu o observo desde que era criança, filho de Hefesto, porque eu sabia que poderia me ajudar neste momento. Se alguém pode achar um jeito de destruir essa *abominação,* esse alguém é você.

— Mas isso não é uma máquina. É como se Gaia levantasse a sua mão do chão e... — Leo se sentiu tonto. Uma linha da profecia voltou para ele: *A forja e a pomba devem abrir a cela*. — Espera aí. Eu tenho uma ideia. Piper, vou precisar da sua ajuda. E vamos precisar de tempo.

O ar se tornou quebradiço com o frio. A temperatura caiu tão rápido que os lábios de Leo secaram e sua respiração formou névoa. Gelo cobriu as

paredes da Casa dos Lobos. Os espíritos da tempestade entraram... mas ao invés de homens com asas, esses eram como cavalos, com corpos de nuvens de tempestades e crinas que estalavam relâmpagos. Alguns tinham flechas de pratas espetadas nos flancos. Atrás deles vieram os lobos com olhos vermelhos e os nascidos da terra de seis braços.

Piper pegou a sua adaga. Jason pegou um galho coberto de gelo do fundo da piscina. Leo procurou no seu cinto de ferramentas, mas estava tão abalado, que tudo que conseguiu foi balinhas de menta. Ele atirou de volta, esperando que ninguém percebe-se e tirou um martelo instantaneamente.

Um dos lobos andou para frente. Estava carregando uma estátua de tamanho real pela perna. Na beirada da piscina, o lobo abriu a boca e deixou cair a estátua para eles verem – uma escultura de gelo de uma garota, uma arqueira com o cabelo curto e espetado com um olhar surpreso.

— Thalia! — Jason correu para frente, mas Piper e Leo o puxaram de volta.

O chão ao redor de Thalia já estava coberto de gelo. Leo temia que se Jason a tocasse, congelaria também.

— Quem fez isso? — gritou Jason. Seu corpo estalou com eletricidade. — Eu o matarei eu mesmo!

De algum lugar atrás dos monstros, Leo ouviu uma risada de uma garota, clara e fria. Ela andou para fora da névoa com seu vestido branco de neve, uma tiara de prata no topo de seus cabelos negros. Ela olhou-o com aqueles profundos olhos castanhos que Leo tinha achado tão lindos em Quebec.

— *Bon soir, mes amis* — disse Quione, a deusa da neve. Ela deu a Leo um sorriso frio. — Ah, filho de Hefesto, você diz que precisa de tempo? Temo que tempo seja uma ferramenta que você não tem.

XLIX

JASON

Após a luta no Monte Diablo, Jason não pensou que poderia se sentir mais assustado ou devastado.

Agora sua irmã estava congelada aos seus pés. Ele estava cercado por monstros. Havia quebrado a sua espada de ouro e a substituído com um pedaço de madeira. Tinha aproximadamente cinco minutos antes que o rei dos gigantes surgisse e lhes destruísse. Jason já havia utilizado o seu maior trunfo, invocando o raio de Zeus na luta contra Encélado, e duvidava que tivesse a força ou a cooperação dos céus para fazer aquilo de novo. O que significava que os seus únicos recursos eram uma deusa reclamona prisioneira, uma espécie de namorada com uma adaga e Leo, que aparentemente achava que poderia derrotar os exércitos das trevas com balas de menta.

Acima de tudo, as piores memórias de Jason estavam retornando. Ele tinha certeza de que já havia feito muitas coisas perigosas em sua vida, mas

nunca tinha estado tão perto da morte quanto estava agora.

A inimiga era linda. Quione sorriu, seus olhos negros brilhando, enquanto uma adaga crescia em sua mão.

— O que você fez? — perguntou Jason.

— Ah, tantas coisas — ronronou a deusa da neve. — Sua irmã não está morta, se é isso que está perguntando. Ela e suas Caçadoras irão dar ótimos brinquedos para nossos lobos. Achei que poderíamos descongelá-las uma a uma e brincar de caçá-las. Deixar que elas sejam as presas dessa vez.

Os lobos rosnaram concordando.

— Sim, meus queridos. — Quione manteve os seus olhos em Jason. — Sua irmã quase matou o rei deles. Licaão está escondido numa caverna em algum lugar, sem dúvida lambendo as suas feridas, mas seus servos se juntaram a nós para vingar seu mestre. E logo Porfírio se levantará, e nós governaremos o mundo.

— Traidora! — gritou Hera. — Sua intrometida, deusa de quinta categoria! Você não é digna para servir um vinho, muito menos para governar o mundo.

Quione suspirou.

— Chata como sempre, Rainha Hera. Eu tenho desejado te calar por milênios.

Quione acenou e gelo cobriu a prisão, selando os espaços entre os tentáculos de terra.

— Assim está melhor. Agora, semideuses, quanto as suas mortes...

— Foi você quem enganou Hera para que ela viesse aqui — disse Jason. — Você deu a Zeus a ideia de fechar o Olimpo.

Os lobos rosnaram e os espíritos da tempestade relincharam prontos para atacar, mas Quione ergueu sua mão.

— Paciência, meus amores. Se ele quer conversar, o que importa? O sol está se pondo, e o tempo está do nosso lado. Naturalmente, Jason Grace. Como a neve, minha voz é tranquila, suave e muito fria. Para mim é fácil sussurrar para os outros deuses, especialmente quando só estou confirmando os seus medos mais profundos. Também sussurrei no ouvido de Éolo que ele deveria emitir uma ordem para matar semideuses. É um pequeno serviço para Gaia, mas estou certa de que será bem recompensado quando seus filhos, os gigantes, chegarem ao poder.

— Você poderia ter nos matado em Quebec — lembrou Jason. — Por que nos deixou viver?

Quione franziu seu nariz.

— Complicaria os negócios, matar vocês na casa do meu pai, especialmente quando ele insistia em conhecer todos os visitantes. Eu tentei, se você se lembra. Teria sido adorável se ele tivesse concordado em transformar vocês em gelo. Mas, uma vez que ele lhes deu garantia de passagem segura, eu não podia desobedecer-lhe abertamente. Meu pai é um velho tolo. Ele vive com medo de Zeus e Éolo, mas ele ainda é poderoso. Em breve, quando meus novos mestres tiverem despertado, vou destituir Bóreas e tomar o trono do Vento Norte, mas não agora. Além disso, meu pai tinha um ponto. Sua missão era suicida. Eu esperava que vocês fracassassem.

— E para nos ajudar com isso — disse Leo — você derrubou o nosso dragão do céu sobre Detroit. Os fios congelados na cabeça dele... aquilo foi *sua* culpa. Você vai pagar por isso.

— Você também foi quem manteve Encélado informado sobre nós — acrescentou Piper. — Temos sido perseguidos por tempestades de neve a viagem inteira.

— Sim, eu me sinto tão próxima de todos vocês agora! Uma vez que vocês conseguiram passar por Omaha, decidi pedir a Licaão para rastrear vocês, assim Jason poderia morrer aqui, na Casa dos Lobos — ela sorriu para ele. — Veja, Jason, seu sangue derramado nessa terra sagrada vai manchá-la por gerações. Seus irmãos semideuses ficarão indignados, especialmente quando encontrarem os corpos desses dois do Acampamento Meio-Sangue. Eles acreditarão que os gregos têm conspirado com os gigantes. Será... delicioso.

Piper e Leo não pareciam entender o que ela estava dizendo. Mas Jason sabia. Suas memórias tinham retornado o suficiente para ele perceber quão perigosamente eficaz o plano de Quione poderia ser.

— Você vai colocar semideuses contra semideuses — ele revelou.

— É tão fácil! — disse Quione. — Como te falei, só estou encorajando o que você faria de qualquer jeito.

— Mas por quê? — Piper estendeu as mãos. — Quione, você irá destruir o mundo. Os gigantes irão destruir tudo. Você não quer isso. Pare os seus monstros.

Quione hesitou, então riu.

— Seus poderes de persuasão estão melhorando, garota. Mas eu sou uma deusa. Você não pode me encantar. Nós, deuses do vento, somos criaturas do caos! Eu vou derrubar Éolo e deixar as tempestades correrem livremente. Se destruirmos o mundo mortal, melhor ainda! Eles nunca me honraram, mesmo nos tempos gregos. Humanos e sua discussão sobre aquecimento global. Besteira! Eu irei refrescá-los com rapidez o bastante. Quando retornarmos aos lugares antigos, irei cobrir a Acrópole de neve.

— Os lugares antigos — os olhos de Leo se arregalaram. — Foi isso o que Encélado quis dizer quando falou em destruir as raízes dos deuses. Ele se referia a Grécia.

— Você poderia se juntar a mim, filho de Hefesto — disse Quione. — Eu sei que você me acha bonita. Seria suficiente pro meu plano se esses outros dois morressem. Rejeite esse destino ridículo que as Parcas deram a você. Ao invés disso, viva e seja o meu herói. Suas habilidades seriam muito úteis.

Leo parecia surpreso. Ele olhou para trás, como se Quione estivesse falando com outra pessoa. Por um segundo, Jason ficou preocupado. Ele imaginou que não era todo dia que Leo tinha lindas deusas fazendo-lhe ofertas como essa.

Em seguida, Leo riu tanto que se curvou.

— Sim, me unir a você. Certo. Até que você se canse de mim e me transforme em um PicoLeo? Senhora, ninguém destrói o meu dragão e sai impune. Eu não posso acreditar que achava você quente.

O rosto de Quione ficou vermelho.

— Quente? Você se atreve a me insultar? Eu sou fria, Leo Valdez. Muito, muito fria.

Ela disparou uma rajada de granizo nos semideuses, mas Leo ergueu a sua mão. Uma parede de fogo rugiu ganhando vida na frente deles, e a neve se dissolveu em uma nuvem de vapor.

Leo sorriu.

— Viu, senhora, isso é o que acontece com a neve no Texas. A neve... derrete.

Quione sibilou.

— Já chega. Hera está fracassando. Porfírio está se levantando. Deixem que eles sejam a primeira refeição do nosso rei!

Jason levantou o seu galho congelado – uma estúpida arma para se morrer lutando – e os monstros atacaram.

L

JASON

Um lobo se lançou contra Jason. Ele recuou e acertou a besta no focinho com um estalo satisfatório. Talvez apenas prata pudesse matá-lo, mas um bom e velho tronco poderia causar uma grande dor de cabeça.

Ele se virou na direção do som de cascos e viu um espírito da tempestade na forma de cavalo vindo em sua direção. Jason concentrou-se e convocou os ventos. Pouco antes de o espírito atropelá-lo, Jason lançou-se no ar, agarrou o pescoço esfumaçado do cavalo e montou em suas costas.

O espírito da tempestade tentou derrubar Jason e em seguida tentou dissolver-se em névoa para derrubá-lo, porém de alguma forma, Jason continuou montado. Ele desejou que o cavalo permanecesse em sua forma sólida, e o cavalo foi incapaz de recusar. Jason podia sentir o espírito lutando contra ele de novo, podia sentir seus pensamentos enfurecidos – totalmente caóticos esforçando-se para se libertar. Tomou toda a força de vontade de Jason impor seu desejo e conseguir controlar o cavalo. Jason pensou em

Éolo, supervisionando milhões e milhões de espíritos como esse, muito piores. Não admirava que o Mestre dos Ventos tenha ficado meio louco depois de séculos de tanta pressão. Mas Jason tinha um único espirito para dominar e *tinha* que vencer.

— Você é meu agora — disse Jason.

O cavalo deu um coice, mas Jason se segurou rapidamente. Sua crina soltava faíscas enquanto ele rodeava a piscina vazia, seus cascos causando pequenas trovoadas onde quer que tocassem.

— Tempestade? Esse é o seu nome?

O cavalo espírito da tempestade balançou sua crina, feliz por ter sido reconhecido.

— Bom — disse Jason. — Agora, vamos lutar.

Ele voltou para batalha, balançando seu pedaço de madeira congelado, batendo em lobos e mergulhando direto através de outros *venti*. Tempestade era um espírito forte e sempre que passava por um de seus irmãos, descarregava muita eletricidade, e os outros espíritos vaporizavam numa inofensiva nuvem de fumaça.

No meio do caos, Jason captou vislumbres de seus amigos. Piper estava cercada por nascidos da terra, mas parecia estar se virando bem. Era tão impressionante observá-la lutando, quase brilhando com sua beleza, que os nascidos da terra olhavam para ela admirados, esquecendo que deviam matá-la. Eles diminuíram os golpes para ver, surpresos e emudecidos, enquanto ela sorria e os desafiava. Eles sorriram de volta... até que ela os cortava em fatias com Katoptris, formando um monte derretido de lama.

Leo estava enfrentando a própria Quione. Lutar contra um deus deveria ser suicídio, porém Leo era o homem certo para isso. A deusa convocava punhais de gelo lançando-os contra Leo, rajadas de ar gelado e tornados de neve. Leo queimou tudo. Todo seu corpo brilhava com labaredas vermelhas,

como se tivesse sido encharcado de gasolina. Ele avançou para cima da deusa, usando dois martelos de prata com pontas esféricas para esmagar qualquer monstro que atravessasse seu caminho.

Jason percebeu que Leo era quem os mantinha vivos. Sua aura ardente esquentava o pátio inteiro, contrariando a magia gélida de Quione. Sem ele, todos teriam congelado como as Caçadoras há muito tempo. Em qualquer lugar que Leo passasse, o gelo derretia. Até mesmo Thalia descongelara um pouco quando Leo passou perto.

Quione começou a recuar. Sua expressão era de raiva e meio chocada de pânico enquanto Leo se aproximava.

Jason estava ficando sem inimigos. Lobos derrubavam-se em montes atordoados. Alguns fugiam para fora das ruínas, gemendo por causa de suas feridas. Piper apunhalou o último Nascido da Terra, que caiu no chão em um monte de lama. Jason cavalgou com Tempestade em direção do último *ventus*, transformando-o em vapor. Então olhou ao redor e viu Leo caindo sobre a deusa da neve.

— Você está atrasado demais — rugiu Quione. — Ele acordou! E não pense que você ganhou alguma coisa aqui, semideus. O plano de Hera nunca funcionará. Você será engolido antes disso, não pode nos deter.

Leo fez com que seus martelos flamejassem e jogou-os na deusa, mas ela se transformou em neve, uma imagem dela mesma em pó branco. Os martelos bateram na deusa-de-neve, quebrando-a em um monte fumegante.

Piper respirava com dificuldade, mas sorriu para Jason.

— Belo cavalo — comentou Piper.

Tempestade empinou sobre as patas traseiras, arcos de eletricidade atravessando seus cascos. Um completo exibido.

Em seguida, Jason ouviu um estalo atrás dele. O gelo estava derretendo na cela de Hera, e a deusa disse:

— Ah, não se preocupem comigo, sou apenas a Rainha do Céu, morrendo aqui!

Jason desmontou e disse a Tempestade que esperasse parado. Os três semideuses pularam na piscina e correram para a torre.

Leo fez uma careta.

— Hã, *Tía* Callida, você está encolhendo?

— Não, seu idiota! A terra está me reclamando. Depressa!

Por mais que Jason não gostasse de Hera, o que viu dentro da gaiola o alarmou. Hera não estava apenas afundando, mas a terra subia em volta dela também. Barro já tinha coberto suas canelas.

— O gigante está acordando! — avisou Hera. — Vocês só têm alguns segundos!

— Sobre isso... — disse Leo. — Preciso de sua ajuda, Piper. Fale com a gaiola.

— O quê? — disse ela.

— Fale com a prisão. Use tudo que você tem. Convença Gaia a dormir. Iluda-a, os tentáculos rochosos se enfraquecerão. Apenas atrase-a, tente fazê-la solta Hera enquanto eu...

— Certo! — Piper pigarreou e começou: — Ei, Gaia. Bela noite, hein? Nossa, como estou cansada. E você? Pronta para dormir?

Quanto mais ela falava, mais confiante parecia estar. Jason reparou que seus próprios olhos estavam ficando pesados e teve que se esforçar para não prestar atenção nela. Parecia estar fazendo efeito na gaiola. A lama subia mais devagar. Os tentáculos pareciam amolecer um pouco, tornando-se mais raízes de árvore do que pedra. Leo pegou uma serra circular de seu cinto de ferramentas. Como aquilo cabia ali, Jason não tinha ideia.

Em seguida, Leo olhou para o cabo e grunhiu de frustração.

— Eu não tenho nenhum lugar para ligar isso!

Tempestade pulou no poço e relinchou.

— Sério? — perguntou Jason.

Tempestade abaixou a cabeça e trotou até Leo. Leo olhou duvidoso, mas levantou o cabo e conectou no flanco do cavalo. Raios conectaram o animal à tomada, e a serra circular ganhou vida.

— Legal! — Leo sorriu. — Seu cavalo vem com tomada embutida!

O bom humor deles não durou muito tempo. Do outro lado da piscina, a espiral do gigante balançou, como uma árvore sendo cortada ao meio. Seu revestimento externo de galhos explodiu de cima a baixo, chovendo cacos de pedra e madeira com o gigante balançando livre e levantando-se da terra.

Jason pensou que nada poderia assustá-lo mais que Encélado.

Ele estava errado.

Porfírio era muito mais alto e mais violento. Ele não irradiava calor nem sequer mostrou sinal de que exalava fogo, mas algo ainda mais terrível existia sobre ele – um tipo de força, mesmo magnetismo como se fosse tão grande e denso que tinha seu próprio campo gravitacional.

Assim como Encélado, o rei gigante era humanoide da cintura pra cima, vestido com uma armadura de bronze e da cintura pra baixo possuía escamosas pernas de dragão, mas sua pele era da cor de feijão-de-lima. Seu cabelo era verde como folhas de verão, cheio de *dreadlocks* e decorado com armas, punhais, machados e espadas de tamanho real, algumas delas entortadas e ensanguentadas, talvez troféus de semideuses derrotados eras atrás. Quando o gigante abriu os olhos, eles estavam brancos como mármore polido. Ele respirou fundo.

— Estou vivo! — berrou Encélado. — Graças a Gaia!

Jason fez um pequeno choramingo heroico e esperava que seus amigos não tivessem ouvido. Ele estava certo de que semideuses não teriam chances

sozinhos com esse cara. Porfírio poderia levantar montanhas. Ele poderia esmagar Jason com apenas um dedo.

— Leo — Jason apressou.

— Hein?

A boca de Leo estava bem aberta. Até mesmo Piper parecia surpresa.

— Continuem trabalhando, vocês dois — disse Jason. — Libertem Hera!

— O que você vai fazer? — perguntou Piper. — Você não pode pensar seriamente em...

— Distrair um gigante? — disse Jason. — Não tenho escolha.

— Excelente! — O gigante rugiu quando Jason se aproximou. — Um aperitivo! É filho de quem? Hermes? Ares?

Jason pensou em não revelar de quem era filho, mas algo lhe disse para fazer isso.

— Eu sou Jason Grace — disse — filho de Júpiter.

Os olhos do gigante o perfuraram. Atrás dele, o zumbido da serra circular de Leo e Piper falando com a gaiola em tons suaves, tentando tirar o medo de sua voz.

Porfírio jogou a cabeça pra cima e riu.

— Excelente! — Ele olhou para o céu nublado. — Então, Zeus, você sacrificou seu filho por mim? Aprecio seu gesto, mas não irá salvá-lo.

O céu não fez nenhum estrondo. Sem ajuda do céu. Jason estava por conta própria.

Ele largou sua espada improvisada. Suas mãos estavam cobertas de lascas, mas isso não importava agora. Ele tinha que arranjar mais tempo para Piper e Leo, e não podia fazer isso sem uma arma adequada.

Era hora de agir com muito mais confiança do que realmente sentia.

— Se você soubesse quem sou — gritou Jason de volta — você estaria preocupado comigo, não com meu pai. Espero que você tenha gostado dos seus dois segundos e meio de renascimento, gigante, porque estou prestes a te mandar de volta ao Tártaro!

Os olhos de Porfírio se estreitaram. Ele colocou um pé fora da piscina e se agachou para obter uma visão melhor de seu oponente.

— Então... vamos começar nos vangloriando, certo? Como nos velhos tempos! Muito bem, semideus. Eu sou Porfírio, rei dos gigantes, filho de Gaia. Nos tempos antigos, eu me levantei do Tártaro, o abismo do meu pai, para desafiar os deuses e iniciar a guerra, e roubei a rainha de Zeus. — Ele sorriu para a gaiola da deusa. — Olá, Hera.

— Meu marido destruiu você uma vez, monstro! — disse Hera. — Ele fará isso de novo!

— Mas não irá, querida! Zeus não era poderoso o bastante para me matar. Ele teve que confiar em um semideus medíocre para ajudá-lo e mesmo assim, quase ganhamos. Desta vez, vamos completar o que começamos. Gaia está acordando. Ela tem nos fornecido muitos servos. Nossos exércitos vão abalar a terra... e destruir suas raízes.

— Você não ousaria — disse Hera, mas ela estava enfraquecida. Jason podia ouvir a dificuldade crescendo em sua voz.

Piper continuava sussurrando para a gaiola e Leo continuava serrando, mas a terra ainda subia dentro da prisão de Hera, agora cobrindo até sua cintura.

— Ah, sim — disse o gigante. — Os titãs tentaram atacar sua nova casa em Nova York. Ousado, mas ineficiente. Gaia é mais inteligente e paciente. E nós, seus melhores filhos, somos muito, muito mais poderosos que Cronos. Sabemos como matar vocês, olimpianos, de uma vez por todas.

Vocês devem ser arrancados completamente como árvores podres, suas velhas raízes arrancadas e queimadas.

O gigante franziu a testa para Piper e Leo, como se acabasse de perceber que eles trabalhavam na gaiola. Jason adiantou-se e gritou para atrair a atenção de Porfírio.

— Você disse que um semideus te matou — gritou ele. — Como? Se somos tão insignificantes?

— Ah! Você acha mesmo que vou explicar a você? Fui criado para substituir Zeus, nasci para destruir o Senhor do Céu. Devo tomar seu trono. Devo pegar a esposa dele... ou se ela não me aceitar, deixarei a terra consumir sua força de vida. O que você vê, filho, é apenas minha forma enfraquecida. Minha força crescerá a cada momento, até eu me tornar invencível. Mas já sou bem capaz de esmagar você!

Ele levantou até sua altura máxima e estendeu a mão, e uma lança de seis metros surgiu do chão. Ele a pegou e em seguida, pisou duro o chão com seus pés de dragão. As ruínas tremeram. Em volta do pátio, monstros começaram a se reerguer, espíritos da tempestade, lobos e nascidos da terra, todos respondendo ao chamado do rei gigante.

— Ótimo — murmurou Leo. — Era do que precisávamos, mais inimigos.

— Rápido — disse Hera.

— Eu sei! — gritou Leo.

— Vá dormir, gaiola — incitou Piper. — Ótimo, durma gaiola sonolenta. Sim, estou falando com um monte de tentáculos de barro. Isso não é totalmente estranho.

Porfírio remexeu sua lança no topo das ruínas, destruindo a chaminé e jogando madeira e pedras por todo o pátio.

— Então, filho de Zeus! Eu terminei minha apresentação. Agora é a sua vez. O que você dizia sobre a minha destruição?

Jason olhou para o amontoado de monstros, esperando impaciente a ordem de seu mestre para rasgá-los em pedaços. A serra de Leo continuava zumbindo e Piper continuava falando, mas parecia impossível. Quase toda a gaiola fora preenchida de terra.

— Sou filho de Júpiter! — gritou Jason. E apenas para ter um efeito, convocou os ventos, subindo alguns metros do chão. — Sou um filho de Roma, cônsul dos semideuses, pretor da Décima Segunda Legião.

Jason não sabia exatamente o que dizia, mas ressaltou as palavras como se ele já as houvesse dito antes. Ele estendeu seu braço, mostrando a tatuagem de uma águia e as iniciais SPQR. Para sua surpresa, o gigante pareceu reconhecer o símbolo.

Por um momento, Porfírio realmente pareceu desconfortável.

— Eu matei o monstro marinho de Troia — continuou Jason. — Derrubei o trono negro de Cronos e derrotei o titã Crio com minhas próprias mãos. E agora vou destruir você, Porfírio, e alimentar seus lobos com seus restos.

— Nossa, cara — murmurou Leo. — Você tem comido carne vermelha ultimamente?

Jason lançou-se em direção ao gigante, decidido a rasgá-lo.

A ideia de lutar com as mãos vazias contra um imortal de nove metros era tão ridícula que até mesmo Porfírio pareceu surpreso. Meio voando, meio pulando, Jason pousou no joelho escamoso do gigante e escalou até o braço dele antes que Porfírio sequer percebesse o que aconteceu.

— Como você ousa? — gritou o gigante.

Jason alcançou o ombro dele e pegou uma espada dos *dreads* do gigante. O semideus gritou:

— Por Roma! — e foi em direção ao alvo mais próximo, a gigantesca orelha do gigante.

Um raio riscou o céu e explodiu na espada de Jason, derrubando-o. Ele rolou quando bateu no chão. Quando olhou para cima, o gigante estava cambaleando, seu cabelo em chamas, e o lado de seu rosto enegrecido pelo raio. A espada estava fragmentada na orelha do gigante. Icor dourado escorria pelo seu rosto. As outras armas estavam faiscando e em combustão em suas tranças.

Porfírio quase caiu. O círculo de monstros soltou um grunhido coletivo e avançou. Lobos e ogros fixaram os olhos em Jason.

— NÃO! — berrou Porfírio. Ele recuperou o equilíbrio e olhou o semideus. — Vou matá-lo eu mesmo!

O gigante pegou sua lança que começou a crescer.

— Você quer brincar com relâmpagos, garoto? Se esqueceu que sou a ruína de Zeus? Fui criado para destruir seu pai, o que significa que sei exatamente o que matará *você*.

Alguma coisa na voz de Porfírio disse a Jason que ele não estava blefando.

Jason e seus amigos tinham feito tudo muito bem. Os três tinham feito coisas incríveis. Sim, foram coisas *heroicas* mesmo. Mas quando o gigante levantou a lança, Jason sabia que não tinha nenhum jeito de esquivar desse ataque.

Este era o fim.

— Consegui! — gritou Leo.

— Durmam! — disse Piper, com tanta força, que os lobos mais próximos começaram a cair no chão e dormir.

A gaiola de pedra e madeira desintegrou-se. Leo tinha serrado a base do tentáculo mais denso e aparentemente cortou a conexão da gaiola com Gaia. Os tentáculos viraram pó. A lama em volta de Hera se desintegrou. A deusa cresceu, aumentando seu poder.

— Sim! — a deusa comemorou.

Ela tirou seu manto preto revelando um vestido branco, com os braços enfeitados de joias de ouro. Seu rosto era lindo e terrível, uma coroa dourada brilhava em seus cabelos longos e negros.

— Agora, terei minha vingança!

O gigante Porfírio recuou. Ele não disse nada, mas direcionou um olhar de ódio a Jason. Sua mensagem era clara: *Ainda nos veremos*. Em seguida, ele bateu sua lança na terra de novo, e o gigante desapareceu no chão como se tivesse escorrido por um ralo.

Ao redor do pátio, monstros entraram em pânico e recuaram, mas não tinha escapatória para eles. Hera brilhou com mais intensidade e gritou:

— Cubram seus olhos, meus heróis!

Mas Jason estava muito atordoado e entendeu tarde demais.

Ele viu Hera revelar sua verdadeira forma, explodindo em um anel de força que vaporizou todos os monstros instantaneamente. Jason caiu, uma luz extremamente forte preencheu sua mente, e seu último pensamento foi que seu corpo estava queimando.

LI

PIPER

— **Jason!**

Piper ficou chamando seu nome enquanto o segurava, embora estivesse quase perdendo a esperança. Ele ficara inconsciente por dois minutos agora. Seu corpo estava fumegando, seus olhos se reviraram. Ela não podia dizer se ele estava ao menos respirando.

— Não adianta, criança. — Hera estava sobre eles com sua túnica simples e xale preto.

Piper não tinha visto a transformação nuclear da deusa. Felizmente tinha fechado seus olhos, mas podia ver os efeitos. Todo o vestígio do inverno havia ido embora do vale. Não havia sinais de batalha, também. Os monstros haviam sido vaporizados. As ruínas foram restauradas à forma que tinham antes – ainda em ruínas, mas sem evidências de que havia sido invadida por um bando de lobos, espíritos da tempestade e ogros de seis braços.

Todas as Caçadoras haviam ressuscitado. A maioria ficou a uma distância respeitosa do pátio, mas Thalia se ajoelhou ao lado de Piper, com a mão na testa de Jason.

Thalia olhou para a deusa.

— Isso é sua culpa. Faça alguma coisa!

— Não se dirija a mim desse modo, garota. Eu sou a rainha...

— Cure-o!

Os olhos de Hera cintilaram com o poder.

— Eu o *adverti*. Jamais machucaria intencionalmente o garoto. Era para ele ser o meu campeão. Eu disse para fecharem os olhos antes de revelar minha verdadeira forma.

— Hã... — Leo franziu a testa. — A verdadeira forma é ruim, certo? Então por que você fez isso?

— Eu liberei meu poder para ajudar vocês, tolo! — gritou Hera. — Virei energia pura para poder desintegrar os monstros, restaurar esse lugar e até mesmo salvar essas miseráveis Caçadoras do gelo.

— Mas mortais não podem olhar para você nessa forma! — gritou Thalia. — Você o matou!

Leo balançou a cabeça, arrasado.

— Era o que dizia a profecia. *E liberar a morte pela raiva de Hera.* Vamos lá, senhora. Você é uma deusa. Faça alguma mágica vodu nele! Traga Jason de volta.

Piper ouviu metade da conversa, mas estava concentrada principalmente no rosto de Jason.

— Ele está respirando! — anunciou ela.

— Impossível — disse Hera. — Eu gostaria que fosse verdade, criança, mas nenhum mortal jamais...

— Jason — chamou Piper, colocando toda a sua força de vontade no nome dele. Ela *não* poderia perdê-lo. — Me escute. Você pode fazer isso. Volte. Você vai ficar bem.

Nada aconteceu. Ela havia imaginado a respiração dele?

— Cura não é um poder de Afrodite — disse Hera lamentavelmente. — Nem mesmo eu posso consertar isso, garota. Seu espírito mortal...

— Jason — chamou Piper novamente, e ela imaginou sua voz ressoando através da terra, por todo o caminho do Mundo Inferior. — Acorde.

Ele engasgou e seus olhos se abriram. Por um momento estavam cheios de luz – um ouro puro brilhante. Então a luz se apagou e seus olhos estavam normais novamente.

— O que... o que aconteceu?

— Impossível! — disse Hera.

Piper o envolveu em um abraço até que ele gemeu:

— Você está me esmagando.

— Desculpe — disse ela, tão aliviada, rindo enquanto enxugava uma lágrima de seu olho.

Thalia agarrou a mão de seu irmão.

— Como você se sente?

— Quente — murmurou ele. — Minha boca está seca. E eu vi algo... realmente horrível.

— Aquilo era Hera — resmungou Thalia. — Vossa Majestade, o Canhão Solto.

— É isso aí, Thalia Grace — disse a deusa. — Eu vou te transformar em um tamanduá, por que não me ajuda a...

— Parem com isso, vocês duas — disse Piper.

Surpreendentemente, ambas se calaram.

Ela ajudou Jason a ficar de pé e deu a ele o último néctar de seus suprimentos.

— Agora... — Piper encarou Thalia e Hera. — Hera... Vossa Majestade... nós não conseguiríamos resgatar você sem as Caçadoras. E Thalia, você nunca teria visto Jason de novo... e *eu* nunca o teria conhecido... se não fosse por Hera. Vocês duas façam as pazes, porque temos problemas maiores.

As duas olharam para ela e por três longos segundos, Piper não tinha certeza de quem iria matá-la primeiro.

Finalmente Thalia resmungou.

— Você tem espírito, Piper — ela pegou um cartão prateado de seu casaco e o colocou dentro da jaqueta de *snowboard* de Piper. — Caso um dia queira ser uma Caçadora, me ligue. Você seria bem útil.

Hera cruzou seus braços.

— Felizmente para *essa* Caçadora, você tem um bom argumento, filha de Afrodite. — Ela avaliou Piper, como se estivesse a vendo claramente com o tempo. — Você se perguntou, Piper, por que eu te escolhi para essa busca, por que não revelei seu segredo no início, mesmo quando eu sabia que Encélado estava te usando. Devo admitir, até esse momento eu não tinha certeza. Algo me dizia que você seria vital para a missão. Agora vejo que estava certa. Você é ainda mais forte do que pensei. E estava correta sobre os perigos que virão. Temos que trabalhar juntos.

Piper sentiu seu rosto esquentar. Ela não tinha certeza de como responder ao elogio de Hera, mas Leo entrou em cena.

— Sim — disse ele — não posso supor que esse cara Porfírio simplesmente se dissolveu e morreu, né?

— Não — concordou Hera. — Ao me salvar e salvar esse lugar, vocês impediram Gaia de acordar. Nos arranjaram algum tempo. Mas Porfírio se

ergueu. Ele apenas sabia que não deveria ficar aqui, especialmente porque ainda não recuperou o seu poder por completo. Gigantes só podem ser mortos em uma combinação de deus e semideus, trabalhando juntos. Uma vez que me libertaram...

— Ele fugiu — disse Jason. — Mas para onde?

Hera não respondeu, mas uma sensação de pavor tomou conta de Piper. Ela lembrou o que Porfírio havia dito sobre matar os olimpianos pelas suas raízes. *Grécia.* Ela olhou a expressão severa de Thalia, e adivinhou que a Caçadora chegou à mesma conclusão.

— Eu preciso encontrar Annabeth — disse Thalia. — Ela deve saber o que aconteceu aqui.

— Thalia... — Jason segurou sua mão. — Nós nunca conversamos sobre esse lugar ou...

— Eu sei — sua expressão suavizou. — Eu te perdi aqui uma vez. E não vou te deixar novamente. Mas nós nos veremos em breve. Eu te encontro quando voltar ao Acampamento Meio-Sangue. — Ela olhou para Hera. — Você vai levá-los até lá em segurança? É o mínimo que pode fazer.

— Não é a sua função me dizer...

— Rainha Hera — interferiu Piper.

A deusa suspirou.

— Muito bem. Sim. Mas não você, Caçadora!

Thalia deu a Jason um abraço e disse adeus. Quando as Caçadoras foram embora, o pátio parecia estranhamente quieto. A piscina vazia não mostrava nenhum sinal dos tentáculos de terra que trouxeram de volta o rei gigante ou Hera presa. O céu noturno estava claro e estrelado. O vento farfalhava nos bosques. Piper pensou sobre aquela noite em Oklahoma quando ela e seu pai haviam dormido em frente ao jardim do vovô Tom. Pensou na noite

do teto do dormitório da Escola da Vida Selvagem, quando Jason a tinha beijado... na sua memória alterada pela Névoa, de qualquer maneira.

— Jason, o que aconteceu com você aqui? — perguntou ela. — Digo... sei que sua mãe te abandonou aqui. Mas você disse que esse é um local sagrado para semideuses. Por quê? E que aconteceu depois de você estar nesse lugar?

Jason balançou sua cabeça inquieto.

— Isso é difícil de entender. Os lobos...

— Você ganhou um destino — disse Hera. — Entrou para o meu serviço.

Jason franziu as sobrancelhas.

— Porque você forcou minha mãe a isso. Você não poderia suportar que Zeus tivesse dois filhos com minha mãe. Saber que ele teve uma queda por ela *duas vezes*. Eu fui o preço que você pediu deixar o resto da minha família em paz.

— Foi a escolha certa pra você também, Jason — insistiu Hera. — A segunda vez que sua mãe conseguiu o afeto de Zeus, foi porque ela o imaginou com aspectos diferentes... os aspectos de Júpiter. Nunca antes isso havia acontecido... duas crianças, uma grega e outra romana, nascidas na mesma família. Você *teve* que ser separado de Thalia. Esse é o lugar em que todos os semideuses do seu tipo começam sua jornada.

— Do tipo dele? — perguntou Piper.

— Ela quer dizer romano — disse Jason. — Os semideuses são deixados aqui. Nós conhecemos a deusa-loba, Lupa, a mesma loba que criou Rômulo e Remo.

Hera assentiu.

— E se você for forte o suficiente, você sobrevive.

— Mas... — Leo parecia perturbado. — O que aconteceria depois disso? Quer dizer, Jason nunca foi preparado no acampamento.

— Não no Acampamento Meio-Sangue — concordou Hera.

Piper sentiu como se o céu estivesse espiralando acima dela, fazendo-a estontear.

— Você foi para outro lugar. Onde ficou todos esses anos. Em algum outro lugar para semideuses, mas onde?

Jason se voltou para a deusa.

— As memórias estão voltando, mas não o local. Você não vai me dizer, não é?

— Não — confirmou Hera. — Isso faz parte de seu destino, Jason. Você precisa encontrar sozinho. Mas quando conseguir... vai unir dois grandes poderes. Vai nos ajudar novamente com os gigantes, e o mais importante... novamente com a própria Gaia.

— Você precisa de nós para te ajudar — disse Jason — mas está escondendo informações.

— Dar respostas a você as tornaria inválidas. O destino funciona assim. Você precisa trilhar seu próprio destino para que ele signifique algo. E vocês três já me surpreenderam. Eu não podia imaginar que fosse possível... — a deusa balançou sua cabeça. — Chega de falar, vocês tiveram um bom desempenho, semideuses. Mas esse é só o começo. Agora precisam voltar ao Acampamento Meio-Sangue, onde irão começar a planejar a próxima fase.

— Sobre a qual você não contará nada — resmungou Jason. — E suponho que você destruiu o meu cavalo espírito da tempestade legal, então teremos que voltar pra casa caminhando?

Hera deixou de lado a pergunta.

— Espíritos da tempestade são criaturas do caos. Eu não destruí aquele, embora não tenha nenhuma ideia de onde ele foi ou se irá vê-lo novamente.

Mas existe um jeito mais fácil de levá-los para casa. Como vocês fizeram um bom serviço para mim, posso ajudá-los... pelo menos dessa vez. Adeus, semideuses, por ora.

O mundo virou de cabeça para baixo, e Piper quase desmaiou.

Quando voltou a si, ela estava de volta ao acampamento, no pavilhão do refeitório no meio do jantar. Eles estavam em cima da mesa de Afrodite, e o pé de Piper estava na pizza de Drew. Dezesseis campistas se levantaram imediatamente, boquiabertos de espanto.

O que quer que Hera fizera para atirá-los pelo país, não fizera bem para o estômago de Piper. Ela mal conseguia controlar sua náusea. Leo não teve tanta sorte. Ele pulou fora da mesa, correu para o braseiro de bronze mais próximo e vomitou, o que provavelmente não foi uma grande oferenda para os deuses.

— Jason? — Quíron trotou para frente. Sem dúvida o velho centauro de milhares de anos tinha visto coisas muito estranhas, mas mesmo ele parecia totalmente espantado. — O que... Como...?

Os campistas de Afrodite olharam para Piper com as bocas abertas. Piper imaginou que ela estava horrível.

— Oi — disse ela, o mais casualmente quanto podia. — Estamos de volta.

LII

PIPER

Piper não se lembrava muito bem do resto da noite. Eles contaram sua história e responderam às perguntas de um milhão de outros campistas, mas finalmente Quíron viu como eles estavam cansados e ordenou que fossem dormir.

Foi tão bom dormir em um colchão de verdade, e Piper estava tão exausta que dormiu imediatamente, o que poupou suas preocupações sobre como era voltar para o chalé de Afrodite.

Na manhã seguinte, ela acordou em sua cama, sentindo-se revigorada. O sol entrava através das janelas, juntamente com uma brisa agradável. Ela pensou que poderia ser primavera, ao invés do inverno. Os pássaros cantavam. Monstros uivavam nos bosques. O cheiro do café da manhã vinha do pavilhão – bacon, panquecas e todos os tipos de coisas maravilhosas.

Drew e sua gangue estavam franzindo a testa para ela, com os braços cruzados.

— Bom dia. — Piper sentou-se e sorriu. — Belo dia.

— Você está nos fazendo atrasar para o café da manhã — disse Drew — o que significa que *você* limpará o chalé para a inspeção.

Uma semana atrás, Piper teria dado um soco no rosto de Drew ou se escondido debaixo das cobertas. Mas pensou nos ciclopes em Detroit, Medeia em Chicago, Midas transformando-a em ouro em Omaha. Olhando para Drew, que ousava incomodá-la, Piper riu.

A expressão satisfeita de Drew desmoronou. Ela recuou, então se lembrou que deveria estar com raiva.

— O que...

— Eu desafio você — disse Piper. — Meio-dia na Arena? Você pode escolher as armas.

Ela saiu da cama e sorriu para os campistas. Avistou Mitchell e Lacy, que a ajudaram a fazer sua mochila para a viagem. Eles sorriam timidamente, os seus olhos voando de Piper para Drew como se este pudesse ser um jogo de tênis muito interessante.

— Eu não esqueci vocês, pessoal! — anunciou Piper. — Vamos ter grandes momentos quando eu for conselheira-chefe.

Drew ficou vermelha como um pimentão. Mesmo suas melhores tenentes pareciam um pouco nervosas. Aquilo não estava em seu roteiro.

— Você... — Drew balbuciou. — Sua bruxa feia! Estou aqui há mais tempo. Você não pode simplesmente...

— Desafiar você? — disse Piper. — Claro que posso. Regras do Acampamento. Eu fui reclamada por Afrodite, completei uma missão, que é uma a mais do que você concluiu. Se eu sinto que posso fazer um trabalho

melhor, posso desafiá-la. A menos que você queira renunciar. Entendi tudo direitinho, Mitchell?

— Muito bem, Piper. — Mitchell estava sorrindo.

Lacy estava saltando para cima e para baixo como se estivesse tentando decolar.

Algumas das outras crianças começaram a sorrir, como se estivessem apreciando as cores diferentes que o rosto de Drew estava se transformando.

— *Renunciar?* — gritou Drew. — Você está louca!

Piper deu de ombros. Então, num movimento muito rápido, puxou Katoptris de debaixo do travesseiro, a desembainhou e apontou para o queixo de Drew.

Todos congelaram.

Uma garota caiu em uma mesa de maquiagem e enviou uma nuvem de pó cor de rosa pelo chalé.

— Um duelo, então — disse Piper alegremente. — Se você não quiser esperar até o meio-dia, agora está ótimo. Você transformou este chalé em uma ditadura, Drew. Silena Beauregard sabia melhor do que isso. Afrodite é a deusa do amor e da beleza. Trata-se de *ser amorosa*. *Espalhar beleza*. Bons amigos. Bons tempos. Boas ações. Não apenas boa aparência. Silena cometeu erros, mas no final ficou do lado de seus amigos. Por isso é uma heroína. Eu vou acertar as coisas, e tenho o pressentimento que mamãe vai estar do meu lado. Quer saber mais?

Drew ficou vesga olhando para a lâmina do punhal de Piper. Um segundo se passou. Em seguida, dois. Piper não se importava. Ela estava absolutamente feliz e confiante. Deve ter mostrado isso em seu sorriso.

— Eu... renuncio — resmungou Drew. — Mas saiba que nunca vou esquecer isso, McLean.

— Ah, eu espero que não — disse Piper. — Agora, corra pro refeitório e explique para Quíron porque estamos atrasados. Houve uma mudança de líder por aqui.

Drew seguiu para a porta. Até seus ajudantes mais próximos não estavam seguindo-a. Ela estava prestes a sair quando Piper disse:

— Ah, Drew, querida?

A ex-conselheira-chefe olhou para trás com relutância.

— No caso de você pensar que eu não sou uma verdadeira filha de Afrodite — disse Piper — nunca mais olhe para Jason Grace. Ele pode não saber ainda, mas ele é *meu*. Se tentar fazer uma jogada, vou colocar você em uma catapulta e atirá-la do outro lado de Long Island.

Drew virou-se depressa e correu para a porta. Então ela se foi. O chalé ficou em silêncio. Os outros campistas olharam para Piper. Esta foi a parte em que ela estava insegura. Ela não queria governar pelo medo. Ela não era como Drew, mas não sabia se eles a aceitariam.

Porém, espontaneamente, os campistas do chalé de Afrodite aplaudiram tão alto que devem ter sido ouvidos em todo o acampamento. Eles se agruparam ao redor de Piper e a levaram para fora do chalé, colocando-a sobre os seus ombros, e carregaram-na todo o caminho até o pavilhão de refeições. Ela ainda estava de pijama, o cabelo bagunçado, mas ela não se importou. Nunca se sentira melhor.

Pela tarde, Piper tinha trocado de roupa. Colocou uma confortável roupa do acampamento e coordenou o chalé de Afrodite nas suas atividades da manhã. Ela estava pronta para um momento de folga.

Alguns dos murmúrios de sua vitória tinham sumido, porque ela tinha um encontro na Casa Grande.

Quíron a encontrou na varanda da frente em forma humana, compactada em sua cadeira de rodas.

— Venha para dentro, minha querida. A videoconferência está pronta.

O único computador que havia no acampamento estava no escritório de Quíron, e toda a sala era revestida por chapas de bronze.

— Semideuses e tecnologia não combinam — explicou Quíron. — Ligações telefônicas, mensagens de texto, até navegar pela internet... todas essas coisas podem atrair monstros. Por conta disso, neste último outono tivemos que resgatar um jovem herói numa escola em Cincinnati que buscou no Google por Górgonas e encontrou um pouco mais que procurava. Mas isso não importa. Aqui no acampamento você está protegida. Ainda assim nós tentamos ser cautelosos. Você só vai ser capaz de falar por alguns minutos.

— Vamos lá — disse Piper. — Obrigada, Quíron.

Ele sorriu e guiou sua cadeira de rodas para fora do escritório. Piper hesitou antes de clicar no botão de chamada. O escritório de Quíron dava uma sensação acolhedora. Uma parede estava coberta com camisetas de diferentes convenções: *Pôneis de Festa 2009, Vegas*; *Pôneis de Festa 2010, Honolulu*, etc. Piper não sabia o que eram os Pôneis de Festa, mas a julgar pelas manchas, marcas de queimaduras e os buracos de bala nas camisetas, eles deviam ter encontros bastante selvagens. Na prateleira mais perto da escrivaninha de Quíron estava um aparelho de som à moda antiga com fitas cassete rotulados "Dean Martin" e "Frank Sinatra" e "Maiores Hits dos anos 40." Quíron era tão velho, que Piper se perguntou se aquilo significava 1940, 1840 ou mesmo 40 d.C.

Mas a maior parte do espaço da parede do escritório era coberta por fotos de semideuses, como um hall da fama. Uma das imagens mais recente mostrava um adolescente com cabelos escuros e olhos verdes. Como estava

de braço dado com Annabeth, Piper assumiu o cara deveria ser Percy Jackson. Em algumas das fotos mais antigas, reconheceu pessoas famosas: empresários, atletas, até mesmo alguns atores que seu pai conhecia.

— Inacreditável — murmurou ela.

Piper se perguntou se a foto dela estaria naquela parede um dia. Pela primeira vez, sentiu como se fosse parte de algo maior que ela. Semideuses estavam por aí há séculos. Tudo o que ela fez, fez por todos eles.

Ela respirou fundo e fez a chamada. A tela de vídeo apareceu.

Gleeson Hedge sorriu do escritório de seu pai.

— Viu as notícias?

— É difícil não ver — disse Piper. — Espero que você saiba o que está fazendo.

Quíron tinha-lhe mostrado um jornal na hora do almoço. O misterioso retorno de seu pai tinha aparecido na primeira página de vários jornais. Sua assistente pessoal Jane foi demitida por encobrir o seu desaparecimento e não notificar a polícia. A nova equipe foi contratada e pessoalmente examinada pelo novo assistente pessoal de Tristan McLean, o treinador Gleeson Hedge. Segundo o jornal, o senhor McLean afirmou não ter nenhuma memória da semana anterior e a mídia especulava. Alguns imaginaram que era uma jogada de *marketing* inteligente para um filme, talvez McLean fosse interpretar alguém que sofresse de amnésia. Outros achavam que ele tinha sido sequestrado por terroristas, por fãs raivosos ou que tinha escapado heroicamente de sequestradores usando suas habilidades de combate. Qualquer que fosse a verdade, Tristan McLean estava mais famoso do que nunca.

— Está indo muito bem — prometeu Hedge. — Mas não se preocupe. Vamos mantê-lo fora do olhar público durante o próximo mês ou até as

coisas esfriarem. Seu pai tem mais coisas importantes para fazer, como descansar e conversar com sua filha.

— Não fique muito à vontade aí em Hollywood, Gleeson — disse Piper.

Hedge bufou.

— Você está brincando? Essas pessoas fazem Éolo parecer normal. Eu estarei de volta logo que puder, mas seu pai tem que ficar de pé de novo em primeiro lugar. Ele é um bom rapaz. Ah, e por falar nisso, também cuidei daquela outra questão. O Serviço de Parques da Bay Area... recebeu uma doação anônima: um novo helicóptero. E a pilota que nos ajudou? Recebeu uma oferta muito boa para trabalhar para o senhor McLean.

— Obrigado, Gleeson. Por tudo.

— Sim, tudo bem. Eu tento não ser impressionante. Vem apenas naturalmente. Conheça a nova assistente de seu pai.

Hedge foi empurrado para fora do caminho e uma bela jovem sorriu para a câmera.

— Mellie? — Piper olhou, mas era definitivamente ela: a aura que tinha ajudado a escapar da fortaleza de Éolo. — Você está trabalhando para o meu pai agora?

— Não é fantástico?

— Ele sabe... que você é... um espirito do vento?

— Ah, não. Mas eu amo este trabalho. É... hã... uma brisa.

Piper não podia deixar de rir.

— Estou contente. Isso é incrível. Mas onde...

— Só um segundo. — Mellie beijou Gleeson na bochecha. — Vamos lá, seu bode velho. Pare de monopolizar a tela.

— O quê? — perguntou Hedge. Mas Mellie conduziu-o para longe e chamou: — Senhor McLean? Ela está aqui!

Um segundo depois, o pai de Piper apareceu.

Ele abriu um sorriso enorme.

— Pipes!

Ele parecia ótimo, de volta ao normal, com seus brilhantes olhos castanhos, barba feita, sorriso confiante e cabelo recém-cortado, como se estivesse pronto para filmar uma cena. Piper estava aliviada, mas também se sentia um pouco triste. Voltar ao normal não era necessariamente o que ela queria.

Em sua mente, começou a contar. Em uma chamada normal como esta, em um dia de trabalho, ela não teria a atenção de seu pai por mais de trinta segundos.

— Ei — disse ela fracamente. — Você está se sentindo bem?

— Querida, eu sinto muito por você se preocupar com esse negócio de desaparecimento. Eu não sei... — Seu sorriso vacilou, e ela poderia dizer que ele estava tentando lembrar uma memória que deveria estar lá, mas não estava. — Eu não tenho certeza do que aconteceu, sinceramente. Mas estou bem. Treinador Hedge tem sido uma dádiva de Deus.

— Uma dádiva de Deus — repetiu ela.

Escolha engraçada das palavras.

— Ele me contou sobre sua nova escola — disse papai. — Lamento pela Escola da Vida Selvagem. Você estava certa. Jane estava errada. Eu fui um tolo por ouvi-la.

Dez segundos passaram, talvez. Mas pelo menos o pai dela parecia sincero, como se ele realmente sentisse remorso.

— Você não lembra de nada? — ela perguntou, um pouco melancólica.

— Claro que sim.

Um arrepio desceu de seu pescoço.

— Você lembra?

— Eu me lembro que eu te amo. E eu estou orgulhoso de você. Está feliz na sua nova escola?

Piper piscou. Ela não ia chorar agora. Afinal, pelo que ela tinha passado, isso seria ridículo.

— Sim, papai. É mais como um acampamento, não uma escola, mas... sim, acho que vou ser feliz aqui.

— Chame-me quantas vezes puder — disse ele. — E venha pra casa para o Natal. E Pipes...

— O que?

Ele tocou a tela como se estivesse tentando alcançá-la com sua mão.

— Você é uma jovem maravilhosa. Eu não digo isso com frequência suficiente. Você me lembra muito sua mãe. Ela ficaria orgulhosa. E o vovô Tom — ele riu — ele sempre disse você iria ser a voz mais poderosa em nossa família. Você vai me ofuscar algum dia. Eles vão se lembrar de mim como pai de Piper McLean, e esse é o melhor legado que posso imaginar.

Piper tentou responder, mas ficou com medo de chorar. Ela apenas tocou com os dedos na tela e balançou a cabeça.

Mellie disse algo em segundo plano, e seu pai suspirou.

— Estúdio chamando. Querida, me desculpe.

— Está tudo bem, papai — ela conseguiu dizer. — Te amo.

Ele piscou. Em seguida, a chamada de vídeo ficou escura.

Quarenta e cinco segundos? Talvez um minuto inteiro.

Piper sorriu. Uma pequena melhora, mas era um progresso.

Na área comum, ela encontrou Jason relaxando em um banco, com uma bola de basquete entre seus pés. Ele estava suado do exercício, mas parecia incrível na sua camiseta laranja e short. Suas várias cicatrizes e hematomas se foram, graças a um pouco de atenção médica do chalé de Apolo. Seus

braços e pernas eram musculosos e bronzeados... enlouquecedores, como sempre. Seus cabelos loiros e curtos capturavam a luz da tarde, assim parecia ouro, ao estilo de Midas.

— Ei — chamou ele. — Como foi?

Levou um segundo para ela se concentrar na pergunta.

— Hmm? Ah, sim. Bem.

Ela se sentou ao lado dele e eles viram os campistas passando. Um casal de filhos de Deméter estava pregando uma peça em dois filhos de Apolo que jogavam basquete: faziam grama crescer em torno de seus tornozelos enquanto arremessavam do garrafão. Na loja do acampamento, as crianças Hermes colocavam um cartaz que dizia: *sapatos voadores, seminovos, 50% de desconto hoje!* Crianças de Ares circundavam seu chalé com arame farpado novo. O chalé de Hipnos roncava. Um dia normal no acampamento.

Enquanto isso, os filhos de Afrodite estavam vendo Piper e Jason, tentando fingir que não estavam. Piper tinha certeza de que vira dinheiro passar nas mãos, como se estivessem apostando se haveria ou não um beijo.

— Dormiu bem? — perguntou-lhe.

Ele olhou para ela como se ela tivesse lido seus pensamentos.

— Não muito. Sonhos.

— Sobre o seu passado?

Ele assentiu.

Ela não insistiu. Se ele quisesse conversar, tudo bem, mas Piper sabia que não devia pressionar. Ela não se preocupava que seu conhecimento sobre ele era baseado em três meses de falsas memórias. *Você é capaz de enxergar possibilidades*, sua mãe tinha dito. E Piper estava determinado a fazer dessas possibilidades uma realidade.

Jason virou sua bola de basquete.

— Não são boas notícias — advertiu. — Minhas lembranças não são boas... para ninguém.

Piper tinha certeza que ele tinha estado a ponto de dizer *para nós*, para os dois, e ela perguntou-se se ele havia lembrado de uma garota de seu passado. Mas ela não o incomodou. Não em um dia ensolarado como este, com Jason ao lado dela.

— Nós vamos resolver isso — prometeu Jason.

Ele olhou para ela hesitante, como se quisesse muito acreditar nisso.

— Annabeth e Rachel estão chegando para a reunião desta noite. Eu provavelmente deveria esperar até lá para explicar...

— Ok. — Piper arrancou uma folha de grama do seu pé.

Ela sabia que havia coisas perigosas reservadas pra ambos. Teria que competir com passado de Jason e não poderia mesmo sobreviver a guerra contra os gigantes. Mas agora, ambos estavam vivos, e ela estava determinada a aproveitar este momento.

Jason estudou-a com cautela. Sua tatuagem no antebraço ficou azul claro na luz do sol.

— Você está de bom humor. Como pode ter tanta certeza de que as coisas vão funcionar?

— Porque você vai nos liderar — disse ela simplesmente. — Eu vou segui-lo em qualquer lugar.

Jason piscou. Então, lentamente, ele sorriu.

— Coisa perigosa de dizer.

— Eu sou uma garota perigosa.

— Nisso eu acredito.

Ele se levantou e arrumou seu short. Ofereceu-lhe uma mão.

— Leo disse que tem algo para nos mostrar no bosque. Você vem?

— Não perderia por nada.

Ela pegou sua mão e levantou-se. Por um momento, eles continuaram de mãos dadas. Jason inclinou a cabeça.

— Nós deveríamos ir.

— Sim — disse ela. — Só um segundo.

Ela soltou de sua mão e pegou um cartão prateado do bolso – o cartão de visitas que Thalia tinha lhe dado, as Caçadoras de Ártemis. Ela atirou-o à fogueira e viu-o queimar. Não haveria corações partidos no chalé de Afrodite a partir de agora. Esse era um ritual de passagem que não havia necessidade. Do outro lado do campo, ela viu campistas decepcionados, que não tinham presenciado um beijo. Eles começaram a descontar nas suas apostas.

Mas tudo estava bem. Piper era paciente, e ela podia ver muitas boas possibilidades.

— Vamos — disse Jason. — Temos aventuras a planejar.

LIII

LEO

Leo não se sentia tão animado desde que ofereceu hambúrgueres aos lobisomens. Quando chegou ao penhasco na floresta, se virou para o grupo e sorriu nervosamente.

— Aqui vamos nós.

Ele desejou que suas mãos pegassem fogo e encostou-as contra a porta.

Seus companheiros de chalé ofegaram.

— Leo! — gritou Nyssa. — Você é um manipulador de fogo!

— Sim, obrigado — disse Leo. — Eu sei.

Jake Mason, já sem o seu gesso, porém ainda de muletas, disse:

— Por Hefesto! Isso significa... é tão raro que...

A porta de pedra maciça se abriu e todos ficaram de queixo caído. A mão flamejante de Leo parecia insignificante agora. Até mesmo Piper e Jason pareciam atordoados, e eles tinham visto muitas coisas incríveis ultimamente.

Somente Quíron não parecia surpreso. O centauro franziu as espessas sobrancelhas e alisou a barba, como se o grupo estivesse prestes a atravessar um campo minado.

Isto fez com que Leo ficasse ainda mais nervoso, mas ele não poderia mudar sua opinião agora. Seus instintos lhe diziam que deveria mostrar este lugar... pelo menos para o chalé de Hefesto... e ele não podia esconder aquilo de Quíron ou de seus dois melhores amigos.

— Bem-vindos ao Bunker 9 — disse com tanta confiança quanto podia. — Vamos para dentro.

O grupo ficou em silêncio enquanto percorria as instalações. Tudo estava como Leo havia deixado – máquinas gigantes, mesas de trabalho, mapas e esquemas antigos. Só uma coisa havia mudado. A cabeça de Festus estava apoiada na mesa central, ainda com os arranhões e amassados de sua queda final em Omaha.

Leo foi até ele, com um gosto amargo na boca, e acariciou a testa do dragão.

— Me desculpe, Festus. Nunca te esquecerei.

Jason pôs a mão no ombro de Leo.

— Hefesto trouxe ele para você?

Leo assentiu.

— Mas você não pode consertá-lo — supôs Jason.

— De jeito nenhum — disse Leo. — Mas a cabeça vai ser reutilizada, Festus virá conosco.

Piper se aproximou e fez uma careta.

— O que você quer dizer?

Antes que Leo pudesse responder, Nyssa gritou:

— Pessoal, olhem isso!

Ela estava parada em uma das mesas, folheando um caderno de esboços – diagramas para centenas de máquinas e armas diferentes.

— Eu nunca vi nada como isto — disse Nyssa. — Há ideias mais surpreendentes aqui do que na Oficina de Dédalo. Ele levaria um século apenas para desenvolver todas elas.

— Quem construiu este lugar? — disse Jake Mason. — E por quê?

Quíron ficou em silêncio, mas Leo focou no mapa da parede que tinha visto durante sua primeira visita. Ele mostrava o Acampamento Meio-Sangue cheios de galeões na água, catapultas montadas nas colinas em torno do vale, trincheiras e locais de emboscada.

— É um centro de comando para tempos de guerra — respondeu Leo. — O acampamento foi atacado uma vez, não foi?

— Na Guerra dos Titãs? — perguntou Piper.

Nyssa balançou a cabeça.

— Não. Além disso, esse mapa é muito antigo. A data... aqui diz 1864.

Todos se viraram para Quíron.

A cauda do centauro balançou, aflita.

— Este acampamento foi atacado várias vezes — admitiu Quíron. — Este mapa é da última Guerra Civil.

Aparentemente, Leo não era o único confuso. Os outros campistas de Hefesto se olharam e franziram a testa.

— Guerra Civil... — disse Piper. — Você quer dizer a Guerra Civil americana de cento e cinquenta anos atrás?

— Sim e não — disse Quíron. — Os dois conflitos... de mortais e semideuses... espelharam-se um no outro, como geralmente acontece na história ocidental. Olhe para qualquer guerra civil ou revolução desde a queda de Roma: elas sempre marcam um momento em que os semideuses lutaram entre si. Mas *essa* guerra civil foi particularmente horrível. Para os

mortais americanos, ainda foi o seu conflito mais sangrento de todos os tempos... pior que as perdas das duas Guerras Mundiais. Para os semideuses, foi igualmente devastadora. Mesmo naquela época, este vale era o Acampamento Meio-Sangue. Houve uma batalha horrível nessas florestas que durou dias, com terríveis perdas para ambos os lados.

— Ambos os lados? — disse Leo. — Você quer dizer que o acampamento se dividiu?

— Não — disse Jason. — Ele quer dizer dois grupos diferentes. O Acampamento Meio-Sangue estava em um dos lados na guerra.

Leo não tinha certeza se queria uma resposta, mas perguntou:

— Quem era o outro?

Quíron olhou para a bandeira esfarrapada do Bunker 9, como se lembrasse do dia em que foi feita.

— A resposta é perigosa — alertou Quíron. — É algo que jurei pelo Rio Estige nunca mais falar. Após a Guerra Civil americana, os deuses estavam tão horrorizados com a tragédia que aniquilou sobre seus filhos que juraram que aquilo nunca aconteceria novamente. Os dois grupos foram separados. Os deuses roubaram deles toda a vontade e deixaram a Névoa o mais espessa quanto puderam para certificar-se de que os inimigos não se lembrariam uns dos outros, nunca se encontrariam em missões, de modo que conflitos pudessem ser evitados. Este mapa é do final dos dias sombrios de 1864, a última vez que os dois grupos lutaram. Já estivemos muito perto de novos problemas desde então. Os anos de 1960 foram particularmente arriscados. Mas conseguimos evitar uma nova guerra civil, pelo menos até agora. Assim como Leo adivinhou, este abrigo era o centro de comando do chalé de Hefesto. No século passado, foi reaberto algumas vezes, geralmente como esconderijo em tempos de grande inquietação. Mas vir aqui é perigoso. Faz

renascer memórias antigas, desperta antigos conflitos. Mesmo quando os titãs nos ameaçaram, não achei que valeria a pena o risco de usar este lugar.

De repente, o sentimento de triunfo de Leo transformou-se em culpa.

— Ei, olhe, este lugar *me* encontrou. Era pra acontecer. É uma coisa boa.

— Espero que você esteja certo — disse Quíron.

— Eu estou! — Leo tirou o antigo desenho do bolso e colocou-o sobre a mesa para que todos vissem. — Aqui está — disse ele com orgulho. — Éolo foi quem me devolveu. Eu o desenhei quando tinha cinco anos. Esse é o meu destino.

Nyssa franziu a testa.

— Leo, é um desenho de giz de cera de um barco.

— Olhem — ele apontou para o maior diagrama que havia na parede: a planta que mostrava uma trirreme grega.

Lentamente, seus companheiros de chalé foram arregalando seus olhos quando compararam os dois projetos. O número de mastros e remos, até mesmo a decoração nos escudos e velas eram as mesmas do desenho de Leo.

— Isso é impossível — disse Nyssa. — Esse projeto deve ter pelo menos um século!

— *Profecia... confusa... voo.* — Jake Mason leu as notas sobre o projeto. — É o diagrama de um navio voador. Olhem, este é o trem de pouso. Por Hefesto! Balista giratória, arcos de montaria, chapas de bronze celestial. Esta coisa seria uma violenta máquina de guerra. Ela já foi construída?

— Ainda não — disse Leo. — Olhe para a figura de proa.

Não havia dúvida, a figura na parte da frente do navio era a cabeça de um dragão. Um dragão muito especial.

— Festus — notou Piper.

Todo mundo se virou e olhou para a cabeça do dragão em cima da mesa.

— Ele está destinado a ser a nossa figura de proa — revelou Leo. — Nosso amuleto de boa sorte, nossos olhos no mar. Eu tenho que construir esse barco. E vou chamá-lo de *Argo II*. E, gente, vou precisar da ajuda de vocês.

— *Argo II* — Piper sorriu. — Em homenagem ao navio de Jasão.

Jason parecia um pouco desconfortável, mas assentiu.

— Leo está certo. Este navio é o que precisamos para a nossa viagem.

— Que viagem? — disse Nyssa. — Vocês acabaram de voltar!

Piper correu os dedos sobre o velho desenho de giz de cera.

— Temos que enfrentar Porfírio, o rei gigante. Ele disse que iria destruir os deuses em suas raízes.

— De fato — disse Quíron. — Grande parte da Grande Profecia de Rachel ainda é um mistério para mim, mas uma coisa é clara. Vocês três... Jason, Piper e Leo... estão entre os sete semideuses que devem assumir essa missão. Precisam enfrentar os gigantes em sua terra natal, onde eles são mais fortes. Devem pará-los antes que possam acordar Gaia totalmente, antes que destruam o Monte Olimpo.

— Hã — observou Nyssa. — Você não quer dizer Manhattan, não é?

— Não — respondeu Leo. — O Monte Olimpo original. Temos que navegar até a Grécia.

LIV

LEO

Foram precisos alguns minutos para explicarem tudo. Então os outros campistas de Hefesto começaram a fazer perguntas todos de uma vez. Quem eram os outros quatro semideuses? Quanto tempo levaria para construir o barco? Por que todos não poderiam ir à Grécia?

— Heróis! — Quíron bateu seu casco no chão. — Nem todos os detalhes ainda estão claros, mas Leo está certo. Ele precisará da ajuda de vocês para construir o *Argo II*. Talvez seja o maior projeto do chalé nove, ainda maior que o dragão de bronze.

— Levará pelo menos um ano — disse Nyssa. — Temos tempo?

— Vocês têm seis meses, no máximo — disse Quíron. — Devem partir no solstício de verão, quando o poder dos deuses é mais forte. Além disso, evidentemente não podemos confiar nos deuses do vento, e os ventos de verão são os menos poderosos e mais fáceis de navegar. Não ousem navegar depois, ou talvez não consigam deter os gigantes. Devem evitar viajar por

terra, usando somente o ar e o mar, portanto esse veículo é perfeito. Jason sendo o filho do deus do céu e...

A voz falhou, mas Leo entendeu que Quíron estava pensando sobre seu aluno desaparecido, Percy Jackson, o filho de Poseidon. Ele seria ótimo para essa viagem, também.

Jake Mason se virou para Leo.

— Bem, uma coisa é certa. Agora *você* é nosso conselheiro-chefe. Essa é a maior honra que o chalé já teve. Alguém se opõe?

Ninguém disse nada. Todos os seus companheiros de chalé sorriram para ele, e Leo quase pôde sentir a maldição do chalé se quebrando, sua sensação de tristeza se esvaindo.

— É oficial, então — disse Jake. — Você é o cara.

Pela primeira vez, Leo ficou sem palavras. Desde que sua mãe morreu, ele gastara sua vida fugindo. Agora ele encontrara uma casa e uma família. Ele encontrou um trabalho a fazer. E por mais assustador que fosse, Leo não estava tentado a fugir, nem um pouco.

— Bem. — disse por fim — se vocês me elegem líder, devem ser ainda mais loucos que eu. Então vamos construir essa supermáquina de guerra!

LV

JASON

Jason esperou sozinho no chalé um.

Annabeth e Rachel chegariam a qualquer minuto para a reunião dos conselheiros-chefe, e Jason precisava de tempo para pensar.

Seus sonhos na noite passada foram tão ruins que ele não queria compartilhá-los... nem com Piper. Sua memória ainda estava nebulosa, mas pequenas memórias estavam voltando. A noite que Lupa o testara na Casa dos Lobos, para decidir se ele seria um pupilo ou alimento para os demais. Depois, a longa viagem ao sul para... Ele não conseguia lembrar, mas tinha lampejos da sua antiga vida. O dia que ele conseguiu sua tatuagem. O dia que foi erguido num escudo e proclamado pretor. O rosto dos seus amigos: Dakota, Gwendolyn, Hazel, Bobby. E Reyna. Definitivamente havia uma garota chamada Reyna. Ele não tinha certeza do que ela significava para ele, mas a memória o fez se questionar sobre o que sentia por Piper, e quis saber

se estava fazendo algo errado. O problema era que ele gostava muito de Piper.

Jason levou suas coisas para a alcova onde sua irmã uma vez dormira. Ele colocou a fotografia de Thalia de volta na parede para que não se sentisse sozinho. Olhou para a estátua carrancuda de Zeus, poderoso e orgulhoso, mas a estatua não o assustava mais. Ela só o fazia se sentir triste.

— Eu sei que pode me ouvir — disse Jason para a estátua.

A estátua não disse nada. Seus olhos pintados pareciam olhar para Jason.

— Eu queria poder conversar com o senhor pessoalmente — continuou Jason — mas entendo que não possa fazer isso. Os deuses romanos não gostam de interagir muito com mortais e... bem, o senhor é o rei. Tem que dar o exemplo.

Mais silêncio. Jason esperou por alguma coisa... um trovão mais barulhento que o normal, uma luz forte, um sorriso. Não, esqueça. Um sorriso teria sido assustador.

— Lembro-me de algumas coisas — disse Jason.

Quanto mais falava, menos ele se sentia constrangido.

— Eu lembro que é difícil ser um filho de Júpiter. Todos estão sempre olhando para mim esperando que eu seja um líder, mas sempre me sinto sozinho. Imagino que o senhor sinta o mesmo aí em cima, no Olimpo. Os outros deuses questionam suas decisões. Às vezes o senhor tem que fazer escolhas difíceis, e os outros o criticam. O senhor não pode vir ao meu auxílio como os outros deuses fazem. Tem que manter distância para que não pareça que está escolhendo favoritos. Acho que eu só queria dizer...

Jason respirou profundamente.

— Eu entendo tudo isso. Está tudo bem. Vou tentar fazer o meu melhor. Vou deixar-lhe orgulhoso. Mas algum apoio seria realmente bom,

pai. Se há algo que posso fazer... me ajude a ajudar meus amigos. Tenho medo de levá-los à morte. Eu não sei como protegê-los.

A nuca de Jason ficou arrepiada. Ele percebeu que alguém estava de pé atrás dele. Se virou e encontrou uma mulher vestindo túnica negra, com uma capa de pele de cabra sobre os ombros e uma espada romana embainhada – um *gládio* – nas mãos.

— Hera.

Ela tirou seu capuz.

— Para você, sempre fui Juno. E seu pai já lhe mandou seu auxílio, Jason. Ele lhe mandou Piper e Leo. Eles não são só sua responsabilidade. Eles também são seus amigos. Ouça-os, e você terá sucesso.

— Júpiter lhe mandou aqui para me dizer isso?

— Ninguém me manda para lugar nenhum, herói — disse ela. — Não sou uma mensageira.

— Mas você me colocou nessa. Por que me mandou para esse acampamento?

— Acho que você sabe — disse Juno. — Uma troca de líderes foi necessária. Foi o único modo de construir uma ponte onde não havia nenhuma.

— Eu não concordei com isso.

— Não. Mas Júpiter deu sua vida a mim, e eu estou ajudando-lhe a cumprir seu destino.

Jason tentou controlar sua raiva. Ele olhou para sua camisa laranja do acampamento e as tatuagens no braço, e soube que essas coisas não deveriam ficar juntas. Ele se tornara uma contradição – uma mistura tão perigosa quanto qualquer coisa que Medeia pudesse preparar.

— A senhora não vai me dar todas as minhas memórias — disse Jason. — Mesmo que tenha prometido.

— A maioria voltará no seu devido tempo — respondeu Juno. — Mas deve encontrar seu próprio caminho de volta. Você precisa desses próximos meses com seus novos amigos, sua nova casa. Estará ganhando a confiança deles. Na hora que velejar no navio, será um líder nesse acampamento. E estará pronto para trazer a paz entre dois grandes poderes.

— E se você estiver mentindo? — perguntou Jason. — E se você estiver fazendo isso para causar outra guerra civil?

A expressão de Juno era impossível de se ler – Deleito? Desprezo? Afeição? Possivelmente todos os três. Por mais que ela parecesse humana, Jason sabia que ela não era. Ele ainda podia ver aquela luz cegante – a verdadeira forma da deusa que queimara o seu cérebro. Ela era Juno e Hera. Existia em vários lugares ao mesmo tempo. Seus motivos para fazer algo nunca eram simples.

— Eu sou a deusa da família — disse ela. — Minha família foi dividida por muito tempo.

— Eles nos dividiram para que não matemos uns aos outros — disse Jason. — Parece um motivo muito bom.

— A profecia pede que mudemos. Os gigantes se erguerão. E só podem ser mortos por um deus e semideus trabalhando juntos. E tais semideuses devem ser os sete mais destacados de sua época. E eles estão divididos em dois lugares. Se permanecermos divididos, não venceremos. Gaia está contando com isso. Você deve unir os heróis do Olimpo e navegar junto com eles para encontrar os gigantes nos antigos campos de batalha da Grécia. Só então os deuses serão convencidos a se juntarem a você. Será a missão mais perigosa, a viagem mais importante, nunca tentada pelos filhos dos deuses.

Jason olhou novamente para a estátua mal-humorada do pai.

— Não é justo — disse Jason. — Eu poderia arruinar tudo.

— Você poderia — concordou Juno. — Mas deuses precisam de heróis. Sempre precisamos.

— Até você? Pensei que odiasse semideuses.

A deusa lhe deu um sorriso seco.

— Eu tenho essa fama. Mas se você quer a verdade, Jason, na maioria das vezes invejo os filhos mortais dos outros deuses. Vocês, semideuses, podem se estender por ambos os mundos. Acho que isso ajuda seus parentes divinos – até Júpiter, maldito seja – a entender o mundo mortal melhor que eu.

Juno suspirou tão tristemente que apesar de sua raiva, Jason quase teve pena dela.

— Eu sou a deusa do casamento — disse ela. — Não é da minha natureza ser infiel. Só tenho dois filhos divinos: Marte e Vulcano... ambos desapontamentos. Não tenho heróis mortais para fazerem a minha vontade, e por isso sou geralmente severa para com semideuses... Hércules, Eneias, todos eles. Mas também por isso ajudei o primeiro Jason, um mortal puro, que não tinha parentes divinos para guiá-lo. E por isso estou feliz por Júpiter ter entregado você para mim. Você será meu campeão, Jason. Será o maior dos heróis, e trará união aos semideuses, e assim ao Olimpo.

Suas palavras assentaram sobre ele, mais pesadas que sacos de areia. Dois dias atrás, ele estaria aterrorizado pela ideia de liderar semideuses numa Grande Profecia, navegando para batalhar com os gigantes e salvar o mundo.

Ele ainda estava aterrorizado, mas algo mudara. Ele não se sentia mais sozinho. Tinha amigos agora, e um lar pela qual lutar. Tinha até mesmo uma deusa que olhava por ele, o que deveria contar alguma coisa, mesmo que ela parecesse um pouco indigna de confiança.

Jason tinha que se levantar e aceitar seu destino, assim como fizera quando encarou Porfírio de mãos vazias. Certo, parecia impossível. Ele podia morrer. Mas seus amigos estavam contando com ele.

— E se eu falhar? — perguntou ele.

— Uma grande vitória exige um grande risco — admitiu ela. — Falhe, e haverá derramamento de sangue como nunca foi visto. Os semideuses destruirão uns aos outros. Os gigantes tomarão o Olimpo. Gaia acordará e a terra destruirá tudo o que construímos por mais de cinco milênios. Será o fim de todos nós.

— Incrível. Simplesmente incrível.

Alguém bateu na porta do chalé.

Juno puxou seu capuz de volta sobre o rosto. Então ofereceu o gládio embainhado para Jason.

— Fique com essa arma no lugar da espada que você perdeu. Falaremos novamente. Goste você ou não, Jason, eu sou sua madrinha, sua conexão com o Olimpo. Precisamos um do outro.

A deusa sumiu enquanto as portas se abriam e Piper entrou.

— Annabeth e Rachel estão aqui — ela contou. — Quíron convocou o conselho.

LVI

JASON

O CONSELHO NÃO ERA NADA DO QUE Jason imaginara. Em primeiro lugar, acontecia na sala de jogos da Casa Grande, em volta de uma mesa de pingue-pongue, com um dos sátiros servindo *nachos* e refrigerantes. Em segundo, alguém trouxe a cabeça do leopardo Seymour da sala de estar e o pendurara na parede. De vez em quando, um conselheiro-chefe jogava um biscoito para ele.

Jason olhou em torno da sala e tentou lembrar o nome de todos. Felizmente, Leo e Piper estavam sentados perto dele – era a primeira reunião deles como conselheiros-chefe. Clarisse, a líder do chalé de Ares, estava com as botas na mesa, mas ninguém parecia se importar. Clovis, de Hipnos, estava roncando no canto enquanto Butch do chalé de Íris estava vendo quantas canetas podia colocar nas narinas dele. Travis Stoll, de Hermes, estava segurando um isqueiro sob uma bola de pingue-pongue para ver se ela iria queimar, e Will Solace, de Apolo, estava distraidamente

cobrindo e descobrindo o pulso com uma bandagem. A conselheira-chefe do chalé de Hécate, Lou Ellen, ou algo parecido, estava brincando de "peguei o seu nariz" com Miranda Gardiner, de Deméter, embora Lou Ellen estivesse *realmente* desconectando magicamente o nariz de Miranda, e ela estava tentando pegá-lo de volta.

Jason esperara que Thalia aparecesse. Ela prometera, afinal. Mas não estava à vista. Quíron disse a ele para não se preocupar. Thalia geralmente ficava fora lutando com monstros ou em missões para Ártemis, e provavelmente chegaria logo. Mas ainda assim, Jason se preocupou.

Rachel Dare, o oráculo, se sentava perto de Quíron na ponta da mesa. Ela estava usando seu vestido-uniforme da Academia Clarion, o que parecia um pouco estranho, mas sorriu para Jason.

Annabeth não parecia tão relaxada. Ela usava uma armadura sobre suas roupas do acampamento, com sua faca na cintura e seu cabelo loiro amarrado num rabo de cavalo. Assim que Jason entrou, ela fixou um olhar de expectativa para ele, como se estivesse tentando extrair informações dele com seu olhar.

— Voltemos a ordem — disse Quíron. — Lou Ellen, por favor devolva o nariz de Miranda. Travis, caso possa, apague essa bola flamejante, e Butch, acho que vinte canetas é bastante para qualquer nariz humano. Obrigado. Agora, como podem ver, Jason, Piper e Leo retornaram com sucesso... mais ou menos. Alguns de vocês ouviram partes das histórias deles, mas vou deixar eles lhe informarem.

Todos olharam para Jason. Ele limpou a garganta e começou a história. Piper e Leo interrompiam de tempos em tempos, informando os detalhes que ele esquecia.

Só levou alguns minutos, mas pareceu muito mais com todos os observando. O silêncio era forte, e para tantos semideuses com TDAH se

sentarem ouvindo por tanto tempo, Jason sabia que a história deveria ter soado bastante selvagem. Ele finalizou com a visita de Hera logo antes da reunião.

— Então Hera esteve *aqui* — disse Annabeth. — Conversando com você.

Jason assentiu.

— Olhem, não estou dizendo que confio nela...

— Isso é inteligente da sua parte — disse Annabeth.

— ...mas ela não está inventando isso sobre outro grupo de semideuses. É de onde eu vim.

— Romanos. — Clarisse jogou um biscoito para Seymour. — Você espera que acreditemos que há outro acampamento para semideuses, mas eles seguem as formas romanas dos deuses. E nunca ouvimos falar deles.

Piper se sentou mais para frente.

— Os deuses mantiveram os dois grupos separados, porque toda a vez que se encontravam, tentavam se matar.

— Posso entender isso — disse Clarisse. — Ainda assim, por que nunca cruzamos uns com os outros em missões?

— Ah, sim — disse Quíron tristemente. — Vocês se encontraram, e várias vezes. Foi sempre uma tragédia. Os deuses sempre fazem o melhor para limpar as memórias dos envolvidos. A rivalidade começou na Guerra de Troia, Clarisse. Os gregos invadiram Troia e a queimaram tudo. O herói troiano Eneias escapou, e em algum momento foi para a Itália, onde fundou o que depois se tornaria Roma. Os romanos ficaram cada vez mais poderosos, idolatrando os mesmos deuses, mas sob nomes diferentes, e personalidades um tanto distintas.

— Mais militares — disse Jason. — Mais unidos. Mais ligados à expansão, conquista e disciplina.

— Eca — colocou Travis.

Vários deles pareceram igualmente desconfortáveis, porém Clarisse deu de ombros como se parecesse tudo bem para ela.

Annabeth girou sua faca na mesa.

— E os romanos odiavam os gregos. Eles conseguiram sua revanche quando conquistaram as ilhas gregas, e as tornaram parte do Império Romano.

— Não exatamente *odiavam* eles — corrigiu Jason. — Os romanos admiravam a cultura grega, e eram um pouco ciumentos. Em troca, os gregos pensaram que os romanos eram bárbaros, mas respeitaram seu poder militar. Então durante os tempos romanos, semideuses começaram a se dividir... entre gregos ou romanos.

— E foi assim desde então — supôs Annabeth. — Mas isso é loucura. Quíron, onde estavam os romanos durante a Guerra dos Titãs? Por que não ajudaram?

Quíron puxou sua barba.

— Eles *ajudaram,* Annabeth. Enquanto você e Percy estavam liderando a batalha para salvar Manhattan, quem você acha que conquistou o Monte Ótris, a base dos titãs na Califórnia?

— Espere — disse Travis. — Você disse que o Monte Ótris ruiu quando derrotamos Cronos.

— Não — interviu Jason.

Ele se lembrou de lampejos da batalha. Lembrou-se de um gigante com armadura estrelada e um elmo com chifres de carneiro. Ele se lembrou do seu exército de semideuses escalando o Monte Tam, lutando com hordas de monstros em forma de cobra.

— Ele não ruiu simplesmente. Destruímos o palácio deles. Eu venci o titã Crio sozinho.

Os olhos de Annabeth estavam mais tempestuosos que um *ventus*. Jason quase pôde ver seus pensamentos se agitando, encaixando as peças.

— Bay Area. Nós, semideuses, sempre fomos avisados para ficar longe porque o Monte Ótris ficava por lá. Mas esse não era o único motivo, era? O acampamento romano... tem que estar em algum lugar perto de São Francisco. Aposto que foi posto lá para ficar de patrulha no território dos titãs. Onde ele fica?

Quíron se moveu na sua cadeira de rodas.

— Não posso dizer. Nem mesmo tenho essa informação. Minha correlativa, Lupa, não é exatamente do tipo que compartilha coisas. E a memória de Jason também foi apagada.

— O acampamento fica sobre um grande véu de magia — disse Jason. — E fortemente guardado. Poderíamos procurar por anos e nunca encontrá-lo.

Rachel Dare juntou as mãos e entrelaçou os dedos. De todas as pessoas na sala, apenas ela não parecia nervosa com a conversa.

— Mas vocês tentarão, não tentarão? Irão construir o navio de Leo, o *Argo II*. E antes de irem à Grécia, navegarão para o acampamento romano. Precisarão da ajuda deles para confrontar os gigantes.

— Péssimo plano — avisou Clarisse. — Se aqueles romanos virem um navio de guerra chegando, assumirão que estamos atacando.

— Você provavelmente tem razão — concordou Jason. — Mas temos de tentar. Fui mandado aqui para aprender sobre o Acampamento Meio-Sangue, tentar convencer vocês que os dois acampamentos não têm que ser inimigos. Uma oferta de paz.

— Humm — disse Rachel. — Por isso que Hera está tão convencida de que os dois acampamentos precisam trabalhar juntos para ganhar a guerra contra os gigantes. Sete heróis do Olimpo... alguns gregos, alguns romanos.

Annabeth assentiu.

— Sua Grande Profecia... qual é a última linha?

— *E inimigos com armas às Portas da Morte afinal*.

— Gaia abriu as Portas da Morte — disse Annabeth. — Ela está soltando os piores vilões do Mundo Inferior para lutar conosco. Medeia, Midas... haverá mais, tenho certeza. Talvez o verso signifique que os semideuses romanos e gregos se unirão, encontrarão as portas e as fecharão.

— Ou pode significar que eles lutam uns com os outros nas Portas da Morte — lembrou Clarisse. — Não diz se cooperamos.

Houve silêncio enquanto os campistas pensavam no tema, preferindo a versão positiva.

— Eu vou — disse Annabeth. — Jason, quando construírem esse navio, eu vou com vocês.

— Estava esperando você se oferecer — concordou Jason. — De todas as pessoas, é de você que vamos precisar mais.

— Espere. — Leo franziu a testa. — Digo, por mim tudo bem, é claro. Mas por que Annabeth?

Annabeth e Jason estudaram um ao outro, e Jason sabia que ela unira os fatos. Ela enxergou a perigosa verdade.

— Hera disse que minha chegada aqui significava uma troca de líderes — explicou Jason. — Um modo para os dois acampamentos saberem da existência do outro.

— Sim... — disse Leo. — Mais e daí?

— Uma troca é uma via de mão dupla — completou Jason. — Quando cheguei aqui, minha memória foi apagada. Eu não sabia quem era ou de onde vinha. Felizmente, vocês me trouxeram aqui e eu encontrei um novo lar. Sei que não são meus inimigos. Mas o acampamento romano... eles não são tão amigáveis. Lá, quem não prova o seu valor rapidamente... não

sobrevive. Talvez não sejam tão gentis com ele, e se descobrirem de onde ele vem, ele estará em sérios problemas.

— Ele? — disse Leo. — De quem você está falando?

— Do meu namorado — respondeu Annabeth, com uma expressão triste. — Ele desapareceu mais ou menos na mesma época em que Jason apareceu. Se Jason veio ao Acampamento Meio-Sangue...

— Exatamente — concordou Jason. — Percy Jackson está no outro acampamento e, assim como eu, provavelmente nem se lembra de quem é.

Sobre o autor



Rick Riordan nasceu em 1964, em San Antonio, Texas, e hoje mora em Boston com a esposa e os dois filhos. Autor best-seller do The New York Times, premiado pelo YALSA e pela Associação Americana de Bibliotecas, por quinze anos ensinou inglês e história em escolas de São Francisco, e é essa experiência que atribui sua habilidade em escrever para o público jovem. Além das séries *Percy Jackson e os Olimpianos*, *Os Heróis do Olimpo* e *As Provações de Apolo*, inspiradas na mitologia greco-romana, Riordan assina as séries *As Crônicas dos Kane*, que visita deuses e mitos do Egito Antigo e *Magnus Chase e os Deuses de Asgard*, sobre mitologia nórdica.

Outras séries do Riordanverso











DEPOIS DE SALVAR o Olimpo do maligno titã Cronos, Percy Jackson e seus amigos trabalharam duro para reconstruir seu mais querido refúgio, o Acampamento Meio-Sangue. É lá que a próxima geração de semideuses terá de se preparar para enfrentar uma nova e aterrorizante profecia. Uma mensagem que pode se referir a qualquer um deles:

Sete meios-sangues responderão ao chamado.

Em tempestade ou fogo, o mundo terá acabado.

Um juramento a manter com um alento final,

E inimigos com armas às Portas da Morte afinal.

Os campistas seguirão firmes na inevitável jornada, mas, para sobreviver, precisarão contar com a ajuda de alguns heróis, digamos, um pouco mais experientes — semideuses dos quais todos já ouvimos falar... e muito.



ISBN 978-85-8057-008-3
9 788580 570083
www.intrinseca.com.br

Table of Contents

Sinopse: O Herói perdido
Contato
Folha de Rosto
Créditos
Dedicatória
Sumário
I: Jason
II: Jason
III: Piper
IV: Piper
IV: Piper
VI: Leo
VII: Jason
VIII: Jason
IX: Piper
X: Piper
XI: Leo
XII: Leo
XIII: Jason
XIV: Jason
XV: Piper
XVI: Piper
XVII: Leo
XVIII: Leo
XIX: Jason
XX: Jason
XXI: Piper
XXII: Piper
XXIII: Leo
XXIV: Leo
XXV: Jason
XXVI: Jason
XXVII: Piper

XXVIII: Piper
XXIX: Leo
XXX: Leo
XXXI: Jason
XXXII: Jason
XXXIII: Piper
XXXIV: Piper
XXXV: Leo
XXXVI: Leo
XXXVII: Jason
XXXVIII: Jason
XXXIX: Piper
XL: Piper
XLI: Leo
XLII: Leo
XLIII: Jason
XLIV: Jason
XLV: Piper
XLVI: Piper
XLVII: Leo
XLVIII: Leo
XLIX: Jason
L: Jason
LI: Piper
LII: Piper
LIII: Leo
LIV: Leo
LV: Jason
LVI: Jason
Sobre o autor
Outras séries do Riordanverso
Contracapa